



Ângela Sofia Alves Ferraz

Mestre em Museologia e Património
pela Universidade Nova de Lisboa

**Materiais e Técnicas da Pintura
a Óleo em Portugal (1836-1914):
Estudo das fontes documentais**

Volume II

Dissertação para obtenção do Grau de Doutor
em Conservação e Restauro do Património
Especialidade em Teoria, História e Técnicas

Orientadora: Leslie Anne Carlyle, Professora Associada,
Faculdade de Ciências e Tecnologia,
Universidade NOVA de Lisboa

Co-orientadora: Rita Andreia Silva Pinto de Macedo, Professora Auxiliar,
Faculdade de Ciências e Tecnologia,
Universidade NOVA de Lisboa

Juri:

Presidente: Professora Doutora Maria João Seixas de Melo
Arguentes: Professora Doutora Maria Raquel Henriques da Silva
Professora Doutora Maria da Cunha Matos Lopes Pinto Aguiar

Vogais: Professora Doutora Leslie Anne Carlyle
Professor Doutor António Nuno Saldanha e Quadros Pereira Coelho
Doutor Mark Clarke
Doutor José Alberto Julinha Ribeiro



Julho 2017

Materiais e Técnicas da Pintura a Óleo em Portugal (1836-1914): Estudo das fontes documentais

Copyright © Ângela Sofia Alves Ferraz, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa

A Faculdade de Ciências e Tecnologia e a Universidade Nova de Lisboa têm o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicar esta dissertação através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, e de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

Nota prévia

A elaboração deste II volume obedeceu aos seguintes critérios:

- Proceder a uma análise mais detalhada das fontes documentais consultadas e sistematizar os dados obtidos, permitindo uma apresentação mais articulada e comparativa.
- Dar a conhecer documentação e informações inéditas recolhidas ao longo da investigação.
- Disponibilizar alguma informação já publicada mas que, pelo seu carácter pontual e disperso, dificultava uma abordagem devidamente integrada dos temas abordados nesta tese. É disso exemplo parte dos programas curriculares dos cursos de Pintura, tanto da ABAL como da APBA, recolhidos em bibliografia diversa.
- Não sendo possível apresentar toda a documentação inédita recolhida, optou-se por expor a que se considerou fundamental para a ilustrar e complementar a informação analisada e discutida no volume I.
- A sequência dos anexos apresentados obedece à ordem pela qual são referidos no volume I. A exceção é o último anexo, onde se apresentam tabelas de conversão de pesos e medidas, elemento fundamental para interpretação do diversos valores que são referidos ao longo dos dois volumes desta tese.
- Nas transcrições dos documentos, manuscritos ou impressos, optou-se por manter a grafia e a pontuação do documento original, apenas se procedendo ao desdobramento de abreviaturas sempre que isso contribuía para uma maior inteligibilidade do texto. Utilizara-se reticências entre parênteses rectos [...] para indicar palavras omitidas na transcrição. Colocaram-se em itálico todos os textos transcritos.

Índice de Anexos

Anexo 1 Bibliografia anotada	1
Anexo 2 Programas curriculares dos cursos de Pintura da ABAL e da APBA	53
Anexo 3 Mobiliário e equipamentos das Aulas de Pintura da ABAL e da APBA . . .	73
Anexo 4 Denominações de dimensões dos suportes para pintura a óleo comercializados pelas companhias: Belot; Lefranc; Bourgeois e Winsor & Newton . .	79
Anexo 5 Telas e grades identificadas na documentação de contabilidade da ABAL e da APBA	97
Anexo 6 Suportes para a pintura a óleo utilizados por dez pintores portugueses. . .	101
Anexo 7 Instruções para execução e aplicação das camadas de preparação	111
Anexo 8 Pigmentos e cores mencionados ou descritos nas fontes documentais . . .	117
Anexo 9 Terminologia de pigmentos e cores referidos em fontes impressas escritas em português	203
Anexo 10 Pigmentos e cores disponibilizados no comércio	215
Anexo 11 Pigmentos e cores identificados na documentação de contabilidade da ABAL e da APBA	235
Anexo 12 Descrição de uma máquina para moer tintas	239
Anexo 13 Instruções para preparação de óleos e secantes	241
Anexo 14 Óleos e secantes disponibilizados no comércio.	251
Anexo 15 Óleos, secantes e diluentes identificados na documentação de contabilidade da ABAL e da APBA	255
Anexo 16 Instruções para preparação de vernizes.	259
Anexo 17 Resinas e vernizes disponibilizados no comércio	275
Anexo 18 Resinas e vernizes identificados na documentação de contabilidade da ABAL e da APBA	279

Anexo 19 Aquisição de materiais de pintura feita pela Biblioteca Nacional de Lisboa ao droguista Francisco José de Carvalho (1864).	283
Anexo 20 Aquisições de materiais de pintura à companhia Charles Roberson & Co .	285
Anexo 21 Fornecedores de materiais de pintura.	287
Anexo 22 Localização dos fornecedores de materiais de pintura em Lisboa e Porto (1881-1882)	429
Anexo 23 Casa Merlin – Paul Denis: testemunhos de 20 artistas	431
Anexo 24 Pesos e medidas	453

Índice de Figuras

Figura A4.1 <i>Tarif des toiles préparées pour les tableaux</i> , Paillot de Montabert, 1829: 147..	80
Figura A4.2 <i>Toiles pour la peinture a l'huile, tendus sur chassis</i> , Lefranc. Bomford et al, 1990: 45.	81
Figura A4.3 <i>Toiles pour la peinture a l'huile, tendus sur chassis</i> , Lefranc. Bomford et al, 1990: 46.	84
Figura A4.4 <i>Prepared Canvases on Frames</i> , Winsor & Newton, 1863: 117.. . . .	85
Figura A4.5 <i>Best Artists' Canvas</i> , Winsor & Newton, 1896: 99..	88
Figura A4.6 <i>Second Quality Artists' Canvas</i> , Winsor & Newton, 1896: 101.	88
Figura A4.7 <i>Superior Panels</i> , Winsor & Newton, 1863: 118.	89
Figura A4.8 <i>Best Seasoned Mahogany and Poplar Panels</i> , Winsor & Newton, 1896: 104.	90
Figura A4.9 <i>Sycamore and White-Wood Panels, Unprepared</i> , Winsor & Newton, 1896: 104.	91
Figura A4.10 <i>Panneaux et cartõns d'étude pour la peinture a l'huile</i> , Robert, 1912: 73.	92
Figura A4.11 <i>Prepared Millboards</i> , Winsor & Newton, 1863: 118..	94
Figura A4.12 <i>Best Quality Academy Boards e Students' Academy Boards</i> , Winsor & Newton, 1896: 103.	95
Figura A4.13 <i>Canvas Boards</i> , Winsor & Newton, 1896: 105..	96
Figura A.6.1 Distribuição total dos suportes usados por Tomás da Anunciação.. . .	101
Figura A.6.2 Distribuição total dos suportes usados por Miguel Ângelo Lupi. . . .	102
Figura A.6.3 Distribuição total dos suportes usados por João Cristino da Silva. . .	103
Figura A.6.4 Distribuição total dos suportes usados por Silva Porto.	103
Figura A.6.5 Distribuição total dos suportes usados por Marques de Oliveira. . . .	104

Figura A.6.6 Distribuição dos suportes usados por Marques de Oliveira de acordo com os temas representados.	104
Figura A.6.7 Distribuição total dos suportes usados por Artur Loureiro.. . . .	105
Figura A.6.8 Distribuição total dos suportes usados por José Malhoa.	106
Figura A.6.9 Distribuição dos suportes usados por José Malhoa de acordo com os temas representados.	107
Figura A.6.10 Distribuição total dos suportes usados por Columbano.	107
Figura A.6.11 Distribuição total dos suportes usados por Henrique Pousão.	108
Figura A.6.12. Distribuição total dos suportes usados por Veloso Salgado.. . . .	109
Figura A21.1 Cunha, A. [entre 1913 e 1916] <i>Hotel Metrópole</i> . PT/AMLSB/ACU/002534, AFML-F. (pormenor)..	287
Figura A21.2 Anúncio em: Campos, 1888: 396.	288
Figura A21.3 Anúncio em: Peixoto, 1873: 328.	289
Figura A21.4 Fatura (18 Nov. 1909) em: <i>Livro de despesas</i> , 1907-1916, Arquivo da ANBA.. . . .	290
Figura A21.5 Anúncio em: <i>Diario Illustrado</i> , 10 Mar. 1881, 2809, Lisboa.	291
Figura A21.6 Anúncio em: <i>O Grande Elias</i> , n.º 11, 1 Dez. 1903, p. 4..	292
Figura A21.7 Anúncio em: Barbosa, 1865: 178.	294
Figura A21.8 Anúncio em: <i>O jornal da mulher</i> . 5 Fev. 1911, 15.	297
Figura A21.9 Fatura (19 Mai. 1868), em: Arquivo do MNAA.. . . .	298
Figura A21.10 Fatura (8 Set. 1880) em: <i>Correspondência recebida</i> , 1856-1886, Arquivo da ANBA.. . . .	299
Figura A21.11 Benoliel, J. 191?. <i>Pastelaria Marques e Bazar Suisso</i> , PT/AMLSB/JBN/000239, AFML.	299
Figura A21.12 Anúncio em: Campos, 1883: 627.	300
Figura A21.13 Fatura (5 Mai. 1871) em: <i>Livro de despesas</i> , 1870-1876, Arquivo da ANBA.. . . .	301
Figura A21.14 Fatura (5 Fev. 1881) em: <i>Correspondência recebida</i> , Vol. II, 1856-1880, Arquivo da ANBA.. . . .	302
Figura A21.15 Anúncio em: Barbosa, 1864: 181.	303
Figura A21.16 Anúncio em: Peixoto, 1873: 518.. . . .	304

Figura A21.17 Anúncio em: Barbosa, 1864: 178.	305
Figura A21.18 Fotografia: Machado & Sousa. 1905. <i>Rua da Alfândega</i> , PT/AMLSB/FAN/002656, AML-F.	306
Figura A21.19 Anúncio em: Cohen, 1913: XXII.	306
Figura A21.20 Fotografia: Benoliel, J. 191-. <i>Associação do Registo Civil</i> , PT/AMLSB/JBN/001577, AFML.. . . .	307
Figura A21.21 Fotografia reproduzida em: Dias, 1997: 187.	308
Figura A21.22 Anúncio em: Cohen, 1913: V.	309
Figura A21.23 Fotografia: Machado & Sousa. entre 1898 e 1908. <i>Rua do Paraíso</i> , PT/AMLSB/FAN/001664, AML-F.	310
Figura A21.24 Fotografia: Benoliel, J. 191-. <i>Drogaria e Perfumaria Dias</i> , PT/AMLSB/JBN/003579, AML-F.	311
Figura A21.25 Anúncio em: Moniz, 1905: 174.	312
Figura A21.26 Fotografia: Benoliel, J. 191-. <i>Drogaria e Perfumaria Teixeira</i> , PT/AMLSB/JBN/001009, AML-F.	313
Figura A21.27 Fotografia: Benoliel, J. 191-. <i>Drogaria Estrela</i> , PT/AMLSB/JBN/001417, AML-F.	314
Figura A21.28 Fotografia: Machado & Souza. 1899. <i>Rua dos Remédios</i> , PT/AMLSB/FAN/002650, AML-F.	315
Figura A21.29 Fotografia: Machado & Souza. entre 1898-1908. <i>Largo do Terreirinho</i> , PT/AMLSB/FAN/0011488, AML-F.	316
Figura A21.30 Fotografia: Benoliel, J. 191-. <i>Drogaria Moderna</i> , PT/AMLSB/JBN/001017, AML-F.	317
Figura A21.31 Anúncio em: Peixoto, 1872: 503.	318
Figura A21.32 Fotografia: Machado & Souza. 1908. <i>Rua do Infante Dom Henrique</i> , PT/AMLSB/FAN/001774, AML-F.	319
Figura A21.33 Fotografia: Guedes, P. 19--. <i>Campo das Cebolas</i> , PT/AMLSB/PAG/000668, AML-F.	320
Figura A21.34 Anúncio em: Campos, 1888: 366.	321
Figura A21.35 Fotografia: Bárcia, J. A. L. 19--. <i>Drogaria Pharmaceutica</i> , PT/AMLSB/JBL/001504, AML-F.	322
Figura A21.36 Fotografia: Benoliel, J. 191-. <i>Drogaria Progresso</i> , PT/AMLSB/JBN/001019, AML-F.	323
Figura A21.37 Anúncio em: Cohen, 1913: XII.	324

Figura A21.38 Fatura (17 Jun. 1873) em: Correspondência recebida, 1856-1886, Arquivo da ANBA.	325
Figura A21.39 Anúncio em: <i>Diario Illustrado</i> , 25 Dez. 1904, 11427, Lisboa.	326
Figura A21.40 Anúncio em: Moniz, 1900: 53.	328
Figura A21.41 Anúncio em: Cohen, 1913: s. p.	329
Figura A21.42 Anúncio em: Costa, 1911: s. p.	331
Figura A21.43 Capa do Catálogo da Favrel Lisbonense, c. 1913-1920.	332
Figura A21.44 Catálogo da Favrel Lisbonense, c. 1913-1920:71.	333
Figura A21.45 Anúncio em: Peixoto: 1872: 318.	337
Figura A21.46 Anúncio em: Peixoto: 1873: 506.	338
Figura A21.47 Fatura (30 Mai. 1911) em: <i>Livro de receitas</i> , 1907-1916, Arquivo da ABAL.	339
Figura A21.48 Fotografia: Machado & Souza. 1908. <i>Rua de São Bento</i> , PT/AMLSB/FAN/002469, AML-F.	340
Figura A21.49 Anúncio em: <i>Tiro e Sport</i> , 30 Abr. 1908, 381, Lisboa.	344
Figura A21.50 Anúncio em: Campos: 1888: 397.	346
Figura A21.51 Fotografia: Lima, A. C. 191?. <i>Drogaria Ferreira, casa fundada em 1775</i> , PT/AMLSB/LIM/000917, AML-F.	347
Figura A21.52 Anúncio em: Campos, 1883: 615.	348
Figura A21.53 Anúncio em: <i>Brasil-Portugal</i> , 16 Nov. 1899, 20: 6.	350
Figura A21.54 Fotografia: Guedes, P. 19--. <i>Rua Nova do Almada</i> , PT/AMLSB/PAG/000095, AML-F.	351
Figura A21.55 Fatura em: <i>Livro de folhas de receitas e despesas</i> , Vol. II, 1853-1903?, Arquivo da ANBA.	352
Figura A21.56 Fotografia: Benoliel, J. 191-. <i>Livraria Ferreira</i> , PT/AMLSB/JBN/000215, AML.	353
Figura A21.57 Anúncio em: Serões, Set. 1905, 3: VIII	354
Figura A21.58 Fatura (28 Dez. 1875) em: <i>Correspondência recebida</i> , 1856-1886, Arquivo da ANBA.. . . .	355
Figura A21.59 Fatura (22 Abr. 1874) em: <i>Correspondência recebida</i> , Vol. II, 1853 a 1880, Arquivo da ANBA.	358
Figura A21.60 Anúncio em: Castilho; 1862: 388.	359

Figura A21.61 Fatura (24 Ago. 1869) em: <i>Livro de folhas de receitas e despesas</i> , Vol. V, 1869 a 1906, Arquivo da ANBA.	360
Figura A21.62 Fatura (31 Dez. 1910) em: <i>Livro de despesas, 1907 a 1916</i> , Arquivo da ANBA.	361
Figura A21.63 Fotografia: Machado & Souza. entre 1898 e 1908. <i>Rua de S. Roque</i> , PT/AMLSB/FAN/001306, AML-F.	362
Figura A21.64 Fatura (23 Dez. 1880) em: <i>Correspondência recebida</i> , 1856-1886, Arquivo da ANBA.	366
Figura A21.65 Fotografia: Guedes, P. 19--. <i>Papelaria e tipografia</i> , PT/AMLSB/PAG/000331, AML-F.	367
Figura A21.66 Anúncio em: Campos, 1888: 538.	368
Figura A21.67 Fotografia: Benoliel, J. 191-. <i>Papelaria Palhares</i> , PT/AMLSB/JNL/000216, AML-F.	369
Figura A21.68 Anúncio em: <i>Diario Illustrado</i> , 28 Out. 1900, 9928, Lisboa.	370
Figura A21.69 Anúncio em: Costa, 1911: s. p..	371
Figura A21.70 Fotografia: Lima, A. C. 191?. <i>Papelaria Vasconcelos e escritórios da empresa de máquinas de escrever Underwood</i> . PT/AMLSB/LIM/001063. AML-F.	372
Figura A21.71 Fatura em: <i>Livro de despesas, 1907-1916</i> , Arquivo da ANBA.	373
Figura A21.72 Fatura (10 Mar. 1866), Arquivo do MNAA.	374
Figura A21.73 Anúncio em: <i>Serões</i> , 1 Jul. 1905, 1.	375
Figura A21.74 Anúncio em: Campos, 1889: 369.	376
Figura A21.75 Anúncio em: Campos, 1888: 400.	377
Figura A21.76 Anúncio em: Peixoto, 1873: 374..	378
Figura A21.77 Anúncio em: Barbosa, 1865: 181.	380
Figura A21.78 Anúncio em: http://janellos.blogspot.pt/	382
Figura A21.79 Anúncio em: Campos, 1888: 401.	383
Figura A21.80 Fatura (11 Nov. 1854) em: <i>Correspondência recebida</i> , 1856-1886, Arquivo da ANBA.	383
Figura A21.81 Fatura em: <i>Correspondência recebida</i> , vol. II, 1856 a 1880, ANBA.	384
Figura A21.82 Anúncio em: Santos, 2011: 134.	390
Figura A21.83 Anúncio em: Castanheira, 1884: s. p.	394

Figura A21.84 Anúncio em: Castanheira, 1884: s. p.	396
Figura A21.85 Anúncio em: Castanheira, 1884: s. p.	401
Figura A21.86 Fotografia: Chusseau-Flaviens. c.1910, em: http://doportoenaoso.blogspot.pt/2010/05/o-porto-ha-cem-anos-1_3135.html	411
Figura A21.87 Anúncio em: Campos, 1888: 1024.	413
Figura A21.88 Anúncio em: Campos, 1889: XVI.	414
Figura A21.89 Delaitre [Fatura] 1882 Jul. 26, Paris [a] Columbano Bordalo Pinheiro. Acessível no Arquivo do MNAC-MC.	415
Figura A21.90 Lefranc & C.ie [Carta] s. d., Paris [a] Academia Portuense de Belas Artes. Acessível no Arquivo da FBAUP.	418
Figura A21.91 Fotografia: Lefranc & Cie, 1913, Union Photographique Française, Archives de Paris, 11F13438, em: http://www.labreuche-fournisseurs-artistes-paris.fr .	418
Figura A21.92 <i>O Sena em Paris</i> , 1906, Marques de Oliveira, óleo sobre madeira, 33 x 46,5 cm, MNGV, inv. 2347; P225, Fotografia de Carlos Monteiro. Disponível em: www.matrizpix.dgpc.pt	420
Figura A21.93 <i>O Sena em Paris</i> , 1906, Marques de Oliveira. Reverso com carimbo de Paul Denis Socc. Paris Rue de Médicis, 19. Fotografia de Arterestauró.	420
Figura A21.94 <i>Paisagem – Bruges</i> , 1917, Columbano Bordalo Pinheiro, óleo sobre madeira, 19 x 22,5 cm, MNGV, inv. 2439, Fotografia de Luísa Oliveira. Disponível em: www.matrizpix.dgpc.pt	420
Figura A21.95 <i>Paisagem – Bruges</i> , 1917, Columbano Bordalo Pinheiro. Reverso com carimbo de G. Bourgés. Paris Rue de Médicis, 19. Fotografia de Arterestauró.	420
Figura A21.96 Caixa de tintas para aguarela, c. 1862-1881, G. Rowney & C.o, 10 x 24,3 x 31,8 cm, PNA, inv. PNA 55438, Fotografia de Luísa Oliveira. Disponível em: www.matrizpix.dgpc.pt	422
Figura A21.97 Capa de catálogo da Mander Irmãos, 1871.	423
Figura A21.98 <i>Lavadeira- Tapada da Ajuda</i> , 1879-1880, Silva Porto, óleo sobre cartão, 20,2 x 30,2 cm, CMAG, inv. CMAG 880, Fotografia de Marta Félix Campos.	427
Figura A21.99 <i>Lavadeira- Tapada da Ajuda</i> , 1879-1880, Silva Porto. Reverso com carimbo da Winsor & Newton. Fotografia de Marta Félix Campos.	427
Figura A21.100 Tubo de tintas da marca Winsor & Newton presente numa caixa de tintas de Columbano Bordalo Pinheiro, séc. XX, Inv. 1201, MNAC-MC.	427
Figura A23.1 Testemunho do pintor Fernand Cormon (1845-1924) sobre as tintas da Lefranc. In Lefranc & C.ie, <i>Les peintres et la couleur</i> , 1902.	451

Índice de Tabelas

Tabela A.6.1 Distribuição dos suportes usados por Tomás da Anunciação em diferentes períodos da sua atividade.	101
Tabela A.6.2 Dimensões dos suportes usados por Tomás da Anunciação (medida do lado maior).	101
Tabela A.6.3 Distribuição dos suportes usados por Miguel Ângelo Lupi em diferentes períodos da sua atividade.	102
Tabela A.6.4 Dimensões dos suportes usados por Miguel Ângelo Lupi (medida do lado maior).	102
Tabela A.6.5 Distribuição dos suportes usados por João Cristino da Silva em diferentes períodos da sua atividade.	103
Tabela A.6.6 Distribuição dos suportes usados por Silva Porto em diferentes períodos da sua atividade.	103
Tabela A.6.7 Distribuição dos suportes usados por Marques de Oliveira em diferentes períodos da sua atividade.	104
Tabela A.6.8 Distribuição dos suportes usados por Marques de Oliveira de acordo com os temas representados.	104
Tabela A.6.9 Distribuição dos suportes usados por Artur Loureiro em diferentes períodos da sua atividade.	105
Tabela A.6.10 Dimensões dos suportes usados por Artur Loureiro (medida do lado maior).	105
Tabela A.6.11 Distribuição dos suportes usados por José Malhoa em diferentes períodos da sua atividade.	106
Tabela A.6.12 Distribuição dos suportes usados por José Malhoa de acordo com os temas representados.	106
Tabela A.6.13 Distribuição dos suportes usados por Columbano em diferentes períodos da sua atividade.	107
Tabela A.6.14 Distribuição dos suportes usados por Henrique Pousão em diferentes períodos da sua atividade.	108

Tabela A.6.15 Distribuição dos suportes usados por Veloso Salgado em diferentes períodos da sua atividade.	108
Tabela A.6.16 Dimensões dos suportes usados por Veloso Salgado (medida do lado maior).	109
Tabela A8.1 Pigmentos amarelos modernos	130
Tabela A8.2 Pigmentos azuis modernos	144
Tabela A8.3 Pigmentos brancos modernos	151
Tabela A8.4 Pigmentos verdes modernos	175
Tabela A8.5 Pigmentos vermelhos modernos	198
Tabela A24.1 Medidas de comprimento e equivalência métrica.	454
Tabela A24.2 Medidas para líquidos e equivalência métrica	454
Tabela A24.3 Medidas de peso e equivalência métrica	454
Tabela A24.4 Medidas de comprimento: designações em português, francês e em inglês.	455
Tabela A24.5 Medidas de comprimento portuguesas, francesas e inglesas	455
Tabela A24.6 Medidas de peso: designações em português, francês e em inglês	455
Tabela A24.7 Medidas de peso portuguesas, francesas e inglesas	456

Anexo 1

Bibliografia anotada

1. ESTRANGEIRA

1.1. Em língua original ou traduções para língua estrangeira

ALGARRA, 1864

Manual del pintor teorico-practico: o sea principios fundamentales sobre la pintura al oleo y a la acuarela.

Edição consultada: Paris: Librería de Rosa y Bouret, 1864¹.

Outras edições: Paris: Librería de A. Bouret É Hijo, 1875; Paris: ch Bouret 1877.

Autor: Agustín Algarra.

Contexto e Conteúdos: Contém uma introdução sobre a arte, a sua vocação e ensino. Incorpora noções elementares sobre a cor e harmonia baseadas na obra de Chevreul e descrições sobre os materiais e técnicas da pintura a óleo e aguarela, bem como, referências aos utensílios de pintura, como paletas e pincéis. No final inclui um dicionário de termos da pintura e um catálogo de obras impressas sobre pintura e as suas ciências auxiliares.

ARSENNE E DENIS, 1833

Manuel du Peintre et Sculpteur; Ouvrage Dans Lequel on Traite de la Philosophie de L'Art et des Moyens Pratiques, Par L.-C. Arsenne; Avec Une notice sur les manuscrits à miniatures de l'Orient et du moyen-âge, sur les voyages à figures, dans leurs rapports avec la peinture moderne, par Ferdinand Denis.

Edições consultadas: Paris: A la Librairie Encyclopédique de Roret, 1833².

Nouveau Manuel Complet du Peintre et Sculpteur contenant l'Esthétique, les principes généraux et les applications pratiques sur l'Art; des Notions sur l'exécution mécanique et les couleurs; des Observations sur les concours, et suivi d'un Vocabulaire du Peintre et du Sculpteur, contenant les définitions raisonnées des termes employes dans les arts du dessin, Paris: A la Librairie Encyclopédique de Roret, 1858³.

Autores: Louis-Charles Arsenne (1770-1855), natural de Paris, foi pintor de história e discípulo de David⁴.

1 Disponível na Biblioteca da Universidade de Coimbra, cota: V-8-8.

2 Disponível em: <http://gallica.bnf.fr>

3 Disponível em: <https://books.google.pt>

4 Thomas, 2009: 181.

Jean Ferdinand Denis (1798-1890), natural de Paris, foi viajante, historiador, administrador da biblioteca Sainte Geneviève, em Paris, e escritor especialista em história e culturas portuguesas e do Novo Mundo. Estudou para seguir a carreira diplomática, concentrando a sua aprendizagem em línguas estrangeiras. Esteve no Brasil, entre 1818 e 1821, onde escreveu dezenas de livros de apresentação do Brasil aos franceses⁵. Com o escritor português Almeida Garret (1799-1854) escreveu os primeiros esboços históricos do desenvolvimento literário no Brasil. Escreveu, em 1846, um livro de História de Portugal intitulado *Portugal Pittoresco ou Descrição Historica D'Este Reino*⁶, e outro, em francês, em 1849⁷.

Contexto e Conteúdos: Nesta obra é abordada uma diversidade de temáticas como a imitação, a perspectiva, o esboço, a anatomia e a estética. Destaca-se o capítulo dedicado às cores, à sua composição química, à sua estabilidade e ao seu fabrico. Neste domínio, Arsenne socorre-se dos autores mais influentes da época como Mérimée, Riffault, Vergnaud, Watin, Bourgeois, Bouvier ou Paillot de Montabert, que são frequentemente citados. O manual termina com um importante glossário dos termos mais utilizados tanto na pintura como na escultura.

BALLARD, 1672

École de la miniature, ou l'art d'apprendre a peindre sans maitre, et les secrets pour faire les plus belles couleurs.

Edição consultada: Paris: Bachelier, 1817⁸.

Outras edições: Paris, 1673; Lyon: Chez François du Chesne, 1679; à la Haye, 1688; Rouen, 1724; Paris: Rollin, 1752; Paris: Chez J. B. G. Musier, 1769; Paris, 1782⁹.

Autor: Christophe Ballard (1641-1715)¹⁰.

Contexto e Conteúdos: Esta obra tem numerosas edições, sendo a primeira de 1672¹¹. A edição de 1817, revista e consideravelmente aumentada, apresenta uma descrição detalhada das técnicas e da preparação dos diversos materiais pictóricos. Aborda uma grande diversidade de aspetos como o desenho, o esboço, a mistura de cores, a colocação das tintas na paleta, a aplicação das cores e receitas para preparação de colas e tintas. No final apresenta um glossário com termos da pintura.

5 Ferdinand Denis. s. d.

6 Denis, 1846.

7 Denis, 1849.

8 Disponível em: <https://books.google.pt>

9 Delbergue-Cormont, 1862: 8.

10 Jeffares, 2015.

11 Quérard, 1854-1857, Tomo XI: 18.

BARDON, 1765

Traité de Peinture suivi d'un Essai sur la Sculpture. Pour servir d'Introduction à une Histoire Universelle, relative à ces Beaux-Arts.

Edição consultada: Paris: Chez Desaint, 1765¹².

Autor: Michel-François Dandré Bardon (1700-1783). Foi pintor, gravador, historiador e professor da *Académie Royale de Peinture et de Sculpture*¹³.

Contexto e Conteúdos: A obra está dividida em três partes: desenho, composição e colorido. Nesta última parte trata das características das cores, do seu uso, harmonia e tons. Contém um ensaio sobre escultura e um catálogo de pintores, escultores e gravadores franceses.

BLANC, 1867

Grammaire des arts du dessin, architecture, sculpture, peinture. Jardins – gravure en pierres fines – Gravure en médailles – gravure en taille-douce – eau-forte – manière noire, aqua-tinte – gravure en bois camaïeu – gravure en couleurs lithographie.

Edição consultada: Paris: Ve Jules Renouard, 1867¹⁴.

Outras edições: Paris: Libraire Reunard, 1876; Paris: Henri Laurens, 1880; Paris: H. Laurens, 1908.

Autor: Auguste-Alexandre-Philippe Charles Blanc (1813-1882). Crítico de arte francesa e italiana, foi o teórico da arte mais influente no último terço do século XIX¹⁵. Foi professor de História da Arte no *Collège de France* e o fundador da revista *Gazette des Beaux-Arts* (1859), que dirigiu durante dois anos. Foi diretor da *Académie des Beaux-Arts*. A partir de 1861 editou os catorze volumes da *Histoire des peintres de toutes les écoles*¹⁶.

Contexto e Conteúdos: A obra tem início com a exposição dos princípios da arte. Depois organiza-se em três grandes temas: arquitetura, escultura e pintura. Nesta última parte inclui indicações quanto à composição, o claro-escuro, o colorido, a pincelada. Refere diferentes técnicas e géneros da pintura, sem conter instruções práticas quanto às técnicas e aos materiais.

12 Disponível em: <https://books.google.pt>

13 Gage, 2009.

14 Disponível em: <https://books.google.pt>

15 Roque, 2009: 576.

16 Sorensen, 2000.

BOTTARI, 1754

Raccolta di Lettere sulla pittura, scultura ed architettura scritte Da' più celebri personaggi [secolo XV al XVII].

Edição consultada: Milano: G. Silvestri, 1822-1825¹⁷.

Outras edições: Roma: Per gli Eridi Barbiellini Mercanti di Libri e stampatori a pasquino, 1754; Paris, 1817; Bolonia, 1844¹⁸.

Autor: Giovanni Gaetano Bottari (1692-1675).

Contexto e Conteúdos: Obra organizada em sete volumes. Trata-se de uma coleção de cartas de artistas onde se encontram algumas referências às técnicas artísticas.

BOUTARD, 1826

Dictionnaire des arts du dessin, la peinture, la sculpture, la gravure et l'architecture.

Edição consultada: Paris: Chez Le Normant Père, ch. Gosselin, 1826¹⁹.

Outras edições: Paris: [s. n.], 1838²⁰.

Autor: Jean Baptiste Bon Boutard (1771-1838), natural de Paris, foi arquiteto e publicista. Colaborou no *Journal des débats* com diversos artigos sobre belas artes²¹

Contexto e Conteúdos: A publicação desta obra é justificada pelos editores que referem que os dicionários anteriormente publicados sobre estes temas continham explicações muito breves e consistiam em edições bastante antigas onde a terminologia se encontrava ultrapassada, tal como os processos neles decritos. O objetivo deste dicionário era, portanto, fornecer com linguagem clara uma ferramenta para um largo público. Este dicionário contém um grande número de entradas referentes aos materiais e técnicas da pintura a óleo.

BOUVIER, 1827

Manuel des jeunes artistes et amateurs en peinture.

Edição consultada: Paris: Chez F. G. Levrault, 1827²².

Outras edições: Halle: Hemmenrde and Schwetschke, 1828; Paris: Levrault, 1832; Strassbourg, Paris: PI VII, 1844; New York: Wiley, 1845; New York and London: Wiley, 1849; Halle: Schwetschke, 18381, 851; Braunschweig: Schwetschke, 1861, 1875, 1882, 1895; Leipzig: Hiersemann, 1910²³.

17 Disponível em: <https://books.google.pt>

18 Bordini, 1995: 123.

19 Disponível em: <https://books.google.pt>

20 Stols-Witlox, 2014: 36.

21 Michaud, 1854: 343.

22 Disponível em: <https://books.google.pt>

23 Stols-Witlox, 2014: 36.

Autor: Pierre-Louis Bouvier (1765-1836). Natural de Genebra. Foi miniaturista, desenhador e pintor de retratos. Aos 13 anos ingressou na Escola Pública de Desenho de Genebra tendo ido para Paris durante três anos para o atelier do célebre miniaturista Antoine Vestier, enquanto frequentava a *Academie des Beaux-Arts*. Regressou à Suíça em 1788, onde se dedicou à prática da miniatura a aguarela e guache sobre marfim. Em meados dos anos 1790 partiu para a Alemanha, tendo voltado a Genebra, em 1801. Viajou com frequência para Paris e expôs no *Salon*. Em 1828 foi nomeado diretor da *École de dessin de la figure*, em Genebra. Dedicou alguns anos a elaborar e aperfeiçoar uma máquina para moer pigmentos²⁴.

Contexto e Conteúdos: Obra que mereceu grande sucesso. Foi frequentemente reeditada: dez vezes em francês e oito em alemão. Foi igualmente traduzida para inglês²⁵. O objetivo deste tratado foi ensinar aos estudantes as técnicas da pintura a óleo. Está organizado em 35 lições. Inclui informações detalhadas sobre as cores, a sua preparação e as características dos diferentes pigmentos. Fornece receitas para preparar os óleos e as tintas. Ensina a executar o esboço e as fases seguintes da pintura a óleo. Contém indicações sobre os suportes, pincéis e a forma de dispor as tintas na paleta. Inclui ainda instruções para preparar e aplicar os vernizes.

BRÜCKE, 1866

Des Couleurs au point de vue physique, physiologique, artistique et industriel.

Edição consultada: Paris: J. B. Baillière et fils, 1866²⁶.

Outras edições: *Die Phänomenologie der Farben*, Leipzig: 1866; Paris: J. B. Baillière, 1878²⁷.

Autor: Ernst Wilhelm von Brücke (1819-1892), fisiologista alemão, estudou medicina em Berlim. Foi professor de fisiologia na Universidade de Viena, entre 1849 e 1891²⁸.

Contexto e Conteúdos: Está dividido em duas partes: a primeira é dedicada às cores e à sua formação, a segunda à combinação das cores. Não trata dos aspetos materiais das cores, mas antes sobre a teoria da cor e sua percepção.

BURNET, 1822

A Practical Treatise on Painting in Three Parts. Consisting of Hints on Composition, Chiaroscuro, and Colouring. The whole illustred by Examples from the Italian, Venetian, Flemish, and Dutch Schools.

Edição consultada: London: Printed for the Proprietor, and sold by James Carpenter and Son, 1828²⁹.

24 Boissonnas, 1998.

25 Boissonnas, 1998.

26 Disponível em: <http://data.theeuropeanlibrary.org/Collection/a1113>.

27 Osborne, 2013: 67.

28 Ernst Wilhem von Bruke, s. d.

29 Disponível em: <https://books.google.pt>

Outras edições: London: Printed for the Proprietor, and sold by James Carpenter and Son, 1822, 1827, 1830, 1836, 1865³⁰.

Autor: John Burnet (1874-1868). Formou-se como pintor em Edimburgo e expôs em Londres entre 1808 e 1862. Foi autor de vários manuais sobre pintura a óleo que tiveram várias edições e foram citados em diversas fontes³¹.

Contexto e Conteúdos: Consiste num tratado didático organizado em três partes: a composição, o claro-escuro e o colorido. Simultaneamente o autor analisa obras de mestres italianos, flamengos e holandeses. A obra inclui várias ilustrações, muitas delas a cores.

Fontes secundárias consultadas: Carlyle, 2001.

CENNINI, C. 1400

Il libro dell'arte.

Edição consultada: *Le livre de l'art, ou Traité de la peinture.* Trad. por V. Mottez. Paris: Renouard, 1858³².

Outras edições: Roma: Co' Forchi di Paolo Salviucci, 1821; London, 1844; Firenze, 1859; Viena, 1871; London, 1899; Chartres, 1911; Lanciano, 1913; Strasbourg, 1916; New Haven, 1932; New York: Dover, 1933; Vicenza, 1971; Milano, 1975, 1984, 1987, Paris 1991; Firenze, 1991³³.

Autor: Cennino Cennini (c. 1370-c.1440), pintor italiano e escritor. Sabe-se que nasceu em data incerta em Colle Valdese (Toscana) e foi durante 12 anos aluno de Agnolo Gaddi, com o qual aprendeu a arte e a técnica de Giotto. A única data documentada da sua vida é 1398, ano em que se encontrava em Pádua. Com base no tipo no dialecto do Veneto que se usa no livro terá sido aí que esta obra foi escrita³⁴.

Contexto e conteúdos: Começa com a reivindicação da dignidade da arte e defende a aprendizagem junto a um mestre. Define e distingue das partes fundamentais da arte: o desenho e a pintura com cores.

Descreve os diferentes tipos de desenho e o correspondente claro-escuro (incluindo a aguarela). Ocupa-se das cores e descreve detalhadamente as composições segundo a natureza dos pigmentos e as aplicações mais apropriadas aos ligantes, aos suportes e as suas finalidades. Descreve amplamente os procedimentos dos materiais e técnicas da pintura a fresco e a seco. Inclui indicações sobre as proporções do corpo humano e sobre a perspetiva. Trata da pintura a óleo sobre madeira, metal e mural, que encadeia com a descrição da têmpera sobre madeira e as correspondentes colas, preparações, usos, dourados e vernizes. Na última parte recolhe informações e prescrições sobre diferentes técnicas artísticas e artesanais (miniatura, estandartes e pendões,

30 Ernst Wilhem von Bruke, s. d.

31 Carlyle, 2001: 287-289.

32 Disponível em: <https://books.google.pt>

33 Bordini, 1995: 34-35.

34 Cennini, 1858: V-XXVIII.

trabalhos em vidro, mosaico, fundições...).

Fontes secundárias consultadas: Bordini, 1995.

CHEVREUL, 1839

De La Loi Du Contraste Simultané Des Couleurs Et De L'assortiment Des Objets Colorés Considéré D'après Cette Loi Dans Ses Rapports Avec La Peinture, Les Tapisseries Des Gobelins, Les Tapisseries De Beauvais Pour Meubles, Les Tapis, La Mosaïque, Les Vitraux Colorés, L'impression Des Étoffes, L'imprimerie, L'enluminure, La Décoration Des Édifices, L'habillement Et L'horticulture.

Edição consultada: Paris: Chez Pitois-Levrault, 1839³⁵.

Autor: Michel Eugène Chevreul (1786-1889). Químico francês, natural de Angers, foi nomeado ajudante-naturalista no Museu de História Natural de Paris, em 1810. Em 1924 foi nomeado diretor das tinturarias da *Manufacture royal des Gobelins*. Em 1820-1830 publicou *Leçons de chimie appliquée à la teinture*. Em 1864 tornou-se diretor do Museu de História Natural de Paris. Foi autor de diversas obras relativas à teoria da cor³⁶.

Contexto e Conteúdos: Extensa obra, com mais de 700 páginas. Nela Chevreul expõe a sua teoria sobre o contraste simultâneo das cores com a qual pretendia apoiar a seleção harmônica de cores na criação dos têxteis. Porém, acabou por ser uma inspiração para os artistas da época, como Van Gogh, Gauguin, Seurat e Signac. Esta teoria demonstra que a mesma cor pode ser percebida pelo olho de forma diferente segundo as cores que a rodeiam.

Fontes secundárias consultadas: Roque, 2009.

COLLIER, 1882

Primer of Art.

Edição consultada: London: Macmillan and Co., 1882³⁷.

Outras edições: *Premiers principes des beaux-arts: dessin, peintures, sculpture et art décoratif*, Trad. de Emma Hanneau. Paris: F. Alcan, 1886.

Autor: John Collier (1850-1934), pintor inglês, filho de Sir Robert Collier, um pintor amador. Foi aluno de John Millais e de Lawrence Alma Tadema. Expôs, ente 1874 e 1893, na *Royal Academy* e na *Grovesnor Gallery*, mas também no *Salon* de Paris³⁸.

Contexto e Conteúdos: Segundo Carlyle³⁹, neste livro Collier tentou relacionar as teorias científicas da percepção da cor com a prática do pintor. Contém também uma vasta exploração teórica do desenho, mas não inclui informação técnica sobre a pintura a óleo.

35 Disponível em: <https://books.google.pt>

36 Roque, 2009: 474-479.

37 Disponível em: <https://books.google.pt>

38 Carlyle, 2001: 294.

39 Carlyle, 2001: 294.

Fontes secundárias consultadas: Carlyle, 2001.

COLLIER, 1886

A Manual of Oil Painting.

Edição consultada: London, Paris, New York, Melbourne: Cassell & Company, Limited, 1887⁴⁰.

Outras edições: London, Paris, New York, Melbourne: Cassell & Company, Limited, 1886, 1895⁴¹.

Autor: John Collier (1850-1934). Ver Collier 1882.

Contextos e conteúdos: Segundo Leslie Carlyle trata-se de uma das fontes fundamentais sobre pintura a óleo do final do século XIX já que fornece detalhadas informações práticas e compara os métodos de pintura das diferentes escolas⁴². Está dividido em duas partes: prática e teoria. Na primeira, refere a pintura por fases e dá indicações sobre os materiais e os equipamentos da pintura.

Fontes secundárias consultadas: Carlyle, 2001.

CONSTANT-VIGUIER E LANGLOIS-LONGUEVILLE, 1830

Nouveau manuel de miniature, de gouache, du lavis a la sépia, et de l'aquarelle.

Edições consultadas: Paris: A la Librairie Encyclopédique de Roret, 1839⁴³.

Nouveau manuel complet de miniature, de gouache, du lavis a la sépia, et de l'aquarelle et de la peinture a la cire (com Durozier). Paris: A La Librairie Encyclopédique de Roret, 1845⁴⁴.

Outras edições: Paris, 1830; Paris, 1836⁴⁵.

Autores: Stév. F. Constantant-Viguiier (17??- 18??); F.-P. Langlois de Longueville.

Contextos e conteúdos: Embora dirigido para a pintura a miniatura, a guache, a sépia e a aquarela contém uma descrição muito pormenorizada dos pigmentos, dos utensílios da pintura e os suportes. Em 1845, com Durozier, acrescentou ao texto original uma parte sobre pintura a cera.

Fontes secundárias consultadas: Bordini, 1995.

40 Disponível em: <https://archive.org>

41 Stols-Witlox, 2014: 46.

42 Carlyle, 2001: 294.

43 Disponível em: <https://books.google.pt>

44 Disponível em: <https://books.google.pt>

45 Bordini, 1995: 177.

DA VINCI, PRINCÍPIOS DO SÉCULO XVI

Trattato della Pittura.

Edições consultadas: *Traité Élémentaire De La Peinture Par Léonard De Vinci, avec 58 figures d'après les dessins originaux de le Poussin dont 34 en taille-douce. Nlle éd. Revue et augmentée de la vie de l'auteur.* Trad de: R. T. Fresne, Paris: Chez Deterville 1803⁴⁶.

El Tratado de la Pintura. Trad. de Diego Antonio Rejon de Silva. Madrid Imprenta Real, 1827⁴⁷.

Outras edições: Paris: R. Dufresne, 1651; Paris, 1716; London, 1721, 1796, 1802, 1835, 1877; Napoli, 1733; Madrid: Imprenta Real, 1784; Bologna, 1786; Firenze, 1792; Paris: chez Perlet, 1803; Perugia: B. Orsini, 1805; Roma: G. Manzi, 1817; Amsterdam, 1827; Milano, 1859; Viena: H. Ludwing, 1882; London: J. P. Ritcher, 1883, 1969, 1977; Roma: G. Milanesi, 1890; Jena: M. Herzfeld, 1909; Paris, 1910, 1921; Lanciano: A. Borzelli, 1914; Princeton: A. P. McMahon, 1956; Paris: a. Chastel y R. Klein, 1960; Roma: J. Recupero, 1966⁴⁸.

Autor: Leonardo da Vinci (1452-1519). Pintor emblemático do Renascimento italiano. Teve formação artística em Florença durante os anos setenta do século XV. Em 1482 foi para Milão onde pintou obras fundamentais como a *Virgem dos Rochedos* (Museu do Louvre, Paris). Em 1499 regressou a Florença onde trabalhou com Miguel Ângelo nos frescos do Palácio *Vecchio* e iniciou a execução de *Gioconda*. Voltou a Milão onde pintou *Nossa Senhora com Santa Ana* (Museu do Louvre, Paris) e deixou influência determinante na escola local. Transferiu-se para Paris, onde pintou a última enigmática obra *São João Baptista* (Museu do Louvre, Paris). Da Vinci desenvolveu uma personalidade multifacetada de inventor, arquiteto, engenheiro hidráulico e militar, urbanista, botânico, astrónomo, tratadista e poeta⁴⁹.

Contexto e Conteúdos: Neste tratado Da Vinci aborda os fundamentos da pintura entendida como uma ciência e os assuntos técnicos como a perspetiva, as luzes, as sombras ou as proporções. Dá indicações sobre a formação do pintor e a organização do seu trabalho e circunstancialmente refere receitas para a preparação de tintas, ligantes e vernizes.

Fontes secundárias consultadas: Bordini, 1995.

46 Disponível em: <https://books.google.pt>

47 Disponível em: <https://archive.org>

48 Bordini, 1995: 48.

49 Zuffi e Castria, 1997: 144.

DIDEROT E D'ALEMBERT, 1751-1765

Encyclopédie, Ou Dictionnaire Raisonné Des Science, Arts Et Des Métiers Par Une Société De Gens De Letres.

Edição consultada: Paris: chez Briasson, David, Le Breton, Durand 1751⁵⁰.

Autores: Denis Diderot (1713-1784); Jean le Rond d'Alembert (1717-1783)⁵¹

Contexto e Conteúdos: Obra monumental com 18 000 páginas de texto, 17 volumes de artigos e 11 volumes de gravuras com legendas, publicados entre 1751 e 1765. Com cerca de 72 000 artigos escritos por mais de 140 autores a *Encyclopedie* é uma obra de referência no campo das artes e das ciências, tornando-se expressão dos mais importantes desenvolvimentos intelectuais e sociais do seu tempo⁵².

Fontes secundárias consultadas: Massing, 1995.

DUFRESNOY, 1668

De Arte Graphica.

Edições consultadas: *L'Art de la Peinture*. Paris: Nicolas L'Anglois, 1668; *L'Ecole D'Uranie ou L'Art de La Peinture*. Paris: L'Imprimerie de P. G. Le Mercier, 1753⁵³.

Outras edições: Paris, 1673, 1684, 1688, 1751, 1760; Berlin, 1699; London: J. Dryden, 1695; London, 1716, 1728, 1750, 1754, 1783, 1789; Roma, 1713; Viena, 1731; Amsterdam, 1733; Pescia, 1783⁵⁴.

Autor: Charles Alphonse Dufresnoy (1611-1668), pintor e teórico francês⁵⁵.

Contexto e Conteúdos: Poema escrito em latim, entre 1641 e 1665. Segundo Bordini, esta obra obteve grande sucesso porque expunha com precisão os conceitos duma teoria da pintura baseada nos princípios italianos e franceses. A abordagem das técnicas da pintura é muito limitada, tendo maior interesse as anotações de carácter técnico de De Piles, nas edições posteriores a 1673.

Fontes secundárias consultadas: Bordini, 1995; Nadolny, et al., 2012.

EASTLAKE, 1847

Materials for a History of Oil Painting.

Edição consultada: London: Longman, Brown, Green and Longmans, Vol. I, 1847⁵⁶.

50 Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/>

51 Massing, 1995: 124.

52 The ARTFL Project. Analyse et traitement informatique de la langue française, s. p.

53 Disponível em: <https://books.google.pt>

54 Bordini, 1995: 86.

55 Bordini, 1995: 86.

56 Disponível em: <https://archive.org>

Outras edições: Wien: Hartleben, 1907; New York: Dover Publications, 1960; Vicenza: Neri Pozza, 1999⁵⁷.

Autor: Sir Charles Lock Eastlake (1793-1865). Estudou Pintura Histórica com o pintor aguarelista Samuel Prout, com o pintor Benjamin Haydon e na *Royal Academy Schools* em 1809. Depois de duas breves viagens, em 1814 e 1815, a França, Eastlake foi para Roma onde esteve 14 anos. Foi eleito Membro Associado da *Royal Academy* de Londres em 1827. Regressou a Londres em 1830 onde esteve dedicado à administração artística. Tornou-se presidente da *Royal Academy* em 1850 e diretor da *National Gallery* em 1855⁵⁸.

Contexto e Conteúdos: Contém descrições pormenorizadas dos materiais e das técnicas da pintura a óleo desde as suas primeiras utilizações até ao século XIX. A obra é baseada em várias documentação histórica. Descreve as técnicas da pintura a fresco e a cera, as características dos ligantes e a preparação das cores e dos vernizes.

Fontes secundárias consultadas: Bordini, 1995; Carlyle, 2001.

FÉLIBIEN, 1676

Des principes de l'architecture, de la sculpture, de la peinture et des autres arts qui en dependent.

Edição consultada: Paris: Chez La Veuve de Jean Baptiste Coignard, Jean Baptiste Coignard, 1690⁵⁹.

Autor: André Félibien (1619-1695). Crítico e historiador de arte francesa e italiana⁶⁰.

Contexto e Conteúdos: Apresenta, no terceiro capítulo, diferentes técnicas de pintura, como o fresco, a têmpera e o óleo indicando pigmentos, ligantes e vernizes. A obra integra várias ilustrações e um dicionário de termos de arquitetura, escultura, pintura e outras artes.

Fontes secundárias consultadas: Nadolny, et al., 2012.

GARCÍA DE LA HUERTA, 1795

Comentarios de la Pintura Encáustica del pincel.

Edição consultada: Madrid: En la Imprenta Real, 1795⁶¹

Autor: Pedro García de la Huerta (1748-1799), historiador de arte espanhola.

Contexto e Conteúdos: Analisa os processos de alteração dos óleos na pintura e defende a pintura em encaustica. Descreve com pormenor os processos e os materiais desta técnica de pintura.

57 Edições referidas em: <http://www.worldcat.org>.

58 Sir Charles Lock Eastlake, 2017.

59 Disponível em: <https://books.google.pt>

60 Sorensen, 2000.

61 Disponível em: <https://books.google.pt>

GOUPIL, 1856

Manuel complet et simplifié de la peinture à l'huile, suivi du traité de la restauration des tableaux.

Edição consultada: Paris: Desloges, 1856⁶².

Outras edições: Paris: Desloges, 1858, 1860, 1861; Paris: A. de Vresse, 1867; Paris: Renault, 1877; Paris: Le Bailly, 1881, 1884, 1885; Paris: O. Bornemann, 1904, 1949⁶³.

Autor: Frédéric Auguste Antoine Goupil (1817-1878). Pintor, aquarelista e gravador. Foi professor de Desenho na *Académie des Beaux-Arts* de Paris. Foi autor de vários manuais sobre geometria, desenho, aquarela, pastel, ornamentos, modelagem e miniatura⁶⁴.

Contexto e conteúdos: Goupil fornece informações detalhadas sobre os materiais da pintura a óleo: suportes, cores, óleos e vernizes. Relativamente às cores dá informações sobre a sua estabilidade e sobre a sua utilização. Descreve com pormenor as diferentes fases da pintura desde o esboço ao acabamento. Inclui ainda instruções para o restauro da pintura.

GULLICK; TIMBS, 1859

Painting Popularly Explained: including Fresco, Tempera, Encaustic, Miniature, Oil, Mosaic, Water-Colour, Missal, Painting on Pottery, Porcelain, Enamel, Glass, &c. with Historical Sketches of the Progress of the Art.

Edição consultada: London: Kent and Co., 1859⁶⁵.

Outras edições: London: Lockwood, 1873; London: Crosby Lockwood & Co, 1876; 1885; London: C. Lockwood, 1914⁶⁶.

Autores: Thomas John Gullick (1828-1895), nasceu em Londres. Foi pintor miniaturista e crítico de arte⁶⁷.

John Timbs (1801-1875), escritor inglês e antiquário, autor da obra *Curiosities of London* (1855).

Contexto e conteúdos: Contém descrições detalhadas sobre os materiais e as técnicas da pintura a óleo desde a Antiguidade até ao século XIX. Inclui descrições sobre os suportes, as camadas de preparação, os pigmentos, os óleos e os vernizes.

Fontes secundárias consultadas: Carlyle, 2001.

62 Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/>

63 Frédéric Auguste Antoine Goupil (1817-1878), 2015.

64 Frédéric Auguste Antoine Goupil (1817-1878), 2015.

65 Disponível em: <https://archive.org>

66 Edições referidas em: <http://www.worldcat.org>.

67 Thomas John Gullick, 2017.

HAREUX, 1901

Cours Complet de Peinture a l'Huile (L'Art, La Science, Le Métier du Peindre).

Edição consultada: Paris: Librairie Renouard – H. Laurens, Éditeur, 1901⁶⁸.

Outras edições: Paris: H. Canville, c. 1890; London: George Rowney and Company 1891, 1894; Paris: Librairie Renouard – H. Laurens, c.1899, 1911, c.1920, 1930; London: George Rowney and Company, 1930; Paris: Henri Laurens, 1946, 1950, 1952, 1957, 1960⁶⁹.

Autor: Ernest Victor Hareux (1847-1909) foi um pintor paisagista francês. Estudou com Charles Busson, Léon Germain Pelous, Trottin e Lavesseur⁷⁰.

Contextos e conteúdos: A obra divide-se em quatro volumes: *L'outillage et le matériel nécessaires a l'atelier ou en plein air; Natures mortes; Fleurs, fruits, legumes & gibier e paysages*. É um manual muito completo sobre os materiais da pintura a óleo dando instruções para executar os diferentes géneros de pintura e descrevendo os equipamentos e utensílios do pintor.

Fontes secundárias consultadas: Carlyle, 2001.

JAUBERT, 1773

Dictionnaire Raisonné Universel des Arts et Metiers, contenant L'Histoire, La Description, La Police des Fabriques et Manufactures de France & des Pays Ettangers: ouvrage utile a tous le citoyens. Corrigé & considérablement augmentée d'après les Mémoires & les Procédés des Artistes; Revue & mise en ordre par M. L'Abbé Jaubert, de l'Académie Royale des Sciences de Bordeaux.

Edição consultada: Paris: Chez P. Fr. Didot jeune, 1773⁷¹.

Outras edições: Paris: Philippe Macquer, 1766; Lyon: chez Amable Leroy, 1801⁷².

Autor: Pierre Jaubert (1715-1780), membro da Academia de Bordéus⁷³.

Contexto e conteúdos: Trata-se da segunda edição revista e organizada por Jaubert, organizada em quatro volumes. Um quinto volume, que só foi publicado na edição de 1801, contém um vocabulário técnico dos termos utilizados nas artes e ofícios. Termina com uma tabela histórica de inventores e artistas.

Fontes secundárias consultadas: Proust, 1958.

68 Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/>

69 Edições referidas em <http://www.livre-rare-book.com>.

70 Hareux Ernest Victor (1847-1909). 2009.

71 Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/>

72 Proust, 1958: 335.

73 Quérard, 1830: 214.

JOPLING, 1891

Hints to Amateurs. A Handbook on Art.

Edição consultada: New York: Harper & Brothers, Franklin Square, 1891⁷⁴

Outras edições: London: George Rowney & Co. 1911, 1917; London: Artists Publishing Co., 1953⁷⁵.

Autor: Mrs Louise Jopling (1843-1933) foi pintora reconhecida pelos seus retratos. Foi casada com Frank Romer tendo ido viver para Paris, em 1865. Depois da morte deste casou com o aguarelista Mr Jopling⁷⁶.

Contextos e conteúdos: Trata de diversos assuntos como o desenho, a pintura a aguarela, o pastel e a fotografia. O segundo capítulo é dedicado à pintura a óleo onde a autora fornece conselhos sobre os materiais e as técnicas, muitas vezes baseados na sua própria experiência enquanto pintora.

Fontes secundárias consultadas: Carlyle, 2001.

LAIRESSE, 1787

Le Grand Livre des Peintres, ou L'Art de la Peinture Considéré dans toutes ses parties, & démontré par principes; avec des Réflexions sur les Ouvrages de quelques bons Maîtres, & sur les défauts qui s'y trouvent. Par Gérard de Lairesse. Auquel on a joint les Principes du Dessin du même Auteur. Traduit du Hollandois sur la seconde Édition.

Edição consultada: Paris: à l'hôtel de Thou, 1787⁷⁷.

Outras edições: Amsterdam: Willem de Coup, 1707; Amsterdam: Hendrick Desbordes, 1712; Amsterdam: David Mortier, Amsterdam: Blank, 1716; Nürnberg: Weigel, 1728-1730; London: J. Brotherton, W. Hiincliffe, J. Oswald, etc., 1738; Haarlem: Johannes Marshoorn, 1740; Amsterdam: P. Van Rossen, 1836; Doornspyk: Davaco, 1969; Genève: Minkoff, 1972⁷⁸.

Autor: Gérard de Lairesse (1640-1711). Pintor, natural de Liège, foi para Amesterdão em 1667. Rembrandt exerceu grande influência na sua obra, tendo-se depois interessado pela arte neoclássica francesa. Produziu numerosas tapeçarias e pinturas de tecto em tela na técnica de *trompe-l'œil*. Por volta de 1690 perdeu a visão tendo-se concentrado na teoria da arte⁷⁹.

Contexto e Conteúdos: Trata-se de uma coleção de conferências proferidas na Academia de Amesterdão, depois da cegueira de Lairesse o impedir de continuar a profissão de pintor. Aborda uma grande diversidade de temas. Consiste, sobretudo, numa vasta exposição didática sobre as regras académicas da pintura, sob os aspetos teóricos e práticos. Inclui temas como o movimento do pincel, a composição, as

74 Disponível em: <http://babel.hathitrust.org>

75 Carlyle, 2001: 309.

76 Carlyle, 2001: 309.

77 Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/>

78 Stols-Witlox, 2014: 84.

79 Gerard de Lairesse, s. d.

diferentes fases da pintura, as cores e as formas de as aplicar, luz e sombras na pintura, beleza e proporções, e os diferentes géneros de pintura.

Fontes secundárias consultadas: Stols-Witlox, 2014; Nadolny, et al., 2012; Bordini, 1995.

LEFORT, 1855

Chimie Des Couleurs Por La Peinture A L'eau Et A L'huile Comprenant L'historique, La Synonymie, Les Propriétés Phisiques Et Chimiques, La Préparation, Les Variétés, Les Falsifications, L'action Toxique Et L'emploi Des Couleurs Anciennes Et Nouvelles.

Edição consultada: Paris: Victor Masson, Libraire-Editeur, 1855⁸⁰.

Autor: Jules Lefort (1819-1896), farmacêutico e químico⁸¹.

Contexto e conteúdos: Nesta obra Lefort expõe com grande grau de pormenor cada um dos pigmentos e cores, a sua composição química, a sua preparação e fabrico e recomendações de uso. Fornece listas das cores sólidas e pouco sólidas que o pintor pode misturar. Classifica os materiais de acordo com a sua toxicidade. Por tudo isto, trata-se de uma importante referência sobre o conhecimento dos materiais da pintura em uso em meados do século XIX.

LEMIERRE, 1769

La peinture, poème en trois chants.

Edição consultada: Amsterdam: Chez M. Magerus, 1770⁸².

Outras edições: Paris: Le Jay, 1769.

Autor: Antoine-Marin Lemierre (1723-1793), natural de Paris, foi um poeta dramático⁸³.

Contexto e conteúdos: Trata-se de um poema sobre a pintura sem que haja referências aos materiais e às técnicas. A obra inclui um texto do pintor Henri Testelin intitulado: *Sentimens des plus habiles peintres sur la pratique de la peinture et de la sculpture* que inclui algumas conferências da *Academie Royal de Peinture et Sculpture* de Paris, sobre o uso do traço e do desenho, as proporções, a expressão geral e particular, a composição, o claro-escuro, a cor.

LIBERT, 1805

Traité élémentaire et Pratique Du Dessin Et de La Peinture, A l'Usage des Jeunes Artistes, Contenant des Observations sur les différents manières de dessiner; les règles de la Composition, du clair obscur et du coloris; l'apprêt et la mélange des couleurs; la connaissance des vernis, secrets et procédés pour les paysages à l'encre et de la Chine, à l'aquarelle

80 Disponível em: <https://books.google.pt>

81 Jules Lefort (1819-1896), 2015.

82 Disponível em: <https://books.google.pt>

83 Quérard, 1833: 143.

et à la gouache; les règles pour la figure on pour la peinture à l'huile en général; et quatre gravures raisonnés.

Edição consultada: Lille Chez Blocquel, 1811⁸⁴.

Outras edições: Liege: chez l'auteur, chez J. A. Latour, 1805; Paris, 1821; Paris: chez Delarue, Lille: chez Castiaux, 1823; Paris: chez Delarue, 1825.

Autor: Lambert Libert (1752-1808), natural de Liège foi pintor e desenhista⁸⁵.

Contexto e conteúdos: Contém instruções sobre as diferentes formas de desenhar, como preparar as tintas da china, escolha dos pincéis, instruções sobre a pintura a aguarela e a guache. Contém uma receita para preparar o verniz a aplicar numa pintura recentemente pintada a óleo. Tem instruções sobre a preparação das telas e dos suportes em madeira. Contém duas receitas de verniz para retoque e instruções para a preparação da paleta e para a preparação e aplicação das tintas desde o esboço até à finalização da pintura.

LOMAZZO, 1584

Trattato della'arte della pittura, scultura ed architettura di Gio. Paolo Lomazzo pittore del XVI secolo.

Edição consultada: Roma: Salverio del-Monte, 1844⁸⁶.

Outras edições: Milano: Per Paolo Gottard Pontio 1584, 1585; Oxford: R. Haydocke, 1598; Toulouse, 1649; Augusta: B. Orsini, 1782; Firenze: P. Ciardi, 1973⁸⁷.

Autor: Giovanni Paolo Lomazzo (1538-1600), pintor natural de Milão. Aprendeu com o pintor Gaudenzio Ferrari (1470-1546). Recebeu várias encomendas para pinturas murais e altares. Em 1562 fez uma viagem por diversos países para aprender arte. Em 1568 tornou-se membro da *Accademia della Balle del Blenio*. Porém, em 1571 ficou completamente cego dedicando-se então à escrita. Em 1590 escreveu também *Idea del tempo de la pittura*⁸⁸.

Contexto e conteúdos: A obra de carácter didático. Está dividida em sete partes: proporção, movimentos, cor, luz, perspectiva, composição e forma. Relativamente aos aspetos práticos da pintura tem particular interesse o capítulo dedicado às cores onde o autor descreve com detalhe os pigmentos e as suas misturas. A edição de 1844 distribui a obra em 3 volumes.

Fontes secundárias consultadas: Nadolny, et al., 2012, Bordini, 1995.

84 Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/>

85 Lambert Libert, s. d.

86 Disponível em: <https://books.google.pt>

87 Bordini, 1995: 61.

88 Lomazzo, Giovanni Paolo, s. d.

MARCUCCI 1813

Saggio analitico-chimico sopra i colori minerali, e mezzi de procurarsi gli artefatti, gli smalti e le vernici di Lorenzo Marcucci ed osservazioni fatte dal medesimo sopra la pratica del dipingere ad olio tenuta dalle scuole Fiorentina Veneziana e Fiamminga ne' loro migliori tempi colle note del Sig. Pietro Palmaroli restauratore di quadri antiche.

Edição consultada: Roma: Stamperia di Contendini, 1813⁸⁹.

Outras edições: Roma: Lino Contendi, 1816; Milano: Giovan Silvestri, 1833⁹⁰.

Autor: Lorenzo Marcucci (1768-1845), natural de Roma, foi pintor e farmacêutico⁹¹.

Contexto e conteúdos: Com uma grande objetividade e clareza, os pigmentos e outros materiais da pintura são analisados sob o ponto de vista da química. A primeira parte é dedicada às cores minerais, aos betumes e aos esmaltes; a segunda às cores vegetais, resinas, óleos e vernizes; a terceira parte trata das cores animais, colas e têmperas. No final da obra são dados exemplos práticos da pintura a óleo, segundo alguns dos grandes mestres italianos.

Fontes secundárias consultadas: Stols-Witlox, 2014, Bordini, 1995.

MENDOZA, 1870

Manual del Pintor de Historia: ó sea recopilacion de las principales reglas, máximas y preceptos para los que se dedican á esta profesion.

Edição consultada: Madrid: Imprenta de T. Fortanet, 1870⁹².

Autor: Francisco Mendoza, natural de Madrid foi professor na *Escuela Especial de Pintura, Escultura y Grabado, Seccion Elemental*⁹³.

Contexto e conteúdos: Este manual está organizado nas seguintes partes: simetria e proporções do corpo humano; simetria e proporções das crianças; observações e regras gerais da figura; composição; colorido; harmonia; graça; beleza. Os aspetos práticos da pintura são sumariamente tratados na parte dedicada ao colorido. Nesta, o autor defende o uso de “cores naturais” em detrimento das que “resultam de combinações químicas” e alerta para as questões da durabilidade das cores.

MÉRIMÉE, 1830

De la peinture a l'huile ou des procédés matériels employés dans ce genre de peinture depuis Hubert et Jean Van-Eyck jusqu'a nos jours.

Edição consultada: Paris: M^{me} Huzard, 1830⁹⁴.

Outras edições: London: Whittaker and Co, 1839; Puteaux, 1981⁹⁵.

89 Disponível em: <https://books.google.pt>

90 Stols-Witlox, 2014: 90.

91 Stols-Witlox, 2014: 91.

92 Consultado na BNP, cota: S. A. 291/1 V.

93 Mendoza, 1870.

94 Disponível em: <https://books.google.pt>

95 Stols-Witlox, 2014: 114.

Autor: Jean-François-Léonor Mérimée (1757-1836). Natural de Broglie Chambrais, foi pintor e químico. Era pai do escritor Prosper Mérimée. Em 1778 ingressou na *Académie royale de peinture* onde foi aluno de G.-F. Doyen e de Fr.-A. Vicent. Viajou por Itália e pela Holanda para estudar os processos técnicos da pintura. A partir de 1802, dedicou-se quase exclusivamente à química industrial. Foi membro da comissão encarregada de examinar os objetos admitidos na *Exposition des produits de l'industrie française*, e mais tarde foi nomeado *Secrétaire perpétuel de l'Ecole des Beaux-Arts* (1807). Publicou um número considerável de relatórios e memórias sobre as manufacturas, os processos de fabrico e o ensino do desenho⁹⁶.

Contexto e conteúdos: Este tratado resulta dos vários anos que Mérimée se dedicou a experiências químicas sobre a composição de pinturas antigas. Considerada uma obra de referência⁹⁷, este manual, muito detalhado e preciso, terá tido grande influência na divulgação das técnicas e materiais da pintura a óleo no século XIX. Mérimée descreve a preparação de diferentes vernizes, resinas e óleos, mas também fornece noções muito exatas sobre os pigmentos, a sua preparação, solidez, compatibilidade e alteração. Os dois últimos capítulos são dedicados aos suportes e camadas de preparação, bem como à conservação e restauro da pintura.

Fontes secundárias consultadas: Stols-Witlox, 2014; Nadolny, et al., 2012; Carlyle, 2001; Bordini, 1995.

MONTON, 1734

Secretos De Artes Liberales, Y Mecanicas, Recopilados, y traducidos de varios, y selectos Autores, Que Tratan De Phisica, Pintura, Arquitectura, Optica, Chimica, Doradura, Y Charoles, con otras varias curiosidades ingeniosas.

Edição consultada: Madrid: En la Oficina de Antonio Marin, 1734⁹⁸.

Outras edições: Lisboa: Na Officina de Domingos Gonçalves, 1744; Pamplona: Herderos de Martinez, 1757; Madrid: en la Imprenta, y Librería de Joseph Garcia Lanza, 1758,1760; Barcelona: Imprenta de José Girat, 1760?; Barcelona: Imprenta de Maria Ángela Martí, 1761; Madrid: Va de Juan Muñoz, 1761; Madrid: Imprenta de Don Joseph Doblado, 1792; Madrid: Dávila, 1814; Lisboa: Typographia Rollandiana, 1818⁹⁹.

Autor: Bernardo de Montón, presbítero residente em Madrid¹⁰⁰.

Contexto e conteúdos: Contém instruções sobre uma grande diversidade temática traduzido de várias fontes. Nele encontram-se receitas para preparação de pigmentos e vernizes. Contém instruções para pintar a têmpera e a fresco. A obra foi bastante popular em Espanha e em Portugal, onde teve tradução.

Fontes secundárias consultadas: Stols-Witlox, 2014.

96 Jean-François-Léonor Mérimée. 2012.

97 Carlyle, 2001: 312.

98 Disponível em: <https://archive.org>

99 Vega, 2010: 333.

100 Fernández: 2006: 61.

MOREAU-VAUTHIER, 1913

La peinture: les divers procédés, les maladies des couleurs, les faux tableaux.

Edição consultada: Paris: Hachette, 1933¹⁰¹.

Outras edições: Paris: Librairie Hachette, 1913; Bergamo: Istituto italiano d'arti grafiche, 1913¹⁰².

Autor: Charles Moreau-Vauthier (1857-1924) foi pintor e crítico de arte. Tem um extensa obra publicada em que se inclui *Comment on peint aujourd'hui* (Paris, 1923) onde apresenta as diferentes técnicas de alguns artistas da sua época¹⁰³.

Contextos e conteúdos: São referidos os processos da pintura desde a Pré-História até ao século XIX e indicados as diferentes técnicas da pintura como o pastel, a têmpera, o guache e a aguarela. Dá especial destaque aos processos de alteração dos materiais da pintura, nomeadamente sobre as alterações das cores. O último capítulo é dedicado à conservação da pintura. Consiste numa importante referência sobre os aspectos da durabilidade dos materiais da pintura conhecidos no início do século XX.

Fontes secundárias consultadas: Nadolny, et al., 2012

NOUVEAU DICTIONNAIRE, 1753

Nouveau Dictionnaire universel des Arts et des Sciences, français, latin et anglais, contenant la signification des mots de ces trois langues traduit de l'anglais de Thomas Dyche.

Edição consultada: Avignon: Girard, 1753¹⁰⁴.

Autor: Antoine Furetière, Thomas Dyche, William Pardon (?)

Contexto e conteúdos: François Girard refere no início deste dicionário de que se trata de um extrato dos melhores dicionários, em especial o de Furetière: *Dictionnaire universel contenant généralement tous les mots François, tant vieux que modernes, & les termes de toutes les sciences et des arts* (1690) e do dicionário de Thomas Dyche e William Pardon, publicado em Londres (Richard Ware), em 1735: *A new general English dictionary: peculiarly calculated for the use and improvement of such as are unacquainted with the learned languages...* dedicado às artes, em especial às artes mecânicas.

101 Disponível em: <http://digi.ub.uni-heidelberg.de>

102 Edições referidas em: <http://www.worldcat.org>.

103 Charles Moreau-Vauthier (1857-1924). 2015.

104 Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/>

ORLANDI, 1719

L'Abecedario Pittorico dall' autore ristampato corretto et accresciuto de molti professor e di altre notizie spettanti alla pittura A Monsieur Pierre Crozat Eccellente e Magnifico Amatore e Dilettante di Pittura Scultura e di altre belle Arti nella Real Città di Parigi.

Edição consultada: Bologna: Per Costantino Pissari all' Insegna di S. Michele, 1719¹⁰⁵.

Outras edições: Bologna: Costantino Pissari 1704; Firenze: G. Ubaldi, 1731; Nápoli, Bologna: A. Vocola, 1731; Nápoli: Rispoli, 1733; Venezia: Giambatista Pasquali, 1753; Nápoli, 1763; Firenze, 1787; New York: Broude International Editions, 1980¹⁰⁶.

Autor: Pellegrino Antonio Orlandi (1660-1727). Natural de Bolonha, estudou Filosofia e Teologia¹⁰⁷.

Contexto e conteúdos: Trata-se da segunda edição da obra publicada em 1704. Consiste num compêndio bastante complexo, organizado por ordem alfabética. A primeira parte integra notas biográficas de vários pintores; a segunda um catálogo de monogramas, cifras, marcas e assinaturas de pintores e gravadores (tema pelo qual é sugerido pelo Abade de Castro e Sousa, em 1863¹⁰⁸), mas também recomendações sobre o desenho, a preparação das telas, a reentelagem, os vernizes e a pintura a fresco. Inclui um catálogo de livros referentes às belas artes.

Fontes secundárias consultadas: Stols-Witlox, 2014; Bordini, 1995.

OUDRY, 1752

Discours sur la Pratique de la Peinture et ses Procédés Principaux: ébaucher, peindre à fond et retoucher.

Académie Royale, 2 Dezembro 1752 [conferência]

Edição consultada: In: E. Piot, ed. 1863. *Le Cabinet de l'Amateur*. Paris: Librairie Firmin Didot Frères, Fils Et C.^a, pp. 107-117¹⁰⁹.

Autor: Jean-Baptiste Oudry (1686-1755) foi pintor da corte de Luís XV de França, tornando-se um dos mais populares pintores franceses do século XVIII. Estudou desenho e pintura na *Académie de Saint-Luc*, em Paris, antes de ser aluno, durante cinco anos (c.1707-1712) de Nicolas de Largillière (1656-1746). Foi aceite como agregado na *Académie Royale* em 1717 e promovido a professor em 1743¹¹⁰.

Contextos e conteúdos: Durante a segunda metade do século XVII, os artistas ativos na Academia de Belas Artes de Paris estabeleceram a técnica da pintura baseada em três fases: *ébaucher*, *empâter*, e *retoucher* (esboçar, empastar e retocar). Na sua conferência de 1752, Oudry, então presidente da Academia incluiu algumas variantes

105 Disponível em: <https://books.google.pt>

106 Stols-Witlox, 2014: p. 100.

107 Orlandi, Pellegrino Antonio, 2003.

108 Sousa, 1863: 20.

109 Disponível em: <https://books.google.pt>

110 Preface to Jean-Baptiste Oudry's Lectures on Painting Techniques Delivered to the French Royal Academy in 1749 and 1752. s. d.

nesta técnica considerada amplamente aceite¹¹¹. Esta conferência foi publicada, em 1863 e fornece informações sobre as práticas da pintura estabelecida pelos acadêmicos.

Fontes secundárias consultadas: Stols-Witlox, 2014; Nadolny, et al., 2012; Phenix, et al., 2009.

PACHECO, 1649

Arte de la Pintura, su Antiguidad y Grandezas. Describense Los Hombres Eminentes que ha auido en elle, assi antigos como modernos; del dibujo, y colorido; del pintar al temple, al olio, de la iluminacion, e estofado, del pintar al fresco; de las encarnaciones, de polimento, y de mate; del dorado, bruñido, y mate. Y enseña el modo de pintar todas las pinturas sagradas.

Edição consultada: Sevilha: Simon Faxardo, 1649¹¹².

Outras edições: Madrid, 1866; Madrid: Leon Pablo Villaverde 1871; Madrid: M. Galiano, 1866; Madrid: Instituto de Valencia de Don Juan, 1956; Véliz, 1986 (Cambridge: Cambridge University Press); Madrid: Cátedra, 1990¹¹³.

Autor: Francisco Pacheco (1564-1638). Natural de Sevilha, aprendeu a pintar com Sargas Luis Fernandez. Teve intensa atividade pictórica em Sevilha através de encomendas oficiais e particulares. Teve uma filha que veio a casar com o pintor Diego Velasquez de quem foi mestre¹¹⁴.

Contexto e conteúdos: A obra está dividida em três volumes. O primeiro dedica-se à definição da pintura e inclui uma listagem de pintores famosos. O segundo trata das partes essenciais da pintura: a invenção, o desenho e o colorido. O terceiro aborda os aspetos práticos da pintura. Começa com o desenho e os cartões, passa para a pintura a têmpera, a iluminura, a pintura a fresco e a pintura a óleo. Fornece indicações para a elaboração das camadas de preparação, das cores e dos vernizes.

Fontes secundárias consultadas: Stols-Witlox, 2014; Nadolny, et al., 2012; Roth-Meyer, 2004; Bordini, 1995.

PAILLOT DE MONTABERT, 1829-1851

Traité complet de la Peinture.

Edição consultada: Paris: J. F. Delion, Libraire, vol. IX, 1829¹¹⁵.

Autor: Jacques-Nicolas Paillot de Montabert (1771-1849). Natural de Troyes, foi pintor de história e de retratos. Foi aluno de Baudement que lhe ensinou desenho. Viajou pela Holanda, Alemanha e Itália. Foi para os Estados Unidos onde viveu da pintura de retratos. Regressado a França continuou a sua formação no atelier de David. Como

111 Nadolny, et al., 2012: 26.

112 Disponível em: <https://books.google.pt>

113 Stols-Witlox, 2014: 102.

114 Asensio Y Toledo, 1867.

115 Disponível em: <https://books.google.pt>

pintor confirmado expôs no *Salon*, entre 1802 e 1817, um grande número de retratos. Em 1812 publicou *Dissertation sur les peintures du Moyen-Age e Observations sur les coloris et la peinture encaustique* e, no ano seguinte *Théorie du geste dans l'art de la peinture*¹¹⁶.

Contexto e conteúdos: De natureza enciclopédica, este tratado organizado em dez volumes é uma obra de referência no domínio das técnicas da pintura. Nesta monumental obra destinada a “instruir e formar os artistas” é apresentada uma grande diversidade temática. O primeiro volume contém um glossário dos termos da pintura, um inventário de textos sobre pintura e um índice de pintores desde a época medieval até à atualidade. Os volumes seguintes são dedicados ao desenho, à perspetiva, ao claro-escuro e à cor. O volume oitavo é totalmente dedicado à cor e às tintas analisadas segundo a perspetiva, a pincelada e os diferentes géneros de pintura. Apresenta ainda uma longa explicação sobre as técnicas da encaustica. No nono volume descrevem-se as técnicas e os materiais da pintura a óleo. São apresentados materiais como os vernizes, os óleos, os suportes, as camadas de preparação e várias receitas das diferentes cores utilizadas. Acrescenta um “vocabulário cromático”, descreve técnicas como a pintura com verniz, pintura com azeite sobre cera, a fresco, a cola, com leite, guache, aguarela, pastel, sobre cerâmica e vidro. Termina com a apresentação dos utensílios do pintor, onde trata das molduras, da organização do atelier, dos papéis e estampas, dos espelhos e da câmara escura, dos manequins, das caixas de tintas, paletas e pincéis. No último volume, ao longo de mais de 100 páginas, são apresentadas ilustrações com reproduções de pinturas, desenhos para o estudo da perspetiva e das sombras, desenhos anatómicos, esquemas para aplicações sucessivas das camadas de tintas e ilustrações do atelier e dos seus equipamentos.

PALOMINO DE CASTRO Y VELASCO, 1715-1724

El Museo Pictórico Y Escala Óptica. Práctica De La Pintura, En Que Se Trata Del Modo De Pintar Á El Olio, Temple, Y Fresco, con la resolucion de todas las dudas, que en su manipulation pueden ocurrir. Y de la Prespectiva comun, la de Techos, Angulos, Teatros, y Monumentos de perspectiva, y otras cosas muy especiales, con la direccion y documentos para las ideas ó Assumptos de las obras que se ponen algunos exemplares.

Edição consultada: Madrid: Lucas Antonio de Bedmar¹¹⁷.

Outras edições: Madrid: la Viuda de Juan Garcia Infançon, 1724; Madrid: Imprenta de Sancha, 1795-1797; London, 1739, 1742, 1782, 1787; Paris: 1749, 1762; Dresden, 1781 Buenos Aires, 1944; Madrid, 1947; Cambridge: N. Ayala Mallory, 1987¹¹⁸.

Autor: Acisclo Antonio Palomino de Castro y Velasco (1653-1726). Com 10 anos mudou-se para Córdoba. Preparou-se para exercer o sacerdócio e aprendeu desenho e pintura. Trabalhou em 1678 sob a direção de Juan Carreño de Miranda e Claudio Coello. Estudou matemática no Colégio Jesuíta. Foi nomeado pintor régio de Carlos II

116 Roth-Meyer, 2004: 220.

117 Disponível em: <https://books.google.pt>

118 Bordini, 1995: 113.

de Espanha, em 1688. Em 1712 mudou-se para Granada onde pintou retábulos¹¹⁹.

Contexto e conteúdos: Trata-se de uma obra de grande alcance histórico onde Palomino revela uma profunda erudição e domínio dos conceitos técnicos baseados certamente na sua própria experiência de pintor. O segundo volume é dedicado à prática da pintura e está dividido em seis partes. A primeira, *El principiante*, apresenta as qualidades necessárias para exercer o ofício de pintor e fornece as bases de anatomia e proporções. A segunda, *El Copiante*, trata do desenho, dos instrumentos do pintor, da forma de preparar telas e outras superfícies a pintar, da preparação das cores a óleo, dos óleos e secantes, e finalmente, como pintar panejamentos, paisagens, flores ou frutos. *El Aprovechado* é a parte dedicada ao estudo do natural, dos modelos, dos retratos, da arquitetura e das técnicas da pintura a têmpera. Na quarta parte, *El Inventor* fala da invenção e da prática da pintura a fresco. Em *El Práctico* discorre sobre a prática e engenho que deve ter o pintor e fornece noções de perspetiva. Por último, *El Perfecto*, aborda os efeitos estéticos da pintura e fornece vários exemplos, muitos deles da sua própria experiência. Nos dois últimos capítulos deixa algumas curiosidades e segredos da pintura, nomeadamente, receitas de preparação de cores (ultramarino, carmim, branco de chumbo e verde de cobre), de vernizes e dourados. O terceiro livro consiste numa recolha de 226 biografias de artistas dispostas por ordem cronológica. A obra apresenta ainda no final um importante glossário de termos da pintura.

Fontes secundárias consultadas: Stols-Witlox, 2014; Nadolny, et al., 2012; Bordini, 1995.

PANIER, 1856

Peinture et Fabrication des Couleurs, ou traité des diverses peintures à l'usage des personnes de deux sexes qui veulent cultiver les arts.

Edição consultada: Paris: A La Librairie Encyclopédique de Roret, 1856¹²⁰.

Autor: Joseph Panier terá sido aluno e sucessor de M. Lambertye, fabricante de tintas para pintura de cavalete. Com loja instalada em Paris, Panier foi fornecedor de materiais de pintura e o “tutor” de Gustave Courbet¹²¹.

Contexto e conteúdos: Este manual começa por apresentar ideias gerais de como pintar a óleo e, em particular, como pintar paisagens. São tratadas igualmente a pintura a aguarela, guache, miniatura, pastel, fresco e cera. Contudo, ocupa-se sobretudo das cores e, embora não forneça receitas, aborda em traços gerais o seu fabrico e obtenção. No final trata ainda dos óleos, resinas e vernizes e deixa o procedimento de Thénard para recuperar, nos quadros antigos, as cores brancas quando escurcidas.

Fontes secundárias consultadas: Roth-Meyer, 2004.

119 Sorensen, 2000.

120 Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/>

121 Roth-Meyer, 2004: 412.

PERNETY 1756

Dictionnaire portatif de peinture, sculpture et gravure, avec un traité pratique des différentes manières de peindre, dont la théorie est développée dans les articles qui en sont susceptibles. Ouvrage utile aux artistes, aux élèves & amateurs.

Edição consultada: Paris: Chez Bauche, 1757¹²².

Outras edições: Paris: Chez Bauche, 1856; Paris: Onfroy, 1781; Berlin: Vob, 1764; Genève: Minkoff Reprint, 1972¹²³.

Autor: Antoine-Joseph Pernety (1716-1796), monge beneditino da Congregação de *Saint Maur* que abandona para regressar ao estado laico. Foi filósofo e alquimista, conservador da Biblioteca de Berlim, membro da *Academie Royale des Sciences et Belles-Lettres* da Prússia e de Florença¹²⁴.

Contexto e conteúdos: Segundo Bordini esta obra de carácter didático baseia-se na convicção de Pernety de que o pintor deveria ser instruído nas doutrinas históricas e científicas (geometria, óptica, perspectiva, geografia, osteologia, mitologia, arquitectura) e possuir conhecimentos sobre a natureza das cores, luzes, sombras e reflexos, etc¹²⁵. Este dicionário começa com um pequeno tratado de pintura onde trata do desenho, dos instrumentos necessários ao pintor, da pintura a têmpera, da pintura a fresco, do mosaico, da pintura a encaustica, a óleo, da miniatura, da pintura sobre vidro, esmalte e pastel. Apresenta indicações para preparação dos suportes, das camadas de preparação, das tintas, dos ligantes e vernizes. O dicionário inclui ainda com numerosos termos técnicos da pintura, escultura e gravura.

Fontes secundárias consultadas: Stols-Witlox, 2014; Bordini, 1995.

PILES, 1708

Cours de peinture par principes.

Edição consultada: Paris: Chez Jacques Estienne, 1708¹²⁶.

Outras edições: Amsterdam, Leipzig, 1766; London: J. Osborn, 1743; Genève: Slatkine Reprints, 1969; Milton Keynes: Kessinger Publishing, 2009¹²⁷.

Autor: Roger de Piles (1635-1709) foi um pintor amador e um profícuo escritor sobre artes¹²⁸.

Contexto e conteúdos: Obra de carácter essencialmente teórico onde De Piles trata de conceitos como a invenção, a disposição, o desenho, a paisagem, os retratos, o colorido e o claro-escuro. Inclui uma dissertação sobre a poesia como preferível à pintura. Ver Piles 1766.

122 Disponível em: <https://books.google.pt>

123 Stols-Witlox, 2014: 105-106

124 Antoine-Joseph Pernety (1716-1796), 2015.

125 Bordini, 1995: 126.

126 Disponível em: <https://books.google.pt>

127 Edições referidas em: <http://www.worldcat.org>.

128 Nadolny, et al., 2012: 24.

PILES, 1766

Éléments de Peinture Pratique.

Edição consultada: Paris: Charles-Antoine Jombert, 1766¹²⁹.

Outras edições: Paris: Nicolas Langlois, 1684; Amsterdam, Leipzig: Arkstée and Merkus, 1767; Turin, 1769¹³⁰.

Autor: Roger de Piles. Ver: Piles, 1708.

Contexto e conteúdos: Trata-se da edição revista e aumentada a cargo de Charles-Antoine Jombert da obra original de 1684. Nesta edição é adicionada a parte *L'idée du Peintre parfait* que inicialmente fazia parte da obra *Abrégé de la vie des Peintres*, do mesmo autor. Segundo Bordini este texto foi originalmente concebido para fazer parte do livro *Cours de peinture par principes* (ver: Piles, 1708)¹³¹. São apresentadas diversas técnicas da pintura: têmpera, fresco, mosaico, óleo, sobre vidro, a cera e pastel. É uma obra bastante detalhada na apresentação de preceitos, descrevendo com detalhe o atelier do pintor e os seus utensílios. Relativamente à pintura a óleo dá conselhos aos artistas que iniciam a sua atividade, trata das misturas de cores e da preparação dos óleos e vernizes.

Fontes secundárias consultadas: Stols-Witlox, 2014; Nadolny, et al., 2012; Bordini, 1995.

PILES, 1775

Recueil des divers ouvrages sur la Peinture et le Coloris.

Edição consultada: Paris: Chez Cellot & Jombert, 1775¹³².

Outras edições: Paris, 1755¹³³.

Autor: Roger de Piles. Ver: Piles, 1708.

Contexto e conteúdos: Obra essencialmente teórica que trata de assuntos tais como a “ideia de pintura perfeita”, o colorido, as obras dos mais famosos pintores comparadas com as de Rubens. No final inclui explicações sobre alguns termos da pintura.

PRUNETTI 1786

Saggio Pittorico ed analisi delle pitture più famose esistenti in Roma con il compendio delle vite de' più eccellenti pittore ec. ec. .

Edição consultada: Roma: Gio Zempel¹³⁴.

129 Disponível em: <https://books.google.pt>

130 Bordini, 1995: 94-95.

131 Bordini, 1995: 95.

132 Disponível em: <https://books.google.pt>

133 Edição referida em: <http://www.worldcat.org>.

134 Disponível em: <https://books.google.pt>

Outras edições: Roma, 1786, Paris, 1802; Roma: G. Petrucci, 1818¹³⁵; Lisboa: Impr. Regia, 1815.

Autor: Michelangelo Prunetti

Contexto e conteúdos: Trata-se de uma obra sobre a teoria da arte, sem que sejam referidas as técnicas e os materiais da pintura. São explicados os sete cânones da pintura: invenção, composição, expressão, desenho, claro-escuro, colorido e a bela escolha. Ensina os amadores em pintura a analisar a beleza e os defeitos das obras dos grandes mestres e descreve as características distintivas das diferentes escolas de pintura. Inclui um quadro cronológico sobre a vida de alguns pintores e sobre as melhores pinturas que se podem ver em Roma. A obra teve tradução para português, por João Cunha Taborda, em 1815.

RIFFAULT E VERGNAUD, 1850

Nouveau manuel complet du fabricant de couleurs et vernis contenant tout ce que rapport a ces diferentes arts.

Edição consultada: Paris: A la Librairie Encyclopédique de Roret, 1850¹³⁶.

Outras edições: *Manuel complet du fabricant de couleurs*, Paris 1845; Paris: 1862;; Philadelphia, 1874, 1879¹³⁷.

Autores: Jean René Denis Riffault des Hêtres (1752-1826) foi um químico francês. Foi responsável por várias descobertas no campo das artes, tendo publicado vários livros de química e sobre artes decorativas¹³⁸. Armand Denis Vergnaud (1791-1885), foi autor de dezenas de obras sobre química, fogo de artifício, mecânica, desenho e pintura¹³⁹.

Contextos e conteúdos: Contém informações muito detalhadas sobre o fabrico das cores, referindo as suas qualidades e inconvenientes. Igualmente com bastante pormenor são descritas as preparações das colas, os óleos e os vernizes. Os processos são retirados de escritos de químicos e fabricantes de cores como Watin, Tingry, Davy, Chaptal, Vauquelin, Mérimée, Pattison, Mullins e Crompton.

Fontes secundárias consultadas: Bordini, 1995.

ROBERT, 1878

Traité pratique de la peinture a l'huile (paysage).

Edição consultada: Paris: Henri Laurens, 1912¹⁴⁰.

Outras edições: Paris: G. Meusnier, 1878¹⁴¹

135 Edições referidas em: <http://www.worldcat.org>.

136 Disponível em: <https://books.google.pt>

137 Bordini, 1995: 185.

138 Gorton, 1838: s. p.

139 Vergnaud, Armand-Denis (1791-1885; colonel), 2015.

140 Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/>

141 <https://books.google.pt>

Autor: Karl Robert, pseudónimo de Georges Meusnier (1848-19..). foi professor de desenho e pintor. Era filho do escultor Mathieu-Mesusnier (1824-1876)¹⁴²

Contextos e conteúdos: Obra bastante completa sobre os materiais e as técnicas da pintura a óleo, focando-se no género de paisagem. A obra inclui descrições detalhadas sobre os materiais e equipamentos que o pintor deveria utilizar para pintar no atelier e no campo. Fornece informações sobre as cores e os vernizes. Dá indicações sobre o que é que deve ser pintado em atelier e sobre os estudos “do natural”.

Fontes secundárias consultadas: Nadolny, et al., 2012.

ROOD, 1881

Théorie scientifique des couleurs et leurs applications à l'art et à l'industrie.

Edição consultada: Paris: G. Baillièrre et Cie, 1881¹⁴³.

Outras edições: Chicago: 1879, 1880, 1973.

Autor: Odgen Nicholas Rood (1831-1902), natural de Danbury, Connecticut, foi físico e pintor amador. Formou-se no *Princeton College*, em 1852, em Yale. Foi assistente na Universidade de Virgínia. Complementou a sua formação em física na Alemanha (1854-1858) desenvolvendo estudos científicos nas universidades de Berlim e Munique e praticando pintura a óleo. Foi professor de química na Universidade de Troy (Nova Iorque). Em 1863 assumiu a cadeira de física na Universidade Columbia. A sua experiência como estudante de arte em Munique aproximou-o dos temas da visão e da cor, situando-se entre a física e a pintura¹⁴⁴.

Contexto e conteúdos: Publicado em 1879 com o título *Modern Chromatics, with Application to Art and Industry*. Contém uma teoria artística da cor. Divide as cores em três constantes: pureza, luminosidade e matiz. Identifica as cores complementares aditivas a partir de discos coloridos em movimento. A teoria da cor expressa por Rood nesta obra terá influenciado de forma determinante a pintura de Seurat¹⁴⁵.

Fontes secundárias consultadas: Roque, 2009.

SAINT-VICTOR, 1835

Aquarelle – Miniature perfectionnée, reflects métalliques et chatoyants, et peinture à l'huile sur velours en six leçons sans maître et sans qu'il soit nécessaire d'avoir aucune notion de dessin, suivis de moyens pour esquisser de suite d'après nature, avec toutes les réductions progressives que l'on désire ouvrage orné de quinze sujets dont sept peints a la main avec toutes les explications pour parvenir rapidement a l'execution.

Edição consultada: Milano: Imprimerie et Libraire de Félix Rusconi, Paris: Giroux 1835¹⁴⁶.

142 Georges Meusnier (1848-19..), 2015.

143 Disponível em: <https://archive.org>

144 Nichols, 1909: 449-472.

145 Roque, 2009: 356-358.

146 Disponível em: <https://books.google.pt>

Autor: Chevalier Saint-Victor (Beauvalet), pintor¹⁴⁷.

Contexto e Conteúdos: A obra inicia-se com a descrição detalhada dos pigmentos e dos utensílios necessários para a pintura a aguarela e a óleo. Contém instruções precisas para pintar flores, frutas, animais e paisagens. Inclui no final um dicionário de termos técnicos.

SECRETS, 1716

Secrets Concernant les Arts et Métiers.

Edição consultada: Avignon: chez ét, Chaillot 1810¹⁴⁸.

Outras edições: Paris: C. Jombert, 1716; Berlin: Dusarrat, 1717; Nancy: J. de la Riviere, 1721; Rouen: Charles Ferrand, 1724; Avignon: Claude Delorme, 1737; Buxelles: la Compagnie 1747, 1755, 1758, 1760, 1762, 1766, 1767, 1784; Caen: G. Le Roy, 1786; Paris: Moutard, 1790; Paris: Bossange, 1791, 1792; Lyon: A. Leroy, 1804¹⁴⁹.

Autor: Anónimo

Contexto e conteúdos: Este compêndio, de autor anónimo, contém uma miscelânea de receitas de pintura a óleo, gravura, metal, verniz, vidro, tintas para madeira e tecido, mas também, diversas indicações para fazer vinho, xaropes, compotas ou tabaco, etc. Segundo Bordini foi inspirado em grande parte no livro de segredos de Alessio Piemontese (1555) e o seu conteúdo parece-se com os livros de receitas medievais¹⁵⁰.

Fontes secundárias consultadas: Stols-Witlox, 2014; Bordini, 1995.

VASARI 1550 (1568)

Le Vite de' piu eccellenti architetti, pittori, et scultori italiani, da Cimabue insino a' tempi nostri; descritti in lingua Toscana da Giorgio Vasari Pittori arentino. Con una sua utili e necessaria introduzzioni a le arti loro.

Edições consultadas: Firenze: Lorenzo Torrentino, 1550 e Firenze: Apresso I gunti, 1568 (revista e aumentada)¹⁵¹.

Outras edições: Bologna: gli heredi di E. Dozza, 1647; Roma: Pagliarini, 1759/60; Livorno: Coltellini, Firenze: Stecchi e Pagani, 1767-1772; Siena: Pazzini Cali e Compagno, 1791-4; Milano: Società Tipografica de' Classici Italiani, 1807-11; Venezia: Antonelli, 1828-30; Stuttgart, Tubingen: Cott'schen Buchhandlung, 1832-49; Firenze: Le Monnier, 1846-1870; Firenze: Sansoni, 1878-1885; Paris: Just. Tessier, 1839-42; London: Seeley and Co., 1883-5; London: J. Foster, 1850-1855; Firenze: G. Milanese, 1878-1881; London: G. C. De Vere, 1912-1914; Strasbourg: G. Gottschewski, G. Gronau, 1916; Milano, Roma: C. L. Ragghianti, 1942-1950; New York: Dover editions, 1960,

147 Saint-Victor, 1835: 5.

148 Disponível em: <https://books.google.pt>

149 Stols-Witlox, 2014: 117.

150 Bordini, 1995: 114.

151 Disponível em: <https://books.google.pt>

Milano: P. Della Pergola, L. Grassi, G. Previtali, 1962; New York: A. B. Hinds, 1963; Firenze: R. Bettarini, P. Barocchi, 1966-1987; Paris: A. Chastel, 1981-1898¹⁵².

Autor: Giorgio Vasari (1511-1574) natural de Arezzo, Itália, foi pintor arquiteto, sendo reconhecido sobretudo por esta obra. Foi discípulo de Guglielmo de Marcillat, mas a sua formação mais sólida obteve-a em Florença, no círculo de Andrea del Sarto¹⁵³.

Contexto e Conteúdos: Nadolny, et al. consideram esta obra das mais influentes na História da Arte europeia¹⁵⁴. Principalmente dedicado às biografias dos pintores, os capítulos introdutórios contêm referências as técnicas usadas na pintura, arquitetura, escultura e gravura. No primeiro capítulo dedicado à pintura inclui a sua definição e trata da cor, do claro-escuro e dos conceitos de invenção e história. Nos capítulos II e III dá instruções para o exercício do desenho e dos esboços. Nos capítulos seguintes trata da cor e da pintura a fresco, a têmpera e a óleo. Dá instruções para a preparação dos suportes, das camadas de preparação e para a preparação das tintas e sua aplicação.

Fontes secundárias consultadas: Stols-Witlox, 2014; Nadolny, et al., 2012; Bordini, 1995.

VIBERT, 1891

La science de la peinture.

Edição consultada: Paris: Paul Ollendorff¹⁵⁵.

Outras edições: London: Percy Young, 1892; Paris: Paul Ollendorff, 1893; Milano, Buenos Aires: Demarchi, Arturo, 1893; Paris: Paul Ollendorff, 1896, 1900, 1902, 1913; London: Percy Young, 1915; Paris: A. Michel, 1925; Moskva: izd-vo Akademii hudozest SSSR, 1961; Paris: Gutenberg reprint 1981; Moskva: Svarog i K, 2000; Ferrara: Liberty House, 2005; [s.l.]: Theclassics Us, 2013¹⁵⁶.

Autor: Jehan-George Vibert (1840-1902)¹⁵⁷. Estudou na *École des Beaux-Arts* em Paris onde ingressou em 1857. Foi um pintor de sucesso e também um ator dramático. Foi desde cedo reconhecido pela seu talento como aguarelista e desenvolveu uma gama de cores exclusivamente para aguarela. Apaixonado pela química das cores, Vibert dedicou-se também ao desenvolvimento de processos antigos da pintura, tendo criado um verniz para a pintura a óleo e outro para a pintura a ovo, vendidos na casa comercial Mary & Fils e na Lefranc & Cie de quem era colaborador¹⁵⁸.

Contexto e Conteúdos: Trata-se de uma importante fonte para o conhecimento dos materiais e técnicas da pintura a óleo nos finais do século XIX, com várias edições e traduções para inglês, italiano e russo. A obra contém informações detalhadas

152 Stols-Witlox, 2014, Vol. II: 133; Bordini, 1995: 54-55.

153 Giorgio Vasari. s. d.

154 Nadolny, et al, 2012: 11.

155 Disponível em: <https://archive.org>

156 Edições referidas em: <http://www.worldcat.org>.

157 Saint-Victor, 1835: 5.

158 Roth-Meyer, 2004: 326-329.

sobre as cores, os óleos, os vernizes e os suportes. Fornece informações sobre as características das cores, nomeadamente referindo a sua estabilidade e durabilidade. No final, em apêndice, inclui receitas para fazer as diferentes cores. Vibert refere-se também às técnicas da pintura descrevendo com detalhe a fase de esboço e as seguintes.

Fontes secundárias consultadas: Stols-Witlox, 2014; Nadolny, et al., 2012; Roth-Meyer, 2004; Carlyle, 2001.

WATIN, 1773

L'art du peintre, doreur, vernisseur du Peintre, Doreur, Vernisseur; Ouvrage utile aux Artistes & aux Amateurs qui veulent entreprendre de Peindre, Dorer & Vernir toutes sortes de sujets en Bâtimens, Meubles, Bijoux, Equipages, &c. in_8º. de 400 pages, en trois parties: Par le Sieur Watin, Peintre, Doreur, Vernisseur, & Marchand des Couleurs, Dorures & Vernis. Seconde Édition revue, corrigée & considérablement augmentée.

Edição consultada: Paris: Chez Grangé, Durand, L'Auteur, 1773¹⁵⁹.

Outras edições: Paris: Quillau, 1772; Leipzig: Crusius, 1774; Liège: De Boubers, 1774; Liège: De Boubers, 1778; Paris: Durand, 1776; Leipzig: Crusius, 1779; Paris: Watin, 1785; Paris, Liège: Desoer, 1787; Paris, 1788, Liège, Paris: J. F. Desoer, 1793; Paris: Bidault, 1802; Paris: Belin fils, 1808, 1815; Paris: Belin-Leprieur, 1819; Lyon, Paris: Belin-Leprieur, 1823, 1828; Paris: Roret, 1851, 1864; Paris: L. Mulo, 1898; Paris: L. Laget, 1975, 1977; Montreal: Bibliothèque Nationale de Québec, 1979; Montpellier: Editions de l'Espérou, 2005; Paris: Laget, 2011¹⁶⁰.

Autor: Jean Félix Watin (1728-?), pintor, dourador e comerciante de materiais de pintura¹⁶¹.

Contexto e conteúdos: Inclui várias receitas de materiais da pintura a têmpera e a óleo, para douramento, de vernizes para diferentes usos e de técnicas decorativas. Termina com um dicionário de termos técnicos e uma lista detalhada de materiais que se vendia no seu estabelecimento em Paris.

Fontes secundárias consultadas: Stols-Witlox, 2014, Roth-Meyer, 2004; Bordini, 1995.

WIERTZ, 1859

La peinture mate. Procédé nouveau.

Edição consultada: não foi consultado

Outras edições: Paris: Typ. de Fr. Van Meenen, 1859; Bruxelles: Ve. Parent et Fils, 1867¹⁶²

159 Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/>

160 Stols-Witlox, 2014: 139.

161 Roth-Meyer, 2004: 218-219.

162 Universiteitsbibliotheek Gent, 2015.

Autor: Aintoine Wiertz (1806-1865), pintor, natural de Dinant, na Bélgica, integrou a Academia de Belas Artes de Anvers por volta de 1820. Instalou-se em Bruxelas onde viveu até à sua morte. Executou obras de grandes dimensões e desde cedo se apercebeu da dificuldade de conciliar as grandes pinturas com a técnica da pintura a óleo onde o brilho impede o espectador de apreciar a obra por inteiro¹⁶³.

Contexto e conteúdos: A obra resulta das experiências de Wiertz para se libertar dos contrastes da matéria da pintura a óleo. Por volta de 1850 elabora um novo método de pintura mate de modo a evitar o efeito espelhado das superfícies da pintura a óleo. O texto desta obra foi originalmente publicado na *Revue trimestrielle*¹⁶⁴.

Fontes secundárias consultadas: Janssen, 2012.

163 Janssen, 2012.

164 Janssen, 2012.

1.2 TRADUÇÕES PARA PORTUGUÊS

BELLORI E MACHADO, 1815

As Honras da Pintura, Escultura e Architectura.

Edição consultada: Lisboa: Imprensa Régia, 1815¹⁶⁵.

Autor: Giovanni Pietro Bellori (1613-1696), escritor e crítico de arte¹⁶⁶.

Tradutor: Cirilo Volkmar Machado. Ver: Machado, 1817.

Contexto e conteúdos: Trata-se da tradução do prefácio de *Le vite de' pittori, scultori et architetti moderni*, publicado originalmente em Roma em 1672¹⁶⁷ baseado na conferência dada pelo autor na Academia de S. Luca, em Roma, em 1664, com anotações de Machado. A obra original teve várias edições em italiano (1728, 1931, 1821, 1976). Trata-se da recolha de biografias dos artistas mais relevantes da época. Têm particular interesse as informações pontuais sobre os seus materiais e técnicas¹⁶⁸.

DUFRESNOY, PILES E FERREIRA, 1801

A Arte da Pintura de C. A. Du Fresnoy, traduzida do Francez em Portuguez e Exposta aos Candidatos e Amadores desta Bella Arte.

Edição consultada: Lisboa: Typographia Calcographica, Typoplastica, E Litteraria do Arco do Cego¹⁶⁹.

Autor: Ver: Dufresnoy, 1668 e Piles, 1708.

Tradutor: Jerónimo de Barros Ferreira (1750-1803), pintor, desenhador, gravador e escritor¹⁷⁰.

Contexto e conteúdos: Trata-se da tradução de *L'art de Peinture de Charles-Alphonse du Fresnoy, traduit en Français, avec de remarques necessaires et tres-amplés* de Roger de Piles de 1668¹⁷¹. Ver: Dufresnoy, 1668.

DUHAMEL DU MONCEAU, CHEVALIER E VELOSO, 1799

Arte De Fazer Colla Forte, Composta Em Francez Por Mr. Duhamel. Addiccionada Com Memoria De Mr. Chevalier, Sobre A Colla Fina De Peixe; Ou Issin Glass Dos Inglezes. E com as receitas de fazer as taboletas de caldo, ou de substancia. Publicada de ordem de S. Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor.

Edição consultada: Lisboa: Na Officina da Casa Litteraria do Arco do Cego, 1799¹⁷².

Autores: Henri-Louis Duhamel du Monceau (1700-1782) foi autor de relevantes

165 Consultado na BNP, cota B.A. 389 P.

166 Bellori, Giovanni Pietro, s. d.

167 Disponível em: <https://books.google.pt>

168 Bordini, 1995: 89.

169 Consultado na BNP, cota: B.A. 1685// 1 P.

170 Pamplona, 2000, Vol. II: 294.

171 Disponível em: <https://books.google.pt>

172 Disponível em: <https://books.google.pt>

investigações no domínio da botânica, agronomia, construção naval, física e química¹⁷³. Não foram encontradas referências sobre M. Chevalier.

Tradutor: José Mariano da Conceição Veloso (1742-1811), nasceu no Brasil, onde em 1761 se tornou franciscano. Estudou Filosofia e Teologia e foi, em 1771, docente de Geometria no Convento de Santo António no Rio de Janeiro. Desde cedo se dedicou aos estudos de Botânica. Em 1790 foi para Lisboa onde se ocupou da classificação de espécies naturais tendo trabalhado no Real Museu e Jardim da Ajuda e na Academia Real de Ciências de Lisboa. Entre 1779 e 1801 desenvolveu uma intensa atividade editorial enquanto diretor da Tipografia Calcográfica, Tipoplástica e Literária do Arco do Cego. Partiu para o Brasil em 1808, após a ida da família real na sequência das invasões francesas, ficando a viver no Rio de Janeiro dedicado aos estudos botânicos pelos quais se tornou célebre¹⁷⁴.

Contexto e conteúdos: Trata-se da tradução da obra *L'Art de faire différentes sortes de colles* Duhamel du Monceau, publicado em Paris em 1771¹⁷⁵, ao qual o tradutor adicionou a tradução de *On the Russian method of preparing isinglass, and on a manufacture of that kind established in England* publicado em 1786 por M. Chevalier na revista *Chemical Annals, dedicated to the Lovers of Natural History, Medicine, Domestic Economy, Manufactures, & c.*

A obra inclui instruções detalhadas para produzir diferentes tipos de colas. Contém várias notas introduzidas por Veloso.

FLEURY, 1903

Novo tratado usual da pintura de edifícios e decoração.

Edição consultada: Rio de Janeiro: H. Garnier, 1903¹⁷⁶.

Autor: Paul Fleury (1857-191-) natural de Reims em França. Foi diretor do *Journal-manuel des peintres*¹⁷⁷.

Tradutor: desconhecido

Contexto e conteúdos: Tradução do tratado de Paul Fleury, *Nouveaux traité de la peinture en bâtiment, décor et décoration*, de 1898. Trata-se de uma obra sobre a pintura de edifícios. Apesar disso, tem interesse para a pintura a óleo uma vez que contém informações sobre materiais, nomeadamente sobre pigmentos, óleos, solventes, secantes, colas, vernizes, utensílios (pincéis, por exemplo). O tratado apresenta também receitas e descrição de processos.

173 Vie, 1985: 55-56.

174 Silva, 1860, Tomo IV: 55-58; Reis, s. d.a

175 Disponível em: <https://books.google.pt>

176 Consultado na BNP, cota: B.A. 1077 P.

177 Paul Fleury (1857-191.), 2015.

LAIRESSE E VELOSO, 1801

O Grande livro dos pintores, ou Arte da Pintura, considerada em todas as suas partes e demonstrada por princípios, com reflexões sobre as obras d'alguns bons mestres, e sobre as faltas que nelles se encontraõ, por Gerardo Lairesse, com hum appendice no principio sobre os principios do desenho tradução do francez. De ordem e debaixo dos auspícios de Sua Alteza Real o Principe Regente N. S.

Edição consultada: Lisboa: na Typographia Chalcographica, Typoplastica e Litteraria do Arco do Cego¹⁷⁸.

Autor: Gérard de Lairesse (1640-1711). Ver: Lairesse, 1787.

Tradutor: José Mariano da Conceição Veloso (1742-1811). Ver: Duhamel du Monceau, Chevalier e Veloso, 1799.

Contexto e Conteúdos: Ver: Lairesse, 1787.

MONTON E CERPA, 1818

Segredos das Artes Liberaes, E Mecanicas Recopilados, e Traduzidos de Varios Authores Selectos, que Tratão de Fisica, Pintura, Architectura, Optica, Quimica, Douradura, e Acharoadado, com Outras Varias Curiosidades Proveitosas, e Divertidas.

Edição consultada: Lisboa: Typ. Rollandiana¹⁷⁹.

Autor: Bernardo de Montón. Ver: Montón, 1734.

Tradutor: Joaquim Feyo de Cerpa

Contexto e conteúdos: Ver: Montón, 1734.

PRUNETTI E TABORDA, 1815

Regras da arte da pintura, com breves reflexões criticas sobre os caracteres distinctivos de suas escolas. Vidas e quadros dos mais célebres professores. Escritas na lingua italiana por Michael Angelo Prunetti. Dedicadas ao excellentissimo senhor Marquez de Borba Fernando Maria José de Sousa Coutinho Castello Branco e Menezes, um dos governadores do reino.

Edição consultada: Lisboa: Imprensa Régia, 1815¹⁸⁰.

Autor: Michelangelo Prunetti.

Tradutor: José da Cunha Taborda (1766-1836), pintor e historiador de arte. Foi discípulo de Joaquim Manuel da Rocha e do arquiteto José da Costa e Silva na Aula Régia de Desenho, em Lisboa, e de Labruzzi e Cavallucci, em Roma. Foi dos mais importantes pintores-decoradores do Real Palácio da Ajuda¹⁸¹.

Contexto e conteúdos: Ver Prunetti 1786. Começa com as “Regras da Pintura” onde trata da invenção, composição, desenho, ou o colorido. Segue com “Reflexões

178 Consultado na BNP, cota: B.A. 1564 P.

179 Consultado na BNP, cota: S.A. 19961 P.

180 Consultado na BNP, cota B.A. 4766 V.

181 Pamplona, 2000, Vol. IV: 265.

sobre a Arte Critico-Pictórica”, apresenta uma lista de pintores e escolas estrangeiras, tendo Taborda acrescentado à tradução uma lista de pintores portugueses. No final elabora um pequeno dicionário de termos técnicos de pintura. Segundo Fernando de Pamplona esta obra inclui um relevante repositório de informações sobre pintores portugueses, “embora não isentas de erros”¹⁸².

?, TRINDADE, 18--

*Encyclopedia de 124 receitas colligidas e traduzidas do francez e seguidas d'um appendice contendo trinta e tres sortes de prestidigitação as mais faceis e variadas tanto da Physica como de Chimica recreativa, por ***. Nova edição correcta e aumentada com um completo receituário para tratamento e cura de todas as enfermidades nos animaes domesticos.*

Edição consultada: Porto: Joaquim Maria da Costa, s.d¹⁸³.

Autor: desconhecido

Tradutor: Rafael Gaspar Trindade

Contexto e conteúdos: Contém receitas variadas onde se incluem receitas de tintas e vernizes.

VISPRÉ, 1801

O meio de se fazer pintor em tres horas, e de executar com o pincel as obras dos maiores mestres, sem ter aprendido o desenho.

Edição consultada: Lisboa: Na Officina da Casa Litteraria do Arco do Cego, 1799¹⁸⁴.

Autor: François-Xavier Vispré (c.1730-1794). Natural de Paris onde recebeu formação artística. Foi para Londres onde expôs na *Society of Artists* entre 1760 e 1783¹⁸⁵.

Tradutor: desconhecido

Contexto e conteúdos: Tradução de *Le moyen de devenir peintre en trois heurs, et d'exécuter au pinceau les ouvrages des plus grands maîtres, sans avoir appris le dessin* escrita anonimamente por em 1756¹⁸⁶. A obra organiza-se em diálogo entre uma aristocrática e Vispré que lhe ensina a técnica da pintura de gravura colada em vidro. São referidos materiais da pintura a óleo e as suas características.

182 Pamplona, 2000, Vol. V: 265.

183 Consultado na BNP, cota: S.A. 34330 P.

184 Consultado na BNP, cota: B.A. 97 P.

185 Jeffares, 2015.

186 Disponível em: <https://books.google.pt>

2. PORTUGUESA

ALMADA, 1749

Prendas Da Adolescencia Ou Adolescencia Prendada Com As Prendas, Artes, E Curiosidades mais uteis, deliciosas, e estimadas em todo o mundo; Obra Utilissima Nam Só Para Ingenuos Adolescentes, mas para todas, e quaesquer pessoas curiosas, e principalmente para os inclinados às Artes, ou Prendas de Escrever, Contar, Cetrear, Dibuxar, Illuminar, Pintar, Colorir, Bordar, Entalhar, Miniaturar, etc, Compostas E Oferecidas Ao Glorioso Patriarcha S. Joseph, Esposo De Maria Santissima Senhora Nossa, Pelo Doutor José Lopez Baptista De Almada Transmontano Da Villa De Chaves.

Edição consultada: Lisboa: Off. de Francisco do Silva¹⁸⁷.

Autor: José Lopes Baptista de Almada. Natural de Chaves. Foi Praça de Armas da Província Transmontana e formou-se em Direito Canónico pela Universidade de Coimbra.

Contexto e conteúdos: Constitui uma importante fonte para o estudo dos materiais e técnicas da pintura a óleo em meados do século XVIII em Portugal. Contém várias receitas para a preparação das tintas, dos secantes, o modo de purificar o óleo de linhaça e instruções para a preparação dos suportes. Apresenta, ainda, extensas informações sobre outras técnicas da pintura. Contém receitas para executar tintas para escrever, é detalhado sobre os materiais e as técnicas da iluminura e inclui receitas de mordentes, colas, betumes e vernizes.

BENTES, 1904

Historia das tintas em geral. Considerações preliminares. Escriptura ideographica, alphabetica e outras. Breve noticia das tintas de escrever.

Edição consultada: Lisboa: [s.n.], 1904¹⁸⁸.

Autor: J. A. Bentes.

Contexto e conteúdos: Traça a história das tintas de escrever e inclui informações sobre os materiais de suporte: papel e pergaminho. O texto tem como principal função a divulgação das tintas e materiais produzidos e comercializados por António Ferreira, químico industrial, com estabelecimento na Rua da Junqueira, em Lisboa.

BLUTEAU, 1712-1728

Vocabulario Portuguez, E Latino, Aulico, Anatomico, Architectonico, Bellico, Botanico, Brasilico, Comico, Critico, Chimico, Dogmatico, Dialectico, Dendrologico, Ecclesiastico, Etymologico, Economico, Florifero, Forense, Fructifero, Geographico, Geometrico, Gnomonico, Hydrographico, Homonymico, Hierologico, Lchtyologico, Indico, Ifagogico, Laconico, Liturgico, Lithologico, Medico, Musico, Metereologico, Nautico, Numerico, Neoterico, Ortographico, Optico, Ornithologico, Poetico, Philologico, Pharmaceutico, Quidditativo, Qualitativo, Quantitativo, Rethorico, Rustico, Romano, Symbolico,

¹⁸⁷ Consultado na Biblioteca do Departamento de Conservação e Restauro, FCT-UNL.

¹⁸⁸ Consultado na BNP, cota: R. 30.977

Synonimico, Syllabico, Theologico, Therapeutico, Tecnhonolico, Uranologico, Xenophonico, Zoologico, Autorizado Com Exemplos Dos Melhores Escriptores Portuguezes, E Latinos; E Offerecido A El Rey De Portugal, D. Joaõ V Pelo Padre D. Raphael Bluteau Clerigo Regular, Doutor Sagrada Theologia, Prêgador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, & Calificador do sagrado Tribunal da Inquiseção de Lisboa.

Edição consultada: Coimbra: No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, Lisboa: Officina de Pacoal da Silva.¹⁸⁹.

Autor: Rafael Bluteau (1638-1734).

Contexto e conteúdos: Foi publicado entre 1712 e 1728. Possui oito volumes e dois suplementos. Organizado em forma de dicionário, esta obra contém a descrição de termos relativos à pintura a óleo.

COLLECÇÃO, 1791

Collecção de varias receitas, e segredos particulares traduzidas dos melhores AA. Francezes por um Bom Patricio, donde se transcrevem processos geraes e particulares para a maior parte dos officios, manufacturas, a algumas Artes mecanicas.

Edição consultada: Não identificada. Consta num boletim bibliográfico da Livraria Luis Burnay, Lisboa¹⁹⁰, onde é referida, com o número 111, a edição: Porto: Na Offc. De Pedro Ribeiro França e Viuva Emery, 1791. Segundo este catálogo pensa-se tratar-se da primeira edição de Lúcio, 1844.

Autor: desconhecido.

Contexto e Conteúdos: No catálogo onde aparece listado refere-se a sua importância particular para a história das tintas.

DECIO, 1882

Encyclopedia Indispensavel ás Artes, Sciencias, Industrias, Agricultura e Economia Domestica. Formulas, Processos e Receitas de Utilidade Geral. Compiladas das mais recentes e consideradas obras publicadas no estrangeiro pelos mais distinctos medicos, professorados scientificos e industriaes notaveis por Torquato Decio.

Edição consultada: Porto: Typ. Universal de Nogueira & Caceres, 1882¹⁹¹.

Autor: Torquato Decio.

Contexto e conteúdos: Trata-se de uma enciclopédia de receitas de uma grande variedade temática. São referidos alguns corantes e pigmentos. Tem, por exemplo, receita de secantes e de vários vernizes.

189 Disponível em: <https://www.brasiliana.usp.br>

190 *Livraria Luis Burnay, Boletim Bibliográfico 52*, s. d.

191 Consultado na BNP, cota: P. 2568 V.

FALCÃO, 1906

Da Evolução dos Estilos e dos Methodos na pintura expressiva e nas artes decorativas.

Edição consultada: Lisboa: Papelaria e Typ. Estevão Nunes & F.os, 1906¹⁹².

Autor: Picotas Falcão, foi Guarda-mor da Câmara Municipal de Lisboa e aluno de pintura da Academia de Belas Artes de Lisboa¹⁹³.

Contexto e conteúdos: A obra expõe informações sobre a História da Arte da Antiguidade até ao século XIX. Inclui um capítulo dedicado às técnicas e materiais da pintura a óleo. São referidas as técnicas da pintura adotadas pelos pintores Hunt, Millais e Watts. Apresenta uma lista de tintas que oferecem maior estabilidade baseada na obra de Vibert¹⁹⁴. Inclui informações detalhadas sobre as cores a utilizar e os métodos da pintura do modelo vivo e da pintura ao ar livre.

FONSECA, 1829

A Pintura, Poema em Tres Cantos: Offerecido ao Muito Alto e Muito Poderoso Senhor D. Miguel I, Rei de Portugal, Algarve, etc.

Edição consultada: Paris: Officina Typographica de Rignoux, 1829¹⁹⁵.

Autor: José da Fonseca (1788-1866). Frequentou a Aula Régia de Desenho de Lisboa e foi para Paris em 1817, onde permaneceu até à sua morte. Dedicou-se ao ensino e à Filologia. Publicou diversas obras, nomeadamente dicionários de Português-Francês¹⁹⁶.

Contexto e conteúdos: Trata-se de um livro de pequenas dimensões do tipo livro de bolso. Terá sido inspirado na obra de Lemierre, *La peinture en trois chants* (1770)¹⁹⁷. Sob a forma de poema, o autor elabora um pequeno manual de pintura com instruções para jovens pintores. Está organizado em três partes: desenho, cor e invenção poética.

No prefácio, Fonseca refere que deixou de parte as regras e os termos técnicos da pintura por ocuparem muito espaço e para não cansar o leitor já que a obra se dirige a um público alargado.

FORTES, 1727

O engenheiro Portuguez: Dividido em dous Tratados. Tomo Primeyro, que comprehende a Geometria Practica sobre o papel, e sobre o terreno; o uso dos instrumentos mais necessarios aos Engenheiros; o modo de desenhar, e dar aguadas nas plantas Militares; e no Apendice a Trigonometria rectilinea. Obra Moderna , e de Grande Utilidade para os Engenheiros, e mais officiais Militares.

192 Consultado na BA-FCG, cota: DC 17

193 Duarte e Mega, 2008: 166.

194 Vibert, 1891.

195 Consultado na BNP, cota: L. 66871 P.

196 Silva, 1860, Tomo IV: 334.

197 Lemierre, 1770.

Edição consultada: Lisboa Occidental: Na Officina de Manoel Fernandes da Costa, 1727¹⁹⁸.

Autor: Manoel de Azevedo Fortes (1660-1749). Cavaleiro da Ordem de Cristo, Sargento-Mor de Batalha, Engenheiro-Mor do Reino Académico da Academia Real de História e professor da Academia Militar. Fez os seus estudos na Universidades de Espanha e França, onde adquiriu conhecimentos não só nas ciências exatas e naturais, mas também em teologia¹⁹⁹.

Contexto e conteúdos: Obra constituída por dois volumes. Trata-se de uma obra fundamental da engenharia militar escrita com propósitos explicitamente didáticos.

No volume primeiro inclui receitas de tintas e o modo das aplicar.

Fontes secundárias consultadas: Diogo, 2014.

LAEL, C. 1900

Livro de Ouro das Famílias. 6.380 receitas. Verdadeira enciclopedia da vida pratica, obra ilustrada com 198 gravuras. Adorno de casa – Medicina pratica – Maternidade - Mobiliario – Jardinagem – Pharmacia domestica – Generos alimenticios – Lavagens – Collas – Vernizes – Hygiene – Conservas – Animaes domesticos – Perfumarias – Illuminação e calefacção – Couros e peles – Metaes – Doçaria – Massas e cimentos – Soccoros de urgencia – Lavares e passatempos – Rendas e bordados – Tintas – Tecidos e vestidos – Estrumes e adubos, etc., etc.

Edição consultada: Lisboa: Portugal-Brasil, Sociedade Editora Arthur Brandão & c.^a, s. d.²⁰⁰

Outras edições: *Livro de ouro das famílias 5577 Receitas*. Lisboa: Portugal-Brasil, Sociedade Editora, s. d.; *Livro de ouro das famílias 7113 Receitas*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1935.

Autor: Searom Lael (coordenador). Pseudónimo de Pedro Herculano de Morais Leal²⁰¹.

Contexto e conteúdos: Trata-se de uma enciclopédia com 6380 receitas sobre uma grande variedade de temas, entre os quais se incluem receitas para purificação e preparação de óleos e vernizes.

LUCIO, 1844-1845

Collecção de receitas e segredos particulares necessarios para o tintureiro, e para a maior parte dos artistas, manufacturas, officios, e outros diferentes objectos.

Edição consultada: Coimbra: Typ. De M. Caetano da Silva²⁰².

198 Consultado na BNP, cota: S.A. 3905 P.

199 Silva, 1859, Tomo III: 369.

200 Consultado na BNP, cota: S.A. 32148 P.

201 Andrade, 1999: 241.

202 Consultado na BNP, cota: S.A. 35968 P.

Autor: João Baptista Lucio. No dicionário bibliográfico português de Inocêncio Francisco da Silva, de 1859, este refere que Lucio falecera há poucos anos e que nada sabia sobre os seus dados biográficos²⁰³.

Contexto e conteúdos: Extensa obra organizada em seis volumes. Os primeiro cinco foram publicados em 1844 e o sexto no ano seguinte. Em 1845 a Revista Universal Lisbonense dedicava a esta obra um extenso artigo onde a sua importância é referida da seguinte forma: *Esta obra torna-se recommendavel, por ser a primeira que apparece escripta na lingua portugueza contendo processos de certa natureza, descriptos fielmente pelo proprio auctor que os praticou em grande parte, no espaço de vinte anos, e além d'isso, outros muitos colhidos entre 72 autores de grande credito*²⁰⁴.

A obra integra a história da tinturaria, descreve o princípio dos corantes e refere as principais matérias corantes e a forma das obter. Contém instruções para preparar materiais para uso na arte, como por exemplo, como produzir prussiato de potassa para fabricar azul da Prússia. Contém receitas para produzir tintas para a pintura a óleo e descreve com pormenor a forma de preparar colas e vernizes. Integra ainda uma grande miscelânea de receitas para diversos ofícios e uso doméstico. No volume III, tem a indicação que alguns dos processos descritos para preparação das tintas foram tirados a partir das obras da Enciclopédia Roret, de 1842 (p. 340).

MACEDO, 1885

Restauração de quadros e gravuras.

Edição consultada: Bibliotheca do Povo e das Escolas. Serie 14, 112. Lisboa: David Corazzi, 1885²⁰⁵.

Autor: Manuel Maria de Macedo Pereira Coutinho da Cunha Portugal e Menezes (1839-1915). Aos 19 anos dedicou-se ao Desenho cujos princípios tinha aprendido com professores estrangeiros. Nos anos de 1857-58 estudou no atelier do pintor Tomás Anunciação (1818-1879). Mudou-se depois para o Porto, em 1858, onde se instalou nos dois anos seguintes. Lá estudou com os pintores Francisco José Resende (1825-1893), os irmãos Correias, Francisco Pinto da Costa e o aguarelista Alfredo G. Howell. Viveu numa casa humilde na Foz sobrevivendo com a venda, sobretudo a estrangeiros, de albúns de desenhos humorísticos e quadros de costumes populares do Norte. Em 1861, mudou-se para Coimbra, para junto do seu irmão Henrique Coutinho - conde de Macedo (1843-1910) - onde trabalhou nos Teatros D. Luís e Académico, como cenógrafo, *segundo parecer de Eugénio Lucini*. Em 1864, em Lisboa, onde se estreou como cenógrafo *nas magias de Eduardo Garrido* juntou-se a um grupo de cenógrafos constituído por Rocha, Vilela e Lima. Durante nove anos dedicou-se a decorações teatrais, quer em Lisboa quer no Porto, deixando para as suas horas vagas o desenho humorista. Em 1874 abandonou as atividades relacionadas com o teatro e passou a

203 Silva, 1860. Tomo V: 307.

204 Castilho, 1845. Tomo IV: 467.

205 Consultado na BNP, cota: S.A. 22090// P.

dedicar-se à ilustração, atividade iniciada em 1872 na revista *Artes e Letras*. Em 1877, conjuntamente com Caetano Alberto da Silva (1843-1924) e Guilherme de Azevedo (1840-1882), fundou a revista ilustrada *O Occidente*, cujo primeiro número saiu em 1 de Janeiro de 1878. A sua dedicação a esta revista, durante cinco intensos anos, trouxe-lhe complicações de visão, levando-o quase à cegueira. Com a abertura do Museu Nacional de Belas Artes em Lisboa, aceitou o cargo de Pintor e Conservador deste e, dois anos mais tarde, foi-lhe atribuída a cadeira de Desenho no Instituto Industrial e Comercial de Lisboa. Colaborou com a coleção *Bibliotheca do Povo e das Escolas*, publicando livros sobre desenho, pintura, armaria e artes cénicas. Colaborou na revista *Arte Portuguesa* com artigos sobre técnicas da pintura baseados em fontes inglesas e alemãs que privilegia em detrimento das fontes francesas. Segundo ele, tinha-se insurgido *contra o predomínio incondicional quanto insensato, da estética franceza, gôsto francez, ideias francezas, em tudo o que se produz e se apresenta ao publico portuguez, com grave prejuizo do cerebro dos infelizes aggreminados em torno da bandeira azul e branca [...]*²⁰⁶. Foi ainda vogal do Conselho Superior de Instrução Pública e professor na Escola de Belas Artes de Lisboa. Foi considerado muito inteligente, cortês, distinto, excelente conversador sobre qualquer assunto. Era um homem de vastíssima erudição, talento robusto, de invulgar frieza de carácter e excessiva modéstia. Nas palavras do crítico de arte Andrade Ferreira *O sr. Macedo é, talvez, o nosso artista que possui mais conhecimentos theoreticos. Poucos como elle falam tão bem a linguagem de “atelier” e entram mais facilmente na parte technologica da arte*²⁰⁷. Escrevia com os pseudónimos de *Pin-Sel* e *Spectator*²⁰⁸.

Contexto e conteúdos: Trata-se de um manual de restauro de pintura e gravura. Aborda temas como a limpeza dos quadros a óleo, o tratamento dos suportes e o retoque. Dá instruções para a remoção do verniz e refere os diferentes tipos de vernizes. Constitui uma fonte relevante pelos materiais e utensílios que indica.

MACEDO, 1886

Desenho e Pintura.

Edição consultada: *Bibliotheca do Povo e das Escolas*. 129. Lisboa: Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, 1898²⁰⁹.

Outras edições: *Bibliotheca do Povo e das Escolas*. 129. Lisboa: David Corazzi, 1886.

Autor: Manuel Maria de Macedo Pereira Coutinho da Cunha Portugal e Menezes (1839-1915). Ver: Macedo: 1885.

Contexto e conteúdos: O manual tem no início um capítulo dedicado à “educação do artista” onde são referidos os métodos de ensino do desenho e pintura. Descreve pormenorizadamente as técnicas e os materiais do desenho. A parte dedicada à

206 Bastos, 1898: 758.

207 Ferreira, 1872: 70.

208 Andrade, 1999: 384.

209 Consultado na BNP, cota: S.A. 22091//10 P.

pintura está organizada por técnicas: pintura “a fresco”, pintura a têmpera ou cola, pintura encaustica, pintura a óleo, pintura a aguarela, pintura a guache, miniatura, pintura de esmalte e cerâmica. Sobre a pintura a óleo são referidos com algum detalhe as técnicas, os materiais e os equipamentos necessários ao pintor. O livro termina com instruções para executar pintura histórica e pintura de paisagem a partir do natural.

MACEDO, 1898

Manual de Pintura.

Edição consultada: Bibliotheca do Povo e das Escolas. 206. Lisboa: Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, 1898²¹⁰.

Outras edições: Bibliotheca do Povo e das Escolas. 206. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1915.

Autor: Autor: Manuel Maria de Macedo Pereira Coutinho da Cunha Portugal e Menezes (1839-1915). Ver: Macedo, 1885.

Contexto e conteúdos: É uma das principais fontes portuguesas, publicadas no século XIX, sobre técnicas de pintura. Trata dos materiais e técnicas da pintura a óleo, a aguarela, a guache, a pastel, a têmpera, a fresco, a estuque, encaustica, a cera e de esmalte. Cada uma destas técnicas é descrita nas suas técnicas e materiais. Relativamente à pintura a óleo contém informações detalhadas sobre suportes, camadas de preparação, tintas, óleos, vernizes e utensílios e equipamentos para pintar. Indica, também, importantes conhecimentos sobre a estabilidade dos materiais. Contém instruções práticas sobre as técnicas da pintura a óleo.

MACHADO, 1796-1806

Tratado de architectura e pintura.

Edição consultada: Lisboa: Fundação Caloute Gulbenkian, 2002²¹¹.

Autor: Cirilo Volkmar Machado (1748-1823). Pintor, foi discípulo do seu tio João Pedro Volkmar, estudou em Roma, tendo regressado a Lisboa em 1777 onde tentou criar uma Academia do Nu. Teve uma intensa atividade pictórica. Realizou pinturas para o Palácio de Mafra e para o Palácio da Ajuda²¹².

Contexto e conteúdos: Obra manuscrita escrita possivelmente em Mafra entre 1796 e 1808. Este manuscrito foi adquirido em meados do século XIX pela Academia Nacional de Belas-Artes. Resulta do trabalho de compilação de alguns tratados estrangeiros como *O grande Livro dos Pintores, ou a Arte da Pintura* de Lairesse (segunda edição, Paris 1787) ou *Reflexões sobre a beleza e sobre o gosto da pintura* de Raphael Mengs (Bassano 1783)

210 Consultado na BA-FCG, cota: BB 29231.

211 Consultado na BNP, cota: B. A. 3020 A.

212 Pamplona, 2000, Vol. V: 380-383.

Contém instruções práticas para a execução da pintura a óleo, como aplicar as tintas. Inclui algumas lições práticas de pintura .

MACHADO, 1817

Nova academia de pintura. Dedicada ás senhoras portuguezas que amão ou se applicão ao estudo das Bellas Artes.

Edição consultada: Lisboa: Impressão Régia, 1817²¹³.

Autor: Cirilo Volkmar Machado (1748-1823). Ver: Machado, 1796-1806.

Contexto e conteúdos: Refere os progressos e desenvolvimentos da pintura desde o século XI até ao século XVI. Contém instruções sobre a composição da pintura. Cita autores como Le Brun, Dufresnoy, Piles, Leonardo da Vinci, Felibien, Mengs e Watelet.

MANUAL, 1913

Manual de Receitas e Processos Uteis: economia rural e domestica, receitas e processos caseiros, chimica e phisica, arte de tintureiro, preparação de tintas a oleo, vernizes, tintas d'escrever, etc.

Edição consultada: Encyclopédia Bordalo, Collecção de Manuais Uteis. 8.^a ed. Lisboa: Arnaldo Bordalo, 1813²¹⁴.

Outras edições: Lisboa: Arnaldo Bordalo, 1899 (7.^a ed.)

Autor: desconhecido.

Contexto e conteúdos: Manual de receitas diversas. A primeira parte é dedicada à economia rural e doméstica. Segue-se um capítulo com “receitas de escriptorio: lacres, tintas e papéis” outros sobre “collas, cimentos, betumes e mastiques”, “vernizes”, “metaes”, “physica” “chimica e processos chimicos”, “ligas” “diversas receitas de chimica e physica”, “processos technologicos” que inclui receitas para tinturaria e preparação de tintas a óleo e verniz. Tem ainda capítulos sobre fotografia, conservação de colecções e uma miscelânea de curiosidades.

MATTOS, 1863

Encyclopédia das Artes. Collecção de 1318 Processos Industriais, Formulas e Receitas de Facil Applicação Para Uso dos Artistas e das Familias. Obra revista por um Chymico da capital.

Edição consultada: Lisboa: Typographia Universal, 1863²¹⁵.

Autor: Manuel António de Mattos.

Contexto e conteúdos: Trata-se de uma enciclopédia com receitas variadas. No prólogo indica-se que se destinam a alfaiates, bordadores, cabeleireiros, canteiros,

213 Consultado na BNP, cota: F. G. 700.

214 Consultado na BNP, cota: S.A. 13990 P.

215 Consultado na BNP, cota: S.A. 28098 P.

carpinteiros, chocolateiros, confeteiros, curtidores, cutileiros, dentistas, douradores, estanhadores, fabricantes de tecidos, de chapéus de palha, de conservas alimentícias, de velas de sebo, ferreiros, fogueteiros, funileiros, fundidores, gravadores, licoristas, litógrafos, marceneiros, ourives, padeiros, perfumistas, pedreiros, fotógrafos, pintores e sapateiros. Refere-se ainda que as instruções foram recolhidas de livros estrangeiros, entre os quais, escritos por Dumas, Thenard, Leibig, Peloure, Payen, Chevalier, Sainte Preuve e Lunel. A obra contém receitas para a preparação de tintas, óleos e vernizes.

NOVA COLLECÇÃO DE RECEITAS UTEIS, 1858

Nova Collecção de Receitas Uteis e necessarias a todas as famílias e aos artistas em geral.

Edições consultadas: Lisboa: Impr. De Francisco Xavier de Sousa, 1858; Lisboa: Typ. de Souza & F.^o, 1862²¹⁶.

Outras edições: Lisboa: Typ. de Souza & F.^o, 1860.

Autor: desconhecido.

Contexto e Conteúdos: Livro de receitas diversas, dirigidas sobretudo ao contexto doméstico. Tem grande destaque para o tema da tinturaria. Refere receitas retiradas da obra de Chaptal²¹⁷. Inclui receitas de vernizes.

NUNES, 1615

Arte da Pintura, Symmetria, e Perspectiva. Composta por Philipe Nunes natural de Villa Real.

Edições consultadas: Porto: Editorial Paisagem, 1982 (Fac-simile da edição de 1615); *Arte da pintura, symmetria, e perspectiva composta por Filippe Nunes, natural de Vila-Real. Novamente impressa, com boas estampas, correcta, e acrescentada com o seu index.* Lisboa: João Baptista Alvares, 1767²¹⁸.

Autor: Filipe Nunes nasceu na segunda metade do século XVI em Vila Real. Em 1591 ingressou no Convento dos Dominicanos em Lisboa. Foi pintor, poeta e elevado nas Letras Humanas e nos Santos Padres²¹⁹.

Contexto e Conteúdos: Foi editado em Lisboa, por Pedro Craesbeeck, em 1615. Segundo Leontina Ventura, o carácter didático da obra terá contribuído para o seu grande êxito²²⁰. Contém relevantes instruções práticas sobre pintura a óleo, como por exemplo, as tintas usadas na pintura a óleo, o modo de preparar e aplicar as camadas de preparação em pintura sobre tela e sobre madeira e, instruções para preparar as tintas, óleos e vernizes. Integra igualmente preceitos para a execução de pintura a fresco e iluminura.

216 Consultados na BNP, cota: S.A. 32798 P e cota: S.A. 30382 P.

217 Chaptal, 1806-1807.

218 Disponível na BNP, cota: BA-1604-P.

219 Nunes e Ventura, 1982: 11-20.

220 Nunes e Ventura, 1982: 21.

PACHECO 1734-1738

Divertimento Erudito Para Os Curiosos De Noticias Historicas, Escolasticas, Politicas e Naturaes, Sagradas e Profanas, descobertas em todas as idades e estados do mundo até o presente. E extrahida de varios authores pela infatigavel diligencia do pregador geral Fr. João Pacheco Eremita Augustiniano, assistente no Convento de N. S. da Graça de Lisboa Oriental. Dedicado, e offerecido ao seu irmão Manoel Machado Coelho Pimentel Sargento mór das Villas de Riba-Tejo. Por cujo empenho correio a impressãõ desta obra.

Edição consultada: Lisboa: na Officina Augustiniana 1734, na Officina de Antonio de Sousa e Silva, 1738²²¹.

Autor: Fr. João Pacheco (1677-post 1747).

Contexto e Conteúdos: Obra dividida em 4 tomos (I-1734, II, III, IV-1738) de um conjunto previsto de 8. Segundo Inocêncio da Silva trata-se de uma obra de carácter enciclopédico universal que o autor concebeu em benefício dos que não tinham livrarias próprias²²². Segundo o mesmo autor, esta seria uma obra praticamente desconhecida. Alguns dos conteúdos foram integralmente copiados do *Vocabulário* de Bluteau, publicado entre 1712 e 1728²²³. Integra uma miscelânea de temáticas onde se incluem, no volume II, descrições sobre materiais da pintura, como pigmentos, como se obtêm e se preparam.

PEREIRA, 1881

Manual do Fabricante de Vernizes. Contendo os principaes segredos relativos a esta arte, bem como as formulas e preparações dos vernizes chinezes, allemães, inglezes e francezes para merceneiros, pulidores, pintores, gravadores, artistas de profissão, curiosos, etc.

Edição consultada: Biblioteca do Povo e das Escolas. 3.^a Serie; 19, Lisboa: David Corazzi, 1883²²⁴.

Outras edições: Lisboa: David Corazzi, 1881²²⁵.

Autor: João Feliciano Marques Pereira.

Contexto e conteúdos: Contém a definição e classificação dos vernizes bem como os principais ingredientes que os compõem. Apresenta variadas receitas de preparação de verniz organizadas por *vernizes espirituosos* e *vernizes gordos*. A obra inclui várias imagens e esquemas.

No prefácio o autor indica que o manual foi redigido *consultando, resumindo ou compilando tudo o que havia de melhor nos trabalhos de Berzelius, Cook, Esslinger, Guibourt, Martin, Mullot, Tingry, Trissier Devaux, Watt, Wattin, etc.* (p. 4).

221 Consultado na BNP, cotas: P. 5272 V., P. 5272 V., P. 5274 V.; P. 5275 V.

222 Silva, 1859. Vol. III: 430.

223 Verdelho e Silvestre, 2007: 148.

224 Consultado na BNP, cota: S.A. 24197//2 P.

225 DocBWeb. 2007.

RODRIGUES, 1875

Dicionário técnico e histórico de Pintura, Escultura, Architectura e Gravura.

Edição consultada: Lisboa: Imprensa Nacional, 1875²²⁶.

Autor: Francisco de Assis Rodrigues (1801-1877). Foi discípulo de seu pai, Faustino José Rodrigues, e do escultor Machado de Castro na aula e laboratório de Escultura, onde estudou Desenho e Escultura. Com a morte do seu pai assumiu a regência da aula em 1829. Quando da fundação da Academia de Belas Artes de Lisboa, em 1836, foi-lhe dado o lugar de professor proprietário de Escultura e, em 1845, assumiu a direção da Academia, cargo que exerceu até à sua morte. Publicou obras sobre escultura, desenho e anatomia: *Memoria de Esculptura, apresentada e preferida no concurso para provimento do lugar de professor substituto da Aula e Laboratório de Esculptura*. 1829. Lisboa: Na Impressão Régia; *As proporções do corpo humano. Medidas sobre as mais bellas estatuas da antiguidade*. 1830. Lisboa: Na impressão Régia; *Methodo das proporções e anatomia do corpo humano, dedicado à mocidade estudiosa, que se applica às artes do desenho*. 1836. Lisboa: Na Typographia de A. S. Coelho. Publicou ainda discursos pronunciados na sessões de distribuição dos prémios da Academia, em 1852, 1856 e 1862²²⁷.

Contexto e conteúdos: Trata-se de uma obra de referência para a definição dos termos técnicos referentes a materiais e técnicas da pintura. Dedicado também à escultura, architectura e gravura, inclui 4491 vocábulos.

RODRIGUES, 1884

A Fabrica Nacional de Tintas de Imprensa – Contribuições para a história da indústria em Portugal.

Edição consultada: Lisboa: Typographia Universal, 1884²²⁸.

Autor: José Júlio Bettencourt Rodrigues (1843-1893). Formou-se em matemática na Universidade de Coimbra, e foi professor no antigo Liceu Nacional de Lisboa e lente de Química na Escola Politécnica de Lisboa e no Instituto Industrial e Comercial de Lisboa. Foi sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa, do Instituto de Coimbra, da Sociedade de Geografia, da Sociedade de Ciências Médicas, da *Société des Gens de Lettres*, e da Sociedade Francesa de Fotografia, entre outras. Bettencourt Rodrigues aperfeiçoou diversos equipamentos para usos industriais. Na Fábrica Nacional de Tinta de Imprensa ensaiou novos processos para o fabrico dessa tinta, com óleo de resina²²⁹.

Contexto e conteúdos: Conta a história do fabrico de tintas para impressão em Portugal. É bastante detalhado quanto ao aceso às matérias primas.

Para além de descrever os processos de fabrico das tintas é exaustivo quanto a materiais como o óleo de linhaça, resinas, óleos de resinas ou o negro de fumo.

No final apresenta duas estampas com um aparelho português para fabrico dos óleos de resina.

226 Consultado na BNP, cota: B.A. 1154 P.

227 Silva, 1859. Tomo II: 348-349.

228 Consultado na BNP, cota: T.R. 4710 P.

229 Reis, s. d.; Matos, A. C.: 2009.

SALDANHA, 1814

Breve Tratado de Miniatura.

Edição consultada: Lisboa: Impressão Régia, 1817²³⁰.

Outras edições: *Jornal de Coimbra*, Lisboa, Impressão Régia, Vol. VI, parte 2.^a, 201-208, 257-271-305-313; Vol. VII, parte 2.^a, 4-14, 54-66 1814.

Autor: José Mendes de Saldanha (1758-1796). Natural de Coimbra. Bacharel, provavelmente em Direito pela Universidade de Coimbra. Foi pintor de retratos e pinturas avulsas²³¹.

Contexto e conteúdos: Obra mandada publicar por Manoel Ferreira Seabra depois deste ter encontrado, em 1803, o texto original manuscrito. Sobre Manoel Ferreira Seabra sabe-se apenas que foi tradutor da *Tragédia Zaira* de Voltaire e autor de alguns poemas²³². Tal como Saldanha seria natural de Coimbra e pintor amador já que se lhe refere como *meu Patricio e Collega*²³³. A obra contém, no início, introduzido pelo editor, um importante dicionário de 28 pigmentos e corantes. A primeira parte está estruturada em 7 capítulos, com destaque para a lista de tintas; modo de as preparar; a paleta e os pincéis e composição das cores. A segunda parte dedica-se à prática da miniatura com instruções precisas.

O livro contém referências *Trait. de min.* e *Trait de miniat.* referindo-se a uma edição do *Traité de la miniature pour apprendre aisément à peindre sans maître*, cuja primeira edição é de 1672²³⁴. Esta identificação foi confirmada pela consulta da edição de 1708²³⁵, embora se tenha verificado que Saldanha deva ter consultado uma edição anterior, uma vez que não há coincidências nas páginas indicadas por Saldanha e as que constam desta edição. Aparece referido igualmente o livro *Elem. de Peint.* tratando-se certamente do tratado de Roger de Piles publicado em 1766²³⁶.

SALES, [1761-1773]

Diccionario do commercio.

Edição consultada: imagens digitais do manuscrito original, disponível na Biblioteca Nacional de Portugal (cod-13104_4)

Autor: Alberto Jacqueri de Sales (1731-1791). Lente da Aula do Comércio entre 1763 e 1767. Era suíço naturalizado português, especialista em matemática e ciências comerciais. Foi diretor da Real Fábrica de Sedas²³⁷.

Contexto e conteúdos: Este dicionário distribui-se por quatro volumes manuscritos, escritos entre 1761 e 1773. Incorpora várias partes do *Dictionnaire Universel de Commerce* de Jacques Savary de Bruslons (1657-1716), publicado em Paris, entre 1723

230 Reproduzido em: Pimenta, 2003, Volume II – Tomo I: 20-75.

231 Saldanha, 1814: 8.

232 Seabra, 1814: 45.

233 Saldanha, 1814: 8.

234 Bordini, 1995: 89.

235 *Traité de la peinture en mignature...*, 1708.

236 Piles, 1766.

237 Lira, 2011: 104.

e 1730. Regista com grande pormenor os diferentes pigmentos, a sua proveniência e o seu fabrico.

Fontes secundárias consultadas: Aguiar, 2002.

SAMPAYO, 1787

Tratado das cores que consta de tres partes Analytica, Synthetica, Hermeneutica: Offerecido aos amadores das Sciencias Naturaes, e a Os Dilectantes, e Artistas, que Começam a Occupar-se Em Todo o Genero de Trabalho Colorido: Por Diogo de Carvalho e Sampayo, Cavalheiro da Ordem de Malta.

Edição consultada: Malta: Na Officina Typographica de S. A., E., 1787²³⁸.

Autor: Diogo de Carvalho e Sampayo (1750-1807). Natural de Lamego, frequentou a Universidade de Coimbra, onde se doutorou como jurisconsulto, tendo provavelmente aí recebido o grau de Bacharel na Faculdade de Matemática e feito alguns estudos na Faculdade de Filosofia. Foi magistrado judicial na comarca de Viana do Castelo. Aos 35 anos ingressou na Ordem de Malta, encontrando-se nesta ilha em 1787. No ano seguinte estaria em Lisboa e em Madrid em 1791²³⁹.

Contexto e conteúdos: Obra sobre teoria da cor resultante de experiências do autor referentes à mistura de cores. Segundo Luís Miguel Bernardo, as posições de Goethe e Sampayo são muito semelhantes relativamente à metodologia do estudo das cores, tal como às conclusões que alcançam²⁴⁰.

Fontes secundárias consultadas: Bernardo, 2009; Sampayo e Feijó, 2008.

SAMPAYO, 1788

Dissertação sobre as Cores Primitivas: com hum Breve Tratado da Composição Artificial das Cores: por Diogo de Carvalho e Sampayo, Cavalheiro da Ordem de Malta.

Edição consultada: Lisboa: Na Regia officina typografica, 1788²⁴¹.

Autor: Diogo de Carvalho e Sampayo (1750-1807). Ver: Sampayo, 1787.

Contexto e Conteúdos: A obra organiza-se em dois capítulos: *Das cores primitivas consideradas nos corpos naturais* e *Das cores primitivas consideradas na luz colorida*. Define como cores primitivas o vermelho e o verde a partir das quais é possível produzir todas as outras. No final inclui um breve tratado da composição artificial das cores onde são indicados os líquidos para fazer as tintas e os utensílios necessários. Termina com uma explicação das tintas mais indicadas para cada tipo de pintura e como devem ser aplicadas.

Fontes secundárias consultadas: Bernardo, 2009; Sampayo e Feijó, 2008.

238 Consultado na BNP, cota: B.A. 241 V.

239 Bernardo, 2009: 550.

240 Bernardo, 2009: 554.

241 Consultado na BNP, cota: B.A. 329 P.

SAMPAYO, 1791

Memoria sobre a Formação Natural das Cores.

Edição consultada: Madrid: Na Officina Typographica da Viuva de Ibarra, 1797²⁴².

Autor: Diogo de Carvalho e Sampayo (1750-1807). Ver: Sampayo, 1787.

Contexto e conteúdos: Escrito na sequência dos estudos presentes nas obras anteriores a contribuição original deste escrito encontra-se nas doze experiências sobre a cor elaboradas na câmara escura, detalhadamente descritas e ilustradas pelo autor.

Fontes secundárias consultadas: Bernardo, 2009; Sampayo e Feijó, 2008.

SEGREDOS, 1794

Segredos necesarios para os officios, artes e manufacturas, e para muitos objectos sobre a economia doméstica extrahidos dos mais acreditados, e modernos authores, que tratam de destes objectos.

Edição consultada: Lisboa: Na Offic. de Simão Thadeo Ferreira, 1794²⁴³.

Outras edições: Lisboa: Typographia de José Baptista Morando, 1841.

Autor: desconhecido.

Contexto e conteúdos: Manual com instruções detalhadas sobre pintura e uma diversidade de assuntos. Organizado em 22 capítulos entre os quais: “De diferentes objetos relativos à pintura”, onde se incluem instruções para moer e “destemperar” as tintas, indicações para pintura a óleo, modo de preparar o óleo secativo, modo de preparar os panos, modo de fazer o óleo de papoilas; “Do modo de fabricar tintas”, com receitas; e “Dos vernizes”. Apresenta ainda instruções sobre tinturaria, metais, vinho, beleza e tintas de escrever.

SENDIM, 1840

Tratado Elementar de Desenho e Pintura.

Edição consultada: Lisboa: Imprensa de C. A. da Silva Carvalho, 1840.

Autor: Maurício José Sendim (1790-1870). Foi professor particular de Desenho e Pintura, em Lisboa, entre 1820 e 1850 e professor de Desenho e Pintura na Casa Pia de Lisboa entre 1834 e 1838 e entre 1841 e 1865. Em 1835 foi nomeado para integrar a comissão encarregada da criação da Academia de Belas Artes de Lisboa. Para além de pintor, foi ilustrador em diversos periódicos e realizou uma vasta obra litográfica²⁴⁴.

Contexto e conteúdos: A obra foi editada em cadernos, prevista inicialmente, com uma periodicidade mensal. O programa inicial desta publicação contemplava 20 temas, dedicados ao desenho, à pintura, à geometria, à óptica e à mitologia. Sobre a

242 Consultado na BNP, cota: S.A. 11054//9 V.

243 Consultado na BNP, cota: F. G. 1422

244 Rodrigues, 2001: 8-17.

pintura estavam previstos os temas: 12.^a *Das cores, ou do colorido em exercício*; 14.^o *Tratado Historico de Desenho e Pintura, e de seus Mestres Classicos*; 19.^o *Os termos technicos de Desenho e Pintura, ou o Vocabulario dos Pintores*; 20.^o *Receitas convenientes ao desenho, e Pintura*. Contudo, não se sabe se estes volumes foram algumas vez publicados, uma vez que só foram identificados os dois primeiros cadernos da série, referentes ao Desenho.

Fontes secundárias consultadas: Rodrigues, 2001.

SILVA 1817

Elementos de Desenho, e Pintura e Regras Geraes de Perspectiva dedicadas ao Senhor Rey D. João VI.

Edições consultadas: Rio de Janeiro: Na Impressão Regia, 1817²⁴⁵; Rio de Janeiro: Typ. Univ. De Laemmert, 1841²⁴⁶

Autor: Roberto Ferreira da Silva, natural de Lisboa onde aprendeu Desenho e Pintura. Foi pintor de carruagens ao serviço da Duquesa do Cadaval. Foi para o Brasil onde foi professor de Desenho da Aula Militar do Rio de Janeiro²⁴⁷.

Contexto e conteúdos: A obra divide-se em duas partes. A primeira, é dedicada ao desenho. A segunda parte, sobre a pintura, contém uma lista de tintas; como pintar em papel; o modo de aparelhar os panos para a pintura a óleo; modo de preparar a paleta; indicações sobre os óleos e solventes; aplicação das tintas; sobre o modo de preparar as tintas para a pintura de miniatura, e, como fazer geceto ou lápis branco.

Apesar da importância fundamental desta obra para o conhecimento dos materiais e técnicas da pintura a óleo na primeira metade do século XIX, a crítica da época não parece ter-lhe reconhecido valor. Disso dá conta Inocêncio Francisco da Silva: *Lembro-me de ter visto ha muitos annos em Lisboa um exemplar da primeira edição d'esta obra, que, segundo a opinião de avaliador competente, é tida por um montão de absurdos, e não abona a pericia de Stockler nas bellas-artes, sendo este, como se diz quem examinará e corrigira antes da impressão, a rogo do auctor. Vi pelo mesmo tempo uma satyra manuscrita, e mui chistosa, no gosto e á imitação de que fica mencionada no Diccionario, tomo III, nº K, 1603 (escrita, segundo me affirmaram por pessoa que é hoje alto dignitario na casa imperial), em que o pobre professor de desenho era fustigado desapiadosamente*²⁴⁸. Apesar desta crítica se referir apenas à primeira edição, de 1817, não foram identificadas diferenças significativas para a segunda edição, de 1841, apesar desta ser referida como *corrigida e aumentada*.

245 Reproduzido em: Pimenta, 2003. Volume II – Tomo I: 76-225.

246 Consultado na BNP, cota: B. A. 497//5V.

247 Pimenta, 2003: 26-27.

248 Silva, 1862. Tomo VI: 164.

SILVA, 1898

Pintura simples.

Edição consultada: Lisboa: s.n., 1898²⁴⁹.

Autor: Francisco Liberato Telles de Castro Silva (1843-1902). Natural de Cacilhas, estudou economia política e topografia. Foi funcionário das Obras Públicas, condutor de 1.^a classe do quadro auxiliar do corpo de Engenharia Civil²⁵⁰.

Contexto e conteúdos: Obra organizada em dois volumes. O primeiro volume contém um “esboço histórico” sobre a pintura com notas biográficas de pintores italianos, famengos, alemães e franceses. O segundo volume, embora dedicado à pintura decorativa e de construção civil constitui uma importante referência pela quantidade de materiais de pintura referidos. Começa com indicação da preparação das tintas, referindo diversos pigmentos. Segue-se a referência a diversos óleos, secantes, ceras, massas, vernizes e preparações.

STOOTER, 1729

Arte de Brilhantes Vernizes, & das Tinturas. Fazelas, & o como obrar com ellas. E dos Ingredientes de que o dito se deve compor huma larga explicação, da origem, & naturezas; proprio para os Mestres Torneiros, Pintores, & Escultores. Como taõ-bem huma offerta, De 18, ou 20, receitas curiozas, & necessarias Para: Os ourives de ouro, prata, & os relo-goeiros & mais Artistas.

Edição consultada: Anveres: Por la Viuva de Henrico Verdussen 1729²⁵¹.

Outras edições: Lisboa: Na Offic. de José de Aquino Bulhoens, 1786; Lisboa: Na Officina de Franc. Borges de Sousa, 1790.

Autor: Johan Stooter (16??-17??). Presume-se que o autor terá nascido em Antuérpia entre os séculos XVII e XVIII. Foi lapidador de diamantes e, durante vinte seis anos, homem de negócios em Lisboa²⁵².

Contexto e conteúdos: Contém informações muito detalhadas e receitas para executar diversos tipos de vernizes. Stooter dedica particular atenção às espécies de madeiras do Brasil e Angola.

249 Consultado na BNP, cota: B.A. 1643 V.

250 Francisco Liberato Telles de Castro da Silva Auctor do novo livro *Pintura Simples*, 1898: 258-259.

251 Disponível em: <https://books.google.pt>

252 Biblioteca Nacional de Portugal. 2015.

VIEIRA, 1860

Thesouro Inesgotavel ou Collecção de Varios Processos e Receitas com Applicaçõo ás Sciencias, Artes, Industria e Economia Domestica. Obra utilissima a todas as classes da sociedade.

Edições consultadas: Porto: Typographia de Antonio José da Silva Teixeira 1860; 4.ed. *Revista e consideravelmente augmentada com formulas e processos novos de reconhecida utilidade*²⁵³, Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1893²⁵⁴.

Outras edições: Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron 1869; Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron 1876.

Autor: Agostinho da Silva Vieira (1825-). Entrou para a academia Polytecnica em 1847, matriculando-se em Matemática e Química e em 1849 na Escola médico-cirúrgica, em Matéria Médica e Anatomia, como aluno de Farmácia. Foi químico e farmacêutico do Hospital Real de Santo António, desde 1855 e diretor técnico da lavanderia a vapor do mesmo hospital. Em 1860 tomou posse como primeiro oficial de Jardim Botânico da Academia Polytecnica, cargo que exerceu até 1875. Foi preparador de Física e Química no Instituto Industrial do Porto, onde também regeu a cadeira de Física e onde foi Lente auxiliar de Química e Física e, posteriormente, Lente de Química Aplicada. Foi sócio honorário da Sociedade Pharmaceutica Lusitana²⁵⁵.

Contexto e conteúdos: Em forma de enciclopédia, apresenta variadíssimas receitas numa miscelânea temática. São referidos vários pigmentos e corantes. Apresenta várias receitas de vernizes.

253 Consultado na BNP, cota: S. A. 37469 V.

254 Consultado na BNP, cota: S. A. 28599 P.

255 Leal, 1875: 256.

Anexo 2

Programas curriculares dos cursos de Pintura da ABAL e da APBA

1. ACADEMIA DE BELAS ARTES DE LISBOA

Estatutos para a Academia das Belas Artes de Lisboa

25 de Outubro 1836

Colecção de Leis e outros Documentos Officiais publicados desde 10 de Setembro até 31 de Dezembro de 1836. 1930. Sexta Série, 2.^a ed. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 52.

Pintura

Art. 51.^o Os professores das aulas de pintura continuarão a dar aos seus discípulos as lições de desenho de que tratam os antecedentes artigos 48.^o, 49.^o e 50.^o, ampliando cada vez mais a esfera de suas observações e reflexões à proporção da inteligência e aproveitamento que eles forem mostrando e da propensão e génio que tiverem para esta bela arte.

Art. 52.^o Dar-lhe hão também particulares instruções sôbre a natureza, mistura e combinação das tintas, sôbre a harmonia e gradação das côres, método de as modificar com respeito ao objecto e à luz; sôbre o modo de dispor, distribuir as luzes, as sombras para dar realce às figuras e ao pensamento do artista, enfim, sôbre tudo quanto possa concorrer para fazer a pintura não só apropriada ao seu fim, mas também expressiva quanto seja possível, suave e graciosa.

Regulamento Instructivo e disciplinar da Eschola de Pintura Histórica na Academia Real de Bellas Artes

14 de Junho de 1837.

António Manuel da Fonseca

cx. n.^o 6, doc. n.^o 1, Arquivo da FBAUL

Pintura Histórica

Artigo 1.^o A perspectiva applicada á composição dos quadros, e o estudo em desenho, ou em pintura da osteologia, e morfologia [?] do corpo humano e suas definições; serao as primeiras instrucções artisticas ou ensaios preparatórios desta Escóla.

Art. 2.º O desenho liniar, exytrahido das bellas fôrmas antigas, comparado com o estudo anatomico acima referido; e o estudo dos gessos, e harmonia da luz, comparada á posição e localidade de um ou mais objectos, será o segundo ençaio.

Art. 3.º A cópia dos quadros antigos em pintura; e o conhecimento das diversas maneiras, ou estillos das differentes escolas, e a imitação em pintura do modelo vivo, será o terceiro ençaio.

Art. 4.º A observação critica e comparativa das estampas, ou quadros dos authores classicos; expressão de paixões, colocação de gruppos; fidelidade historica; composição ou naturalidade das roupas, ou pregas, comparadas ás diferentes qualidades dos estofos; o conhecimento dos diversos costumes de estatuários antigos das nações civilizadas e dos povos barbaros, usos e costumes dos mesmos, será o quarto ençaio.

Art. 5.º A explicação em detalhe das regras adoptadas pelas melhores escolas á cerca da colocação dos quadros conforme a longitude ou proximidade em que estiverem em relação ao observador relativamente ao grao de força de claros e escuros, á decisão de partes, ou morbidez de cores, será o objecto do 5 ençaio desta Escola.

Art. 6.º As regras que se devem adoptar nos quadros pintados em tectos, de qualquer forma que elles forem, em relação à luz, ou à parte superior, ou mais distinta das grandes sallas e Palacios nobres e bem assim os preceitos que se devem seguir na execução dos retratos para o seu melhor desempenho e imitação do natural.

Art. 7.º A explicação das cores, q se deverão adoptar em as roupas que ornarem as figuras que representarem qualquer facto tragico e as que deverão usar os factos historicos formosos e brilhantes, e em fim da harmonia geral das côres dos objectos, ou da atmosfera q illuminar os quadros, e dos effeitos q produz a luz de hum horizonte nubloso, ou do sol descoberto, ou madrugada, ou qualquer luz secundaria ou artificial.

Regulamento provisório para a Aula de Pintura de Paisagem e Ornamentos

23 de Outubro de 1845

João José Ferreira de Souza

Projectos de regulamentos, cota: 2-A-SEC.76, Arquivo da ANBA

Pintura de Paisagem e Produtos Naturais

Art.º 1.º – Sendo indispensável que o pintor de ornamentos seja sufficientemente

habil em desenho de figura, os discípulos da Aula de Pintura de Paisagem frequentarão dois dias por semana, nas segundas e sextas feiras, a Aula de Desenho de figura, finalizando esta frequencia quando bem desempenharem a cópia de uma estampa que contenha uma até duas figuras.

Art.º 2.º – Os discípulos que bem desempenharem arabescos copiados dos gessos, devem passar a copiar bons exemplares de animaes e flores. A Academia diligenciará obter um sufficiente e perfeita collecção de flores de cera, para servirem de estudo.

Art.º 3.º – Convindo muito para o adiantamento dos discípulos o estudo do natural, a Academia fornecerá os animais vivos, que lhe fôr possível alcançar, assim como mandará cultivar uma pequena parte da cerca com diversas plantas.

Art.º 4.º – Ao Professor pertence classificar os discipulos que pelo seu adiantamento podem principiar a pintar.

Art.º 5.º – Aquelles discipulos que se destinam a Pintores de Paisagem, depois de haverem adquiridos indispensaveis conhecimentos de desenho de figura, de animaes, e de plantas, devem passar a ser instruídos na disposição dos troncos e folhas das diversas arvores, e arbustos. Obterão tambem os conhecimentos d'architectura necessária para bem desempenharem nos seus quadros os edificios que nelles comprehenderem.

Art.º 6.º – Quando estes discipulos chegarem a copiar um bom quadro a oleo, o Professor desta Aula sahirá com elles ao campo uma vez por semana, nas duas primaveras, para os insinar nos diversos methodos de copiar a natureza; ficando a seu arbitrio a escolha da hora em que o efeito da luz seja de maior vantagem. Estas cópias do natural executadas a oleo na Aula, serão presente em Conferencia, e se merecerem a sua aprovação, propôr-se-hão os seus authores para Academicos de Merito: e quando tenham dado provas de igual merecimento na parte de pintura de ornamentos, animaes, e flores, serão considerados como unicos candidatos para Ajudantes.

Regulamento da Academia das Bellas Artes de Lisboa aprovado pela mesma Academia em diferentes Conferencias e remetido ao Governo em data de 24 de Dezembro de 1859 e 30 de Janeiro de 1860.

1859

Projectos de regulamentos, cota: 2-A-SEC.76, Arquivo da ANBA

Pintura Histórica

1.º ano

1.º Estudo mais amplo e aperfeiçoado da osteologia e Myologia do corpo humano aplicado á pintura historica, desenhando a aguarela, ou a dois lápis-preto e vermelho – copias do cadáver ou do [?] extrahido do mesmo e juntando-lhes as nomenclaturas por compendeos para esse fim confeccionados, e que serão aprovados pela Conferencia.

2.º Estudos dos quadros antigos em forma de cartão, a dois lapis, em papel de côr, ou de figuras copiadas do natural e de panejamentos de diversos estofos, a exemplo do que se pratica nas melhores escholas de Itália, Alemanha e França, e em conformidade do que praticaram os artistas mais celebres, cujas obras ainda hoje venerâmos.

3.º Estudo de Perspectiva pelos methods mais claros e simples, applicados á composição dos quadros historicos e outros ramos d'Arte.

2.º e 3.º anos

4.º Começará o ensino pelos methods de pintar dos artistas antigos e modernos sendo que os discípulos estudem os mais celebres quadros da galeria académica, em conformidade do Art. 51 dos Estatutos demonstrando-lhes pratica e teoricamente os estilos e gestos de pintar, segundo as differentes escholas – Veneziana – Flamengo e Romana.

4.º ano

5.º Continuará o ensino, fazendo-os copiar do natural com intelligencia e compreensão dos effeitos de luz, e suas variedades [?] em pintura a olêo, como a [?] e a tempera; e em seguida lhes ensinará as regras de composição e movimentos de uma ou mais figuras, suas expressões, em relação a idade – paixões – sentimentos, que devem [?] qualquer sugeito, ou ponto historico que o Professor para esse fim lhes indicar.

5.º ano

6.º Neste anno o Professor lhes ensinara Perspectiva comparada com applicação ás grandes composições historicas e para esse fim os habilitará com os

seguintes estudos e exercícios:

I.º Composição de bosquejos de quadros historicos

IIº Comparação entre estampas ou quadros dos mais acreditados artistas antigos e modernos – suas perfeições e defeitos.

III.º Trajos – usos e costumes das diversas Nações em diferentes épocas a partir de livros e collecções próprias.

IV.º Modo de compor não só quadros historicos, mas tambem de decorar e ornamentar salas nos diferentes gostos e estylos.

Pintura de Paisagem e Produtos Naturais

1.º ano

Art. 44.º O curso desta cadeira começará por uma exposição sobre a pintura de paisagem e methodo de aprender; – e continuará com o ensino seguinte:

1.º Estudos de fructos, flores e arvores, copiando por bons desenhos, a lapis e aguarelas.

2.º ano

2.º Estudos de animaes e de paisagem, copiando a lapis por bons desenhos, e em pintura por quadros de authores classicos.

3.º e 4.º anos

3.º Estudo de flores, e outros productos naturaes, – copiados a oleo por quadros, e pelo natural.

4.º Lições de perspectiva linear e aérea – applicada ao estudo de paisagem pelo compendio que a Academia adoptar.

5.º Pintura de animaes e de paisagens copiados de quadros, e pelo natural.

5.º ano

6.º Quadros ou pinturas de varias vistas ou pontos, tomados do natural, á escolha dos discípulos, com a approvação dos seus professores, em que se representem sítios de paisagem agreste ou montuosa – com fabricas ou ruinas – de marinhas . E sendo cada um dos quadros vivado de figuras, e animaes, e dando os discípulos por escripto a designação do sitio ou pontos tomados.

Mappa de compêndios e coleções adoptadas nas diferentes aulas d'Academia de Bellas Artes de Lisboa e programas dos respectivos cursos

Datado, mas ilegível. Possivelmente será de Março de 1861 data dos documentos que estão junto.

Projectos de regulamentos, cota: 2-A-SEC.76, Arquivo da ANBA

Pintura Histórica

Estudo mais ampliado de osteologia e Myologia do corpo humano, applicado à pintura – Estudo dos quadros antigos em fôrma de cartão, a dois lapis, em papel de côr, ou de figuras copiadas do natural e de panejamentos de diversos estofos – Methodo de pintar dos artistas antigos e modernos, copiando e estudando os melhores quadros da galeria academica – Demonstrando-se os estilos e gosto de pintar seg.^{do} as differentes escholas – Veneziana; Flamenga e Romana – Copiar a oleo do natural – regras de composições históricas – Estudos sobre a composição, bosquejos de quadros historicos – comparação sobre as estampas ou quadros dos mais acreditados artistas antigos e modernos – suas perfeições e defeitos – Trajos, usos e costume das diversas ações em diff^{tes} eppocas.

Pintura de Paisagem e Produtos Naturais

Estudos de fructos, flores e arvores, copiando por bons desenhos, a lapis e agoarellas – ditos de animaes e de paisagem – a lapis por bons desenhos, e em pintura por quadros – Estudos de flores, e outros productos naturaes, copiados a oleo por quadros, e pelo natural – Lições de perspectiva linear e aerea applicadas ao estudo de paisagem – Pintura de animaes e de paisagens copiados de quadros, e pelo natural – Quadros ou pinturas de varias vistas ou pontos, tomados do natural, em que se representem sítios de paisagem agreste ou montuosa, com fabricas ou ruinas – de marinhas – Estudo de ornamentos, segundo os differentes caracteres e generos conhecidos, principalmente do egyptio, grego – e romano, copiando bons desenhos, ornamentos, a lapis, e agoarellas – O mesmo estudo por modelos de relevo a oleo, de claro escuro, e a côres. Desenhos e esbocetos em pintura de composição de ornamentos com destino a decorar salas, galerias.

Programa de estudo e exercícios que devem seguir os alunos da aula de pintura histórica na Academia Real de Bellas Artes

11 de Outubro de 1869.

Miguel Ângelo Lupi

cx. n.º 14, doc. n.º 23, Arquivo da FBAUL

Pintura Histórica

1.º ano

Estudo de gessos, quadros, modelo vivo (nu), costumes de várias épocas e de diferentes povos sobre manequim e modelo vivo, e bem assim de quaisquer objectos que tenham interesse artistico e que possam servir de acessórios ou de ornamentos.

2.º ano

Exercícios de composição (em esquiços) de assuntos historicos, sagrados e mitológicos: continuação do estudo de modelo vivo, tanto nu como vestido, etc.

3.º ano

Execução dum ou mais quadros, seguindo algum dos esquiços já feitos, ou representando novo assunto; continuação do estudo de modelo vivo, etc. como nos anos anteriores.

Programa para a Pintura de Paisagem e Productos Naturaes

7 de Outubro de 1869

Tomás da Anunciação

cx. n.º 13, doc. n.º 2, Arquivo da FBAUL

Pintura de Paisagem e Produtos Naturais

Os alunos convenientemente habilitados no desenho de figura, começarão por desenhar paisagem a lapis ou a carvão, em papel branco ou de cor, copiando boas estampas. Depois de exercitados nestes primeiros estudos, deverão copiar paisagens a sépia ou tinta nanquim, também em papel branco ou de cor, devendo igualmente desenhar flores, fructos e animaes, copiados de boas estampas ou fotografias. Quando estejam habilitados no desenho, devem copiar em pintura alguns quadros na galeria e em seguida fazer estudos do natural.

Escola de Bellas Artes de Lisboa. Programmas dos Cursos.

1882

Lisboa: Typographia Castro Irmão, pp. 8-9.

cota: B.A. 923, BNP

Escola de Bellas Artes de Lisboa. Programmas dos Cursos.

1890

Lisboa: Adolpho, Modesto & C.^a, pp. 8-9.

cota: B.A. 923, BNP

Pintura Histórica

1.º ano

Processos da pintura a oleo, estudos de quadros a oleo, estudos em pintura do modelo natural, nu ou trajado.

Usos e costumes dos povos mais importantes na historia (2.ª cadeira auxiliar, 2.ª parte).

2.º ano

Esquissos de composição em pintura a oleo, estudos de cabeças de expressão e de modelo, natural nu ou trajado. História da arte, esthetica, (2 cadeira auxiliar, 3ª parte).

3.º ano

Continuação e desenvolvimento das disciplinas do 2.º ano.

Archeologia (3.ª cadeira auxiliar, 3.ª parte).

4.º ano

Execução de quadros a óleo, de pintura e de género.

Pintura de Paisagem

1.º ano

Desenho de animaes por modelos em vulto, de plantas, fructos e outros productos naturaes, copiados do natural, em desenho ou aguarella.

Usos e costumes dos povos mais importantes na historia (2.ª cadeira auxiliar, 2.ª parte).

2.º ano

Cópia de quadros de paisagem, animaes e marinhas.

Estudos em pintura de productos naturaes, de animais, de paisagem e de modelos em costume, do natural.

Estudo de paisagens e marinhas do natural
História da arte e esthetica (2 cadeira auxiliar, 3ª parte).

3.º ano

Continuação e desenvolvimento das disciplinas do anno precedente.
Archeologia (3.ª cadeira auxiliar, 3.ª parte).

4.º ano

Quadros de paisagem, de marinhas, de animaes e de costumes.

Decreto reorganizando a Academia Real de Bellas Artes de Lisboa e a Escola e o Museu de Bellas Artes

14 de Novembro de 1901.

Reformas do Ensino em Portugal, 1900-1910, Tomo I, Volume IV, 1.ª Parte
Ministério da Educação – Secretaria Geral, 1996, pp. 25- 31.

Pintura Histórica e Decorativa

1.º ano

6.ª Cadeira – Processo da pintura a oleo, copia de quadros; estudos do modelo natural; estudos de composição; pintura historica, de genero e decorativa.
11.ª Cadeira (2.ª parte) – Litteratura geral; litteratura portuguesa.
12.ª Cadeira (1.ª parte) – Prehistoria, Oriente e Egypto.

2.º ano

6.ª Cadeira (repetição) – Processos de pintura a oleo; copia de quadros; estudos do modelo natural; estudos de composição; pintura historica, de genero e decorativa.
12.ª Cadeira (2.ª parte) – Grecia e Roma.

3.º ano

7.ª Cadeira – Estudos do modelo natural, nu ou trajado; estudos de composição; pintura histórica, de genero e decorativa.
13.ª Cadeira (1.ª parte) – Historia geral da arte na Idade Media e nos tempos modernos; artes industriaes.

4.º ano

7.ª Cadeira (repetição) – Estudos do modelo natural, nu ou trajado; estudos de composição; pintura histórica, de genero e decorativa.
13.ª Cadeira (2.ª parte) – Historia da arte e das industrias artisticas em Portugal.

Pintura de Paisagem

1.º ano

8.^a Cadeira (1.^a parte) – *Desenho de animaes e de paisagem, por estampa e do natural.*

11.^a Cadeira (2.^a parte) – *Litteratura geral; litteratura portuguesa.*

12.^a Cadeira (1.^a parte) – *Prehistoria, Oriente e Egypto.*

2.º ano

8.^a Cadeira (2.^a parte) – *Estudos do modelo trajado, de plantas, de animaes e de paisagem, do natural.*

12.^a Cadeira (2.^a parte) – *Grecia e Roma.*

3.º ano

8.^a Cadeira (3.º parte) – *Pintura de paisagem e de marinha, do natural*

13.^a Cadeira (1.^a parte) – *Historia geral da arte na Idade Media e nos tempos modernos; artes industriaes.*

4.º ano

8.^a Cadeira (3.^a parte – repetição) – *Pintura de paisagem e de marinha, do natural.*

13.^a Cadeira (2.^a parte) – *Historia da arte e das industrias artisticas em Portugal.*

Catalogo da Exposição dos Trabalhos dos Alunos da Escola de Bellas Artes de Lisboa aprovados no anno lectivo de 1904-1905. 23.^a Exposição Annual.

1906

Lisboa: Imprensa Nacional, pp. 16-18.

cota: B.A. 923, BNP

Pintura Histórica

1.º ano

7.^a cadeira. Professor effectivo, Columbano Bordallo Pinheiro. – *Processo da pintura a oleo, copia de quadros; estudos do modelo natural.*

11.^a cadeira theorica (2.^a parte). Professor effectivo, Henrique Lopes de Mendonça. – *Literatura geral; literatura portuguesa.*

12.^a cadeira (1.^a parte). Professor effectivo, Dr. João Barreira. – *Prehistorica, Oriente e Egypto.*

2.º ano

6.ª cadeira. Professor efectivo, José Velloso Salgado. – *Processos de pintura a oleo; copia de quadros; estudos do modelo natural. (Repetição).*

12.ª cadeira theorica (2.ª parte). Professor efectivo, Dr. João Barreira. – *Historia da arte na Grecia e Roma.*

3.º ano

Estudos do modelo natural, nu ou trajado; estudos de composição; pintura historica de genero e decorativa.

13.ª cadeira theorica (1.ª parte). Professor interino, Dr. João Barreira. – *Historia geral da arte na Idade Media e nos tempos modernos; artes industriaes.*

Pintura de Paisagem

2.º ano

8.ª cadeira (2.ª parte). Professor efectivo, Carlos Antonio Rodrigues dos Reis. – *Estudos do modelo trajado, de plantas, animaes e de paisagem do natural. (Repetição)*

12.ª cadeira theorica (2.ª parte). Professor efectivo, Dr. João Barreira. – *Historia da arte na Grecia e Roma.*

2. ACADEMIA PORTUENSE DE BELAS ARTES

Estatutos para a Academia Portuense de Belas-Artes

22 de Novembro 1836

Colecção de Leis e outros Documentos Officiais publicados desde 10 de Setembro até 31 de Dezembro de 1836. 1930. Sexta Série, 2.ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 90.

Pintura

Art. 25.º O professor da aula de pintura historica continuará a dar aos seus discipulos as lições de desenho de que tratam os antecedentes artigos 23.º, 24.º e 25.º, ampliando cada vez mais a esfera de suas observações e reflexões à proporção da capacidade e aproveitamento que êles forem colhendo dos estudos.

Art. 26.º Terá particular cuidado em lhes dar convenientes instruções sôbre a natureza, mistura e combinação das tintas, sôbre a harmonia das côres e método de as modificar em relação ao objecto e à luz; finalmente o variado gosto de colorido que se observa nas diferentes escolas de pintura.

Breve relatório do estado da Academia Portuense de Bellas Artes, e providencias de que carece para seu progresso e melhoramento, Determinado pela Portaria de 7 de Março de 1837.

15 de Abril de 1837

Documentação do Ministério do Reino, mç. 2122, ANTT, Reproduzido em Moura, 2005 (Volume II).

Pintura Histórica

1.º ano

Historia propria, e indicação dos milhores mestres d'antiga schola, e moderna; aparelho dos pannos, composição das tintas, e maneira de esboçar as pinturas.

2.º ano

Pintura Historica pratica por copia dos classicas, observando-se neste anno o mesmo que no terceiro de desenho.

3.º ano

Regras de composição e invenção; graduação e degradação de planos e grupos, com applicação de todas as materias precedentes.

Programa da materias que devem fazer objecto de estudo na aula de Pintura historica e methodo da sua distribuição nos cinco anos do curso de Pintura que [?] estatutos em harmonia com o methodo de que seguem todas as Academias de Bellas Artes nos Reinos estrangeiros e com a [?] em [?] a esta Academia sobre as observações que fiz [?] quando as visitei na minha [?] viagem.

28 de Agosto 1844

Joaquim Rodrigues Braga

cota 49, Arquivo da FBAUP

Pintura Histórica

1.º ano

Explicações sobre a [?] da [?] ou na attitude das figuras e sobre o que é [?] – explicações sobre os usos e costumes [?] tem por [?] – distribuição e propriedades dos acessórios [?] em um quadro – explicações do [?] o valor ou força relativa [?] entre si e sua decomposição [?] dos liquidos, oleos e vernises proprios para a pintura – copiar de bustos e estátuas com papel de cor. Para o concurso do primeiro anno a copia de uma cabeça ou busto a claro escuro a

oleo (a mesma para todos). Os aprovados tendo frequencia recebem um attestado do secretario da Academia e serão publicados na gazeta.

2.º ano

Lições de optica e da boa ou má direcção da luz emquanto copião objectos do natural agrupados juntamente – expplicações das varias escolas de Pintura que tem havido – copiar cabeças coloridas a oleo – estudo em frente dos perfectos esquiços dos grandes mestres para se habilitarem a inventar e a compor quaisquer motivo – estudo sobre o modelo vivo pintado e sobre as estatuas em papel de côr. Para concurso huma cabeça de expreção para tirar pelo modelo vivo, acabado á primeira em quatro horas. Os aprovados recebem uma coroa de louros e são publicados na gazeta. O estudo de anatomia perspectiva e optica tem lugar na ultima hora de aula.

3.º ano

Estudo do colorido na hora [?] dia – explicações, sobre as regras de composição e invenção, confrontando as estampas dos gravadores dos grandes mestres [?] Copiar em colorido, dita e pregas pelo manequim- copias de quadros historiados- fazer esboços coloridos de propria invenção sobre motivos dados nas Aula para todos. Para concurso uma academia colorida em frente do modelo vivo durante o estudo de uma semana – os aprovados [?] ditados em conferencia uma coroa de louros [?] são elogiados [?] pelo mérito patenteado [?].

4.º ano

Continuação do estudo do colorido sobre o nu, composição de [?] motivos historicos ou fabulas em fundo de paizagem ou architectura – continuação das regras de invenção ou da copia de quadros historiados – Prova no fim das [?] cinco horas uma cabeça ou com motivo historico tirado á sorte para todos – os approvados entrão no fim do anno no concurso da meia figura copiada do nu em tamanho natural no tempo de duas semanas – os aprovados recebem em conferencia uma coroa de louros, a sua obra é [?] da dita coroa e fica na Academia, e são publicados.

5.º ano

Estudo do colorido e no que consiste o bom gosto em tintas e o bom colorido. Estudo do nu em colorido na hora da aula de manham – [?] de composição e invenção de [?] historicos ou fabulas – observações sobre a sua ordem, e sobre os usos e costumes das diferentes nações – [?] seis meses o esboço do quadro histórico tirado á sorte que devem apresentar no fim do anno o mesmo para todos. Os aprovados [?] de arte feita no tempo de cinco horas [?] não começar

logo o segundo [?] do concurso que deve ser feito dentro da aula [?] de que devem apresentar acabado no fim do anno – os dois melhores são [?] do estudante, este recebe [?] Público uma coroa de louros [?] nas cabeças [?] mérito pela conferencia são recomendados para [?] conforme o que determinão os estatutos [?] estudar para Roma por conta do Estado. No [?].

Relatorio do Estado material Scientifico e moral das aulas de Pintura Historica da de Anatomia Pictorica e da de Perspectiva e Optica; bem como os exercícius Escolares que tiveram lugar no corrente anno lectivo. Para satisfazer o que ordena o Decreto de 6 de Ag.t de 1845.

28 de Agosto de 1845

Joaquim Rodrigues Braga

cota 51, Arquivo da FBAUP

Pintura Histórica

No decurso do anno lectivo de 1844 a 1845, fizeram-se na aula de Pintura Historica, as explicações convenientes, e em harmonia com os trabalhos relativos a cada anno do Curso.

Explicou-se convenientemente o modo de bem dirigir e intender a luz; tanto durante o estudo do claro-escuro sobre os geços, como sobre o modelo vivo ou quaes quer outro objecto.

Demonstrou-se a maneira de compor, e decompor as varias tintas conforme os diferentes tons de colorido, bem como os olios e preparo dos líquidos proprios para uso da Pintura.

Mostrou-se durante os exercícius de Pintar o nu, ou na copia de varias Pinturas, o valor e força das tintas, relativas aos diversos Planos do quadro; bem como o modo de modificar as tintas, a degradar os tons como [?] e a simpathia, ou antipathia que ha entre ellas.

Ensinou-se o modo de compor a Palheta, para os diversos coloridos das copias que os estudantes fizeram neste anno.

Fizeram-se as convenientes explicações sobre o tratado dos usos e costumes; por Dandre Bardon, e derão-se varios diversos motivos aos Estudantes que estavam no caso, para os Exercicios de invenção e composição, bem como para a intelligência do Estudo das Pregas pelo manequim: facilitando ao mesmo tempo o Estudo do colorido, pelo Modelo-vivo.

Intempadamente para adquirirem facilidade em copiar e inventar [?] os Estudantes copiando os Esquiços feitos pelos melhores M.es de Pintura.

Deram-se as precisas explicações sobre o methodo da Pintura a fresco e a Tempera; e quaes as tintas [?] que se adoptão neste genero de Pintura.

Explicou-se o motivo dos varios Estilos que tem seguido as diversas Escolas de Pintura; equais os Mestres que mais se distinguirão na exacta immictação da Natureza; e nas considerações que tiveram na observância das principaes regras da Arte.

Deram-se conveniente explicações sobre as medidas e proporções do Corpo humano.

As prestações nesta aula forao e sao conformes as regras e Doutrinas Escolares, escriptas por Leonardo de Vinci, A. R. Mengs, A. Dufresnoy e Gerad Andram.

Programas das Aulas de Desenho Histórico, Pintura Histórica, Escultura e Architectura Civil da Academia Portuense de Belas Artes.

Março de 1861

cota 126, Arquivo da FBAUP

Pintura Histórica

1.º ano

Os alunos do primeiro anno estudarão o gesso, quer desenhando, quer pintando, e desenharão pelo modelo vivo na aula do nu, figuras de estudo. Para exame pintarão pelo gesso uma cabeça a claro-escuro.

2.º ano

Os estudantes do segundo anno continuarão os estudos do gesso e do modelo vivo, pintando por este ultimo cabeças e extremidades e copiarão algumas cabeças por pinturas. Para exame pintarão pelo modelo nu uma cabeça que não seja menor do tamanho natural.

3.º ano

Os estudantes do terceiro anno pintarão pelo modelo vivo figuras de estudo e pregas pelo natural e copiarão algum quadro por pintura. Para exame pintarão pelo modelo vivo uma figura de estudo que não tenha menos de 88 centímetros em pé ou exposta em pé.

4.º ano

Os estudantes do quarto ano continuarão a estudar o modelo vivo na aula do nu, e pregas pelo natural, e de dois em dois meses, pintarão esbocetos de composição próprias sobre assumptos que lhes serão dados pelo respectivo professor. Para exame pintarão pelo modelo vivo uma figura de meio corpo do tamanho do natural e farão um esboceto de composição própria sobre assumpto que lhe será dado pela Conferência.

5.º ano

Os alunos do quinto anno continuarão a estudar do modelo vivo na aula do nu e pregas pelo natural e farão esbocetos de composição própria todos os meses até ao fim de Janeiro. Para exame farão um quadro de composição própria cujas figuras do primeiro plano em pé ou sentadas em pé, não tenham menos de 60 centímetros. Estes assumptos que lhe serão dados até dia 20 de Janeiro impreterivelmente, tendo novamente sidos escolhidos em Conferência.

Projecto de estatutos para a Academia Portuense de Belas Artes enviado para o director interino, Manuel da Fonseca Pinto.

4 de Outubro de 1865

Documentação do Ministério do Reino, Direcção Geral da Instrução pública, Mç 3228, Lv. 1141, ANTT, reproduzido em: Moura, 2005 (Volume II).

Pintura Histórica

1.º ano

Os alunos do 1.º anno estudarão o gesso quer desenhando quer pintando, e desenharão pelo modelo vivo figuras d'estudo.

Estes alunos passarão por 4 exames próximo ás férias do Natal, no fim de Fevereiro, no fim de Abril, e no fim de Junho.

Para exame final pintarão pelo gesso uma cabeça a claro escuro.

2.º ano

Os alunos do 2.º anno continuarão a desenhar o gesso e o modelo vivo, pintando por este ultimo cabeças e extremidades, e alem disto copiarão de pinturas algumas cabeças.

Haverá durante este anno 4 ex.mes de frequencia nas mesmas epochas correspondentes do 1.º anno.

Para exame final pintarão estes alunos a oleo pelo modelo vivo uma cabeça de tamanho igual ou maior do que o natural.

3.º ano

Os estudantes deste anno copiarão pregas pelo natural e figuras d'estudo pelo modelo vivo, e copiarão além disto algum quadro por pintura.

Estes alunos terão 4 exames parciaes nas mesmas epochas que os dos dois anos anteriores.

Para exame final pintarão pelo modelo vivo uma figura d'estudo que em pé ou suposta em pé não tenha menos de om, 88.

4.º ano

Os estudantes do 4.º anno continuarão a estudar o modelo vivo e pregas pelo natural, e de dois em dois meses pintarão esbocetos de composição propria sobre os assumptos que lhes foram indicados.

Terão estes alunos 4 ex.mes de frequencia nas mesmas epochas dos exames parceaes dos anos antecedentes.

Para exame final pintarão pelo modelo vivo uma figura de meio corpo do tamanho natural, e farão um esboceto de composição propria.

5.º ano

Os alunos do 5.º anno continuarão a estudar o modelo vivo e pregas pelo natural, e farão esbocetos de composição própria todos os meses até ao fim de Fevereiro. Estes alunos serão obrigados a dois exames de frequencia sendo o 1.º nas proximidades do Natal e o 2.º no fim de Fevereiro.

O exame final começará no 1.º de Março e constará d'um quadro de composição propria cujas figuras do 1.º plano em pé ou supostas em pé não tenham mais de om, 66.

Regulamento da Academia Portuense de Belas Artes

Não datado (cerca de 1870)

cota 52, Arquivo da FBAUP

Pintura

O professor da aula de pintura continuará a dar aos seus alunos lições de desenho ampliando progressivamente as [?] das suas observações ás proporções das capacidades e aproveitamento que elles forem colhendo dos estudos.

Terá particular cuidado em lhes dar conveniente instrução sobre a natureza e combinação das tintas, sobre a harmonia das côres, e methodo de as modificar em relação ao objecto e à luz; e finalmente sobre o verdadeiro gosto do colorido, que se observa nos originaes das diferentes escolas de pintura.

Programas do Cursos da Escola Portuense de Belas Artes

Não datado (1897)

cota 80, Arquivo da FBAUP

Pintura Histórica

1.º ano

Os alunos d'este ano farão em pintura estudos copiados do gesso, e desenharrão pelo modelo vivo figuras d'estudo.

Para exame pintarão do gesso uma cabeça e desenharrão uma figura do modelo vivo, tendo quinze sessões para estas duas provas.

2.º ano

N'este anno continuarão os alunos a estudar a gesso, pintarão cabeças, ora do modêlo vivo, ora de pinturas.

Para exame pintarão do modelo vivo uma cabeça do tamanho natural, em dez sessões.

3.º ano

Para exame pintarão do modelo vivo uma figura d'estudo, que não tenha menos de om, 65, e um esboceto de composição, cópia d'algum quadro; a primeira prova em dez sessões e a segunda em seis.

4.º ano

Os alunos d'este anno continuarão a estudar o modêlo vivo e pannejamentos do natural, e mensalmente apresentarão exercicios de composição, cujos assumptos lhes serão dados pelo respectivo professor.

Para exame pintarão do modelo vivo uma figura de meio corpo de tamanho natural, e farão um esboceto de composição sobre um assumpto que lhes será dado pela conferência, tendo para a execução da primeira prova quinze sessões, e para a da segunda tres sessões, sendo-lhes dado o assumpto com antecendência de tres dias.

5.º ano

Para exame farão nos últimos tres mezes um quadro de composição sobre assumpto, que previamente tenha sido escolhido em conferencia, e tendo em vista que as figuras do primeiro plano não tenham menos de om,65.

Parecer do concelho Escolar da Academia Portuense de Belas Artes sobre o Projecto de reorganização do Curso de Arquitectura Civil da Escola de Belas Artes de Lisboa, acompanhado de um Projecto de reorganização do ensino da academia do Porto. Enviados ao Director Geral da Instrução Publica Secundaria, Superior e Especial.

28 de Janeiro de 1909

Documentação do Ministério da Instrução Pública, Cx. 13, Doc. 4, ANTT, reproduzido em: Moura, 2005 (volume II).

Pintura Histórica

1.º ano

*Estudos do modelo nu ou trajado;
Desenhos, cabeças do antigo.*

2.º ano

Estudos do natural; cabeças de expressão.

3.º ano

*Estudos de figura do nu.
Cabeças de expressão; estudos de composição; estudos do ar livre.*

4.º ano

Estudos do modelo natural, nu ou trajado; estudos de composição; execução de quadros de género ou histórico.

5.º ano

Estudos de modelo nu ou trajado (repetição); estudos de composição decorativa com aplicação á pintura moral.

Anexo 3

Mobiliário e equipamentos das Aulas de Pintura da ABAL e da APBA

1. ACADEMIA DE BELAS ARTES DE LISBOA

Relação dos Moveis, que existem na Aula de Pintura de Paisagem e Productos Naturaes

8 de Novembro de 1837

Correspondência recebida, 1837-1899, cota: 1-C-SEC.63, Arquivo da ANBA.

Móveis e utensílios	Quantidade	Proveniência
<i>bancas de pinho, pintadas, próprias p.a para Desenharem os Discipulos</i>	8	<i>Mandadas fazer pela Academia</i>
<i>banca pequena para o mesmo uso</i>	1	<i>Aula de Desenho da Academia</i>
<i>cadeiras de noqueira com assentos de palhinha para os discipulos descançarem</i>	8	<i>Comprados pela Academia</i>
<i>cadeiras de noqueira para o estudo de perspectiva</i>	6	<i>Comprados pela Academia</i>
<i>bancos pequenos de pinho que forão pintados d'azul pela Academia</i>	8	<i>Depósito das livrarias dos extintos conventos</i>
<i>tabuleiros</i>	8	<i>Mandados fazer pela Academia</i>
<i>pedra calculatória encaixilhada</i>	1	<i>Repartição de Obras Públicas</i>
<i>cavalletes de pintar, de pinho, pintados</i>	4	<i>Mandados fazer pela Academia</i>
<i>cruzetas para suster os originais, de madeira de fóra</i>	9	<i>Aula de Desenho Histórico da Academia</i>
<i>moldura com vidros onde está o Regulamento desta Academia</i>	1	<i>Mandada fazer pela Academia</i>
<i>mezas de pinho, com gavetas para serviço do professor</i>	2	<i>Repartição de Obras Públicas</i>
<i>taboas de vinhatico que estão em cima destas para os desenhos</i>	2	<i>Repartição de Obras Públicas</i>
<i>armario de pinho pintado</i>	1	<i>Depósito das livrarias dos extintos conventos</i>
<i>commoda com seu Armário, de madeira de bordo</i>	1	<i>Depósito das livrarias dos extintos conventos (foi concertada às custas da Academia)</i>
<i>caixa com uma camera optica, com sua mesa de madeira de fora, sem lente nem reverbero, muito arruinada</i>	1	<i>Depósito das livrarias dos extintos conventos</i>
<i>carta geografica do Reino de Portugal, muito velha</i>	1	<i>Depósito das livrarias dos extintos conventos</i>

<i>cadeiras de couro, muito velhas</i>	4	<i>Depósito das livrarias dos extintos conventos</i>
<i>banco de pinho mandado pintar pela Academia</i>	1	<i>Depósito das livrarias dos extintos conventos</i>

Relação dos diferentes objectos que se comprarão para serviço da Aula de Pintura de Historia da Academia de Belas Artes de Lisboa a saber,

[1837]

Correspondência recebida, 1837-1899, cota: 1-C-SEC.63, Arquivo da ANBA.

Móveis e utensílios	Quantidade
<i>bancas novas</i>	4
<i>bancas arrançadas</i>	4
<i>cadeiras de caixa</i>	12
<i>cavallêtes novos</i>	12
<i>pincéis novos e cabos</i>	36
<i>Masticci</i>	<i>Meio arrátel</i>
<i>bacias de lavar as mãos</i>	2
<i>copos ordinários para agoa</i>	3
<i>copo dito fino</i>	1
<i>sabão</i>	<i>Meio arrátel</i>
<i>alguidar pequeno para as mãos</i>	1
<i>bilhas</i>	2
<i>toalhas de pano de linho com sete varas, embainhadas e marcadas</i>	5
<i>panos de algodão ditos para serviço da Aula</i>	5
<i>bandejas para copos</i>	2
<i>facas de tintas</i>	3
<i>turquez para puxar os panos</i>	1
<i>canetas d' aço para os Aggregados</i>	6
<i>canivetes de dois cortes</i>	6
<i>folhas de papel para desenho dos Quadros</i>	48
<i>panos pequenos,</i>	6
<i>frasco de barro</i>	1
<i>vidro de arrátel</i>	1
<i>tigelas com suas tampas</i>	3
<i>vidros para pôr as tintas n' agoa</i>	3

Relação dos Quadros de pinturas que existem na Aula de pintura de paisagem e productos naturaes, collocados nas paredes da referida Aula Moveis e Utencilios

n. d. [1838-1864]

cota: AJF/Cx1/Pt1/Doc.1, Arquivo do MNAA.

Móveis e utensílios	Quantidade
<i>bancos de pinho, pequenos</i>	13
<i>ditos d'encosto de pinho muito usados</i>	8
<i>armarios de d.o pintados</i>	3
<i>papeleiras de madeira de bordo como seus armarios uzados</i>	5
<i>caixa de Camera Optica, com sua meza de madeira de fóra sem lente nem reverbéro muito arruinada</i>	1
<i>carta geografica do Reino de Portugal, muito estragada com seus páos</i>	1
<i>cadeiras sem braços, de couro, velhas</i>	12
<i>canapé de madeira de fóra com estofa de crina, muito arruinado</i>	1
<i>dito com costas de couro, dito</i>	1
<i>mesas em semicirculo de madeira de fóra com pedras salemas e com seus espélhos</i>	2
<i>ditas de pinho pintadas fingindo madeira dita com pedras pretas com manchas amarellas, em parallelo gramo</i>	2
<i>dita velha de madeira de fóra, quadrada, com quatro gavetas pequenas, e rodizios</i>	1
<i>dita grande forrada de couro, e guarneçada de damasco em róda já usada</i>	1
<i>ditas pequenas de pinho de forradas d'oleado em muito máo estado</i>	2
<i>dita de páo santo com os pes fora do seu lugar, em máo estado</i>	1
<i>dita de madeira de fora, muito velha</i>	1
<i>mocho em forma de bofete, de madeira dt.</i>	1
<i>lavatorio de louça do nosso Fabrico, sem torneira</i>	1
<i>escadas portateis, huma com rodizios e outra sem elles</i>	2
<i>prensa de sellar assente em huma mesa com gavetaa de pinho</i>	1
<i>relogio de parede desmanchado, em máo estado</i>	1
<i>ditos de páo m.to ordinarios e desmanchados</i>	2
<i>meias portas pequenas de [?]</i>	22
<i>armario de madeira de fóra, em m.to máo estado</i>	1
<i>estante de lér, de madeira de fóra</i>	1
<i>[?] de cobre de diversos tamanhos</i>	4
<i>bilhas de dito ditos sem tampas</i>	4
<i>chaleira de d. sem dita</i>	1
<i>bacias d'arame sortidas</i>	3
<i>sineta</i>	1

2. ACADEMIA PORTUENSE DE BELAS ARTES

Inventario dos diferentes Objectos pertencentes à Aula de Pintura da Academia Portuense das Bellas Artes

3 Maio de 1845

Joaquim Rodrigues Braga

cota: 25, Arquivo da FBAUP.

Móveis e utensílios	Quantidade
<i>mesa do Lente forrada de pano vermelho</i>	1
<i>cadeira de braços</i>	1
<i>assentos de palhinha</i>	12
<i>cavaletes de Pintor</i>	6
<i>bancos de quatro pernas p.a por os Bustos</i>	6
<i>facas da pedra</i>	2
<i>pedra de moer tintas de Porfido, com a competente moeta de seicho</i>	1
<i>assento de pau onde pousa a pedra</i>	1
<i>moeta de pau</i>	1
<i>camera escura</i>	1
<i>prisma lucido</i>	1
<i>martelo pequeno</i>	1
<i>torquez</i>	1
<i>thesoura</i>	1
<i>tinteiro</i>	1
<i>campainha</i>	1
<i>furador</i>	1
<i>mezas de carteira</i>	4
<i>escova</i>	1
<i>faca de osso</i>	1
<i>armarios</i>	2
<i>estante fechada</i>	1
<i>ferros de serviço, p.a o transporte e restauro de quadros</i>	4
<i>ferro de bornir p.a o mesmo</i>	1
<i>tapaluz de sarapilheira</i>	1
<i>grade de 3 palmos e meio de alto por tres de largo com panno aparelhado a oleo</i>	1

Inventario da mobilia e mais utensilios da Academia Portuense de Bellas Artes

Junho de 1897

cota: 27, Arquivo da FBAUP.

Móveis e utensilios	Quantidade
<i>cavaletes para pintura</i>	4
<i>mochos de pinho</i>	7
<i>biombo que serve de fundo</i>	1
<i>reposteiro de panno azul</i>	1
<i>mesa de castanho</i>	1
<i>mocho de palhinha</i>	1
<i>cabides para chapeus</i>	2
<i>copo e pires</i>	1
<i>capacho de côco e outro de esparto</i>	2
<i>espanadores, um de cabelo e outro de pennas</i>	2
<i>vassoura</i>	1
<i>escarradeira</i>	1
<i>cortinas de paninho</i>	2
<i>manequim de madeira</i>	1
<i>manequim de trapo</i>	1

Anexo 4

Denominações e dimensões dos suportes para a pintura a óleo comercializados pelas companhias: Belot, Lefranc, Bourgeois e Winsor & Newton

1. TELAS

Suportes: Telas ordinárias com grades ordinárias e telas finas com grades de palmetas

Fornecedor: M^{me} Belot , rue de L'Arbre-Sec, n.º 3, Paris

Data: antes de 1851

Fonte: Paillot de Montabert, 1829: 147

Nota: Segundo Paillot de Montabert: *Ces mesures paraissent être d'ancienne date; car lors qu'on dit une toile de vingt, de dix, de cinq, cela veut dire toile de vingt sous, dix sous, et cinq sous* (p. 146).

Denominação	Formato				centímetros
	Comprimento		Largura		
	Pieds	Pouc.	Pieds	Pouc.	
Tela de 120	6		4		194,8 x 129,9
Tela de 100	5		4		162,4 x 129,9
Tela de 80	4	6	3	6	146,1 x 113,6
Tela de 60	3		4		97,4 x 129,9
Tela de 50	3	7	2	9	116,3 x 83,5
Tela de 40	3	1	2	6	100,1 x 81,2
Tela de 30	2	10	2	3	92 x 73
Tela de 25	2	6	2		81,2 x 64,9
Tela de 20		27		22	73 x 59,5
Tela de 15		24		20	64,9 x 54,1
Tela de 12		22 ½		18 ½	60,9 x 50
Tela de 10		20 ½		17	55,4 x 46
Tela de 8		17		14	46 x 37,8
Tela de 6		15		12	40,6 x 32,4
Tela de 5		13		10	35,1 x 27
Tela de 4		12		9	32,4 x 24,3
Tela de 3		10		8	27 x 21,6

TARIF

DES TOILES PRÉPARÉES POUR LES TABLEAUX.

Les toiles ordinaires et sans châssis coûtent 50 cent. le pied carré; les toiles fines, et sans châssis, coûtent 1 fr. le pied carré.

DÉNOMINATION. TOILES dites	MESURES.		PRIX.			
	Longueur.	Largeur.	Toiles ordi- naires: châs- sis ordinair.		Toiles fines: châssis à clefs.	
	Pieds. Pouc.	Pieds Pouc.	Fr.	C.	Fr.	C.
de cent vingt	6 » sur 4 »		12	60	33	»
de cent	5 » » 4 »		10	50	28	»
de quatre-vingt	4 6 » 3 6		8	50	22	»
de soixante	3 » » 4 »		6	50	17	»
de cinquante	3 7 » 2 9		5	50	14	»
de quarante	3 1 » 2 6		4	50	11	50
de trente	2 10 » 2 3		3	50	10	»
de vingt-cinq	2 6 » 2 »		3	»	8	»
de vingt	» 27 » » 22		2	50	7	20
de quinze	» 24 » » 20		2	»	5	50
de douze	» 22 $\frac{1}{2}$ » » 18 $\frac{1}{2}$		1	75	5	»
de dix	» 20 $\frac{1}{2}$ » » 17		1	50	4	50
de huit	» 17 » » 14		1	20	3	50
de six	» 15 » » 12		1	»	3	»
de cinq	» 13 » » 10		»	90	2	75
de quatre	» 12 » » 9		»	75	2	50
de trois	» 10 » » 8		»	60	2	25

Figura A4.1 Tarif des toiles préparées pour les tableaux, Paillot de Montabert, 1829: 147.

Suportes: Telas engradas

Fornecedor: Lefranc Frères, Lefranc & Cie: Rue du Four Saint-Germain, n.º 23, rue Princesse, n.º 1, Paris; A. Lefranc, rue Turrene, n.ºs 64-66, Paris

Datas: c. 1848 a 1876

Fontes: catálogos: Lefranc Frères, c. 1848, Lefranc & Cie, 1855, 1863, A. Lefranc 1876, segundo: Labreuche, 2011: 300; Bomford et al., 1990: 45; Roth-Meyer, 2004, vol. II: 542-547.

Denomi- nação	sem denomina- ção particular	Paisagem (sur châssis ordinaires)		Marinha (sur châssis ordinaires)	
Tela de 1	21,6 x 16,2				
Tela de 2	24,3 x 18,9				
Tela de 3	27 x 21,6				
Tela de 4	32,4 x 24,3				
Tela de 5	35,9 x 28,8	35,1 x 27	35,1 x 24,5	35,1 x 21,6	35,1 x 18,9
Tela de 6	40,5 x 32,4	40,5 x 29,7	40,5 x 27	40,5 x 24,5	40,5 x 21,6
Tela de 8	45,9 x 37,8	45,9 x 35,1	45,9 x 32,4	45,9 x 29,7	45,9 x 27
Tela de 10	54 x 45,9	54 x 43,2	54 x 40,5	54 x 37,8	54 x 35,1
Tela de 12	59,4 x 48,6	59,4 x 45,9	59,4 x 43,2	59,4 x 40,5	59,4 x 37,8
Tela de 15	66,8 x 54	64,8 x 48,6	64,8 x 45,9	64,8 x 43,2	64,8 x 40,5
Tela de 20	72,9 x 59,4	72,9 x 56,7	72,9 x 54	72,9 x 51,3	72,9 x 48,6
Tela de 25	81 x 64,8	81 x 62,1	81 x 59,4	81 x 56,7	81 x 54
Tela de 30	91,8 x 72,9	91,8 x 70,2	91,8 x 67,5	91,8 x 64,8	91,8 x 62,1
Tela de 40	99,9 x 81				
Tela de 50	116,1 x 89,1				
Tela de 60	129,6 x 97,2				
Tela de 80	145,8 x 113,4				
Tela de 100	162 x 129,6				
Tela de 120	194,4 x 129,6				

TOILES POUR LA PEINTURE A L'HUILE, TENDUES SUR CHASSIS.										
DÉNOMINATIONS.	DIMENSIONS.		CHASSIS ORDIN.		CHASSIS A CLERS.		CHASSIS A CLERS.		CHASSIS ORDIN.	
	En mètres.		En pouces.		Toile ordinaire.		Toile ordinaire.		Toile ordinaire.	
	fr.	e.	fr.	e.	fr.	e.	fr.	e.	fr.	e.
De 1	0,216	sur 0,162	8	sur 6	»	50	1	25	1	70
De 2	0,243	— 0,189	9	— 7	»	50	1	30	1	80
De 3	0,270	— 0,216	10	— 8	»	60	1	40	2	10
De 4	0,324	— 0,243	12	— 9	»	60	1	50	2	25
De 5	0,369	— 0,288	13½	— 10½	»	80	1	80	2	50
De 6	0,405	— 0,324	15	— 12	»	90	2	»	2	80
De 8	0,459	— 0,378	17	— 14	1	20	2	60	3	25
De 10	0,540	— 0,459	20	— 17	1	50	3	»	4	25
De 12	0,594	— 0,486	22	— 18	1	70	3	50	4	75
De 15	0,668	— 0,540	24	— 20	1	90	3	75	5	25
De 20	0,729	— 0,594	27	— 22	2	40	4	50	6	75
De 25	0,810	— 0,648	30	— 24	2	80	5	»	7	75
De 30	0,918	— 0,729	34	— 27	3	30	6	75	8	60
De 40	0,999	— 0,810	37	— 30	4	25	7	75	11	20
De 50	1,161	— 0,891	43	— 33	5	25	9	»	13	50
De 60	1,296	— 0,972	48	— 36	6	25	10	75	16	50
De 80	1,458	— 1,134	54	— 42	8	20	14	50	21	50
De 100	1,620	— 1,296	60	— 48	10	»	18	»	27	»
De 120	1,944	— 1,296	72	— 48	12	»	20	»	32	»

TOILES POUR MARINES ET PAYSAGES, CHASSIS ORDINAIRES.		
Mêmes prix que pour les Toiles pour la peinture à l'huile tendues sur châssis, p. 47.		
DÉNOMINATIONS.	DIMENSIONS EN MILLIMÈTRES.	DIMENSIONS EN POUÇES.
De 5.	360 sur 189, 216, 243, 270.	13½ sur 7, 8, 9, 10.
De 6.	405 216, 243, 270, 297	15 — 8, 9, 10, 11.
De 8.	459 270, 297, 224, 351.	17 — 10, 11, 12, 13.
De 10.	540 351, 378, 405, 432.	20 — 13, 14, 15, 16.
De 12.	594 378, 405, 432, 459.	22 14, 15, 16, 17.
De 15	648 405, 432, 459, 486.	24 15, 16, 17, 18.
De 20.	729 486, 513, 540, 567.	27 18, 19, 20, 21.
De 25.	810 540, 567, 594, 621	30 — 20, 21, 22, 23.
De 30.	918 621, 648, 675, 702.	34 23, 24, 25, 26.

Figura A4.2 Toiles para a pintura a l'huile, tendidas sobre chassis, Lefranc. Bomford et al, 1990: 45.

Suportes: Telas engradadas

Fornecedor: A. Lefranc, rue Turrene, n.ºs 64-66, Paris

Data: 1883

Fontes: catálogos: A. Lefranc, 1883, segundo: Labreuche, 2011: 301; Roth-Meyer, 2004, vol. II: 548-549.

Denomi- nação	sem denomina- ção particular	Paisagem		Marinha	
		<i>(sur châssis ordinaires ou à clés)</i>		<i>(sur châssis ordinaires ou à clés)</i>	
Tela de 1	21,5 x 16				
Tela de 2	24,5 x 19				
Tela de 3	27 x 21,5				
Tela de 4	32,5 x 24,5				
Tela de 5	35 x 28,5	35 x 27	35 x 24	35 x 21,5	35 x 18,9
Tela de 6	40,5 x 32,5	40,5 x 29,7	40,5 x 27	40,5 x 24	40,5 x 21,6
Tela de 8	46 x 38	46 x 35,1	46 x 32,5	46 x 29,7	46 x 27
Tela de 10	55 x 46	54 x 43,2	55 x 38	55 x 35,1	55 x 32,5
Tela de 12	61 x 50	61 x 45,9	61 x 43,2	61 x 40,5	61 x 38
Tela de 15	65 x 54	65 x 48,5	65 x 45,9	65 x 43,2	65 x 40,5
Tela de 20	73 x 59,5	73 x 56,7	73 x 54	73 x 51,3	73 x 48,5
Tela de 25	81 x 65	81 x 62,1	81 x 59	81 x 56,7	81 x 54
Tela de 30	92 x 73	92 x 70,2	92 x 67,5	92 x 64,8	92 x 62,1
Tela de 40	100 x 81				
Tela de 50	116 x 89				
Tela de 60	130 x 97				
Tela de 80	146 x 113,4				
Tela de 100	162 x 130				
Tela de 120	194 x 130				

Suportes: Telas engradadas

Fornecedor: Lefranc & Cie, rue Turrene, n.ºs 64-66, rue de Notre-Dame-de-Lorette, n.º 46, Paris (1883), rue de Valois, n. 18, Paris (1898 e 1905),

Datas: 1889, 1898, 1905

Fontes: catálogos: Lefranc & Cie 1889, 1898 e 1905, segundo: Labreuche, 2011: 302; Roth-Meyer, 2004, vol. II: 550-551.

N.º	Retrato	Paisagem (dimensão ao alto)	Paisagem (dimensão ao baixo)	Marinha (dimensão ao alto)	Marinha (dimensão ao baixo)
n.º 1	21,5 x 16	21,5 x 14		21,5 x 11,5	
n.º 2	24,5 x 19	24,5 x 16		24,5 x 14	
n.º 3	27 x 21,5	27 x 19		27 x 16	
n.º 4	32,5 x 24,5	32,5 x 21,5		32,5 x 19	
n.º 5	35 x 28,5	35 x 27	35 x 24	35 x 21,5	35 x 18,9
n.º 6	40,5 x 32,5	40,5 x 29,7	40,5 x 27	40,5 x 24	40,5 x 21,5
n.º 8	46 x 38	46 x 35,1	46 x 32,5	46 x 29,7	46 x 27
n.º 10	55 x 46	54 x 43,2	55 x 38	55 x 35,1	55 x 32,5
n.º 12	61 x 50	61 x 45,9	61 x 43,2	61 x 40,5	61 x 38
n.º 15	65 x 54	65 x 48,5	65 x 45,9	65 x 43,2	65 x 40,5
n.º 20	73 x 59,5	73 x 56,7	73 x 54	73 x 51,3	73 x 48,5
n.º 25	81 x 65	81 x 62,1	81 x 59	81 x 56,7	81 x 54
n.º 30	92 x 73	92 x 70,2	92 x 67,5	92 x 64,8	92 x 62,1
n.º 40	100 x 81	100 x 73		100 x 65	
n.º 50	116 x 89	116 x 81		116 x 73	
n.º 60	130 x 97	130 x 89		130 x 81	
n.º 80	146 x 113,4	146 x 97		146 x 89	
n.º 100	162 x 130	162 x 113,4		162 x 97	
n.º 120	194 x 130	194 x 113,4		194 x 97	

Suportes: Telas engradadas

Fornecedor: Bourgeois aîné

Data: 1888

Fonte: Bomford et al., 1990: 46

N.º	Retrato	Paisagem	Marinha
n.º 1	22 x 16	22 x 14	22 x 12
n.º 2	24 x 19	24 x 16	24 x 14
n.º 3	27 x 22	27 x 19	27 x 16
n.º 4	33 x 24	33 x 22	33 x 19
n.º 5	35 x 27	35 x 24	35 x 22
n.º 6	41 x 33	41 x 27	41 x 24
n.º 8	46 x 38	46 x 33	46 x 27
n.º 10	55 x 46	55 x 38	55 x 33
n.º 12	60 x 50	60 x 46	60 x 38
n.º 15	65 x 54	65 x 50	65 x 46
n.º 20	73 x 60	73 x 54	73 x 50
n.º 25	81 x 65	81 x 60	81 x 54
n.º 30	92 x 73	92 x 65	92 x 60
n.º 40	100 x 81	100 x 73	100 x 65
n.º 50	116 x 89	116 x 81	116 x 73
n.º 60	130 x 97	130 x 89	130 x 81
n.º 80	146 x 114	146 x 97	146 x 89
n.º 100	162 x 130	162 x 114	162 x 97
n.º 120	195 x 130	195 x 130	195 x 114

TOILES POUR PEINTURE A L'HUILE TENDUES SUR CHASSIS									
NUMÉROS	DIMENSIONS			TOILE ORDINAIRE			TOILE 1, 2 FINE	TOILE FINE	
	FIGURE	PAYSAGE	MARINE	CHASSIS ordinaires carrés	CHASSIS à clés, carrés modèle déposé (1)	CHASSIS ordinaires ovales	CHASSIS à clés, carrés modèle déposé (1)	CHASSIS à clés, carrés modèle déposé (1)	CHASSIS à clés, ovales anciens
	m. m.	m. m.	m. m.	fr. c.	fr. c.	fr. c.	fr. c.	fr. c.	fr. c.
1	0 22 x 0 16	0 22 x 0 14	0 22 x 0 12	» 60	» 65	1 50	» 70	» 85	3 50
2	0 24 x 0 19	0 24 x 0 16	0 24 x 0 14	» 65	» 75	1 60	» 80	1 »	3 75
3	0 27 x 0 22	0 27 x 0 19	0 27 x 0 16	» 70	» 85	1 75	» 95	1 20	4 »
4	0 33 x 0 24	0 33 x 0 22	0 33 x 0 19	» 80	1 05	2 »	1 20	1 50	4 75
5	0 35 x 0 27	0 35 x 0 24	0 35 x 0 22	» 90	1 25	2 25	1 40	1 75	5 50
6	0 41 x 0 33	0 41 x 0 27	0 41 x 0 24	1 »	1 50	2 50	1 70	2 20	6 »
8	0 46 x 0 38	0 46 x 0 33	0 46 x 0 27	1 30	1 75	3 »	2 10	2 70	6 50
10	0 55 x 0 46	0 55 x 0 38	0 55 x 0 33	1 50	2 25	3 75	2 70	3 55	8 50
12	0 60 x 0 50	0 60 x 0 46	0 60 x 0 38	1 80	2 55	4 25	3 10	4 15	9 50
15	0 65 x 0 54	0 65 x 0 50	0 65 x 0 46	2 »	3 »	4 50	3 60	4 85	11 »
20	0 73 x 0 60	0 73 x 0 54	0 73 x 0 50	2 50	3 50	5 75	4 20	5 70	12 50
25	0 81 x 0 65	0 81 x 0 60	0 81 x 0 54	2 80	4 15	6 75	5 05	6 80	14 »
30	0 92 x 0 73	0 92 x 0 65	0 92 x 0 60	3 30	5 15	7 50	6 30	8 55	15 »
40	1 » x 0 81	1 » x 0 73	1 » x 0 65	4 25	6 10	9 »	7 55	10 15	20 »
50	1 16 x 0 89	1 16 x 0 81	1 16 x 0 73	5 25	7 65	11 »	9 35	12 75	22 »
60	1 30 x 0 97	1 30 x 0 89	1 30 x 0 81	6 25	8 95	13 »	11 05	15 15	28 »
80	1 46 x 1 14	1 46 x 0 97	1 46 x 0 89	8 20	11 60	16 »	14 30	19 70	32 »
100	1 62 x 1 30	1 62 x 1 14	1 62 x 0 97	10 »	14 65	20 »	18 05	24 80	36 »
120	1 95 x 1 30	1 95 x 1 30	1 95 x 1 14	12 »	18 15	22 »	22 20	30 30	40 »

(1) Voir figure, page ci-contre.

NOTA. — Les Châssis hors mesure sont livrés dans les 24 heures de la réception de la Commande.

Figura A4.3 Toiles pour la peinture a l'huile, tendus sur chassis, Lefranc. Bomford et al, 1990: 46.

Suportes: Telas engradadas com camada de preparação

Fornecedor: Winsor & Newton, London, 38, Rathbone Place

Datas: 1853; 1863

Fontes: Macgill's, 1853: 10; catálogo: Winsor & Newton, 1863: 117.

Retrato		Paisagem	
polegadas / pés	cm	polegadas	cm
8 x 6	20,3 x 15,2	9 x 6	22,8 x 15,2
10 x 8	25,4 x 20,3	10 x 7	25,4 x 17,7
14 x 12	35,5 x 30,4	12 x 8	30,4 x 20,3
18 x 14	45,7 x 35,5	12 x 9	30,4 x 22,8
20 x 16	50,8 x 40,6	13 x 9	33 x 22,8
21 x 17	53,3 x 43,1	14 x 10	35,5 x 25,4
24 x 20	<i>Head Size</i>	15 x 11	38,1 x 27,9
30 x 25	<i>Three quarter size</i>	16 x 12	40,6 x 30,4
36 x 28	<i>Kitcat</i>	18 x 12	45,7 x 30,4
44 x 34	<i>Small half-length</i>	19 x 13	48,2 x 33
50 x 40	<i>Half-length</i>	21 x 14	53,3 x 35,5
56 x 44	<i>Bishop's half-length</i>	22 x 16	55,8 x 40,6
7 ft.10 x 4 ft.10	<i>Whole lenght</i>	24 x 18	60,9 x 45,7
8 ft.10 x 5 ft.10	<i>Bishop's whole length</i>	27 x 20	68,5 x 50,8
		30 x 20	76,2 x 50,8
		36 x 24	91,4 x 60,9

PREPARED CANVASES ON FRAMES.

PORTRAIT SIZES.

Inches.	per dozen	Weighted Frames.
8 by 6	7 0	8 0
10 " 8	9 0	10 0
12 " 10	12 0	12 0
14 " 12	16 0	16 0
18 " 14	18 0	18 0
20 " 16	24 0	24 0
21 " 17	19 0	19 0
24 " 20, Head Size	24 0	24 0
30 " 25, Three quarter size	31 0	31 0
36 " 28, Kitcat	41 0	41 0
44 " 34, Small half-length	6 0	6 0
50 " 40, Half-length.	9 0	9 0
56 " 44, Bishop's half-length.	11 0	11 0
7 ft. 10 by 4 ft. 10, Whole length	28 0	28 0
8 ft. 10 by 5 ft. 10, Bishop's whole length	42 0	42 0

LANDSCAPE SIZES.

Inches.	per dozen	Weighted Frames.
9 by 6	7 0	8 0
10 " 7	8 0	9 0
12 " 8	9 0	10 0
12 " 9	9 0	10 0
13 " 9	10 0	11 0
14 " 10	11 0	12 0
15 " 11	12 0	13 0
16 " 12	13 0	14 0
17 " 13	14 0	15 0
18 " 12	15 0	16 0
19 " 13	16 0	17 0
21 " 14	17 0	18 0
22 " 16	18 0	19 0
24 " 18	20 0	21 0
27 " 20	24 0	25 0
30 " 20	28 0	29 0
36 " 24	34 0	35 0

Frames any Size Covered with Ticks or B... Cloth at Proportionate Prices.

Figura A4.4 Prepared Canvases on Frames, Winsor & Newton, 1863: 117.

Suportes: Telas de primeira e segunda qualidade

Fornecedor: Winsor & Newton, 37, 38, 39, and 40, Rathbone Place, London, W.

Data: 1896

Fonte: catálogo: Winsor & Newton, 1896: 99 e 101

polegadas	cm
7 x 5	17,7 x 12,7
8 x 6	20,3 x 15,2
9 x 6	22,8 x 15,2
9 x 7	22,8 x 17,7
10 x 6	25,4 x 15,2
10 x 7	25,4 x 17,7
10 x 8	25,4 x 20,3
11 x 9	27,9 x 22,8
12 x 6	30,4 x 15,2
12 x 8	30,4 x 20,3
12 x 9	30,4 x 22,8
12 x 10	30,4 x 25,4
13 x 9	33 x 22,8
13 x 10	33 x 25,4
13 x 11	33 x 27,9
14 x 7	35,5 x 17,7
14 x 8	35,5 x 20,3
14 x 9	35,5 x 22,8
14 x 10	35,5 x 25,4
14 x 12	35,5 x 30,4
15 x 11	38,1 x 27,9
15 x 12	38,1 x 30,4
16 x 8	40,6 x 20,3
16 x 10	40,6 x 25,4
16 x 12	40,6 x 30,4
16 x 14	40,6 x 35,5
17 x 13	43,1 x 33
17 x 14	43,1 x 35,5
18 x 10	45,7 x 25,4
18 x 12	45,7 x 30,4
18 x 14	45,7 x 35,5
18 x 16	45,7 x 40,6
19 x 13	48,2 x 33
19 x 15	48,2 x 38,1
20 x 12	50,8 x 30,4
20 x 14	50,8 x 35,5
20 x 15	50,8 x 38,1
20 x 16	50,8 x 40,6
21 x 14	53,3 x 35,5
21 x 17	53,3 x 43,1

polegadas		cm
22 x 10		55,88 x 25,4
22 x 14		55,88 x 35,5
22 x 16		55,88 x 40,6
22 x 17		55,88 x 43,1
22 x 18		55,88 x 45,7
24 x 12		60,96 x 30,4
24 x 14		60,96 x 35,5
24 x 16		60,96 x 40,6
24 x 18		60,96 x 45,7
24 x 20		60,96 x 50,8
26 x 16		66,04 x 40,6
26 x 18		66,04 x 45,7
26 x 20		66,04 x 50,8
26 x 22		66,04 x 55,8
27 x 20		68,58 x 50,8
27 x 22		68,58 x 55,8
29 ¼ x 21 ¼		74,29 x 53,9
30 x 18		76,20 x 45,7
30 x 20		76,20 x 50,8
30 x 22		76,20 x 55,8
30 x 24		76,20 x 60,9
30 x 25	<i>Three quarter</i>	76,20 x 63,5
36 x 20		91,44 x 50,8
36 x 24		91,44 x 60,9
36 x 28	<i>Kit-Cat</i>	91,44 x 71,1
37 x 13		93,98 x 33
38 x 14		96,52 x 35,5
40 x 24		101,60 x 60,9
40 x 28		101,60 x 71,1
40 x 30		101,60 x 76,2
42 x 24		106,68 x 60,9
42 x 28		106,68 x 71,1
44 x 34	<i>Small half length</i>	111,76 x 86,3
48 x 36		198,12 x 91,4
50 x 30	<i>Landscape</i>	127 x 76,2
50 x 40	<i>Half length</i>	127 x 101,6
54 x 36	<i>Landscape</i>	137,15 x 91,4
60 x 40	<i>Landscpae</i>	152,40 x 101,6
56 x 44	<i>Bishop's half length</i>	142,24 x 111,7
88 x 52	<i>Small whole length</i>	223,52 x 132
94 x 58	<i>Whole length</i>	238,76 x 147,3
106 x 70	<i>Bishop'swhole length</i>	269,24 x 177,8

WINSOR AND NEWTON'S
BEST ARTISTS' CANVAS.

STRAINED ON BEST WEDGED STRETCHERS.

With Bevelled Inside Edges, which Prevent the Canvas being Marked by the Wood.

Size in inches.	Per doz.	Size in inches.	Per doz.	Size in inches.	Per doz.
s. d.	s. d.	s. d.	s. d.	s. d.	s. d.
7 by 5 ...	4 8	18 by 14 ...	15 0	30 by 24 ...	33 0
8 " 6 ...	5 4	18 " 16 ...	15 6	30 " 25 ...	33 6
9 " 6 ...	6 0	19 " 13 ...	14 6	" "Three quarter" ...	34 6
9 " 7 ...	6 8	19 " 15 ...	16 0	36 by 20 ...	34 6
10 " 6 ...	6 6	20 " 12 ...	14 3	36 " 24 ...	39 6
10 " 7 ...	7 0	20 " 14 ...	16 0	36 " 28 ...	44 0
10 " 8 ...	7 3	20 " 15 ...	16 6	" "Kit-Cat" ...	44 0
11 " 9 ...	8 4	20 " 16 ...	16 9	37 by 13 ...	32 0
12 " 6 ...	7 0	21 " 14 ...	16 6	38 " 14 ...	36 0
12 " 8 ...	8 0	21 " 17 ...	18 0	40 " 24 ...	4 0
12 " 9 ...	8 4	22 " 10 ...	16 0	40 " 28 ...	4 8
12 " 10 ...	9 0	22 " 14 ...	18 0	40 " 30 ...	5 4
13 " 9 ...	9 0	22 " 16 ...	18 0	42 " 24 ...	4 4
13 " 10 ...	9 4	22 " 17 ...	19 0	42 " 28 ...	5 0
13 " 11 ...	10 0	22 " 18 ...	20 0	44 " 34 ...	6 3
14 " 7 ...	8 6	24 " 12 ...	16 8	" "Small half length" ...	6 3
14 " 8 ...	9 0	24 " 14 ...	18 0	48 by 36 ...	7 4
14 " 9 ...	10 0	24 " 16 ...	20 0	50 " 30 ...	6 9
14 " 10 ...	10 0	24 " 18 ...	22 0	" "Landscape" ...	6 9
14 " 12 ...	11 0	24 " 20 ...	24 0	50 by 40 ...	8 4
15 " 11 ...	11 4	26 " 16 ...	22 6	" "Half length" ...	8 4
15 " 12 ...	11 6	26 " 18 ...	24 0	54 by 36 ...	8 4
16 " 8 ...	9 8	26 " 20 ...	26 6	" "Landscape" ...	8 4
16 " 10 ...	11 0	26 " 22 ...	28 0	60 by 40 ...	10 6
16 " 12 ...	12 0	27 " 20 ...	26 6	" "Landscape" ...	10 6
16 " 14 ...	13 3	27 " 22 ...	28 6	56 by 44 ...	11 0
17 " 13 ...	13 3	29 1/2 " 21 1/2 ...	29 0	" "Bishop's half length" ...	11 0
17 " 14 ...	13 9	30 " 18 ...	28 0	88 by 52 ...	24 0
18 " 10 ...	11 9	30 " 20 ...	29 6	" "Small whole length" ...	24 0
18 " 12 ...	13 0	30 " 22 ...	32 0	94 by 58 ...	28 0
				" "Whole length" ...	28 0
				106 by 70 ...	36 0
				" "Bishop's whole length" ...	36 0

These Stretchers when covered with "Ticken" Canvas are slightly higher in price than the above.

HINGED CANVAS AND STRETCHERS, 5s. EACH EXTRA.

Figura A4.5 Best Artists' Canvas, Winsor & Newton, 1896: 99.

SECOND QUALITY ARTISTS' CANVAS

(Foreign Fabric, prepared by Winsor & Newton, Ltd.)

SINGLE-PRIMED.

27 inches wide ...	Per Roll of 6 yards.	45 inches wide ...	Per Roll of 6 yards.
s. d.	s. d.	s. d.	s. d.
30 " " ...	8 0	54 " " ...	13 0
36 " " ...	9 0	62 " " ...	16 0
38 " " ...	10 6	74 " " ...	18 0
42 " " ...	11 0	86 " " ...	21 0
	12 0		24 0

Second quality Canvas can also be supplied full-primed at the same prices.

SECOND QUALITY ARTISTS' CANVAS,

On Good English Wedged Stretchers with Bevelled Inside Edges.

Size in inches.	Per doz.	Size in inches.	Per doz.	Size in inches.	Per doz.
s. d.	s. d.	s. d.	s. d.	s. d.	s. d.
7 by 5 ...	3 4	18 by 14 ...	10 3	30 by 24 ...	23 6
8 " 6 ...	4 0	18 " 16 ...	11 6	30 " 25 ...	24 0
9 " 6 ...	4 0	19 " 13 ...	10 3	" "Three-quarter" ...	24 0
9 " 7 ...	4 6	19 " 15 ...	11 0	36 by 20 ...	27 0
10 " 6 ...	4 8	20 " 12 ...	10 0	36 " 24 ...	28 0
10 " 7 ...	5 0	20 " 14 ...	11 6	36 " 28 ...	30 0
10 " 8 ...	5 3	20 " 15 ...	12 0	" "Kit-Cat" ...	30 0
11 " 9 ...	6 0	20 " 16 ...	12 0	37 by 13 ...	24 0
12 " 6 ...	5 3	21 " 14 ...	11 6	38 " 14 ...	25 0
12 " 8 ...	5 6	21 " 17 ...	13 0	40 " 24 ...	3 4
12 " 9 ...	6 3	22 " 10 ...	11 0	40 " 28 ...	3 8
12 " 10 ...	6 4	22 " 14 ...	12 0	40 " 30 ...	4 0
13 " 9 ...	6 6	22 " 16 ...	13 0	42 " 24 ...	3 6
13 " 10 ...	6 6	22 " 17 ...	13 6	42 " 28 ...	4 0
13 " 11 ...	7 0	22 " 18 ...	14 0	44 " 34 ...	5 0
14 " 7 ...	6 0	24 " 12 ...	12 0	" "Small half length" ...	5 0
14 " 8 ...	6 4	24 " 14 ...	13 0	48 by 36 ...	6 0
14 " 9 ...	7 0	24 " 16 ...	15 0	50 " 30 ...	5 6
14 " 10 ...	7 0	24 " 18 ...	15 0	" "Landscape" ...	5 6
14 " 12 ...	7 8	24 " 20 ...	16 0	50 by 40 ...	6 8
15 " 11 ...	8 0	26 " 16 ...	16 0	" "Half length" ...	6 8
15 " 12 ...	8 0	26 " 18 ...	16 0	54 by 36 ...	6 8
16 " 8 ...	7 0	26 " 20 ...	18 0	" "Landscape" ...	6 8
16 " 10 ...	7 9	26 " 22 ...	19 0	60 " 40 ...	8 4
16 " 12 ...	8 6	27 " 20 ...	21 0	" "Landscape" ...	8 4
16 " 14 ...	9 6	27 " 22 ...	21 0	56 by 44 ...	8 6
17 " 13 ...	10 0	29 1/2 " 21 1/2 ...	21 0	" "Bishop's half length" ...	8 6
17 " 14 ...	10 0	30 " 18 ...	20 0	88 by 52 ...	18 0
18 " 10 ...	8 0	30 " 20 ...	22 0	" "Small whole length" ...	18 0
18 " 12 ...	9 0	30 " 22 ...	23 0	94 by 58 ...	22 0
				" "Whole length" ...	22 0
				106 by 70 ...	30 0
				" "Bishop's whole length" ...	30 0

Figura A4.6 Second Quality Artists' Canvas, Winsor & Newton, 1896: 101.

2. PAINÉIS DE MADEIRA

Suportes: Painéis de qualidade superior em mogno

Fornecedor: Winsor & Newton, London, 38, Rathbone Place

Datas: 1853; 1863

Fontes: Macgill's, 1853: 11; catálogo: Winsor & Newton, 1863: 118

polegadas	cm	polegadas	cm
8 x 6	20,3 x 15,2	16 x 12	40,6 x 30,4
9 x 6	22,8 x 15,2	17 x 12	43,1 x 30,4
9 x 7	22,8 x 17,7	17 x 13	43,1 x 33
10 x 7	25,4 x 17,7	17 x 14	43,1 x 35,5
10 x 8	25,4 x 20,3	18 x 12	45,7 x 30,4
11 x 8	27,9 x 20,3	18 x 13	45,7 x 33
11 x 9	27,9 x 22,8	18 x 14	45,7 x 35,5
12 x 8	30,4 x 20,3	19 x 13	48,2 x 33
12 x 9	30,4 x 22,8	19 x 14	48,2 x 35,5
12 x 10	30,4 x 25,4	20 x 14	50,8 x 35,5
13 x 8	33, x 20,3	20 x 16	50,8 x 40,6
13 x 9	33, x 22,8	21 x 17	53,3 x 43,1
13 x 10	33 x 25,4	22 x 16	55,88 x 40,6
13 x 11	33 x 27,9	22 x 18	55,8 x 45,7
14 x 9	35,5 x 22,8	23 x 16	58,4 x 40,6
14 x 10	35,5 x 25,4	24 x 18	60,9 x 45,7
14 x 12	35,5 x 30,4	24 x 20	60,9 x 50,8
15 x 10	38,1 x 25,4	28 x 20	71,1 x 50,8
15 x 12	38,1 x 30,4	30 x 25	76,2 x 63,5
16 x 11	40,6 x 27,9	36 x 28	91,4 x 71,1

Inches.		s.	d.	Inches.		s.	d.
8 by 6	each	0	10	16 by 12	each	3	4
9 " 6	"	1	0	17 " 12	"	3	6
9 " 7	"	1	0	17 " 13	"	3	9
10 " 7	"	1	2	17 " 14	"	4	0
10 " 8	"	1	4	18 " 12	"	3	9
11 " 8	"	1	6	18 " 13	"	4	0
11 " 9	"	1	8	18 " 14	"	4	4
12 " 8	"	1	9	19 " 13	"	4	4
12 " 9	"	1	10	19 " 14	"	4	9
12 " 10	"	2	2	20 " 14	"	5	0
13 " 8	"	1	10	20 " 16	"	5	9
13 " 9	"	2	2	21 " 17	"	7	0
13 " 10	"	2	4	22 " 16	"	7	0
13 " 11	"	2	6	22 " 18	"	8	0
14 " 9	"	2	3	23 " 16	"	7	6
14 " 10	"	2	6	24 " 18	"	8	6
14 " 12	"	3	0	24 " 20	"	9	0
15 " 12	"	3	2	28 " 20	"	12	0
15 " 11	"	3	2	30 " 25	"	16	0
16 " 11	"	3	2	36 " 28	"	3	0

Figura A4.7 Superior Panels, Winsor & Newton, 1863: 118.

Suportes: Painéis em mogno e choupo com camada de preparação branca

Fornecedor: Winsor & Newton, 37, 38, 39, e 40, Rathbone Place, London, W.

Data: 1896

Fonte: catálogo: Winsor & Newton, 1896: 104.

polegadas	cm	polegadas	cm
8 x 6	20,3 x 15,2	17 x 12	41,3 x 30,4
9 x 6	22,8 x 15,2	17 x 13	43,1 x 33
9 x 7	22,8 x 17,7	17 x 14	43,1 x 35,5
10 x 7	25,4 x 17,7	18 x 12	45,7 x 30,4
10 x 8	25,4 x 20,3	18 x 13	45,7 x 33
11 x 8	27,9 x 20,3	18 x 14	45,7 x 35,5
11 x 9	27,9 x 22,8	19 x 13	48,2 x 33
12 x 8	30,4 x 20,3	19 x 14	48,2 x 35,5
12 x 9	30,4 x 22,8	20 x 14	50,8 x 43,5
12 x 10	30,4 x 25,4	20 x 13	50,8 x 33
13 x 8	33 x 20,3	20 x 16	50,8 x 40,6
13 x 9	33 x 22,8	21 x 14	53,3 x 35,5
13 x 10	33 x 25,4	21 x 17	53,3 x 43,1
13 x 11	33 x 27,9	22 x 16	55,8 x 40,6
14 x 9	35,5 x 22,8	22 x 18	55,8 x 45,7
14 x 10	35,5 x 25,4	23 x 16	58,4 x 40,6
14 x 12	35,5 x 30,4	24 x 18	60,9 x 45,7
15 x 11	38,1 x 27,9	24 x 20	60,9 x 50,8
15 x 12	38,1 x 30,4	30 x 20	76,2 x 50,8
16 x 11	40,6 x 27,9	30 x 25	76,2 x 63,5
16 x 12	40,6 x 30,4	36 x 28	91,4 x 71,1

BEST SEASONED MAHOGANY AND POPLAR PANELS

CAREFULLY PREPARED WITH A WHITE GROUND FOR PAINTING IN OIL COLOURS.

Size in inches.	MAHOGANY.		POPLAR.		Size in inches.	MAHOGANY.		POPLAR.	
	Each.	s. d.	Each.	s. d.		Each.	s. d.	Each.	s. d.
8 by 6 ...	0	10	0	4	17 by 12 ...	3	6	—	—
9 .. 6 ...	1	0	—	—	17 .. 13 ...	3	9	—	—
9 .. 7 ...	1	0	—	—	17 .. 14 ...	4	0	—	—
10 .. 7 ...	1	2	0	8	18 .. 12 ...	3	9	—	—
10 .. 8 ...	1	4	0	8	18 .. 13 ...	4	0	—	—
11 .. 8 ...	1	6	—	—	18 .. 14 ...	4	4	2	0
11 .. 9 ...	1	8	—	—	19 .. 13 ...	4	4	—	—
12 .. 8 ...	1	9	0	10	19 .. 14 ...	4	9	—	—
12 .. 9 ...	1	10	—	—	20 .. 14 ...	5	0	2	4
12 .. 10 ...	2	2	1	0	20 .. 15 ...	5	4	—	—
13 .. 8 ...	1	10	1	0	20 .. 16 ...	5	9	2	8
13 .. 9 ...	2	2	—	—	21 .. 14 ...	5	9	—	—
13 .. 10 ...	2	4	—	—	21 .. 17 ...	7	0	—	—
13 .. 11 ...	2	6	—	—	22 .. 16 ...	7	0	—	—
14 .. 9 ...	2	3	—	—	22 .. 18 ...	8	0	—	—
14 .. 10 ...	2	6	1	2	23 .. 16 ...	7	6	—	—
14 .. 12 ...	3	0	1	4	24 .. 18 ...	8	6	—	—
15 .. 11 ...	3	0	—	—	24 .. 20 ...	9	0	—	—
15 .. 12 ...	3	2	—	—	30 .. 20 ...	14	0	—	—
16 .. 11 ...	3	2	—	—	30 .. 25 ...	18	0	—	—
16 .. 12 ...	3	4	1	6	36 .. 28 ...	25	0	—	—

Figura A4.8 Best Seasoned Mahogany and Poplar Panels, Winsor & Newton, 1896: 104.

Suportes: Painéis em plátano e madeira branca sem camada de preparação

Fornecedor: Winsor & Newton, 37, 38, 39, and 40, Rathbone Place, London, W.

Data: 1896

Fonte: catálogo: Winsor & Newton, 1896: 104.

polegadas	cm	polegadas	cm
8 x 6	20,3 x 15,2	12 x 10	30,4 x 25,4
9 x 5 ½	22,8 x 12,7	13 x 8	33 x 20,3
9 x 6	22,8 x 15,2	13 x 10	33 x 25,4
10 x 6	25,4 x 15,2	14 x 8	35,5 x 20,3
10 x 7	25,4 x 17,7	14 x 10	35,5 x 25,4
10 x 8	25,4 x 20,3	14 x 12	35,5 x 30,4
11 x 9	27,9 x 22,8	16 x 12	40,6 x 30,4
12 x 8	30,4 x 20,3	18 x 10	45,7 x 25,4
12 x 9	30,4 x 22,8	20 x 12	50,8 x 30,4

**SYCAMORE AND WHITE-WOOD
PANELS, UNPREPARED**
FOR OIL COLOUR SKETCHING.

			SYCAMORE.		WHITE-WOOD.					SYCAMORE.		WHITE-WOOD.			
Inches.			Per doz.		Per doz.		Inches.			Per doz.		Per doz.			
			<i>s.</i>	<i>d.</i>	<i>s.</i>	<i>d.</i>				<i>s.</i>	<i>d.</i>	<i>s.</i>	<i>d.</i>		
8	by	6	4	0	1	9	12	by	10	10	0	3	6
*9	„	5½	—		1	9	13	„	8	—		3	4
9	„	6	—		1	9	13	„	10	—		3	9
*10	„	6	—		2	0	14	„	8	—		3	9
*10	„	7	6	0	2	0	*14	„	10	12	0	4	0
10	„	8	—		2	0	14	„	12	—		4	8
11	„	9	—		2	6	*16	„	12	16	0	5	4
12	„	8	8	0	2	6	18	„	10	—		5	4
*12	„	9	—		2	6	20	„	12	—		8	0

*The Panels marked * fit respectively Nos. 1 to 6 Walnut and Oak Oil Colour Boxes on page 87*

Figura A4.9 Sycamore and White-Wood Panels, Unprepared, Winsor & Newton, 1896: 104.

3. PAINÉIS E CARTÕES

Suportes: Painéis e madeira branca, com e sem camada de preparação; painéis de mogno com e sem camada de preparação; cartões de estudo lisos e com grão

Fornecedor: não indicado

Data: antes de 1912

Fonte: Robert, 1912: 73.

Números	Dimensões	Números	Dimensões
0	18 x 14	8	46 x 38
1	21,5 x 16	10	55 x 46
2	24,5 x 19	12	61 x 50
3	27 x 21,5	15	65 x 54
4	32,5 x 24,5	20	73 x 59,5
5	35 x 28,5	25	81 x 65
6	40,5 x 32,5		

PANNEAUX ET CARTONS D'ÉTUDE									
POUR LA PEINTURE A L'HUILE									
NUMÉROS	DIMENSIONS	CARTONS		PANNEAUX bois blanc		PANNEAUX ACAJOU			
		POCHADE lisses et à grains n° 124	D'ÉTUDE lisses et à grains n° 125	MINGES sans apprêt n° 126	FORTS apprêtés n° 127	MINGES		FORTS	
				Rebou- chés n° 128	Appré- tés n° 129	appré- tés n° 130			
		fr. c.	fr. c.	fr. c.	fr. c.	fr. c.	fr. c.	fr. c.	fr. c.
0	18 — 14	» 20	» 40	» 25	» 60	» 50	» 60	1	»
1	21.5 — 16	» 20	» 50	» 30	» 75	» 60	» 65	1	15
2	24.5 — 19	» 25	» 55	» 40	1	» 70	» 80	1	50
3	27 — 21.5	» 30	» 60	» 50	1 25	» 80	1	»	1 80
4	32.5 — 24.5	» 40	» 80	» 60	1 50	1	» 1 25	2	25
5	35 — 28.5	» 50	» 90	» 75	1 75	1 20	1 60	2	60
6	40.5 — 32.5	» 65	1 25	1	» 2 25	1 75	2 25	3	50
8	46 — 38	» 75	1 50	1 25	2 50	2 25	2 80	4	50
10	55 — 46	1 15	2 25		3 25	3	» 3 50	6	»
12	61 — 50	1 25	2 50		4	»	4	»	8
15	65 — 54	1 60	3 25		5	»	5	»	10
20	73 — 59.5	2 15	4 25		6	»			15
25	81 — 65	3	» 6		9	»			18

GRANDS PANNEAUX EN ACAJOU D'UNE SEULE PIÈCE OU PARQUETÉS									
REF.	NUMÉROS	12	15	20	25	30	40	50	60
		fr. c.	fr. c.	fr. c.	fr. c.	fr. c.	fr. c.	fr. c.	fr. c.
131	D'une seule pièce....	8	» 10	» 15	» 18	» 20	» 25	» 30	» 40
132	Parquetés.....	18	» 20	» 25	» 30	» 36	» 45	» 55	» 70

Figura A4.10 Painéis e cartões de estudo para a pintura a óleo, Robert, 1912: 73.

4. CARTÕES

Suportes: Cartões – *Millboards*

Fornecedor: Winsor & Newton, London, 38, Rathbone Place

Data: c. 1835

Fonte: Carlyle, 2001, p. 188.

n.º 1 boards of ordinary thickness		n.º 2 boards of extra thickness		n.º 3 boards very thick	
polegadas	cm	polegadas	cm	polegadas	cm
5 ½ x 7	12,7 x 17,7	14 x 12	34,5 x 30,4	20 x 16	50,8 x 40,6
8 x 6	20,3 x 15,2	15 x 11	38,1 x 27,9	21 x 17	53,3 x 43,1
9 x 7	22,8 x 17,7	16 x 11	40,6 x 27,9	22 x 18	55,8 x 45,7
9 x 8	22,8 x 20,3	16 x 12	40,6 x 30,4	23 x 16	58,4 x 40,6
10 x 7	25,4 x 17,7	17 x 13	43,1 x 33	24 x 18	60,9 x 45,7
10 x 8	25,4 x 20,3	18 x 12	45,7 x 30,4	24 x 20	60,9 x 50,8
11 x 9	27,9 x 22,8	18 x 14	45,7 x 35,5		
12 x 9	30,4 x 22,8	19 x 13	48,2 x 33		
12 x 10	30,4 x 25,4				
13 x 9	33 x 22,8				
13 x 10	33 x 25,4				
14 x 9	35,5 x 22,8				
14 x 10	35,5 x 25,4				

Suportes: Cartões – *Millboards* – com camada de preparação branca

Fornecedor: Winsor & Newton, London, 38, Rathbone Place; 37, 38, 39, and 40, Rathbone Place, London, W. (1896)

Data: 1863 e 1896

Fontes: catálogos: Winsor & Newton, 1863: 118, Winsor & Newton, 1896: 103.

polegadas	cm	polegadas	cm
6 x 5	15,2 x 12,7	16 x 11	40,6 x 27,9
7 x 5	17,7 x 12,7	16 x 12	40,6 x 30,4
8 x 6	20,3 x 15,2	17 x 12	40,6 x 30,4
9 x 6	22,8 x 15,2	17 x 13	43,1 x 33
9 x 7	22,8 x 17,7	17 x 14	43,1 x 35,5
9 x 8	22,8 x 20,3	18 x 12	45,7 x 30,4
10 x 7	25,4 x 17,7	18 x 13	45,7 x 33
10 x 8	25,4 x 20,3	18 x 14	45,7 x 35,5
11 x 8	27,9 x 20,3	19 x 12	48,2 x 30,4
11 x 9	27,9 x 22,8	19 x 13	48,2 x 33
12 x 8	30,4 x 20,3	19 x 14	48,2 x 35,5
12 x 9	30,4 x 22,8	20 x 14	50,8 x 35,5
12 x 10	30,4 x 25,4	20 x 16	50,8 x 40,6
13 x 8	33 x 20,3	21 x 15	53,3 x 38,1
13 x 9	33 x 22,8	21 x 17	53,3 x 43,1
13 x 10	33 x 25,4	22 x 15	55,8 x 38,1
13 x 11	33 x 27,9	22 x 16	55,8 x 40,6
14 x 9	35,5 x 22,8	22 x 18	55,8 x 45,7
14 x 10	35,5 x 25,4	23 x 16	58,4 x 40,6
14 x 12	34,5 x 30,4	24 x 18	60,9 x 45,7
15 x 11	38,1 x 27,9	24 x 20	60,9 x 50,8
15 x 12	38,1 x 30,4	30 x 25	76,2 x 63,5

PREPARED MILLBOARDS.					
Inches		s. d.	Inches.		
6 by 5	per dozen	4 0	16 by 11	per dozen	14 0
7 " 5	"	4 6	16 " 12	"	15 0
8 " 6	"	5 0	17 " 12	"	16 0
9 " 6	"	5 3	17 " 13	"	17 6
9 " 7	"	5 6	17 " 14	"	18 6
9 " 8	"	5 9	18 " 12	"	17 6
10 " 7	"	6 0	18 " 13	"	18 6
10 " 8	"	6 0	18 " 14	"	20 0
11 " 8	"	7 0	19 " 12	"	20 0
11 " 9	"	7 6	19 " 13	"	20 0
12 " 8	"	8 0	19 " 14	"	21 0
12 " 9	"	8 3	20 " 14	"	22 6
12 " 10	"	8 6	20 " 16	"	25 0
13 " 8	"	8 3	21 " 15	"	26 0
13 " 9	"	8 6	21 " 17	"	30 0
13 " 10	"	9 0	22 " 15	"	27 6
13 " 11	"	9 6	22 " 16	"	30 0
14 " 9	"	9 0	22 " 18	"	36 0
14 " 10	"	10 0	23 " 16	"	32 0
14 " 12	"	12 0	24 " 18	"	42 0
15 " 11	"	13 0	24 " 20	"	48 0
15 " 12	"	14 0	30 " 25	"	72 0

Figura A4.11
Prepared
Millboards, Winsor
& Newton, 1863: 118.

Suportes: Cartões *Academy Boards* e *Students' Academy Boards*

Fornecedor: Winsor & Newton, 37, 38, 39, and 40, Rathbone Place, London, W.

Data: 1896

Fonte: catálogo: Winsor & Newton, 1896: 103.

	polegadas	cm
<i>Full size</i>	24 ½ x 18 ½	62,2 x 46,9
<i>Half size</i>	18 ½ x 14 ¼	46,9 x 36,1
<i>Quarter size</i>	12 ¼ x 9 ¼	31,1 x 23,4
<i>Octavo size</i>	9 ¼ x 6	23,4 x 15,2

BEST QUALITY ACADEMY BOARDS.							Thin.	Thick.
							Per dozen.	Per dozen.
							s.	s.
							d.	d.
Full size	Inches.		24½ by 18½	...	8 0	10 0
Half	„	...	18½	„	12¼	...	4 0	5 0
Quarto	„	...	12¼	„	9¼	...	2 0	2 6
Octavo	„	...	9¼	„	6	...	1 0	1 3

STUDENTS' ACADEMY BOARDS.							Per dozen.
							s.
							d.
Full size	Inches.		24½ by 18½	...	5 4
Half	„	...	18½	„	12¼	...	2 8
Quarto	„	...	12¼	„	9¼	...	1 4
Octavo	„	...	9¼	„	6	...	0 8

Academy Boards can be supplied cut to any size required, at proportionate prices.

Figura A4.12 *Best Quality Academy Boards e Students' Academy Boards*, Winsor & Newton, 1896: 103.

Suportes: *Canvas Boards – Millboards* cobertos com tela com camada de preparação

Fornecedor: Winsor & Newton, 37, 38, 39, and 40, Rathbone Place, London, W.

Data: 1896

Fonte: catálogo: Winsor & Newton, 1896: 105.

<i>Best quality canvas</i>		<i>Second quality canvas</i>	
polegadas	cm	polegadas	cm
7 x 5	17,7 x 12,7	7 x 5	17,7 x 12,7
8 x 6	20,3 x 15,2	8 x 6	20,3 x 15,2
9 x 6	22,8 x 15,2	9 x 6	22,8 x 15,2
10 x 7	25,4 x 17,7	10 x 7	25,4 x 17,7
10 x 8	25,4 x 20,3	10 x 8	25,4 x 20,3
11 x 8	27,9 x 20,3	11 x 8	27,9 x 20,3
11 x 9	27,9 x 22,8	11 x 9	27,9 x 22,8
12 x 8	30,4 x 20,3	12 x 8	30,4 x 20,3
12 x 9	30,4 x 22,8	12 x 9	30,4 x 22,8
12 x 10	30,4 x 25,4	12 x 10	30,4 x 25,4
13 x 8	33 x 20,3	13 x 8	33 x 20,3
13 x 10	33 x 25,4	13 x 10	33 x 25,4
14 x 10	35,5 x 25,4	14 x 10	35,5 x 25,4
14 x 12	34,5 x 30,4	14 x 12	34,5 x 30,4
15 x 11	38,1 x 27,9	15 x 11	38,1 x 27,9
16 x 12	40,6 x 30,4	16 x 12	40,6 x 30,4
17 x 13	43,1 x 33	17 x 13	43,1 x 33
18 x 12	45,7 x 30,4	18 x 12	45,7 x 33,4
19 x 13	48,2 x 33	19 x 13	48,2 x 33
20 x 14	50,8 x 35,5	20 x 14	50,8 x 35,5
21 x 10 ½	53,3 x 26,6		
42 x 10 ½	106,6 x 26,6		

CANVAS BOARDS
(MILLBOARDS COVERED WITH ARTISTS' PREPARED CANVAS).

Best Quality Canvas.				Second Quality Canvas.			
Size in inches.	Per doz.	Size in inches.	Per doz.	Size in inches.	Per doz.	Size in inches.	Per doz.
s. d.	s. d.	s. d.	s. d.	s. d.	s. d.	s. d.	s. d.
7 by 5	4 6	13 by 10	9 0	7 by 5	3 4	13 by 8	6 8
8 „ 6	5 0	14 „ 10	10 0	8 „ 6	3 8	13 „ 10	7 4
9 „ 6	5 3	14 „ 12	12 0	9 „ 6	4 0	14 „ 10	8 0
10 „ 7	6 0	15 „ 11	13 0	10 „ 7	4 8	14 „ 12	9 4
10 „ 8	6 0	16 „ 12	15 0	10 „ 8	5 0	15 „ 11	10 0
11 „ 8	7 0	17 „ 13	17 6	11 „ 8	5 4	16 „ 12	10 8
11 „ 9	7 6	18 „ 12	17 6	11 „ 9	5 8	17 „ 13	11 4
12 „ 8	8 0	19 „ 13	20 0	12 „ 8	6 0	18 „ 12	12 0
12 „ 9	8 3	20 „ 14	22 6	12 „ 9	6 4	19 „ 13	13 4
12 „ 10	8 6	21 „ 10½	24 0	12 „ 10	6 8	20 „ 14	14 8
13 „ 8	8 3	42 „ 10½	48 0				

Figura A4.13 *Canvas Boards*, Winsor & Newton, 1896: 105.

Anexo 5

Telas e grades identificadas na documentação de contabilidade da ABAL e da APBA

1. ACADEMIA DE BELAS ARTES DE LISBOA

Data	Telas e grades	Finalidade	Fornecedor	Fonte
1837	3 varas de brim	Aulas		<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. II, 1837-1844, cota: 1-A-SEC.38
1838	4 varas de pano	Aula de Pintura de Paisagem		<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. II, 1837-1844, cota: 1-A-SEC.38
1840	grade	Para um quadro		<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. II, 1837-1844, cota: 1-A-SEC.38
1840	5 varas de brim da Rússia	Aula de Pintura de Paisagem		<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. II, 1837-1844, cota: 1-A-SEC.38
1840	2 grades	Aula de Pintura de Paisagem	carpinteiro	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. II, 1837-1844, cota: 1-A-SEC.38
1841	grade	Cópia do quadro do Rei D. Sebastião	oficial de carpinteiro	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. II, 1837-1844, cota: 1-A-SEC.38
1841	12 varas de brim da Rússia	Cópia do quadro da Transfiguração		<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. II, 1837-1844, cota: 1-A-SEC.38
1842	fazer duas grades	Cópia do quadro da Transfiguração	Lucio Justiniano	<i>Livro de folhas de receitas e despesas</i> , vol. I, 1843-1885, cota: 1-B-SEC.133
1842	5 varas e meia de brim	Aula de Pintura de Paisagem	fanqueiro	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. II, 1837-1844, cota: 1-A-SEC.38
1843	5 varas e meia de brim da Rússia	Aula de Pintura Histórica	fanqueiro	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. II, 1837-1844, cota: 1-A-SEC.38
1845	7 varas e meia de canhamão	Forrar um quadro da Aula de Pintura Histórica	fanqueiro	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. III, 1844-1849, cota: 1-A-SEC.37
1846	4 varas de brim da Rússia	Aula de Pintura Histórica	fanqueiro	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. III, 1844-1849, cota: 1-A-SEC.37
1846	1 vara e meia de brim	Quadro de Exposição do Professor de Pintura de Paisagem	fanqueiro	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. III, 1844-1849, cota: 1-A-SEC.37
1848	4 varas e meia de brim branco	Aula de Pintura Histórica	fanqueiro	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. III, 1844-1849, cota: 1-A-SEC.37
1849	13 varas de brim	Cópia de três quadros da Aula de Pintura Histórica	fanqueiro	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. III, 1844-1849, cota: 1-A-SEC.37

Data	Telas e grades	Finalidade	Fornecedor	Fonte
1851	11 varas de brim	Cópias de três quadros de que estão encarregados os artistas de Pintura Histórica	fanqueiro	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. IV, 1849-1855, cota: 1-A-SEC.39
1852	2 palmos e meio de tela	Quadro improvisado do concorrente Thomaz José da Anunciação	Silêncio Christão de Barros [estampador da ABAL]; José Vicente de Oliveira	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. IV, 1849-1855, cota: 1-A-SEC.39; <i>Livro de folhas de receitas e despesas</i> , vol. I, 1843-1885, cota: 1-B-SEC.133
1855	pano aparelhado e uma grade	Para João Cristino da Silva	Miguel Lourenço	<i>Correspondência recebida</i> , Vol. II, 1856-1880, cota: 3-A-SEC.54
1855	panos aparelhados e grades	Despesa que fez João Carneiro Sousa com os quadros que pintou para a Exposição Universal de Paris		<i>Correspondência recebida</i> , Vol. II, 1856-1880, cota: 3-A-SEC.54
1863	pano aparelhado a óleo com 110 x 85 cm	Retrato do falecido fundador desta Academia Manoel da Silva Passos	Fornecedor de ferragens	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. VI, 1863-1870, cota: 1-A-SEC.43
1863	8,30 m grossaria	Restauro dos quadros	fanqueiro	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. V, 1855-1863, cota: 1-A-SEC.41
1865	pano aparelhado a óleo com 100 x 76 cm	Retrato do falecido escultor Joaquim Machado de Castro	particular	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. VI, 1863-1870, cota: 1-A-SEC.43
1869	feitura de uma grade	Retrato do falecido Conde Mello	carpinteiro	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. VI, 1863-1870, cota: 1-A-SEC.43
1872	3 grades de madeira com telas	Aula de Pintura Histórica improntos dos 3 concorrentes que se propõem aperfeiçoar-se no estrangeiro	Manuel Costenla	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. VIII, 1870-1876, cota: 1-A-SEC.45
1876	4 grades de madeira com panos aparelhados	Concorrentes de pintura	A. M. Antunes	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. IX, 1876-1878, cota: 1-A-SEC.46
1885-1892	tela		José Ignácio Novaes & C. ^a	<i>Livro de folhas de receitas e despesas</i> , vol. III, 1846-1922, cota: 1-B-SEC.135; <i>Livro de folhas de receitas e despesas</i> , vol. III, 1887-1893, cota: 1-B-SEC.136
1887-1892	telas e grades; preparar telas	Para as aulas	Francisco Solano dos Santos	<i>Livro de folhas de receitas e despesas</i> , vol. III, 1887-1893, cota: 1-B-SEC.136

2. ACADEMIA PORTUENSE DE BELAS ARTES

Data	Telas e grades	Finalidade	Fornecedor	Fonte
1841	grades com panos aparelhados	<i>Requisição Feita em conferencia de 17 de Junho de 1841 para os Estudos nas aulas de Pintura Historica, na de Anatomia Pictorica e Prespectiva Optica – Joaquim Rodrigues Braga</i>		<i>Requisições, 1841-1876, cota: 34</i>
	grades com panos aparelhados de 3/2 palmos de alto por 3 de largo			
1845	5 grades 2 grades grandes	Pinturas do Museu	António Ribeiro (carpinteiro)	<i>Documentos de despesa, 1845-1911, cota: 245</i>
1846	4 panos aparelhados a óleo de 4 palmos de alto por 3 de largo		Manoel Marques Pinto	<i>Documentos de despesa, 1845-1911, cota: 245</i>
1849	6 panos aparelhados; 4 panos aparelhados		Manoel Marques Pinto	<i>Documentos de despesa, 1845-1911, cota: 245</i>
1849	6 grades pequenas; 4 grades	Pregar panos aparelhados	António Ribeiro (carpinteiro)	<i>Documentos de despesa, 1845-1911, cota: 245</i>
1852	6 varas de pano de algodão cru grades	Engradar pinturas que se compraram	carpinteiro	<i>Documentos de despesa, 1845-1911, cota: 245</i>
1852	22 grades de cunhas	Aula de Pintura	António Ribeiro (carpinteiro)	<i>Documentos de despesa, 1845-1911, cota: 245</i>
1854	pano aparelhado	Provas de pintura	António Gomes (porteiro da APBA)	<i>Documentos de despesa, 1845-1911, cota: 245</i>
1854	grades	Esbocetos Pinturas	António José Leite	<i>Relações de documentos de despesa paga, 1852-1885, cota: 87-1</i>
1857	pano aparelhado grade	Provas de concurso Prova do nu	António Gomes (porteiro da APBA)	<i>Documentos de despesa, 1845-1911, cota: 245</i>
1858	linhagem	Aula de Pintura	António Domingues de Oliveira	<i>Documentos de despesa, 1845-1911, cota: 245</i>
1864	3 grades	Para pintura	Francisco Caetano da Silva	<i>Documentos de despesa, 1845-1911, cota: 245</i>
1864	3 grades de <i>fellandres</i>	Aula de Pintura Histórica	António Domingues de Oliveira	<i>Documentos de despesa, 1845-1911, cota: 245</i>

Data	Telas e grades	Finalidade	Fornecedor	Fonte
1865	27 grades de pinho		Albino Gomes Silva	<i>Documentos de despesa, 1845-1911, cota: 245</i>
1865	5 metros de tela	Para pintura a óleo	Manuel Francisco d'Araújo	<i>Documentos de despesa, 1845-1911, cota: 245</i>
1871	3 metros de tela		Livraria Nacional de B. H. Moraes & C. ^a	<i>Documentos de despesa, 1845-1911, cota: 245</i>
1873	1 peça de pano tela 1,16 de largo		Manuel Francisco d'Araújo	<i>Documentos de despesa, 1845-1911, cota: 245</i>
1880	telas com as competentes grades		Manuel Costenla	<i>Relações de documentos de despesa paga, 1852-1885, cota: 87-7</i>
1900	3 grades para telas		Santos & Irmão	<i>Contas a pagar: Requisições, 1901-1909, cota: 36</i>
1902	4 telas pregadas de 0,81 x 0,65 4 ditas de 0,65 x 0,49 4 ditas de 0,35 x 0,40		Araújo & Sobrinho	<i>Contas a pagar: Requisições, 1901-1909, cota: 36</i>
1903	uma grade grande		Santos & Irmão	<i>Contas a pagar: Requisições, 1901-1909, cota: 36</i>

Anexo 6

Suportes para a pintura a óleo utilizados por dez pintores portugueses

1. TOMÁS DA ANUNCIÇÃO (1818-1878)

Número de pinturas consideradas: 42

Fontes: Matriznet²⁵⁶; Falcão, 2003; Falcão, 2007.

Tabela A.6.1 Distribuição dos suportes usados por Tomás da Anunciação em diferentes períodos da sua atividade.

Datas	Tela	Madeira	Cartão	Total
- 1853	2	–	1	3
1853 - 1879	15	10	–	25
n.d.	6	6	2	14
Total	23	16	3	42

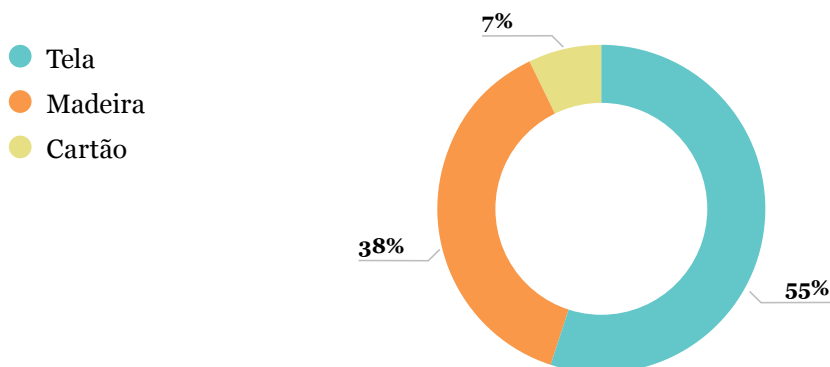


Figura A.6.1 Distribuição total dos suportes usados por Tomás da Anunciação.

Tabela A.6.2 Dimensões dos suportes usados por Tomás da Anunciação (medida do lado maior).

cm	Tela	Madeira	Cartão	Total
- 20	-	1	-	1
20 - 30	-	6	2	8
30 - 50	6	9	1	16
50 - 100	6	-	-	6
100 - 150	6	-	-	6
150 - 200	5	-	-	5
Total	23	16	3	42

256 <http://www.matriznet.dgpc.pt>. Últimas consultas: Nov. 2015.

2. MIGUEL ÂNGELO LUPI (1826-1893)

Número de pinturas consideradas: 89

Fontes: Silveira e Tavares, 2002.

Tabela A.6.3 Distribuição dos suportes usados por Miguel Ângelo Lupi em diferentes períodos da sua atividade.

Datas	Tela	Madeira	Cartão	Papel	Total
- 1859	2	0	1	0	3
1860 - 1863	13	1	2	0	16
1864 - 1883	55	1	10	2	68
1884 - 1893	1	0	0	0	1
n.d.	0	0	1	0	1
Total	71	2	14	2	89

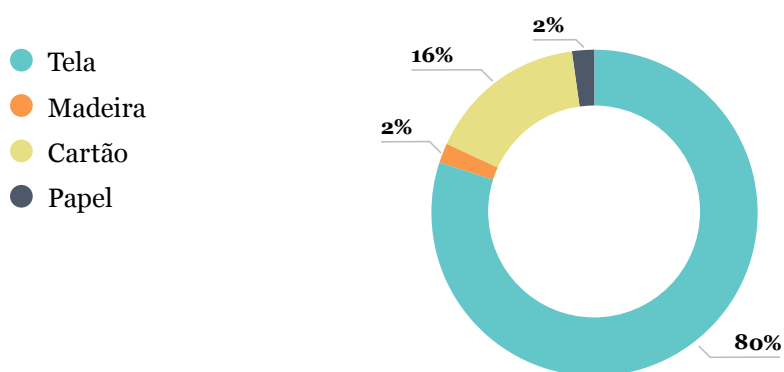


Figura A.6.2 Distribuição total dos suportes usados por Miguel Ângelo Lupi.

Tabela. A.6.4 Dimensões dos suportes usados por Miguel Ângelo Lupi (medida do lado maior).

cm	Tela	Madeira	Cartão	Papel	Total
20 - 30	3	-	6	-	9
30 - 50	9	2	5	1	17
50 - 100	33	-	3	1	37
100 - 150	19	-	-	-	19
150 - 200	5	-	-	-	5
+ 200	3	-	-	-	3
Total	71	2	14	2	89

3. JOÃO CRISTINO DA SILVA (1829-1877)

Número de pinturas consideradas: 62

Fonte: Silveira, 2000.

Tabela A.6.5 Distribuição dos suportes usados por João Cristino da Silva em diferentes períodos da sua atividade.

Datas	Tela	Madeira	Cartão	Metal	Total
-1859	17	2	0	0	19
1860-1877	33	3	2	1	39
n.d.	2	2	0	0	4
Total	52	7	2	1	62

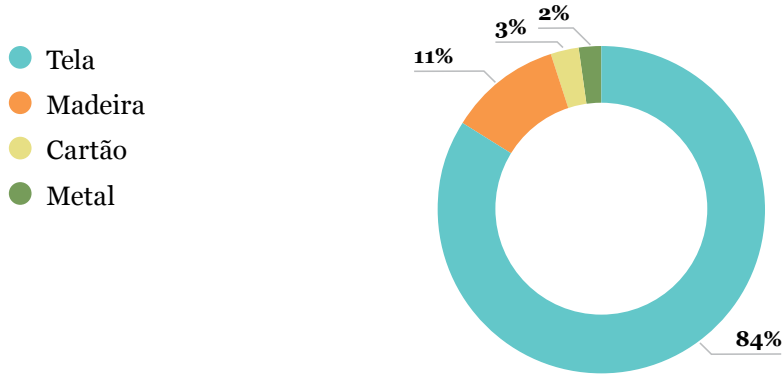


Figura A.6.3 Distribuição total dos suportes usados por João Cristino da Silva.

4. SILVA PORTO (1850-1893)

Número de pinturas consideradas: 408

Fonte: Cabral e Cruz, 1993b.

Tabela A.6.6 Distribuição dos suportes usados por Silva Porto em diferentes períodos da sua atividade.

Datas	Tela	Madeira	Cartão	Papel	Total
-1873	11	2	0	0	13
1874-1879	53	30	12	2	97
1880-1893	87	202	8	1	298
Total	151	234	20	3	408

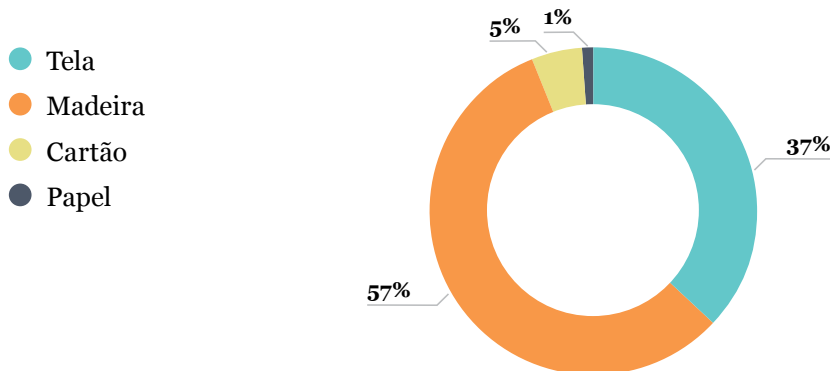


Figura A.6.4 Distribuição total dos suportes usados por Silva Porto.

5. MARQUES DE OLIVEIRA (1853-1927)

Número de pinturas consideradas: 169

Fonte: Lemos, 2005.

Tabela A.6.7 Distribuição dos suportes usados por Marques de Oliveira em diferentes períodos da sua atividade.

Datas	Tela	Madeira	Cartão	Papel	Total
- 1873	1	0	1	0	2
1874 - 1879	20	12	7	2	41
1880 - 1927	52	71	3	0	126
Total	73	83	11	2	169

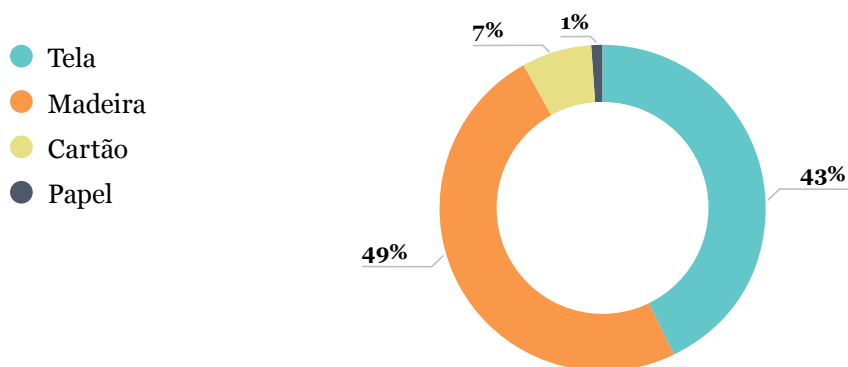


Figura A.6.5 Distribuição total dos suportes usados por Marques de Oliveira.

Tabela A.6.8 Distribuição dos suportes usados por Marques de Oliveira de acordo com os temas representados.

	Tela	Madeira	Cartão	Papel	Total
Paisagem	6	56	5	0	67
Pintura histórica	15	1	2	0	18
Retrato	42	11	4	2	59
Pintura de género	5	1	0	0	6
Marinhas	5	13	0	0	18
Natureza morta	0	1	0	0	1
Total	73	83	11	2	169

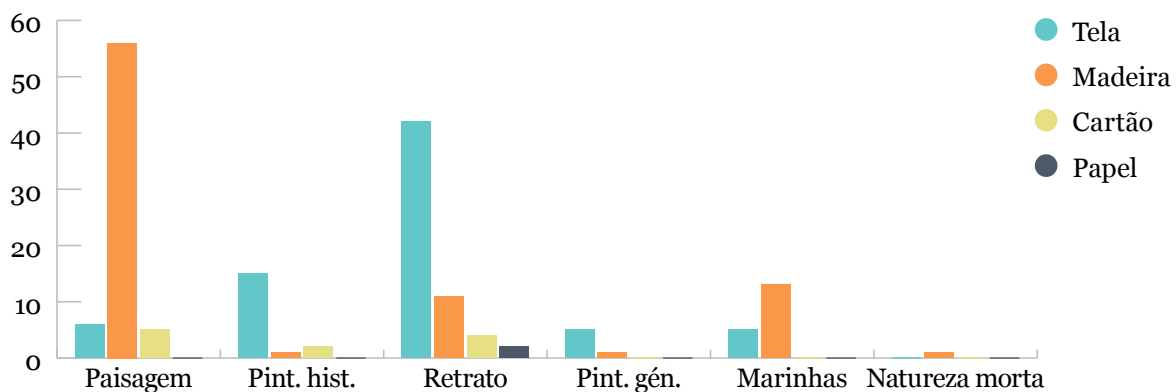


Figura A.6.6 Distribuição dos suportes usados por Marques de Oliveira de acordo com os temas representados.

6. ARTUR LOUREIRO (1853-1932)

Número de pinturas consideradas: 170

Fonte: Machado et al., 2011.

Tabela A.6.9 Distribuição dos suportes usados por Artur Loureiro em diferentes períodos da sua atividade.

Datas	Tela	Madeira	Total
- 1878	3	0	3
1879 - 1883	5	2	7
1884 - 1900	9	0	9
1901 - 1932	39	112	151
total	56	114	170

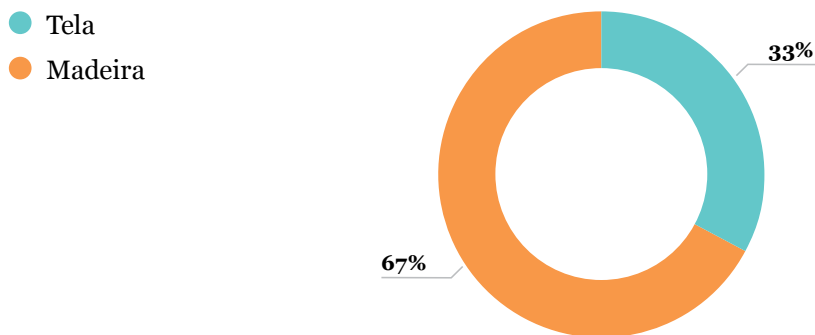


Figura A.6.7 Distribuição total dos suportes usados por Artur Loureiro.

Tabela A.6.10 Dimensões dos suportes usados por Artur Loureiro (medida do lado maior).

cm	Tela	Madeira	Total
- 20	-	9	9
20 - 30	-	15	15
30 - 50	7	53	60
50 - 100	26	34	60
100 - 150	12	3	15
150 - 200	9	-	9
+ 200	2	-	2
Total	56	114	170

7. JOSÉ MALHOA (1857-1933)

Número de pinturas consideradas: 655

Fonte: Saldanha, 2012.

Tabela A.6.11 Distribuição dos suportes usados por José Malhoa em diferentes períodos da sua atividade.

datas	Tela	Madeira	Cartão	Tela sobre madeira	Tela sobre cartão	Total
-1879	4	2	1	0	0	7
1880-1889	40	28	5	0	1	74
1890-1900	75	35	2	1	0	113
1901-1905	79	16	2	0	2	99
1906-1933	167	91	11	6	8	283
n.d.	38	32	3	2	4	79
Total	403	204	24	9	15	655

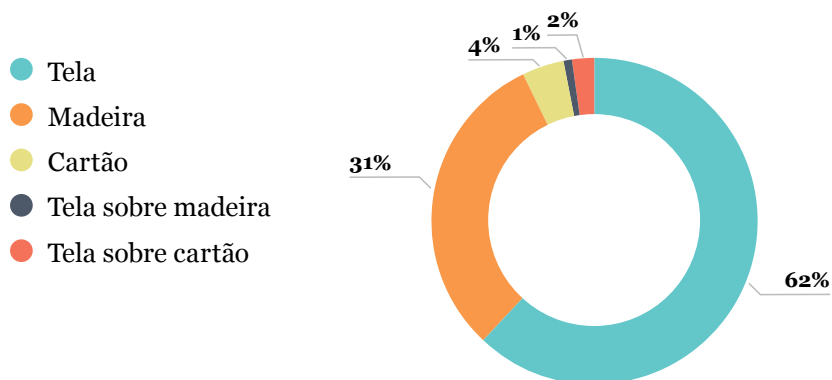


Figura A.6.8 Distribuição total dos suportes usados por José Malhoa.

Tabela A.6.12 Distribuição dos suportes usados por José Malhoa de acordo com os temas representados.

	Tela	Madeira	Cartão	Tela sobre madeira	Tela sobre cartão	Total
Paisagem	61	91	6	2	6	166
Pintura histórica	53	7	6	1	1	68
Retrato	116	17	5	1	1	140
Pintura de género	156	70	1	5	5	237
Marinhas	10	11	6	0	2	29
Natureza morta	2	5	0	0	0	7
Animalista	5	3	0	0	0	8
Total	403	204	24	9	15	655

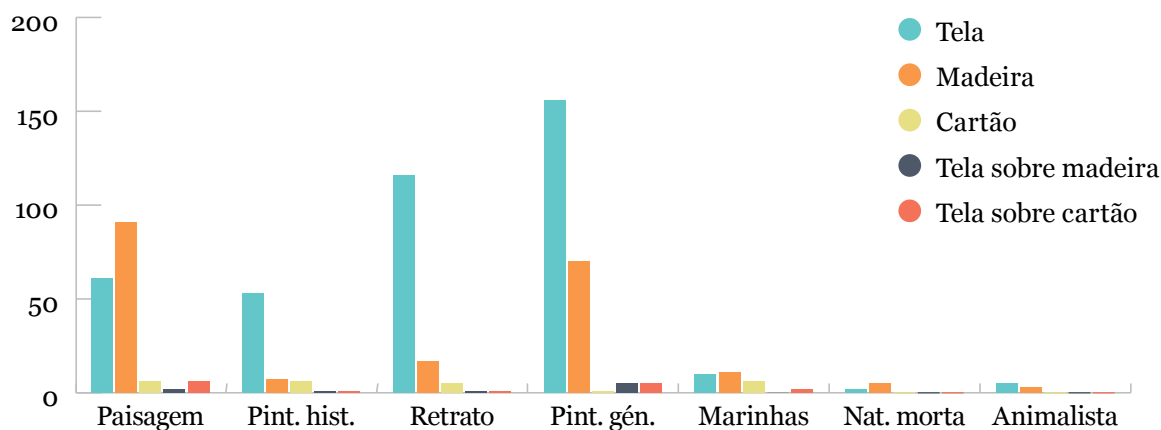


Figura A.6.9 Distribuição dos suportes usados por José Malhoa de acordo com os temas representados.

8. COLUMBANO BORDALO PINHEIRO (1857-1929)

Número de pinturas consideradas: 243

Fonte: Elias, 2011.

Tabela A.6.13 Distribuição dos suportes usados por Columbano em diferentes períodos da sua atividade.

Datas	Tela	Madeira	Cartão	Total
- 1880	6	7	6	21
1881 - 1883	12	8	0	17
1884 - 1900	66	36	2	99
1901 - 1929	75	25	0	98
Total	159	76	8	243

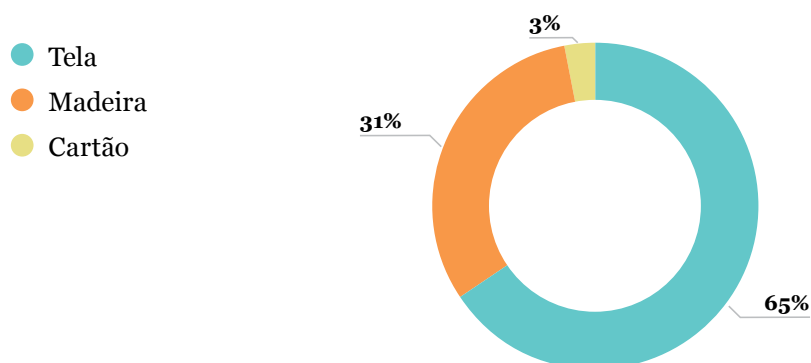


Figura A.6.10 Distribuição total dos suportes usados por Columbano.

9. HENRIQUE POUSÃO (1859-1884)

Número de pinturas consideradas: 67

Fontes: MatrizNet, Rodrigues, 1998.

Tabela A.6.14 Distribuição dos suportes usados por Henrique Pousão em diferentes períodos da sua atividade.

Datas	Tela	Madeira	Cartão	Total
- 1880	7	2	0	9
1881 - 1884	17	39	1	57
n.d.	0	1	0	1
Total	24	42	1	67

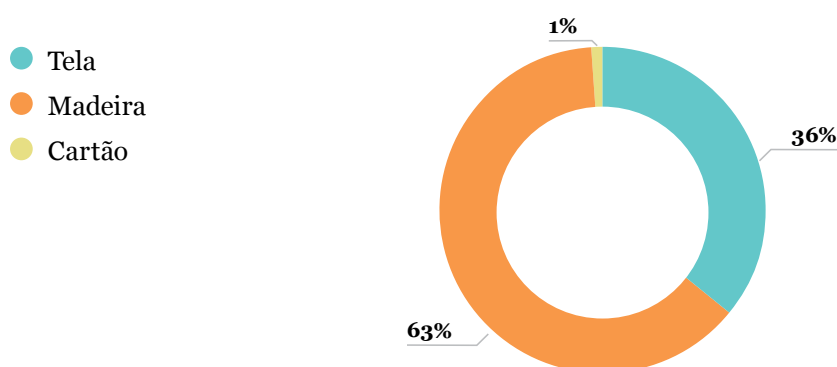


Figura A.6.11 Distribuição total dos suportes usados por Henrique Pousão.

10. VELOSO SALGADO (1864-1945)

Número de pinturas consideradas: 136

Fonte: Santos e Tavares, 1999.

Tabela A.6.15 Distribuição dos suportes usados por Veloso Salgado em diferentes períodos da sua atividade.

Datas	Tela	Madeira	Cartão	Total
-1887	1	0	0	1
1888-1894	19	12	1	32
1895-1945	75	6	1	82
n.d.	13	8	0	21
Total	108	26	2	136

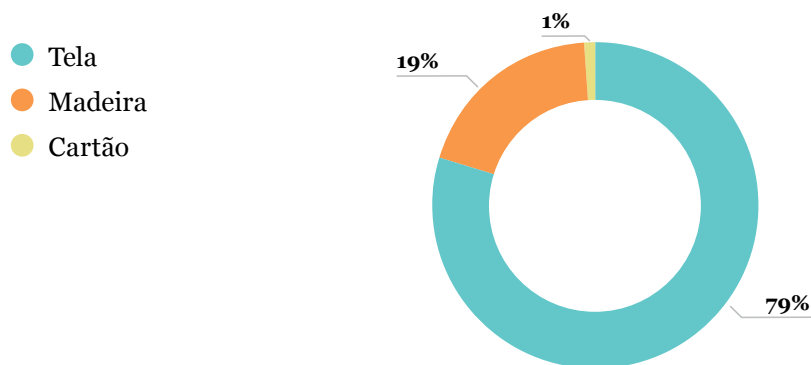


Figura A.6.12. Distribuição total dos suportes usados por Veloso Salgado.

Tabela A.6.16 Dimensões dos suportes usados por Veloso Salgado (medida do lado maior).

cm	Tela	Madeira	Cartão	Total
- 20	-	7	1	8
20 - 30	1	7	-	8
30 - 50	11	5	1	17
50 - 100	40	4	-	44
100 - 150	12	1	-	13
150 - 200	2	1	-	3
200 - 300	10	1	-	11
+ 300	19	-	-	19
Total	95	26	2	123

Anexo 7

Instruções para execução e aplicação das camadas de preparação

1. FILIPE NUNES, 1615

Nunes, F.; Ventura, L. 1982. *Arte da Pintura. Symmetria e perspectiva Composta por Philippe Nunes natural de Villa Real. Fac-simile da edição de 1615 com um estudo introdutório de Leontina Ventura*. Porto: Editorial Paisagem, pp. 55-56 [101-102].

Modo de aparelhar pano, & madeira para a pintura

Primeiramente, os payneis de pao se aparelhão na forma seguinte. Tomarão cola feita de baldreu, que he pelle de luvas, os retalhos dellas cosidos muito bem, a agoa que fica delles depois de desfeitos he a cola, esta que não seja muito forte day duas mãos no paynel. Depois de enxuta, tomay gesso moydo, & com a cola fazey hua lavadura, ou agoarelha, & assi day outra mão, depois de enxuta lhe tornay a dar outra mão cõ mais gesso, depois de enxuto o raspay, de modo que fique muito lizo & igual, depois de seco o tornay a correr com lixa de modo que fique muito lizo, & igual, depois lhe day hua ou duas mãos de imprimidura, & depois de seco o tornay a correr com lixa de modo que fique muito lizo, & igual. Logo dibuxay & colori de morte cor. E notay que a imprimidura não he outra cousa mais que terra de cintra, ou qualquer outra cor baixa moyda com olio & levarà seu secante: & que cousa seja secante se dirà em seu lugar. Os panos se aparelhaõ assi. Tomay hua grade & nella estiray o pano muito bem & o pregay, depois lhe day hua mão de cola fraca, & depois de enxuto se for necessario outra mão de cola para tapar melhor, tambem se lhe pode dar. Depois tomay a imprimidura, & cõ a faca, ou com hua colher de pedreiro pequenina a y de acentádo, mas melhor he com a faca, porque leva diante de si todas as arestas que tem o pano, depois de enxuta lhe day outra mão que fique bem cuberto o pano, & depois de enxuto, o correi com hua pedra pomes de modo que fique muito lizo, & sem nòs, logo debuxay & colori de morte cor.

2. J. L. BAPTISTA DE ALMADA, 1749

Prendas da adolescencia ou adolescencia prendada... Lisboa: Na Officina de Francisco da Silva, pp. 181-184.

Do aparelho do panno branco de linho

Estendido, e muyto bem pregado o panno em hum bastidor de madeyra correspondente á sua grandeza, se lhe dará huma maõ de agoa de farinha toda por igual, muyto bem puxada, desorte que tapando os póros do dito panno, se fiquem descobrindo os fios. Esta agoa se faz, cozendo farinha de trigo bem peneyrada, com agoa, mexendo-a sempre em quanto estiver ao fogo, até ficar como hum caldo espesso, no qual depois se lançará hum pouco de mel, e oleo de linhaça, e se tornará a pôr ao fogo brando, mexendo, até que tudo vá tomando ponto. Aconselha Palomino que antes de se dar ao panno o aparelho, ou imprimação de oleo de linhaça, se passe suavemête com pedra pomez, quando a agoa de farinha se não fizer como dizemos, mas só de agoa com farinha, como muytos fazem.

Do aparelho da colla

Uzão muytos tambem dando-o depois de frio no panno, com a mesma conformidade que dissemos da agacha, ou agoa de farinha. Porém he necessario advertir que enxuta a primeyra maõ deste aparelho, se ha de esfregar muyto bem com pedra pomez para se cortarem os nós do panno, levando por bayxo delle, ou pela parte opposta a maõ esquerda, para com ella se ajudar a esfregação do dito panno. Depois se ha de dar outra maõ de colla, da qual já tratámos, porém ha de advertir se que para este aparelho se não ha de lançar fóra a agoa em que esteve de molho, como já dissemos, antes com ella se ha de cozer.

Da imprimação do oleo

Aparelhado o panno com hum dos ditos aparelhos, se prepara a imprimação, a qual se faz com oleo, e greda, de huma que há muyto macia, como bolo armenio, (que he daquele com que se pratea) vulgarmente chamado bolo branco, muyto bem moída em pedra de tintas primeyro, e depois peneyrada, trabalhando-a na mesma pedra com o oleo, e almagra, até ficar tudo encorporado, mas desorte que não fique nem muy brando, nem muy duro, accrescentando-lhe algumas cores velhas das que se tiraõ dos pinceis, e da palheta; e na falta dellas huma pouca Sombra de Cintra bem moída, e peneyrada. Uza-se desta imprimação da mesma sorte que dissemos dos aparelhos, estendendo-a com a imprimideyra muyto bem, desorte que tapados os póros do panno, se fiquem na sua superficie conhecendo os fios. Depois de enxuta a primeyra maõ de imprimação, se apomezará onde for necessario, e se lhe dará segunda maõ conforme a antecedente, e quando depois de enxuta se qui-

zer pintar, se tornará a passar levemente com a pedra pomez.

Do aparelho das taboas

As taboas, para nellas pintar a oleo, se aparelhão depois de estarem bem limpas, e raspadas com huma lixa, dando-lhe com huma brocha huma mão de imprimação a oleo, porém de tal sorte que fique bem solta, e igualmente estendida na superficie da mesma taboa; depois de enxuta se raspará suavemente com huma faca, e se lhe dará segunda mão em a conformidade da primeyra, e em cazos de necessidade com esta sómente ficaraõ aparelhados. Reprova Palomino o primeyro aparelho de colla de retalho, de que muytos usaõ; e a razão he, porque não só faz exasperar a superficie da taboa, mas tambem a faz menos penetrável do oleo, para sua mayor duração.

De outro aparelho

Uzavão os antigos das taboas, dando-lhe a primeyra mão de agoa de colla fervida com alhos, e depois, duas, ou tres de gesso grosso, bem iguaes, alixando-as, e dando-lhe outras duas, ou tres de gesso mate, e assim hum, como o outro com colla de retalho, medianamente forte, e froxa: feyto isto, as alixavaõ com lixa muy suave, e lhe davaõ outra mão de colla de retalho, e sobre ella huma, ou duas de imprimação a oleo bem moída. Este aparelho já hoje quasi se não usa, porém poderá usallo quem quizer.

Do aparelho dos tafetás, e sedas

Os tafetás, ou sedas para se pintarem se aparelhaõ depois de bem estendidos em hum bastidor, dando-lhe huma mão de colla de retalho quente, ou de agoa de gomma, e depois de secca, huma ou duas mãos de cor a oleo bem remoída, sobre a qual, depois de enxuta, se poderá pintar. Com este mesmo aparelho se podem delinear pennadas, flores, figuras, ou outras quaesquer cousas, com pincel, porém he necessario advertir (quando estas cousas delineadas com os aparelhos de colla, ou de gomma, se cobrirem com a cor a oleo como dissemos) em não discrepar, ou sahir com o oleo fõra dos contornos das mesmas cousas delineadas na seda, ou tafetá.

3. SEGREDOS, 1794

Segredos necesarios para os officios, artes e manufacturas... Vol. II, Lisboa: Na Offic. de Simão Thadeo Ferreira, pp. 42-43.

Modo de preparar os pannos para a pintura a oleo

Estendido, e seguro o panno dá-lhe uma mão de oleo quente com seccante, e quando

estiver quasi secco, dá-lhe duas ou tres demãos de oleo preparado, e de ochre vermelho, o mais grossas que puderes. Secca a ultima mão dá-lhe outra de oleo preparado, até que o fundo não se embeba mais. Dá-lhe ultimamente huma mão de alvaiade a oleo, misturado com a côr que te for mais propria para a pintura que quiseses fazer. Para alizar esta ultima tinta passa-lhe huma pedra pomes chata, ou aliza-a com o vidro com que se costumão alizar as teas de linho.

Modo de preparar as taboas para a pintura a oleo

Esfrega as taboas com oleo preparado quente até que não embeba mais, e dá-lhe depois huma mão de alvaiade a oleo, á qual darás côr que julgares proposito.

Methodo ordinario de preparar a madeira para a pintura a oleo

Encola primeiro a madeira com huma mão de alvaiade, e cola, e dá-lhe depois o mesmo alvaiade a oleo.

4. R. FERREIRA DA SILVA, 1817

Elementos de Desenho, e Pintura... Rio de Janeiro: Na Impressão Regia, pp. 92-94.

[...] da-se-lhe huma esfregação de colla, feita de pelicula, esta colla, deve ser fria e que esteja bem dura, a qual á força de trabalho he que se introduz no pano, isto feito, e seca, esta colla já dada no pano, deve estar o aparelho já moido, porém não muito, este chamado aparelho he composto de Ochre escura, e Ochre clara, Almagre, e Zarcam, Sombras de Colonia, Preto de Italia, e Fezes de ouro, estas tintas todas misturadas com maior porção de Alvaiade, e moidas com oleo de linhaça; feito isto com huma faca de tintas, (vaice estendendo esta massa sobre o pano, devendo este ficar muito bem coberto della, assim como tambem deve esta ser posta com igualdade, mesmo neste primeiro aparelho.

Isto feito, deve-se deixalo secar muito bem, e logo que esteja seco pega-se em huma porção de pedra pomes, a qual deve ter huma face, e molhando-se em agua, vai-se esfregando o pano, mas com cuidado, que a pedra o não rompa, ao mesmo tempo, que se lhe deve tirar toda a aspereza, e mesmo tirando-lhe todos os nós do mesmo pano, isto perfeitamente executado, deve haver do mesmo aparelho, mas muito bem moido huma porção, que chegue para huma segunda de mão, a qual deve ser posta com cuidado, e trabalho, de maneira que deve ficar tão lizo e macio o pano, que não deve haver differença entre ele depois de aparelhado, e huma taboa muito bem applainada: este segundo aparelho muitas vezes se poem com hum colherim de estucador, e outras muitas usa-se tambem da faca de tintas, de maneira que a obrigação necessaria he, que o pano fique perfeitamente aparelhado, sem se

exigir que o aparelho seja posto com a faca de tintas, ou com o colherim de estuador, em fim, depois de feito isto, he que se póde ver se o pano tem dado alguma cousa de si com este trabalho, e logo que seja preciso deve-se puxar novamente até que fique bem esticado, e então he que deve ser bem pregado.

5. BERNARDO DE MONTÓN, [CERPA], 1818

Segredos das Artes Liberaes, E Mecanicas... Lisboa: Typ. Rollandiana, p. 54.

Para pintar a oleo sobre madeira

Depois de haver preparado, e dado a cóla á madeira, lhe passarás huma maõ de branco destemperado, com cóla de retalhos de luvas; logo lhe darás imprimição de azeite, e ocre: estando isto enxuto debuxa, e pinta.

6. MANUEL DE MACEDO, 1886

Desenho e Pintura. Bibliotheca do Povo e das Escolas. 129. Lisboa: David Corazzi - Editor, p. 44.

[...] Os melhores de mais duração conseguem-se preparando préviamente a téla ou painel (de madeira ou de metal, etc.), em que se pretende realizar o quadro, com uma camada de branco finamente moído e dissolvido em colla forte (de pellica), administrado a brocha larga. Depois de inxuta esta primeira camada, aliza-se desimbarançando-se de qualquer corpo extranho por meio de esfregações repetidas de pedra pómes; e depois recobre-se com uma nova camada, mais delgada, de branco com oleo de linhaça, a qual, se depois de sêcca se encontrar demasiado glutinosa ou escorregadia, poderá ser granulada tambem a pedra pómes.

Para evitar demora, usam alguns, ao administrar a segunda camada de aparelho, fazê-lo por percussão vertical e repetida das sedas de uma brocha aspera, o que lhe communica contextura granulada em quantidade sufficiente para a perfeita adherencia das tintas no acto de esboçar.

7. MANUEL DE MACEDO, 1898

Manual de Pintura. Bibliotheca do Povo e das Escolas. 206. Lisboa: Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, pp. 9-10.

Pinta-se, quer sobre aparelhos de têmpera (colla e gesso) quer sobre aparelhos de oleo e alvaiade, ou sobre aparelhos mistos, isto é, em que funcçionam juntos o oleo e a têmpera.

Hoje em dia, são estes precisamente os aparelhos mais recommendados pela experiência. Ao fundo que serve de base á pintura, dá-se uma ou duas demãos, applicadas em sentido contrário, com um preparo de colla animal e gesso fino, alizando-as com a pedra pomes, até que a superficie apresente sufficiente uniformidade; e, depois de completamente enxuto este primeiro preparo, estende-se-lhe uma leve camada de alvaiade de zinco (e oleo de linhaça), granindo-se em toda a sua extensão, quando o oleo começa a puxar, mediante percurssão repetida de uma brocha de sedas asperas e curtas.

Anexo 8

Pigmentos e cores mencionados ou descritos nas fontes documentais

1. AMARELOS E LARANJAS

Entre os pigmentos amarelos mais frequentemente referidos nas fontes portuguesas identificadas encontram-se os **ocres**, indicados com diferentes grafias: *ocra*, *ochra*, *ochre*, *ocar*. O autor francês Mérimée, em 1830, referia que os ocres eram compostos por água e óxido de ferro, contendo terras em proporções variáveis²⁵⁷. Às diferentes composições dos ocres correspondem diferentes cores, entre o amarelo, laranja, vermelho e castanho.

O ocre amarelo era designado de **ocre commua**, **ocre claro**, **ocre dourado** ou **ocre claro de Roma**. Sampayo, em 1787, indicava tratar-se de uma terra ferruginosa que se encontrava nas minas de chumbo e cobre²⁵⁸. Também Ferreira de Seabra, no glossário que introduziu na obra de Saldanha de 1814, descrevia o ocre claro como um óxido de ferro amarelo claro, obtido *da precipitação do ferro que se acha dissolvido nas aguas marciais* [ricas em ferro], *formando sedimento ochraceo, que se deposita mais ou menos abundante*²⁵⁹. No seu manual de 1827, Bouvier considerava o ocre claro excelente e recomendava-o especialmente para as carnações²⁶⁰.

O ocre escuro era referido nas fontes impressas portuguesas com as designações de **ocre escura**, **ocre de Ruth**, **ocre de rua**, **amarello escuro** e **ocre escuro de Roma**. Em 1840, no jornal *o Joven Naturalista* indicava-se que o ocre escuro podia ser encontrado tanto em estado natural como obtido através da calcinação do ocre claro²⁶¹. Do mesmo dava conta Ferreira da Silva, em 1817, que considerava os ocres indispensáveis e para diversos usos:

[...] antes de ser queimada, ella serve de hum forte amarello para outros muitos amarellos, e tem immensas applicações, ella faz-se indispensavel a muitos Pintores considerando-a huma tinta das mais necessarias á palheta e á Pintura; depois de queimada, muda inteiramente de cor, ella faz um forte encarnado, que serve de escuros a todos os outros, e podendo-se tambem applicar, a quazi todas as tintas servindo de differentes toques de escuros, á maior parte

257 Mérimée, 1830: 114.

258 Sampayo, 1887: 59

259 Saldanha, 1814: 5.

260 Bouvier, 1827: 7.

261 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 9: 68.

*das outras; tendo por isso huma infinidade de applicações antes como depois de queimada*²⁶².

Bouvier indicava o ocre amarelo escuro para as zonas de sombras, recomendando que não fosse usado nas zonas luminosas já que se tornava ligeiramente acastanhado, principalmente quando misturado com branco²⁶³. Em 1829, o autor francês Paillot de Montabert referia que o ocre de ru era um pouco acastanhado e menos fixo e puro que o ocre amarelo²⁶⁴.

Sales, no seu dicionário escrito entre 1761 e 1773, dava conta que as melhores minas de ocre se encontravam na antiga província de Berry, em França, sendo que também as havia em Inglaterra mas de qualidade inferior²⁶⁵. Em 1898, Castro da Silva indicava o **amarelo de Berry**²⁶⁶, referindo-se possivelmente a este ocre francês. Na tradução do tratado de Fleury, de 1903, estão indicados os **amarelos Mexico**, com a indicação de serem terras ferruginosas que se encontravam na região de *Ardennes*²⁶⁷.

Os ocres estariam facilmente acessíveis aos pintores em Portugal. No catálogo da exposição de produtos portugueses presentes na Exposição Universal de Londres de 1851 indicava-se que o ocre amarelo se encontrava em muitos lugares no distrito de Viana do Castelo²⁶⁸. Em 1865, a drogaria Santos & Filhos, em Lisboa, anunciava ter um depósito de ocre²⁶⁹. O óxido de ferro amarelo aparece listado no catálogo de materiais produzidos pelo laboratório químico da Universidade de Coimbra, de 1816. Também, no catálogo Serzedello, de 1853, encontram-se o **oca de França** e o **oca de Portugal**, correspondendo aos pigmentos mais baratos comercializados por esta companhia. Igualmente, nas obras de Cohen, de 1880 e 1896, bem como nos catálogos da companhia Favrel, de 1904 e de cerca de 1913-1920, os ocres são as cores com preço inferior. Nas tabelas de preços de materiais de pintura dos fornecedores Joaquim Falcão, António Carvalho Júnior e M. Teixeira, datadas entre 1894 e 1897, encontram-se diversas designações para os ocres: **amarello lusitano**, **ocre nacional**, **ocre francez**, **occa lavada**. Para além destes identificaram-se nestas fontes cores cujas designações que não permitiram identificar o material constituinte: *amarello claro*, *amarello torrado* e *amarello para cal*. Trata-se, possivelmente, de pigmentos não utilizados na pintura a óleo.

262 Silva, 1817: 76.

263 Bouvier, 1827: 8.

264 Paillot de Montabert, 1829: 246.

265 Sales, s.d., vol. III: 288.

266 Silva, 1898: 7.

267 Fleury, 1903: 26.

268 Catalogo dos Productos Portuguezes..., 1851: 38.

269 Ver Anexo 21, cod. 77.

Foram encontradas referências à aquisição de ocres, claro e escuro, na lista de tintas compradas para a APBA, em 1837, consultada no Arquivo da FBAUL, e num registo de compra para a aula de Pintura Histórica, datada de 1840, consultado no Arquivo da ANBA. O reduzido número de registos da aquisição de pigmentos pelas Academias não permite confirmar o largo uso dos ocres na pintura a óleo.

De acordo com Philip Ball, no seu livro sobre a história das cores de 2001²⁷⁰, os fabricantes do período Barroco haviam já descoberto como produzir as suas próprias versões dos pigmentos ocres naturais, de modo a ter melhor controlo sobre as tintas²⁷¹. Os novos pigmentos, designados *de Marte*, eram óxidos de ferro sintéticos que permitiam obter cores desde o amarelo ao castanho, passando pelo vermelho e violeta. Disso dava conta Paillot de Montabert que referia que para obter um amarelo de ferro, de um elevado grau de pureza e de um grão mais fino do que os ocres naturais, os fabricantes de cores o produziam artificialmente com a designação de **amarelo de Marte**²⁷². Segundo este autor, esta cor era produzida tanto com sulfato de ferro puro como com sulfato de ferro e alúmen, sendo misturada com branco de chumbo²⁷³. Este amarelo era recomendado em 1913 por Moreau-Vauthier que o considerava excelente por não alterar as outras cores com que era misturado²⁷⁴.

Nas fontes portuguesas apenas foram encontradas referências ao amarelo de Marte e ao Laranja de Marte na obra Castro da Silva, de 1898²⁷⁵, e na tradução do tratado de Fleury, de 1903. Para este último, o amarelo de Marte era dos melhores amarelos que se podiam obter: misturado com branco dava tons muito vivos, bastante superiores aos obtidos a partir dos ocres naturais²⁷⁶.

Quanto à sua disponibilidade no comércio, o amarelo de Marte apenas foi identificado no catálogo da companhia Favrel, de cerca de 1913-1920, onde é referido tratar-se de um óxido de ferro precipitado.

Nas fontes portuguesas encontraram-se diversas referências ao **massicote**, indicado com diversos nomes e grafias como **masicote**, **macicote**, **massicot**, **massicote claro**, **massicote dourado**, **massicote alaranjado**, **maquim**, **machim**, **genolim**, **genoli** ou **jenolim**. Como notou António João Cruz a interpretação destas designações ainda suscita algumas dúvidas²⁷⁷. De acordo com Harley, pode admitir-se que nas fontes históricas os nomes *massicot* e o *giallolino* tenham servido para indicar mais do que um pigmento e que essas referências correspondam a um

270 Foi consultada a tradução para francês, publicada em 2010.

271 Ball, 2010: 203.

272 Paillot de Montabert, 1829: 244-245.

273 Paillot de Montabert, 1829: 245.

274 Moreau-Vauthier: 1913: 204.

275 Silva, 1898: 3.

276 Fleury, 1903: 29.

277 Cruz, 2007b: 147.

de três pigmentos: estanho de chumbo, monóxido de chumbo e antimoniato de chumbo²⁷⁸. Contudo, parece consensual nas fontes consultadas que o massicote era um composto de chumbo. Num artigo sobre nomenclatura química publicado nos *Annaes das Sciencias, das Artes, e das Letras*, em 1819, dava-se conta de que o massicote era um *deutoxydo de chumbo*²⁷⁹, o que poderá significar uma confusão com o pigmento vermelho mínio. Num manual de química publicado por João Felix Pereira, em 1864, indicava-se ser um *protoxydo de chumbo*²⁸⁰. Saldanha, em 1814, especificava dando a indicação de que massicote era um óxido de chumbo preparado fundindo o chumbo em vasos abertos em contacto com o ar²⁸¹. Para o mesmo autor o pigmento distinguia-se segundo as cores adquiridas pelos diferentes graus de oxidação²⁸². A mesma informação constava no jornal *O joven Naturalista*, de 1840:

*He hum branco de chumbo, que tem sido calcinado, sofrendo diversos graus de fogo. Ha-o de trez sortes: o branco, que soffreo menos calor – o amarelo, que soffreo mais – e o dourado, o que soffreo maior grau de calor*²⁸³.

Também, segundo a tradução da obra de Bernardo de Montón, de 1818, o *genoli* era feito com alvaiade colocado ao lume até ficar amarelo, recomendando-o para as carnações e panejamentos²⁸⁴.

Estes dados encontram correspondência com o que indicava Mérimèe. Para ele o massicote que se encontrava disponível no comércio não era outra coisa senão cerusa [branco de chumbo], mais ou menos calcinada, distinguido com as designações de claro, amarelo e dourado²⁸⁵. Mérimèe acrescentava ainda que o verdadeiro massicote era um óxido de chumbo em primeiro grau, ou seja, um protóxido, que dava uma cor amarela alaranjada²⁸⁶.

Apesar de continuar a ser referido nas fontes impressas portuguesas depois de 1875, não se verificou a presença de massicote nos catálogos de fornecedores depois de 1853, altura em que aparece no catálogo da Serzedello, o que poderá sugerir que teria caído em desuso nas últimas décadas do século XIX. Isto poderá estar relacionado com a sua má reputação já que, como indicou Leslie Carlyle, nas fontes inglesas a partir de meados do século XIX, nunca foi recomendado, sendo referido o seu

278 Harley, 2001: 96.

279 C., F. S., 1819: 161-162.

280 Pereira, 1864: 217.

281 Saldanha, 1814: 5.

282 Saldanha, 1814: 5.

283 *O joven Naturalista*, 1840, n.º 16: 126.

284 Montón, 1818: 64.

285 Mérimèe, 1830: 121.

286 Mérimèe, 1830: 122.

desvanecimento principalmente quando misturado com branco²⁸⁷. A mesma autora indicava que o massicote nunca aparece listado nos catálogos das companhias inglesas Winsor & Newton, Reeves ou Rowney²⁸⁸.

No catálogo da Serzedello encontra-se listado o **maquim**, o que poderá indicar que este e o massicote eram dois pigmentos diferentes, ainda que tivessem preços semelhantes. De acordo com António João Cruz, maquim poderia indicar o pigmento atualmente designado por amarelo de chumbo e estanho²⁸⁹.

Numa lista de tintas compradas para a APBA, de 1837, encontrou-se a referência a *manquim escuro*. A designação de *manquim purificado* foi encontrada num registo de compra de materiais pertencentes ao pintor Pereira Resende (1760-1847) por parte da ABAL, em 1848, consultado no arquivo da ANBA.

Nas fontes escritas em português o **ouropigmento** aparece indicado com as designações de **auripigmento**, **ouro pimenta**, **ouro pimento junquilha**, **orpin** ou **oiro-pigmento**. Verificou-se que a designação **jalde**, escrita também na forma de **ialde**, **yalde**, **flor de yalde** e **jalne** parece ter servido para designar o ouropigmento. Veja-se que na pauta das Alfândegas, de 1752, o *ouro pimenta* era indicado como sendo *jalde em pedra*²⁹⁰. Igualmente, no dicionário de língua portuguesa de Francisco Solano Constancio, publicado em 1836, jalde era sinónimo de **rosalgar amarelo** ou *ouropigmento*²⁹¹. Contudo, constatou-se ainda que em muitos casos o nome jalde era usado para referir a cor amarela e não um pigmento específico, tal como era indicado no dicionário de Assis Rodrigues de 1875²⁹².

No dicionário de Sales, publicado na segunda metade do século XVIII, dava-se conta de que o ouropigmento se encontrava nas minas de cobre e, por vezes, nas de ouro e prata, acreditando-se conter algumas partículas de ouro²⁹³. Na obra de Saldanha, publicada em 1814, era indicado que a designação ouro-pimenta era uma tradução inexata de *auri pigmentum* que significava “tinta cor de ouro”²⁹⁴. A mesma fonte descrevia este pigmento como um *óxido d’arsenico sulphurado amarello; ou sulphureto d’arsenico amarello*²⁹⁵. No jornal *O Joven Naturalista*, de 1840, o ouropigmento era descrito como uma combinação de arsénio e enxofre havendo-o natural, de cor de ouro, e artificial, de um *belo vermelho*²⁹⁶.

287 Carlyle, 2001: 526.

288 Carlyle, 2001: 526.

289 Cruz, 2007b: 147.

290 Silva, 1842: 190.

291 Constancio, 1836: 638.

292 Rodrigues, 1875: 229.

293 Sales, s. d., vol. III: 312.

294 Saldanha, 1814: 6.

295 Saldanha, 1814: 6.

296 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 16: 126.

Silva Vieira referia igualmente o **amarelo rei** e na tradução do tratado de Fleury encontra-se o **amarelo real** que, de acordo com Mayer, correspondiam a designações dadas às variedades artificiais que terão aparecido provavelmente no início do século XVIII²⁹⁷.

Saldanha referia que esta tinta servia para isoladamente dar *realces no amarello* mas não podia ser misturada com outras²⁹⁸. Assis Rodrigues alertava para a toxicidade do ouropigmento dizendo ser bastante venenoso²⁹⁹.

Nas fontes francesas este pigmento não tinha melhor reputação. Paillot de Montabert destacava a sua perigosidade lembrando que era simultaneamente usado como veneno³⁰⁰. Bouvier desaconselhava-o por conter arsénio e assim destruir todas as outras cores³⁰¹. Mérimèe dizia, contudo, que podia ser utilizado com os ocre e outras cores, como a terra verde e o azul ultramarino³⁰². Para Moreau-Vauthier o ouropigmento não poderia ser misturado com nenhuma cor à base de chumbo³⁰³.

Devido à sua toxicidade terá deixado de ser usado no final do século XIX, tal como indicava Fleury. Segundo ele, o ouropigmento apesar de ter sido muito usado pela sua beleza de tom, tinha então caído em desuso devido às suas propriedades venenosas³⁰⁴.

Nos catálogos de fornecedores portugueses apenas foi identificado até 1853. Encontrava-se disponível no Laboratório Químico da Universidade de Coimbra, segundo o seu catálogo de 1816, com a designação de *amarelo auripigmento* e com a indicação de se tratar de um sulfureto de arsénio. No catálogo da companhia Serzedello de 1853 era indicado a *flor de jalde*, o **jalde queimado** e o *ouro pimenta* o que pode indicar tratar-se de diferentes composições. De facto, de acordo com António João Cruz, o jalde queimado é habitualmente considerado uma variedade do pigmento vermelho alaranjado, atualmente designado por rosalgar, ainda que para este autor esta correspondência não seja segura³⁰⁵.

Na obra de Agostinho da Silva Vieira, tanto na edição de 1860 como na de 1893, era indicado o **amarelo da Rússia**. A atribuição de significado a esta designação mostra-se complexa uma vez que não aparece referida em mais fontes consultadas. Apenas, no glossário presente numa publicação de 1997, dedicada aos materiais e técnicas de Rembrandt, se encontra indicado que o *Russian yellow* corresponde a ouropigmento³⁰⁶.

297 Mayer, 1985: 34.

298 Saldanha, 1814: 16.

299 Rodrigues, 1875: 278.

300 Paillot de Montabert, 1829: 234.

301 Bouvier, 1827: 12.

302 Mérimèe, 1830: 118.

303 Moreau-Vauthier: 203.

304 Fleury, 1903: 28.

305 Cruz, 2007b: 145.

306 van de Wetering, 1997: 324.

O **amarelo de Nápoles** encontra-se indicado na literatura técnica portuguesa com diferentes designações: **jalde italiano, jalde de Napoles, amarelo de linho**. Sobre estas designações e sobre a verdadeira constituição do amarelo de Nápoles permanecem ainda algumas incertezas³⁰⁷, tal como reportava Ferreira de Seabra na obra de Saldanha, em 1814:

He, segundo a opinião geralmente recebida, um producto volcanico, ou de uma especie de pó que se junta ao redor das minas d' enxofre, que se dizem provir do Vesuvio. Porém, segundo Mr. de Bondaroy, he uma preparação chimica composta d'alvaiade (oxido branco de chumbo); de pedra ahúme (sulphato ácido d'allumina); de sal ammoniaco (muriato d'ammoniaca); e d'antimonio diaphoretico (oxido d'antimonio branco pelo nitrato de potassa, nitro). [...] Os nomes Jaldelino ou Jarolino, que dão os Droguistas ou Pintores ao amarello de Napoles, são traducções mais ou menos inexactas de Giallo-lino, nome que lhe-dão os Italianos, etc³⁰⁸.

As designações de **jaldelino, jarolino, yal-lino** poderiam corresponder ao amarelo de Nápoles. Veja-se que no dicionário de Michelsen, publicado em 1860, *jaldolino* era indicado como o vocábulo português para designar amarelo de Nápoles³⁰⁹. Contudo, sobre esta correspondência permanecem dúvidas, podendo jaldelino ser sinónimo de jalde e, tal como acontecia com esta designação, referir-se apenas à cor amarela. Repare-se que no dicionário de Assis Rodrigues o *jaldelino* era uma cor amarela muito viva³¹⁰ e *jalde de Napoles* uma terra ou mineral que se encontrava nas imediações de Nápoles³¹¹.

Nos *Annaes das Sciencias, das Artes e das Letras*, publicados em 1821, foram expostas três receitas para a preparação do amarelo de Nápoles nas quais estão indicados o antimónio e o chumbo como ingredientes principais³¹². A receita apresentada por João Baptista Lucio continha 24 onças de *alvaiade*, quatro de *antimonio diaforético* (antimoniato de potássio), uma de *sal amoniaco* (cloreto de amónia) e uma de *pedra-hume* (alúmen)³¹³. Na *Revista popular*, em 1848, dizia-se que das diversas receitas apresentadas para o anarelo de Napoles a melhora parecia ser a seguinte: *Misturam-se intimamente tres partes d'antimonio metalico, com duas de minio, e uma d'oxido de zinco, funde-se a mistura, e reduz-se a pó bem fino a massa, que se obtém*³¹⁴.

307 Sobre as dificuldades de interpretação das designações dos pigmentos amarelos nos antigos tratados de pintura portugueses ver: Cruz, 2007b.

308 Saldanha, 1814: 4.

309 Michelsen, 1860: 81.

310 Rodrigues, 1875: 229.

311 Rodrigues, 1875: 34.

312 *Annaes*, Tom. XII, parte segunda, 1821: 76-77.

313 Lucio, 1845, Vol. VI: 246.

314 Preparação de amarello de Napoles, 1848: 120.

Em 1840, no jornal *O Joven Naturalista* indicava-se que o *amarelo de Naples*, proveniente dos fornos onde se purificava o enxofre, era o mais belo de todos os amarelos³¹⁵. A mesma fonte aconselhava a moê-lo com uma espátula de marfim numa pedra de mármore ou marfim, uma vez que a pedra e o ferro o fariam enverdecer³¹⁶. Bouvier dava o mesmo conselho e dizia que o amarelo de Nápoles era o único amarelo claro bom, indispensável aos pintores de paisagem, embora devesse ser usado com precaução já que se tornava esverdeado e atacava muitas outras cores, visto conter enxofre³¹⁷.

Em 1903, na tradução do tratado de Fleury era indicado que este pigmento era muito usado na pintura de cavalete, mas caíra em desuso na pintura de construção civil:

*Muito empregada na pintura artistica, esta côr já não anda em voga entre os pintores industriaes; a sua tinta não é bem franca e a côr mesma é nefasta nas dissoluções, porque descae para o preto e altera as outras côres*³¹⁸.

No catálogo da companhia Serzedello, de 1853, encontrava-se listado o **jalde lino**. Em 1871, a Mander Irmãos indicava no seu catálogo, o **amarelo Napolitano**. Numa lista de preços de materiais de pintura publicada, em 1871, na revista de Obras Públicas e Minas encontra-se a designação de **amarello de Italia**³¹⁹. Considerando o elevado preço, quando comparado com o preço dos ocre, poderá tratar-se de amarelo de Nápoles.

Na documentação de contabilidade das Academias de Belas Artes foi encontrada uma referência a *jalde-Lino* na lista de tintas compradas, em 1837, para a APBA, bem como, à compra de *jaldelino* para a Aula de Pintura Histórica da ABAL, em 1849.

Em 1886, Manuel de Macedo fazia referência a uma cor amarela designada apenas por **antimonio**³²⁰ e, em 1898, Francisco de Castro da Silva indicava o **amarelo de antimónio**³²¹. De acordo com Eastaugh, et al., o amarelo de antimónio é considerado frequentemente um sinónimo de amarelo de Nápoles, embora no século XIX vários autores tenham dado outras indicações³²². De facto, segundo Paillot de Montabert, em 1829, o amarelo de antimónio era obtido a partir do metal com este nome e tinha uma cor amarela entre o amarelo de crómio e o amarelo de Nápoles³²³.

315 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 9: 68.

316 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 9: 68.

317 Bouvier, 1827: 6.

318 Fleury, 1903: 28.

319 *Serie de preços...*, 1871: 466.

320 Macedo, 1886: 45.

321 Silva, 1898: 8.

322 Eastaugh, et al., 2004: 19.

323 Paillot de Montabert, 1829: 232.

Vibert, em 1891, referia que o amarelo de Nápoles, um antimoniato de chumbo e o amarelo de antimônio, um antimoniato de chumbo e de sílica de cal, eram cores sólidas mas que raramente se encontravam puras sendo mal fabricadas, pelo que aconselhava a excluí-las da paleta³²⁴.

O amarelo de Nápoles encontrava-se listado nos catálogos da Favrel que comercializava tubos de tinta da companhia Lefranc, tanto no de 1904, como no de cerca de 1913-1920, sendo indicado, neste último, tratar-se um *antimoniato de chumbo e sulfureto de cal*. Segundo Bomford, et al. no final do século XIX a Lefranc começou a vender um tubo de tinta designado por *jaune d'antimoine* que durante muito tempo foi confundido com o que era referido por *jaune de Naples*, sendo que a companhia os vendia como cores diferentes, sendo o primeiro duas vezes mais caro³²⁵. Contudo, nos catálogos da Favrel apenas consta o *jaune de Naples*. Segundo os mesmos autores a cor designada por amarelo de Nápoles era quase de certeza uma mistura de pigmentos, com base num amarelo como um cromato de chumbo, misturado com brancos de chumbo ou zinco, sendo o tom ajustado com pequenas quantidades de ocre, vermelhão ou outros³²⁶.

Apenas foi identificada referência ao **amarelo indiano** em obras publicadas depois de 1885, nas quais praticamente não era indicada a sua composição. De acordo com Picotas Falcão, em 1906, o amarelo indiano era extraído dos excrementos dos camelos ou vacas alimentados de certas plantas³²⁷. Na tradução do tratado de Fleury, de 1903, indicava-se que se fazia uma amarelo indiano com uma mistura de amoníaco, de sulfato, de magnésio e de alumén de potássio, cuja cor se aproximava da do amarelo indiano natural, mas sem a mesma finura e solidez³²⁸.

As informações mais precisas sobre esta cor foram encontradas nas fontes francesas de referência. Mérimèe dava conta que o amarelo indiano era obtido a partir da matéria corante de um arbusto chamado *memecylon tinctorium* e que devido ao odor que esta cor exalava era possível que a urina de vaca fosse utilizada para extrair a cor³²⁹. Paillot de Montabert indicava que, por volta de 1825, esta cor já era conhecida em Inglaterra e que os químicos de Paris lhe tinham reconhecido estabilidade³³⁰. Contudo, o mesmo autor reconhecia que em Paris ainda se ignorava a sua composição podendo tratar-se de um corante proveniente dos grãos de uma planta chamada *ahoua* ou *ahouai*, existente na ilha do Ceilão³³¹. Bouvier referia que era um amarelo ainda pouco conhecido, proveniente de Inglaterra e assegurava que tinha sido um

324 Vibert, 1891: 286.

325 Bomford, et al. 1990: 69.

326 Bomford, et al. 1990: 69.

327 Falcão, 1906: 129.

328 Fleury, 1903: 29.

329 Mérimèe, 1830: 120.

330 Paillot de Montabert, 1829: 219.

331 Paillot de Montabert, 1829: 219.

dos primeiros a dá-lo a conhecer no continente³³². De facto, de acordo com Field, em 1835, citado por Carlyle em 2001, o amarelo indiano era utilizado na Índia há muito tempo, mas só há poucos anos fora introduzido na Europa³³³.

Bouvier dizia ainda que o amarelo indiano era bastante caro sendo necessário escolhê-lo bem porque tendia a esverdear³³⁴. Por outro lado, Paillot de Montabert, referia que o que era adquirido no comércio era transparente e não tinha poder de cobertura, sendo por isso raramente usado³³⁵.

Nas fontes portuguesas encontrou-se referido por Manuel de Macedo, em 1895, que o considerava excelente em termos de estabilidade³³⁶ e por Picotas Falcão que, ao contrário, indicava tratar-se de *uma preparação muito alcalina, que transforma o oleo em sabão e pôde por consequencia tornar-se solúvel na agua, se a sua trituração não é feita em boas condições*³³⁷, informação que certamente terá provindo da obra de Vibert, publicada em 1891³³⁸.

Apenas foram encontradas referências à sua disponibilidade no comércio nos catálogos da companhia Favrel, no de 1904 e no de cerca de 1913-1920. Neste último refere-se tratar-se de um *exanthemato de magnésio* e era a cor mais cara apresentada nesse catálogo.

A **goma guta** aparece indicada em quase todas as fontes portuguesas identificadas com designações de **rom**, **rohão**, **guta gamba** e **goma gute**. Ferreira de Seabra descrevia-a como sendo o *succo inspissado da planta cambogia gutta (Linn) Stalagmitis cambogioides (Murray)*³³⁹. Em 1788, Sampayo dizia que era proveniente da goma de uma árvore da Índia e fornecia instruções para a sua preparação:

*A sua Cor natural he um amarello Cor de laranja; mas logo que se banha com agua, se muda em hum amarello puro, que nem participa do Vermelho, nem do Verde. O preparado desta tinta he o mais simples: parte-se a gomma em pequenos pedaços, deita-se em hum vaso, e se cobre de agua pura. Em pouco tempo se acha dissolvida, e em estado de servir, sem que seja preciso juntar-lhe gomma, ou assucar, tendo de si mesmo toda a consistencia que se pôde desejar*³⁴⁰.

332 Bouvier, 1827: 10.

333 Carlyle, 2001: 526.

334 Bouvier, 1827: 10.

335 Paillot de Montabert, 1829: 219.

336 [Macedo], 1895a: 23.

337 Falcão, 1906: 129-130.

338 Vibert, 1891: 286.

339 Saldanha, 1814: 6

340 Sampayo, 1788: 127-128.

O uso da goma guta estava geralmente associado à prática da pintura a aguarela embora Mérimèe dissesse que poderia ser utilizada a óleo se lhe fosse retirada a parte resinosa³⁴¹. Paillot de Montabert dava a mesma informação e fornecia instruções sobre o modo de lhe retirar a goma já que o carácter gomoso desta laca dificultava que se misturasse bem com o óleo das tintas³⁴².

Nos catálogos de fornecedores consultados apenas se encontrou listada a goma guta no catálogo da companhia Serzedello, de 1853, correspondendo ao amarelo mais caro comercializado por essa companhia.

No dicionário de Sales, escrito entre 1761 e 1773, era indicado que a **terra merita**, designada também por **curcuma** e **açafão das Índias**, provinha de duas espécies: uma comprida e uma redonda³⁴³. A primeira era descrita como sendo uma raiz tuberculosa parecida com o gengibre, amarela ou cor de açafão no seu interior, sendo pesada e compacta como um pedaço de barro, daí o seu nome de terra merita. O mesmo autor indicava que tinha um grande consumo na Europa, principalmente pelos tintureiros para tingir de amarelo e para realçar as cores vermelhas feitas com vermelhão, cochinhão ou garança³⁴⁴. Sales referia ainda que a terra merita redonda era uma raiz que tinha as mesmas propriedades que a comprida mas que imitava mais a cor, o gosto e o cheiro do açafão³⁴⁵.

No jornal *O Joven Naturalista*, de 1840, eram apresentadas igualmente duas espécies de açafão: o açafão das Índias, também designado por terra merita e o **açafão bastardo** ou **cártamo**. O primeiro, que segundo esta fonte servia para imitar as cores de açafão e de laranja, era assim descrito:

He huma pequena raiz similhante ao geagivre e esta raiz dura ou como cornea, amarella por fóra e por dentro, que nasce em muitos lugares das grandes Indias, pinta d'amarello, approximando-se do assaffram e serve a dar huma côr alaranjada. Deve escolher-se a mais odorífica – nova – pesada – compacta – bem nutrida e de côr amarella assaffroada³⁴⁶.

O açafão bastardo era, segundo o mesmo jornal, designado pelos droguistas por *safranum* e dava igualmente uma cor alaranjada depois de fervido em água³⁴⁷. Segundo esta fonte o mais belo era proveniente do Levante³⁴⁸.

341 Mérimèe, 1830: 119.

342 Paillot de Montabert, 1829: 239.

343 Sales, s. d.: 287.

344 Sales, s. d.: 288.

345 Sales, s. d.: 288.

346 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 10: 76.

347 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 10: 76.

348 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 10: 76.

No manual de química e botânica publicado por Silveira Pinto, em 1827, dizia-se que a curcuma longa era uma planta, proveniente da América, e que apresentava a sua matéria colorante na raiz que diluída em dissolvente próprio dava um belo amarelo³⁴⁹.

Paillot de Montabert indicava, em 1829, que a terra merita ou curcuma longa, também chamada de açafão das Índias, não era um amarelo tão sólido como o obtido da flor do açafão³⁵⁰.

Em 1853, a companhia Serzedello listava o açafão entre os seus produtos comercializados, ainda que neste caso não seja possível saber de que espécie se trata e se era destinada a usos na pintura.

A **laca de lírio dos tintureiros** era também referida por ***gauda*** ou ***gaude***. No manual de Silveira Pinto, de 1827, era indicado que a *reseda lucteola*, chamada vulgarmente de gauda, crescia espontaneamente na Europa sendo que as suas flores davam uma cor amarela muito fixa e permanente³⁵¹.

De acordo com João Baptista Lucio, em 1844, o químico francês Chevreul dera o nome de luteolina à matéria que extraiu da decocção do lírio, de aparência cristalina³⁵².

Mérimée indicava que a laca de *gaude* era das mais sólidas e que uma vez que a sua cor era ligeiramente esverdeada servia bem para fazer tintas verdes brilhantes³⁵³. Paillot de Montabert recomendava que fosse bem lavada já que se contivesse ainda alguma porção de alúmen, quando misturada com os azuis mineral e da Prússia, inevitavelmente se alterava³⁵⁴.

Não foram encontradas referências à comercialização desta laca nos catálogos e nas listas de preços de fornecedores de materiais de pintura identificados.

Encontraram-se diversas referências às **lacas de grão de Avinhão** nas fontes portuguesas consultadas, com as diferentes designações de ***stil de troyes***, ***stil de Inglaterra***, ***amarelo de Avinhão*** ou ***grão da Pérsia***. Sampayo, em 1787, indicava que o *stil de Troyes* era composto de *huma terra cretácea, tincta com o Amarello de Avinhaõ*, sendo o *stil de Inglaterra* mais escuro que este³⁵⁵.

No jornal *O Joven Naturalista* referia-se que os amarelos chamados de *stil de grain* eram obtidos pela mistura de uma decocção de grão de Avinhão contendo um pouco de alúmen³⁵⁶. A mesma fonte indicava que o grão de Avinhão provinha de um arbusto

349 Pinto, 1827: 152.

350 Paillot de Montabert, 1829: 244.

351 Pinto, 1827: 153.

352 Lucio, 1944, vol. I: 223-224.

353 Mérimée, 1830: 120.

354 Paillot de Montabert, 1829: 237.

355 Sampayo, 1887: 61.

356 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 9: 68.

bem conhecido em Portugal, podendo ser substituído por infusões de *godes*, uma planta cultivada nas regiões francesas do Languedoque, na Normandia e na Picardia³⁵⁷.

Bouvier desaprovava o uso de *stil de grain de Troyes* porque apesar da sua bela cor amarela de limão, não tinha nenhuma solidez e ficava branco em pouco tempo³⁵⁸. Também para este autor, tanto o *stil de grain de Inglaterra* como todos os outros estavam sujeitos a evaporar-se³⁵⁹. No fundo, este autor desaconselhava o uso de todas as lacas amarelas já que, segundo ele, não eram sólidas e perdiam em maior ou menor grau a sua cor³⁶⁰. Paillot de Montabert referia que os *stil de grain* eram utilizados na pintura a óleo, não devido à sua solidez, mas por uma razão de utilidade e de necessidade desta tinta³⁶¹. Também em Portugal, em 1885, Manuel Macedo desaconselhava o *stil de grain escuro* uma vez que alterava e rachava a pintura³⁶².

No catálogo da companhia Favrel de cerca de 1913-1920 aparece referida a laca de baga da Pérsia. No catálogo desta mesma companhia, de 1904, bem como no da Mander Irmãos, de 1871, aparece indicada também, uma laca amarela, sem qualquer indicação do que se trata.

Em 1814, Ferreira de Seabra indicava que a **pedra de fel** era uma *especie de calculo biliar, ou concreção animal do boi*³⁶³. Em 1898, Castro Silva dizia que o **fel de boi** dava um amarelo dourado muito brilhante³⁶⁴, sem indicar, no entanto, a sua utilização na pintura a óleo.

Foi encontrada uma única referência ao **fel de enguia** na obra de Saldanha. Segundo esta fonte, a cor era obtida das tripas das enguias e tinha as seguintes utilizações:

*Usa-se d'elle sem gomme, dissolvendo-o em agua ardente: quasi que pinta como o manquim, e serve para variar os verdes para as paisagens, misturando-o com diferentes azues, e tambem para dar maior força e belleza a todas as cores verdes, negras, parda, e amarellas, misturando-o com ellas*³⁶⁵.

Paillot de Montabert referia que o fel dos animais produzia com frequência um amarelo bastante durável³⁶⁶.

357 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 9: 68.

358 Bouvier, 1827: 12

359 Bouvier, 1827: 12

360 Bouvier, 1827: 12

361 Paillot de Montabert, 1829: 241.

362 Macedo, 1885: 42.

363 Saldanha, 1814: 6.

364 Silva, 1898: 59.

365 Saldanha, 1814: 15.

366 Paillot de Montabert, 1829: 244.

Tabela A8.1 Pigmentos amarelos modernos

Designação	Datas	Referências
Amarelo de Turner <i>Patent Yellow</i>	Descoberta: c. 1770, Scheele Patenteado: 1781, James Turner	Harley, p. 99
Laca de quercitron	Introduzida em Inglaterra: 1775, Brancroft	Harley, p. 99
Amarelo de crómio	Descoberta do metal: 1797, Vauquelin Introdução do pigmento: 1804-1809	Harley, p. 100 <i>Artists' Pigments</i> , vol. I, p. 189
Amarelo de zinco	Sintetizado: 1800, Vauquelin Introduzido: 1825-1829	<i>Artists' Pigments</i> , vol. I, p. 201
Amarelo de bário	Descrição da preparação: 1809, Vauquelin Fabrico: possivelmente depois do primeiro quartel do séc. XIX	Gettens e Stout, p. 97 Mayer, p. 32
Amarelo de estrôncio	Descrição da preparação: 1809, Vauquelin	Gettens e Stout, p. 97
Amarelo de cádmio	Descoberta do metal: 1817, Stromeyer Disponível no comércio: depois do início da década de 1840	Harley, p. 103
Amarelo de cobalto	Descoberta: 1830, N. W. Fisher: Introduzido como pigmento (Paris): 1852, Saint-Evre	Mayer, p. 33

Foram encontradas nas fontes portuguesas escassas referências à **laca de quercitron**. Em 1844, João Baptista Lucio dizia que havia sido o Doutor Brancroft que em 1784 descobrira que a casca interior de uma árvore denominada de quercitron (*Quercus nigra* de Lineu) continha grande quantidade de matéria colorante³⁶⁷. Contudo, segundo Harley, Brancroft tinha conseguido introduzir a laca de quercitron em Inglaterra já em 1775³⁶⁸. Lucio dava também conta de que esta matéria se deve à quercitrina, assim designada pelo químico Chevreul³⁶⁹. Lucio referia-a igualmente como **lacca de casca da America** e fornecia duas receitas para a sua preparação³⁷⁰. Não foram identificadas referências que comprovem o seu uso na pintura a óleo.

João Baptista Lucio indicava uma receita de **amarelo francês** feito a partir de *acetato de chumbo e de hidriodato de potassa* [iodeto de potássio]³⁷¹. Sónia Barros dos Santos identifica-o como sendo **amarelo de Turner** e refere que podia ter também a designação de **amarelo mineral**³⁷².

De acordo com Ralph Mayer, o amarelo de Turner, patenteado por James Turner em Inglaterra em 1781, teve um uso muito alargado a julgar pela grande atenção que lhe foi dada nos manuais do início do século XIX, bem como, pelo grande número de

367 Lucio, 1944, vol. I: 225.

368 Harley, 2001: 114.

369 Lucio, 1944, vol. I: 228.

370 Lucio, 1945, vol. VI: 200-203.

371 Lucio, 1945, vol. VI: 245.

372 Santos, 2012: 219.

sinónimos a que lhe correspondiam³⁷³. Contudo, as únicas referências encontradas nas fontes portuguesas com a designação de amarelo mineral constam da obra de Castro da Silva, de 1898³⁷⁴, e da tradução do tratado de Fleury, de 1903. Nesta última era indicado tratar-se de um sulfato de mercúrio precipitado³⁷⁵ e, portanto, não parece corresponder ao amarelo de Turner, mas antes ao **turbito mineral** ou **amarelo de mercúrio**³⁷⁶.

Paillot de Montabert dizia que a designação de amarelo mineral era bastante imprecisa já que poderia indicar diversas substâncias bastante diferentes³⁷⁷. O amarelo mineral foi referido por Mérimée como uma mistura de chumbo e cloro que podia ser preparada de diversos modos³⁷⁸.

Segundo Bouvier, o amarelo mineral era perfeitamente dispensável já que escurecia e alterava as outras cores³⁷⁹. Mérimée tinha, contudo, uma opinião diferente. Segundo ele, apesar deste amarelo não ser estável, já que se perdia a cor, podia ser utilizado com o amarelo de Nápoles e com os ocre³⁸⁰.

Para Fleury o amarelo mineral tinha uma cor bastante sólida e, contrariamente ao amarelo de Nápoles, podia ser misturado com todas as cores sem as alterar³⁸¹.

Em 1913, Moreau-Vauthier referia que se deviam muitos amarelos à química moderna, sendo que os cádmios e os crómios eram cores de um amarelo vivo e de uma riqueza soberba como não se produzia no passado³⁸². O **amarelo de crómio** era também designado por **amarello inglez**, identificado como um cromato de chumbo³⁸³ e introduzido no comércio entre 1804 e 1809³⁸⁴. Na tradução do tratado de Fleury, de 1903, eram indicadas outras designações: **amarelo Spooner**; **amarelo de Paris**; **amarelo imperial** e **amarelo de Leipzig**.

A primeira referência ao amarelo de crómio foi encontrada na obra de João Baptista Lucio, de 1844-45, onde consta uma receita para o preparar³⁸⁵, bem como outra com a designação de **amarello de Colonia**³⁸⁶. Contudo, Sónia Barros dos Santos identificou uma referência anterior numa edição de 1841, da obra *Segredos necessarios...*, publicada originalmente em 1794³⁸⁷.

373 Mayer, 1985: 34.

374 Silva, 1898: 4.

375 Fleury, 1903: 28.

376 Mayer, 1985: 62; Harley, 2001: 94-95.

377 Paillot de Montabert, 1829: 230.

378 Mérimée, 1830: 106.

379 Bouvier, 1827: 12.

380 Mérimée, 1830: 110.

381 Fleury, 1903: 28.

382 Moreau-Vauthier: 202.

383 Kempe, 1856: 36.

384 Kühn e Curran, 1986:189.

385 Lucio, 1845, Vol. VI: 244.

386 Lucio, 1845, Vol. VI: 247.

387 Santos, 2012: 222.

As cores à base de crómio encontravam-se no comércio com diferentes tons, desde o amarelo claro até ao laranja. De acordo com Bomford, et al. o pigmento laranja de crómio, começado a ser utilizado entre as décadas de 1830 e 1840, foi o primeiro laranja puro, opaco e com uma grande intensidade de brilho a estar disponível aos pintores³⁸⁸. Contudo, apesar dos amarelos e laranjas de crómio terem estas excelentes qualidades e de serem relativamente baratos, eram geralmente desaconselhados devido à sua instabilidade. Veja-se, por exemplo, a opinião de Manuel de Macedo acerca destes pigmentos:

*Os amarelos de chromo são todos mais ou menos traiçoeiros; ainda o melhor é o n.º 1, devendo-se empregar-se, para o triturar sobre a paleta, a espátula de buxo ou de marfim. São detestáveis os chromos alaranjados e escuros*³⁸⁹.

Também na tradução do tratado de Fleury, de 1903, para além de ser indicada a elevada toxicidade dos amarelos de crómio era referida a sua pouca solidez e a sua alteração em contacto com os sulfuretos³⁹⁰.

A má reputação dos pigmentos de crómio tinha já sido largamente difundida pelos manuais franceses que desaconselham o seu uso. Bouvier dizia que embora se tratasse de um belo amarelo, brilhante e dourado, alterava-se e fazia alterar todas as cores com que estivesse associado³⁹¹. Também Paillot de Montabert indicava tratar-se de uma cor que se alterava quando combinada com o óleo ou com o óxido de chumbo e o azul da Prússia moídos em óleo³⁹². Por outro lado, Mérimèe referia que o amarelo de crómio perdia em poucos anos a sua cor tornando-se semelhante ao ocre amarelo³⁹³. Contudo, o mesmo autor indicava que se fosse misturado com alumina e sílica poderia resultar numa cor inalterável³⁹⁴.

De acordo com os dados da Extatística do Comércio Internacional, referente ao ano de 1843, foi importado cromato de chumbo, designado por *amarello inglez* da França, de Génova e da Grã-Bretanha³⁹⁵.

O Laboratório Químico de Francisco Mendes Cardoso Leal, situado em Lisboa na rua da Trindade referia, em 1851, a produção de cromato de chumbo, *empregado nas pinturas a óleo*³⁹⁶. Em 1865, D. José de Saldanha d'Oliveira e Souza apresentava, na Exposição Internacional do Porto, diversos produtos químicos entre os quais se destacavam os compostos de crómio³⁹⁷. O amarelo de crómio aparece indicado em pra-

388 Bomford, et al., 1990: 62.

389 [Macedo], 1995a: 23.

390 Fleury, 1903: 27.

391 Bouvier, 1827: 11.

392 Paillot de Montabert, 1829: 221.

393 Mérimèe, 1830: 106.

394 Mérimèe, 1830: 106.

395 Mappas Geraes..., 1849: 100.

396 Ver Anexo 21, cod. F.39.

397 *Catalogo Official da Exposição...*, 1865: 53.

ticamente todos os catálogos e listas de preços de fornecedores identificados, o que pode sugerir a sua grande disponibilidade no comércio e a sua larga utilização. De facto, segundo Fleury existia no mercado uma quantidade considerável de amarelos de crómio, cerca de 20 espécies com diferentes designações³⁹⁸.

Nos registos de contabilidade das Academias de Belas Artes verificou-se a compra de amarelo de crómio, em 1873, pela ABAL e, de 1849, há um registo da compra de **amarello novo** pela APBA que poderá tratar-se do mesmo pigmento, já que Lucio referia-o também como *amarello novo de Inglaterra*³⁹⁹.

Em 1886, Manuel de Macedo⁴⁰⁰ e, em 1898, Castro da Silva⁴⁰¹ faziam referência ao **amarelo brilhante**, sem indicar a sua composição. Nos catálogos da Favrel aparece igualmente listado o *jaune brillant* sendo que, no de cerca de 1913-1920, se diz tratar-se de um carbonato e cromato de chumbo. De acordo com o catálogo da companhia inglesa Winsor & Newton, de 1896, o *jaune brilliant*, que comercializava desde 1883⁴⁰², era uma variedade mais brilhante de amarelo de Nápoles, preparado com amarelo de crómio e branco de chumbo⁴⁰³.

Segundo Ralph Mayer o amarelo brilhante era sinónimo de amarelo de Nápoles⁴⁰⁴. Porém, Eastaugh, et al. indicam outras fontes que descrevem o *jaune brilliant* como sendo uma mistura de amarelo de cádmio e branco de Cremnitz ou branco de zinco, ou ainda, uma mistura de amarelo de cádmio e branco de chumbo com adição de vermelho⁴⁰⁵.

No catálogo da Favrel de cerca de 1913-1920 encontra-se listada a cor **cinabre jaune** com a indicação de ser um composto de *chromato de chumbo e cyanureto de ferro*, ou seja, uma mistura de amarelo de crómio e de azul da Prússia.

O mesmo catálogo indicava ainda o **outremer jaune**, um *chromato de barita* (cromato de bário). Segundo Mayer, o amarelo ultramar era a designação dada ao **amarelo de bário** que tinha também o nome de **amarelo limão**⁴⁰⁶. De acordo com P. Ball esta cor era também designada em França como *jaune citron* e surgiu na sequência da descrição do cromato de bário pelo químico Vauquelin, em 1809⁴⁰⁷. O mesmo autor refere que o *outremer jaune* era muito mais estável e menos opaco que o cromato de chumbo ⁴⁰⁸.

398 Fleury, 1903: 27.

399 Lucio, 1845, vol. VI: 248.

400 Macedo, 1886: 45.

401 Silva, 1898: 4.

402 Carlyle, 2001: 536.

403 Winsor & Newton, 1896: XXXIII

404 Mayer, 1985: 32.

405 Eastaugh, et al., 2004: 206.

406 Mayer, 1985: 62, 33.

407 Ball, 2010: 232.

408 Ball, 2010: 232.

O **amarelo de zinco** foi sintetizado em 1800 e introduzido no comércio entre 1825 e 1829⁴⁰⁹. De acordo com Bomford, et al. encontrava-se largamente disponível no comércio na década de 1850⁴¹⁰. Apesar disso, apenas foram encontradas referências a esta cor na obra de João Baptista Lucio, de 1844-45, onde se apresenta uma receita para o preparar⁴¹¹, na tradução do tratado de Fleury, de 1903, e na obra de Picotas Falcão, de 1906, onde se diz tratar-se de um *chromato de zinco*⁴¹². Fleury designa-o por **amarello botão d'ouro** referindo ter sido introduzido por Leclair e Barruel para substituir os amarelos de crómio e os seus inconvenientes⁴¹³.

O amarelo de zinco encontra-se descrito na obra de Paillot de Montabert na qual o autor refere tratar-se de um amarelo bastante “agradável” e isento de efeitos perigosos para os seus utilizadores⁴¹⁴.

O **amarelo de estrôncio** foi descoberto como pigmento em 1809 pelo químico francês Vauquelin e terá sido introduzido no comércio pela com Winsor & Newton por volta de 1861⁴¹⁵. Este amarelo encontra-se indicado nas fontes portuguesas com as designações de **estronciana** e de **amarello de strociana**. Picotas Falcão, em 1906, indicava tratar-se de *chromato de strociana* (cromato de estrôncio)⁴¹⁶.

Na opinião de Manuel de Macedo a *estronciana* inglesa era excelente e mais *firme* que o amarelo de Nápoles⁴¹⁷. Moreau-Vauthier referia que, se fosse bem preparado, o amarelo de estrôncio era bastante sólido, caso contrário, adquiria um tom esverdeado⁴¹⁸.

No catálogo da companhia Mander Irmãos, de 1871, era indicado o **amarelo permanente**. De acordo o catálogo da Winsor & Newton, de 1896, o amarelo permanente era uma mistura de cromato de bário e de branco de zinco⁴¹⁹.

O metal cádmio foi descoberto em 1818 por F. Stromeyer mas, de acordo com Harley, o **amarelo de cádmio** não se encontrava disponível no comércio antes da década de 1840⁴²⁰. Porém, segundo Mérimée, em 1830, este amarelo era já utilizado na Alemanha e encontrando-se igualmente em França nos principais fornecedores de

409 Kühn e Curran, 1986: 201.

410 Bomford, et al., 1990: 63.

411 Lucio, 1845, vol. VI: 243-244.

412 [Macedo], 1895a: 23.

413 Fleury, 1903: 28.

414 Paillot de Montabert, 1829: 232.

415 Carlyle, 2001: 519 e 536.

416 Falcão, 1906: 131.

417 [Macedo], 1895a: 23.

418 Moreau-Vauthier: 203.

419 Winsor & Newton, 1896: XXXIV

420 Harley, 2001: 103.

materiais de pintura⁴²¹. O amarelo de cádmio foi indicado apenas em publicações com data posterior a 1895. Picotas Falcão indicava tratar-se de um *sulfureto de cádmio*⁴²². Para Manuel de Macedo esta cor era uma boa substituta do massicote⁴²³. Sobre a sua estabilidade Mérimèe indicava que este amarelo era anunciado como sendo bastante sólido⁴²⁴. Vibert recomendava que antes de se misturar o amarelo de cádmio ao branco de chumbo se deveria verificar se escurecia, o que aconteceria caso fosse mal fabricado, contendo um excesso de enxofre⁴²⁵. Da mesma forma, também segundo Moreau-Vauhier os amarelos de cádmio eram bastante sólidos se fossem bem lavados, caso contrário escureciam, devendo ser rejeitadas as tintas de *limão claro* que continham um excesso de enxofre⁴²⁶.

Relativamente à sua disponibilidade no comércio português apenas foram identificadas referências ao amarelo de cádmio nos catálogos da companhia Favrel de 1904 e no de cerca de 1913-1920.

De acordo com Philip Ball, o **amarelo de cobalto** é a cor mais complexa obtida a partir deste metal, sintetizado em 1831 pelo alemão N. W. Fisher, mas apenas vendida como pigmento no início da década de 1850 pelo francês E. Sant-Evre, em Paris⁴²⁷. Mayer refere que só foi introduzido em Inglaterra e nos Estados Unidos por volta de 1860⁴²⁸.

Nas fontes portuguesas apenas foi identificado nas obras de Manuel de Macedo de 1895 e 1898, onde também o refere como **aureolina**. Na primeira, referia tratar-se de um dos *preparados de data mais recente* e considerava-o excelente relativamente à sua estabilidade⁴²⁹. O amarelo de cobalto não se encontra listado em nenhum dos catálogos de fornecedores portugueses identificados.

2. AZUIS

Na literatura técnica portuguesa identificaram-se diferentes cores azuis de cobre como as **cinzas azuis**, que também são referidas com a designação de **cinzas azuis de Inglaterra**, **azul montanha** e **azul mineral**. As designações de **azul**

421 Mérimèe, 1830: 119.

422 Falcão, 1906: 131.

423 [Macedo], 1895a: 23.

424 Mérimèe, 1830: 118.

425 Vibert, 1891: 287.

426 Moreau-Vauthier: 203.

427 Ball, 2010: 234.

428 Mayer, 1985: 33.

429 [Macedo], 1895a: 23.

de Castela e azul de Sevilha só foram encontradas em referências anteriores ao século XIX. De acordo com Eastaugh, et al., trata-se ambas de designações para a azurite⁴³⁰.

Segundo Mérimèe, as cinzas azuis eram um precipitado de cobre combinado com água (um carbonato hidratado) que podia ser natural ou artificial⁴³¹. Também nas fontes portuguesas, como na de Saldanha, em 1814, o jornal *O Joven Naturalista* de 1840, e no dicionário de Assis Rodrigues de 1875, se indicava tratar-se de um pigmento à base de cobre. O primeiro descrevia as cinzas azuis como um óxido de cobre pelo ácido nítrico obtido da seguinte forma:

*Prepara-se precipitando uma dissolução de cobre feita no ácido nítrico (agua forte) por meio d'agua de cal; ou melhor ainda pela cal viva em pó; lavando e precipitando em muita agua, que bem esgotado se-porphyrisa, ajuntando alguma cal*⁴³².

Igualmente, no catálogo de materiais produzidos pelo Laboratório Químico da Universidade de Coimbra, de 1816, é dada uma explicação do modo como se obtêm as cinzas e as diferentes designações que tomam:

*O cobre precipitado das suas dissoluções acidas nítrica, muriática, e sulphurica por diferentes precipitantes, forma varios oxydos com diferentes gradações de cores entre azul, e verde, empregadas em pintura debaixo de diversos nomes – cinzas azues, cinzas verdes, cinzas d'Inglaterra, etc*⁴³³.

No jornal *O joven Naturalista* as cinzas azuis eram indicadas como sendo uma *pedra, que se acha nas minas de cobre*, recomendadas para a pintura a têmpera para executar *belos fundos de ceo*⁴³⁴. João Baptista Lucio descrevia as cinzas azuis como uma mistura de *deutoxido de cobre e de sub-deutonitrato da mesma base e alguma cal*⁴³⁵. No dicionário de 1875, as cinzas azuis eram indicadas como sinónimo do azul de Montanha⁴³⁶. De facto, de acordo com Paillot de Montabert, o azul de Montanha era um mineral ou pedra fóssil azul esverdeada que continha bastante cobre⁴³⁷. Para Vibert, o azul de Montanha consistia num carbonato de cobre⁴³⁸. Segundo um manual de geologia francês, traduzido para português, em 1846, o azul de montanha era sinónimo de azurite, um carbonato de cobre azul⁴³⁹.

430 Eastaugh, 2004: 88.

431 Mérimèe, 1830: 174.

432 Saldanha, 1814: 5.

433 Sobral: 1816: 307

434 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 12: 92.

435 Lucio, 1844, Vol. IV: 325.

436 Rodrigues, 1875: 67.

437 Paillot de Montabert, 1829-51: 346-347.

438 Vibert, 1891: 288.

439 Boubée, 1846: 13.

Nos catálogos de fornecedores portugueses as cinzas azuis apenas foram identificadas no da companhia Serzedello de 1853.

O **azul de esmalte** encontra-se indicado nas fontes impressas portuguesas durante todo o século XIX. Na gramática publicada por John Laycock, em 1825, este azul era também referenciado como **azul beneficiado**, **azul dos oleiros** e **azul de esmalte**, sendo a sua tradução para inglês de *powder blue*⁴⁴⁰.

Segundo Taborda, em 1815, era uma *tinta azul formada de pós do vidro feito do metal chamado cobalto*⁴⁴¹. Em 1787, Sampayo descreve-o da seguinte forma:

*He feito de vidro azul, moído em pó subtilissimo; e quando he mais groceiro, se chama Cinzas azues. Esta cor se parece com o Ultramarino, ainda que não seja taõ fina; ella pôde imitar-se com o Azul da Prussia, mixturando-lhe hum pouco de branco de chumbo*⁴⁴².

De acordo com Bouvier muitos pintores utilizavam o azul de esmalte em substituição do azul ultramarino apenas por questões económicas, uma vez que tinha propriedades bastante secativas e não se ligava bem com o óleo⁴⁴³.

Nos catálogos dos fornecedores identificados o esmalte apenas aparece indicado no da Serzedello, de 1853, sendo o pigmento azul mais barato comercializado por esta companhia.

O **indigo** ou **anil** foi referido durante todo o século XIX e início do século XX. De acordo com Maria Eduarda Araújo, o anil é produzido a partir das folhas de várias espécies de anileira, sendo importante a *Indigofera tinctoria*, planta nativa da Ásia⁴⁴⁴. A mesma autora indica que podia ser obtido numa qualidade inferior a partir da planta conhecida como pastel dos tintureiros que se encontra em Portugal nas margens do rio Douro.

Uma extensa descrição dos vários processos de produção e características do anil foi encontrada no jornal *O Patriota*, publicado no Rio de Janeiro em 1813,⁴⁴⁵. Em 1840, o jornal *O Joven Naturalista* o indigo era apresentado da seguinte forma:

Feculas brancas, que nos vem das Indias. O indigo deve ser pesado – mediocrementemente duro; [...] seu character he, que, esfrefando-o com

440 Laycock, 1825: 418.

441 Prunetti e Taborda, 1815: 263.

442 Sampayo, 1787: 53.

443 Bouvier, 1827: 45-48.

444 Araújo, 2006: 46.

445 Noções sobre a cultura, e fabrico do Anil..., 1813: pp. 15-43.

*a unha, elle toma côr brilhante do cobre vermelho; a sua factura deve apresentar veias brancas*⁴⁴⁶.

Assis Rodrigues dizia que o indigo era proveniente das Indias Ocidentais e da América e obtido das folhas de uma planta chamada anil que *os índios semeiam e colhem anualmente*⁴⁴⁷.

Apesar de extensamente indicado nas fontes impressas, não se encontraram referências à compra deste material nos registos de contabilidade das Academias de Belas Artes de Lisboa e Porto. Apenas, no ano de 1846, há a indicação da compra de **azul inglez** para a Aula de Pintura Histórica. O azul inglês aparece igualmente listado num documento de aquisição de materiais de pintura para o restauro de pinturas da Biblioteca Nacional, efetuada em 1864 ao fornecedor Francisco José de Carvalho⁴⁴⁸. Foi também referido por Manuel de Macedo em 1895⁴⁴⁹.

De acordo com um dicionário de português e espanhol, publicado em 1864, o azul inglês era o *nome dado ao indigo dissolvido no acido sulphurico concentrado e precipitado pela potassa* [potássio]⁴⁵⁰. A mesma informação era dada no dicionário de Domingos Vieira, publicado em 1871⁴⁵¹ e aparece igualmente indicado na quarta edição obra de Silva Vieira, de 1893, onde o azul inglês era apresentado como sinónimo de **azul celeste** e onde se encontra uma receita para o preparar⁴⁵². De acordo com Eastaugh, et al., o *blue of England* era sinónimo de carmim indigo tendo também outras designações como azul da Saxónia ou Azul da Holanda ⁴⁵³. Em 1895 João Baptista Lucio apresentava uma receita para preparar o **carmim de anil**, tal como o designa⁴⁵⁴. O mesmo autor indicava que o **azul da Saxonia** consistia em anil dissolvido pelo ácido sulfúrico⁴⁵⁵.

Segundo Fleury, em 1903, o indigo já não era utilizado na pintura a óleo tendo sido substituído por um dos seus derivados o carmim de indigo ou *azul de Saxe*, obtido da seguinte forma:

*É composto de indigo pulverizado, de acido sulfurico e carbonato de sodio que dá por precipitação um sulfato de sodio que, lavado em muita agua, produz um residuo ao qual se deu o nome de Carmim indigo*⁴⁵⁶.

446 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 12: 92.

447 Rodrigues, 1875: 40.

448 Ver Anexo 19.

449 [Macedo], 1895c: 129.

450 Mascarenhas Valdez, 1864, Vol. I: 336.

451 Vieira, 1871: 695

452 Vieira, 1893: 19.

453 Eastaugh, et al., 2004: 195.

454 Lucio, 1845, Vol. VI: 181-183.

455 Lucio, 1844, Vol. III: 61.

456 Fleury, 1903: 40.

Porém, no dicionário de M. Padinha, de 1975, o azul da saxónia corresponde ao vocábulo inglês *smalt* ou em francês *verre de cobalt* ou *bleu anglais*, ou seja ao azul de esmalte⁴⁵⁷.

No catálogo da companhia Serzedello, de 1853, há indicação da disponibilidade de quatro tipos de anil, ainda que neste caso as designações usadas suscitem dúvidas quanto ao material de que se trata. Era referido o **anil de Hespanha**, o mais caro de todos os pigmentos azuis, que pode corresponder ao azul de Espanha apontado por Eastaugh, et al. como sendo, possivelmente, *azul egípcio*⁴⁵⁸, um azul que de acordo com Mérimée seria feito à base de cobre⁴⁵⁹. Esta atribuição parece, contudo, pouco provável uma vez que o uso de azul egípcio terá entrado em declínio durante o período Romano e na Idade Média⁴⁶⁰. A designação de anil de Espanha foi igualmente identificada num requerimento dos negociantes portugueses sobre os direitos do anil, de 1825, publicado na Coleção de Legislação das Cortes. Neste documento era pedido um novo direito para a saída do *anil de Hespanha* que viria possivelmente de Espanha já que era indicado que este material era *importado por terra*⁴⁶¹. No mesmo catálogo da Serzedello era referido igualmente o **anil da Índia** que poderá ser o mesmo *blue indien* indicado por Paillot de Montabert como sendo uma espécie de indigo⁴⁶². Sobre o **anil de marcas**, também listado nesta fonte, não foram encontradas informações que permitam identificar a sua composição. Contudo, poderá tratar-se do que João Baptista Lucio designava por **anil de Madras** que, segundo ele, se distinguia das outras espécies de anil por ser de *fractura granulenta*⁴⁶³. De facto, o baixo preço atribuído ao anil de Marcas no catálogo da Serzedello poderá sugerir a sua qualidade inferior. Por último, a Serzedello indicava a venda de **anil do Rio** que possivelmente seria o anil proveniente do Rio de Janeiro⁴⁶⁴.

Na tabela de preços de materiais para pintura do droguista Joaquim Falcão, de 1894, encontra-se a referência ao **anil de Java**, proveniente da Indonésia que, de acordo com um artigo publicado, em 1813, no jornal *O Patriota*, era o anil que tinha maior grau de pureza⁴⁶⁵.

Foi identificada ainda a disponibilidade de indigo no Laboratório Químico da Universidade de Coimbra, em 1816, e no catálogo da Favrel, de cerca de 1913-1920.

457 Padinha, 1975: 24.

458 Eastaugh, et al., 2004: 349.

459 Mérimée, 1830: 171-173.

460 Eastaugh, et al., 2004: 148.

461 *Collecção de legislação...*, 1843: 33.

462 Paillot de Montabert, 1829-51: 301.

463 Lucio, 1944, vol. I: 278.

464 Sobre o anil do Rio de Janeiro, a sua produção e comércio, ver: Pesavento, 2006.

465 Noções sobre a cultura, e fabrico do Anil..., 1813: 34.

A identificação do **azul ultramarino** nas fontes escritas em português mostrou-se complexa uma vez que nas publicações após a data da síntese do azul ultramarino artificial, em 1828 pelo fabricante de tintas francês J.- B. Guimet, nem sempre está indicado tratar-se do azul ultramarino genuíno ou do artificial. O primeiro era obtido a partir da pedra semi-preciosa, lápis-lazuli, sendo por isso raro e muito caro. Aparece apontado com as designações de **ultramarino**, **ultramar**, **pedra azul**, **lapis-lazuli**, **lazulite** e **azul oriental**. Em 1814 Ferreira de Seabra definia assim esta cor:

Materia colorante azul mineral; isto he, da natureza dos oxidos metallicos, que se-extrahe da pedra chamada pelos Mineralogistas Lapis Lazuli (Lazolithes Werner). A sobredita materia colorante azul he, segunda a opinião de Guiton, um verdadeiro sulphureto de ferro azul; e se-pode mesmo preparar directamente, combinando o sulphureto de ferro artificial com as terras⁴⁶⁶.

Seabra referia-se ao artigo publicado em data desconhecida pelo químico Guyton nos Anais de Química sobre o principio colorante do lapis-lazuli⁴⁶⁷. Saldanha indicava que o melhor azul ultramarino era o que tinha a cor mais escura⁴⁶⁸, o que corresponde à informação igualmente dada por Bouvier. Segundo este autor, de todas as cores que compunham a paleta, este azul era o mais excelente, mais durável, mas ao mesmo tempo a mais cara⁴⁶⁹.

Na tradução do tratado de Fleury, de 1903, era referido que o azul ultramarino natural já não se usava, tendo sido substituído pelo artificial que era muito resistente e de uma total inocuidade⁴⁷⁰. O preço seria o principal motivo desta substituição. Repare-se que, de acordo com Sally Woodcock, os catálogos da companhia inglesa Roberson, entre 1840 e 1911, mostram que uma onça de azul ultramarino genuíno era 28 vezes mais cara que a do seu substituto, sendo os preços relativamente estáveis durante esse período⁴⁷¹. De acordo com Bomford, et al., em França por volta da década de 1870 o azul ultramarino artificial era o azul mais utilizado na pintura a óleo, e significativamente mais barato que o azul de cobalto⁴⁷².

O azul ultramarino artificial encontra-se indicado nas fontes portuguesas também com as designações de **azul da França**, **azul permanente** e **azul Guimet**. A sua descoberta e o seu processo de produção encontram-se bem descritos num artigo publicado, em 1859, pelo químico D'Oliveira Pimentel (1808-1884), na revista

466 Saldanha, 1814: 6.

467 Guyton: s. d.: 54-68.

468 Saldanha, 1814: 15.

469 Bouvier, 1827: 28-29.

470 Fleury, 1903: 38.

471 Woodcock, 1995: 31.

213 Bomford, et al, 1990: 57

*Arquivo Universal*⁴⁷³. O autor indicava que o azul ultramarino artificial era uma *materia corante nova que tem feito uma verdadeira revolução na pintura* e que era formado por *uma combinação de um silicato duplo de soda [sódio] e alumina [alumínio] com o penta-sulphureto de sodio*⁴⁷⁴. Segundo Picotas Falcão era composto por sulfureto de sódio e silicato de alumínio⁴⁷⁵. Em 1866, na revista *O Auxiliador da Industria Nacional*, publicada no Rio de Janeiro, descrevia-se assim o processo de fabrico do azul ultramarino artificial:

*O azul ultramar é obtido pela calcinação em cadinhos de argila refractaria, aquecidos ao vermelho claro em fornos fechados e contendo uma mistura de materias que varião segundo as fabricas. As formulas, porém, podem ser reduzidas a seguinte: 100 de Kaolin [caulino], carbonato de soda e sulfato de soda 84, carvão 17, enxofre 13*⁴⁷⁶.

O azul ultramarino artificial encontrar-se-ia largamente disponível no mercado, a partir da segunda metade do século XIX, tal como se pode inferir pela seguinte afirmação de D'Oliveira Pimentel:

*Até 1847 a fabricação de ultramar fazia-se quasi exclusivamente em França e estava nas mãos de mmrs. Guimet e Courtial; só em Allemanha se conhecia um unico fabricante d'este género: mas depois d'esta ephoca surgiram como por encanto, muitas fabricas em França e Allemanha, e depois em Inglaterra e na Belgica que fornecem abundantemente o mercado d'este precioso producto e por modicos preços*⁴⁷⁷.

De facto, de acordo com as Estatísticas do Comércio Internacional, referentes ao ano de 1843, Portugal importava então azul ultramarino artificial, também designado *azul celeste*, da Grã-Bretanha⁴⁷⁸. O azul ultramarino também seria fabricado em Portugal já que, segundo Isabel Cruz, o fabricante lisboeta Luis Neuville de Lisboa levou, em 1876, azul ultramarino à exposição Universal da Filadélfia⁴⁷⁹. Os catálogos dos fornecedores portugueses consultados demonstram a sua grande disponibilidade no comércio. Veja-se por exemplo que a companhia Mander Irmãos comercializava 14 tipos diferentes de azul ultramarino. Também a Favrel, em 1904, fornecia

473 Pimentel, 1859: 53.

474 Pimentel, 1859: 53.

475 Falcão, 1906: 131.

476 Burlamaqui, 1866: 324.

477 Pimentel, 1859: 53.

478 Mappas Geraes... 1849: 103.

479 Cruz, 2016: 329.

três tipos de *Outremer français* e, em cerca de 1913-1920, tinha dois tipos de azul ultramarino artificial, o *Outremer clair n.º 2* e o *Outremer foncé n.º 1*, com a indicação de se tratar de sulfato de sódio e silicato de alumínio.

Nos registos de contabilidade das Academias de Belas Artes de Lisboa e Porto, o único registo da compra de azul ultramarino identificado, encontra-se na lista de tintas adquiridas, em 1837, para a APBA. Trata-se possivelmente, de azul ultramarino artificial uma vez que, o preço deste pigmento (12\$000 por meia onça), é inferior ao do azul da Prússia (2\$000 por um arrátel).

Uma das cores azuis mais referenciada nas fontes em português foi o **azul da Prússia**. De acordo com Mérimèe, que considerava esta cor das mais preciosas, a descoberta deste pigmento deu-se em 1704 mas apenas em 1724 foi publicado o seu processo de produção⁴⁸⁰. Contudo, Sarah Lowengard, num artigo publicado em 2012, introduz novas informações sobre a produção e circulação deste pigmento referindo que se encontrava disponível no comércio antes de 1706 e em 1721 se já encontrava referido em fontes impressas⁴⁸¹.

O azul da Prússia aparece indicado nas fontes portuguesas com diferentes designações como **flor de anil**, **azul de Berlim**, **anil da Prússia**, **azul mar**, **azul da Alemanha**, **azul de Antuérpia**, **azul Turnbull**, **azul mineral** ou **azul ferrete**. Apesar de *flor de anil* ser uma designação usada frequentemente para indicar o azul da Prússia, para Manuel de Macedo era sinónimo de indigo⁴⁸².

No jornal *O Joven Naturalista* o azul da Prússia era apontado como uma *Producçam chimica, inventada em Prussia por Dippel: deve ser de hum bello azul carregado, e quebrar liso*⁴⁸³. Na obra de Saldanha, em 1814, a sua preparação era assim descrita: *Se faz precipitando a caparrosa (sulphato de ferro) por dissolução d'alcale que foi calcinado com diferentes substancias animaes principalmente o sangue*⁴⁸⁴. No jornal *O Joven Naturalista* recomendava-se que o azul da Prússia não fosse moído mais do que a quantidade necessária para cobrir a superfície que se quisesse pintar⁴⁸⁵. Em 1845, João Baptista Lucio apresentava uma longa descrição sobre os processos de fabrico deste azul e sugeria a instalação em Portugal de uma fábrica que o produzisse⁴⁸⁶.

480 Mérimèe, 1830: 176-178.

481 Lowengard, 2012: 169-170.

482 [Macedo], 1895c: 129.

483 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 12: 92.

484 Saldanha, 1814: 4.

485 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 12: 92.

486 Lucio, 1845, vol. VI: 204-236.

As fontes consultadas indicam uma grande variedade de qualidades de azul da Prússia a que correspondem diferentes preços. Como notou François Delamare, a composição do azul da Prússia é extremamente variável e muitíssimo sensível de acordo com os variadíssimos métodos como pode ser preparado⁴⁸⁷. Para Bouvier o azul da Prússia de melhor qualidade era o que se fabricava em Inglaterra⁴⁸⁸.

Manuel de Macedo destacava-lhe a intensidade e o *vigor de tom* que, segundo ele, nenhum outro azul possuía⁴⁸⁹. Segundo Fleury, apesar de *descair para o verde*, era muito usado na pintura a óleo. Podia ser misturado com branco para obter *tons azuis bellos e relativamente solidos* e, com amarelos para conseguir verdes *mui carregados e duraveis*⁴⁹⁰. Fleury acrescentava, ainda, que o azul da Prússia era das cores que mais rendiam devido à sua *força córante*⁴⁹¹

O grande número de referências a este pigmento encontradas na literatura técnica portuguesa pode sugerir a sua larga utilização na pintura a óleo. Esta ideia é reforçada pela análise dos registos de contabilidade das Academias de Belas Artes de Lisboa e Porto uma vez que o azul da Prússia foi o que mais vezes se identificou⁴⁹².

Apesar disso, nas fontes impressas este pigmento nem sempre teve boa reputação, já que sempre que a estabilidade dos pigmentos era descrita o azul da Prússia era indicado como um pigmento instável. A estabilidade do azul da Prússia foi questionada em livros de química e comércio publicados em 1827⁴⁹³ e 1833⁴⁹⁴, mas nestes casos referem-se ao seu uso na tinturaria. Manuel de Macedo deu consistentemente conta da instabilidade deste pigmento. No seu manual de 1886 recomendava que o azul da Prússia fosse usado com cautela, uma vez que *absorve demasiado as outras tintas e tende a escurecer com o tempo*⁴⁹⁵. Em 1895 era ainda mais incisivo quando dizia que *o azul da Prússia é terrível, tem dado cabo de muito quadro. Não há talvez preparado que tanto cresça*⁴⁹⁶. Também na tradução do tratado de Fleury, de 1903, era indicado que o azul da Prússia se desvanecia facilmente à luz solar e se alterava em contacto com emanações sulfurosas⁴⁹⁷.

De acordo com os catálogos de fornecedores portugueses identificados, o azul da Prússia encontrava-se disponível no comércio numa grande diversidade de qualidades. A companhia Serzedello oferecia, em 1853, três variedades de azul da Prússia, indicados no catálogo desse ano com a designação de flor de anil. Também a Mander Irmãos tinha disponível, em 1871, dois tipos de azul da Prússia, com esta designação

487 Delamare, 2013: 147.

488 Bouvier, 1827: 43.

489 Macedo, 1886: 45.

490 Fleury, 1903: 40.

491 Fleury, 1903: 40.

492 Ver anexo 11.

493 *Novos Annaes...*, 1827: 65.

494 Cabral, 1833: 24-25.

495 Macedo, 1886: 45.

496 [Macedo], 1895a: 31.

497 Fleury, 1903: 40.

e outros dois com o nome de **azul da China**. Já no início do século XX, a Favrel comercializava esta cor em três tipos *Bleu Mineral*, *Bleu de Prusse fin* e *Bleu de Prusse ordinaire*, com a indicação, no seu catálogo de 1913-1920, de se tratar de um *cyanureto [cianeto] de ferro e alumínio* e também, com a designação de *Bleu de Chine*, um *cyanureto de ferro*.

Nas obras de Cohen, de 1880 e de 1896, o azul da Prússia era indicado com um preço cerca de quatro vezes mais caro que o azul ultramarino artificial. Essa diferença de preço, ainda que não tão significativa, foi também verificada nas tabelas de preços dos droguistas de 1894 a 1897 identificadas.

De acordo com Fleury havia no comércio um azul mineral muito vulgar, denominado **azul d'Anvers** que, segundo ele, se tratava frequentemente de uma mistura de azul da Prússia e de óxido de zinco ou alumínio, uma cor sem qualquer poder de cobertura⁴⁹⁸.

Tabela A8.2 Pigmentos azuis modernos

Designação	Datas	Referências
Azul de cobalto	Descoberta: 1802, Thénard Em uso (Inglaterra): c. 1806-1808	Harley, p. 57 <i>Artists' Pigments</i> , vol. IV, p. 152
Azul ultramarino artificial	Sintetizado: 1826-1828, Guimet Disponível no comércio: c.1830	Harley, p. 58
Azul cerúleo	Introduzido: c. 1860, George Rowney (Inglaterra)	Gettens e Stout, p. 103

De acordo com Mérimée, a descoberta do **azul de cobalto** pelo químico Louis-Jacques Thénard (1777-1857), em 1802, deu-se na sequência dos esforços efetuados para encontrar um azul menos caro que o azul ultramarino genuíno e mais sólido que os outros azuis disponíveis⁴⁹⁹. No relatório das suas experiências, publicado por volta de 1803, Thénard demonstrava que calcinando uma mistura de hidrato de alumínio com fosfato de cobalto acetificado ou arseniato de cobalto acetificado era mais fácil obter o pigmento do que com misturas de carbonato de cobalto ou nitrato de cobalto⁵⁰⁰.

Em 1827, Bouvier indicava que o azul de cobalto poderia substituir o ultramarino genuíno melhor que qualquer outro azul, já que tinha uma cor próxima deste e não secava muito rapidamente⁵⁰¹. Para Hareux, em 1901, o azul cobalto era uma cor soberba e indispensável aos paisagistas⁵⁰².

498 Fleury, 1903: 39.

499 Mérimée, 1830: 68.

500 Thénard, 1803: 128-136.

501 Bouvier, 1827: 50.

502 Hareux, 1901b: 61.

Nas fontes portuguesas a primeira referência ao azul de cobalto foi identificada na obra de Lucio de 1844⁵⁰³. Em 1864-66, no dicionário de Português e Espanhol de Mascarenhas Valdez dizia-se que o azul de cobalto é uma *formosa côr azul, produzida pela combinação do phosphato de cobalto e de alumina*⁵⁰⁴. Este pigmento encontra-se igualmente referido no dicionário de Domingos Vieira, de 1871, onde se diz que o azul de cobalto, ou **zenard**, podia ser o substituto do azul ultramarino⁵⁰⁵. Para Fleury o azul de cobalto era sólido e dissolvia-se muito bem no óleo⁵⁰⁶.

Segundo Bouvier, o azul de cobalto, comercializado em França a partir de 1807, encontrava-se facilmente acessível, sendo vendido em todas as casas fornecedoras de materiais para artistas de Paris⁵⁰⁷. A sua modéstia de preço, quando comparado com o do ultramarino genuíno, era considerada uma das suas maiores vantagens. O químico Jules Leford, na sua obra de 1855, dava conta de que o azul de Thénard se podia encontrar a um preço tão baixo como o do ultramarino artificial, o seu único concorrente⁵⁰⁸. Contudo, no final do século XIX era reportado o seu preço elevado relativamente à gama de azuis. Tal como verificaram Bomford, et al., o azul de cobalto foi extensivamente identificado nas obras dos pintores impressionistas franceses, sendo uma cor vital cujo único inconveniente era o seu elevado custo⁵⁰⁹.

O único registo identificado da compra de azul de cobalto pelas Academias de Belas Artes data de 1854, refere-se a dois tubos adquiridos para o pintor Leonel Marques Pereira (1828-1892). Nos registos de contabilidade da companhia inglesa Roberson, consultados no Hamilton Kerr Institute, foi identificada a compra, em 1865, de oito tubos de azul de cobalto pelo pintor e professor de pintura da ABAL, Marciano Henriques da Silva⁵¹⁰. Também nos livros de contas da mesma empresa encontrou-se outro registo, de 1871, que dá conta de que Manuel Costenla, com loja na Rua do Chiado em Lisboa, adquiriu tubos de cobalto, possivelmente para revenda⁵¹¹.

Nos catálogos de fornecedores portugueses consultados apenas se identificou o azul de cobalto nos da companhia Favrel, de 1904 e no de cerca de 1913-1920, onde se pôde confirmar o seu preço bastante elevado relativamente aos outros azuis.

O **azul cerúleo**, um estanato de cobalto introduzido no comércio como pigmento por volta de 1860 pela companhia inglesa G. Rowney and Co⁵¹², praticamente não se encontra referido nas fontes escritas em português. Esta designação era com

503 Lucio, 1844, vol. III: 348.

504 Mascarenhas Valdez: 1864, Vol. I: 335.

505 Vieira, 1871: 695.

506 Fleury, 1903: 39.

507 Bouvier, 1827: 42.

508 Lefort, 1855: 265.

509 Bomford, et al., 1990: 56.

510 Ver Anexo 20.

511 Ver Anexo 20.

512 Gettens e Stout, 1966: 103.

frequência dada como sinónimo de **azul celeste** embora seja possível que, nalguns casos, não corresponda a nenhum pigmento específico, mas antes a uma cambiante da cor azul, tal como era indicado no dicionário de Domingos Vieira, de 1871, que também a designa por *pombinho fino*⁵¹³.

As referências ao azul celeste suscitam algumas dúvidas quanto à sua constituição. No jornal *O Joven Naturalista* o azul celeste aparece descrito como sendo obtido a partir do metal chamado cobalto⁵¹⁴ e, portanto, parece tratar-se de esmalte. Nesta publicação acrescentava-se ainda que o azul celeste só era utilizado em superfícies expostas ao ar. Na tradução da obra de Vispré, de 1801⁵¹⁵, o azul celeste indicado corresponde na obra original a *outremer*⁵¹⁶, azul ultramarino, embora se possa tratar de um erro de tradução.

De acordo com Vibert o azul celeste consistia numa variação da fórmula de *cyanure ferroso-ferrique*⁵¹⁷, o pigmento designado por azul da Prússia. Para Hareux, o azul celeste era um azul claro, conhecido no comércio com o nome de azul cerúleo, e mais claro e de um outro tom que o azul de cobalto⁵¹⁸. Moreau-Vauthier considerava o *cræruleum* uma cor bastante sólida, mas qualificava o *bleu céleste* como uma má cor, sem, no entanto, indicar as diferenças entre elas⁵¹⁹.

Nos catálogos dos fornecedores identificados apenas se verificou a disponibilidade do azul cerúleo no catálogo da Favrel de cerca 1913-1920, sendo aí referido tratar-se de um estanato de cobalto, cujo preço era tão elevado como o do azul de cobalto.

No catálogo da Serzedello encontra-se listado o **azul chrome** que constituiu a única referência encontrada sobre este pigmento. De acordo com Kutzle & Oltrogge trata-se de um dos pigmentos referidos na literatura, mas nunca identificados laboratorialmente em obras de arte⁵²⁰. Os mesmos autores citam Bersch, que em 1901, descrevia o azul de crómio como uma mistura de cromato de potássio, fluorite e sílica⁵²¹.

3. BRANCOS

O branco mais vezes referido na literatura técnica escrita em português foi o **branco de chumbo**, designado frequentemente por *alvaiade*. Contudo, alguns autores usam esta designação para indicar apenas a cor branca sem se referirem a um

513 Vieira, 1871: 695.

514 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 12: 92.

515 Vispré, 1801: 29.

516 Vispré, 1756: 52

517 Vibert, 1891: 288.

518 Hareux, 1901b: 62.

519 Moreau-Vauthier, 1913: 206.

520 Kutzke e Oltrogge, 2009: 131.

521 Bersch, 1901: 267.

pigmento específico. O branco de chumbo tinha uma importância fundamental na pintura a óleo uma vez que era o único branco opaco disponível, tal como indicava Mérimèe em 1830⁵²². Essa mesma relevância era-lhe apontada por Ferreira da Silva, em 1817:

[...] *a alvaiade he a tinta da maior necessidade para a Pintura do oleo, sem ella he impossivel poder-se fazer Pintura alguma desta natureza, ella não só serve para dar corpo a todas ás outras, como tambem as modifica e as leva áquelle gráo de brandura, de que necessitão os quadros, para as delineações das composições, ou distribuições dos seus planos e grupos*⁵²³.

Em 1858, no jornal *o Instituto* destacava-se o papel fundamental que o alvaiade ou carbonato de chumbo tinha na pintura devido à sua bela cor branca, à sua opacidade e à facilidade com que se misturava nos óleos secativos⁵²⁴.

Às diferentes variedades de branco de chumbo correspondiam diversas designações como **cerusa, branco de prata, branco de Krems, branco de Veneza, alvaiade fino de Veneza, branco de Hamburgo, branco de Holanda** ou **alvaiade de Clichy**.

De acordo com o jornal *O Joven Naturalista*, de 1840, a cerusa era uma mistura de branco de chumbo e de cré:

*Branco de chumbo misturado com cré na rasam de 6/10 do branco chumbo. A cerusa se distingue do branco de chumbo pela côr, que he menos branca; e pelo peso, sendo mais leve, tomada em volume igual*⁵²⁵.

A mesma publicação fornecia indicações sobre o seu uso e propriedades:

*Ella he a base de todas as cores, quer dizer, que se mixtura com todas. Ella lhes dá corpo e as torna mais brilhantes. Independentemente d'estas propriedades, que as materias córadas adquirem pela mixtura com a cerusa, ellas se tornam mais uteis para a pintura. As côres cobrem melhor o objecto, quando teem o branco, e seccam mais promptamente; porque a cerusa, sendo composta de mineral e de terra (o cré ou marne), se torna mais sec-cativa; propriedade, que lhe vem do mineral*⁵²⁶.

522 Mérimèe, 1830: 222.

523 Silva, 1817: 78-79.

524 Emprego na pintura, do sulfato de baryta artificial..., 1858: 100.

525 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 5: 36.

526 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 5: 36.

D'Oliveira Pimentel, num artigo publicado no jornal *Archivo Universal*, em 1859, referia que havia então três processos para fabricar o branco de chumbo e descrevia-os detalhadamente: o processo antigo, conhecido como processo holandês, o processo de Clichy, ou processo francês desenvolvido por Thénard, e a modificação deste usada em Inglaterra⁵²⁷. De acordo com este autor, o primeiro era obtido submetendo lâminas de chumbo aos vapores do vinagre. Segundo Fleury, no segundo método *em vez de se transformar o chumbo em carbonato, transforma-se o oxydo de chumbo em sub-acetato, depois em carbonato de chumbo*, o que tornaria o processo mais rápido⁵²⁸. D'Oliveira Pimentel indicava que o branco francês era mais branco do que o primeiro, embora os pintores tenham reconhecido que este tinha menor poder de cobertura.

Para o mesmo autor, o branco de prata era o branco de chumbo mais fino ⁵²⁹, o que correspondia à opinião de Paillot de Montabert que indicava ser muito puro e refinado⁵³⁰. Também para Assis Rodrigues o branco de prata era *o mais superior que se usa na pintura, e é o oxydo de chumbo, preparado de modo que se torne o branco mais brilhante e ligeiro*⁵³¹. O branco de prata podia ser chamado de branco de *Crems*, tal como indicou Paillot de Montabert⁵³². Segundo Bouvier o *blanc de Crems ou Cremnitz* era o mais perfeito de todos os brancos, obtido também do chumbo mas fabricado de forma mais pura que o branco de chumbo ordinário⁵³³. Igualmente, em 1895, Manuel de Macedo considerava o *branco de Krems* uma tinta alemã *sem rival*⁵³⁴.

O branco de Veneza, o branco de Hamburgo e o branco da Holanda eram geralmente misturas de branco de chumbo com sulfato de bário. De acordo com Paillot de Montabert, o branco de Veneza era constituído por partes iguais de carbonato de chumbo e de sulfato de bário, o branco de Hamburgo formava-se com uma parte de carbonato de chumbo e duas de sulfato de bário e, o branco da Holanda, de qualidade inferior, era uma mistura de três partes de sulfato de bário e uma de carbonato de chumbo⁵³⁵.

No jornal *O Joven Naturalista* o branco de chumbo, cujo processo de obtenção foi aqui detalhadamente descrito, era *incontestavelmente o mais belo para a pintura*⁵³⁶. A mesma opinião tinha já sido dada por Saldanha que recomendava o alvaiade fino

527 Pimentel, 1859: 20-21.

528 Fleury, 1903: 18.

529 Pimentel, 1859: 52.

530 Paillot de Montabert, 1829: 199.

531 Rodrigues, 1875: 85.

532 Paillot de Montabert, 1829: 200.

533 Bouvier, 1827: 1.

534 [Macedo], 1895a: 30.

535 Paillot de Montabert, 1829: 200.

536 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 4: 29.

de Veneza que, segundo ele, não se alterava como qualquer outro⁵³⁷. O jornal *O Joven Naturalista* referia também as cerusas de Roma e de *Cems*, na Alemanha, *milhores que a nossa, e menos brancas, que o alvaiade: ellas sam raras e caras*⁵³⁸.

Segundo Fleury o alvaiade encontrava-se frequentemente falsificado com a adição de sulfato de chumbo, sulfato de bário, carbonato e sulfato de cálcio e fosfato de cálcio⁵³⁹.

Durante todo o século XIX e início do século XX muitos droguistas anunciavam a venda de alvaiades⁵⁴⁰. Apesar disso, no catálogo dos produtos portugueses presentes na Exposição Universal em Londres, em 1851, a fábrica de Mario Norziglio no Poço do Bispo, em Lisboa, era indicada como a *unica deste produto em Portugal*⁵⁴¹. Tal como demonstram os catálogos de fornecedores de materiais de pintura identificados, estavam disponíveis no comércio diferentes qualidades de branco de chumbo. A companhia Serzedelo, em 1853, disponibilizava três tipos: o alvaiade ordinário, mais barato, o alvaiade de 1.º sorte e o alvaiade de Veneza, mais caro. Em 1871 também a Mander Irmãos comercializava três qualidades deste pigmento: o *Flake*, o de *Kremnitz*, e *alvaiade secco*. De acordo com a edição de 1850 do dicionário de Vieyra, o primeiro correspondia a um branco de chumbo de qualidade superior⁵⁴² e, o segundo, ao branco de *Crems*, ou branco de prata, referido anteriormente. Não foi encontrada nenhuma fonte que permitisse identificar o *alvaiade secco*.

Em 1896, Cohen indicava três qualidades de branco de chumbo: em massa, de primeira e segunda qualidade, e em pó⁵⁴³. Também nas tabelas de preços dos droguistas identificadas, de 1894 a 1897, se encontram diversos tipos de branco de chumbo: alvaiade de chumbo A em massa, alvaiade de chumbo em massa (de 1.ª e 2.ª), alvaiade de chumbo em pó, alvaiade de chumbo moído a óleo (de 1.ª e 2.ª) e alvaiade de chumbo (AA e AAA) marca Cysne e marcas A e B moído a óleo. No início do século XX, de acordo com os catálogos de 1904 e no de cerca de 1913-1920 e, a Favrel apresentava quatro qualidades, três com a designação de *Blanc d'argent* e outra com a de *blanc de plomb*.

Nos registos de contabilidade das Academias de Belas Artes de Lisboa e Porto encontraram-se várias referências à aquisição de branco de chumbo com as designações de *alvaiade*, *alvaiade fino de França*, *alvaiade fino*, *alvaiade de Veneza*, *alvaiade*

537 Saldanha, 1814: 26.

538 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 5: 36.

539 Fleury, 1903: 19.

540 Ver Anexo 21.

541 *Catalogo dos Productos Portuguezes...*, 1851, 6: 63.

542 Vieyra, 1850: s. p.

543 Cohen, 1896: 522.

ordinário e *branco de prata*⁵⁴⁴. Foram identificadas igualmente duas referências, datadas de 1846 e 1849, de **alvaiade de playter**, que consistiria possivelmente em gesso designado, de acordo com Eastaugh, et al., por *Plaster de Paris*⁵⁴⁵.

Em 1814, Ferreira de Seabra fazia referência ao **branco de Espanha**, também designado por **branco de Bougival** ou **branco de Bugival** que, segundo ele, era um carbonato de cal nativo que *não difere do branco de greda (cré) senão em ser menos puro e mais terroso*⁵⁴⁶. No jornal *O Joven Naturalista* este branco era descrito como uma terra ou *marne* branco que se dissolvia bem em água e que não tinha aplicação na pintura a óleo:

[...] *se emprega á tempera, ou com a cerusa na tempera de verniz, quando ha muitas matizes a fazer. A cerusa adquire com elle o macio e se trabalha mais facilmente. Nunca se usa do bugival a oleo, porque nam tem corpo sufficiente*⁵⁴⁷.

A mesma informação constava na obra *Segredos...* de 1794⁵⁴⁸. Também Vibert desaconselhava o uso destes brancos na pintura a óleo porque se tornavam acinzentados, transparentes e nunca secavam completamente⁵⁴⁹. Assis Rodrigues referia que o branco de Espanha era um *carbonato de cal ou cré pulverizada, que se reduz a pães por meio de água* e que servia apenas para *riscar sobre quadros escuros* e para a pintura a fresco⁵⁵⁰. Já Fleury indicava-o apenas para a pintura a têmpera⁵⁵¹.

Ainda que nas fontes portuguesas referidas apareçam como sinónimos, Paillot de Montabert fazia uma distinção entre o branco de Espanha e o branco de Bougival⁵⁵². Segundo este autor, o primeiro consistia numa argila pura cuidadosamente preparada, embora referisse que a designação de branco de Espanha era também usada para indicar um branco de cré lavado, tal como indicavam as fontes portuguesas referidas. Já o branco de Bougival era uma terra muito fina que se encontrava no Bougival, nos arredores de Paris. Continha cerca de um terço de cré e, portanto, era de qualidade inferior ao do verdadeiro branco de Espanha.

Em 1814, Ferreira de Seabra referia o uso de **cascas de ovos** ou de **ossos de pés de carneiro** calcinados e purificados com água para obter a cor branca⁵⁵³. O processo de obtenção do branco de cascas de ovos foi descrito na obra *Segredos*

544 Ver Anexo 11.

545 Eastaugh, et al., 2004: 300.

546 Saldanha, 1814: 4.

547 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 6: 45.

548 *Segredos...* 1794, tomo II: 54.

549 Vibert, 1891: 283.

550 Rodrigues, 1875: 85.

551 Fleury, 1903: 24.

552 Paillot de Montabert, 1829: 210.

553 Saldanha, 1814: 17.

necessarios para os officios, artes e manufacturas, de 1794: tirava-se as películas interiores das cascas de ovos e lavavam-se muitas vezes em água para depois serem moídas até formarem um pó muito fino⁵⁵⁴.

O mesmo processo era indicado por Paillot de Montabert e consistia em moer as cascas lavadas, fervê-las em água, e repetir o processo até obter uma pasta branca⁵⁵⁵. Não foram identificadas referências ao uso deste material na pintura a óleo.

Tabela A8.3 Pigmentos brancos modernos

Designação	Datas	Referências
Branco de zinco	Descoberta do elemento: 1746, Margraaf Produção (França): finais do séc. XVIII	Gettens e Stout, p. 177 Mayer, p. 42
Branco da China	Introduzido para aguarela: 1834, Winsor & Newton Fabricado em escala industrial: 1845	Harley, p. 179 Mayer, p. 42

A descoberta do **branco de zinco** encontra-se bem documentada. Nos anos de 1780 o químico francês Guyton de Morveau foi encarregado de encontrar um novo pigmento branco menos perigoso que o branco de chumbo. Em 1782 concluiu que a melhor alternativa era o óxido de zinco, conhecido como branco de zinco, que não só não era tóxico como também não escurecia, como o branco de chumbo, na presença de gases sulfurosos⁵⁵⁶.

Em 1850 a *Revista Universal Lisbonnense* indicava que a descoberta do branco de zinco era *uma das invenções mais uteis da nossa época*⁵⁵⁷. A mesma publicação referia que, para além das vantagens de ser menos tóxico, tinha também maior poder de cobertura e vendia-se a preços mais baixos. Em 1859, D'Oliveira Pimentel na revista *Archivo Universal* descrevia com detalhe o fabrico deste pigmento que, segundo ele, se tratava de um produto novo quase desconhecido em Portugal⁵⁵⁸. Para este autor o branco de zinco era menos denso que o de chumbo e, por isso, permitia com a mesma quantidade obter o mesmo efeito mas por um preço inferior. Porém, um ano antes, em 1858, o jornal *O Instituto* dava conta de inconvenientes da preparação do branco de zinco ainda que não os identifique claramente:

A industria moderna vulgarizou o emprego do oxido de zinco em vez do carbonato de chumbo nos principaes usos da pintura. Infelizmente porém, esta substituição não é tão vantajosa como ao principio se suppunha, porque ainda que oxido de zinco não

554 Segredos...1794, vol. II: 55.

555 Paillot de Montabert, 1829: 214.

556 Bomford, et al. 1990: 65; Ball, 2010: 222.

557 Sá, 1850: 160.

558 Pimentel, 1859: 52.

*ennegrece pela acção do gaz sulphydrico, parece todavia que a sua manipulação não é tão innocente como se julgava*⁵⁵⁹.

Em 1862, numa tradução para português dum tratado francês sobre higiene naval, a propósito da tinta branca usada na construção de navios era referido que o óxido de zinco não cobria tão bem como o branco de chumbo, embora esta desvantagem fosse compensada por não ser tóxico e não escurecer⁵⁶⁰. Já em 1891, Vibert dizia que o branco de chumbo continuava a ser necessário à pintura a óleo uma vez que era o único que tinha poder de cobertura⁵⁶¹. O mesmo autor destacava as qualidades do branco de zinco por ser mais estável que o branco de chumbo, embora no óleo não adquirisse a mesma solidez⁵⁶². Na tradução do tratado de Fleury, de 1903, também eram apontadas as mesmas vantagens e inconvenientes, referindo-se ainda que o branco de zinco tinha tendência a lascar-se e que não podia ser preparado ou triturado com antecedência porque *depressa se engordura*⁵⁶³.

Na literatura técnica de referência escrita em português identificada o branco de zinco aparece indicado pela primeira vez no dicionário de Assis Rodrigues de 1875 e posteriormente nas obras de Manuel de Macedo e Picotas Falcão, onde era referido também com a designação de **branco da China**.

Segundo Isabel Cruz a fábrica de Mario Norziglia, em Lisboa, fabricava, em 1856, branco de zinco⁵⁶⁴. Foram encontradas referências à comercialização do branco de zinco em Portugal igualmente no catálogo da companhia Mander Irmãos de 1871, e no catálogo da Favrel, de cerca de 1913-1920, onde aparece com a designação de **blanc de neige**, indicada por D'Oliveira Pimentel como sendo uma variedade de menor qualidade de branco de zinco⁵⁶⁵. O branco de zinco encontra-se também indicado na lista de preços praticados pelas drogarias publicadas por Cohen em 1880 e 1896, bem como nas tabelas de preços dos droguistas Joaquim M. P. Falcão, Antonio Carvalho Junior e M. Teixeira, com datas entre 1894 e 1897.

Foi encontrada uma única referência à compra de branco de zinco pela Academia de Belas Artes de Lisboa, em 1881, ao droguista Camillo Manoel Alves Gil.

Para fazer face aos inconvenientes do branco de chumbo e do branco de zinco, o jornal *O Instituto*, em 1858, publicava um artigo sobre as vantagens do **branco de bário**, um sulfato de bário também conhecido por **branco fixo**⁵⁶⁶, descritas assim:

559 Emprego na pintura, do sulfato de baryta artificial..., 1858: 101.

560 Fonssagrives, 1862: 20.

561 Vibert, 1891: 281.

562 Vibert, 1891: 283.

563 Fleury, 1903: 21.

564 Cruz, 2016: 332.

565 Pimentel, 1859: 52.

566 Emprego na pintura, do sulfato de baryta artificial..., 1858: 100-101.

O sulfato de baryta artificial, applicado em camadas successivas, por meio da gelatina ou da fecula, na pintura á tempera, e com uma mistura de silicato de potassa e de fecula na pintura a oleo cobre perfeitamente as superficies, e produz tal albura e tamanho lustre, que o mais fino alvaiade jámais pode imitar. [...] substitui vantajosamente o alvaiade e o oxido de zinco, substancias venenosas, e que não constituem côres fixas; dispensa o emprego dos oleos essenciaes; e realiza grande economia nos processos tão dispendiosos da pintura⁵⁶⁷.

Em 1898 Castro da Silva refere o branco de bário com a designação de **sulphato de barita**⁵⁶⁸. Porém, não foram identificadas outras fontes que indiquem a utilização e comercialização deste pigmento em Portugal. De facto, de acordo com Fleury apesar da sua fixidez o branco de bário não tinha poder de cobertura e era muito sensível às *emanações sulfurosas*, pelo que só seria utilizado na *pintura à cola* na construção civil⁵⁶⁹.

4. CASTANHOS

A **terra de sombra** corresponde a um ocre escuro, descrito por Ferreira de Seabra, em 1814, como *oxido de ferro de um amarelo carregado (luteo)*, obtido através da *oxidação do ferro, menos avançada do que na ochra clara*⁵⁷⁰. De acordo com o jornal *O Joven Naturalista*, de 1840, era *huma terra obscura – quebradiça – mais tenra em seu estado natural do que depois de calcinada*⁵⁷¹. A mesma fonte indicava as suas utilizações: *serve a pintar d'escuro; ella se introduz nas cores de madeira, desengordura o oleo; e, pura, se emprega para lustrar os fundos claros*⁵⁷².

Segundo Mérimèe esta cor era um castanho esverdeado, cor de oliva, que se tornava mais intenso e avermelhado quando calcinada, tendo por principais constituintes o óxido de manganês e o óxido de ferro com a sílica e o alúmen⁵⁷³. O mesmo autor indicava que a terra de sombra era proveniente da ilha do Chipre, tendo no comércio as designações de *Terra de sombra da Turquia* ou *do Levante*⁵⁷⁴. De facto, no catálogo da companhia Mander Irmãos aparece com as designações de **sombra turca** e **sombra turca queimada**.

567 Emprego na pintura, do sulfato de baryta artificial..., 1858: 101.

568 Silva, 1898: 3.

569 Fleury, 1903: 24.

570 Saldanha, 1814: 5.

571 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 13: 100.

572 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 13: 100.

573 Mérimèe, 1830: 206.

574 Mérimèe, 1830: 206.

As designações de **sombra de Cintra** e **terra de Cintra** apenas foram identificadas em fontes anteriores ao século XIX. De acordo com António João Cruz, correspondem ao pigmento atualmente designado por umbra⁵⁷⁵.

A **terra de Itália** era descrita por Ferreira de Seabra como sendo igualmente um óxido de ferro:

*Especie d'argilla mais ou menos ferruginosa, ou de oxido de ferro misturado intimamente com terra argilosa e outros corpos. – O gráo d'oxidação do ferro, e a sua mistura em proporções diferentes com a terra argillosa e outras materias, lhe-dá diferentes nomes, e diferentes caracteres. – D'aqui as diferentes sortes da – Terra d'Italia*⁵⁷⁶.

Segundo o jornal *O Joven Naturalista*⁵⁷⁷ e também de acordo com Assis Rodrigues,⁵⁷⁸ a terra de Itália tinha uma cor semelhante ao do ocre de *rua* ou *Ruth*, embora mais viva e bela, devendo-se, como referia a publicação de 1840, escolher-se *pesada – escura por dentro* e devia *pregar-se á lingoa*⁵⁷⁹. A mesma fonte indicava que servia para fazer belas aguadas e transparências⁵⁸⁰. Fleury descrevia a terra de Itália como uma cor *lindíssima* e muito rara, embora se encontrasse no mercado em grande quantidade uma vez que, segundo ele, era vendida com este nome outro material de qualidade inferior⁵⁸¹.

A **terra de Siena** era descrita na tradução dum manual francês de geologia, de 1846, como um cré amarelo avermelhado⁵⁸². Aparece referida nos manuais de Manuel de Macedo (1885, 1886 e 1898) e na obra de Picotas Falcão de 1906.

Segundo Bouvier a terra de Siena natural, apesar de ser um belo castanho, era apenas recomendada para o esboço já que não tinha bom poder de cobertura⁵⁸³. Fleury tinha uma opinião contrária. Segundo ele, esta bela cor *da origem do ocre, mas muito mais fina de tom*, tapava muito bem e podia ser utilizada em velaturas⁵⁸⁴. Bouvier indicava que a terra de Siena queimada era exatamente a mesma substância,

575 Cruz, 2007: 47; Cruz, 2009a: 395.

576 Saldanha, 1814: 6.

577 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 13: 100.

578 Rodrigues, 1875: 81.

579 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 13: 100.

580 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 13: 100.

581 Fleury, 1903: 26-27.

582 Boubée: 1846: 116.

583 Bouvier, 1827: 51.

584 Fleury, 1903: 27.

embora calcinada, resultando numa cor castanha alaranjada, sólida e transparente. Segundo este autor não deveria ser misturada com branco porque tendia a escurecer e absorvia todas as cores que a ela se misturassem⁵⁸⁵.

Este pigmento encontrava-se disponível nos catálogos da companhias Serzedello, de 1853, na Mander Irmãos, de 1871, e no da Favrel, de cerca de 1913-1920, em dois tipos: natural e calcinada. A terra de Siena queimada era listada nas obras de Cohen de 1880 e 1896 e a natural apenas nesta última. Ambos os tipos se encontram nas tabelas de preços dos fornecedores Joaquim Falcão e António Carvalho Júnior, de 1896.

Apenas foi identificada referência ao **castanho manganês** na tradução do tratado de Fleury, de 1903, que o indicava também como *terra de manganês* e o descrevia do seguinte modo:

*Este castanho possui aproximadamente a nuance da terra de sombra, e tem a mesma finura e fixidez. Contudo a sua acção siccativa é consideravel e faz gretar as pinturas, pelo que se deve usar com parcimonia, mas sem exagerar os receios*⁵⁸⁶.

Segundo Eastaugh, et al. o castanho manganês, um óxido de manganês precipitado, era no início do século XX referido como um pigmento obsoleto e raramente usado⁵⁸⁷.

A **terra de Colónia** e a **terra de Cassel** foram duas cores castanhas frequentemente referidas nas fontes portuguesas identificadas. Segundo Mérimèe tratava-se de terras betuminosas que se julgava serem provenientes da decomposição de madeiras enterradas⁵⁸⁸. A primeira foi descrita por Sampayo como uma cor muito escura⁵⁸⁹ e, por Assis Rodrigues, como uma *especie de terra de sombra, um pouco mais doce, ligeira e transparente*⁵⁹⁰. Para Ferreira de Seabra a *sombra de Colónia queimada* ou **sombra d'oliveiros** constituíam diferentes variedades de *argila bituminizada (argila umbra de Linn)*, correspondente à *Terre d'Ombre* dos franceses que era *pao bituminizado só no estado térreo*⁵⁹¹. De acordo com um manual de geologia francês, traduzido para português, em 1846, a terra de Colónia era uma espécie de *lenhito*,

585 Bouvier, 1827: 52.

586 Fleury, 1903: 44.

587 Eastaugh, et al., 2004: 250.

588 Mérimèe, 1830: 207.

589 Sampayo, 1787: 61.

590 Rodrigues, 1875: 358.

591 Saldanha, 1814: 5.

que se extrahe em “Bruhl”, perto de Colónia⁵⁹². Segundo Fleury a terra de Colónia também se preparava artificialmente precipitando o sulfato de ferro e de manganês com o alúmen pela potassa⁵⁹³.

Sobre as utilizações da sombra de Colónia, Ferreira da Silva dizia o seguinte:

[...] *antes de queimada, faz bellos realces de escuro a todos os amarelos, depois de queimada muda de cor ficando muito mais escura; pode-se fazer applicação dos seus escuros para muito fortes, e realces de escuros. [...] Esta tinta he dispençada pela maior parte dos Pintores de Figura; os Pintores que se servem mais geralmente della, são os de Paisage, Architettura, Ornato, e miniaturas, &c*⁵⁹⁴.

Para Paillot de Montabert a terra de Cassel, um castanho avermelhado, era a mais utilizada na pintura⁵⁹⁵. Fleury tinha, contudo, uma opinião diferente. Segundo ele a utilização da terra de Cassel na pintura era muito restrito: *os pintores empregam-na de má vontade e por assim dizer compelidos*⁵⁹⁶.

Mérimée referia que a Terra de Cassel era a mais impregnada de betume, com um tom mais vigoroso, mas que se descolorava e desintegrava em contacto com a luz⁵⁹⁷. Para o mesmo autor estas cores tinham o inconveniente de impedir os óleos de secar, devendo por isso ser moídas com óleo bastante secativo e serem misturadas com cores bastante estáveis como a terra de sombra, os negros de carvão e os óxidos de ferro⁵⁹⁸. Manuel de Macedo desaconselhava o uso de terra de Cassel já que, segundo ele, esta cor *crece demasiadamente e, muitas vezes, transparece através das successivas camadas de tons mais claros, embora encorpadissimos*⁵⁹⁹.

A *sombra de Colónia* e a *sombra de oliveira* aparecem indicadas no catálogo da Serzedello de 1853, sendo vendidas por um preço bastante reduzido quando comparadas com outros pigmentos. O mesmo acontece nas tabelas de preços dos droguitas identificadas entre 1894 e 1896. No catálogo da Favrel, de 1904, a terra de Cassel aparece com a designação de **terre de Sienne Cassel**. No catálogo desta companhia, de cerca de 1913-1920, a terra de Cassel e a terra de Colónia aparecem referidas com o mesmo preço. A Sombra de Colónia encontra-se listada nas obras de Cohen de 1880 e de 1896. Nas listas de preços dos fornecedores J. Falcão, A. Carvalho Júnior e de M. Teixeira, de 1896 e 1897, está indicada a venda de **terra de carcella**, que poderá corresponder a terra de Cassel.

592 Boubée: 1846: 116.

593 Fleury, 1903: 42.

594 Silva, 1817: 77.

595 Paillot de Montabert, 1829: 372.

596 Fleury, 1903: 43.

597 Mérimée, 1830: 207.

598 Mérimée, 1830: 207.

599 [Macedo], 1895a: 23.

Manuel de Macedo e Picotas Falcão faziam referência ao **castanho Vandyke**. Segundo Leslie Carlyle este pigmento aparece identificado como terra de Cassel nalgumas fontes inglesas publicadas no século XIX⁶⁰⁰.

Para Fleury o castanho Vandyke era uma excelente cor que se utilizava na pintura a óleo devido à sua fixidez e à beleza do seu tom⁶⁰¹. Contudo, o mesmo autor dava conta de que era frequentemente falsificado e raramente se encontrava com boa qualidade:

A sua composição real tem por base o sulfato de ferro convertido em oxydo d'este metal, mas obtêm-n'o pela simples calcinação dos ocre, mais ou menos argilosos, dando-se assim apenas um producto duvidoso, de "nuance" pallida e sumida, em vez do bello tom arroxado que deve ter⁶⁰².

O castanho Vandyke, também escrito *Van-Dyck*, encontrava-se listado no catálogo da companhia Mander Irmãos, de 1871, nos catálogos da Favrel e 1904 e no de cerca de 1913-1920, onde era indicado como sendo um óxido de ferro *carboneo*. No Arquivo da FBAUL foi identificado um documento que comprova a sua compra para a APBA, em 1837, onde aparece como **escuro Vandih**.

No catálogo da companhia Mander Irmãos, de 1871, aparece indicado a **castanho Hespanhol**. A esta designação foram atribuídos diferentes significados. No livro *The Artists' Pigments* indica-se, entre outros significados, tratar-se de uma terra castanha-avermelhada proveniente de Espanha, de uma forma de ocre artificial ou de terra de Colónia⁶⁰³. Segundo Eastaugh, et al., consistirá num ocre queimado, também chamado de *almagro*, de castanho *Vandyke*, ou mesmo, de uma goma obtida a partir dos rizomas da *Glycyrrhiza glabra*, conhecida como regaliz ou alcaçuz⁶⁰⁴.

O **betume** e o **asfalto** apareciam com frequência referidos nas fontes portuguesas identificadas com diferentes designações como **espacto**, **esplato**, **negro de espato**, **betume da Judéa**. O asfalto foi descrito por Tabora da como uma cor escura e transparente⁶⁰⁵. Em 1846, na tradução dum manual de geologia francês indicava-se que era obtido da superfície do mar morto⁶⁰⁶. Assis Rodrigues dava conta da

600 Carlyle, 2001: 482.

601 Fleury, 1903: 41.

602 Fleury, 1903: 42.

603 Berrie, 2007: 44.

604 Eastaugh, et al., 2004: 349.

605 Prunetti e Tabora da, 1815: 263.

606 Boubée: 1846: 11.

disponibilidade de asfalto de grande qualidade na França e na Suíça, mas também em Portugal na mina de Azeche, no concelho de Alcobaça⁶⁰⁷. O mesmo autor indicava que o asfalto se encontrava então em desuso na pintura e descreve-o assim:

*Substancia sólida, dura, negra e lustrosa. Dá-se o nome de asfalto a outra especie de betume chamado “betume glutinoso”, ou “petroleo tenaz”, que é uma substância molle, glutinosa, que endurece com o frio e abranda com o calor*⁶⁰⁸.

Taborda indicava que se usava *nos escuros dos encarnados depois da figura enxuta, como quem regraxa*⁶⁰⁹. De acordo com Bouvier esta cor era excelente para fazer os *glacis* devido à sua cor de *bistre* e à sua transparência, contudo, recomendava que apenas fosse usada nas partes de sombra bem escuras, já que devido à sua natureza betuminosa escurecia e nunca secava totalmente⁶¹⁰. Paillot de Montabert referia que então muitos químicos duvidavam da solidez do asfalto, mas segundo ele, utilizado com negro de marfim e castanho da Prússia formava uma tinta fixa e durável, cuja transparência não se alterava⁶¹¹. Também relativamente ao betume dizia que se tinham feito em Paris diversas experiências que demonstravam que certos tipos deste material eram extramente fixos, duráveis e perfeitamente adequados ao uso na pintura⁶¹². Em 1891, Vibert demonstrava ter uma opinião muito diferente referindo que o betume se fundia com o calor, provocava estalados na pintura e comprometia a estabilidade de todas as pinturas em que fosse incluído⁶¹³. Também em Portugal, Manuel de Macedo, para quem o abuso betume tinha sido *uma invasão inglesa nas escolas continentaes da Europa*, apontava com veemência os defeitos destas cores:

*Data do segundo quartel d’este seculo a adopção quasi geral e o uso inconsiderado de diversas tintas escuras de character betuminoso, cujas propriedades, discordando directamente da dos oleos e variadíssimas materias córantes empregadas pelo pintor, estão em directa opposição com todas as leis naturaes de estabilidade e de equilíbrio. As mais perniciosas são, sem duvida o “betume” e o “asfalto”, ou “pez judaico”, pois que ambos, cedendo aparentemente á acção dos seccantes, enxugam á superficie, conservando-se, porém, – quando empastados, – humidos e viscosos nas camadas inferiores, por tempo indefinido*⁶¹⁴.

607 Rodrigues, 1875: 62. Esta mina de asfalto, situada no Canto de Azeche, em Alcobaça, teria alvará de funcionamento desde 1844 (Vasconcellos, 1861: 292).

608 Rodrigues, 1875: 62.

609 Prunetti e Taborda, 1815: 263.

610 Bouvier, 1827: 57-58.

611 Paillot de Montabert, 1829: 366.

612 Paillot de Montabert, 1829: 367.

613 Vibert, 1891: 291-292.

614 [Macedo], 1895a: 23.

O betume encontrava-se listado no catálogo da companhia Serzedello, de 1853, e nos catálogos da companhia Favrel, de 1904 e no de cerca de 1913-1920.

Apenas foram encontradas referências à **múmia** nas obras de Manuel de Macedo, que também o designa por **castanho egípcio**. De acordo com Bouvier esta cor deveria ser evitada já que secava ainda mais dificilmente do que o asfalto⁶¹⁵. Paillot de Montabert indicava que era uma cor bastante cara na Europa e que tinha perdido reputação sendo, então, substituída pelo asfalto⁶¹⁶.

Nos registos de contabilidade da ABAL foi identificada a compra, em 1848, de **múmia purificada** para as aulas de Pintura.

O **bistre** era recomendado por Assis Rodrigues para pintura a aguarela⁶¹⁷ e Manuel de Macedo indicava-o apenas para os escuros profundos⁶¹⁸. Em 1749, Baptista de Almada descrevia assim a sua preparação:

Tome-se ferrugem da chaminé da mais lustrosa, e hum bocado de gomma arabia, e se porà de infuzão em agoa sobre cinzas quentes, atè que a agoa tenha be recebida a tintura, e esteja forte em cor; depois se deytará em huma manga de papel pardo, feyta em fôrma de funil, e suspendida, com o seu recipiente por bayxo se irá filtrando pelo papel, e feyto se guardarà em alguma vazilha de vidro, muyto bem tapada com cera⁶¹⁹.

Para Ferreira de Seabra o bistre era *essencialmente uma dissolução do principio carbonaceo e oleo empyreumatico da felugem da chaminé em ourina* que se obtinha *trititando a dita felugem (a mais compacta e brilhante he a melhor) com ourina e agoa* ⁶²⁰. Assis Rodrigues, em vez da urina, refere apenas uso de água filtrada de forma a obter uma cor castanha clara⁶²¹.

Apenas foi verificada a sua disponibilidade no comércio no catálogo da companhia Favrel, de cerca de 1913-1920.

Entre os castanhos indicados nas fonte portuguesas de referência encontra-se uma laca castanha com as designações de **stil de grain calcinado**, **stil de Inglaterra**, **laca escura de gran** e **brown madder**, que Picotas Falcão indicava tratar-se de uma tintura de *garance*⁶²². De acordo com Mérimèe o *stil de grain* castanho era uma

615 Bouvier, 1827: 61.

616 Paillot de Montabert, 1829: 368.

617 Rodrigues, 1875: 81.

618 Macedo, 1885: 43.

619 Almada, 1749: 173.

620 Saldanha, 1814: 4.

621 Rodrigues, 1875: 81.

622 Falcão, 1906: 131.

laca de amarelo acastanhado obtida a partir de grão de Avinhão podendo, no entanto ser mais sólida se este fosse substituído por madeira amarela, *quercitron*, cascas de amieiro e, sobretudo por cascas de nozes⁶²³. Paillot de Montabert indicava que tinha sido no início do século XVIII que se começou a usar *stil de grain* castanho, quando os fabricantes de cores seduzidos pela frescura de cor do *stil de grain* amarelo o procuraram produzir na cor castanha, embora este fosse tão fugitivo como o amarelo⁶²⁴.

De acordo com o jornal *O Joven Naturalista* esta laca era *soberba* em óleo, servindo para fazer as sombras e as transparências, devendo ser de *quebrar liso*⁶²⁵. Também Manuel de Macedo referia que a *laca escura de gran*, chamada em francês de *garance brulée*, apenas merecia *absoluta confiança, usada por transparência, em velaturas ou esfregaços*⁶²⁶.

No catálogo da companhia Mander Irmãos, de 1871, encontra-se indicada a *Laca n.º 1*, de cor castanha que poderá corresponder a esta cor.

Num documento consultado no arquivo da ANBA, encontrou-se a referência à compra, em 1837, de **brum pinh** para as aulas de pintura da APBA. Trata-se possivelmente de *Brown Pink*, que de acordo com Leslie Carlyle corresponde a laca de *Stil de grain*⁶²⁷.

Assis Rodrigues incluiu a **sépia** entre os castanhos que indicou descrevendo-o assim:

[...] nome do molusco chamado em francez “sèche” (aranha do mar); significa tambem o licor negro que se tira deste animal, de que se faz uma tinta de que usam os desenhadores e pintores, como da tinta de Nanquim⁶²⁸.

Em 1886 Manuel de Macedo dava conta que os ingleses já preparavam sépia para ser usada na pintura a óleo⁶²⁹ embora, de acordo com Picotas Falcão, a sépia apesar de ser sólida na pintura a aguarela, dissolvia-se com facilidade no óleo⁶³⁰.

No catálogo da companhia Favrel, de cerca de 1913-1920, era referido o **Brun de Mars**, como sendo um óxido de ferro precipitado. Segundo Paillot de Montabert, este castanho tinha este nome porque provinha do ferro, mas que a cor produzida resultava numa grande variedade de tons desde o avermelhado claro ao acinzentado,

623 Mérimèe, 1830: 205.

624 Paillot de Montabert, 1829: 370.

625 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 13: 100.

626 [Macedo], 1895a: 23.

627 Carlyle, 2001: 490.

628 Rodrigues, 1875: 341.

629 Macedo, 1886: 45.

630 Falcão, 1906: 130.

devendo antes ser de um belo castanho amarelado⁶³¹. Em 1871, a Mander Irmãos listava a **purpura castanha** no seu catálogo desse ano. Segundo Leslie Carlyle, as fontes inglesas do século XIX descrevem esta cor como um castanho produzido artificialmente, possivelmente um castanho de Marte⁶³².

Apenas se encontrou referência ao **castanho da Prússia** na tradução do tratado de Fleury, de 1903 e no catálogo da Favrel, cerca de 1913-1920, onde aparece com a designação de *brun de Prusse* e com a indicação de se tratar de azul da Prússia calcinado. Segundo Fleury esta cor não se encontrava correntemente no comércio, sendo facilmente obtida a partir da calcinação do azul da Prússia, através de um processo que descrevia⁶³³.

Bouvier recomendava com entusiasmo esta cor que, segundo ele, reunia todas as vantagens do asfalto, da múmia, e da terra de Siena natural, sendo bastante estável, com uma transparência perfeita, misturava-se perfeitamente com todas as cores e secava bastante bem⁶³⁴. Porém, na opinião de Vibert esta cor era absolutamente inútil podendo ser substituída pelo *brun de Mars* que tinha melhor poder de cobertura⁶³⁵.

No catálogo da companhia Mander Irmãos, de 1871, encontra-se indicada a **sombra inglesa**. Possivelmente tratar-se-á de um castanho feito com azul da Prússia inglês, descrito por Bouvier como uma cor vermelha alaranjada que secava bem, tinha boa transparência e não se alterava, tanto pura como misturada com outras cores⁶³⁶.

Picotas Falcão e Manuel de Macedo fazem referência ao **cappa** ou **Kappah**, também designado por **castanho indiano**. Segundo Macedo era um *preparado moderno anglo-indiano*⁶³⁷ que *os fabricantes ingleses lançaram, alguns anos ha, no mercado*⁶³⁸. Eastaugh, et al. indicam que o nome provinha da mina de Cappagh na Irlanda embora a sua constituição não seja clara⁶³⁹. De acordo com Leslie Carlyle foi algumas vezes identificado como sendo betuminoso⁶⁴⁰.

631 Paillot de Montabert, 1829: 362.

632 Carlyle, 2001: 487.

633 Fleury, 1903: 43-44.

634 Bouvier, 1827: 54-55.

635 Vibert, 1891: 292.

636 Bouvier, 1827: 56.

637 Macedo, 1885: 43.

638 [Macedo], 1895a: 23.

639 Eastaugh, et al., 2004: 349.

640 Carlyle, 2001: 482.

Entre as fontes portuguesas consultadas, apenas foi encontrada a referência ao **castanho de café** e ao **castanho de chicória** na obra de Picotas Falcão, de 1906. Paillot de Montabert indicava tratar-se de castanhos azulados e fornece uma descrição detalhada do processo de obtenção destas cores a partir do café e da chicória⁶⁴¹.

5. PRETOS E CINZENTOS

Verificou-se que nas publicações técnicas escritas em português, o número de cores negras e as suas diferentes designações foi bastante elevado durante todo o século XIX, ainda que, tal como notou Mérimèe, todos os pretos utilizados na pintura a óleo eram, em geral, carvões obtidos de matérias animais e vegetais e de substâncias fósseis⁶⁴².

Para Sampayo e Assis Rodrigues o **negro de marfim** era um dos melhores pretos que se poderia utilizar na pintura⁶⁴³. O primeiro indicava que esta cor era preparada com raspas de marfim humedecidas com óleo de linhaça e, posteriormente, calcinadas num vaso hermeticamente fechado⁶⁴⁴. Bouvier descrevia o negro de marfim como uma cor negra muito intensa, da qual os pintores faziam muito uso, embora secasse dificilmente⁶⁴⁵. No jornal *O Joven Naturalista* indicava-se que o negro de marfim poderia ser usado a óleo ou verniz e que misturado com branco dava o **griz de perola**⁶⁴⁶. Contudo, Moreau-Vauthier alertava que o preto de marfim quando misturado com branco poderia escurecer⁶⁴⁷. Para Fleury, o negro de marfim era *lindíssimo* sendo, contudo, muito caro⁶⁴⁸.

O negro de marfim era comercializado pela companhia Mander Irmãos, em 1871, que também o designa por **negro grano**, e pelo droguista Joaquim Falcão, que em 1894 o listava como **pó de marfim**. Encontrava-se igualmente disponível na companhia Favrel de acordo com os seus catálogos de 1904 e de cerca de 1913-1920. A única referência identificada da aquisição deste preto encontra-se na lista de tintas compradas para a APBA, em 1837.

641 Paillot de Montabert, 1829: 376-379.

642 Mérimèe, 1830: 208.

643 Sampayo, 1887: 58; Rodrigues, 1875: 268.

644 Sampayo, 1887: 58.

645 Bouvier, 1827: 76.

646 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 14: 108.

647 Moreau-Vauthier, 1913: 211.

648 Fleury, 1903: 45.

Sampayo indicava que o **negro de osso** era preparado da mesma forma que o negro de marfim mas a partir de ossos de animais⁶⁴⁹. No jornal *O Joven Naturalista* são especificados os ossos de carneiros que dariam um *negro arrussado, com tudo mui macio á vista*⁶⁵⁰. Baptista de Almada indicava que o negro de osso se fazia com ossos de porcos limpos calcinados em fogo forte e depois moídos⁶⁵¹. O mesmo autor referia que este preto poderia também ser obtido com *pontas de veado* e de carneiro⁶⁵². Mérimèe descrevia o preto de ossos como sendo um pouco avermelhado e que poderia dar um castanho se a carbonização dos ossos fosse interrompida antes de concluída⁶⁵³. Bouvier apontava-lhe a dificuldade em secar e não o recomendava, uma vez que era necessário adicionar-lhe bastante óleo secativo⁶⁵⁴. Também Paillot de Montabert, pelos mesmos motivos, considerava o negro de ossos de porco inútil na pintura a óleo⁶⁵⁵.

Manuel de Macedo e Picotas Falcão indicavam também o **negro de presunto** que segundo o primeiro seria um *preparado italiano*⁶⁵⁶.

De acordo com o catálogo da companhia Serzedello, de 1853, esta empresa comercializava então **pós d'ossos** que também designava por **carvão animal** e **pós d'ossos lavados**. Segundo o catálogo oficial da Exposição Internacional de Londres, em 1862, B. J. P. da Mota, de Coimbra, apresentava neste evento ossos calcinados⁶⁵⁷.

A variedade de designações de pretos de origem vegetal demonstra a grande quantidade de materiais que lhes poderiam dar origem. De acordo com o jornal, *O Joven Naturalista* o **preto de carvão** era obtido da seguinte forma: *Se faz com pedaços de carvões limpos e bem queimados, que se pisa em hum almofariz, e que se moe depois a agoa sobre um porphyro*⁶⁵⁸. A mesma fonte indicava que servia para pintar à têmpera e que misturado com branco dava belos cinzentos⁶⁵⁹. Já Paillot de Montabert defendia que os negros de carvões obtidos de madeiras como o carvalho, a faia, o álamo e a videira davam pretos bastante sólidos para a pintura a óleo⁶⁶⁰.

O preto de carvão estava indicado no catálogo da companhia Mander Irmãos, de 1871, com a designação de **negro azul**. De acordo com Carlyle este era o nome dado ao carvão vegetal obtido a partir de caules de videira e, ocasionalmente, a outras

649 Sampayo, 1887: 57.

650 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 14: 108.

651 Almada, 1749: 169.

652 Almada, 1749: 169.

653 Mérimèe, 1830: 208.

654 Bouvier, 1827: 81.

655 Paillot de Montabert, 1829: 380.

656 Macedo, 1885: 43.

657 *International Exhibition...*, 1862: 352.

658 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 14: 108.

659 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 14: 108.

660 Paillot de Montabert, 1829: 381.

espécies vegetais como os caroços de pêssegos ou a cascas de coco⁶⁶¹. O tom azulado do carvão estaria na origem desta designação usada em Inglaterra após a segunda metade do século XVII⁶⁶².

O **negro de vides** era, segundo o jornal *O Joven Naturalista*, preparado a partir de vides queimadas⁶⁶³. Segundo esta publicação era um do mais belos negros que ficava mais brilhante quanto mais fosse moído⁶⁶⁴. Bouvier indicava que era sobretudo usado na pintura de grandes dimensões que necessitavam de muita tinta. Contudo, advertia para a dificuldade em moê-lo finamente, motivo que o levava a preferir o preto de café⁶⁶⁵.

Na tradução da obra de Bernardo de Montón encontrava-se referido um *negro feito da borra do vinho queimada, chamado negro de Roma*⁶⁶⁶.

O jornal *O Joven Naturalista* fazia também referência ao **negro da Alemanha** que se produzia *com lia de vinho queimada, lavada depois em agoa, e depois moida em moinhos, feitos de proposito*⁶⁶⁷. Para Sampayo, este negro era azulado sendo utilizado pelos impressores⁶⁶⁸. O mesmo era indicado na obra *Segredos necesarios para os officios, artes e manufacturas...*, de 1797, onde se dizia que o negro da Alemanha, ou de *Francforte*, era feito a partir de borra de vinho misturada com pó de marfim, de ossos ou de caroços de pêssegos queimados⁶⁶⁹. O jornal *O Joven Naturalista* indicava que o negro da Alemanha vinha em pó a partir de Frankfurt, da Mogúncia e de Estrasburgo, devendo-se escolher o mais leve e menos arenoso possível⁶⁷⁰.

De acordo com Mayer, a designação de preto de Frankfurt podia indicar um preto tanto de origem vegetal como animal⁶⁷¹. Para Harley este preto era também designado por preto da Alemanha e era feito a partir de vides queimadas ao qual era adicionado algum marfim ou preto de caroços de frutas e que era tanto uma tinta de impressão como um pigmento para pintura⁶⁷².

O preto da Alemanha era também designado por **preto de Francfurt** ou **preto de Itália**, nome com que se encontrava listado no catálogo da companhia Serzedello, de 1853, e nas listas de preços dos droguistas consultadas de 1894 a 1897.

661 Carlyle, 2001: 465.

662 Harley, 2001: 158.

663 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 14: 108.

664 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 14: 108.

665 Bouvier, 1827: 79.

666 Montón, 1818: 104.

667 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 15: 118.

668 Sampayo, 1887: 57.

669 *Segredos...* 1794, vol. II: 69.

670 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 15: 118.

671 Mayer, 1985: 86.

672 Harley, 2001: 161.

O *preto de Frankfurt* e, especialmente o preto de Itália aparecem com frequência indicados nos livros de contabilidade da ABAL, sendo sobretudo usado na Oficina de Estamparia.

O jornal *O Joven Naturalista* indicava o **negro de pêssegos**, que servia para fazer um cinzento mais *arrussado*, era obtido a partir de caroços de pêssegos moídos e calcinados⁶⁷³. Segundo Bouvier tratava-se de um preto ligeiramente violeta⁶⁷⁴ e Paillot de Montabert considerava-o *falso* e incompatível com as outras cores⁶⁷⁵.

Picotas Falcão indicava o **preto de caroço**⁶⁷⁶. Na tradução portuguesa, de 1801, da obra de Vispré, *O meio de se fazer pintor em tres horas...*, há a referência ao negro de peixe, com a nota do tradutor de se tratar de tinta de chocos⁶⁷⁷, possivelmente referindo-se à sépia. Contudo, comparando com a obra original em francês verifica-se que se trata da tradução errada de *noir de pêches*, ou seja, negro de pêssegos⁶⁷⁸. Na obra *Segredos necesarios para os officios, artes e manufacturas...*, de 1797⁶⁷⁹, e na tradução da obra de Bernardo de Montón, de 1818, encontram-se indicadas receitas para preparar *negro fino* a partir de cascas de nozes⁶⁸⁰.

Segundo Sampayo, o **negro de cortiça**, obtido com carvão de cortiça, era um negro *mui ligeiro, com hum tom de azul, que se avisinha ás Cinzas do Ultramarino*⁶⁸¹, descrição que corresponde inteiramente à que Bouvier fazia deste pigmento⁶⁸². O jornal *O Joven Naturalista* indicava que misturado com branco formava belos **cinzentos argentinos**⁶⁸³.

A obra *Segredos necesarios para os officios, artes e manufacturas...*, de 1797, e a Assis Rodrigues, de 1875, faziam referência ao **negro de Hespanha**, designação também usada para indicar o negro de cortiça⁶⁸⁴.

Manuel de Macedo referia o **preto de café** que, de acordo com Bouvier, em 1827, era ainda pouco conhecido embora, segundo ele, fosse um dos melhores que se poderiam utilizar, já que secava bastante melhor que o negro de vides e tinha uma fina cor azulada⁶⁸⁵.

673 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 14: 108.

674 Bouvier, 1827: 81.

675 Paillot de Montabert, 1829: 382.

676 Falcão, 1906: 131.

677 Vispré, 1801: 29.

678 Vispré, 1766: 60.

679 *Segredos...*, 1797: 71.

680 Montón, 1818: 59.

681 Sampayo, 1787: 57.

682 Bouvier, 1827: 78.

683 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 15: 118.

684 Carlyle, 2001: 469; Berrie, 2007: 3.

685 Bouvier, 1827: 77.

O **negro de fumo** aparecia frequentemente referido nas publicações do século XIX também com a designação de **pós de sapatos**. Saldanha indicava-o ainda como **pós de escodar**⁶⁸⁶. O jornal *O Joven Naturalista* indicava que o negro de fumo era um belo negro que se obtinha da seguinte forma:

*Se colhe de muitas maneiras – da torcida d’huma alampada – d’huma candeia – d’huma vella; mas o de pez he o melhor, he huma ferrugem de resina, que se tira, metendo todos os pequenos pedaços do refugo de todas as especies de pez em potes ou caldeiras de ferro, que se poem em quartos fechados de todos os lados e forrados de telas ou pelles de carneiros: lança-se fogo ao pez*⁶⁸⁷.

Sampayo referia que se fazia a partir do fumo de *termentina* e que, para ser de melhor uso, deveria ser calcinado sobre uma lâmina de ferro⁶⁸⁸. Na *Pharmacographia* de Silveira Pinto de 1836, era indicado que o negro de fumo era obtido a partir de resina de pinho, a mais impura, queimada⁶⁸⁹. Num manual de química inorgânica, publicado em 1884, o negro de fumo era descrito como um *pó negro, tenuissimo, que se obtem queimando as resinas, óleos, gorduras, etc., incompletamente*⁶⁹⁰. Segundo José Júlio Rodrigues, o negro de fumo era tão delicado que *até um simples aperto ou compressão o estragam*, não admirando, por isso, *que os fabricantes de semelhante produto se vejam obrigados a preparal-o com a maior cautela*⁶⁹¹. O mesmo autor apresentava de seguida, de forma bastante detalhada, o processo de fabrico deste pigmento.

Sampayo advertia que o negro de fumo era pouco compatível com as outras cores da pintura e por isso tinha pouco uso⁶⁹². Fleury tinha uma opinião contrária. Dizia que o negro de fumo era muito utilizado na pintura porque, embora não tivesse muito brilho, era muito leve e fino⁶⁹³.

No jornal *O Joven Naturalista* indicava-se que esta cor se incorporava perfeitamente com o óleo, embora não se misturasse com a água para a pintura a têmpera⁶⁹⁴. Mérimée assinalava que era geralmente aceite a ideia de que o negro de fumo produzia efeitos indesejáveis adicionado ao óleo embora, segundo ele, uma vez calcinado e lavado, este preto poderia ser utilizado sem reservas⁶⁹⁵.

686 Saldanha, 1814: 17.

687 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 15: 118.

688 Sampayo, 1887: 57.

689 Pinto, 1836: 53-54.

690 *Chimica Inorganica*, 1884: 43.

691 Rodrigues, 1884: 83.

692 Sampayo, 1887: 57.

693 Fleury, 1903: 44.

694 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 15: 118.

695 Mérimée, 1830: 209.

Em 1853, a companhia Serzedello comercializava negro de fumo, com a designação de pós de sapatos. Na lista de materiais de pintura publicados na Revista de Obras Públicas e Minas, em 1871, era indicado o negro de fumo com a designação de **pós pretos**⁶⁹⁶. Este preto era também comercializado pela Mander Irmãos, de acordo com o catálogo desta companhia de 1871 e, pela Favrel, conforme os seus catálogos de 1904 e de cerca de 1913-1920. Os pós de sapatos encontravam-se listados nas obras de Cohen de 1880 e 1896, sendo a única cor preta indicada por este autor, e em todas as listas de preços dos droguistas identificadas de 1894 a 1896.

Nos registos de contabilidade da ABAL este pigmento aparece indicado tanto por pós de sapatos, como por preto de fumo.

Manuel de Macedo e Picotas Falcão faziam referência à **terra preta** que era um termo usado para designar uma variedade de materiais cujo principal constituinte é o carvão⁶⁹⁷. De acordo com Eastaugh, et al., tratar-se-ia de uma forma de grafite numa mistura com quartzo e outros minerais, sendo que o óxido de ferro também estaria presente e contribuiria para formar a cor⁶⁹⁸.

Manuel de Macedo indicava o **preto de chumbo**, ou *black lead* que, segundo ele, era uma tinta *péssima* fabricada pelos ingleses⁶⁹⁹. De acordo com Leslie Carlyle, apesar do nome, o preto de chumbo era descrito nas fontes identificadas pela autora como sendo uma forma de grafite⁷⁰⁰.

O jornal *O Joven Naturalista* descrevia o **negro de composição**, um resíduo da preparação do azul da Prússia e que por isso era um pouco azulado⁷⁰¹. Castro da Silva referia-o com o nome de **preto composto**⁷⁰². De acordo com Bouvier, este preto era obtido a partir do azul da Prússia comum, e não a partir do inglês do qual não era possível obter este preto⁷⁰³. O mesmo autor descrevia-o como sendo de um negro muito intenso, agradável de trabalhar e que tinha a particularidade de secar mais rapidamente do que qualquer outro preto⁷⁰⁴.

Foram identificadas, nas fontes escritas em português, escassas referências às cores cinzentas o que poderá indicar que poderiam ser facilmente obtidas a partir de misturas na paleta. O **cinzento argentino** era, segundo Castro da Silva, uma nuance de cinzento que se obtinha misturado um bom alvaiade, com azul de indigo ou *negro*

696 Serie de preços..., 1871: 466.

697 Berrie, 2007: 2

698 Eastaugh, et al., 2004: 51.

699 [Macedo], 1895a: 23.

700 Carlyle, 2001: 468.

701 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 15: 118.

702 Silva, 1898: 3.

703 Bouvier, 1827: 79-80.

704 Bouvier, 1827: 80.

*composto*⁷⁰⁵. O mesmo autor referia outros cinzentos que se podiam obter da mistura de pigmentos pretos, azuis e vermelhos como o **cinzento pérola** e o **cinzento linho**. Para Castro da Silva o cinzento propriamente dito preparava-se apenas com alvaiade e carvão⁷⁰⁶.

Castro da Silva indicava ainda o **cinzento de Marte**⁷⁰⁷ que, de acordo com Eastaugh, et al., fazia parte do conjunto de pigmentos de marte desenvolvidos durante o século XVIII. Estes autores descrevem-no como sendo obtido a partir da precipitação aquosa de sais de ferro em alcalis⁷⁰⁸.

Castro da Silva apontava outros cinzentos como o **cinzento de Van-Dick** e o **cinzento vermelho**, sem a indicação da sua composição. Manuel de Macedo indicava o **cinzento de Payne** que dizia produzir *excelente efeito na modelação dos planos em penumbra*⁷⁰⁹. De acordo com o catálogo da companhia inglesa Winsor & Newton, de 1896, este cinzento era, na tinta a óleo, composto por uma mistura de preto de carvão, ocre e ultramarino francês⁷¹⁰.

6. VERDES

De acordo com Paillot de Montabert, quase todas as cores verdes eram obtidas a partir do cobre e muitas delas eram perniciosas⁷¹¹.

O **verdete** aparece referido nas fontes portuguesas também com as designações de **verde elementar**, **verde estildado**, **verde destilado**, **verde-gris** e **azinha-vre**. Para Sampayo era o verde mais belo e consistia numa espécie de *ferrugem do cobre*⁷¹². Tabora indicava que para além da ferrugem do cobre o verdete podia ser também obtido a partir da *ferrugem do latão*, pelo vinagre⁷¹³. De acordo com Sampayo este verde era dissolvido em qualquer ácido vegetal, recomendando como melhores, o sumo de limão azedo ou o vinagre branco destilado⁷¹⁴. O mesmo autor dava ainda instruções mais precisas de como preparar este verde:

O Verde distillado he huma crystalização, que se fórma do verdete. Escolhão-se os pedaços mais puros, e se moão com vinagre distillado sobre o porphido, juntando-se-lhe agua de gomma; e assucar candi. A gomma, e o assucar são tão necessarios a esta tinta

705 Silva, 1898: 5.

706 Silva, 1898: 5.

707 Silva, 1898: 3.

708 Eastaugh, et al., 2004: 253.

709 Macedo, 1898: 14.

710 Winsor & Newton, 1896: xxxiv.

711 Paillot de Montabert, 1829: 348.

712 Sampayo, 1787: 62.

713 Prunetti e Tabora, 1815: 272.

714 Sampayo, 1787: 62.

*como ao Carmim; porque, tirando-se a sua parte colorante do reino vegetal, que domina no cobre, e separando-se as feculas verdes dos vegetaes em qualquer liquido solto, faz-se indispensavel huma materia gomosa para lhe dar consistencia, e unillas entre si, de forma que possam empregar-se na pintura*⁷¹⁵.

No jornal *O Joven Naturalista* este pigmento era descrito como um óxido de cobre que se obtinha *expondo lâminas d'este metal aos vapores, que se exalam das fezes ou borra da uva*⁷¹⁶, sendo a sua preparação efetuada da seguinte forma:

*Prepara-se o verde-gris distillado, fazendo dissolver completamente em accido do vinagre distillado, que s'evapora depois para o cristallisar sobre paos fendidos, que dam a estes cristaes amontoados a figura d'hum cacho d'uvas. Convem escolhe-lo assim em bellos cristaes – secos – sublimes em côr e tendo hum golpe de vista aveludado*⁷¹⁷.

De acordo com Mérimée, o verdete era uma combinação de ácido acético com óxido de cobre, sendo chamado pelos químicos por acetato de cobre⁷¹⁸. O mesmo autor indicava que o verdete era preparado com *verdet-gris*, um acetato básico de cobre, no vinagre destilado⁷¹⁹.

O jornal *O Joven Naturalista* dava indicações sobre o uso deste pigmento recomendando que não fosse utilizado na pintura a têmpera e que fosse misturado o menos possível nas cores a óleo, uma vez que as tornava *carregadas* depois de secas e quando não eram envernizadas⁷²⁰. Quanto à sua utilização em verniz, este jornal dava as seguintes indicações:

*Quando se o quer empregar a verniz, deve moer-se á essencia; nam se deve destemperar mais do que necessario; porque, guardado, elle se torna espesso. O verdete he soberbo, destemperado a verniz branco ou copal para os fundos em verde d'agoa*⁷²¹.

Bouvier indicava que o *vert-de-gris* destilado era uma bela cor mas extremamente perigosa, dando instruções detalhadas de como a usar em segurança⁷²². Também Paillot de Montabert referia que o *vert-de-gris* sempre tinha sido considerado uma cor inimiga e destruidora de todas as cores e, como tal, também ele indicava um processo para purificar esta cor e torná-la adequada à pintura a óleo⁷²³.

715 Sampayo, 1788: 126-127.

716 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 11: 83.

717 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 11: 83.

718 Mérimée, 1830: 193.

719 Mérimée, 1830: 193.

720 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 11: 83.

721 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 11: 83.

722 Bouvier, 1827: 82.

723 Paillot de Montabert, 1829: 357.

O verdete aparece indicado com esta designação na lista de materiais preparados no Laboratório Químico da Universidade de Coimbra, de 1816, onde se indicava tratar-se de um óxido de cobre pelo ácido acético. Também com esta mesma designação, e com a de *verde distillado*, encontrava-se indicado no catálogo da companhia Serzedello de 1853. No catálogo da Mander Irmãos, de 1871, surgia com a designação de verdete, de *verdegris pulverizado* e de *verdegris crystallizado*. Também a Favrel, nos seus catálogos de 1904 e de cerca de 1913-1920, e indicava a venda de *verde de gris*.

O verdete encontrava-se listado na obra de Cohen de 1880, mas já não era referido na segunda edição de 1896. Também foi identificado apenas na tabela de preços do droguista Joaquim Falcão de 1894.

O **verde montanha** era, segundo Sales, também designado por ***verde de Hungria*** e correspondia à atual **malaquite**, designação com que igualmente aparecia referido num livro de receitas e despesas da ABAL, de 1848⁷²⁴. De acordo com Sampayo, o verde montanha era feito a partir de uma areia fina que se obtinha nas montanhas da Hungria e da Moldávia⁷²⁵. No jornal *O Joven Naturalista* era indicado que se tratava de um mineral de cobre proveniente da Hungria que servia para pintar tanto à têmpera como a óleo⁷²⁶. João Baptista Lucio, em 1845, indicava uma receita para preparar o verde de montanha⁷²⁷.

Taborda dizia que se tratava de uma cor azulada⁷²⁸, embora para Assis Rodrigues consistia numa cor *variável*⁷²⁹.

De acordo com Mérimèe, tanto a malaquite como o verde de montanha eram carbonatos de cobre que produziam verdes bastante estáveis na pintura a óleo⁷³⁰. Paillot de Montabert dava conta de que o verde malaquite se encontrava facilmente disponível no comércio em Paris, mas recomendava que fosse testado antes de ser utilizado⁷³¹. Já segundo Vibert, o verde montanha era raro e difícil de moer e, embora o verdadeiro fosse bastante sólido, as imitações que dele se faziam não o eram⁷³².

Segundo um artigo publicado pelo visconde de Vilarinho de S. Romão, na *Revista Universal Lisbonense*, em 1843, havia verde montanha em Portugal, proveniente do Buçaco⁷³³. Nos catálogos de fornecedores portugueses identificados, apenas aparece indicado no da companhia Serzedello de 1853.

724 Ver Anexo 11.

725 Sampayo, 1887: 63.

726 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 11: 84.

727 Lucio, 1845, vol. VI: 248-249.

728 Prunetti e Taborda, 1815: 272.

729 Rodrigues, 1875: 376.

730 Mérimèe, 1830: 187.

731 Paillot de Montabert, 1829: 353.

732 Vibert, 1891: 290.

733 Girão, 1843: 318.

As **cinzas verdes**, também designadas de **cinzas verdes de Inglaterra**, eram descritas por Ferreira de Seabra como um *óxido do cobre pelo ácido nítrico*⁷³⁴. Já o químico francês Lefort dava conta de se tratar de uma mistura de sulfato e de arseniato de cobre⁷³⁵. De acordo com Assis Rodrigues, este pigmento era usado em todos os géneros de pintura⁷³⁶. As cinzas verdes eram produzidas no laboratório da Universidade de Coimbra, segundo catálogo de 1816, e aparecem também listadas no catálogo da companhia Serzedello de 1853.

De acordo com o jornal *O Instituto*, de 1872, o *carbonato de cobre verde*, a *mala-chite*, o *verde montanha* e a *cinza verde* eram sinónimos que tinham a seguinte fórmula química: $Cu O, CO_2 + Cu O, HO$ ⁷³⁷. De facto, como notou Paillot de Montabert havia um grande número de designações para as cores verdes obtidas a partir do cobre, sem que essa variedade de designações correspondesse a grandes diferenças nos materiais:

*On a distingué par des noms différens les diverses couleurs vertes naturelles provenant du cuivre, et l'on pourrait multiplier ces dénominations à l'infini, soit en les faisant dériver des pays qui les produisent, soit en les variant selon la différence des teintes, ou selon l'espèce d'opération; aussi la cendre verte, le vert de montagne, qu'on trouve dans les montagnes de Kernhaussen, en Hongrie, et qui participe beaucoup du bleu de montagne, [...] et d'autres couleurs verdâtres métalliques, ont entr'elles une grande analogie, et ne semblent devoir intéresser que les fabricans de couleurs*⁷³⁸.

Numa lista de preços de materiais de pintura publicada em 1871 pela *Revista de Obras Públicas e Minas* encontrava-se indicado o **verde escocio**⁷³⁹. Tratava-se possivelmente de caledonite, um sulfocarbonato de chumbo e cobre, já que no dicionário de Domingos Vieira, de 1873 este mineral era indicado como sendo de *côr verde azulado que se acha na Escocia*⁷⁴⁰.

Foram encontradas referências ao **verde peruviano** na obra de Cohen, de 1896 e na de Francisco Castro da Silva, de 1898⁷⁴¹. Encontra-se também nas listas de preços dos droguistas Antonio Carvalho Junior, M. Teixeira e Joaquim Falcão, também de

734 Saldanha, 1814: 5.

735 Lefort, 1855: 138.

736 Rodrigues, 1875: 109.

737 Sousa, 1872: 13

738 Paillot de Montabert, 1829: 356.

739 Serie de preços..., 1871: 466.

740 Vieira, vol. II, 1873: 46.

741 Silva, 1898: 61.

1896 e, deste último fornecedor, também na de 1897. Foi identificado ainda na lista de materiais adquiridos pela BNP ao droguista Francisco José de Carvalho, em 1864⁷⁴². De acordo com Sónia Barros dos Santos trata-se do mineral atacamite ou da sua versão artificial⁷⁴³.

A **terra verde** era a designação dada a uma argila natural cuja cor era proveniente de pequenas quantidades de ferro e manganês⁷⁴⁴. Segundo o jornal *O Joven Naturalista*, a terra verde era uma substância mineral de cor mais ou menos viva que se dissolvia muito dificilmente em água⁷⁴⁵. Segundo a tradução da obra de Bernardo de Montón, de 1818, a terra verde de Verona, na Lombardia, era natural, muito dura e escura⁷⁴⁶. Assis Rodrigues, em 1875, referia a **terra verde de Verona** que, segundo ele, era uma pedra muito dura que era usada pelos pintores de paisagem depois de bem moída⁷⁴⁷. O mesmo autor dava conta que a terra verde comum era de qualidade inferior à de Verona, sendo nessa época pouco usada⁷⁴⁸. Segundo Mérimèe, a terra verde de Verona era composta por sílica, óxido de ferro, manganês, potássio e água, e perdia bastante intensidade quando misturada a óleo⁷⁴⁹. Fleury alertava para os efeitos da terra verde de Verona usada nas misturas com outras cores, uma vez que as *destruía* ou era *destruída* por elas⁷⁵⁰. Paillot de Montabert descrevia a terra verde como sendo de um verde azulado que tinha de ser moída durante muito tempo antes de ser usada, durável mas não muito brilhante⁷⁵¹.

De acordo com Mérimèe, embora se pudesse encontrar terra verde uniforme e brilhante, a que se encontrava disponível no comércio era misturada com frequência com ocres castanhos e vermelhos, mistura que lhe alterava bastante a cor⁷⁵².

Manuel de Macedo recomendava a terra verde para *velaturas e banhos*⁷⁵³. Paillot de Montabert referia que depois dos pintores terem tido o verde de cobalto à sua disposição a terra verde passara a ser praticamente inútil⁷⁵⁴. Já Vibert desaconselhava o seu uso porque não tinha poder de cobertura⁷⁵⁵. Moreau-Vauthier indicava o mesmo referindo, porém, que a terra verde era por vezes usada no esboço⁷⁵⁶.

742 Ver Anexo 18.

743 Santos, 2012: 245.

744 Mayer, 1985: 61.

745 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 11: 84.

746 Montón, 1818: 103.

747 Rodrigues, 1875: 358.

748 Rodrigues, 1875: 358.

749 Mérimèe, 1830: 191.

750 Fleury, 1903: 46.

751 Paillot de Montabert, 1829: 356.

752 Mérimèe, 1830: 192.

753 Macedo, 1885: 43.

754 Paillot de Montabert, 1829: 356.

755 Vibert, 1891: 290.

756 Moreau-Vauthier, 1913: 206.

Nos catálogos da Favrel, de 1904 e de cerca de 1913-1920, encontrava-se listada a terra verde, no primeiro na qualidade de natural e queimada e, no segundo, com a designação de **Terre de Sienne Vert**.

Segundo Ferreira de Seabra o **verdacho** era um *óxido de cobre artificial pelo vinagre*, ou seja, um *verdete preparado*⁷⁵⁷. Contudo, num estudo de António João Cruz publicado em 2007, este indica que o verdacho deveria corresponder à terra verde. De facto, no índice remissivo e explicativo da Pauta Geral da Alfândegas, de 1861, o verdacho era incluído no grupo das terras corantes⁷⁵⁸. Assis Rodrigues referia que este verde mineral era apenas usado para pintar a claro-escuro e tinha um tom *tirante a côr de canna*, referência que teria ido buscar à obra de Filipe Nunes⁷⁵⁹. O verdacho aparece listado no catálogo da companhia Serzedelo, de 1853, e foi identificado num livro de receitas e despesas da ABAL, num registo de 1849⁷⁶⁰.

O **verde bexiga** era considerado por Sampayo uma cor verde que tendia para o amarelo escuro⁷⁶¹. Ferreira de Seabra indicava que era proveniente do suco das bagas do *espinho alvar Rhamnus catharticus (Linn)*⁷⁶², enquanto Taborda dizia que provinha do suco de *arruda e erva moura*⁷⁶³. Por outro lado, de acordo com Assis Rodrigues, o verde bexiga era preparado com o suco *das bagas do arbusto chamado “nerprum”* e dava-se-lhe este nome porque era guardado em bexigas de carneiro⁷⁶⁴. De facto, segundo Bluteau, o verde bexiga era feito com arruda e erva moura pisada, sendo este “sumo” colocado com fel de cabrito numa bexiga de carneiro ao fumo⁷⁶⁵. O jornal *O Joven Naturalista* indicava que o *verde de bexigas* poderia ser usado tanto na têmpera como a óleo e fornecia indicações sobre a sua preparação:

*Para obter-se expreme-se o succo d’hum arbusto, chamado “noir-prun”, ajunta-se a este succo, evaporado a fogo brando, hum pouco de alumen de rocha, dissolvido em agoa e agoa de cal: quando esta mixtura tem tomado pelo effeito da evaporaçam a consistencia do mel, suspende-se, fechada em bexigas no canno da chamminé*⁷⁶⁶.

757 Saldanha, 1814: 6.

758 Vasconcellos, 1863: 573.

759 Rodrigues, 1875: 376.

760 Ver Anexo 11.

761 Sampayo, 1787: 63.

762 Saldanha, 1814: 6.

763 Prunetti e Taborda, 1815: 272.

764 Rodrigues, 1875: 376.

765 Bluteau, 1712-1728: 433.

766 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 11: 83.

Paillot de Montabert indicava que esta cor era obtida a partir das bagas do arbusto chamado *noirprun* ou *bourg-épine* e deveria ser utilizada com a consistência do mel⁷⁶⁷.

Manuel de Macedo referia o **Sap-green** como sendo um *preparado* inglês⁷⁶⁸. De acordo com um dicionário de português e inglês, de 1827, *Sap-green* era a tradução inglesa de verde bexiga⁷⁶⁹. Contudo, de acordo com Sónia Barros dos Santos, desde a segunda metade do século XIX, esta designação corresponderia a uma mistura de pigmentos amarelos e azuis que nada teriam que ver com a laca orgânica⁷⁷⁰. De facto, segundo o catálogo da Winsor & Newton, de 1896, o *Sap-green*, nas tinta a óleo era uma mistura de laca de quercitron, ultramarino e de castanho de ossos⁷⁷¹.

Quanto à disponibilidade do verde bexiga no comércio apenas foi identificado no catálogo da Serzedello, de 1853, sendo o verde mais caro comercializado por esta companhia.

Paillot de Montabert referia que **verde de iris** era feito com as flores de iris azuis chamadas de *iris bulbeuse de Linné*⁷⁷². De acordo com Ferreira de Seabra era uma *especie d'extracto preparado com as flores do lírio roxo*⁷⁷³. Segundo Assis Rodrigues este verde, que também poderia ser chamado de **verde gaio**, era um extrato da flor iris da Alemanha que dava uma cor verde usada para as miniaturas⁷⁷⁴. Na gramática publicada por John Laycock, em 1825, o *verde gayo*, ou *verdegai*, correspondia à designação inglesa de *saxon green*. Sampayo indicava o **verde de Saxonia** que, como tal, poderia corresponder ao verde gaio. Contudo, segundo João Baptista Lucio o verde de Saxonia era obtido a partir da dissolução do anil em ácido sulfúrico, tendo esta designação por ter sido aí que foi pela primeira vez preparado em 1750⁷⁷⁵. Já Castro Silva referia o **verde-Saxe** que, segundo ele, era preparado com alvaiade, verde cristalizado, amarelo e azul⁷⁷⁶.

Nas fontes portuguesas do século XIX identificadas apenas foi encontrada referência ao **verde de lírios** na obra de Saldanha, de 1814, que indicava tratar-se de um sinónimo de verde de iris⁷⁷⁷. Nas fontes anteriores, o verde lírio era frequentemente

767 Paillot de Montabert, 1829: 358.

768 Macedo, 1898: 45.

769 Vieyra, 1827, s. p.

770 Santos, 2012: 254.

771 Winsor & Newton, 1896: xxxv.

772 Paillot de Montabert, 1829: 358.

773 Saldanha, 1814: 6.

774 Rodrigues, 1875: 376.

775 Lucio, 1844, vol. II: 393.

776 Silva, 1898: 11.

777 Saldanha, 1814: 24.

referido, sendo que as informações dadas sobre esta cor eram provenientes do tratado de Filipe Nunes, de 1615, que indicava que o verde lírio era preparado com flores de lírio moídos com alúmen e depois espremidas num pano⁷⁷⁸.

Bouvier indicava que havia muitas espécies de **lacas verdes** mas reprovava todas à exceção da laca de lírio dos tintureiros que era de um verde amarelado bastante vivo⁷⁷⁹. Vibert fazia referência à *laque verte*, cujo uso desaconselhava e que, segundo ele, era feita com um a mistura de laca de lírio dos tintureiros e de azul da Prússia⁷⁸⁰. Nas fontes portuguesas foi identificada a venda de laca verde no catálogo da companhia Mander Irmãos, de 1871. Também aparece indicada no catálogo da Favrel de 1904 e no de cerca de 1913-1920, onde se diz tratar-se de uma laca feita de *baga da Persia*.

Tabela A8.4 Pigmentos verdes modernos

Designação	Datas	Referências
Verde de Scheele	Descoberta: 1775, Scheele	Harley, p. 83
Verde de cobalto	Descoberta: 1780, Rinman Introduzido como pigmento: 1835	Mayer, p. 62
Verde de crómio	Descoberta do elemento: 1797, Vauquelin Usado em cerâmica (Sèvres, Limoges): 1809	Harley, p. 85 Harley, p. 85-86
Emerald green Verde Schweinfurt Verde Véronèse	Produzido comercialmente: 1814, Russ and Salter (Schweinfurt)	Harley, p. 84
Verde ultramarino	Preparado: 1828, Kottig (Meissen) Produzido em larga escala: 1854-1856	Gettens e Stout, p. 103
Verde esmeralda <i>Viridian</i> (verde de crómio hidratado, transparente)	Início do fabrico: 1838, Pannetier e Binet Patenteado: 1859, Guignet	Mayer, p. 66 Fitzhugh, p. 274

Manuel de Macedo e Picotas Falcão indicavam o **verde de cobalto**, pigmento descoberto por Rinmann em 1780 e introduzido como pigmento em 1835⁷⁸¹. Mayer descreve-o como uma combinação de zincato de cobalto e de óxido de zinco⁷⁸².

Segundo Paillot de Montabert, o verde de cobalto era uma nova cor que resultava da combinação de um sal de cobalto com um pouco de ferro e de alumina⁷⁸³. O mesmo autor indicava que o verde de cobalto reunia as vantagens de ser bastante estável e de se ligar bem com as outras cores⁷⁸⁴.

778 Nunes e Ventura, [1615] 2002: 65.

779 Bouvier, 1827: 87.

780 Vibert, 1891: 290.

781 Mayer, 1985: 62.

782 Mayer, 1985: 62.

783 Paillot de Montabert, 1829: 353.

784 Paillot de Montabert, 1829: 353.

Na tradução do tratado de Fleury era referido o **verde zinco** que, segundo este autor, se fabricava de diversos modos, sendo a sua composição mais comum uma mistura de óxido de zinco com cobalto⁷⁸⁵. Este verde parece corresponder ao verde de cobalto uma vez que Vibert o indicava como uma mistura de óxido de cobalto e de óxido de zinco⁷⁸⁶. Esta informação está também de acordo com a que era fornecida pelo catálogo de cerca de 1913-1920 da companhia Favrel onde se dizia que se tratava de uma *combinação de zinco e cobalto*. O verde de cobalto era, já em 1904, comercializado por esta companhia, de acordo com o catálogo publicado nesse ano.

Como referiu Leslie Carlyle apesar das cores verdes produzidas a partir de minerais de cobre terem origens muito antigas, durante o século XIX foram introduzidos no mercado novas cores obtidas a partir deste mineral⁷⁸⁷. Em 1775 o químico sueco C. W. Scheele (1742-1786) produziu um novo pigmento verde, um arseniato de cobre, que ficou conhecido por **verde de Scheele**⁷⁸⁸. Manuel de Macedo designava-o igualmente por **verdaccio**⁷⁸⁹ e Vibert dava a este pigmento também o nome de *vert minéral*⁷⁹⁰. O **verde mineral** aparece indicado numa coleção de receitas de 1858⁷⁹¹, no catálogo da companhia Mander Irmãos, de 1871, e no catálogo da companhia Favrel, de cerca de 1913-1920, onde era indicado tratar-se de um arseniato de cobre, o que pode, portanto, corresponder ao verde de Scheele. Contudo, nas fontes inglesas há informações diferentes a respeito deste verde, tal como demonstrou Leslie Carlyle. De acordo com esta autora, Field, em 1830, indicava que o verde mineral era o nome comercial para as lacas verdes e que consistia num sulfato de cobre⁷⁹². Referia ainda que, de acordo com Salter, em 1869, esta designação poderia referir um pigmento desenvolvido na Alemanha para substituir o venenoso verde de Schweinfurt⁷⁹³. O verde de Scheele poderia ter ainda a denominação de **verde imperial**. De acordo com o Decreto de Lei n.º 121 de 30 de Maio de 1862, dava-se o nome de verde imperial a todas as tintas verdes obtidas a partir de arseniato de cobre⁷⁹⁴. A designação de verde imperial foi também encontrada no catálogo da companhia Serzedello, de 1853, nas obras de Cohen, de 1880 e 1896, e nas tabela de preços do droguista Joaquim Falcão, de 1894.

Segundo Fleury, em 1903, o verde de Scheele era uma cor muito venenosa que fora muito usada no passado mas que caíra em desuso⁷⁹⁵.

785 Fleury, 1903: 45.

786 Vibert, 1891: 290.

787 Carlyle, 2001: 493.

788 Harley, 2001: 83.

789 Macedo, 1886: 45.

790 Vibert, 1891: 290.

791 *Nova collecção de Receitas...*, 1858: 110.

792 Carlyle, 2001: 494.

793 Carlyle, 2001: 494.

794 Vasconcellos, 1863: 112.

795 Fleury, 1903: 47.

Em 1830, Mérimèe referia que há poucos anos havia surgido no comércio um verde de cobre e arsénio extremamente brilhante que era vendido com as designações de **verde de Viena**, **verde de Brunswick** ou **verde de Schweinfurt**⁷⁹⁶. De facto, estes verdes aparecem referidos com diversos nomes o que dificulta a sua interpretação⁷⁹⁷. De acordo com Harley, o verde de Schweinfurt, que em Inglaterra tinha também a designação *emerald green*, foi desenvolvido com a intenção de melhorar o verde de Scheele e começou a ser produzido comercialmente em 1814⁷⁹⁸. Em França, o verde esmeralda era designado por verde *Paul Véronèse*, ou verde *Véronèse*.

Segundo Vibert, o verde de Viena era um arseniato de cobre, enquanto o verde de Schweinfurt consistia numa mistura de arseniato de cobre e de acetato de cobre⁷⁹⁹. Também num manual de química publicado em Portugal, em 1884, se indicava que o verde de Viena era um arseniato de cobre⁸⁰⁰. Porém, de acordo com Fleury, o verde de Schweinfurt era o agente principal de uma grande quantidade de outros verdes como o **verde inglês**, o **verde mestiço** e o *verde de Viena* que seriam apenas *más dissoluções do verde de Schweinfurt com o oxydo de baryo ou outras materias inertes*⁸⁰¹

Em 1845, João Baptista Lucio indicava uma receita para preparar o verde de Schweinfurt a partir da dissolução de verdete em *vinagre branco* (ácido acético) à qual se adicionava *arsénio branco* (trióxido de arsénio) em água⁸⁰².

Com as designações de **verde veronez** ou **verde Paulo Veronez**, esta cor encontrava-se indicada nas obras de Manuel de Macedo, bem como na de Picotas Falcão. O verde Veronês era comercializado em Portugal pela Favrel, de acordo com o seu catálogo de 1904 e no de cerca de 1913-1920, onde era descrito como um *acetato, arseniato de cobre*. A Mander Irmãos, no catálogo de 1871, listava-o com a designação inglesa de **verde esmeralda**.

O **verde de óxido de crómio**, opaco, foi desenvolvido na sequência da descoberta do elemento crómio por Vauquelin em 1797. Harley indicava que em 1909, este químico francês fazia referência ao seu uso nas porcelanas de Sèvres e de Limoges, embora não seja clara quando se deu a sua introdução como pigmento na pintura a óleo⁸⁰³. Para Gettens & Stout isso não terá acontecido antes de 1862⁸⁰⁴. Contudo, é

796 Mérimèe, 1830: 197.

797 Fiedley e Bayard, 1997: 219-220.

798 Harley, 2001: 84.

799 Vibert, 1891: 290.

800 *Chimica Inorganica*, 1884: 57.

801 Fleury, 1903: 46.

802 Lucio, 1845, Vol. VI: 249.

803 Harley, 2001: 85-86.

804 Gettens & Stout, 1966: 107.

possível que tenha sido utilizado anteriormente, já que foi identificado numa pintura de J. M. W. Turner, de 1812, e referido por autores, como Field, em 1815, e Vergnaud, em 1831⁸⁰⁵.

Mérimée fazia referência a um óxido de crómio utilizado na pintura que consistia num produto artificial obtido a partir do cromato de mercúrio⁸⁰⁶. Segundo este autor, o óxido de crómio usado na pintura a óleo, tinha mais corpo que qualquer um outro verde, embora tivesse pouco brilho e um preço elevado⁸⁰⁷. Moreau-Vauthier dizia que o verde de crómio era um óxido de crómio que muitas vezes era falsificado com uma mistura de amarelo de crómio e de azul da Prússia⁸⁰⁸.

No catálogo da companhia Serzedello, de 1853, aparece listado o ***verde chromeinglez***. Nos registos de contabilidade da ABAL foi igualmente identificada uma referência à compra de ***verdeinglez*** a esta companhia, em 1854, o que poderá indicar que o *verde chromeinglez*, designado no catálogo de 1853, era também apenas referido como verde inglês. Contudo, esta designação suscita algumas dúvidas quanto à sua composição. De acordo com um manual de química publicado em 1884, o verde inglês era uma mistura de verde de Scheele com sulfatos de bário e cálcio⁸⁰⁹. Também Fleury dava conta que, no comércio, o verde inglês correspondia a uma grande variedade de verdes que consistiam em misturas de outros verdes, sendo a mais comum a mesma que se encontrava indicada no referido manual de 1884⁸¹⁰. Já segundo Vibert, o verde inglês era uma mistura de amarelo de crómio e de azul da Prússia⁸¹¹. Contudo para Eastaugh, et al., o verde inglês era o termo corrente para designar o verde esmeralda inglês⁸¹², mas poderia corresponder igualmente ao verde cinábrio, ao verde de Scheele, ou a uma mistura de malaquite com branco⁸¹³.

A designação de verde inglês foi também identificada nas obras de João Baptista Lucio, de 1844⁸¹⁴, na de Castro Silva de 1898⁸¹⁵ e, na de Manuel de Macedo, de 1895. Encontrava-se ainda indicada nas publicações de Cohen, de 1880 e 1896 e em todas as listas de preços de fornecedores identificadas de 1894 a 1897, o que pode indicar a sua grande disponibilidade no comércio. A Favrel no seu catálogo de 1904 listava quatro tons de *vert chrome anglais* e, no de cerca de 1913-1920 apresentava cinco tons de *vert anglais* indicando tratar-se de um *chromato de chumbo e cyanureto*

805 Newman, 1997: 274-275.

806 Mérimée, 1830: 190.

807 Mérimée, 1830: 190-191.

808 Moreau-Vauthier: 205.

809 *Chimica Inorganica...*, 1884: 57.

810 Fleury, 1903: 45.

811 Vibert, 1891: 290.

812 Eastaugh, et al, 2004: 388.

813 Eastaugh, et al, 2004: 150.

814 Lucio, 1844, Vol.V: 400.

815 Silva, 1898: 61.

[cianeto] *de ferro*. O verde de crómio era igualmente comercializado pela Mander Irmãos, de acordo com o seu catálogo de 1871 nas qualidades de médio, forte e extra forte.

Neste último catálogo encontravam-se indicados o **verde de Brunswick** e o **verde New Royal** sendo esta a única fonte portuguesa onde se identificaram estas designações. Segundo Mayer, o primeiro era um verde de crómio feito com azul de Brunswick, uma variedade de azul da Prússia, e amarelo de crómio reduzido⁸¹⁶. Este último verde pode tratar-se de *Royal green* indicado por Eastaugh, et al. como sendo o mesmo que verde de Brunswick, embora nesta fonte descrito como uma mistura de azul da Prússia, amarelo de crómio e de barita⁸¹⁷.

No catálogo de cerca de 1913-1920, a Favrel indicava a venda de **verde cinábrio**, com as designações de *cinabre vert* e de *vert cinabre*. Segundo Vibert, esta cor, tal como o verde inglês, consistia uma mistura de amarelo de crómio e de azul da Prússia⁸¹⁸. Esta informação parece corresponder ao que indicara o químico Lefort em 1855. Segundo ele o verde cinábrio era produzido com uma mistura de cromato de chumbo e de azul da Prússia recém precipitados e ainda húmidos⁸¹⁹.

O **verde de esmeralda** foi identificado em fontes portuguesas a partir de 1844. De acordo com Leslie Carlyle tratava-se da composição descrita nas fontes inglesas para o **viridian**⁸²⁰ e consistia num óxido de crómio hidratado resultando numa cor mais fria e transparente que o óxido de crómio opaco. Terá sido produzido pela primeira vez pelos franceses Pannetier e Binet, em Paris em 1838, mas o seu processo de fabrico, mantido em segredo, só foi tornado público por Guinet que o patenteou em 1859⁸²¹.

Já em 1855, Lefort indicava que de todos os verdes de crómio, o verde esmeralda, ou verde Pannetier, do nome do seu inventor, era de todos o mais sólido⁸²². Moreau-Vauthier considerava-o inalterável e uma das cores mais belas⁸²³. Também Fleury indicava que era a cor mais bela e mais fixa de todas as cores verdes, embora tivesse o inconveniente de ser demasiado caro⁸²⁴.

Quanto à sua disponibilidade no comércio apenas foi identificado nos catálogos da companhia Favrel, de 1904 e no de cerca de 1913-1920, que o descrevia como sendo um *oxido de chromo hydratisado*.

816 Mayer, 1985: 62.

817 Eastaugh, et al., 2004: 327.

818 Vibert, 1891: 290.

819 Lefort, 1855: 302.

820 Carlyle, 2001: 492-493.

821 Mayer, 1985: 66.

822 Lefort, 1855: 300.

823 Moreau-Vauthier, 1913: 204-205.

824 Fleury, 1903: 48.

Castro da Silva fazia referência ao **verde da Prússia**⁸²⁵. De acordo com Lefort, este verde era um cianeto de ferro e cobalto, ainda pouco conhecida no comércio⁸²⁶. O mesmo autor desaconselhava o seu uso já que se tornava cinzento avermelhado em contacto com o ar. Vibert descrevia o verde da Prússia como sendo um sal duplo de cianeto de ferro e cobalto e, tal como Lefort, referia a mudança de cor que esta tinta estava sujeita⁸²⁷. Porém, de acordo com Leslie Carlyle, nas fontes inglesas, o verde da Prússia era descrito como tendo composições variáveis, por exemplo, *Dutch pink* (uma cor amarela) e azul da Prússia, azul da Prússia e ocre amarelo ou azul da Prússia e goma guta⁸²⁸.

Segundo Gettens & Stout, o **verde ultramarino** foi preparado pela primeira vez em 1828 mas só foi comercializado em larga escala por volta de 1854-1856⁸²⁹.

Nas fontes portuguesas a primeira referência ao verde ultramarino foi encontrada num artigo publicado em 1859 pelo químico D'Oliveira Pimentel⁸³⁰. Na tradução do tratado de Fleury o verde ultramarino era designado por **verde mar**. O autor refere tratar-se de uma cor bastante estável, embora um pouco baça, pouco conhecida e utilizada, o que pode justificar a falta de referências em outras fontes⁸³¹.

No comércio apenas se encontrou listada no catálogo de cerca de 1913-1920 da Favrel, onde era apresentado como *Outremer vert* e composto por sulfato de sódio e silicato de alumínio.

No catálogo de 1871 da Mander Irmãos, anunciava-se a venda de **verde quaker** e de **verde bronze**. Este último encontrava-se igualmente listado nas tabelas de preços dos droguistas Joaquim Falcão e António Carvalho Júnior, de 1894 e 1896, também com as designações de **verde bronze americano** e **verde inglês bronze**. Segundo Lefort o verde bronze era uma combinação de verde, preto e branco obtido através da mistura de cerusa, negro de fumo, amarelo de crómio e de azul da Prússia em proporções variáveis⁸³². De acordo com Arthur Jennings, no seu manual de 1913-1920, o *quaker green* era também chamado de *sage green*, *olive green*, *deep olive green*⁸³³ e era praticamente idêntico ao verde bronze⁸³⁴. O mesmo autor referia que estes verdes eram feitos com misturas muito variáveis de vários pigmentos entre os quais ocres, negro de fumo, amarelo e laranja de crómio, terra de Siena ou vermelho indiano⁸³⁵.

825 Silva, 1898: 4.

826 Lefort, 1855: 302.

827 Vibert, 1891: 289.

828 Carlyle, 2001: 495.

829 Gettens & Stout, 1966: 167.

830 Pimentel, 1859: 53.

831 Fleury, 1903: 47.

832 Lefort, 1855: 330.

833 Jennings, 1902: 16.

834 Jennings, 1902: 67.

835 Jennings, 1902: 67.

Manuel de Macedo indicava o **verde de azeitona**⁸³⁶. De acordo com Eastaugh, et al., esta cor aparece descrita como uma composição arbitrária de vários verdes⁸³⁷.

7. VERMELHOS E VIOLETAS

De acordo com Paillot de Montabert, os vermelhos puros elementares adequados pela sua estabilidade para a pintura eram bastante raros o que fazia com que, em geral, não se utilizasse mais do que as cores obtidas da cochilha e da garança⁸³⁸. Porém, o mesmo autor indicava que havia uma grande disponibilidade de vermelhos alaranjados e que os ocres calcinados forneciam todas as nuances de vermelho⁸³⁹.

Os **ocres vermelhos** aparecem na literatura consultada com um grande número de designações. Como foi anteriormente verificado no caso dos ocres amarelos, a nomenclatura destes pigmentos é complexa, inconsistente e permanece problemática⁸⁴⁰. De facto, nas fontes portuguesas foram identificadas mais de 30 designações para referir tanto os ocres naturais como os sintéticos.

Segundo Mérimèe, grande parte dos vermelhos escuros utilizados na pintura resultavam da calcinação dos ocres amarelos⁸⁴¹. As diferentes cores de vermelho decorriam dos diferentes graus de calcinação a que os óxidos de ferro eram submetidos, tal como indicava Ferreira de Seabra:

*Oxido vermelho nativo (ou artificial) de ferro em estado de terra, chamado então Ochra ematitica. – O sulphato de ferro, por ex. caparrosa ou vitriolo verde, sendo bem calcinado a fogo forte e continuando por muitas horas, póde converter-se em verdadeiro oxido vermelho (ematitico); posto que a este oxido assim obtido se-dêsse o nome de Colcothar, ou Terra doce de vitriolo*⁸⁴².

Sampayo fazia referência ao **ferrete de Espanha** e ao **ferrete de Inglaterra**, sendo que este último não seria tão duro como o primeiro⁸⁴³. Saldanha indicava o **vermelho escuro de Inglaterra** sem dar mais indicações sobre este pigmento⁸⁴⁴. De acordo com Bouvier, o vermelho de Inglaterra era uma cor que dava uma tinta

836 Macedo, 1886: 45.

837 Eastaugh, et al., 2004: 282.

838 Paillot de Montabert, 1829: 249.

839 Paillot de Montabert, 1829: 284.

840 Berrie, 2007, vol. 4: 40.

841 Mérimèe, 1830: 165.

842 Saldanha, 1814: 5.

843 Sampayo, 1787: 53-54.

844 Saldanha, 1814: 16.

muito viva e menos amarelada que o ocre vermelho escuro recomendando-o apenas para os panejamentos vermelhos⁸⁴⁵. Segundo Leslie Carlyle o vermelho inglês era sinónimo de vermelhos de óxido de ferro⁸⁴⁶.

Em 1886, Manuel de Macedo indicava que o **vermelho indiano** substituía com vantagem o antigo **roxo rei**⁸⁴⁷. Contudo, o roxo-rei continuava a ser indicado nas listas de materiais de pintura comercializados em Portugal, identificadas, entre 1871 e 1897. No catálogo da Mander Irmãos, de 1871, encontravam-se listado o **vermelho da Índia**, vendido nas qualidades de pálido e forte. De acordo com Eastaugh, et al., embora estes vermelhos fossem descritos como sendo ocres púrpuras proveniente do golfo da Pérsia, a cor que era vendida com esta designação era antes preparada a partir de *caput mortuum*⁸⁴⁸.

O **Caput mortuum** apenas foi identificado na obra de Lucio, que o descreve como um sulfato de potássio⁸⁴⁹ e nas de Manuel de Macedo. De acordo com Eastaugh, et al., esta cor está geralmente associada a um púrpura avermelhado sintético ou um pigmento violeta derivado do óxido de ferro. Harley refere que *Caput mortuum* é o nome latino usado em várias línguas para designar o resíduos de óxido de ferro obtidos com um sub-produto da produção do ácido sulfúrico, uma indústria que se desenvolveu durante os séculos XVII e XVIII⁸⁵⁰.

No jornal *O Joven Naturalista* recomendava-se que o ocre vermelho fosse escolhido frangível e sem mistura de matérias estranhas⁸⁵¹. Manuel de Macedo dava conta de que as **sinoplas**, que também designava por **vermelhos escuros alemães**, eram bastante estáveis na pintura a óleo⁸⁵². Por outro lado, Bouvier recomendava os ocres vermelhos claros que considerava uma cor excelente e muito estável⁸⁵³.

O **vermelho da Prússia** era referido no jornal *O Joven Naturalista* onde se dizia tratar-se de uma substância cuja cor imitava o vermelhão e que era usada *comunmente aos pintores d'impresam para metter a vermelho os quadros*⁸⁵⁴. Castro da Silva também o indicava, sem referir a sua composição⁸⁵⁵. Paillot de Montabert dizia que o vermelho da Prússia, tal como o de Inglaterra, eram resíduos da calcinação do sulfato de ferro, mais ou menos prolongada e segundo graus de temperatura variáveis⁸⁵⁶.

845 Bouvier, 1827: 26.

846 Carlyle, 2001: 489.

847 Macedo, 1886: 45.

848 Eastaugh, et al., 2004: 193.

849 Lucio, 1845, vol. VI: XIII.

850 Harley, 2001: 121.

851 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 7: 53.

852 [Macedo], 1895a: 30.

853 Bouvier, 1827: 14.

854 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 7: 53.

855 Silva, 1898: 3.

856 Paillot de Montabert, 1829: 286.

O **vermelho de Marte** e o **violeta de Marte** eram obtidos, segundo Lefort, pela calcinação do amarelo de Marte a diferentes temperaturas⁸⁵⁷. O mesmo autor indicava que eram bastante sólidos mas que os elevados preços a que eram vendidos fazia com que raramente fossem utilizados na pintura a óleo⁸⁵⁸. De acordo com o dicionário de Domingo Vieira de 1871, o **açafrão de Marte** era um *trioxydo de ferro de um vermelho brilhante, que se obtem decompondo a limalha de ferro pelo azotato de potassa*⁸⁵⁹. Paillot de Montabert recomendava o violeta de Marte pela fineza e fixidez da sua cor⁸⁶⁰. Na tradução do tratado de Fleury era indicado que o vermelho de Marte era uma cor absolutamente fixa, de um belo colorido e que não se modificava quando misturado com branco⁸⁶¹.

Os catálogos e as listas de preços dos fornecedores de materiais de pintura identificados confirmam a grande disponibilidade dos ocres vermelhos e violetas, naturais e artificiais, bem como o grande número de designações que podiam ter. Foram identificados ocres vermelhos no catálogo da companhia Serzedello, de 1853, onde se encontram listadas duas qualidades: o **almagre ordinario**, ou **roxo terra**, mais barato, e o **almagre de Roma**, mais caro que o primeiro. Segundo este catálogo estes almagres eram os pigmentos vermelhos mais baratos comercializados por esta companhia. Encontram-se também listados, neste catálogo, o *roxo-rei* e a *sinopla*. No catálogo da Mander Irmãos, de 1871 os ocres vermelhos aparecem indicados com a designação de *almagre n.º 1* e **roxo veneziano**, possivelmente um sinónimo de vermelho de Veneza⁸⁶². Este vermelho embora pudesse corresponder a um pigmento natural era mas mais frequentemente referido como um vermelho sintético obtido do sulfato de ferro⁸⁶³.

Nas publicações de Cohen, de 1880 e 1896, bem como nas listas de materiais de pintura dos droguistas identificadas, entre 1894 e 1897, encontra-se indicada uma grande quantidade de ocres vermelhos: *almagre, almagre francês, almagre inglês, almagre de Roma, colcothar* ou *vermelho inglês, roxo rei, roxo rei inglês, roxo rei Franch-fort, roxo terra, roxo de Roma*. A companhia Favrel, de acordo com o seu catálogo de cerca de 1913-1920, comercializava diferentes ocres vermelhos com as designações de vermelho inglês, vermelho indiano, **vermelho de Van Dyck** e vermelho de Veneza. Encontrava-se listado um ocre violeta, designado por **violeta Van Dyck**, com a indicação de se tratar igualmente de um óxido de ferro. No mesmo

857 Lefort, 1855: 82.

858 Lefort, 1855: 82.

859 Vieira, 1871: 66.

860 Paillot de Montabert, 1829: 298.

861 Fleury, 1903: 32.

862 Harley, 2001: 122

863 Berrie, 2007: 45.

catálogo encontrava-se ainda um *ocre rouge* indicado como sendo uma mistura de óxido de ferro e alumínio. O catálogo desta mesma companhia, de 1904, integra o vermelho indiano, o vermelho de Veneza e o *ocre rouge*.

O violeta de Marte encontrava-se indicado nos catálogos da companhia Favrel de 1904 e no de cerca de 1913-1920, sendo que neste último se dizia consistir numa mistura de óxido de ferro, cobalto e alumínio.

Na lista de tintas comprada para a APBA, em 1837, foi identificada a aquisição de *almagre de Roma superfino*. Nos registos de contabilidade da ABAL identificou-se a compra de almagre à companhia Serzedello, em 1854. A designação de almagre foi encontrada igualmente na lista de materiais adquiridos ao droguista Francisco José de Carvalho para a BNL, em 1864.

O **vermelhão** aparece igualmente referido por **cinábrio**, o vermelhão nativo. De acordo com Fleury, cada país produzia o seu vermelhão e por isso existia o **vermelhão francês**, o **vermelhão inglês**, o **vermelhão alemão** e o **vermelhão da China**, sendo este último o melhor de todos ⁸⁶⁴.

Ferreira de Seabra indicava que o vermelhão era um *sulfureto de mercurio por sublimação* ou um *óxido de mercurio sulfurado*, havendo-o natural e artificial⁸⁶⁵. Também Taborda referia que o artificial se preparava com *azougue* (mercúrio) e enxofre, sendo o natural obtido a partir de uma pedra mineral com o nome de cinábrio⁸⁶⁶. A sua forma natural era descrita no jornal *O Joven Naturalista* como uma matéria mineral, compacta, pesada, brilhante, cristalina composta de enxofre e mercúrio⁸⁶⁷. A mesma informação era dada por Fleury que indicava que o verdadeiro cinábrio era muito raro no comércio. Segundo ele o cinábrio comercializado era um vermelhão obtido por via seca (sulfureto vermelho de mercúrio) enquanto que se chamava vermelhão ao mesmo produto obtido por via húmida⁸⁶⁸.

O modo de preparação do vermelhão artificial aparecia indicado na obra de Saldanha, e correspondia à que Mérimèe fazia da preparação do vermelhão da Alemanha e da Holanda⁸⁶⁹: *Faz-se incorporando por meio da fusão uma parte d'enxofre com 6 ou 7 partes de mercúrio, e sublimando em vaso tapando a massa negra que resulta*⁸⁷⁰. Também o jornal *O Joven Naturalista* descrevia o modo de obter este vermelho:

[...] *se compõe, misturando mercurio com enxofre, e fazendo sublimar esta mixtura, que se acha no alto do vaso em massa dura, em longas agulhas, tirando hum pouco sobre rôxo escuro. He*

864 Fleury, 1903: 33.

865 Saldanha, 1814: 6.

866 Prunetti e Taborda, 1815: 272.

867 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 7: 53.

868 Fleury, 1903: 34.

869 Mérimèe, 1830: 130.

870 Saldanha, 1814: 6.

*necessario escolher este ultimo em bellas pedras, mui pesadas, brilhantes, como longas e bellas agulhetas e de'huma bella côr rubra. Quando se tem longo tempo moido, elle se reduz em pó fino, e dá huma das mais bellas côres; alguns há que entam lhe chamam vermelham*⁸⁷¹.

Para Fleury o vermelhão era uma mistura de mercúrio e enxofre, levados a uma temperatura média, com potassa diluída e dissolvida previamente⁸⁷².

Assis Rodrigues dava conta de que o vermelhão tinha grande uso na pintura⁸⁷³, sendo o vermelhão da China especialmente apreciado pelos pintores porque era finíssimo e de uma cor viva e brilhante⁸⁷⁴. Também de acordo com Bouvier, os cinábrios não podiam ser substituídos na pintura a óleo por nenhum outro vermelho e indicava, por exemplo, que os ocre vermelhos claros não permitiam obter carnações tão vivas como as executadas pelos vermelhões⁸⁷⁵.

Assis Rodrigues dava conta de que se encontrava bom vermelhão na Alemanha, na Holanda e no Levante⁸⁷⁶. Bouvier recomendava o cinábrio da Holanda que considerava ser o melhor⁸⁷⁷. Paillot de Montabert referia que o cinábrio da Holanda era preferido em relação ao nativo que se encontrava nas minas de mercúrio, uma vez que se alterava menos quando misturado com o branco⁸⁷⁸. Segundo Bouvier, o vermelhão da China tinha uma cor mais carminada e era mais caro do que o que se encontrava na Europa⁸⁷⁹. Paillot de Montabert indicava que o vermelhão da China tinha misturas de mínio e de cochinha⁸⁸⁰. O mesmo autor referia que todo o cinábrio que se encontrava então disponível no comércio era proveniente da Holanda, o único país que o produzia em larga escala⁸⁸¹.

No dicionário de Sales dizia-se que o cinábrio secava com bastante dificuldade⁸⁸². Para Vibert o cinábrio, o vermelhão francês e o vermelhão da China eram cores estáveis, embora recomendasse cuidado para que não fossem misturadas com branco de chumbo ou branco de prata, mas apenas com branco de zinco⁸⁸³. O mesmo conselho dava Moreau-Vauthier referindo que o vermelhão escurecia não só o branco de prata, como também escurecia por si mesmo pela ação da luz⁸⁸⁴. Manuel de Macedo reco-

871 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 7: 53.

872 Fleury, 1903: 34.

873 Rodrigues, 1875: 108.

874 Rodrigues, 1875: 377.

875 Bouvier, 1827: 17.

876 Rodrigues, 1875: 377.

877 Bouvier, 1827: 15.

878 Paillot de Montabert, 1829: 287.

879 Bouvier, 1827: 17.

880 Paillot de Montabert, 1829: 287.

881 Paillot de Montabert, 1829: 288.

882 Sales, s. d.: 112.

883 Vibert, 1891: 288.

884 Moreau-Vauthier, 1913: 188.

mendava que o vermelhão da Holanda ou cinábrio fosse utilizado com *extrema reserva*⁸⁸⁵. Já Castro da Silva aconselhava a não usar o cinábrio uma vez que a sua cor se alterava facilmente⁸⁸⁶.

De acordo com Fleury o vermelhão era a cor mais frequentemente falsificada:

*Desgraçadamente esta côr está sujeita a affrontosas falsificações e por isso é difficil encontrar á venda um vermelhão um tanto duravel, sobretudo depois do apparecimento das côres da anilina, cujo brilho ephemero e producção venal fizeram a alegria dos falsificadores; porque não ha côr alguma tão desnaturada, fraudada, falsificada, como o vermelhão. Tudo se lhe mistura: o minio, o vermelho d'Inglaterra, o tijolo em pó, a sanguina, sulfato de baryo, talco, etc...*⁸⁸⁷

O vermelhão foi identificado na listagem de materiais produzidos pelo laboratório químico da Universidade de Coimbra, de 1816, onde aparece com a designação de *vermelho cinabrio*. De acordo com o catálogo publicado em 1853, a Serzedello comercializava cinábrio nativo, ou natural que, com o preço de 3:000 réis por arrátel, era o vermelho mais caro vendido por esta companhia. Tinha também disponíveis o vermelhão fino da China e o vermelhão fino da Holanda, ambos com o mesmo preço de 1:800 réis por arrátel, e que dentro das cores vermelhas tinham um preço elevado. Esta companhia, tal como a Brito e Cunha, também situada em Lisboa, eram produtoras de vermelhão⁸⁸⁸.

A companhia Mander Irmãos vendia, em 1871, *vermelhão escuro* e vermelhão da China. Igualmente, nas tabelas de preços dos droguistas de 1894 a 1897 identificadas, encontram-se diferentes qualidades de vermelhão a que correspondem diferentes designações: vermelhão da China, vermelhão chinês, vermelhão da Holanda, vermelhão turco e vermelhão francês. As tintas vermelhão, todas indicadas como sendo um sulfureto de mercúrio, encontram-se no catálogo da Favrel de cerca de 1913-1920 com as designações de vermelhão inglês, vermelhão da China, vermelhão francês e **vermelhão permanente**. No catálogo da mesma companhia, de 1904, estão listados cinco tipos de vermelhão, um apenas com a designação de *vermillon*, três com a de *vermillon Chine* e um com a de *cinabre*.

Nos registos de contabilidade das Academias de Belas Artes encontraram-se referências à compra de vermelhão da China para a APBL, em 1837 e para a ABAL, em 1849. Foram identificadas, nos registos da ABAL, uma compra de vermelhão em 1854 e outra em 1873.

885 Macedo, 1885: 42.

886 Silva, 1898: 108.

887 Fleury, 1903: 33.

888 Catalogo dos Productos Portuguezes..., 1851, 6: 63; Cruz, 2016: 330.

O **mínio** encontra-se referido também com as designações de **minium**, **zarcão**, **azarcão** e **vermelho de saturno**. Segundo Assis Rodrigues o nome mínio derivava do latim *minium*, nome antigo do rio Minho em cujas margens se encontrava este pigmento⁸⁸⁹. Ferreira de Seabra dava conta de se tratar de um óxido vermelho de chumbo⁸⁹⁰ e o jornal *O Joven Naturalista* referia tratar-se de chumbo que sofreu uma longa calcinação⁸⁹¹. O primeiro descrevia assim o seu modo de preparação:

*Obtem-se em grande, expondo o massicote amarello (oxido amarello de ch. pelo fogo) por espaço de 48 ou mais horas a um fogo de reverberio continuado; havendo o contacto do ar e continua agitação da materia para evitar a vitrificação, e renovar os pontos de contacto com o ar, etc*⁸⁹².

Saldanha informava que esta cor não era muito durável e que escurecia com o tempo⁸⁹³. D'Oliveira Pimentel, numa publicação de 1862, mostrava ter conhecimento do modo de escurecimento dos pigmentos à base de chumbo, nomeadamente o mínio e o branco de chumbo:

*Hoje todos sabem que as côres de base de chumbo ennegrecem por acção do gaz sulphydrico que se desinvolve principalmente nos logares em que as materias organicas animaes se accumulam em decomposição*⁸⁹⁴.

Da mesma forma, também Bouvier desaconselhava o uso de mínio que, na sua opinião, escurecia muito quando misturado a óleo e fazia igualmente escurecer os cinábrios⁸⁹⁵. Paillot de Montabert considerava esta cor extremamente *prejudicial*, indicando que este óxido se encontrava muito próximo da redução, ou seja do estado de metal⁸⁹⁶. Segundo ele, este vermelho era raramente usado. Fleury dava uma indicação diferente dizendo que o zarcão era *muitíssimo* utilizado na pintura⁸⁹⁷.

De facto, verificou-se a sua grande disponibilidade no comércio já que o mínio ou zarcão se encontra praticamente em todas nas listas de fornecedores durante todo o século XIX. Foi identificada a sua compra, em 1854 à companhia Serzedello, nos registos de contabilidade da ABAL.

889 Rodrigues, 1875: 260.

890 Saldanha, 1814: 6.

891 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 16: 126.

892 Saldanha, 1814: 6-7.

893 Saldanha, 1814: 16.

894 Pimentel, 1862: 361.

895 Bouvier, 1827: 15.

896 Paillot de Montabert, 1829: 294.

897 Fleury, 1903: 32.

O **ouropimenta avermelhado** era, segundo Sales chamado de **arsénico encarnado** e **rosalgar**, e consistia em ouropigmento amarelo calcinado⁸⁹⁸. Segundo este autor eram os holandeses e os ingleses que mais o comercializavam. Mérimée dava conta que o rosalgar era uma mistura de enxofre e de arsénio, tal como o ouropigmento, sendo que neste caso o arsénio predominava dando uma cor alaranjada⁸⁹⁹. O mesmo autor referia que esta cor parecia menos sólida que o ouropigmento e só poderia ser misturada com pigmentos que não contivessem chumbo, tal como o ocre amarelo⁹⁰⁰. Também Vibert desaconselhava o uso do *reálgar*, um sulfureto de arsénio porque, segundo ele, escurecia e descompunha as cores metálicas⁹⁰¹.

A má reputação deste pigmento pode justificar a sua escassa presença nas fontes documentais consultadas. O rosalgar apenas foi identificado na lista de materiais produzidos pela Universidade de Coimbra, de 1816. Neste documento encontra-se designado também por **vermelho sandarach** e com a indicação de se tratar de um *sulphureto d'arsenico*.

Encontraram-se bastantes referências a **lacas vermelhas** muitas vezes sem especificação sobre a sua constituição. De facto, Mérimée dava conta que o termo *laca* servia originalmente para designar exclusivamente a cor púrpura e carmesim, mas que podia indicar todas as cores preparadas com a combinação de uma matéria corante com uma base que era geralmente alumina⁹⁰². Em 1840, o jornal *O Joven Naturalista* indicava que havia dois tipos de lacas. As naturais, tintas com *gredas brancas* (cré) ou amido, tinham bastante opacidade e *ligeireza*, embora não fossem tão boas como as artificiais. Estas eram obtidas com a combinação de um *alcali com hum licor accido* e, segundo esta fonte, nunca perdiam a cor⁹⁰³. As lacas vermelhas poderiam ser obtidas a partir de corantes vegetais ou animais originado diferentes designações e cores tal como indicava Ferreira de Seabra, em 1814, referindo-se à **laca colombino** e à **laca fina de Veneza**:

*São partes colorantes ou da cochonilha, ou do páo vermelho ou fernanbuco, páo Brazil, ou de outras materias colorantes precipitadas por processos semelhantes aos do carmim. Tomão diversos nomes segundo a intensidade e mesmo a diversa côr que tem*⁹⁰⁴ [...].

Verifica-se assim que as designações destas lacas nada indicam sobre a sua composição. Veja-se que Paillot de Montabert, citando um tratado de miniatura publicado em 1678, em Paris, referia que a *laca colombine* era obtida a partir da madeira da

898 Sales, s. d., Vol. III: 313.

899 Mérimée, 1830: 124.

900 Mérimée, 1830: 124.

901 Vibert, 1891: 287.

902 Mérimée, 1830: 135.

903 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 8: 59.

904 Saldanha, 1814: 5.

árvore de *Fernambouc*⁹⁰⁵ (pau Brasil). Porém, segundo ele, esta laca era obtida a partir da cochinha⁹⁰⁶. Segundo Bouvier, a laca de Veneza era feita de cochinha pura⁹⁰⁷. Paillot de Montabert indicava que todas estas lacas eram preparadas na Europa e justificava assim as diferentes designações da laca de cochinha:

*On a donné divers noms aux laques rouges de cochenille. La laque de Venise doit son origine à cette ville : la laque de Florence doit de même son origine à Florence : la laque plate provient d'Italie : la laque colombine tire son nom du mot colombin, qui signifie couleur de la gorge de colombes : la laque carminée est supposée chargée de beaucoup de principes colorants rouges ; c'est pour cela qu'on la regarde comme étant analogue au carmin : la laque violette est celle qui reçoit cette teinte par l'effet des bois de teinture, avec lesquels elle est préparée*⁹⁰⁸.

De acordo com Assis Rodrigues os professores (da ABAL?) preferiam a laca de Veneza ou da China, sendo que recomendava também a que então se preparava em França⁹⁰⁹. Nos registos de contabilidade da ABAL encontraram-se referências à compra de **laca roxa** em 1848 e 1849. Contudo através destas designações não foi possível identificar de que cor se trata.

Verificou-se que em alguns casos o termo **carmin** servia para designar a cor vermelha tal como indicava João Batista Lucio: *Vulgarmente se nomeia “carmin”, a um pó vermelho-escarlata, ou de cor de roza; porem ha carmins de outras cores*⁹¹⁰ que, segundo o mesmo autor, podiam ser obtidos a partir de várias substâncias⁹¹¹. Porém, geralmente este termo refere-se à **laca de cochinha**. Segundo Assis Rodrigues, a cochinha era um insecto que se criava na América num arbusto chamado figueira da terra, a partir do qual se extraía o carmin e a laca acarminada⁹¹². No jornal *O Panorama*, de 1853, encontrou-se um artigo dedicado à cochinha, assim descrita:

O insecto, que tem no commercio o nome de cochonilha, pertence á ordem dos “Gallinsectos”. Vive e nutre-se de uma planta carnosa do genero “cactus”, nomeada pelos botanicos “Cactus opuntia”, e mais conhecida geralmente sob a designação de Nopal, ou figueira da India [...].

905 Paillot de Montabert, 1829: 281.

906 Paillot de Montabert, 1829: 280.

907 Bouvier, 1827: 25.

908 Paillot de Montabert, 1829: 280.

909 Rodrigues, 1875: 233.

910 Lucio, 1845, Vol. VI: 164.

911 Lucio, 1845, Vol. VI: 163.

912 Rodrigues, 1875: 111.

*O Mexico desfructou por largo tempo o monopolio da producção da cochonilha, de que se faz a bela tinta, que conhecemos sob o titulo de carmim*⁹¹³.

A mesma fonte dava conta que a cochonilha era então também exportada da ilha da Madeira e das Canárias.

Mérimèe referia que o carmim era uma combinação formada pela parte mais brilhante da matéria corante da cochonilha, ligada a uma matéria animal e fixada sobre uma base ácida⁹¹⁴. O mesmo autor indicava que se preparava de diversas formas. A preparação da laca de cochonilha, segundo o jornal *O Joven Naturalista*, era feita através de ácidos, como o *alúmen de Roma*⁹¹⁵ (alúmen de potássio). A mesma fonte indicava que a cochonilha dava dois tipos de laca: a laca carminada e a laca fina, devendo-se dar preferência às que eram de cor *clara e limpa* e resistentes ao sumo do limão ou ao vinagre⁹¹⁶. Ferreira de Seabra indicava que o carmim era obtido a partir da cochonilha da seguinte forma:

*[...] precipitando a decocção d'estes insectos, ricos em partes colorantes de um vermelho cramisim, por meio de pedra ahúme (sulphato ácido d'allunina): este sal não somente dá a sua base (terra de alúmen, allumina) que fixa melhor a côr natural da cochonilha; mas tambem aviva a mesma côr*⁹¹⁷.

No jornal *O Joven Naturalista* indicava-se que o carmim era de um belo vermelho carregado e aveludado⁹¹⁸. Também Assis Rodrigues referia tratar-se de um vermelho brilhante sendo uma cor preciosa para os pintores⁹¹⁹.

Apesar das qualidades de tom, o carmim era descrito como uma cor pouco estável. Picotas Falcão advertia para a sua fraca resistência à luz, informação que teria como base a obra de Vibert, de 1891⁹²⁰. O mesmo havia sido indicado por Mérimèe que o desaconselhava na pintura a óleo, a não ser para pintar flores⁹²¹.

Foram encontradas referências que demonstram a adulteração desta cor. Sales dava conta de que muitas vezes era adicionado urucu ao carmim o que fazia que ficasse com uma cor alaranjada⁹²². Mérimèe referia que o carmim era frequentemente

913 A cochonilha, 1853: 340-341.

914 Mérimèe, 1830: 124.

915 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 7: 53.

916 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 8: 59.

917 Saldanha, 1814: 4.

918 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 8: 59.

919 Rodrigues, 1875: 98.

920 Falcão, 1906: 130.

921 Mérimèe, 130: 129.

922 Sales, s. d., Vol. II: 67.

adulterado com vermelhão⁹²³. Lucio dizia que havia disponível no comércio cochini-
lha de má qualidade, falsificada com *talco de Veneza e bocados de rezina laca, ou
outras materias*⁹²⁴.

O químico e botânico Bernardino António Gomes (1768-1823), num artigo sobre a
produção de cochiniha em Cabo Verde, publicado no jornal *O Recreio*, em 1838,
informava que havia diferentes tipos de cochiniha disponíveis no comércio:

*No commercio da drogaria distingem-se tres especies de cochoni-
lha, uma escura, em pequenos grãos, mais rara e de superior qua-
lidade; outra cinzenta, mais nutrida, ainda de boa qualidade, e a
mais commum; e finalmente uma 3.^a de inferior especie, denomi-
nada silvestre*⁹²⁵.

Em 1853, no jornal *O Panorama* indicava-se que na Europa se utilizavam grandes
quantidades de cochiniha para a pintura que, segundo esta fonte, era comerciali-
zada com preços elevados⁹²⁶.

A laca de cochiniha encontrava-se presente em quase todos os catálogos de fornece-
dores de materiais para pintura identificados. Na listagem dos materiais produzidos
no laboratório químico da Universidade de Coimbra, de 1816, encontrava-se listada
uma laca fina, feita a partir de cochiniha. A companhia Serzedello, segundo o seu
catálogo de 1853, comercializava carmim e cochiniha. Em 1871, a Mander Irmãos
anunciava a venda de dois tipos de carmim, o n.º 1 e o n.º 2, tratando-se possivel-
mente de lacas de cochiniha. Repare-se que no catálogo da companhia inglesa
Winsor & Newton, de 1896, o carmim e o carmim n.º 2 eram indicados como sendo
lacas preparadas com cochiniha⁹²⁷. A Mander Irmãos comercializa ainda a **laca
púrpura** n.º 1 e n.º 2. Segundo Leslie Carlyle, a *purple lake* era, nas fontes inglesas
do século XIX, consistentemente referida como sendo preparada a partir de cochini-
lha⁹²⁸. De facto, no catálogo da Winsor & Newton, de 1896 a laca púrpura é indicada
como sendo *a purple modification of Crimson Lake*, sendo esta última descrita
como uma laca de cochiniha⁹²⁹. É ainda referido no catálogo da Mander Irmãos o
vermelhão carmim que, de acordo com Leslie Carlyle, era uma combinação de
vermelhão e carmim⁹³⁰.

No catálogo de 1904 da companhia Favrel aparecia indicada uma laca carminada e o
carmim natural. No catálogo de cerca de 1913-1920 da mesma companhia encontra-
va-se o carmim de cochiniha e **carmim brulé**, vendido com um preço elevado.

923 Mérimèe, 130: 129.

924 Lucio, 1944, vol. I: 123-124.

925 Gomes, 1838: 154.

926 A cochonilha, 1853: 341.

927 Winsor & Newton, 1896: XXXII.

928 Carlyle, 2001, 502.

929 Winsor & Newton, 1896: XXXIV.

930 Carlyle, 2001, 507.

No mesmo catálogo encontra-se listada a ***laca inglesa***, com a indicação de se tratar de uma mistura de carmim e de óxido de estanho, e a *laca queimada*, a *laca carminada fina* e a *laca carminada ordinária*, indicadas como lacas carminadas calcinadas.

Na documentação de contabilidade das Academias de Belas Artes, encontrou-se uma referência à compra de *laca carminada* para a APBA, em 1837, e de *laca acarminada* em 1849 para a ABAL. Para esta Academia, identificou-se ainda a compra de carmim em 1874.

A **laca de quermes** era obtida a partir de um insecto designado por *Kermes*, *gran de carrasco* ou *cochinilha da Russia*. No dicionário de Sales a *grã de carrasco* era referida como um insecto que se encontrava em Portugal e ao longo das margens do Mediterrâneo que servia para fazer uma *admirável cor escarlate*⁹³¹. O jornal *O investigador portuguez em Inglaterra*, num artigo publicado em 1811, indicava que a cochinha da Rússia era um insecto que depositava os ovos nas raízes de uma planta chamada pelos botânicos de *Polygonum*, podendo encontrar-se ainda nas raízes do medronheiro, da urze ou outras plantas⁹³². A mesma fonte indicava que se houvesse esforços na produção, poderia substituir a cochinha que era muito mais cara.

Segundo um artigo publicado no jornal *O Panorama*, em 1837, o quermes teria então pouco uso em Portugal apesar de ser bastante exportada a partir do Algarve:

*Hoje em dia nenhum uso se faz della em nossas tinturarias, nem talvez seja conhecida, apezar de ministrar o mais bello e fino escarlate. Os estranhos sabem apreciar o seu prestimo: e ainda no anno de 1835 se despacharam para exportação na alfandega de Tavira, 2544 arrates, e em 1836 saíram do mesmo porto 5720 arrates; e na alfandega de Lagos 80 arrates neste anno, saindo por alto quasi outra tanta*⁹³³.

Em 1844, Lucio indicava que o uso em tinturaria da *kermes* ou *alquermes* estava então quase abandonado devido à utilização de cochinha, embora segundo ele, o quermes fornecesse uma cor muito sólida e capaz de obter cores dificilmente conseguidas de outra forma⁹³⁴.

A Mander Irmãos tinha disponível três tipos de *laca Kermes* e três tipos de *laca carmesim Kermes*, embora neste caso estas designações suscitem dúvidas quanto à sua composição.

931 Sales, s. d., Vol. II: 210.

932 Extracto..., 1811: 544.

933 Gran de carrasco ou kermes, 1837: 235.

934 Lucio, 1944, vol. I: 145-146.

A **laca de garança** era extraída da *Rubia tinctorum*, planta também conhecida por ruiva dos tintureiros, garança ou granza, descrita no manual de química e botânica de Silveira Pinto, publicado em 1827, da seguinte forma:

“Rubia tinctorum”, cultiva-se no Levante, e de lá veio para a Europa; a sua raiz é a parte donde se extrahe a sua materia colorante, que é de duas qualidades: a 1.^a amarella carregada, insolúvel na agua, e a 2.^a vermelha viva, igualmente insolúvel: ambas as côres se empregão; e confôrme a qualidade dos mordentes assim apparecem variedades de côres entre o vermelho claro e carregado, e entre o violete claro e tambem carregado; cujas côres são mui pouco inalteraveis⁹³⁵.

Nas fontes consultadas encontraram-se também as designações de **carmim de garança** e de **carmim de ruiva** que, para Paillot de Montabert, eram materiais diferentes. Segundo este autor a primeira era feita com garança *aluminada* enquanto a segunda era obtida a partir da fécula de garança com menos alumina o que dava uma cor menos opaca⁹³⁶.

João Baptista Lucio descrevia com bastante detalhe o processo de cultivo da ruiva dos tintureiros e os diferentes métodos de obtenção da laca de ruiva⁹³⁷.

Bouvier destacava a superioridade das lacas de garança que considerava sólidas e estáveis quando misturadas com outras cores⁹³⁸. Contudo, referia igualmente que havia lacas de garança de diferentes qualidades e que quando não eram devidamente feitas não tinham uma cor pura e nem corpo suficiente, o que obrigava os pintores a dar-lhes uma grande espessura provocando encrostamentos de cor e de óleo visualmente muito desagradáveis⁹³⁹. Mérimèe também destacava as qualidades da laca de garança referindo que era não só a mais sólida das cores extraídas das matérias tintórias, como era também a que dava vermelhos mais puros⁹⁴⁰. Porém Moreau-Vauthier mencionava que a garança era então a única cor necessária que não se tinha ainda conseguido tornar inalterável⁹⁴¹. O mesmo autor dava conta que a garança desaparecia, misturada com branco era absorvida por este e, em velaturas, só resistia se fosse aplicada numa mistura espessa ou em meia pasta⁹⁴².

Em Portugal verificou-se a disponibilidade da garança no comércio através do catálogo de 1853 da companhia Serzedello que então comercializava ruiva de Espanha e ruiva da Holanda.

935 Pinto, 1827: 153.

936 Paillot de Montabert, 1829: 258.

937 Lucio, 1944, vol. I: 5-119.

938 Bouvier, 1827: 21.

939 Bouvier, 1827: 20.

940 Mérimèe, 1830: 144.

941 Moreau-Vauthier, 1913: 192.

942 Moreau-Vauthier, 1913: 193.

Lucio dava conta que os químicos franceses Pierre Robinet e Jean-Jacques Colin haviam conseguido, em 1826, extrair da ruiva os seus princípios corantes que designaram por alizarina e purpurina⁹⁴³. Porém, só em 1868 os químicos alemães Carl Graebe e Carl Liebermann identificaram a fórmula exata da alizarina e a disponibilizam para uso⁹⁴⁴. De acordo com Philip Ball, a alizarina sintética era simultaneamente mais brilhante e mais barata que a sua versão natural⁹⁴⁵. Assim, tal como reportava Fleury, em 1903, o uso da ruiva dos tintureiros diminuía devido à descoberta da alizarina, sendo que todas as lacas vendidas no comércio eram fabricadas a partir de alizarina artificial que tinha a vantagem de fornecer lacas de diferentes cores, vermelha, rosa e púrpura⁹⁴⁶.

De acordo com os catálogos da Favrel, de 1904 e de cerca de 1913-1920, esta companhia vendia simultaneamente lacas de garança e lacas de alizarina artificial. Em ambos os catálogos se encontrava o *carmim de garançe* e sete qualidades de lacas de garança, sendo que, no de cerca de 1913-1920 há a indicação de se tratar de *extratos de garança fixados sobre alumínio*. Esta fonte referencia ainda quatro lacas de alizarina (azul, escarlata, laranja e violeta) feitas a partir da alizarina sintética.

A **laca escarlata**, indicada nos manuais de Manuel de Macedo e no de Picotas Falcão pode ter, de acordo com Sónia Barros dos Santos, diferentes interpretações como iodeto de mercúrio, cochinhilha e vermelhão⁹⁴⁷. No entanto, no catálogo da Favrel, de cerca de 1913-1920, onde aparece listada como *laque écarlate* era indicado tratar-se de *alizarina fixa sobre alumínio*.

De acordo com Maria Eduarda Araújo, o **pau-brasil** provém da árvore *Cesalpinia echinata* existente no Brasil. A mesma autora dava conta de que durante o período de exploração, entre 1501 e o final do século XIX, os troncos das árvores eram cortados e levados para Lisboa e em seguida para Amesterdão, onde eram raspados até se obter o pó a partir do qual se obtinha o corante⁹⁴⁸. O modo de obtenção desta cor foi descrita no dicionário de Sales onde se diz que o pau brasil era pisado num almofariz, posto de molho em vinagre branco, fervido e posto a secar. Contudo este autor refere que o carmim assim obtido não se assemelhava à beleza do carmim obtido a partir da cochinhilha⁹⁴⁹. Sales informava ainda que o pau brasil oriundo de Pernambuco era melhor do que se transportava do Rio de Janeiro ou da Baía⁹⁵⁰. No jornal *O Joven*

943 Lucio, 1944, vol. I: 5-113-114.

944 Melo, et al., 2006: 48.

945 Ball, 2010: 321.

946 Fleury, 1903: 37.

947 Santos, 2012: 391.

948 Araújo, 2006: 43.

949 Sales, s. d., vol. II: 67.

950 Sales, s. d., vol. I: 317.

Naturalista era indicado que a laca de pau brasil tinha um *bello uso*⁹⁵¹. De acordo com Mérimée, a laca de pau brasil era muito brilhante mas não tinha nenhuma solidez⁹⁵².

Taborda fazia referência à **roseta**, cuja receita para a sua preparação havia já sido exposta por Filipe Nunes, em 1615⁹⁵³. Segundo ele era obtida com uma mistura de *raspa de páo Brazil, pedra hume, cal, grá, e gomma Arabia tudo fervido*⁹⁵⁴.

João Baptista Lucio referia que, em 1821, Dingler publicara um processo de purificar a matéria colorante do pau brasil, que descreve detalhadamente⁹⁵⁵. O mesmo autor dava conta que Chevreul designara por brazilina a matéria colorante do pau brasil, descrevendo o processo de a obter⁹⁵⁶.

De acordo com o catálogo de 1853, a companhia Serzedello comercializava pau brasil com a designação de **páo Rainha**.

Segundo Assis Rodrigues o **sangue de dragão**, designado frequentemente por **sangue de drago**, tinha uma cor muito vermelha e consistia numa resina obtida a partir de um arbusto da Índia chamado dragoeira, usada na pintura para fazer verniz⁹⁵⁷. Também de acordo com Fleury, tratava-se de um produto de base resinosa, ou simplesmente de uma resina corada que, após várias manipulações, se vendia em forma de pau ou bolo⁹⁵⁸. Paillot de Montabert descrevia o sangue de dragão como sendo um suco gomoso, friável, com uma cor vermelha como a do sangue coalhado que servia para fazer os vernizes vermelhos⁹⁵⁹. O mesmo autor indicava que se importava da Holanda sangue de dragão falso, de qualidade inferior. Manuel Macedo incluía o sangue de dragão entre as cores a evitar⁹⁶⁰.

Era comercializada pela Serzedello, de acordo com o seu catálogo de 1853, e foi igualmente identificada nas tabelas de preços dos droguistas Joaquim Falcão, de 1894 e 1896 e na de M. Teixeira, também de 1896. A única referência à compra de sangue de dragão foi identificada na lista de materiais adquiridos ao droguista Francisco José de Carvalho para a BNL, em 1864.

A púrpura obtida a partir do molusco do género *Murex* foi, segundo Maria Eduarda Araújo, o corante mais distinto e mais caro de todos os corantes antigos e teria sido deixado de produzir por volta de 1453⁹⁶¹. Assis Rodrigues, no seu dicionário de 1875,

951 *O Joven Naturalista*, 1840, n.º 8: 59.

952 Mérimée, 1830: 136.

953 Nunes e Ventura, [1615] 1982: 65.

954 Prunetti e Taborda, 1815: 270.

955 Lucio, 1944, vol. I: 180-181.

956 Lucio, 1944, vol. I: 185-186.

957 Rodrigues, 1875: 146.

958 Fleury, 1903: 36.

959 Paillot de Montabert, 1829: 296.

960 Macedo, 1898: 12.

961 Araújo, 2006: 49.

ainda referia a púrpura como uma cor *roxo violeta* que se extraía de uma *concha do Mediterraneo*⁹⁶². Em 1906, Picotas Falcão também fazia referência à púrpura natural dizendo, no entanto, que não se encontrava disponível no comércio sendo então substituída por uma tinta artificial designada por **murexida**:

*A purpura que era produzida pela concha de certo marisco não se encontra hoje no mercado por se ter perdido a receita de a fazer, todavia fabrica-se actualmente um produto analogo derivado do acido urico a Murexite*⁹⁶³.

De acordo com Philip Ball, a murexida era uma cor sintética utilizada em meados do século XIX e sintetizada a partir do ácido úrico extraído do guano peruano⁹⁶⁴.

Foi encontrada referência à **purpura de Cassius** na obra de João Baptista Lucio que indicava tratar-se de um óxido de ouro precipitado pelo estanho, fornecendo uma receita detalhada de como a preparar⁹⁶⁵.

Esta cor foi identificada ainda na listagem de materiais produzidos pelo laboratório químico da Universidade de Coimbra, de 1816, onde era designada por **purpura mineral** ou *púrpura de Cassio* e se dizia tratar-se de um *oxydo d'ouro pelo estanho*. No catálogo da Serzedelo, de 1853, encontrava-se listada na secção de produtos químicos, com o nome de *purpura de Cassia*, sendo-lhe atribuído o elevado preço de 2 000 réis por oitava.

Foram encontradas escassas referências à laca de **pau de campeche** nas fontes portuguesas consultadas. De acordo com Maria Eduarda Araújo, esta laca era obtida a partir da madeira da árvore *Haematoxylon campechianum*, e fora introduzida na Europa pelos espanhóis no século XVI que a trouxeram do México⁹⁶⁶. João Baptista Lucio referia que, em 1810, Chevreul descobrira o princípio corante do pau de campeche a que dera o nome de hematina⁹⁶⁷. O mesmo autor fornecia uma receita para preparar a laca violeta, ou púrpura a partir do pau de campeche⁹⁶⁸. No manual de química e botânica, publicado em 1827 por Silveira Pinto, era indicado que a *hematina*, obtida a partir do pau de campeche, tinha as seguintes características:

Ella é soluvel na agua fervente, que adquire a côr vermelha de laranja; passando pelo resfriamento, amarello, cuja côr os acidos

962 Rodrigues, 1875: 313.

963 Falcão, 1906: 129.

964 Ball, 2010: 305.

965 Lucio, 1844, vol. IV: 441-444.

966 Araújo, 2006: 47.

967 Lucio, 1844, vol. I: 202-203.

968 Lucio, 1845, vol. VI: 195.

*fazem aparecer mais depressa, e se elles saõ em excesso a mudaõ em cõr de rosa carregado*⁹⁶⁹.

Paillot de Montabert indicava que a cor da laca violeta obtida do pau de campeche se poderia avivar com a adiçãõ de sulfato de cobre na sua preparaçãõ, mas que a tornava simultaneamente menos durável⁹⁷⁰. Vibert desaconselhava o uso de violeta vegetal obtida a partir do pau de campeche misturado com sais de chumbo⁹⁷¹. Falcãõ tambẽm incluía a laca de pau de campeche na categoria de cores que nãõ se deveriam utilizar por nãõ ser resistente à luz⁹⁷². Em 1886, Manuel de Macedo referia uma **laca violeta**, sem indicar a sua composiçãõ⁹⁷³.

De acordo com o catãlogo da companhia Serzedello, de 1853, o pau de campeche encontrava-se disponível a um preçõ bastante acessível de 800 réis por arroba. No catãlogo da companhia Mander Irmãõs, de 1871, estavam listadas duas qualidades de laca violeta. Igualmente, nos catãlogos da Favrel de 1904 e no de cerca de 1913-1920, encontrava-se a laca violeta, sendo que o segundo apresentava a indicaçãõ de se tratar de uma laca de pau de campeche.

Tal como o pau de campeche tambẽm a **urzela** teve poucas referẽncias nas fontes consultadas. De acordo com Maria Eduarda Araújo, a urzela é um líquen, a *Rocella tinctoria*, que se encontra nas margens do Mediterrãneo, nas ilhas Canárias, bem como, nos arquipélagos dos Açores, da Madeira e de Cabo Verde, do qual se obtinha uma cor vermelha-violácea⁹⁷⁴. Segundo João Baptista Lúcio, havia dois tipos de urzela: a urzela de mar, tambẽm chamada de urzela de erva, e a urzela de terra ou de Alvernia, sendo a primeira de qualidade superior à segunda⁹⁷⁵. O mesmo autor indicava que a urzela de mar se colhia nas Canárias, em Cabo Verde e nos Açores, onde era muito abundante.

Nos catãlogos da companhia Favrel, de 1904 e de cerca de 1913-1920, encontra-se listado o **carmim violeta** com a indicaçãõ, no último, de se tratar de um *extrato de urzella*.

969 Pinto, 1827: 155.

970 Paillot de Montabert, 1829: 265.

971 Vibert, 1891: 291.

972 Falcãõ, 1906: 130.

973 Macedo, 1886: 45.

974 Araújo, 2006: 48.

975 Lucio, 1944, vol. I: 187.

Tabela A8.5 Pigmentos vermelhos modernos

Designação	Datas	Referências
Vermelho de crómio	Descoberta: 1809, Vauquelin	Harley, p. 130
Iodeto de mercúrio	Descoberta do elemento iodo: 1811-1814, Bernard Courtois	Harley, p. 129
Vermelho de antimónio	Produzido: 1842, C. Himly	Gettens e Stout, p. 93
Violeta de cobalto	Descrição da preparação: 1859, Salvétat	Gettens e Stout, p. 109
Alizarina	Isolada da garança: 1826, Colin e Robiquet Sintetizada: 1868, C. Graebe e C. Lieberman	Gettens e Stout, p. 109
Anilina	Sintetizada: 1856, Perkin	Gettens e Stout, p. 108
Violeta de manganês	Preparação: 1868, E. Leykauf	Gettens e Stout, p. 129
Eosina	Produzida: 1871, Caro	Gettens e Stout, p. 114
Ultramarino vermelho	1877, Johannes Zeltner	Gettens e Stout, p. 167

Para além das que foram referidas anteriormente, foram identificadas nas fontes consultadas outras lacas obtidas a partir de corantes sintéticos descobertos ao longo do século XIX. A anilina (malva) foi descoberta pelo químico William Perkin em 1856 e tornou-se o primeiro corante sintético a ser produzido e comercializado⁹⁷⁶. Segundo Leslie Carlyle a *mauve* era, nas fontes inglesas do séc. XIX, frequentemente descrita como fugitiva⁹⁷⁷.

A **laca de malva** aparecia indicada no catálogo da companhia Mander Irmãos, de 1871. No catálogo da Favrel de 1904 encontra-se a **violet mauve** e, no de cerca de 1913-1920, a **púrpura imperial**, descrita como sendo uma laca de anilina.

Na tradução do tratado de Fleury, de 1903, encontra-se referido o **vermelho da Pérsia** ou **eosoma**. Segundo Fleury consistia de um derivado da anilina:

[...] derivado do alcatrão (côr d'anilina), que dá uma substancia muito corante, de grande brilho e bella frescura, mas pouco duradoura, em suma como todos os derivados da hulla, côres chamadas d'anilina que servem principalmente para a falsificação dos vermelhos naturaes⁹⁷⁸.

O vermelho da Pérsia foi listado no catálogo da Mander Irmãos identificado.

O **violeta de cobalto** foi desenvolvido por Salvétat em 1859⁹⁷⁹. De acordo com Bomford, et al. até à sua descoberta os pintores tinham de fazer misturas de pigmentos para obter as cores púrpura e violeta⁹⁸⁰.

⁹⁷⁶ Melo, et al., 2006: 54.

⁹⁷⁷ Carlyle, 2001: 503.

⁹⁷⁸ Fleury, 1903: 37.

⁹⁷⁹ Gettens & Stout, 1966: 109.

⁹⁸⁰ Bomford, et al., 1990: 64.

Encontrava-se indicado na obra de Picotas Falcão com a indicação de se tratar de um fosfato de cobalto⁹⁸¹. De acordo com Vibert, era um fosfato de cobalto misturado com silicato de cobalto, cor que recomendava pelo seu poder de cobertura⁹⁸². Também Fleury destacava esta cor por ser *muitíssimo resistente e fixa como o azul de cobalto*⁹⁸³. Segundo este autor era obtida a partir da *decomposição do sal de cobalto por meio d'um arseniato potássico*.

O violeta de cobalto, encontrava-se indicado no catálogo da companhia Favrel, de cerca de 1913-1920.

Castro Silva indicava o **roza cobalto** sem indicar a sua composição⁹⁸⁴. De acordo com Leslie Carlyle, numa edição de 1901 da obra de Church⁹⁸⁵, o rosa de cobalto e o violeta de cobalto eram indicados como sinónimos, tratando-se de óxidos de magnésio e cobalto cujas diferentes preparações davam diferentes tons⁹⁸⁶.

O **violeta de manganês** foi descoberto em 1868 por E. Leykauf na Alemanha que o designou por violeta de Nurenberg⁹⁸⁷. Em 1906 Picotas Falcão referia-o como **violeta mineral** descrevendo-o como sendo um fosfato de manganês⁹⁸⁸. Esta informação parece ter sido retirada da obra de Vibert onde o autor o recomendava pelo seu poder de cobertura⁹⁸⁹. Também na tradução do tratado de Fleury este violeta, designado por **roxo mineral** ou **roxo de Nuremberg**, era fortemente aconselhado: *Este roxo deviam todos os pintores possuirl-o, porque tem todas as qualidades preciosas, cobre bem, é muito sólido e apresenta nuances diferentes*⁹⁹⁰. De acordo com Bomford, et al., pelo contrário, nem o violeta de cobalto nem o violeta de manganês tinham grande poder de cobertura mas forneciam as cores violetas mais intensas sem recurso a mistura de pigmentos⁹⁹¹.

O violeta mineral encontra-se indicado no catálogo da companhia Favrel, de cerca de 1913-1920.

A variante violeta do azul ultramarino começou a ser fabricada em 1840 por Guimet, tendo o químico alemão Johannes Zeltner, em 1877, patenteado o ultramarino rosa ou vermelho obtido a partir do violeta ultramarino⁹⁹².

981 Falcão, 1906: 131.

982 Vibert, 1891: 291.

983 Fleury, 1903: 49.

984 Silva, 1898: 3.

985 Trata-se da obra *The chemistry of Paints and Painting*, cuja primeira edição foi publicada em Londres, em 1890, por Sir Arthur Herbert Church (Carlyle, 2001: 291).

986 Carlyle, 2001: 505.

987 Gettens & Stout, 1966: 129.

988 Falcão, 1906: 131.

989 Vibert, 1891: 291.

990 Fleury, 1903: 49.

991 Bomford, et al., 1990: 64.

992 Zeltner, 1877.

Apenas foi encontrada referência ao **ultramarino violeta** tradução do tratado de Fleury que o designa por **roxo ultramar**. Segundo este autor esta cor tinha a mesma composição que o azul ultramarino e era *relativamente boa, resistente e fixa*, embora tivesse menos poder de cobertura que as outras cores ultramarinas⁹⁹³. No catálogo da companhia Favrel, de cerca de 1913-1920, estavam indicados o ultramarino violeta e o **ultramarino rosa**, referindo tratar-se de uma mistura de sulfato de sódio e de silicato de alumínio.

O **vermelho de crómio** foi pela primeira vez referido por Vauquelin aquando da sua descoberta do elemento crómio, em 1909, tendo então indicado os diferentes tons que podiam ser obtidos⁹⁹⁴. De acordo com Gettens & Stout pouco se sabe sobre a história deste pigmento, embora seja possível que tenha sido utilizado desde o início do século XIX⁹⁹⁵

Os vermelhos de crómio aparecem indicados na obra Lucio de 1844, com a designação de **cromato de chumbo vermelho alaranjado** e na obra de Castro Silva, de 1898, com a designação de **sub-cromato de chumbo**⁹⁹⁶.

Castro da Silva fazia referência ao **vermelho de prata** designado por **cromato de prata**⁹⁹⁷. De acordo com Eastaugh, et al., trata-se de um pigmento de cor púrpura precipitado a partir de uma mistura de nitrato de prata e de cromato de potássio⁹⁹⁸. Segundo estes autores encontrava-se mencionado em fontes documentais do final do século XIX.

O **Palladium** apenas foi identificado nas publicações de Manuel de Macedo de 1886 e 1895 que o indicava como um bom substituto dos amarelos de crómio alaranjados e escuros⁹⁹⁹. De acordo com Eastaugh, et al. tratava-se de um perclorato de amónio de paládio¹⁰⁰⁰.

Foi identificada uma única referência ao **vermelho de antimónio** na tradução do tratado de Fleury que o designa por **vermelhão d'antimónio**¹⁰⁰¹. Segundo Eastaugh, et al., a composição deste pigmento não está absolutamente esclarecida embora indiquem tratar-se de um trióxido de enxofre de antimónio¹⁰⁰². Gettens &

993 Fleury, 1903: 49.

994 Harley, 2001: 130.

995 Gettens & Stout, 1966: 106.

996 Silva, 1898: 4.

997 Silva, 1898: 4.

998 Eastaugh, et al, 2004: 343.

999 Macedo, 1886; 45; [Macedo]a, 1895: 23.

1000 Eastaugh, et al., 2004: 289.

1001 Fleury, 1903: 36.

1002 Eastaugh, et al., 2004: 17.

Stout afirmam ter sido produzido pela primeira vez em 1842¹⁰⁰³. No manual de química do restauro de Mauro Matteini e Arcangelo Moles indica-se que o vermelho de antimónio tinha também a designação de laranja de antimónio e que teria sido usado na pintura desde a segunda metade do século XIX até ao início do século XX, tendo sido depois substituído pelos pigmentos laranjas e vermelhos de cádmio¹⁰⁰⁴.

1003 Gettens & Stout, 1966: 93.

1004 Matteini & Moles, 1998: 43.

Anexo 9

Terminologia de pigmentos e cores referidos em fontes impressas escritas em português

1. AMARELOS E LARANJAS

Designações	Referências
<i>ocre claro; ochra clara</i>	1615; 1712-1728; 1738; 1749; 1761-73; 1814; 1815; 1818; 1860; 1871-73; 1875; 1885; 1893; 1895a; 1895b; 1898; 1906
<i>ocre escuro; ochra escura</i>	1615; 1712-1728; 1738; 1749; 1761-73; 1787; 1814; 1815; 1840; 1875; 1885; 1895a; 1898; 1906
<i>ocre dourado</i>	1712-1728; 1738; 1761-73
<i>ocre; ocre commua; ocre commum ocre amarelo</i>	1729; 1749; 1787, 1815; 1825; 1875; 1886 1801; 1818; 1840; 1898b; 1903
<i>ocre de rue; ocre de ruth; ocre da rua; ocre de rut; ocre de Rhu</i>	1787; 1794; 1801; 1875; 1895a
<i>ocre queimado</i>	1794; 1885; 1895a; 1898
<i>ochre clara de Roma</i>	1817
<i>ochre escura de Roma</i>	1817
<i>amarello de montanha</i>	1871-73
<i>ocre natural</i>	1898c
<i>amarelo de Berry</i>	1898c
<i>amarello de marthe</i>	1898c; 1903
<i>laranja de marthe</i>	1898c
<i>amarelos Mexico</i>	1903
<i>laca de ferro (óxido de ferro)</i>	1906
<i>masicote; macicote; massicote; massicot</i>	1615; 1738; 1749; 1761-73; 1794; 1814; 1817; 1840; 1841; 1844-45; 1875; 1884; 1885; 1886; 1895a; 1898b; 1906; 1913
<i>massicote alaranjado</i>	1615; 1712-1728; 1749; 1814; 1817
<i>maquim; machim</i>	1615; 1738; 1815; 1875
<i>massicote claro; massicote amarelo claro (flavo)</i>	1712-1728; 1738; 1787; 1814
<i>massicote dourado; massicote escuro; massicote amarelo carregado</i>	1738; 1787; 1814; 1817
<i>genolim; genoli; jenolim</i>	1738; 1749; 1814; 1818; 1875
<i>auripigmento; auripigio; ouro pimenta; ouro pimente; orpiment</i>	1615; 1712-1728; 1749; 1761-73; 1787; 1801; 1814; 1817; 1818; 1844-45; 1860; 1863; 1875; 1893; 1898b; 1903
<i>ouropimenta claro</i>	1787
<i>ouropimenta escuro</i>	1787
<i>ouro pimento junquilha</i>	1801
<i>orpin; orpim</i>	1794; 1840; 1844-45

Designações	Referências
<i>amarelo da Russia</i>	1860; 1893
<i>amarelo rei</i>	1860; 1893
<i>oiro-pigmento</i>	1886
<i>amarelo real</i>	1903
<i>jaldolino; jaldelino; jarolino; ialde; yalde; jalde; yal-lino; flor de yalde</i>	1615; 1712-1728; 1738; 1749; 1761-73; 1801; 1814; 1815; 1817; 1875; 1886
<i>amarelo de Napoles; amarelo de Naples</i>	1787; 1794; 1801; 1814; 1818; 1821; 1840; 1841; 1844-45; 1860; 1871-73; 1885, 1886; 1893; 1895a; 1898; 1898b; 1903; 1906
<i>jalde de Napoles</i>	1871-73; 1875
<i>amarelo de linho</i>	1886
<i>antimonio; amarelo de antimonio</i>	1886; 1898b
<i>amarelo indiano</i>	1885; 1886; 1895a; 1898; 1898b; 1903; 1906
<i>rom</i>	1712-1728; 1738; 1749; 1814; 1817
<i>rohão</i>	1729
<i>gomma guta; goma gutta; guta gamba; gutta-gamba; goma gute</i>	1749; 1761-73; 1787; 1788; 1794; 1814; 1815; 1817; 1860; 1875; 1882; 1893; 1903; 1906; 1913
<i>gotigambar</i>	1818
<i>açafrão; açafroa; amarelo de assafrão; amarelo de açafirão</i>	1615, 1712-1728; 1738; 1749; 1794; 1818; 1840, 1844-45; 1860; 1893; 1898b; 1906
<i>açafrão de França</i>	1729
<i>terra merita</i>	1761-73; 1840; 1844-45
<i>curcuma</i>	1761-73; 1844-45; 1893; 1898b
<i>raiz de açafirão das índias; assafram das Índias</i>	1761-73; 1840
<i>laca de curcuma</i>	1825; 1863
<i>amarelo de curcuma</i>	1844
<i>gaude; gauda</i>	1825; 1827; 1844-45; 1858; 1863; 1906
<i>lacca de lírio</i>	1844-45; 1903
<i>amarelo de lírio</i>	1844-45
<i>lyrio; lírio dos tintureiros</i>	1860; 1885b; 1893
<i>lacca amarella</i>	1895a; 1903
<i>lacca amarella de lyrio</i>	1898b
<i>gran d'Avinhão; graã de Avinhão graines d'avignon; gran d'Avinham</i>	1761-73; 1794; 1801; 1840; 1844-45; 1858; 1860; 1863; 1893; 1906
<i>stil de Troyes; amarelo de Froyes</i>	1787; 1860; 1893
<i>stil de grain (claro)</i>	1801; 1840; 1868; 1885, 1898; 1898b; 1906
<i>almagre de flandres (Dutch pink)</i>	1825
<i>grão da Persia</i>	1844-45; 1858
<i>amarelo de grão de avinhão</i>	1844-45
<i>pedra de fel</i>	1787; 1794; 1814; 1875
<i>fel de anguia</i>	1814
<i>fel de boi</i>	1898c
<i>lacca de quercitron</i>	1844-45
<i>amarelo de quercitron</i>	1844-45

Designações	Referências
<i>quercitronio</i>	1858; 1893
<i>amarello francez</i>	1844-45
<i>amarelo mineral</i>	1898c; 1903
<i>amarello de chromio; amarello de chromo</i>	1844-45; 1863; 1885; 1886; 1895a; 1895b; 1898; 1898b; c. 1900; 1903
<i>amarello de collonia, amarello de Colonia</i>	1844-45; 1898b
<i>cromato de chumbo</i>	1844-45; 1867; 1885b
<i>amarello novo ou de Inglaterra; amarello inglez</i>	1844-45; 1886; 1898b; 1913
<i>amarello Spooner</i>	1903
<i>amarello de Paris</i>	1903
<i>amarello imperial</i>	1903
<i>amarelo de Leipzig</i>	1903
<i>amarello brilhante</i>	1886; 1898b
<i>amarelo de zinco</i>	1844-45; 1906
<i>amarello botão d'ouro</i>	1903
<i>estronciana; amarello de strociana</i>	1885b; 1886; 1895a; 1898; 1906
<i>cadmium; amarello de cadmio</i>	1895a; 1898; 1898b; 1906
<i>amarello de cobalto ou aureolina</i>	1895a; 1898

2. AZUIS

Designações	Referências
<i>cinzas; cinzas azuis; cinza azul</i>	1615; 1712-1728; 1749; 1787; 1840; 1844-45; 1868; 1875; 1886; 1898c
<i>azul de Castela</i>	1615; 1712-1728; 1875
<i>azul de Sevilha</i>	1712-1728; 1738; 1761-73
<i>cinzas azuis de Inglaterra</i>	1814; 1818; 1875
<i>azul montanha; azul de montanha</i>	1875; 1903
<i>azul mineral</i>	1903
<i>esmalte; azul de esmalte; azul de smalt</i>	1615; 1712-1728; 1738; 1749; 1761-73; 1787; 1794; 1815; 1818; 1844-45; 1875; 1886; 1898; 1903
<i>lápiz falso</i>	1761-73
<i>ultramar da Holanda</i>	1761-73
<i>esmalte de Veneza</i>	1818
<i>cobalto beneficiado, azul de oleiros, azul de esmalte</i>	1825
<i>azul escuro</i>	1903
<i>azul de rei</i>	1903
<i>anil</i>	1729; 1712-1728; 1749; 1761-73; 1787; 1794; 1814; 1818; 1825; 1844-45; 1858; 1860; 1863; 1875; 1882; 1885; 1885b; 1886; 1893; 1906; 1913
<i>indigo</i>	1814; 1840; 1875; 1885; 1886; 1895a; 1895b; 1898; 1898b; c. 1900; 1901; 1903; 1906; 1913

Designações	Referências
<i>carmim de anil; carmim de indigo</i>	1844-45; c. 1900
<i>azul de Saxonia</i>	1844-45
<i>anil da India</i>	1858
<i>azul inglez</i>	1794; 1864; 1860; 1871-1873; 1895a; 1895b
<i>lapis azul; pedra azul; lapis- lazúli; lazulite</i>	1712-1728; 1738; 1749; 1761-73; 1794; 1814; 1818; 1840; 1875; 1885; 1886; 1898b; 1903
<i>ultramarino; azul ultramarino; ultramar</i>	1712-1728; 1738; 1749; 1761-73; 1787; 1794; 1801; 1814; 1815; 1818; 1859; 1868; 1875; 1885; 1886; 1898a; 1898b; 1906; 1813
<i>azul oriental</i>	1761-73
<i>azul da França</i>	1875
<i>azul ultramarino artificial; ultramar artificial</i>	1898a; 1903
<i>azul permanente</i>	1898a
<i>azul Guimet</i>	1903
<i>azul ultramar natural</i>	1903
<i>flor de anil</i>	1749; 1817; 1860; 1875; 1886; 1893; 1898; 1813
<i>azul da Prussia</i>	1761-73; 1787; 1788; 1794; 1801; 1814; 1817; 1818; 1825; 1840; 1844-45; 1860; 1863; 1868; 1875; 1882; 1885b; 1886; 1893; 1895a; 1898; 1898b; c. 1900; 1903; 1913
<i>azul de Berlim</i>	1761-73; 1801; 1814; 1818; 1875; 1898; 1903
<i>azul da Alemanha</i>	1801; 1817
<i>prussiato de ferro</i>	1801
<i>azul mar</i>	1817; 1913
<i>azul de Antuérpia</i>	1885; 1886; 1895a; 1895b; 1898a; 1906
<i>azul Turnbull</i>	1885b
<i>azul prussiano</i>	1893; 1898a
<i>azul mineral</i>	1898b
<i>azul ferrete</i>	1913
<i>azul de cobalto, cobalto, azul de cobalt</i>	1844-45; 1871-1873; 1885; 1886; 1898a; 1898b; 1903; 1906
<i>azul Thenard</i>	1885b

3. BRANCOS

Designações	Referências
<i>alvayade; alvaiade</i>	1615; 1712-1728; 1749; 1761-73; 1787; 1788; 1794; 1801; 1815; 1817; 1818; 1825; 1844-45; 1860; 1863; 1875; 1884; 1885; 1893; c. 1900; 1913
<i>alvaide genovisco</i>	1615; 1712-1728; 1738; 1761-73
<i>alvaiade comum</i>	1712-1728; 1738; 1761-73
<i>alvaiade de Escalla</i>	1712-1728; 1738; 1761-73
<i>branco de chumbo; alvaiade de chumbo; carbonato de chumbo</i>	1787; 1840; 1868; 1885; 1885b; 1886; 1844-45; 1898b; 1903; 1906

Designações	Referências
<i>alvaiade fino; alvaiade fino de Veneza</i>	1794; 1814
<i>cerusa; céruse; cerusa de Roma</i>	1801; 1840; 1844-45
<i>cerusa de Crems; branco de krems; alvaiade de krems</i>	1840; 1895a; 1903
<i>branco de prata</i>	1875; 1885; 1886; 1898; 1903; 1906
<i>alvaiade de Veneza; branco de Veneza</i>	1818; 1875
<i>branco de Hamburgo</i>	1875
<i>branco de Holanda</i>	1875
<i>alvaiade de Clichy</i>	1903
<i>branco de Espanha; branco de Bugival</i>	1794; 1814; 1840; 1844-45; 1860; 1875; 1885; 1893; c. 1900; 1903; 1913
<i>branco de Ruão</i>	1794
<i>branco de cré</i>	1903
<i>cré</i>	1903
<i>branco de Meudon</i>	1903
<i>branco de Troia</i>	1903
<i>casca d'ovos</i>	1794; 1814
<i>ossos de pés de carneiro</i>	1814
<i>ossos calcinados brancos</i>	1868
<i>branco de zinco; alvaiade de zinco</i>	1848; 1850; 1859; 1868; 1875; 1884; 1885; 1885b; 1886; 1895a; 1898; 1898b; 1903; 1906
<i>branco de neve</i>	1859
<i>branco da China</i>	1885; 1886; 1898; 1906
<i>oxydo de zinco</i>	c. 1900
<i>alvaiade alvissimo</i>	1903
<i>branco de trema</i>	1903
<i>sulfato de barita; sulfato de baryo</i>	1898c; c. 1900; 1903
<i>branco fixo</i>	1903
<i>branco do tyrol</i>	1903
<i>branco metallico</i>	1903
<i>branco de tungstato</i>	1903

4. CASTANHOS

Designações	Referências
<i>sombra de Cintra; terra de Cintra</i>	1615; 1712-1728; 1738; 1749; 1761-73
<i>terra sombria; terra de sombra; sombra; pedra de sombra</i>	1761-73; 1794; 1801; 1818; 1840; 1844-45; 1846; 1858; 1860; 1885; 1893; 1895b; 1898b; 1903; 1906
<i>umbria</i>	1885; 1886; 1895a; 1895b
<i>sombra de Italia; terra de Italia; terra d'Italia natural</i>	1729; 1787; 1801; 1840; 1875; 1885; 1886; 1898b; 1906
<i>terra sena; terra de Sienna</i>	1817; 1846; 1885; 1886; 1895a; 1895b; 1898; 1906
<i>terra de Verona</i>	1846

Designações	Referências
<i>terra de Lienne natural; terra de Sienne natural</i>	1893; 1898b; 1903
<i>terra de Sienne calcinada</i>	1898c; 1903
<i>terra d'Italia calcinada</i>	1898c
<i>castanho manganês, terra de manganês</i>	1903
<i>sombra de colônia; terra de colonia</i>	1712-1728; 1738; 1749; 1761-73; 1787; 1814; 1817; 1818; 1846; 1863; 1875; 1895a; 1895b
<i>sombra de colonia queimada</i>	1814
<i>sombra de oliveiros; sombra de oliveira</i>	1814; 1817
<i>sombra queimada</i>	1860
<i>terra de Cassel</i>	1885; 1895a; 1895b; 1898; 1903; 1906
<i>castanho Van-Dyck; vandyke</i>	1885; 1886; 1895a; 1898; 1903; 1906
<i>terra de Cassel calcinada</i>	1898c
<i>bitume da Judêa; pez pudaico; betume da Judêa; betume judaico</i>	1761-73; 1841; 1895a; 1913
<i>betume, bitume</i>	1761-73; 1841; 1875; 1885; 1886; 1895a; 1898; 1906
<i>espalto; negro de espato</i>	1815; 1818; 1875
<i>asphalto; asphaltum; asphal</i>	1863; 1875; 1885; 1886; 1895a; 1898, c. 1900
<i>mumia</i>	1886; 1895a; 1898
<i>escuro egípcio; castanho egípcio</i>	1886; 1895a
<i>bistre; bistro</i>	1615; 1729; 1749; 1787; 1794; 1814; 1875; 1885; 1886; 1895a; 1898; 1898b; 1906
<i>stil de Inglaterra</i>	1787
<i>styl de grain calcinado, escuro</i>	1840; 1886; 1895a; 1898
<i>lacca escura de gran; Brown madder</i>	1895
<i>Brown pink</i>	1895a
<i>sepia</i>	1875; 1886; 1906
<i>castanho da Prussia</i>	1903
<i>cappa, kappah</i>	1885; 1886; 1895a; 1898; 1906
<i>castanho indiano</i>	1886; 1895a; 1898
<i>castanho de café</i>	1906
<i>castanho de chicória</i>	1906

5. PRETOS E CINZENTOS

Designações	Referências
<i>negro de marfim; poz de marfim; preto de marfim</i>	1712-1728; 1738; 1787; 1794; 1801; 1814; 1818; 1840; 1860; 1863; 1875; 1884; 1885; 1886; 1898; 1898b; 1903; 1906; 1913
<i>osso queimado</i>	1615; 1749; 1801
<i>negro de osso; negro de ossos, poz de osso; preto de osso</i>	1712-1728; 1749; 1787; 1794; 1801; 1840; 1844-45; 1868; 1885; 1886; 1895a; 1895b; 1898b; 1903; 1906
<i>carvão animal; negro animal</i>	1844-45; 1884; 1885b
<i>osso de presunto</i>	1885; 1886; 1898; 1906

Designações	Referências
<i>negro de carvão; preto de carvão</i>	1712-1728; 1738; 1749; 1761-73; 1794; 1840, 1875; 1898; 1898b; 1903; 1913
<i>carvão vegetal</i>	1844; 1885b
<i>negro da Alemanha; preto d'Allemanha</i>	1787; 1797; 1840; 1875; 1898C; 1903
<i>negro de Francforte</i>	1794
<i>negro de Veneza</i>	1794
<i>preto de Italia</i>	1817
<i>negro de Roma</i>	1818
<i>preto de vide; carvão de vides</i>	1840; 1886; 1898; 1906; 1913
<i>preto de Paris</i>	1863
<i>negro de vinho</i>	1898b
<i>preto d'Anvers</i>	1903
<i>negro de pêssego; negro de caroços de pêcegos</i>	1787; 1794; 1801; 1840; 1844-45; 1906; 1913
<i>negro de pêche; negro de pesca</i>	1898b
<i>preto de caroço</i>	1906
<i>negro de cortiça</i>	1787; 1906
<i>negro de Hespanha</i>	1794; 1875
<i>preto de caffè</i>	1886
<i>negro de pós</i>	1738
<i>negro de fumo; preto de fumo</i>	1749; 1787; 1794; 1814; 1840; 1844-45; 1860; 1863; 1875; 1882; 1884; 1885; 1886; 1893; 1898b; c. 1900; 1903; 1906; 1913
<i>negro de fumo da Alemanha</i>	1794
<i>pós de escodar</i>	1794; 1814
<i>fumo de pez</i>	1818
<i>pós de sapatos</i>	1818; 1825; 1844-45; 1898b; 1858; c. 1900; 1913
<i>negro de chaminé</i>	1860; 1893
<i>negro leve</i>	1903
<i>terra ampelite; terra negra; terra preta</i>	1712-1728; 1761-73; 1885; 1886; 1906
<i>negro de lapiz</i>	1712-1728; 1738; 1749; 1761-73
<i>preto de chumbo</i>	1886; 1895a
<i>negro de composição</i>	1840
<i>preto composto</i>	1898c
<i>cinzento de marthe</i>	1898b
<i>cinzento de Van-Dick</i>	1898b
<i>cinzento vermelho</i>	1898b
<i>cinzento de payne</i>	1898

6. VERDES

Designações	Referências
<i>verdete</i>	1615; 1712-1728; 1729; 1738; 1749; 1761-73; 1787; 1794; 1815; 1818; 1825; 1840; 1858; 1860; 1875; 1882; 1893; 1898b; c. 1900; 1903
<i>verdete raspado</i>	1738
<i>verde pulverizado</i>	1761-73
<i>verde estilado; verde estildado; verde destilado; verdete distillado</i>	1749; 1787; 1788; 1794; 1817; 1898b
<i>crystaes de Venus</i>	1794
<i>verde-gris</i>	1840; 1863; 1898
<i>verde cristalizado</i>	1794; 1898c; 1913
<i>verde de montanha; verde montanha</i>	1615; 1712-1728; 1738; 1749; 1761-73; 1787; 1794; 1814; 1815; 1818; 1825; 1840; 1844-45; 1868; 1875; 1898b
<i>malachita</i>	1844-45
<i>verde da Hungria</i>	1898c
<i>cinzas verdes; cinza verde</i>	1712-1728; 1738; 1818; 1844-45; 1868; 1898b
<i>cinzas verdes de Inglaterra</i>	1814
<i>cinzas esverdeadas</i>	1875
<i>terra verde; verde terra</i>	1615; 1738; 1712-1728; 1749; 1761-73; 1787; 1801; 1815; 1840; 1860; 1875; 1885; 1893; 1898; 1903; 1906
<i>verdaxo; verdacho</i>	1615; 1712-1728; 1738; 1749; 1814; 1815; 1875; 1895a; 1895b
<i>terra verde de Verona; verde de Verona</i>	1794; 1818; 1875; 1898b; 1903
<i>verde de bexiga; verde bexiga</i>	1615; 1712-1728; 1729; 1738; 1749; 1761-73; 1787; 1794; 1814; 1815; 1817; 1818; 1840; 1875; 1893; 1898b
<i>Sap-green</i>	1886
<i>verde d'iris; verde iris</i>	1615; 1787; 1794; 1814; 1875; 1898c; 1906
<i>verde lirio; verde de Lirios</i>	1615; 1712-1728; 1729; 1738; 1749; 1761-73; 1814
<i>verde gayo, verdegai (saxon green); verde-gaio</i>	1738; 1825; 1875
<i>verde de saxonia</i>	1787; 1844-45
<i>verde-Saxe</i>	1898b
<i>lacca verde</i>	1844; 1895a
<i>verde de avinhão</i>	1801
<i>verde de cobalto</i>	1886; 1898; 1898b; 1906
<i>verde zinco</i>	1903
<i>verde de Scheele</i>	1884; 1885; 1885b; 1886; 1898; 1903; 1906
<i>verde mineral</i>	1858
<i>verde de Viena</i>	1884
<i>verdaccio</i>	1886
<i>verde imperial</i>	1895a; 1895b; 1898b
<i>esmeraldino (emerald green)</i>	1825
<i>verde schueinfurt; schweinfurth; schweinfurt</i>	1844-45; 1885b; 1903

Designações	Referências
<i>verde de Paulo Veronez</i>	1885; 1906
<i>verde veronez</i>	1886
<i>verde inglês</i>	1844-45; 1884; 1898b; 1903; 1913
<i>verde escuro inglês</i>	1895a; 1895b
<i>óxido verde de chromio; verde de chromio; verde chromo</i>	1844-45; 1848; 1898; 1898b
<i>verde esmeralda</i>	1844-45; 1863; 1886; 1898; 1898b; 1903; 1906
<i>verde Guignet</i>	1903
<i>verde Panetier</i>	1903
<i>verde da Prússia</i>	1898c
<i>ultramar verde</i>	1859
<i>verde mar</i>	1903
<i>verde de azeitona</i>	1886

7. VERMELHOS E VIOLETAS

Designações	Referências
<i>sinopera; sinopla; sinoble; sinople</i>	1615; 1712-1728; 1738; 1749; 1761-73; 1794; 1817; 1844-45; 1875; 1885; 1886; 1895a; 1895b
<i>almagra; almagre</i>	1615; 1712-1728; 1738; 1749; 1761-73; 1815; 1817; 1825; 1875; 1885; 1886; 1895a; 1895b
<i>terra roxa; terra rosa</i>	1615; 1749; 1903
<i>roxo terra</i>	1712-1728; 1738; 1761-73; 1898b
<i>vermelho de Inglaterra; vermelho escuro de Inglaterra; almagre inglês; ruge de Inglaterra</i>	1787; 1794; 1814; 1844-45; 1860; 1893; 1898b; c. 1900; 1903
<i>ferrete de Espanha</i>	1787
<i>terra vermelha (Light-red)</i>	1794; 1885; 1898
<i>açafrão de marthe</i>	1794; 1818; 1820; 1871-1873
<i>ocre vermelho; ochra vermelha</i>	1801; 1814; 1840, 1863, 1882; 1885, 1898, 1906
<i>almagre de Roma</i>	1817
<i>roxo rey; roxo rei</i>	1817; 1860; 1885; 1886; 1893; 1895a; 1895b; 1898b; 1906
<i>vermelho da Prússia</i>	1818; 1840; 1860; 1893; 1898b
<i>vermelhão de Roma; vermelhão romano</i>	1841; 1913
<i>calcothar</i>	1844-45
<i>caput mortuumm</i>	1844-45; 1895a; 1898
<i>terra sigillada</i>	1846
<i>vermelho indiano; vermelho da Índia</i>	1885; 1886; 1898; 1898b; 1906
<i>vermelho de Veneza</i>	1885; 1886; 1898; 1906
<i>terra vermelha italiana; terra vermelho de itália</i>	1886; 1895a; 1895b
<i>almagre francez</i>	1898c
<i>vermelho de Berry</i>	1898c
<i>vermelho de marthe</i>	1898; 1898b; 1903

Designações	Referências
<i>violeta de marthe</i>	1898c; 1903
<i>vermelho de d'Anvers</i>	1903
<i>lacca de ferro (óxido de ferro)</i>	1906
<i>vermelhão; vermilhão</i>	1615; 1712-1728; 1729; 1738; 1749; dp, 1753; 1787; 1794; 1801; 1814; 1815; 1817; 1818; 1840; 1844-45; 1858; 1860; 1875; 1893; 1895a; 1898b; 1903; 1906
<i>cinabro; cinabre; cinábrio</i>	1738; 1761-73; 1787; 1801; 1818; 1840; 1844-45; c. 1900
<i>vermelhão da China</i>	1875; 1885; 1886; 1895a; 1895b; 1898; 1898b; 1903; 1906; 1913
<i>vermelho da Holanda; cinabre de hollandia</i>	1844-45; 1860; 1875; 1885; 1893; 1895a; 1895b; 1898b; 1913 1844-45; 1885; 1886; 1898
<i>vermelhão inglês</i>	1898c
<i>zarquão; zarcão; azarcão; zarcam</i>	1615; 1712-1728; 1738; 1749; 1761-73; 1794; 1814; 1815; 1817; 1818; 1844-45; 1858; 1863; 1875; 1884; 1885; 1886; 1895a; 1895b; 1898b; 1903; 1906
<i>minium; Mínió</i>	1738; 1761-73; 1787; 1815; 1818; 1840; 1844-45; 1863; 1875; 1884; 1885; 1886; 1898b; c. 1900; 1903; 1906
<i>vermelho de Saturno</i>	1898
<i>encarnado de Saturno</i>	1898c
<i>rosalgar; rezalgar</i>	1712-1728; 1761-73; 1844-45; 1893
<i>ouro pimenta avermelhado</i>	1761-73; 1801; 1886
<i>lacra; lacre; lacca; lacar</i>	1615; 1712-1728; 1738; 1749; 1761-73; 1787; 1815; 1817; 1840; 1860; 1886
<i>lacca fina</i>	1794; 1801; 1886
<i>lacca colombina; lacca colombino</i>	1794; 1814
<i>carmim; carmesim; carmina; carmezim</i>	1615; 1712-1728; 1729; 1738; 1749; 1761-73; 1787; 1788; 1794; 1801; 1814; 1815; 1817; 1825; 1840; 1844-45; 1858; 1860; 1863; 1867; 1875; 1882; 1886; 1893; 1898; 1903; 1913
<i>coconilha; coxinilha; cochonilha; cochenilha</i>	1615; 1712-1728; 1738; 1749; 1761-73; 1787; 1794; 1814; 1815; 1818; 1825; 1844-45; 1858; 1860; 1863; 1875; 1885b; 1893; c. 1900; 1906
<i>lacca fina de Veneza; carmim de Veneza; lacarubra</i>	1814; 1818; 1840
<i>lacca purpura de Cochonilha; lacca de cochonilha</i>	1844-45
<i>carmim da China; lacca de Veneza ou da China</i>	1844-45; 1875
<i>escarlata de cochenilha; carmesim de cochenilha; Carmim de cochonilha</i>	1844; 1898b
<i>carmim da Índia</i>	1844-45
<i>kermes (animal)</i>	1868
<i>lacca de carmim</i>	1885b; 1893
<i>grã</i>	1615; 1712-1728; 1738; 1818; 1875
<i>graã de carrascos; grã de carrasco; cochonilha da carrasqueira</i>	1761-73; 1871-1873
<i>grã alquermes (Kermes)</i>	1825

Designações	Referências
<i>escarlata de kermes</i>	1844-45
<i>kermes vegetal</i>	1863
<i>lacca de garanza</i>	1615; 1749; 1815; 1817; 1863; 1885; 1886; 1906
<i>lacca de ruiva</i>	1787; 1815; 1844-45; 1863; 1885; 1886; 1898; 1898b; 1903; 1906
<i>grança; ruiva; ruiva dos tintureiros</i>	1825; 1860; 1863; 1885b
<i>vermelho de Turquia</i>	1844-45; 1860; 1893
<i>vermelho de ruiva; carmesim de ruiva; carmim de ruiva</i>	1844-45; 1898b; 1903
<i>escarlata de ruiva</i>	1844-45
<i>lacca purpura</i>	1844-45; 1886; 1906
<i>garancina</i>	1868
<i>carmim de garança</i>	1885; 1906
<i>lacca escarlate</i>	1885; 1886, 1906
<i>Brown Madder</i>	1898
<i>pao Brazil; pau do Brazil</i>	1615; 1712-1728; 1738; 1761-73; 1788; 1794; 1815; 1818; 1825; 1844-45; 1860; 1885b; 1893; 1913
<i>páo da rainha</i>	1749; 1818; 1825
<i>páo de Pernambuco</i>	1825
<i>madeira do brasil</i>	1840; 1901; 1906
<i>lacca de páo Brazil</i>	1844-45
<i>vermelho de páu Brazil; escarlate de páo brazil; carmim de páo Bazil</i>	1844-45
<i>sangue de drago; sangue de dragão</i>	1738; 1749; dp, 1753; 1794; 1818; 1860; 1863; 1875; 1898; 1898b; 1903
<i>purpura</i>	1875; 1898c; 1906
<i>murexite</i>	1906
<i>púrpura de cassius</i>	1820; 1844-45
<i>campeche</i>	1761-73; 1794; 1818; 1858; 1882; 1885b
<i>páo de campeche, páo de tinta</i>	1825, 1844-45; 1860; 1863, c. 1900; 1906; 1913
<i>lacca de pau de campeche</i>	1844-45
<i>vermelho-carmezim de páo campeche</i>	
<i>lacca violeta</i>	1886; 1903; 1906
<i>orsella; orzela; urzella</i>	1825; 1844-45; 1863; 1868; 1885b
<i>vermelho de orzela</i>	1844-45
<i>roza cobalto</i>	1898b
<i>roxo de cobalto</i>	1903
<i>violeta de cobalto</i>	1906
<i>roxo mineral</i>	1903
<i>roxo de Nuremberg</i>	1903
<i>violeta mineral</i>	1906
<i>roxo ultramar</i>	1903
<i>cromato de prata</i>	1898b
<i>cromato de chumbo vermelho alaranjado</i>	1844-45
<i>vermelho de cromio</i>	1898; 1898b

Designações	Referências
<i>sub-chromato de chumbo</i>	1898b
<i>palladium; paladium</i>	1886; 1895a
<i>vermelhão d'antimónio</i>	1903
<i>vermelho da Persia ou eosoma</i>	1903

REFERÊNCIAS:

- 1615: Nunes, F.
1712-1728: Bluteau
1729: Fortes, M.
1738: Pacheco, J.
1749: Almada, J. L. B.
1761-73: Sales, A. J. de
1787: Sampayo, D. C.
1788: Sampayo, D. C.
1794: *Segredos...*
1801: Dufresnoy e Ferreira
1814: Saldanha, J. M.
1815: Prunetti e Machado
1817: Silva, R. F. da
1818: Montón, B. de
1821: *Annaes Das Sciencias, Das Artes, E Das Letras...*
1825: Laycock
1827: Pinto, A. A. da S.
1840: *O Jovem Naturalista*
1844-45: Lucio, J. B.
1846: Boubée
1848: Revista popular
1850: Sá, S. J. R.
1858: *Nova Collecção de Receitas...*
1859: Pimentel, D'O.
1860: Vieira, A de S.
1863: Mattos, M. A. de
1868: *Tratado de commercio e navegação...*
1871-1873: Vieira, D.
1875: Rodrigues, F. de A.
1882: Decio, T.
1884: *Chimica Inorganica*
1885: Macedo, M.
1885b: Progamma das disciplinas...
1886a: Macedo, M.
1893: Vieira, A. da S.
1895a: [Macedo, M.]a
1895b: [Macedo, M.]c
1898a: Macedo, M.
1898b: Silva, F. L. C. da
c. 1900: Lael, S.
1901: Trindade
1903: Fleury, P.
1906: Falcão, A. G. P.
1913: *Manual de Receitas...*

Anexo 10

Pigmentos e cores disponibilizados no comércio¹⁰⁰⁵

1. LABORATORIO CHIMICO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, 1816

Sobre os trabalhos em grande que no Laboratorio Chimico da Universidade poderão praticar-se com utilidade do Público, e com maiores vantagens do mesmo Estabelecimento...

Dr. Thomé Rodrigues Sobral

Jornal de Coimbra, Vol. IX, n.º XLVII, Parte I, Lisboa: Na Impressão Regia, pp. 293-312.

Cor	Composição química	Designação
amarelo	<i>oxydo amarelo de chumbo</i>	<i>massicot</i>
	<i>oxydo de ferro amarelo</i>	<i>ochra</i>
	<i>sulphureto d'arsenico</i>	<i>amarelo auripigmento</i>
azul	<i>prussiato de ferro</i>	<i>azul de Berlim, azul da Prússia, flor d'anil</i>
	<i>oxydo de cobalto vitrificado</i>	<i>esmalte, azul de cobalto</i>
	<i>sua dissolução em acido sulphurico</i>	<i>indigo</i>
		<i>cinzas azuis, cinzas d'Inglaterra</i>
branco	<i>oxydo de chumbo branco pelo acido acetico</i>	<i>alvaiade</i>
verde	<i>Oxydo de cobre pelo ac. acetico</i>	<i>verdete</i>
		<i>cinzas verdes</i>
vermelho		<i>laccas finas (cochonilha)</i>
	<i>sulphureto de mercúrio pelo fogo</i>	<i>vermelho cinabrio</i>
	<i>oxydo d'antimonio sulfurado vermelho</i>	<i>kermes mineral</i>
	<i>oxydo de ferro verm, pelo fogo</i>	<i>açafrão adstringente</i>
	<i>oxydo de chumbo vermelho</i>	<i>mínio ou zarcão</i>
	<i>oxydo d'ouro pelo estanho</i>	<i>purpura mineral, p. de Cassio</i>
	<i>sulphureto d'arsenico</i>	<i>vermelho sandarach, rosalgar</i>

¹⁰⁰⁵ Os preços indicados até 1911 encontram-se em réis, depois dessa data, em escudos.

2. SERZEDELLO & C.^a, 1853

Lista de Drogas, Tintas e Productos Chimicos que se vendem no Largo do Corpo Santo nos Armazens n.os 6, 7, 8, 9 pertencentes a Serzedello & C.^a.

Lisboa: Typ. Castro & Irmão.

Cor	Designação	Peso/preço
amarelo	<i>Açafrão</i>	Arrátel/6:000
	<i>Amarello Chrome</i>	Arrátel/240
	<i>Flor de Jalde</i>	Arrátel/600
	<i>Gomma Gutta</i>	Arrátel/1:200
	<i>Jalde lino</i>	Arrátel/400
	<i>Jalde queimado</i>	Arrátel/480
	<i>Maciccotte</i>	Arrátel/200
	<i>Maquim</i>	Arrátel/160
	<i>Oca de França</i>	@ 700
	<i>Oca de Portugal</i>	@ 400
	<i>Ouro (pimenta)</i>	Arrátel/600
	<i>Páo amarello</i>	@ 700
	<i>Páo fostete</i>	@ 2:400
azul	<i>Anil de Hespanha</i>	Arrátel/1:900
	<i>Anil da India</i>	Arrátel/1:200
	<i>Anil de marcas</i>	Arrátel/400
	<i>Anil do Rio</i>	Arrátel/1:100
	<i>Azul Chrome</i>	Arrátel/300
	<i>Azul ultramarino</i>	Arrátel/1:000
	<i>Cinzas azuis</i>	Arrátel/900
	<i>Esmalte</i>	Arrátel/200
	<i>Flor d'Anil ordinaria</i>	Arrátel/400
	<i>Flor d'Anil 1.^a sorte</i>	Arrátel/1:100
	<i>Flor d'Anil 2.^a sorte</i>	Arrátel/800
	<i>Carmim d'Anil</i>	Arrátel/800
	branco	<i>Alvaiade ordinario</i>
<i>Alvaiade 1.^a sorte</i>		@ 2:200
<i>Alvaiade de Veneza</i>		@ 3:000
castanho	<i>Betume judaico</i>	Arrátel/300
	<i>Sombra de Colonia</i>	@ 2:000
	<i>Sombra de Oliveira</i>	Arrátel/80
	<i>Terra do Senna</i>	Arrátel/200
	<i>Terra do Senna queimada</i>	Arrátel/240
preto	<i>Pós de çapatos</i>	Arrátel/90
	<i>Pós d'ossos qq. ou carvão animal</i>	@ 600
	<i>Pós d'ossos qq. lavados</i>	Arrátel/60
	<i>Preto d'Italia</i>	Arrátel/240

Cor	Designação	Peso/preço
verde	<i>Cinzas verdes</i>	Arrátel/480
	<i>Verdaxo</i>	Arrátel/180
	<i>Verde Bexiga</i>	Arrátel/2:400
	<i>Verde Chrome Inglez</i>	Arrátel/260
	<i>Verde Distillado</i>	Arrátel/800
	<i>Verde Imperial</i>	Arrátel/480
	<i>Verde Montanha</i>	Arrátel/380
	<i>Verdete em pães</i>	Arrátel/340
	<i>Verdete em pó</i>	Arrátel/440
vermelho e violeta	<i>Almagre ordinario, ou Rôxo Terra</i>	@ 800
	<i>Almagre de Roma</i>	@ 1:400
	<i>Carmim</i>	Onç. 1:600
	<i>Cinabrio nativo</i>	Arrátel/3:000
	<i>Cochonilha</i>	Arrátel/1:800
	<i>Páo Campeche</i>	@ 800
	<i>Páo Rainha</i>	@1:600
	<i>Roxo-rei</i>	Arrátel/140
	<i>Ruiva de Hespanha</i>	Arrátel/140
	<i>Ruiva de Hollanda</i>	Arrátel/190
	<i>Sangue de Drago</i>	Arrátel/960
	<i>Sinopla</i>	Arrátel/360
	<i>Vermelhão fino da China</i>	Arrátel/1:800
	<i>Vermelhão fino d'Hollanda</i>	Arrátel/1:800
	<i>Zarcão ou Minio</i>	Arrátel/60
<i>Purpura de Cassia</i>	Oit. /2:000	

3. MANDER IRMÃOS, 1871

Mander Irmaões Fabricantes de Vernizes de todas as classes para Companhias de Caminhos de Ferro, Fabricantes de carruagens, decoradores, etc., etc.

Lisboa: Imprensa Nacional.

Cor	Designação	Peso
amarelo	<i>Laca</i>	<i>Lb inglesa</i>
	<i>Croma, extra pallido, pallido, meio forte e extra forte n.º 1</i>	<i>Lb inglesa</i>
	<i>Croma, pallido medio e forte n.º 2</i>	<i>Lb inglesa</i>
	<i>Croma, pallido medio e forte n.º 3</i>	<i>Lb inglesa</i>
	<i>“Permanet”</i>	<i>Lb inglesa</i>
	<i>Napolitano</i>	<i>Quintal inglês</i>

Cor	Designação	Peso	
azul	<i>Laca</i>	<i>Lb inglesa</i>	
	<i>Azul da China, pallido e forte</i>	<i>Lb inglesa</i>	
	<i>Azul da Prussia n.º 1</i>	<i>Lb inglesa</i>	
	<i>Azul da Prussia n.º 2</i>	<i>Lb inglesa</i>	
	<i>Ultramarinos</i>	<i>Lb F. A.</i>	
	<i>Ultramarinos</i>	<i>Lb A.</i>	
	<i>Ultramarinos</i>	<i>Lb B.</i>	
	<i>Ultramarinos</i>	<i>Lb C.</i>	
	<i>Ultramarinos</i>	<i>Lb D.</i>	
	<i>Ultramarinos</i>	<i>Lb E.</i>	
	<i>Ultramarinos</i>	<i>Lb F.</i>	
	<i>Ultramarinos</i>	<i>Lb G.</i>	
	<i>Ultramarinos</i>	<i>Lb H.</i>	
	<i>Ultramarinos</i>	<i>Lb K.</i>	
	<i>Ultramarinos</i>	<i>Lb L.</i>	
	<i>Ultramarinos</i>	<i>Lb M.</i>	
	<i>Ultramarinos</i>	<i>Lb N.</i>	
	<i>Ultramarinos</i>	<i>Lb O.</i>	
		<i>Cal n.º 1</i>	<i>Quintal inglês</i>
		<i>Cal n.º 2</i>	<i>Quintal inglês</i>
branco	<i>Flake</i>	<i>Quintal inglês</i>	
	<i>Zinco</i>	<i>Quintal inglês</i>	
	<i>Kremnitz</i>	<i>Lb inglesa</i>	
	<i>Alvaiade secco</i>	<i>Quintal inglês</i>	
castanho	<i>Laca n.º 1</i>	<i>Lb inglesa</i>	
	<i>Sombra turca</i>	<i>Lb inglesa</i>	
	<i>Sombra turca queimada</i>	<i>Lb inglesa</i>	
	<i>Sombra ingleza</i>	<i>Lb inglesa</i>	
	<i>Terra de Senna</i>	<i>Lb inglesa</i>	
	<i>Terra de Senna queimada</i>	<i>Lb inglesa</i>	
	<i>Purpura castanha, pallido e forte</i>	<i>Lb inglesa</i>	
	<i>Castanho Hespanhol</i>	<i>Lb inglesa</i>	
	<i>Castanho VandyKe</i>	<i>Lb inglesa</i>	
preto	<i>Negro grano, ou negro marfim</i>	<i>Lb inglesa</i>	
	<i>Negro azul</i>	<i>Quintal inglês</i>	
	<i>Vegetal</i>	<i>barril de 7lb inglesas barril de 4lb inglesas</i>	
	<i>Negro de fumo</i>	<i>quintal solto em pacotes de ½ e ¼ lb</i>	

Cor	Designação	Peso
verde	<i>Laca</i>	<i>Lb inglesa</i>
	<i>Verde “New Royal” pallido, medio, forte e extra forte</i>	<i>Lb inglesa</i>
	<i>Esmeralda n.º 1</i>	<i>Lb inglesa</i>
	<i>Esmeralda n.º 2</i>	<i>Lb inglesa</i>
	<i>Esmeralda n.º 3</i>	<i>Lb inglesa</i>
	<i>“Brunswick” pallido medio e forte n.º 1</i>	<i>Lb inglesa</i>
	<i>“Brunswick” pallido medio e forte n.º 2</i>	<i>Lb inglesa</i>
	<i>“Brunswick” pallido medio e forte n.º 3</i>	<i>Lb inglesa</i>
	<i>“Brunswick”, imitando esmeralda, pallido medio, forte e extra forte</i>	<i>Lb inglesa</i>
	<i>Croma pallido medio, forte e extra forte</i>	<i>Lb inglesa</i>
	<i>Verdete</i>	<i>Lb inglesa</i>
	<i>“Quaker” pallido medio e forte</i>	<i>Lb inglesa</i>
	<i>Bronze pallido, medio e forte</i>	<i>Lb inglesa</i>
	<i>Verdegriz pulverizado</i>	<i>Lb inglesa</i>
	<i>Verdegriz crystallizado</i>	<i>Lb inglesa</i>
	<i>Mineral</i>	<i>Lb inglesa</i>
	vermelho e violeta	<i>Carmim n.º 1</i>
<i>Carmim n.º 2</i>		<i>Onça inglesa</i>
<i>Laca, Kermes n.º 1</i>		<i>Lb inglesa</i>
<i>Laca, Kermes n.º 2</i>		<i>Lb inglesa</i>
<i>Laca, Kermes n.º 3</i>		<i>Lb inglesa</i>
<i>Laca, carmezim Kermes n.º 1</i>		<i>Lb inglesa</i>
<i>Laca, carmezim Kermes n.º 2</i>		<i>Lb inglesa</i>
<i>Laca, carmezim Kermes n.º 3</i>		<i>Lb inglesa</i>
<i>Vermelhão, pallido</i>		<i>Lb inglesa</i>
<i>Vermelhão escuro</i>		<i>Lb inglesa</i>
<i>Vermelhão da China</i>		<i>Lb inglesa</i>
<i>Vermelhão, carmim</i>		<i>Lb inglesa</i>
<i>Roxo veneziano</i>		<i>Quintal inglês</i>
<i>Vermelho da India, pallido e forte</i>		<i>Quintal inglês</i>
<i>Vermelho da China</i>		<i>Lb inglesa</i>
<i>Vermelho da Persia</i>		<i>Lb inglesa</i>
<i>Almagre n.º 1</i>		<i>Lb inglesa</i>
<i>Laca [violeta] n.º 1</i>		<i>Lb inglesa</i>
<i>Laca [violeta] n.º 2</i>		<i>Lb inglesa</i>
<i>Laca [púrpura] n.º 1</i>		<i>Lb inglesa</i>
<i>Laca [púrpura] n.º 2</i>		<i>Lb inglesa</i>
<i>Laca Mauve</i>		<i>Lb inglesa</i>

4. DAVID XAVIER COHEN, 1880

Bases para Orçamentos... Lisboa: Typographia de Gutierrez, pp. 181-182.

Cor	Designação	Preço (por 1 Kg)
amarelo	<i>Amarello inglez</i>	450
	<i>Occas</i>	60
azul	<i>Azul ultramar</i>	800
	<i>Flor de anil em pó</i>	3.000
branco	<i>Alvaiade de chumbo</i>	180
	<i>Alvaiade de zinco</i>	200
castanho	<i>Sombra de colonia em pó</i>	240
	<i>Terra de Sienne queimada</i>	300
preto	<i>Pós de sapatos</i>	160
verde	<i>Verde inglez</i>	240
	<i>Verde imperial</i>	400
	<i>Verdete</i>	900
vermelho e violeta	<i>Almagre</i>	80
	<i>Roxo rei</i>	240
	<i>Roxo terra</i>	60
	<i>Vermelhão fino da China</i>	3.400
	<i>Zarcão</i>	160

5. DAVID XAVIER COHEN, 1896

Bases para Orçamentos... Lisboa: José Antonio Rodrigues – Editor, pp. 522-524.

Cor	Designação	Preço (por 1 Kg)
amarelo	<i>Amarello inglez em pó</i>	320
	<i>Ocre amarello em pó</i>	60
azul	<i>Azul ultramarino</i>	340
	<i>Flor de anil em pó</i>	1.500
branco	<i>Alvaiade de chumbo em massa, 1.^a qualidade</i>	180
	<i>Alvaiade de chumbo em massa, 2.^a qualidade</i>	160
	<i>Alvaiade de chumbo em pó</i>	160
	<i>Alvaiade de zinco em pó</i>	180
castanho	<i>Sombra de Colonia crua, em pó</i>	160
	<i>Sombra de Colonia queimada, em pó</i>	200
	<i>Terra de Sienne crua e carcela, em pó</i>	190
	<i>Terra de Sienne queimada em pó</i>	200
preto	<i>Pó de sapato</i>	280
	<i>Pós de sapatos</i>	160
verde	<i>Verde inglez em pó</i>	120
	<i>Verde imperial em pó</i>	400
	<i>Verde peruviano em pó</i>	4.000

Cor	Designação	Preço (por 1 Kg)
vermelho e violeta	<i>Almagre francez em pó</i>	50
	<i>Almagre inglez em pó</i>	60
	<i>Colcothar ou vermelho inglez em pó</i>	600
	<i>Roxo rei em pó</i>	120
	<i>Roxo terra em pó</i>	50
	<i>Vermelhão inglez em pó</i>	1.500
	<i>Zarcão em pó</i>	150
	<i>Tintas preparadas a oleo</i>	260

6. JOAQUIM M. P. FALCÃO, 1894

Tabella de preços para a Direcção especial de Edifícios Publicos e Faroes

Ministério das Obras Públicas, mç. 489, cota: PT/TT/MOPCI/DEPFM-01-03-03.2/1114,
Acessível no ANTT.

Cor	Designação	Preço (por 1 Kg)
amarelo	<i>Amarello chromo</i>	600
	<i>Amarello inglez torrado</i>	340
	<i>Amarello lusitano</i>	160
	<i>Ocre lavada (franceza)</i>	100
	<i>Occa nacional</i>	60
azul	<i>Anil de Java</i>	3.800
	<i>Azul da Prussia</i>	640
	<i>Azul ultramar</i>	380
	<i>Anil (flôr)</i>	1.100
branco	<i>Alvaiade de zinco, em massa extra</i>	200
	<i>Alvaiade de chumbo A em massa marca Elephante</i>	180
	<i>Alvaiade de chumbo em pó</i>	140
	<i>Alvaiade de zinco em pó</i>	150
castanho	<i>Sombra de colonia</i>	170
preto	<i>Pó de marfim</i>	100
	<i>Pó de sapatos de Franhfort</i>	400
	<i>Pó de sapatos em cartuchos</i>	260
	<i>Preto d'Italia</i>	400
verde	<i>Verde inglez claro</i>	100
	<i>Verde imperial</i>	360
	<i>Verde bronze americano</i>	400
	<i>Verdete (em pó ou pedra)</i>	600

Cor	Designação	Preço (por 1 Kg)
vermelho e violeta	<i>Vermelhão da China</i>	2.200
	<i>Vermelhão de Hollanda</i>	1.200
	<i>Zarcão</i>	110
	<i>Almagre de Roma</i>	120
	<i>Almagre inglez</i>	80
	<i>Carmim n.º 40</i>	20.000
	<i>Rôxo-rei</i>	80
	<i>Roxo terra</i>	50
	<i>Sangue de drago</i>	1.800
	<i>Vermelhão turco</i>	1.600
	<i>Tintas preparadas em latas</i>	120

7. JOAQUIM M. P. FALCÃO, 1896

Tabella de preços de tintas e artigos para pintura do fornecedor Joaquim M. P. Falcão
Ministério das Obras Públicas, mç. 510, cota: PT/TT/MOPCI/DEPFM-01-03-03.2/1723,
Acessível no ANTT.

Cor	Designação	Preço (por 1 Kg)
amarelo	<i>Amarello chromo</i>	600
	<i>Amarello claro</i>	550
	<i>Amarello torrado</i>	340
	<i>Amarelo para cal</i>	180
	<i>Occa lavada</i>	100
	<i>Occa nacional</i>	60
azul	<i>Azul da Prussia</i>	600
	<i>Azul ultramar 1.ª</i>	480
	<i>Azul ultramar 2.ª</i>	380
branco	<i>Alvaiade de zinco em massa extra</i>	200
	<i>Alvaiade de chumbo em massa de 1.ª</i>	200
	<i>Alvaiade de chumbo em massa de 2.ª</i>	180
	<i>Alvaiade de zinco em pó</i>	180
castanho	<i>Sombra de colonia</i>	180
	<i>Sombra de oliveira</i>	180
	<i>Terra de sienne queimada</i>	180
	<i>Terra de sienne crua</i>	170
	<i>Terra de carcella</i>	150
preto	<i>Preto de Italia</i>	480
	<i>Pó de sapatos inglez</i>	280

Cor	Designação	Preço (por 1 Kg)	
verde	<i>Verde bronze em pó</i>	240	
	<i>Verde inglez claro</i>	120	
	<i>Verde inglez escuro</i>	120	
	<i>Verde inglez cal</i>	360	
	<i>Verde peruviano</i>	100	
Vermelho e violeta	<i>Almagre de Roma</i>	100	
	<i>Almagre inglês</i>	80	
	<i>Roxo terra</i>	60	
	<i>Roxo de Roma</i>	180	
	<i>Roxo rei</i>	100	
	<i>Sangue de drago</i>	1.800	
	<i>Vermelhão francez</i>	1.300	
	<i>Vermelhão de Hollanda</i>	1.200	
	<i>Vermelhão da China</i>	80	
	<i>Zarcão 1.^a</i>	140	
	<i>Zarcão 2.^a</i>	110	
		<i>Tintas inglesas em massa (todas as cores)</i>	300
		<i>Tintas para desenho (bisnagas)</i>	300

8. ANTONIO CARVALHO JUNIOR, 1896

Tabella de preços de tintas e artigos para pintura do fornecedor Antonio Carvalho Junior

Ministério das Obras Públicas, mç. 510, cota: PT/TT/MOPCI/DEPFM-01-03-03.2/1723, Acessível no ANTT.

Cor	Designação	Preço (por 1 Kg)
amarelo	<i>Amarello chromo</i>	580
	<i>Amarello claro inglez</i>	540
	<i>Amarello torrado</i>	320
	<i>Amarelo para cal</i>	180
	<i>Occa lavada</i>	100
	<i>Occa nacional</i>	60
azul	<i>Azul da Prussia</i>	600
	<i>Azul ultramar 1.^a</i>	480
	<i>Azul ultramar 2.^a</i>	360
branco	<i>Alvaiade de zinco em massa extra</i>	200
	<i>Alvaiade de chumbo em massa de 1.^a</i>	200
	<i>Alvaiade de chumbo em massa de 2.^a</i>	180
	<i>Alvaiade de chumbo em pó</i>	150
	<i>Alvaiade de zinco em pó</i>	180

Cor	Designação	Preço (por 1 Kg)
castanho	<i>Sombra de colonia</i>	180
	<i>Sombra de oliveira</i>	180
	<i>Terra de sienne queimada</i>	180
	<i>Terra de sienne crua</i>	170
	<i>Terra de carcella</i>	150
preto	<i>Preto de Italia</i>	480
	<i>Pó de sapatos inglez</i>	280
verde	<i>Verde bronze em pó</i>	240
	<i>Verde inglez claro</i>	120
	<i>Verde inglez escuro</i>	120
	<i>Verde inglez cal</i>	300
	<i>Verde peruviano</i>	100
Vermelho e violeta	<i>Almagre de Roma</i>	100
	<i>Almagre inglez</i>	80
	<i>Roxo terra</i>	60
	<i>Roxo rei n.º 1</i>	180
	<i>Sangue de drago</i>	1.800
	<i>Vermelhão francez</i>	1.500
	<i>Vermelhão de Hollanda</i>	1.100
	<i>Vermelhão da China</i>	80
	<i>Zarcão 1.ª</i>	140
	<i>Zarcão 2.ª</i>	110
	<i>Tintas inglesas em massa (todas as cores)</i>	300
	<i>Tintas para desenho (bisnagas)</i>	300

9. M. B. B. TEIXEIRA, 1896

Tabella de preços de tintas e artigos para pintura do fornecedor Joaquim M. P. Falcão
 Ministério das Obras Públicas, mç. 510, cota: PT/TT/MOPCI/DEPFM-01-03-03.2/1723,
 Acessível no ANTT.

Cor	Designação	Preço (por 1 Kg)
amarelo	<i>Amarello inglez chromo</i>	600
	<i>Amarello lusitano</i>	170
	<i>Ocre nacional</i>	60
	<i>Ocre francez</i>	100
azul	<i>Azul ultramar 2.ª</i>	400
	<i>Azul ultramar 1.ª</i>	500
	<i>Azul ultramar finíssimo (usado em carruagens)</i>	800

Cor	Designação	Preço (por 1 Kg)
branco	<i>Alvaiade de chumbo de 2.^a moido a oleo</i>	180
	<i>Alvaiade de chumbo de 1.^a moido a oleo</i>	200
	<i>Alvaiade de chumbo AAA marca Cysne moido a oleo (este alvaiade é chimicamente puro)</i>	300
	<i>Alvaiade de zinco em massa de 2.^a</i>	180
	<i>Alvaiade de zinco em massa de 1.^a</i>	200
	<i>Alvaiade de zinco (chimicamente puro)</i>	260
	<i>Alvaiade de zinco em pó de 3.^a</i>	160
	<i>Alvaiade de zinco em pó de 2.^a</i>	180
	<i>Alvaiade de zinco em pó de 1.^a (chimicamente puro)</i>	260
castanho	<i>Sombra de colonia em pó fino</i>	200
	<i>Sombra de oliveira</i>	200
	<i>Terra de carcela em pó fino</i>	200
	<i>Terra de Sienne em pó fino</i>	200
preto	<i>Preto de Italia</i>	480
	<i>Pó de sapatos inglez</i>	280
verde	<i>Verde inglez claro de 1.^a</i>	200
	<i>Verde inglez escuro de 1.^a</i>	200
	<i>Verde inglez escuro muito fino Wagon (proprio para carruagens)</i>	600
	<i>Verde peruviano de 3.^a</i>	100
	<i>Verde peruviano de 2.^a</i>	120
	<i>Verde peruviano de 1.^a</i>	160
	<i>Verde para cal de 2.^a</i>	400
	<i>Verde para cal de 1.^a</i>	600
Vermelho e violeta	<i>Almagre inglês</i>	80
	<i>Almagre de Roma</i>	100
	<i>Roxo rei inglez</i>	200
	<i>Vermelhão francez</i>	1.000
	<i>Vermelhão de hollandez fino</i>	1.800
	<i>Vermelhão chinez legitimo</i>	2.400
	<i>Vermelhão chinez legitimo</i>	120

10. JOAQUIM M. P. FALCÃO, 1897*Preços de tintas e artigos para pintura*

Ministério das Obras Públicas, mç. 489, cota: PT/TT/MOPCI/DEPFM-01-03-03.2/1114, Acessível no ANTT.

Cor	Designação	Preço (por 1 Kg)
amarelo	<i>Amarello inglese chromo</i>	500
	<i>Amarello inglese de 1.^a</i>	400
	<i>Amarello inglese de 2.^a</i>	300
	<i>Amarello lusitano</i>	160
	<i>Ocre franceza</i>	55
	<i>Ocre franceza lavada</i>	80
azul	<i>Azul ultramar fino extra</i>	600
	<i>Azul ultramar fino de 1.^a</i>	400
	<i>Azul ultramar fino de 2.^a</i>	300
branco	<i>Alvaiade de chumbo moido a oleo marca cysne AA</i>	240
	<i>Alvaiade de chumbo moido a oleo marca A 1.^a</i>	180
	<i>Alvaiade de chumbo moido a oleo marca B 2.^a</i>	160
	<i>Alvaiade de zinco em pó 1.^a qualidade</i>	170
	<i>Alvaiade de zinco em pó 1.^a qualidade</i>	160
castanho	<i>Terra de senne em pó, fina, crua</i>	140
	<i>Terra de senne queimada, em pó, fina</i>	140
	<i>Terra de carcella em pó, fina</i>	140
preto	<i>Preto de Italia</i>	80
verde	<i>Verde inglese claro de 1.^a</i>	160
	<i>Verde inglese claro de 2.^a</i>	100
	<i>Verde inglese escuro de 1.^a</i>	170
	<i>Verde inglese escuro de 2.^a</i>	120
	<i>Verde inglese bronze extra</i>	280
	<i>Verde para cal de 1.^a</i>	450
	<i>Verde para cal de 2.^a</i>	300
	<i>Verde peruviano de 1.^a</i>	140
	<i>Verde peruviano de 2.^a</i>	110
vermelho e violeta	<i>Almagre de Roma</i>	80
	<i>Almagre inglês</i>	80
	<i>Roxo rei</i>	90
	<i>Roxo rei Franch-fort</i>	140
	<i>Vermelhão francez</i>	1.200
	<i>Vermelhão da China</i>	2.400
	<i>Vermelhão hollandez</i>	800
	<i>Zarcão 1.^a</i>	130
	<i>Zarcão 2.^a</i>	100

11. FAVREL LISBONENSE, 1904

Tintas em côres finas, fixas de 1.ª qualidade, (Tubos) Para pintura em tela, decoração, etc.[Marca Lefranc]

Varella, J. N., *Catalogo da Favrel Lisbonnense*, pp. 45-47

Cor	Designação	Preço
amarelo e laranja	<i>Jaume de chrome foncé</i>	340
	<i>Jaume de chrome foncé</i>	140
	<i>Jaume de chrome foncé</i>	100
	<i>Jaume de chrome Clair</i>	100
	<i>Jaume de Napoles</i>	100
	<i>Jaume brilhante</i>	120
	<i>Jaume brilhante</i>	180
	<i>Jaume de cadmiun foncé</i>	380
	<i>Jaume de cadmiun clair</i>	380
	<i>Jaume indian</i>	300
	<i>Laque Jaune</i>	160
	<i>Rouge de Saturne (orange)</i>	120
	<i>Ocre</i>	100
	<i>Ocre jaune</i>	140
	<i>Ocre doré</i>	140
	<i>Ocre ór</i>	140
azul	<i>Bleu cobalt</i>	300
	<i>Bleu outremer français</i>	300
	<i>Bleu outremer français</i>	200
	<i>Bleu outremer français</i>	160
	<i>Bleu prusse fine</i>	180
	<i>Bleu prusse fine</i>	160
	<i>Blue verona</i>	200
	<i>Blue mineral</i>	340
	<i>Blue nouveau</i>	300
	<i>Blue permanent</i>	300
<i>Blue chine</i>	340	
branco	<i>Branc d'argent n.º 10</i>	320
	<i>Branc d'argent n.º 9</i>	240
	<i>Branc d'argent n.º 3</i>	120
	<i>Branc Plomb</i>	120

Cor	Designação	Preço
castanho	<i>Terre de Sienne Naturelle</i>	120
	<i>Terre de Sienne Cassel</i>	120
	<i>Terre de Sienne ombre brûlée</i>	120
	<i>Terre de Sienne ombre naturelle</i>	120
	<i>Terre de Sienne</i>	120
	<i>Bitume</i>	120
	<i>Broum red</i>	160
	<i>Brun Van-Dyck</i>	120
	<i>Brun Van-Dyck</i>	160
	<i>Ocre romaine</i>	140
	<i>Ocre brume</i>	140
preto	<i>Noir d'ivoire</i>	120
	<i>Noir Bougie</i>	120
verde	<i>Terre de Sienne Vert</i>	120 e 240
	<i>Laque Vert</i>	160
	<i>Laque vert palee</i>	300
	<i>Cinabre vert faune n.º 3</i>	300
	<i>Cinavre vert clair</i>	200
	<i>Vert cinabre moigen</i>	340
	<i>Vert cinabre foncé</i>	340
	<i>Vert emerande</i>	220
	<i>Vert emerande</i>	260
	<i>Vert chrome anglais</i>	340
	<i>Vert chrome anglais</i>	340
	<i>Vert chrome anglais</i>	340
	<i>Vert chrome anglais</i>	160
	<i>Vert veronese</i>	160
	<i>Vert cobalt</i>	260
	<i>Vert gris</i>	260
	<i>Vert veronese</i>	380

Cor	Designação	Preço (por 1 Kg)
vermelho e violeta	<i>Laque garance fonce</i>	300
	<i>Laque garance rosé</i>	300
	<i>Laque garance fine</i>	200
	<i>Laque ordinaire</i>	140
	<i>Laque garance</i>	220
	<i>Laque violette</i>	180
	<i>Laque carminée</i>	300
	<i>Carmin violette</i>	300
	<i>Carmin naturelle</i>	280
	<i>Carmin garance</i>	300
	<i>Garance rose</i>	300
	<i>Rose doré</i>	300
	<i>Violette mars</i>	240
	<i>Lilá</i>	300
	<i>Vermillon</i>	260
	<i>Vermillon Chine</i>	180
	<i>Vermillon Chine</i>	200
	<i>Vermillon Chine</i>	260
	<i>Cinabre</i>	160
	<i>Rouge indien</i>	160
<i>Rouge venise</i>	160	
<i>Ocre rouge</i>	140	

12. FAVREL LISBONENSE, c. 1913-1920

Tintas de 1.ª qualidade em tubos,

Para pintura a óleo, photo-pintura e photo-miniatura

São as preferidas pelos principais artistas devido à especial fabricação e à garantia das cores inalteráveis. [Marca Lefranc]

Varella, J. N., *A Favrel Lisbonnense* [catálogo], pp. 65-67.

Cor	Composição química das cores	Designação das cores	Preço de cada tubo	
amarelo e laranja	<i>Chromato de chumbo e cyanureto de ferro</i>	<i>Cinabre jaune 1, 2, 3</i>	\$18	
	<i>Carbonato e chromato de chumbo</i>	<i>Jaune brillant</i>	\$10	
	<i>Sulfureto de cadmium</i>	<i>Jaune de cadmium clair</i>	\$35	
	<i>Sulfureto de cadmium</i>	<i>Jaune de cadmium foncé</i>	\$35	
	<i>Sulfureto de cadmium</i>	<i>Jaune de cadmium orange</i>	\$35	
	<i>Chromato de chumbo</i>	<i>Jaune de chrome clair</i>	\$10	
	<i>Chromato de chumbo</i>	<i>Jaune de chrome foncé</i>	\$10	
	<i>Chromato de chumbo</i>	<i>Jaune de chrome orange</i>	\$10	
	<i>Exanthemato de magnésio</i>	<i>Jaune indian</i>	\$36	
	<i>Oxido de ferro precipitado</i>	<i>Jaune de Mars</i>	\$18	
	<i>Antimo.to de chumbo e sulf.to de cal</i>	<i>Jaune de Naples</i>	\$10	
	<i>Antimo.to de chumbo e sulf.to de cal</i>	<i>Jaune de Naples vert</i>	\$10	
	<i>Lacca de baga da Persia</i>	<i>Laque jaune</i>	\$09	
		<i>Ocre jaune</i>	\$08	
		<i>Oxido de ferro e aluminio</i>	<i>Ocre d'or</i>	\$15
		<i>Chromato de barita</i>	<i>Outremer jaune</i>	\$18
	<i>Oxido de chumbo</i>	<i>Rouge de Saturne (orange)</i>	\$10	
azul	<i>Cyanureto de ferro</i>	<i>Bleu de Chine</i>	\$12	
	<i>Stannato de cobalto</i>	<i>Bleu caeruleum</i>	\$30	
	<i>Aluminato de cobalto</i>	<i>Bleu de cobalt</i>	\$30	
	<i>Cyanureto de ferro, aluminio</i>	<i>Bleu minéral</i>	\$10	
	<i>Cyanureto de ferro, aluminio</i>	<i>Bleu de Prusse fin</i>	\$10	
	<i>Cyanureto de ferro, aluminio</i>	<i>Bleu de Prusse ordinaire</i>	\$09	
		<i>Indigo</i>	\$18	
	<i>Sulf.to de sodio e silicato d'aluminio</i>	<i>Outremer clair n.º 2</i>	\$15	
	<i>Sulf.to de sodio e silicato d'aluminio</i>	<i>Outremer foncé n.º 1</i>	\$15	
branco	<i>Carbonato de chumbo</i>	<i>Blanc d'argent</i>	\$10	
	<i>Carbonato de chumbo</i>	<i>Blanc d'argent tubo grande</i>	\$24	
	<i>Carbonato de chumbo</i>	<i>Blanc d'argent tubo medio</i>	\$18	
	<i>Carbonato de chumbo</i>	<i>Blanc plomb</i>	\$08	
	<i>Oxido de zinco</i>	<i>Blanc zinc</i>	\$08	

Cor	Composição química das cores	Designação das cores	Preço de cada tubo
castanho	<i>Fuligem calcinada</i>	<i>Bistre</i>	\$08
	<i>Fuligem calcinada</i>	<i>Bitume de Judée</i>	\$08
	<i>Oxido de ferro precipitado</i>	<i>Brun de Mars</i>	\$18
	<i>Azul da Prussia calcinado</i>	<i>Brun de Prusse</i>	\$18
	<i>Oxido de ferro</i>	<i>Brun rouge</i>	\$08
	<i>Oxido de ferro carbonoso</i>	<i>Brun Van-Dyck</i>	\$10
		<i>Ocre brune</i>	\$08
	<i>Oxido de ferro</i>	<i>Terre de cassel</i>	\$08
	<i>Oxido de ferro</i>	<i>Terre de cologne</i>	\$08
	<i>Oxido de ferro</i>	<i>Terre d'ombre naturelle</i>	\$08
	<i>Oxido de ferro</i>	<i>Terre d'ombre brulée</i>	\$08
	<i>Oxido de ferro</i>	<i>Terre de Sienne naturelle</i>	\$08
	<i>Oxido de ferro</i>	<i>Terre de Sienne brulée</i>	\$08
preto	<i>Negro de fumo</i>	<i>Noir de bougie</i>	\$15
	<i>Marfim calcinado</i>	<i>Noir d'ivoire</i>	\$10
verde	<i>Sulfureto de mercurio</i>	<i>Cinabre vert clair</i>	\$18
	<i>Sulfureto de mercurio</i>	<i>Cinabre vert foncé</i>	\$18
	<i>Lacca de baga da Persia</i>	<i>Laque verte</i>	\$10
	<i>Sulf.to de sodio e silicato d'aluminio</i>	<i>Outremer vert</i>	\$15
	<i>oxido de ferro</i>	<i>Terre verte naturelle</i>	\$08
	<i>oxido de ferro</i>	<i>Terre verte brulée</i>	\$08
	<i>Chromato de chumbo e cyanureto de ferro</i>	<i>Vert anglais (5 tons)</i>	\$12
	<i>Oxido de chromo</i>	<i>Vert de chrome</i>	\$18
	<i>Combinação de zinco e cobalto</i>	<i>Vert de cobalt</i>	\$23
	<i>Oxido de chromo hydratisado</i>	<i>Vert émeraude</i>	\$23
	<i>Acetato de cobre</i>	<i>Vert de gris</i>	\$12
	<i>Arseniato de cobre</i>	<i>Vert mineral</i>	\$12
	<i>Acetato, arseniato de cobre</i>	<i>Vert Véronèse</i>	\$10

Cor	Composição química das cores	Designação das cores	Preço de cada tubo
vermelho e violeta		<i>Carmim de (cochenille)</i>	\$30
		<i>Carmim brulé</i>	\$35
		<i>Carmim de garance</i>	\$35
	<i>Extracto de urzella</i>	<i>Carmim violet</i>	\$35
	<i>Sulfureto de mercurio</i>	<i>Cinabre</i>	\$15
	<i>Carmim, oxido d'estanho</i>	<i>Laque anglaise</i>	\$30
	<i>Lacca carminada e calcinada</i>	<i>Laque brulée</i>	\$18
	<i>Lacca carminada e calcinada</i>	<i>Laque carminée fine</i>	\$15
	<i>Lacca carminada e calcinada</i>	<i>Laque carminée ordinaire</i>	\$10
	<i>Lacca d'anillina</i>	<i>Laque géranium</i>	\$23
	<i>Lacca de pau de campeche</i>	<i>Laque violette</i>	\$10
	<i>Extr.tos de garança fix.dos s/aluminio</i>	<i>Laque de garance ordinaire</i>	\$24
	<i>Extr.tos de garança fix.dos s/aluminio</i>	<i>Laque de garance rose</i>	\$30
	<i>Extr.tos de garança fix.dos s/aluminio</i>	<i>Laque de garance rose dorée</i>	\$30
	<i>Extr.tos de garança fix.dos s/aluminio</i>	<i>Laque de garance intense</i>	\$35
	<i>Extr.tos de garança fix.dos s/aluminio</i>	<i>Laque de garance foncée</i>	\$30
	<i>Extr.tos de garança fix.dos s/aluminio</i>	<i>Laque de garance grenat</i>	\$35
	<i>Extr.tos de garança fix.dos s/aluminio</i>	<i>Laque de garance pourpre n.º 1</i>	\$35
	<i>Alizarina fixada sobre aluminio</i>	<i>Laque de garance bleu</i>	\$30
	<i>Alizarina fixada sobre aluminio</i>	<i>Laque de garance écarlate</i>	\$30
	<i>Alizarina fixada sobre aluminio</i>	<i>Laque de garance orange</i>	\$30
	<i>Alizarina fixada sobre aluminio</i>	<i>Laque de garance violette</i>	\$30
	<i>Oxido de ferro e aluminio</i>	<i>Ocre rouge</i>	\$08
	<i>Sulf.to de sodio e silicato d'aluminio</i>	<i>Outremer rose</i>	\$15
	<i>Sulf.to de sodio e silicato d'aluminio</i>	<i>Outremer violet</i>	\$15
	<i>Lacca d'anilina</i>	<i>Pourpre Impérial</i>	\$24
	<i>Oxido de ferro</i>	<i>Rouge anglais</i>	\$15
	<i>Oxido de ferro</i>	<i>Rouge Indien</i>	\$09
	<i>Oxido de ferro</i>	<i>Rouge Van-Dyck</i>	\$09
	<i>Oxido de ferro</i>	<i>Rouge de Vénise</i>	\$10
	<i>Sulfureto de mercurio</i>	<i>Vermillon anglais</i>	\$18
	<i>Sulfureto de mercurio</i>	<i>Vermillon de Chine</i>	\$16
	<i>Sulfureto de mercurio</i>	<i>Vermillon français</i>	\$16
	<i>Sulfureto de mercurio</i>	<i>Vermillon permanent</i>	\$24
	<i>Phosphato de cobalto</i>	<i>Violet de cobalt</i>	\$30
	<i>Oxido de ferro, cobalto e alumínio</i>	<i>Violet de Mars</i>	\$18
	<i>Phosphato de magnesio</i>	<i>Violet minéral clara n.º 1</i>	\$30
	<i>Phosphato de magnesio</i>	<i>Violet minéral escura n.º 2</i>	\$30
	<i>Oxido de ferro</i>	<i>Violet Van-Dyck</i>	\$10

Tintas de 1.ª qualidade para a Decoração Artística. Estas tintas são garantidas não só pela boa qualidade como pela sua finura e côres inalteráveis. Recomendam-se especialmente aos artistas de paisagens e decoradores. [Marca Lefranc]

p. 68

Cor	Designação das cores	Preço de cada tubo
amarelo e laranja	<i>Jaune brillant</i>	\$23
	<i>Jaune de chrome clair</i>	\$18
	<i>Jaune de chrome foncé</i>	\$18
	<i>Jaune de chrome orange</i>	\$23
	<i>Jaune de Naples</i>	\$18
	<i>Laque jaune</i>	\$23
	<i>Ocre jaune</i>	\$12
azul	<i>Bleu de cobalt</i>	\$80
	<i>Bleu minéral</i>	\$18
	<i>Bleu de Prusse fin</i>	\$18
	<i>Bleu de Prusse ordinaire</i>	\$15
	<i>Outremer n.º 1</i>	\$36
	<i>Outremer n.º 2</i>	\$30
branco	<i>Blanc d'argent (tubo grande)</i>	\$24
	<i>Blanc de neige</i>	\$16
	<i>Blanc de zinc</i>	\$10
castanho	<i>Brun rouge</i>	\$12
	<i>Brun Van-Dyck</i>	\$12
	<i>Brun Victoria</i>	\$35
	<i>Terre d'ombre naturelle</i>	\$12
	<i>Terre d'ombre brulée</i>	\$12
	<i>Terre de Sienne naturelle</i>	\$12
	<i>Terre de Sienne brulée</i>	\$12
preto	<i>Noir d'ivoire</i>	\$15
verde	<i>Cinabre vert n.º 1, 2, 3</i>	\$23
	<i>Terre verte naturelle</i>	\$12
	<i>Vert anglais (3 tons)</i>	\$23
	<i>Vert émeraude</i>	\$55
	<i>Vert Véronèse</i>	\$20

Cor	Designação das cores	Preço de cada tubo
vermelho e violeta	<i>Carmim</i>	\$80
	<i>Laque carminée ordinaire</i>	\$18
	<i>Laque carminée fine</i>	\$35
	<i>Laque de garance ordinaire</i>	\$56
	<i>Laque de garance rose</i>	\$84
	<i>Ocre rouge</i>	\$12
	<i>Rouge anglais</i>	\$12
	<i>Rouge de Vénise</i>	\$12
	<i>Vermillon anglais</i>	\$60
	<i>Vermillon de Chine</i>	\$60
	<i>Vermillon français</i>	\$56
	<i>Violet mauve</i>	\$30

Anexo 11

Pigmentos e cores identificados na documentação de contabilidade da ABAL e da APBA

1. ACADEMIA DE BELAS ARTES DE LISBOA

Data	Pigmentos e cores	Finalidade	Fornecedor	Fonte
1837	<i>preto de Francfort da melhor qualidade já purificado</i>	Aula de Gravura Para estampar	(França)	Cx. n.º 1. Arquivo da FBAUL
1840	<i>ocar claro ocar escuro</i>	Aula de Pintura de Histórica		<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. II, 1837-1844, cota: 1-A-SEC.38
1842	<i>alvaiade</i>	Cópia do quadro <i>A transfiguração</i>		<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. II, 1837-1844, cota: 1-A-SEC.38
1843	<i>alvaiade</i>	Aulas de Pintura	droguista	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. II, 1837-1844, cota: 1-A-SEC.38
1846	<i>alvaiade de playter alvaiade de Veneza azul inglez</i>	Aula de Pintura de Histórica	droguista	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. III, 1844-1849, cota: 1-A-SEC.37
1848	<i>verde malaguita manquim purificado azul da Prussia laca roxa ordinaria mumma purificada ocar queimado</i>	Aulas de Pintura	Sobrinhas e herdeiras do falecido artista Luiz José Pereira Resende	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. III, 1844-1849, cota: 1-A-SEC.37
1849	<i>verdaxo pós de sapatos ocre</i>	Pintura das paredes da aula de Pintura Histórica	droguista	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. III, 1844-1849, cota: 1-A-SEC.37
1849	<i>jaldelino vermelhão da China laca acarminada laca roxa alvaiade de playter alvaiade ordinario</i>	Aula de Pintura de Histórica	droguista	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. IV, 1849-1855, cota: 1-A-SEC.39
1852	<i>alvaiade</i>		Serzedello e C. ^a	<i>Livro de folhas de receitas e despesas</i> , vol. I, 1843-1885, cota: 1-B-SEC.133
1854	<i>almagre zarcão alvaiade moído verde inglez flor anil pós sapatos oca</i>		Serzedello e C. ^a	<i>Correspondência recebida</i> , vol. II, 1845-1911, cota: 3-A-SEC.173

Data	Pigmentos e cores	Finalidade	Fornecedor	Fonte
1854	<i>(47 tubos de tintas de diferentes cores) cobalto (2 tubos) vermelhão (1 tubo)</i>	Para Leonel Marques Pereira	Novaes & ?	<i>Correspondência recebida, Vol. II, 1856-1880, cota: 3-A-SEC.54</i>
1863	<i>branco de prata alvaiade</i>	Restauro dos quadros	droguista	<i>Livro de receitas e despesas, vol. V, 1855-1863, cota: 1-A-SEC.41</i>
1864	<i>preto de Italia</i>		Leandro José Gonçalves de Freitas & Mag.	<i>Livro de folhas de receitas e despesas, vol. II, 1853-1903, cota: 1-B-SEC.134</i>
1864	<i>alvaiade flor de anil preto d'Italia</i>	Oficina de estamparia		<i>Livro de folhas de receitas e despesas, vol. II, 1853-1903, cota: 1-B-SEC.134</i>
1866-1876	<i>preto de Italia</i>	Oficina de estamparia		<i>Livro de folhas de receitas e despesas, vol. I, 1843-1885, cota: 1-B-SEC.133</i>
1871-1875	<i>preto de Italia</i>		Camillo Manoel Alves Gil	<i>Livro de despesas, 1870-1876, cota: 1-C-SEC.142</i>
1871	<i>preto de fumo</i>	Oficina de estamparia		<i>Livro de despesas, 1870-1876, cota: 1-C-SEC.142</i>
1873	<i>azul da Prussia amarelo de Chromo vermelhão</i>		Verissimo José Baptista	<i>Correspondência recebida, Vol. II, 1856-1880, cota: 3-A-SEC.54</i>
1874	<i>carmim</i>		Manoel da Costa Marques	<i>Correspondência recebida, Vol. II, 1856-1880, cota: 3-A-SEC.54</i>
1881	<i>alvaiade de zinco</i>		Camillo Manoel Alves Gil	<i>Correspondência recebida, Vol. II, 1856-1880, cota: 3-A-SEC.54.</i>

2. ACADEMIA PORTUENSE DE BELAS ARTES

Data	Pigmentos e cores	Finalidade	Fornecedor	Fonte
1837	<i>alvaiade fino de França ocar claro fino ocar escuro de Roma, fino almagre de Roma superfino preto de Italia preto de marfim brum pinh jalde-Lino escuro de Vandih ocar queimado superfino manquim escuro transparente verdozo de Vandih azul da Prussia azul da Prussia superior terra de Sena laca carminada vermelhão da China ultramar</i>	<i>Tintas compradas para a APBA a pedido do professor</i>		Cx. n.º 1, Arquivo da FBAUL
1841	<i>asfalto alvaiade fino</i>	<i>Requisição Feita em conferencia de 17 de Junho de 1841 para os Estudos nas aulas de Pintura Historica, na de Anatomia Pictorica e Prespectiva Optica - Joaquim Rodrigues Braga</i>		<i>Requisições, 1841-1876, cota: 34</i>
1849	<i>amarello novo lacca roxa azul da Prussia</i>		Custodio José dos Passos	<i>Documentos de despesa, 1845-1911, cota: 245</i>
1849	<i>preto de marfim sinopla fina zarcão alvaiade fino</i>	Museu Portuense		<i>Documentos de despesa, 1845-1911, cota: 245</i>
1850	<i>pós pretos de marfim sinopla fina alvaiade fino zarcão</i>		Custodio José dos Passos	<i>Documentos de despesa, 1845-1911, cota: 245</i>
1854	<i>roxo rei</i>		António José Mendes Guimarães	<i>Documentos de despesa, 1845-1911, cota: 245</i>
1855	<i>alvaiade</i>		António Gomes (porteiro da APBA)	<i>Documentos de despesa, 1845-1911, cota: 245</i>

Data	Pigmentos e cores	Finalidade	Fornecedor	Fonte
1858	<i>ocre terra preta roxo terra alvaiade fino</i>	Pintura que se fez na Casa da Academia Portuense de Belas Artes	Mestre Bernardo José das Rozas Thomaz Ferreira da Silva	<i>Documentos de despesa, 1845-1911, cota: 245</i>
1872	<i>roxo terra</i>	Museu	Custodio José Rodrigues	<i>Documentos de despesa, 1845-1911, cota: 245</i>
1885	<i>roxo terra</i>		Almeida Costa & Rocha	<i>Contas de receita e despesa, 1855-1889, cota: 88 (1), doc. 17</i>
1885	<i>roxo terra</i>		Custodio José Rodrigues	<i>Contas de receita e despesa, 1855-1889, cota: 88 (1), doc. 21</i>
1886	<i>roxo rei</i>		Custodio José Rodrigues	<i>Contas de receita e despesa, 1855-1889, cota: 88 (1), doc. 91</i>
1896	<i>roxo rei</i>			<i>Despesas miúdas de expediente e secretaria, 1894-1902, cota: 94</i>
1900	<i>roxo rei</i>			<i>Despesas miúdas de expediente e secretaria, 1894-1902, cota: 94</i>

Anexo 12

Descrição de uma máquina para moer tintas

PINTO FERREIRA, 1865

Revista da Exposição das Machinas No Palacio do Porto,
Gazeta das Fabricas. Periodico mensal da Associação Promotora da Industria Fabril,
Volume I, n.º 1, Janeiro de 1865,
Lisboa: Typ. Da Sociedade Typographica Franco-Portugueza, pp. 180-182.

[...] a exposição póde dizer-se rica na grande cópia de machinas e instrumentos agricolas que se acham expostos. Entre estes encontram-se tambem algumas machinas para a pequena industria. D'ellas nos occuparemos, em primeiro logar, descrevendo neste artigo uma pequena machina que, pela sua simplicidade, pouco espaço que occupa, barateza e resultado pratico, nos parece de muita utilidade.

Trata-se de uma machina de moer tintas (americana.)

O processo não é novo, todos sabem que as tintas se moem presentemente em muitas officinas mechanicamente, porém o que é novo é o systema da machina, e é esse o que vamos descrever.

Compõe-se a machina em primeiro logar de um montante ou pequena base tendo quatro elegantes pés, os quaes se podem fazer fixos em uma banca qualquer, por meio de quatro parafusos de rosca de madeira. Sobre a base assenta uma pequena caixa, a qual tem vasada uma especie de camara conica, torneada e perfeitamente lisa, sendo o seu eixo horisontal; pela parte superior d'esta camara ha um furo retangular que corresponde a uma especie de teigão ou funil de capa de ferro, que é onde se deita a tinta que tem de ser moída. Na camara veste um cône truncado, tendo o seu competente eixo que apoia um de seus extremos em um furo no interior da camara, emquanto que do outro lado recebe, em uma caixa rasgada, a continuação do eixo, aonde se acha montado um pequeno carroto, vindo esta porção de eixo vestir n'uma especie de canhão de um caixilho que se acha ligado á caixa, este cône, e a maneira como elle veste e trabalha na camara, dá uma idéa dos moinhos de moer café e outros; chamar-lhe-hemos pois por analogia “noz”. A noz tem em lugar de navalhas uma ranhuras ou cannelluras abertas, em forma de helice, as quaes sendo um pouco fundas do lado da pequena base, vem diminuindo e acabar proxicamente a um centimetro da aresta aonde a parte conica termina. Esta parte fica toda vestida dentro da camara.

Além da parte cónica tem a noz uma faxa cylindrica de 15 milímetros de largo que fica exteriormente á camara.

Um pequeno volante com manivela em um dos raios, tendo uma pequena roda dentada no seu eixo, e uma molla d'aço apoiando um dos seus extremos na faxa cylindrica para servir de raspadeira, completam o aparelho.

A machina funciona da seguinte maneira:

Fazendo girar o volante por meio da sua manivella, a roda dentada que se acha no seu eixo faz mover o carroto que com ella engranza e por conseguinte o eixo de que elle faz parte, bem como a noz dentro da camara.

Misturada a tinta em pó com o oleo, em proporções convenientes, deita-se dentro do teigão ou funil, e a noz achando-se em movimento dentro da camara começa primeiro por triturar as pedras mais rijas da tinta, o que é levado a efeito pelo contacto das arestas das ranhuras na superficie da camara, acabando por deixal-a sair perfeitamente moída em volta da faxa cylindrica da noz, donde a raspadeira a tira para a deixar cair em um deposito, colocado por baixo do montante para a receber.

O aperto da noz gradua-se convenientemente, para que a tinta saia mais ou menos fina, por meio de um parafuso que apoia de encontro á extremidade do seu eixo exterior.

A limpeza d'esta machina, que é um ponto importante, faz-se tambem com muita facilidade. Quando se quer limpar, desaperta-se um parafuso de cravelha, por meio do qual o caixilho gira sobre um gonzo em maxafemea, que tem do outro lado, deslizando d'este modo o eixo exterior da noz, e deixando esta completamente livre para se tirar fóra e limpar.

Todas as peças da machina são de ferro fundido, á excepção dos eixos de teigão, tendo a resistencia sufficiente para o trabalho a que são destinadas.

Tencionamos fazer uma d'estas pequenas machinas em Lisboa e quando estiver prompta daremos parte aos leitores da "Gazeta" para a verem funcionar.

A que se acha exposta faz parte da collecção do sr. Antonio de La roque, importador e reproductor de machinas vindas do estrangeiro – Rua de Bellomonte n.º 39, Porto [1].

[1] Preço da machina aqui descripta 30 000 rs. – O modelo mais pequeno custa 16 000 rs. e 13 000 rs.

Segundo o catálogo da Exposição Internacional do Porto, em 1865, esta máquina (*Machina de moer tintas de oleo de 3 cylindros de granito*) foi apresentada por Georges Herman, rue de Chareton, 92, Paris¹⁰⁰⁶.

1006 Catalogo, 1865: 10.

Anexo 13

Instruções para preparação de óleos e secantes

1. FILIPE NUNES, 1615

Nunes, F.; Ventura, L. 1982. *Arte da Pintura. Symmetria e perspectiva Composta por Philippe Nunes natural de Villa Real. Fac-simile da edição de 1615 com um estudo introdutório de Leontina Ventura*. Porto: Editorial Paisagem, pp. 56-59 [102-107].

Para purificar olio de linhaça pera o Alwayade, & azuis

Tomay olio de Linhaça, & pela manhã lhe day hum olho de sol, & logo lhe botay hum pequeno de Alwayade moydo & deixayo assi estar até o outro dia, & então o uzay. De outro modo. Tomay hum vazo que seja furado por baixo com hum torno delicado que se lhe possa tapar & destapar, botailhe o olio com agoa da fonte, & batey isto muito bem & deixay asentar o olio que fique por cima como azeite, depois levemente tiray o torno para que saya a agoa, & tanto que comessar a sayor o olio fechay, & isto fazey tres ou quatro vezes & ficarà o olio muito purificado, & que se possa uzar muito bem. Quando quizerdes fazer Alwayade que se possa usar como com oleo de nozes, moei o Alwayade na pedra muito bem com agoa & depois lhe botay o olio de Linhaça, & vereis, que indo moendo, a agoa se vay saindo para fora, & fica o Alwayade de sô com o olio que parece purificado.

De todo o modo de secante

O secante se faz de muitos modos, & alguns não serve senão a certas tintas. O secante de pedra hume he só para o jalde quando se uza a olio, & fasçe deste modo. Tomay a pedra hume & queimada em hua telha, & depois de queymada tomay aquelle pò, & misturayo com o jalde & seja de modo que não faça perder a cor do jalde, conforme a quantidade da cor podeis tomar a pedra hume. Outro secante ha para o preto, este he o verdete sômente moydo & misturado com o preto na paleta. Outro secante he de vidro que serve para a lacra, fasse deste modo. Tomay o vidro em pedaços & botayo no fogo até que se faça bem vermelho, & se queime bem, depois quando moerdes a lacra depois de terdes tirada toda a lacra com o colhedor da pedra naquela que ficar sem alimpardes a pedra botay o vidro já queimado & moei muito bem, & ficará já de algu modo parecido lacra, este misturay na paleta com a lacra, & he muito bom secante. Tambem na lacra he bom secante hua pontasinha de zarquão. Ha outro secante de fezes de ouro para todas as cores, que he o melhor, & fase deste modo. Tomay as fezes douro moydas, & atayas em hum

paninho, & logo ponde o olio em hum pucaro a ferver & lhe metey dentro as fezes assi no panno, como der hua fervura tiray o olio de dentro o pano, & o olio que fique he o secante limp, este quando lavrais molhai o pincel, ou misturay, & he bom sequante. E se não quizerdes cozer o olio tomay as fezes douro moydas & à noite botay em hua vieira o olio que aveis de gastar no outro dia, & nele botay hus pôs das fezes, & fica este olio pela manhã muito bom sequante & muito limpo. E não façais muito, porque logo se faz graxo.

2. J. L. BAPTISTA DE ALMADA, 1749

Prendas da adolescencia ou adolescencia prendada... Lisboa: Na Officina de Francisco da Silva, pp. 121-122.

Do purificação do oleo de linhaça

Tome-se hum pouco deste oleo em huma tigella, e posto ao sol meyo quarto de hora, se lhe deitará hum pouco de alvayade moido, e se deixará ficar até o outro dia, no qual entã se poderá usar. Tambem se purificará lançando o mesmo oleo com agoa clara em hum pucaro furado por baixo, [tendo um torno com que se possa tapar, e destapar] no qual se baterá tudo muyto bem, e se deixará entã repouzar o oleo, e em estando repouzado em cima como azeite, se lhe tirará o torno, para que descorra toda a agoa, e entã se tapará outra vez para que não descorra o oleo, que se fará duas, ou tres vezes. He doutrina de Philippe Nunes nosso com-Provinciano.

Dos seccantes particulares de algumas tintas

O Seccante para o jalde, he o de pedra hume, e se faz, moendo della huma pouca, depois de queymada em huma telha, e misturando com o jalde huma tal quantidade, que não faça perder a cor ao mesmo jalde. O seccante para o preto, he o verde sómente, moido, e misturado na palheta com o mesmo preto. O seccante para a laca, he o que se faz de vidro, quebrado em pedaços, e metidos no fogo até se fizerem vermelhos, moendo-os depois, e misturando o pó com a laca na palheta. Tambem em lugar do pó de vidro lhe servirá hum bocadinho de Zarcão.

Do seccante de todas as tintas

O Seccante melhor para todas as cores he o que se faz do modo seguinte: Tomem-se humas poucas fezes de ouro moidas, e atadas em hum paninho, e se metterá dentro do oleo quando ferver em huma tigela posta ao fogo, e em dando hua fervura se tirará o oleo para fóra, do qual se usará tomando-o em hum pincel. Tambem pôde fazer-se sem fogo, lançando por espaço de dez horas huns pôs das ditas fezes de ouro no oleo, que se houver de gastar no dia seguinte.

3. SEGREDOS, 1794

Segredos necesarios para os officios, artes e manufacturas... Vol. II, Lisboa: Na Offic. de Simão Thadeo Ferreira, pp. 14-16, 47-48.

Modo de preparar o oleo secativo

Deita em hum quartilho de oleo de linhaça meia onça de lithargyo, meia onça de alvaiade calcinado, meia onça de terra de sombra, e meia onça de talco: fá-lo ferver a hum fogo lento, e igual por perto de duas horas, mexendo-o muitas vezes, para que o oleo se não faça negro. Espuma-o logo que a espuma principiar a aparecer, e continúa até que a oleo esteja cozido. Os seccantes ficão no fundo combinados com hum sedimento misturados com huma parte da materia mucosa do oleo. Deixa em consequencia repousar o oleo assim preparado, por que depõem sempre alguma cousa nos intervallos do repouso, e fica mais claro; quanto mais antigo for este oleo, melhor será o seu effeito.

Modo de empregar os seccantes

Não se deve deitar seccante nas tintas, senão quando se quer pintar, porque engrossão muito se ficam muito tempo com seccantes.

Não se deita seccante nas tintas feitas com alvaiade, ou deita-se-lhes muito pouco, porque o alvaiade he por si mesmo seccante, principalmente, sendo dado com essencia.

Quando se quer envernizar a obra não se deita seccante, senão na primeira mão, as outras que se seguem devem ser empregadas com essencia, e seccar sem elle. Se não quer envernizar a obra, deve pôr-se algum seccante nas outras mãos, mas muito pouco, porque a essencia que se mistura com o oleo secca com facilidade.

Para empregar as côres escuras a oleo, mistura-se por cada arratel de tinta meia onça de lithargyo; para as claras, taes como o branco, e o brancacento, mistura-se por cada arratel de tinta, huma oitava de caparosa branca pizada com o mesmo oleo, que deve ser de nozes, ou de cravo.

Quando se quer empregar o oleo preparado em lugar de lithargyo, e de caparosa, mistura-se meio quartilho para cada arratel de tinta, e destempera-se tudo com essencia pura. Se se ajuntasse o oleo preparado a outro oleo faria as tintas muito grossas.

Modo de fazer o oleo de papoulas

Móe em hum moinho de café bem limpo, semente de papoulas brancas, e depois de bem moido enche um saquinho de couro branco da grossura de huma polegada, ata-o bem, mette-o entre hum bocado de folha de Flandre dobrado, e aperta-o em hum torno de sarralheiro, com dous bocados de folha de ferro de cada lado, para

que o torno não morda na folha. Aperta-o, e recebe em hum frasquinho de vidro o oleo que for correndo pelo canal, que a folha dobrada faz embaixo. Depois disto cõa o oleo por papel pardo, e conserva-o bem tapado.

4. BERNARDO DE MONTÓN, [CERPA], 1818

Segredos das Artes Liberaes, E Mecanicas... Segunda Parte, Lisboa: Typ. Rollandiana, p. 117.

Para fazer secante

Toma huma libra de oleo de linhaça, com duas onças de zarcão, e põe isto a cozer em huma panella, ou púcara vidrada por tres horas.

5. J. BAPTISTA LUCIO, 1844

Collecção de Receitas, e Segredos Particulares..., Vol. V, Coimbra: Typ. De M. Caetano da Silva, pp. 405-407.

Oleo de linhaça secativo

Tome-se o alvaiade do mais legitimo, poem se em uma colher de ferro e esta em cima de carvões ardentes, e calcina-se até que tenha adquerido uma cor de limão; e depois se reduz a pó. Tomão-se 6 arrates de oleo de linhaça e se metem em um vazo de barro vidrado, e este alguma cozia enterrado em um banho de areia enconveniente fornalha: peza-se uma onça do pó de alvaiade calcinado, igual pezo de sulfato de zinco (vitriolo branco ou caparroza branca) meio arrate de protoxido de chumbo (fezes de ouro ou litargirio) reduzido a pó fino, e uma cabeça de alhos dessecados. Cada uma destas substancias se mete em separado dentro de um bocado de panno de linho ou algodão bem tapado, e se atão em fôrma de bonecas, ás quaes se prende um arame e tendo na extremidade um gancho, por este se dependurão em uma cruzeta de arame que desacansa sobre a boca do vazo. Mete-se lume na fornalha, e se vai augmentando gradualmente o calor até que o oleo comece a ferver brandamente, e assim se conserva fervente com as bonecas nelle mergulhadas, sem que ellas toquem nas paredes do vazo, motivo porque se achão suspensas pelos arames. Quando tem cessado de se formar espuma na superficie do oleo, e que ella se acha substituida, por uma delgada pellicula, é então o momento de se tirar o vazo do banho de areia, e de lhe pôr em repouso por oito dias, para se decantar para garrafas, separando-o assim do deposto que houver formado no vazo. Estas garrafas são então expostas ao sol, cobertas as bocas com um panno fino, a fim de oleo se acabar de depurar.

O oleo tambem se torna secattivo expondo-o ao sol ou ao banho maria, por muitos

dias, com as materias acima indicadas, e então não ha necessidade de as ter em suspenção e atadas; metem-se á vontade com o oleo dentro de vasos de folha de flandres nova, cobertos com panno de algodão fino, e agitação-se de tempo a tempo. Este processo é mais longo, porem elle torna o oleo mui branco e bello, o que o faz preferivel para os vernizes que tem de cobrir pinturas brancas.

Alguns artistas, a exemplo do sábio Tingry, uzão deitar agoa commum no oleo, quando o fervem segundo o primeiro processo. E fervem até se ter gasto dois terços da agoa empregada, que sempre o é na proporção de um quarto pouco, mais ou menos, do oleo. Passado algum tempo de repouso separão o oleo da agoa e se expõem da mesma maneira ao sol. Dizem que por este meio a agoa defende o oleo de ser destruído por a acção do calor, e fica muito melhor.

6. NOVA COLLECÇÃO DE RECEITAS UTEIS, 1858

Nova colecção de Receitas Uteis e necessarias a todas as familias em geral, Lisboa: Impr. De Francisco Xavier de Sousa, pp. 99-100.

e

MANUAL DO DISTILLADOR, 1873

Manual do Distillador..., Lisboa: Livraria de J. J. Bordalo, p. 177-178.

Verniz-oleo para retocar e misturar nas tintas

Oleo de nozes – 2 onças

Lithargirio – 4 oitavas

Branco de chumbo (em pó) – 1 dita

Cera branca – alguns bocados

Dentro de areia quente sobre um lume brando que faça ferver lentamente, põe-se uma matriz com o oleo e o lithargirio, mexendo-se de vez em quando, para não se pegar ao fundo, depois de 6 horas quando o oleo começa a engrossar, deita-se mexendo sempre, o branco de chumbo até tomar a consistencia de xarope; então deitam-se-lhe os bocados de cera. Conhece-se que tem quantidade bastante de cera, tirando-se um pouco d'este oleo, e pondo-se sobre uma palheta em que se tenha posto manteiga, e se o oleo se junta sem correr, está em ponto.

Demora-se ainda algum tempo ao lume, para se precipitarem no fundo o lithargirio, e o branco de chumbo: depois deita-se com cuidado sobre uma pedra polida, móe-se com a moleta, e deita-se n'um vaso, e fecha-se; lacra-se e guarda-se dentro de agua que se deverá renovar de tempos a tempos.

Para usar-se d'elle misture-se com verniz de essencia, o qual lhe dá uma consistencia gelatinosa.

Se é muito antigo e muito viscoso junta-se uma porção do oleo.

Esta composição embranquece os claros; ou se mistura com as tintas, ou se corre com ella o logar em que se pretende pintar.

Para as sombras é necessario tomar oleo gordo, ordinario cem seccativo, e misturar-lhe egual quantidade de verniz de essencia: no fim de um ou dois dias quando esta mistura tem tomado a consistencia propria, deita-se-lhe agua em cima para a conservar.

É bom que a composição seja preparada com o verniz, um ou dois dias antes, porque é mais brilhante e leva mais tempo a seccar, o que dá occasião a retocar as sombras.

7. A. DA SILVA VIEIRA, 1860

Thesouro Inesgotavel ou Collecção de Varios Processos e Receitas..., Porto: Typographia José da Silva Teixeira, p. 202.

Oleo de linhaça; modo de o purificar e fazer bem seccativo

Lançam-se em 2 litros d'oleo de linhaça 62 grammas de lytargyrio, em uma boneca de panno, com 62 grammas d'alvaiade; depois ajuntam-se-lhe 2 ou 3 dentes d'alho e um bocado de côdea de pão bem tostada; põe-se tudo ao lume, durante 5 ou 6 horas, tira-se, e depois de o haver decantado, engarrafa-se para quando fôr preciso.

8. M. A. DE MATTOS, 1863

Encyclopedia das Artes..., Lisboa: Typographia Universal, p. 355.

Oleo preparado para tintas

Deitam-se em oleo de linhaça ou de canhamo:

Alvaiade calcinada

Sombra de Colonia

Mica (sulphato de chumbo crystalizado)

Lithargirio



de cada substancia 30 grammas

Ferve-se o oleo em lume brando durante duas horas, mexendo-o algumas vezes; deixa-se um repouso, e por fim decanta-se.

Quando está frio, engarrafa-se.

Oleo seccativo dos pintores

Poem-se ao lume, n'uma panella de ferro ou de barro, 4 kilogrammas de oleo de linhaça ou de canhamo. Quando ferve, deitam-se em pequenas porções de cada vez, 180 grammas de lithargirio em pó fino; ferve-se o oleo mais uma hora; tira-se do lume, e deixa-se assentar.

9. N. J. MOREIRA, 1871

Manual de Chimica Agricola..., Rio de Janeiro: Typographia Industria Nacional, p. 167.

A purificação dos oleos faz-se por meio do acido sulfúrico (2%) que destròe ou ao menos torna insolúvel a parte mucilaginosa dos oleos.

Acaba-se a operação extrahindo o acido sulfurico por meio do vapor d'agua que se une ao acido, e o oleo sobrenada. 10 libras de acido diluido em igual quantidade de agua purifica, em 12 horas, 100 galões de oleo.

Keyser emprega o seguinte processo. Faz-se uma mistura de 600 grammas de ammoniaco liquido com 600 d'agua. Lança-se esta mistura em um barril contendo 100 kilogrammas de oleo, tratados pelo acido sulfurico, como é de costume, agitando bem o liquido afim de que a mistura se torne a mais homogenea possivel; feito o que fecha-se hermeticamente o barril. Tres dias depois de completo repouso decanta-se ou filtra-se o liquido oleoso por qualquer dos meios conhecidos.

10. J. PEREIRA, 1881

Manual do fabricante de vernizes..., Bibliotheca do Povo e das Escolas. 19. Lisboa: David Corazzi - Editor, p. 9.

Para se fazer oleo fervido de linhaça sem côr tomam-se 15 a 20 litros de oleo, ajuntam-se-lhe 2 litros de areia fina e 15 a 20 litros de agua a ferver. Remeche-se a mistura durante meia hora; separa-se o oleo; e recomeça-se com agua fria a operação.

O melhor methodo para "preparar" um bom secante consiste em deitar 30 grammas de fezes de ouro em cada litro de oleo de linhaça. Faz-se ferver esta mistura a fogo lento e de vagar. O calor deve conservar-se moderado e uniforme durante duas horas. Findo este tempo, escuma-se o mixto. Se ferver muito queimar-se-ha, tornando-se escuro. Deixa-se repousar até que todo o sedimento vá para o fundo; separa-se então a parte clara do oleo, que se clarifica mais e torna-se melhor, estando guardado. Talvez se tire ainda melhor resultado, substituindo as fezes de ouro pelo alvaiade.

11. T. DECIO, 1882

Encyclopedia Inispensavel ás Artes... Porto: Typ. Universal de Nogueira & Caceres, pp. 267-268.

Secativo para tinta d'oleo e verniz

Funde-se em 200 grammas d'agua a calor brando, 24 grammas de gomma laca e 8 grammas de bórax, em vaso de cobre e em continua agitação.

Cobre-se o vaso e deixa-se esfriar, guardando-se em seguida em garrafas bem rolhadas.

Para que as tintas a oleo sequem rapidamente, juntam-se partes iguaes d'este verniz á côr moída com oleo e junta-se-lhe uma pouca essencia de terebinthina, misturando-se tudo o melhor possivel.

Deve-se preparar de cada vez a quantidade necessária a ser immediatamente applicada, porque a tinta que restar sem imediata applicação, solidifica-se.

Os objectos pintados com esta preparação seccam em 10 a 15 minutos, segundo o estado atmosferico.

Secativo (outro)

Compõe-se de 94 a 95 % d'acido de zinco e 5 a 6% de borato de manganese.

12. F. CASTRO DA SILVA, 1898

Pintura Simples, Lisboa: s. n., p. 14.

Oleo gordo

Prepara-se misturando com um kilo de oleo de linhaça seis decagramas de lithargyrio (pode ser de ouro ou prata, conforme o tom que se quizer), seis de alvaiade de zinco calcinado e eguaes quantidades de terra de sombra e de talco; ferve-se em fogo lento durante duas horas, mexendo-se constantemente a mistura para que o oleo não ennegreça. Logo que ferva e que o oleo comece a escurecer póde considerar-se sufficientemente cozido; depois deixa-se assentar por alguns dias afim de ficar perfeitamente claro, e engarrafa-se cuidadosamente, porque do contrario se tornará espesso e acabará por seccar.

13. SEAROM LAEL, C. 1900

Livro de ouro das famílias... Lisboa: Portugal-Brasil, Sociedade Editora Arthur Brandão & C.^a, p. 870; pp. 1050-1051.

Oleos

Filtração

Methodo caseiro simplíssimo para filtrar oleo é o seguinte: Lava-se algodão em rama com lexivia de soda quente e desseca-se ao sol. Espalha-se n'um cêsto novo de vime. Lança-se depois o oleo pouco a pouco e em varias occasiões deixando-o cair n'um recipiente em lata muito limpo. De vez em quando covém mudar o algodão embebido excessivamente de impurezas de oleo.

Branqueamento

Para a descoloração do oleo usa-se de preferencia a solução de 2-5% de permanganato potássico, empregando 1 litro por cada 3 de oleo e agitando de vez em quando; deixa-se tres dias em repouso e, decorrido este tempo, adiciona-se um litro de acido chlorhydrico diluido a 25% e aquece-se: agita-se novamente, decanta-se, lava-se com agua limpa e filtra-se.

Wellow aconselha agitar até emulsão o oleo com agua oxigenada; decorridos 5-6 minutos de repouso aquece-se a 50-60 graus durante uma hora; depois passadas 24 horas de repouso, aquece-se novamente. Decanta-se e filtra-se.

Oleo secante

Para abreviar a cocção do oleo de linhaça adicionam-se-lhe, como secantes, alguns oxydos metálicos, taes como o de chumbo (2-4%) ou de manganésio (1-2%). Os factores que interveem na bôa qualidade do producto final são a natureza do oxydante adicionado, a temperatura e a duração da operação; esta deve oscilar aproximadamente entre 3 a 6 horas, a cocção lenta, não excedendo a temperatura de 225°C. Processo simples consiste em aquecer 10 kg. de oleo de linhaça a 120°C, adicionar em pequenas porções e agitando 250gr. de acetato de chumbo em pó e elevar então gradualmente a temperatura (sem exceder 220°C) até a espuma desaparecer do total.

Operando-se, como já ficou dito, podem-se empregar tambem por cada 10 kilog. De oleo, 200 gr. de acetato de chumbo e 50 gr. de bioxydo de chumbo (oxydo pulga); o produto assim obtido resulta mais secante, mas offerece uma côr muito carregada.

Pode-se produzir um bom secante recorrendo ao bioxydo de manganesio. Fazem-se ferver durante 2 horas a calôr brando e agitando sempre 10 kilog. de bom oleo de linhaça depurado com 4 kilogr. de bioxydo de manganesio em pó e 1 kil. de de hydroxido; depois de ter deixado sedimentar o produto addiciona-se 1 kilog. de essencia de terebinthina.

Todavia o melhor produto secante conhecido é o resinato de manganesio dissolvido em essencia de terebinthina. Para o obter dissolvem-se a frio 5 kilog. de resinato de manganesio em 10 kilog. de essencia de terebinthina. Addicionam-se 5 kilog. de mistura assim obtida a 100 kilog. de oleo de linhaça, mistura-se durante meia hora e deixa-se em repouso por espaço de 2 ou 3 dias.

Anexo 14

Óleos e secantes disponibilizados no comércio¹⁰⁰⁷

1. LABORATORIO CHIMICO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, 1816

Sôbre os trabalhos em grande que no Laboratorio Chimico da Universidade poderão praticar-se com utilidade do Público, e com maiores vantagens do mesmo Estabelecimento...

Dr. Thomé Rodrigues Sobral

Jornal de Coimbra, Vol. IX, n.º XLVII, Parte I, Lisboa: Na Impressão Regia, p. 306.

	Designação
Oleos	<i>Oleo de linhaça oxygenado (seccativo dos Pintores)</i> <i>Oleo de nóz</i> <i>Oleo de nóz oxygenado (seccativo)</i>
Secantes	<i>Oxydo de chumbo semivitreo (lithargyrio, ou fezes d'ouro)</i> <i>Sulphato de zinco (vitriolo branco)</i>

2. SERZEDELLO & C.^a, 1853

Lista de Drogas, Tintas e Productos Chimicos que se vendem no Largo do Corpo Santo nos Armazens n.os 6, 7, 8, 9 pertencentes a Serzedello & C.^a.

Lisboa: Typ. Castro & Irmão.

	Designação	Peso/preço
Oleos	<i>Oleo de linhaça</i> <i>Oleo de nozes para pintura</i> <i>Oleo de cravo</i>	Arrátel/110 Arrátel/360 Arrátel/400
Secantes	<i>Fezes d'ouro</i>	@/1:800

3. DAVID XAVIER COHEN, 1880

Bases para Orçamentos... Lisboa: Typographia de Gutierrez, p. 181.

e

DAVID XAVIER COHEN, 1896

Bases para Orçamentos... Lisboa: José Antonio Rodrigues – Editor, pp. 522-524.

¹⁰⁰⁷ Os preços indicados até 1911 encontram-se em réis, depois dessa data, em escudos.

	Designação	Peso/preço
Oleos	<i>oleo fervido</i>	320
	<i>oleo de linhaça</i>	220
Secantes	<i>fezes d'ouro ou lytargyrio</i>	160
	<i>secante zumatique</i>	240

4. JOAQUIM M. P. FALCÃO, 1894

Tabella de preços para a Direcção especial de Edifícios Publicos e Faroes

Ministério das Obras Públicas, mç. 489, cota: PT/TT/MOPCI/DEPFM-01-03-03.2/1114, Acessível no ANTT.

	Designação	Preço
Oleos	<i>Oleo de linhaça genuíno (inglez)</i>	210
	<i>Oleo de linhaça nacional</i>	190
	<i>Oleo fervido (inglez)</i>	260
Secantes	<i>Fezes de ouro moídas</i>	150
	<i>Secante francez</i>	60 (pacote)

5. JOAQUIM M. P. FALCÃO, 1896

Tabella de preços de tintas e artigos para pintura do fornecedor Joaquim M. P. Falcão

Ministério das Obras Públicas, mç. 510, cota: PT/TT/MOPCI/DEPFM-01-03-03.2/1723, Acessível no ANTT.

	Designação	Preço
Oleos	<i>Oleo de linhaça inglez</i>	240
	<i>Oleo de linhaça nacional</i>	210
	<i>Oleo fervido</i>	280
Secantes	<i>Fezes de ouro</i>	160
	<i>Secante (marca Elephante)</i>	80 (pacote)

6. Antonio Carvalho Junior, 1896

Tabella de preços de tintas e artigos para pintura do fornecedor Antonio Carvalho Junior

Ministério das Obras Públicas, mç. 510, cota: PT/TT/MOPCI/DEPFM-01-03-03.2/1723, Acessível no ANTT.

	Designação	Preço
Oleos	<i>Oleo de linhaça inglez</i>	200
	<i>Oleo de linhaça nacional</i>	280
	<i>Oleo fervido</i>	120
Secantes	<i>Fezes de ouro</i>	160
	<i>Secante francez</i>	60 (pacote)

7. M. B. B. TEIXEIRA, 1896

Tabella de preços de tintas e artigos para pintura do fornecedor Joaquim M. P. Falcão

Ministério das Obras Públicas, mç. 510, cota: PT/TT/MOPCI/DEPFM-01-03-03.2/1723, Acessível no ANTT.

	Designação	Preço
Oleos	<i>Oleo de linhaça inglez genuíno</i>	260
Secantes	<i>Fezes puras em pó</i>	200
	<i>Fezes impuras em pó</i>	160
	<i>Secante francez</i>	100
	<i>Secante francez de 2.ª qualidade</i>	80 (pacote)

8. JOAQUIM M. P. FALCÃO, 1897

Preços de tintas e artigos para pintura

Ministério das Obras Públicas, mç. 489, cota: PT/TT/MOPCI/DEPFM-01-03-03.2/1114, Acessível no ANTT.

	Designação	Preço
Oleos	<i>Oleo de linhaça inglez genuíno</i>	220
	<i>Oleo de linhaça 1.ª qualidade</i>	200
Secantes	<i>Fezes puras em pó</i>	140
	<i>Seccante francez</i>	60

9. FAVREL LISBONENSE, C. 1913-1920

Oleos, Essencias e Vernizes Para a Pintura

Varella, J. N., *A Favrel Lisbonnense* [catálogo], p. 77.

	Designação	Preço de cada frasco
Oleos	<i>Oleo de papoula (oeillete)</i>	\$15
	<i>Oleo de noix</i>	\$15
Secativos	<i>Seccativo de Courtrai</i>	\$15
	<i>Seccativo de Flamand</i>	\$15
	<i>Seccativo colle d'or</i>	\$10

Anexo 15

Óleos, secantes e diluentes identificados na documentação de contabilidade da ABAL e da APBA

1. ACADEMIA DE BELAS ARTES DE LISBOA

Data	Descrição	Finalidade	Fornecedor	Fonte
1837	oleo de nozes	Diferentes aulas		<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. II, 1837-1844, cota: 1-A-SEC.38
1838	oleo de linhaça	Aulas de Pintura de Paisagem		<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. II, 1837-1844, cota: 1-A-SEC.38
1841	oleo de nozes	Cópia do quadro <i>d'El Rei D. Sebastião</i>		<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. II, 1837-1844, cota: 1-A-SEC.38
1842	oleo	Cópia do quadro <i>A Transfiguração</i>	João Evangelista de Souza Raposo	<i>Livro folhas de receitas e despesas</i> , vol. I, 1843-1885, cota: 2-B-SEC.133
1843	agua raz	Aula de Pintura Histórica	droguista	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. II, 1837-1844, cota: 1-A-SEC.38
1844	oleo de nozes	Restauro dos quadros da Academia	droguista	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. II, 1837-1844, cota: 1-A-SEC.38
1845	oleo de nozes agua-raz	Aula de pintura de Paisagem	droguista	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. III, 1844-1849, cota: 1-A-SEC.37
1854	oleo fezes em pó aguaraz		Serzedello & C. ^a	<i>Correspondência recebida</i> , vol. II, 1856-1880, cota: 3-A-SEC.54
1854	2 vidros de oleo vidro de oleo secativo	Pintor Manuel Marques Pereira	Novaes & C. ^a	<i>Correspondência recebida</i> , vol. II, 1856-1880, cota: 3-A-SEC.54
1859	essencia de theribentina agoaraz	Trabalho dos artistas de pintura	droguista	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. V, 1855-1863, cota: 1-A-SEC.41
1859	aguaraz	Trabalhos do artista Antonio Caetano da Silva	droguista	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. V, 1855-1863, cota: 1-A-SEC.41
1863	oleo de nozes aguaraz	Restauro dos quadros	droguista	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. VI, 1863-1870, cota: 1-A-SEC.43
1863	aguaraz	Restauro	droguista	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. VI, 1863-1870, cota: 1-A-SEC.43
1864	aguaraz americana theribentina de Veneza	Restauro dos quadros		<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. VI, 1863-1870, cota: 1-A-SEC.43

Data	Descrição	Finalidade	Fornecedor	Fonte
1870	<i>oleo de linhaça agua raz</i>		Camillo Manuel Alves Gil	<i>Livro de folhas de receitas e despesas</i> , vol. V, 1869-1906, cota: 1-B-SEC.137
1872	<i>águarás</i>		Casa Fernandes Irmãos	<i>Livro de receitas e despesas</i> , Vol. VIII, 1870-1876, cota: 1-A-SEC.45
1881	<i>oleo fervido aguaraz</i>		Camillo Manuel Alves Gil	<i>Correspondência recebida</i> , vol. II, 1856-1880, cota: 3-A-SEC.173

2. ACADEMIA PORTUENSE DE BELAS ARTES

Data	Descrição	Finalidade	Fornecedor	Fonte
1837	<i>oleo</i>	Aula de Pintura Histórica		Caixa n. 1. Arquivo da ABAUL
1841	<i>oleo de linho oleo de nozes</i>	Aulas de Pintura Histórica		<i>Requisições</i> -1841-1876, cota: 34
1845	<i>oleo</i>			<i>Documentos de despesa</i> , 1845- 1911, cota: 245
1846	<i>espíritos e óleo</i>	Museu Portuense	Custodio José dos Passos	<i>Documentos de despesa</i> , 1845- 1911, cota: 245
1849	<i>espírito de teribentina espírito de vinho oleo de linhaça fezes d'ouro em pó</i>		Custodio José dos Passos	<i>Documentos de despesa</i> , 1845- 1911, cota: 245
1850	<i>espírito de vinho espírito de terebintina fezes d'ouro</i>		Custodio José dos Passos	<i>Documentos de despesa</i> , 1845- 1911, cota: 245
1854	<i>oleo de linhaça na bexiga</i>		Antonio José Mendes Guimarães	<i>Documentos de despesa</i> , 1845- 1911, cota: 245
1855	<i>oleo de linhaça agua raz</i>		Antonio Ferreira Gomes (porteiro da APBA)	<i>Documentos de despesa</i> , 1845- 1911, cota: 245
1857	<i>oleo de linhaça agua raz espírito de vinho</i>		Antonio Ferreira Gomes (porteiro da APBA)	<i>Documentos de despesa</i> , 1845- 1911, cota: 245
1886	<i>oleo</i>		Custodio José Rodrigues	<i>Contas de receita e despesa</i> , 1855-1889, cota: 88 (1), doc. 98
1887	<i>oleo</i>		Custodio José Rodrigues	<i>Contas de receita e despesa</i> , 1855-1889, cota: 88 (2), doc. 46
1896	<i>oleo</i>			<i>Despesas miúdas de expediente e secretaria</i> , 1894-1902, cota: 94

Data	Descrição	Finalidade	Fornecedor	Fonte
1897	<i>oleo fervido</i>			<i>Despesas miúdas de expediente e secretaria , 1894-1902, cota: 94</i>
1900	<i>oleo de noz</i>			<i>Despesas miúdas de expediente e secretaria , 1894-1902, cota: 94</i>

Anexo 16

Instruções para preparação de vernizes

1. **SEGREDOS, 1794**

Segredos necesarios para os officios, artes e manufacturas... Vol. II, Lisboa: Na Offic. de Simão Thadeo Ferreira, pp. 105, 129-132.

Verniz branco de copal

Sobre hum arratelo derretido deita quatro, ou seis onças de oleo preparado; quando a incorporação estiver feita, tira o pote do fogo, mexendo sempre, e quando tiver perdido grande parte do calor, lança-lhe um quartilho de essencia de termentina. He assim que o famoso Martin fazia os seus vernizes.

Verniz para quadros

Incorpora a fogo lento huma onça de oleo de linhaça distillado, e tres onças de verniz de alambre. Este verniz deve-se empregar quente.

Outro

Dissolve huma onça de sandaraca em pó em duas onças de oleo de termentina: piza quatro cabeças de alhos, e fá-las ferver em oleo de linhaça: mistura tudo junto, e fá-lo ferver ainda hum pouco; deixa-o assentar para servir.

Outro

Mistura a fogo lento duas onças de oleo de oleo de termentina, huma onça de termentina, e meia oitava de sandaraca.

Outro

Toma agoa ardente, assucar candi e claras de ovos, bate bem tudo, e serve-te da agoa que ficar no fundo.

Outro

Bate claras de ovos com oleo de termentina, e agoa ardente á discrição.

Verniz para pinturas

Deita quatro onças de agoa ardente boa em huma vasilha que possa conter dobrado; fá-la ferver sobre cinzas quentes, e ajunta-lhe quando ferver huma onça de

sandaraca em pó. Quando estiver dissolvida ajunta-lhe onça e meia de oleo de pês, e faz ferver tudo junto.

Verniz para quadros, ou paineis

Ferve oleo de alfazema, e ajunta-lhe rezina bem clara. Se o verniz não parecer brilhante ajunta-lhe mais rezina.

2. BERNARDO DE MONTÓN, [CERPA], 1818

Segredos das Artes Liberaes, E Mecanicas... Segunda Parte, Lisboa: Typ. Rollandiana, pp. 43-44, 98; 103.

Verniz de clara de ovo

Toma huma palangana, e põe-lhe dentro humas claras de ovo, as quaes bate-as, como quem bate chocolate, até que se convertaõ todas em escuma; e darás á pintura muito igual, de modo que não fique carregada, nem relambida.

Verniz para dar sobre as pinturas

Toma agoa ardente, açucar em pedra, e clara de ovo bem batida, e vale-te da seguinte agoa: 4 onças de gomma Arabia, muito limpa, e põe-na sobre cinzas quentes por toda huma noute em huma libra de agoa, pela manhã a coarás, acrescentando-lhe o grosso de huma nós de mel branco, e outra em pedra. “Relata referunt.” Eu não o entendo.

Verniz para dar ás pinturas de panno de linho

Toma oleo de nozes claro, e lhe põe em infuzaõ almeciga bem sutil, e passada por peneira; põe isto ao fogo, e em quanto está fervendo, lhe mette hum pedaço de pedra hume queimada, e logo o côa; e para o empregar, esteja quente, para que possa correr a brocha, e fique o verniz igual.

3. C. X., 1820¹⁰⁰⁸

Annaes das Sciencias, das Artes e das Letras..., Tomo VII, pp. 126-128

Verniz de copal empregado na pintura

O “*Philosophical Magazine*” do Dr. Tilloch publicou em Abril de 1818 o processo de M. “*Cornelius Varley*” para preparar o verniz de copal, que elle affirma ser mui preferivel ao oleo para a preparação das côres empregadas na pintura, por ser quasi transparente, sem côr, mui durável, e por ter a propriedade de preservar as

1008 Publicado igualmente em: *Archivo popular*, 1840, vol.IV: 328

tintas de toda a alteração.

Processo.

Escolhão-se os pedaços mais brancos e mais puros de copal, quebrem-se em pequenos bocados, e reduzão-se a pó mui fino em hum almofariz de vidro, ou de porcelana. Lance-se-lhe em cima oleo essencial de terebenthina quanto baste para cobrir o copal até ao terço da grossura da camada, e môa-se tudo com grande cuidado. Repita-se esta operação no fim de meia hora, e outra vez huma hora depois, porque não convem deixar repousar muito tempo o mixto, para que se torne mui compacto; o autor recommenda que se môa muitas vezes. No dia seguinte deita-se o mixto em garrafas, nas quaes se conserva para o uso; porêm como elle he mais ou menos espesso, segundo a quantidade do oleo essencial que se empregou, e a temperatura da atmospheria, he preciso antes experimentá-lo da maneira seguinte:

Molhe-se no verniz huma espatula de pintor, e seque-se junto do fogo o mais depressa possivel, sem a queimar. Se, depois de esfriado, a superficie da espatula fica lustrosa, he signal que o verniz está assaz espesso; se isto assim não acontecer, moe-se de novo, deixa-se descansar mais algum tempo, e engarrafa-se.

Como no fundo da almofariz sempre fica huma porção de copal não dissolvida, deita-se-lhe huma nova porção de terebenthina, e moe-se muitas vezes por espaço de duas ou tres horas; experimenta-se, como fica ditto, e se tem adquirido as qualidades convenientes, ajunta-se ao outro.

Modo de o empregar.

Se se quizer pintar com este verniz, tomem-se as tintas em pó, moidas cada huma á parte com oleo essencial de terebenthina, juntando-lhe a porção sufficiente de verniz, para que a massa fique bem homogenea, e guardem-se em garrafas. Como ellas engrossão quando seccão, neste caso diluem-se com o mesmo oleo essencial puro; precaução necessaria para que o verniz não se perceba quando o painel estiver acabado. Se acaso tem engrossado de sorte que não se possam moer, junta-se-lhes huma nova porção de tinta em pó e terebenthina, até que tenham adquirido a consistencia que se requer.

As tintas assim preparadas, estando fechadas em gavetas, conservão-se sem alteração; mas sempre que se pertender fazer uso dellas, devem humedecer-se com oleo essencial, como tambem se lhes pode misturar tinta fresca, que se tira das garrafas. As tintas conservão-se no mesmo estado em que pozêrão no painel, e seccão melhor quando não são brilhantes.

No tempo frio põe-se o painel a secar junto ao fogo, ou em huma estufa; comtudo, este meio não he praticavel senão depois que as tintas, tendo enxugado hum pouco, não estão já no caso de se derreterem.

Pode-se envernizar o painel com o verniz de copal, cuja pureza favorece a transparência das tintas; para este fim he necessario approximar gradualmente o painel a

hum fogo, que não seja tão vivo que faça derreter o copal. Este verniz preserva a pintura de tudo quanto pode sujá-la, e de se denegrir com o fumo; para limpá-la basta passar-lhe por cima, de tempos a tempos, huma esponja molhada em agua limpa.

4. SANTOS, 1827

Vernizes. Artigo traduzido do *Diccionario Portatil de Chymica, Mineralogia e Geologia*: Paris, anno 1824. *Annaes da Sociedade Promotora da Industria Nacional*, Lisboa: Imprensa da Rua dos Fanqueiros N.º 129 B, pp. 241; 253-254.

Primeira especie de verniz para paineis de valor [N.º 12]

Mastique escolhido e lavado – 366,86 gr.: therebentina pura – 45,85 gr.: camphora – 15,28: vidro branco pizado 152,85: essencia etherea de therebentina (1) – 1,100,57 Kilogr.

Faz-se o verniz, segundo o methodo indicado em o n.º 1, genero primeiro. A camphora deita-se em boccados, e ajunta-se-lhe a therebentina quando a dissolução da rezina está completa. Porém se o verniz se destina para paineis antigos eu que já tenham sido envernizados, pode-se supprimir a therebentina; que não a recommendamos aqui senão para huma primeira de-mão nos paineis acabados de fresco, e a que recentemente se tirou a de-mão de clara de ovo.

(1) He o mesmo espirito de therebentina: he hum producto da destillação da therebentina com agua (Gyrão)

Verniz de copal e essencia [N.º 18]

Copal côr de âmbar amarello, e em pó – 45,85 gram.: essencia de therebentina, de 96.º de densidade – 244,57.

Expõe-se a essencia ao banho-maria, em hum matraz de gargalo curto e bocca larga: quando a agua do banho ferve, lança-se na essencia huma pitada grande de copal em pó e conserva-se o matraz em hum movimento continuo de rotação. Ligado que esteja o pó com a essencia, deitão-se-lhe novas doses de copal, e assim se continúa até se ver que se fórma hum deposito insolúvel: então tira-se o matraz do banho, e deixa-se alguns dias em repouso: depois separa-se aquelle que está claro ou deixa-se assentar, decanta-se, e filtra-se por algodão.

Se no momento em que se lhe lança a primeira porção de copal, o pó se precipitar em fórma de grumos; inutil he o proceder mais avante. De huma de duas causas nasce este effeito: ou a essencia não tem gráo conveniente de concentração, ou não está bem purificada da fleugma: expô-la ao sol no mesmo matraz em que se fez a

operação, he quanto basta para lhe communicar as qualidades necessarias para dissover a copal. Logo que desaparece a que ali se contém, he signal que a dissolução está feita.

Verniz de copal e essencia, com intermedio

Copal em pó – 30,57 gr.: oleo essencial de alfazema – 61,14 gr.: essencia de therebentina – 183,43 gr.

Aquece-se o oleo essencial de alfazema em hum matraz de sufficiente capacidade, sôbre hum banho de areia aquecido tambem por meio de alampada de Argant, ou sôbre fogo brando de carvão. Quando o oleo está bem quente, deita-se-lhe, por vezes, copal em pó, e meche-se tudo com hum pau de madeira branca arredondado na extremidade. Quando a copal está desfeita de todo, lança-se-lhe dentro, por vezes, a essencia quasi a ferver, e continua-se sempre a mecher em roda o mencionado mixto. Finda que seja a dissolução, resulta hum verniz côr de ouro, mui solido e refulgente, porém menos dissecante que o anterior.

Verniz copal com intermedio [N.º 20]

Copal – 122,28 grammas: therebentina clara – 30,57 gr.

Reduz-se a copal a pó grosso, lança-se em hum vaso de verniz, dá-se-lhe a fôrma de pyramide, e cobre-se com therebentina. Cuberto perfeitamente o vaso, leva-se a fogo lento, que deve gradualmente augmentar-se para não atacar a copal. Quando a materia está bem derretida, vasa-se sôbre huma chapa de cobre, e depois de ter tomado consistencia reduz-se a pó.

Tomão-se – 45, 85 gr. d'este pó, deitão-se em hum matraz que contenha - 122,23 gr. de essencia de therebentina, e remexe-se o mixto até que a materia solida esteja completamente dissolvida.

Este verniz tem côr, e não leva vantagem alguma áquelle cuja composição explicámos, e que designámos pelo N.º 18. A therebentina contribue e muito para a dicta côr, pelo motivo de haver soffrido, pela acção do fogo, hum principio de decomposição, mesmo antes de ter a copal entrado em liquefacção. A este respeito, não he melhor, mas antes inferior ao designado pelo N.º 18.

5. J. BAPTISTA LUCIO, 1844

Collecção de Receitas, e Segredos Particulares..., Vol. V, Coimbra: Typ. De M. Caetano da Silva, pp. 371-372; 409-410 .

Bello verniz para dar sobre paineis, e outras obras pintadas

Sandaraca }
Mastic } escolhidas e preparadas, de cada uma 6 onças
Rezina elemi – 1
Camphora – 4 oitavas
Essencia de terebinthina – 38 onças

Dissolve-se a camphora na essencia, e depois as mais materias, juntando-as pouco a pouco, e procede-se em tudo mais como de costume. No cazo de este verniz se dado sobre obras antigas, e que já tenham sido envernizadas, porem que se lhe quer dar um novo brilho, como acontece muitas vezes, deve servir tal qual se descreve esta receita; porem sendo destinado a obras novas, deve juntar-se-lhe uma até uma e meia onças de terebinthina, o que se faz depois das rezinas se acharem dissolvidas, e indo a terebinthina muito quente, ou mesmo a ferver.

Outro verniz para o mesmo efeito

Mastic mondado e lavado – 12 onças
Terebinthina clara
Camphora (de cada uma 4 oitavas)
Essencia de terebinthina – 36

Procede-se como ficou dito no processo [anterior], e augmenta-se a doze de terebinthina até uma onça, ou onça e meia, no cazo de se destinar este verniz a obra nova.

Verniz branco para dar sobre metaes, e sobre quaesquer pinturas

Copal – 16 onças
Oleo de semente de papoilas – 8
Essencia de terebinthina – 16

Mete-se o vaso em banho de areia, com a copal reduzida a pó, e dasse-lhe um calor que simplesmente seja capaz de fundir a copal; então se lhe junta pouco a pouco, o oleo de papoilas seccativo e fervente. Tira-se o vaso do banho, e passados alguns minutos se lhe junta a essencia quente, tendo sempre tudo em agitação com uma espátula, sem cessar, desde que se começou a reunir o oleo. Enquanto o verniz se acha quente coa-se por um panno de linho ou algodão, e se mete em uma garrafa

de boca larga, onde o repouso prolongado o torna cada vez mais transparente, e bello para os efeitos.

Verniz branco de charão, muito uzado, solido e transparente

Copal branca – 8 onças

Oleo de papoilas – 20

Terebinthina – 1 e meia

Essencia de terebinthina – 6

Prepara-se este verniz como o [anterior], juntando-lhe a terebinthina em ultimo lugar. Elle é muito mais custozo de secar do que aquelle, porem é admiravel em seus efeitos.

6. VERNIZES, 1844

Revista Universal Lisbonnense, Tomo III. Lisboa: Imprensa da Gazeta dos Tribunaes, p. 467

(são tirados dos melhores auctores de chymica francezes)

Verniz de Espirito

Sandaraca – 8 onças

Alcool de 36° – meia canada

Terebinthina fina – 6 onças

Agua raz – onça e meia

Reduz-se a sandaraca a pó grosso, põe-se em uma catimplora com o alcool, e se aquece a banho maria, mechendo de quando em quando até que a resina se dissolva inteiramente; retira-se do lume, e ajuncta-se-lhe a terebinthina e logo depois a agua raz: põe-se novamente em banho maria, e ferve-se 8 ou 10 minutos; deixa-se repousar, e tira-se por inclinação, ou passa-se por um peneiro de seda espesso. Este verniz, serve para dar em papéis, para os quadros, e para as pinturas sobre madeira, etc. É perfeitamente branco, quando se tem o cuidado de escolher uma boa terebinthina, e a resina Sandaraca bem lavada. Póde-se muito bem tirar-lhe toda a côr tractando-o pelo carvão animal, se d'isso houver necessidade. Porem então é necessario deixal-o repousar muitissimo tempo antes de o empregar.

Verniz d'Essencia

Este verniz é formado de sandaraca e de almecega, dissolvidas em agua raz.

Verniz graxo

Este verniz é composto de resina copal derretida ao fogo, e dissolvida depois em

oleo fervido primeiramente com fezes de oiro, e dilatados com essencia d'alfazema ou outra qualquer. Estes ultimos são os mais formosos e os mais solidos de todos.

7. NOVA COLLECÇÃO DE RECEITAS UTEIS, 1858

Nova collecção de Receitas Uteis e necessarias a todas as familias em geral, Lisboa: Impr. De Francisco Xavier de Sousa, pp. 93 e p. 95.

Verniz para paineis

Mastique ou almecega lavada em pó, 375 gram.

Terebentina limpida – 48 g

Alcamfor – 16 g

Vidro branco pilado – 160 g

Essencia de terebentina 1 Kil. 750g

Tire-se a limpo deixando o vidro pilado no fundo. Este verniz applica-se sobre tudo quanto é pintado a oleo.

Verniz copal em alcohol

A copal para este verniz deve ser da melhor; demtam-se sobre ella gottas de oleo essencial de rosmaninho; a que ficar amolecida com este oleo é de boa qualidade.

Depois de ensaiada, moe-se até se reduzir a pó mui fino com a moleta, e depois peneira-se em peneira de seda muito fina; lança-se n'um copo este pó na altura de um dedo travesso, e deita-se em cima outro tanto de essencia de rosmaninho, e meche-se bem esta mistura com uma espatula de madeira, ou de vidro, isto porém pelo espasso de alguns minutos: no fim desse tempo torna-se n'uma massa molle e viscosa, deixa-se sentar por tempo de duas horas, e então lançam-se com brandura duas ou tres gottas de alcohol bem puro, e faz-se andar por todo o vidro até estar misturado com toda a massa.

Estas primeiras gottas são as mais difíceis a fazer entrar na composição: depois lançam-se mais gottas, choca-lha-se levemente o liquido até que o verniz fique claro e transparentes: deixa-se sentar por alguns dias, depois do que decanta-se e o pó que fica passa-se pela mesma operação até que se dissolva toda.

8. A. DA SILVA VIEIRA, 1860

Thesouro Inesgotavel ou Collecção de Varios Processos e Receitas..., Porto: Typographia José da Silva Teixeira, p. 202; pp. 284-285.

Verniz branco d'almecega

Agua raz – 500 grammas

Almecega da India – 125 „

Cal virgem – 60 „

Em vaso de barro vidrado deita-se a agua raz e a almecega; dissolva-se a calôr-brando, mexendo de vez em quando; feita a solução, tire-se para fóra do lume, mexa-se, deixe-se a assentar e decanta-se.

Verniz branco de copal

Agua raz – 1:500 grammas

Copal em pó grosso – 500 ,,

Em vaso de barro e a calôr brando se dissolva a gomma, mexendo desde que levante a primeira fervura, e quando principiar a segunda fervura que differe consideravelmente da primeira, tire-se do lume e arrume-se sem maios o mexer.

Verniz de copal

Copal dura – 500 grammas

Oleo seccativo – 200 ,,

Essencia de terebenthina – 500 ,,

Dissolvem-se estas substâncias em vasos separados; funde-se o copal, aquece-se o oleo seccativo quasi até ferver, e ajunta-se, pouco a pouco, ao copal fundido, mexendo bem para favorecer a combinação misturando estas substâncias, ajunta-se-lhes a essencia com muita precaução. Ha quem prefira fundir a terebenthina com o copal, porque se dissolve mais facilmente; mas não se deve fazer sobre o fogo para evitar a inflammação, que seria muito perigosa.

Verniz d'olio

Agua raz – 750 grammas

Oleo de linhaça – 250 ,,

Copal em pó grosso – 250 ,,

Talco em pó grosso – 30 ,,

Alvaiade queimado – 120 ,,

Sombra queimada – 60 ,,

Fezes d'ouro em pó – 60 ,,

Deita-se o alvaiade, as fezes, a sombra, e o talco, em uma boneca de panno, no oleo e em vaso vidrado; ferva-se até que levante escuma; vai-se tirando esta levemente, deite-se dentro do oleo, e logo que comece a estalar se tire para fóra do lume. Este é o denominado oleo fervido.

Derrete-se a gomma á parte, e depois de perfeitamente derretida, lança-se-lhe o oleo a ferver, pouco a pouco e com cautella, para que não salte á cara; mexendo

sempre, lança-se-lhe a agua raz, tambem a ferver, e mexendo sempre, usando o mesmo cuidado; de resto mexe-se bem, deixa-se assentar e decanta-se.

9. M. A. DE MATTOS, 1863

Encyclopedia das Artes..., Lisboa: Typographia Universal, pp. 460-461, 466.

Verniz de essencia ou verniz para quadros

Almecega – 375 grammas

Terebinthina – 45 ,,

Camphora – 15 ,,

Vidro pisado – 160 ,,

Essencia de terebinthina – 750 ,,

Outro

Essencia de terebinthina – 60 grammas

Laca – 30 ,,

Alcool – 125 ,,

Pós de sapatos – 15 ,,

Verniz para quadros

Terebinthina de Veneza – 120 partes

Sandaraca – 60 ,,

Derretem-se e junta-se-lhe suficiente quantidade de essencia de terebinthina para tomarem a consistencia do verniz.

10. MANUAL DO DISTILLADOR, 1873

Manual do Distillador..., Lisboa: Livraria de J. J. Bordalo, p. 170-171.

Verniz de copal

Copal – 500 grammas

Oleo – 250 ,,

Essencia – 500 ,,

Verniz succino

Succino ou ambar amarello – 500 grammas

Oleo – 250 ,,

Essencia – 250 ,,

Verniz para paineis

Mastique ou almecega lavada em pó – 375 grammas

Terebinthina limpida – 48 „

Alcamfor – 16 „

Vidro branco pilado – 160

Essencia de terebinthina - 1 Kilogr. 750 „

Tire-se a limpo deixando o vidro pilado no fundo. Este verniz applica-se sobre tudo quanto é pintado a oleo.

11. J. PEREIRA, 1881

Manual do fabricante de vernizes..., Bibliotheca do Povo e das Escolas. 19. Lisboa: David Corazzi - Editor, pp. 39-44.

Verniz de Tingry

(para quadros de valor)

Mastique purificado e lavado – 24 partes

Terebenthina de Veneza, pura – 1 „

Camphora pulverizada – 1 „

Vidro branco em pó – 10 „

Essencia destillada de terebenthina – 12 „

Reduz-se o mastique a pó fino, mistura-se este pó com a camphora e o vidro; lança-se tudo n'um matraz de collo curto e deita-se a essencia. Tem-se um páu de madeira branca (pinho, por exemplo), bem sêcco, proporcionado á altura do matraz, a fim de que se possam remexer os ingredientes. Expõe-se o matraz n'uma bacia-de-mãos cheia de agua, que, tepida ao principio, se conserva depois a ferver até á completa dissolução das resinas. Quando a dissolução das resinas estiver concluída, ajunta-se a terebenthina liquefeita previamnete, mistura-se depois, deixa-se ainda o matraz na agua fervente durante meia-hora, retira-se d'ahi, e continua-se a agitar o verniz de tempos a tempos, até estar completamente arrefecido. No dia seguinte, trasfega-se, filtra-se pelo algodão, e guarda-se para o uso.

Verniz para quadros, do commercio

Incontra-se no commercio, sob o nome de “verniz para quadros”, uma simples dissolução, a quente, de terebenthina na essencia.

Faz-se de tres maneiras:

O superfino

Terebenthina de Veneza – 3 Kilogrammas

que se fazem derreter em:

Essencia de terebenthina – 8 litros

e que se conservam sobre o fogo até que o verniz esfriado fique límpido.

Obter-se-hia um verniz muito mais límpido e menos colorido se, logo que a terebenthina estivesse dissolvida na essencia, a deitassem fervendo, n'uma "tourie" bem enfardelada, e se ahi a deixassem arrefecer sem a tapar.

O numero 1:

Terebenthina de Veneza

Terbenthina de Suissa (ãa 3,50 kilogrammas)

Essencia de terebenthina – 20 litros

O numero 2

Terbenthina de Suissa – 7,50 kilogrammas

Essencia de terebenthina – 20 litros

É escusado de dizer que a essencia de terebenthina deve ser escolhida bem límpida e sem côr.

Verniz de copal

(Processo de Henri, modificado)

O processo de preparação d'esta qualidade de verniz (verniz gordo e espirituoso de copal) foi durante muito tempo desconhecido. Henri e Watin, este de Manchester, aquelle em Paris, é que o preparavam sómente, em principios do seculo actual. O método de Henri dá um verniz mais colorido.

Deve fazer-se a dissolução n'um lugar quente, em um dos oleos essenciais: de alfazema, de bergamota, de laranja, de limão, de rosmaninho, de alecrim. Como este ultimo oleo é menos custoso e a operação tambem menos difficil, emprega-se geralmente nas fabricas.

Alcool

Oleo essencial de rosmaninho q.b

Copal

Para este verniz é preciso copal de primeira qualidade. Depois de se ter experimentado se ella é boa ou não, meche-se até ficar reduzida a pó subtil e peneira-se com peneira de seda finíssima; deita-se este pó n'um copo, na altura de um dedo horizontal, e lança-se por cima outro tanto de oleo de rosmaninho, agitando-se bem esta mistura com uma espátula, por espaço de alguns minutos.

No fim d'este tempo, o mixto fica uma especie de massa molle e visosa; deixa-se repousar durante duas horas, findas as quaes, lançam-se, de vagarinho, duas ou tres gottas de alcool bem puro, e faz-se circular por todo o copo até ficar bem misturada a massa.

Estas primeiras gottas são as que custam mais a ser combinadas com o resto da composição. Logo que essa combinação se effectuar, addicionam-se mais gottas, e chocalha-se o liquido até que o verniz fique bem claro e transparente.

Deixa-se assentar por alguns dias, depois dos quaes se decanta; e o pé ou sedimento que fica sofre a mesma operação até que se dissolva de todo.

Ha tambem outro meio de preparar este verniz. Consiste em se empregar em vez do oleo essencial de rosmaninho o de terebinthina. As materias são introduzidas n'uma pequena retorta sobre o calor de uma lampada.

12. T. DECIO, 1882

Encyclopedia Indispensavel ás Artes... Porto: Typ. Universal de Nogueira & Caceres, pp. 296-300.

Verniz para quadros a oleo de preço

Mastique escolhido e lavado – 334 grammas

Terebinthina de Veneza pura – 42 „

Camphora em pó – 14 „

Vidro branco pisado – 139 „

Essencia de terebinthina destilada – 1:000 „

Reduz-se a pó fino o mastique, junta-se à camphora em pó com o vidro muido recolhe-se tudo n'um matráz de collo curto, e junta-se a essencia.

Agita-se a mistura com um bocado de pau branco de altura proporcionada ao matráz, colloca-se este n'um vãos cheio d'agua tépida em principio mas que se aqueça até ferver e até completa dissolução das resinas sobre as quaes se tem lançado toda a quantidade de ether indicada.

A frio basta metter a essencia, a resina, a camphora n'uma garrafa ou balão bem rolhada com cortiça mas apenas cheia de dous terços do que possa conter.

Agita-se e expõe-se ao sol ou em estufa até estar completa a dissolução das resinas. Decanta-se e filtra-se por algodão.

A banho maria metem-se todas as substancias n'um matráz de cobre estanhado e colloca-se a fogo moderado, agitam-se as materias continuamente com um pau branco muito secco até estarem dissolvidas. Deve-se ferver a mistura e passa-se através d'um crivo para vasos de louça vidrada que se deixam destapados até que o verniz de todo esfrie.

Verniz usual para quadros

	<i>A</i>	<i>B</i>	<i>C</i>
<i>Essencia de terebinthina –</i>	<i>1:000,</i>	<i>1:000,</i>	<i>1:000 grammas</i>
<i>Terebinthina de Veneza –</i>	<i>370,</i>	<i>185,</i>	<i>1:000 „</i>

Terebinthina da Suissa – 370, 195, 370 „
Dissolvem-se a quente as terebinthinas na essencia, terminada a soluçõo deita-se o verniz quente em vaso de louça vidrada que se deixa a descoberto até esfriar.
Estes vernizes são mais usuaes mas mais ordinarios que a formula antecedente, o verniz A é melhor que o B, e este melhor que o C.

13. F. CASTRO DA SILVA, 1898

Pintura Simples, Lisboa: s. n., p. 22, 25.

Verniz copal

Compõe-se de:

Copal – 500 grammas

Oleo siccativo – 190 „

Essencia de terebintina – 500 „

Verniz d’essencia

Compõe-se de:

Mastique – 175 grammas

Terebenthina – 45 „

Camphora – 15 „

Vidro pisado – 150 „

Essencia de terebenthina – 110 „

14. SEAROM LAEL, C. 1900

Livro de ouro das famílias... Lisboa: Portugal-Brasil, Sociedade Editora Arthur Brandão & C.^a, p. 1054.

Verniz para quadros a oleo

Goma lacca branca 125; sandaraca, 130; terebinthina de Veneza. 45; benjoim 25; galipó, 20; canfora, 15; essencia de alfazema, 10; alcool methylico, (de madeira), 650.

15. MANUAL, 1913

Manual de Receitas e Processos Uteis... Encyclopædia Bordalo, Collecção de Manuais Uteis, 8.^a ed., Lisboa: Arnaldo Bordalo, p. 103.

Verniz de pintor

Sandaraca, 120 partes; almecega, 30p.; terebinthina de Veneza, 6 p.; essencia de terebintina, 90 p.; oleo de linhaça cosido, 750p.

Verniz para quadros

Almecega, 375 partes; terebinthina, 45 p.; camphora, 15p.; vidro pulverizado, 150 p.; essencia de terebinthina, 110 p.

Anexo 17

Resinas e vernizes disponibilizados no comércio¹⁰⁰⁹

1. LABORATORIO CHIMICO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, 1816

Sôbre os trabalhos em grande que no Laboratorio Chimico da Universidade poderão praticar-se com utilidade do Público, e com maiores vantagens do mesmo Estabelecimento...

Dr. Thomé Rodrigues Sobral

Jornal de Coimbra, Vol. IX, n.º XLVII, Parte I, Lisboa: Na Impressão Regia, p. 312.

Vernizes: todas as especies que se-pedirem segundo seus diferentes usos, e fins de invernizar estampas, mapas, madeiras, metaes; sejao espirituosos ou alcoólicos, sejam oleosos: dos quaes os mais interessantes são verniz alcoólico de Copal

Dito oleoso, verniz de Cel. Marten

Dito oleoso de succino

2. SERZEDELLO & C.^a, 1853

Lista de Drogas, Tintas e Productos Chimicos que se vendem no Largo do Corpo Santo nos Armazens n.os 6, 7, 8, 9 pertencentes a Serzedello & C.^a.

Lisboa: Typ. Castro & Irmão.

	Designação	Peso/preço
resinas	<i>Alambre</i>	Arrátel/1:200
	<i>Alcamfor refinado</i>	Arrátel/ 800
	<i>Almecega do Brazil</i>	Arrátel / 240
	<i>Almecega da India</i>	Arrátel/ 1:600
	<i>Beijoim</i>	Arrátel / 650
	<i>Gomma arabica branca</i>	Arrátel/ 480
	<i>Goma arabica ordinaria</i>	Arrátel/ 160
	<i>Goma arabica em sorte</i>	Arrátel/ 360
	<i>Goma copal</i>	Arrátel / 160
	<i>Goma graxa</i>	Arrátel / 240
<i>Goma limão ou Elemi</i>	Arrátel / 600	
vernizes	<i>Verniz d'espique</i>	Arrátel / 160
	<i>Verniz d'espirito de vinho</i>	Arrátel / 360
	<i>Verniz d'oleo ou copal</i>	Arrátel / 480

¹⁰⁰⁹ Os preços indicados até 1911 encontram-se em réis, depois dessa data, em escudos.

3. DAVID XAVIER COHEN, 1880

Bases para Orçamentos... Lisboa: Typographia de Gutierrez, pp. 181-182.

	Designação	Preço
vernizes	<i>Verniz copal</i>	600
	<i>Verniz d'espírito</i>	1.000
	<i>Verniz Flating</i>	900

4. DAVID XAVIER COHEN, 1896

Bases para Orçamentos... Lisboa: José Antonio Rodrigues – Editor, p. 524.

	Designação	Preço
vernizes	<i>Verniz copal</i>	450
	<i>Verniz d'espírito, claro</i>	1.000
	<i>Verniz d'espírito, escuro</i>	800
	<i>Verniz Flating</i>	1.100
	<i>Verniz de gomma laca</i>	780

5. JOAQUIM M. P. FALCÃO, 1894

Tabella de preços para a Direcção especial de Edifícios Publicos e Faroes

Ministério das Obras Públicas, mç. 489, cota: PT/TT/MOPCI/DEPFM-01-03-03.2/1114, Acessível no ANTT.

	Designação	Preço (Kg)
vernizes	<i>Verniz Flating inglez Nobls</i>	1.500
	<i>Verniz Flating Spencer</i>	1.050
	<i>Verniz Christal</i>	700
	<i>Verniz d'espírito branco</i>	600
	<i>Verniz d'espírito escuro</i>	580
	<i>Verniz d'alfazema</i>	1.800

6. JOAQUIM M. P. FALCÃO, 1896

Tabella de preços de tintas e artigos para pintura do fornecedor Joaquim M. P. Falcão

Ministério das Obras Públicas, mç. 510, cota: PT/TT/MOPCI/DEPFM-01-03-03.2/1723, Acessível no ANTT.

	Designação	Preço (Kg)
vernizes	<i>Verniz Flating Dybbs</i>	1.300
	<i>Verniz Christal</i>	1.250

7. ANTONIO CARVALHO JUNIOR, 1896

Tabella de preços de tintas e artigos para pintura do fornecedor Antonio Carvalho Junior

Ministério das Obras Públicas, mç. 510, cota: PT/TT/MOPCI/DEPFM-01-03-03.2/1723, Acessível no ANTT.

	Designação	Preço (Kg)
vernizes	<i>Verniz Flating Dybbs</i>	1.300
	<i>Verniz Christal</i>	1.200

8. M. B. B. TEIXEIRA, 1896

Tabella de preços de tintas e artigos para pintura do fornecedor Joaquim M. P. Falcão

Ministério das Obras Públicas, mç. 510, cota: PT/TT/MOPCI/DEPFM-01-03-03.2/1723, Acessível no ANTT.

	Designação	Preço (Kg)
vernizes	<i>Verniz d'alfazema</i>	1.200
	<i>Verniz d'espírito branco</i>	1.000
	<i>Verniz Christal inglez</i>	1.200
	<i>Verniz Flating inglez de 2.^a qualidade</i>	1.200
	<i>Verniz Flating inglez de 1.^a qualidade</i>	1.500
	<i>Verniz a bronzear</i>	1.500
	<i>Verniz a tableau</i>	2.000

9. JOAQUIM M. P. FALCÃO, 1897

Preços de tintas e artigos para pintura

Ministério das Obras Públicas, mç. 489, cota: PT/TT/MOPCI/DEPFM-01-03-03.2/1114, Acessível no ANTT.

	Designação	Preço (Kg)
vernizes	<i>Verniz Flatting Noble</i>	1.400
	<i>Verniz Flatting Clark</i>	1.300
	<i>Verniz Flatting inglez de 1.^a</i>	1.150
	<i>Verniz Flatting inglez de 2.^a</i>	1.000
	<i>Verniz Christal de 1.^a</i>	1.200
	<i>Verniz Christal de 2.^a</i>	900

10. FAVREL LISBONENSE, C. 1913-1920

Oleos, Essencias e Vernizes Para a Pintura

Varella, J. N., *A Favrel Lisbonnense* [catálogo], p. 77.

	Designação	Preço de cada frasco
vernizes	<i>Verniz Martin</i>	\$15
	<i>Verniz à tableaux</i>	\$15

Anexo 18

Resinas e vernizes identificados na documentação de contabilidade da ABAL e da APBA

1. ACADEMIA DE BELAS ARTES DE LISBOA

Data	Descrição	Finalidade	Fornecedor	Fonte
1841	<i>verniz de almecega da India</i>	Aula de Pintura de Paisagem		<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. II, 1837-1844, cota: 1-A-SEC.38
1843	<i>verniz masticci</i>	Aula de Pintura Histórica	droguista	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. II, 1837-1844, cota: 1-A-SEC.38
1843	<i>verniz mastici</i>	Aulas de Pintura	droguista	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. II, 1837-1844, cota: 1-A-SEC.38
1844	<i>verniz de almecega</i>	Restauro dos quadros da Academia	droguista	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. II, 1837-1844, cota: 1-A-SEC.38
1844	<i>verniz de almecega</i>	Aula de Pintura Historica	droguista	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. II, 1837-1844, cota: 1-A-SEC.38
1845	<i>verniz de essencia</i>	Restauro dos quadros da Academia	droguista	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. III, 1844-1849, cota: 1-A-SEC.37
1845	<i>verniz de almecega</i>	Restauro de quadros	droguista	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. III, 1844-1849, cota: 1-A-SEC.37
1846	<i>verniz de essencia</i>	Aula de Pintura Histórica	droguista	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. III, 1844-1849, cota: 1-A-SEC.37
1847	<i>verniz de essencia garrafas para o verniz</i>	Aula de Pintura Histórica	droguista	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. III, 1844-1849, cota: 1-A-SEC.37
1848	<i>verniz de essencia</i>	Aula de Pintura Histórica	droguista	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. III, 1844-1849, cota: 1-A-SEC.37
1852	<i>verniz de gomma almecega</i>		particular	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. IV, 1849-1855, cota: 1-A-SEC.39
1852	<i>verniz de almecega</i>	Aula de Pintura Histórica	particular	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. IV, 1849-1855, cota: 1-A-SEC.39
1852	<i>verniz de almecega garrafas</i>	Aula de Pintura Histórica e Aula de Pintura de Paisagem	pintor	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. IV, 1849-1855, cota: 1-A-SEC.39

Data	Descrição	Finalidade	Fornecedor	Fonte
1852	<i>trabalho de envernizar quadros verniz de almecega</i>	Aula de Pintura Histórica e 16 quadros envernizados a 65 reis cada um para a Aula de Pintura de Paisagem	pintor	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. IV, 1849-1855, cota: 1-A-SEC.39
1852-1853	<i>verniz de almecega verniz garrafas</i>		Miguel Lourenço	<i>Livro de folhas de receitas e despesas</i> , vol. I, 1843-1885, cota: 1-B-SEC.133
1852-1853	<i>trabalho de envernizar quadros verniz de almecega</i>		Miguel Lourenço	<i>Livro de folhas de receitas e despesas</i> , vol. I, 1843-1885, cota: 1-B-SEC.133
1853	<i>verniz de almecega</i>	Aula de Pintura Histórica, para o restauro de um dos quadros do extinto convento de Thomar	particular	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. IV, 1849-1855, cota: 1-a-SEC.39
1853	<i>verniz de almecega</i>	Aula de Pintura Histórica	particular	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. IV, 1849-1855, cota: 1-A-SEC.39
1853	<i>verniz de espirito</i>		Manuel Domingues	<i>Livro de folhas de receitas e despesas</i> , vol. I, 1843-1885, cota: 1-B-SEC.133
1856	<i>Verniz de almecega</i>	Envernizar os quadros da Academia	particular	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. V, 1855-1863, cota: 1-A-SEC.41
1859	<i>verniz de gomma almecega</i>	Trabalhos dos Artistas de Pintura	droguista	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. V, 1855-1863, cota: 1-A-SEC.41
1859	<i>verniz de gomma almecega</i>	Trabalhos do artista Antonio Caetano da Silva	droguista	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. V, 1855-1863, cota: 1-A-SEC.41
1860	<i>verniz de gomma almecega</i>	Trabalhos dos Artistas de Pintura	boticário	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. V, 1855-1863, cota: 1-A-SEC.41
1861	<i>verniz de gomma almecega</i>	Envernizar os quadros da Academia	boticário	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. V, 1855-1863, cota: 1-A-SEC.41
1862	<i>verniz de essencia garrafas vazias</i>	Envernizar os quadros da Academia	boticário	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. V, 1855-1863, cota: 1-A-SEC.41
1864	<i>verniz de gomma almecega</i>	Envernizar os quadros da Academia	pharmaceutico	<i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. VI, 1863-1870, cota: 1-A-SEC.43
1864	<i>verniz de gomma almecega</i>		J. F. Delicioso	<i>Livro de folhas de receitas e despesas</i> , vol. V, 1869-1906, cota: 1-B-SEC.137
1881	<i>verniz de gomma laca verniz copal</i>		Camillo Manuel Alves Gil	<i>Correspondência recebida</i> , vol. II, 1856-1880, cota: 3-A-SEC.54

2. ACADEMIA PORTUENSE DE BELAS ARTES

Data	Descrição	Finalidade	Fornecedor	Fonte
1837	<i>verniz</i>	Tintas compradas para a APBA a pedido do professor		Cx. n.º 1. Arquivo da FBAUL
1845	<i>verniz</i>	Para pinturas do Museu Portuense	Manoel Joaquim de Faria Teives	<i>Documentos de despesa</i> , 1845-1911, cota: 245
1849-1850	<i>goma arabia</i>	Museu Portuense	Custodio José dos Passos	<i>Documentos de despesa</i> , 1845-1911, cota: 245
1857	<i>verniz d'almecega</i>		Antonio Ferreira Gomes (porteiro da APBA)	<i>Documentos de despesa</i> , 1845-1911, cota: 245
1863	<i>cruão almecega</i>			<i>Documentos de despesa</i> , 1845-1911, cota: 245
1866-1871	<i>gomma arabia</i>		Francisco Caetano da Silva	<i>Documentos de despesa</i> , 1845-1911, cota: 245
1872-1879	<i>gomma arabia</i>		Custodio José Rodrigues	<i>Documentos de despesa</i> , 1845-1911, cota: 245
1886	<i>uma caixa de verniz</i>		Custodio José Rodrigues	<i>Contas de receita e despesa</i> , 1855-1889, cota: 88 (1), doc. 71
1896	<i>verniz goma arabica</i>			<i>Despesas miúdas de expediente e secretaria</i> , 1894-1902, cota: 94
1897	<i>goma arabica</i>			<i>Despesas miúdas de expediente e secretaria</i> , 1894-1902, cota: 94
1902	<i>um frasco com goma arabica</i>		Araujo & Sobrinho	<i>Contas a pagar: Requisições</i> , 1901-1909, cota 36

Anexo 19

Aquisição de materiais de pintura feita pela Biblioteca Nacional de Lisboa ao droguista Francisco José de Carvalho (1864)

Conta do restauro dos retratos dos Bispos do Ultramar remetidos ao Ministério da Marinha

1864

cota: AHBN/GF/28/cx. 01-14, BNP.

Bibliotheca Nacional de Lisboa

Deve
a Fran^{co} José de Carvalho

	<i>adaver</i>
14 1/2 300 ^{gr} Oleo. ingles	319 35
4 1/2 " Aguardax Am ^{er}	810 80
25 " Alu ^o m ^o 1 ^o	510 00
1/2 1/2 " Verde escuro	12 80
1 Cant ^o 39 ^o Alcool 70 ^o	810 50
625 gr Gomma laca	15 00
15 " Pinguim de drago	10 50
2 1/2 1/2 " Detulpa fina	17 00
1 1/2 " Lixa de panno	10 20
1 Esponja Grande	17 50
500 gr Vermel ^{ho} desp ^{to}	141 40
250 " Azul ingles	15 60
125 " Sombra De Colonia	10 50
18 1/2 " Gesso de pintar	12 60
1 750 gr Zumbatiqum	10 00
4 1/2 " Preto d'Italia m ^o Aguia	14 55
9 " Moxas	515 40
2 1/2 1/2 1/2 " Ocre f ^o	12 00
1 1/2 1/2 " Flor d'auris m ^o	15 50
4 1/2 1/2 1/2 " Almagre	14 75
125 " Azul de Indiamas	15 50
19 1/2 " Cre ^o f ^o	13 90
2 1/2 1/2 1/2 " Sexas emp ^o	13 80
25 " Colhas	812 00
	1919 45

Segue

Transporte	19945
4 pac ^{to} Verde perniana Portugal	800
800 ^{to} Pa' Sapatos	230
Somma total	<u>20975</u>

Importa esta Conta em Vinte e Nove Centos e Cincoenta e cinco reis

Francisco José de Camalho.



EN/GF/28/cx01-14

Anexo 20

Aquisições de materiais de pintura à companhia Charles Roberson & Co

1. MARCIANO HENRIQUES DA SILVA / REI D. LUÍS I

27 de Outubro 1865

Roberson Archive, Hamilton Kerr Institute, University of Cambridge

Cota: HKI MS. 106-1993, p. 194a.

Friday 27th Oct. 1865.

Marciano H da Silva R.A			
Royal Academy of Fine Arts Lisbon			
	76 Tubes Oil Colors sorted	54	1 54
	18 dble tubes S. Flake White	10	15
	8 Tubes Cobalt 3 rd Puter 4 th Cadmium 12 th	38	1 46
✓	1/2 doz finest Vermilion Lake 4 th doz Red		3 9
✓	1/2 doz Scarlet Vermilion		1 3
✓	1/2 doz Dark Madder		3 3
✓	1/2 doz Rose Madder		12 3
	16 ^{oz} of 7 ^{oz} Smilly prep. white	5	14
	10 ^{oz} of 10 ^{oz} d. d.	12	8
	1 Grn Pale Drying Oil 14 ^{oz} 2 nd 1/2		17 4
	1/2 Grn Dark Oil 4 ^{oz} 1/2 1/2 2/3		9 3
✓	3 doz fine R. Boy Tools N ^{os} 2, 3, 5, 7		7
✓	2 flat do N ^{os} 4, 1/2 3 do N ^{os} 8, 7/8		3 6
	2 fine Boy W. Parnish Brushes 2 nd		4
	addressed + 2 Cases P.		7
	His Majesty Dom Luis I of Portugal	22	15 10
	Portuguese Legation London		
	Mr Alfred Wilson West Street		
	Colchester		
	Tube Colors Postage		3

233

Paid Stamp 27/10/65

2. MANUEL COSTENLA

Fevereiro 1871

Roberson Archive, Hamilton Kerr Institute, University of Cambridge

Cota: HKI MS. 247-1993, p. 682.

Manuel Costenla
 Rua do Chiado 88 Lisboa

682

1/2 each flat Oil Labels	1/4 1/8 1/2 1/4 2/8 3/ 3/4 4/ 5/	
1/2 each Round Oil Labels	1/4 2 1/3 4 4 7 5 4 6 9/ 7 1/ 8 1/ 9 1/ 1/	1 5 4
1/2 each Round Oil Labels	1/4 2 1/3 4 4 7 5 4 6 9/ 7 1/ 8 1/ 9 1/ 1/	1 7 0
10 1/2 dz Oil Colours sorted		1 11 6
1/2 dz Vermilion	4/6	2 3
1/2 dz Cobalt	8/	4
1/4 dz Carmine	21/	5 3
1/2 dz Magenta	4/	2
	Red	6
To Marion Le Soho Sep		3 4 1 10

Anexo 21

Fornecedores de materiais de pintura

1. PORTUGUESES

1.1 Lisboa

Código	F.1
Nome	A. F. A. de Azevedo Filhos
Localização	Praça de D. Pedro, n.º 31 e 33, Lisboa Rua do Príncipe, 24 a 38, Lisboa
Datas	1777-atual
Produtos comercializados	Medicamentos, drogas, tintas, produtos químicos.
Historial	Existia neste local uma botica do frade Francisco José de Aguiar, pertencente à “Ordem de São Domingos”. Mais tarde passou a José Rodrigues Crespo, cuja filha casou com António Feliciano Alves de Azevedo, começando a que hoje se designa “Farmácia Azevedos”.
Referências	Campos, 1889: 410. S., P. S. 2009.



Figura A21.1 Cunha, A. [entre 1913 e 1916] *Hotel Metrópole*. PT/AMLSB/ACU/002534, AFML-F. (pormenor).

Código	F.2
Nome	J. de Brito e Cunha (Alberto Júlio de Brito e Cunha)
Localização	Calçada do Duque, 29, Lisboa Largo do Carmo, 21 (fábrica)
Datas	[1888-1890]
Produtos comercializados	Fábrica de produtos químicos, fotográficos, farmacêuticos, para as artes e indústrias, assim como todos os sais de mercúrio, especialmente sublimado corrosivo, calomelanos e mercúrio doce para exportação, sulfuretos (vermelhão), diversos sais.
Referências	Campos, 1888: 396; Campos, 1889: 374; Cruz, 2006: 330.



Figura A21.2 Anúncio em: Campos, 1888: 396.

Código	F.3
Nome	A. M. Antunes
Localização	Rua Garret, n.º 88, Lisboa
Datas	[1872 – ?]
Produtos comercializados	Gravuras, oleografias e litografias; Máquinas fotográficas, artigos para douradores, fotografia e litografia, álbuns para retratos, coleções e desenhos. Objetos para pintura a óleo e aguarela. Baguetes para molduras em dourado, branco e ouro, preto, etc. Molduras em todos os géneros. Espelhos em vários tamanhos.
Historial	Sucessor de Manuel Costenla (ver F. 59). Depois da morte de A. Matos Antunes a sua viúva deu continuidade ao negócio.
Clientes	Academia de Belas Artes de Lisboa
Referências	Peixoto, 1872: 381; 1873: 328; 1874: 322; 1875: 362; 1876: 342; 1877: 409; <i>Livro de receitas e despesas</i> , Vol. IX, 1876-1879, Arquivo da ANBA; <i>Livro de despesas</i> , 1907-1916, Arquivo da ANBA; Costa, 1965: 274.

DEPOSITO GERAL
DE
ESTAMPAS
CASA DE COMISSÃO E FORNECIMENTO GERAL
PARA PHOTOGRAPHIA E LYTHOGRAPHIA

— — — — —
MANUEL COSTENLA
SUCCESSOR
A. M. ANTUNES

Espelhos, molduras doiradas e de polimento, passe-
partouts, albuns, objectos de dezenho, machinas para
tirar retratos, vistas para estereoscopios, bilhetes de
visita á machina, cem n'um minuto a preços razoaveis.

88 — RUA DO CHIADO — 88
LISBOA

Figura A21.3 Anúncio em: Peixoto, 1873: 328.

21

DEPOSITO GERAL DE ESTAMPAS

CASA DE COMMISSÃO

Machinas photographicas
para retratos
e vistas
de diferentes formatos.
Artigos
para douradores,
photographia e lithogra-
phia
Albums
para retratos
collecções e desenhos.

Grande sortimento em gravuras
oleographias e lithographias

Completo sortimento
de objectos para pintura
a oleo e aguarella.
Variadissimo
sortimento de baguetes
para molduras,
em dourado, branco
e ouro, preto, etc.
Molduras
em todos os generos
Espelhos
em varios tamanhos

A. M. Antunes

88, RUA GARRETT (Chiado)

A Academia Real das Bellas Artes Comprou
Lisboa, 18 de Novembro de 1909

1 Moldura de 1/4 contornos e ouro, 7 vidros e cortas	6.400
1 Vidro	.800
	<hr/>
	7.200

Janeiro 1910
Ordem de pagamento N.º 4195
V. G. J.

Figura A21.4 Fatura (18 Nov. 1909) em: Livro de despesas, 1907-1916, Arquivo da ANBA.

Código	F. 4
Nome	Alfredo Serzedello
Localização	Rua dos Romulares, 2 e 4, Lisboa
Datas	[1881-1884]
Produtos comercializados	Vernizes superiores, de todas as sortes para indústria, vernizes incolores e de cores, podendo substituir para todos os empregos os vernizes de álcool, branco de zinco, alvaiade, cores maceradas, mastique de vidraceiro, mastique vermelho para junções de vapor, tintas em latas levando as cores nacionais.
Referências	Campos, 1880: 190; Campos, 1881: 156; <i>Diario Illustrado</i> , 10 Mar. 1881, 2809, Lisboa.



Figura A21.5 Anúncio em: *Diario Illustrado*, 10 Mar. 1881, 2809, Lisboa.

Código	F. 5
Nome	Alves & Almeida
Localização	34, Travessa do Corpo Santo, 36 21, Rua do Largo do Corpo Santo, 23
Datas	1896-[1945]
Produtos comercializados	Drogas, tintas e produtos químicos.
Historial	Foi fundada em 1896 por João d'Almeida Júnior, L. ^a . Em 1909 extinguiu-se passando para a posse individual de João d'Almeida Júnior, que assim a conservou até 1920, ano em que, pretendendo galardoar três dos seus mais dedicados empregados, deu sociedade a Artur Manuel Machado, Luiz Monteiro da Silva e José Martinho dos Santos. Em 1944 procedeu-se à remodelação da Sociedade e foram admitidos novos sócios.
Referências	Campos, 1885: 134; Moniz, 1905: 55; Moniz, 1907: s. p.; <i>O Grande Elias</i> , do n.º 1, 1 de Outubro de 1903: 4 até n.º 11, 1 Dezembro de 1903: 4; Bastos, 1945: 92.



Figura A21.6 Anúncio em: *O Grande Elias*, n.º 11, 1 Dez. 1903, p. 4.

Código	F.6
Nome	Antonio Carvalho Junior
Localização	Praça das Flores, 33, Lisboa
Datas	[1881-1896]
Produtos comercializados	Pigmentos, tintas, óleos, vernizes
Clientes	Direcção Especial para Edifícios Públicos e Faróis
Notas	Ver Anexos 10, 14 e 17.
Referências	Campos, 1880: 190; Campos, 1881: 156; Campos, 1883: 133; Campos, 1889: 374.

Código	F.7
Nome	Antonio Jose Fernandes
Localização	Rua da Prata, 194 e 196, Lisboa Travessa da Assumpção, 26 a 32, Lisboa
Datas	[1862-1865]
Produtos comercializados	Drogas e tintas
Notas	Em 1862 Antonio José Fernandes interpôs recurso sobre a classificação da tinta verde que apresentou a despacho na Alfândega de Lisboa. Na resolução do pedido pode ler-se: <i>Considerando que o objecto apresentado a despacho é arsenito de cobre, e que o arsenito de cobre é a base das tintas verdes que no commercio de drogas são conhecidas pelo nome colectivo de “verde imperial”; considerando que o indice da pauta designa expressamente a classificação que compete ás diferentes especies de verde imperial; Resolve: Artigo unico: A tinta verde, a que se refere o recurso, está comprehendida nas cores e tintas não especificadas no artigo 153.º, sujeitas ao direito de 5 por cento “ad valorem”.</i>
Referências	Barbosa, 1865: 178; Vasconcellos, 1862: 112.

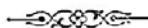
178

ARTIGO 44.º
Drogarias

ANTONIO JOSÉ FERNANDES

COM ARMAZEM DE

DROGAS E TINTAS POR GROSSO E MIUDO.



194 e 196, Rua da Prata, 194 e 196

26 a 32, Travessa da Assumpção, 26 a 32

Figura A21.7 Anúncio em: Barbosa, 1865: 178.

Código	F.8
Nome	Arthur A. Marques & C.^a
Localização	Rua da Prata, 186 e 188, Lisboa
Datas	[1889]
Produtos comercializados	Produtos químicos, tintas, vernizes, especialidades farmacêuticas, águas minerais, depósito de anilinas, cadinhos e níquel, artigos para fogueteiro e tinturaria.
Referências	Campos, 1889: 374 e 405.

Código	F.9
Nome	Au Petit Peintre Franco & C.^a Antonio Franco, Limitada
Localização	Rua de S. Nicolau, 104, Lisboa
Datas	1909 – atual
	Artigos de pintura e desenho, óleo, aguarela, pastel, pirogravura, metaloplastica, fotominiatura, coreoplastia, esculptulina, etc. artigos para flores, fotografias para fotominiatura, cópias de quadros dos melhores pintores, tintas a óleo e aguarela, vernizes e pincéis, telas a metro e engradadas, cobre e estanho para repousé, cavaletes, pranchetas, régua para desenho e aguarela, papéis: Ingres, Wathmans continuo, vegetal, etc., papéis de luxo de alta fantasia para cartas, próprio para brindes.
Historial	A papelaria Au Petit Peintre foi fundada em 1909 pela António Franco Lda. Em 1928, o estabelecimento incluía uma tipografia onde se editava “O jornal da Mulher”. Desde o início do seu funcionamento tinham ali lugar cursos de pintura e artes decorativas. Era representante da marca Lefranc e, na década de 1930, para além desta anunciava representar também as marcas Winsor& Newton, Bourgeois, Artisan, entre outras.
Referências	<i>O jornal da mulher</i> . 5 Jul. 1910, 1 <i>O jornal da mulher</i> . 5 Fev. 1911, 15 <i>O jornal da mulher</i> . Dez. 1930, 215 <i>O jornal da mulher</i> . Mai. 1931, 220 <i>O jornal da mulher</i> . Jan. 1932, 228 http://circulolojas.org/portfolio/au-petit-peintre

Au Petit Peintre

FRANCO & C.^A

102-A, R. de S. Nicolau, 104-Lisboa

TELEPHONE N.º 2:534

Casa especial de artigos de pintura

TINTAS PARA PINTAR A OLEO

DA VERDADEIRA MARCA LEFRANC

Tintas para aguarella, gouache, indeleveis, etc., etc.

MODELOS PARA PINTURA COLLOSSAL SORTIMENTO

Photographias para photominiatura | Mais de 2000 assumptos
" " photo-pintura... | copias de quadros



PREÇO 5\$500 RS.

PARA AS PROVINCIAS

Estojos para pyrogravura desde rs. 2\$500.
Ditos para photominiatura desde rs. 3\$500.
Ditos para choréoplastie desde rs. 4\$000.
Ditos para pintura a oleo desde rs. 2\$400.

Cavaletes, pranchetas, estiradores, reguas para desenho, estojos de desenho e aguarella, papéis: Ingrés, Walthmans continuo, vegetal, etc.

Tellas para pintura e desenho

Envia-se franco de porte todas as encomendas acima de **8.000 reis.**

Figura A21.8 Anúncio em: *O jornal da mulher*. 5 Fev. 1911, 15.

Código	F.10
Nome	Barella & Irmão Armazem de Espelhos Fabrica de Molduras Depósito d'Estampas Grande Bazar Suisso
Localização	Rua Nova do Almada, 39 e 41, Lisboa Rua do Chiado, 70 e 72, Lisboa Rua Nova do Carmo, 4 (sucursal)
Datas	1866 -[1910]
Produtos comercializados	Molduras, gravuras, fotografias, desenhos, oleografias, imagens religiosas, fornecimento para douradores e belas artes, vidros polidos para montras, aço em vidro para espelhos, álbuns, passe-partouts, estereoscópios, visitas, galerias e baguetes para tapeçaria.
Historial	Os proprietários Celestino Barella e o seu irmão Albino Barella de nacionalidade helvética estabeleceram-se primeiro com loja de estampas e molduras na Rua do Poço dos Negros e posteriormente na a Rua do Loreto. A 14 de Novembro de 1889 deu-se um incêndio no estabelecimento, tendo reaberto em 25 de Abril de 1891. O expediente estendia-se à sobre-loja, onde funcionava a oficina, e o sótão servia de armazém. Encerrou por volta de 1910.
Clientes	Academia de Belas Artes de Lisboa
Referências	<i>Correspondência recebida</i> , 1856-1886, Arquivo da ANBA; Recibos de molduras, 1866, 1867, 1868, Arquivo do MNAА; <i>Diario Illustrado</i> , 19 Nov. 1889, 2809, Lisboa; <i>Diario Illustrado</i> , 21 Dez. 1899, 9620, Lisboa; Costa, 1965: 165, 167-168.

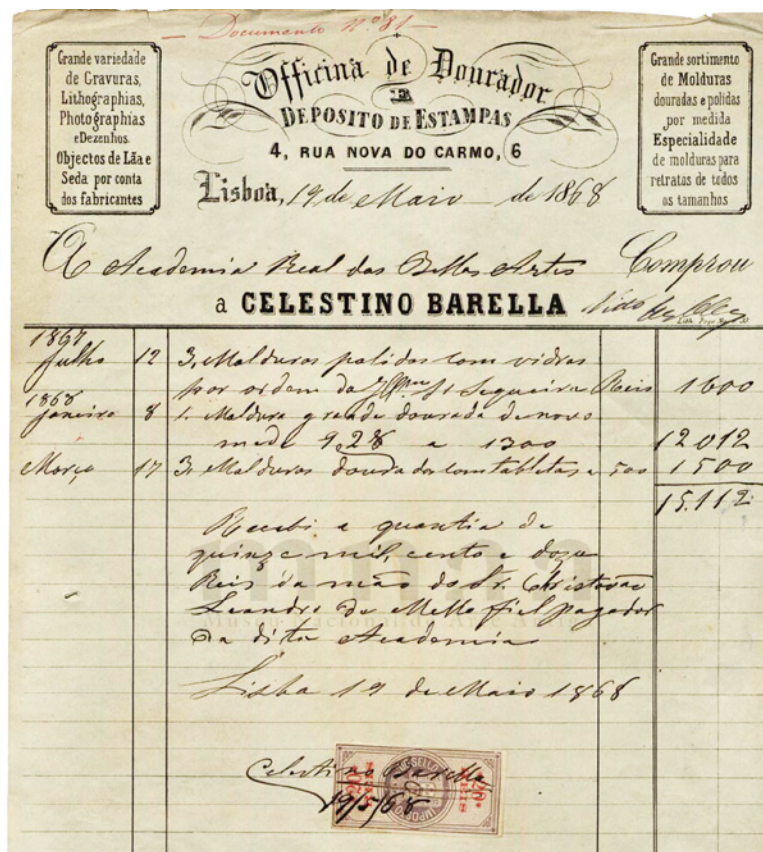


Figura A21.9 Fatura (19 Mai. 1868), em: Arquivo do MNAА.



Figura A21.10 Fatura (8 Set. 1880) em: Correspondência recebida, 1856-1886, Arquivo da ANBA.



Figura A21.11 Benoliel, J. 191?. Pastelaria Marques e Bazar Suisso, PT/AMLSB/JBN/000239, AFML.

Código	F.11
Nome	Bastos & Palmeiro Antonio do Carmo Palmeiro
Localização	Travessa da Victoria, 8, Lisboa
Datas	[1880-1886]
Produtos comercializados	Armazém de drogas, tintas, produtos químicos e preparados farmacêuticos, óleos, tintas, betumes, vernizes, brochas e pincéis, anilinas, água de colônia, esponja, tintas de escrever, graxa de lustro, gesso, cadinhos brancos e pretos, petróleo, sabão de todas as qualidades, especialidades para douradores e tintureiros, anti-nódoas, águas minerais e perfumarias.
Referências	Campos, 1880: 190; Campos, 1881: 156; Campos, 1883: 627; Campos, 1885: 632; Tavares, 1881: 38.

ARMAZEM DE DROGAS
TINTAS
PRODUCTOS CHIMICOS, E PREPARADOS PHARMACEUTICOS

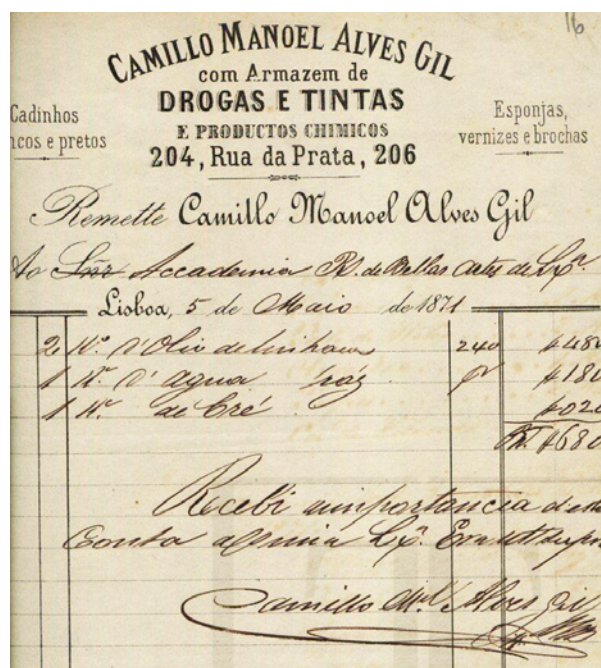
~~~~~

|                                                                                                                                                      |                                                                                                                              |                                                                                                                                                                          |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Oleos, Tintas<br>Betumes,<br>Vernizes, Gessos,<br>Brochas, Pinceis,<br>Esponjas,<br>Tintas<br>d'escrever,<br>Graxa de lustro,<br>Sabão<br>e Petroleo | <b>ANTONIO DO CARMO PALMEIRO</b><br><hr style="width: 50%; margin: 0 auto;"/> <b>COMMISSÕES</b><br>DE<br><b>CONSIGNAÇÕES</b> | Anilinas,<br>Essencias, Agua<br>de Colonia,<br>especialidades<br>para douradores<br>e tintureiros, etc.<br>Anti-nodoa e<br>Cadinhos, Aguas<br>mineraes<br>e perfumarias. |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

8—TRAVESSA DA VICTORIA—8  
 Proximo á Egreja de S. Nicolau  
 LISBOA

**Figura A21.12** Anúncio em: Campos, 1883: 627.

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|---------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.12                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Nome</b>                     | <b>Camillo Manuel Alves Gil<br/>Alvarez &amp; C.<sup>a</sup>, Irmão</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Localização</b>              | Rua da Prata, 204 e 206, Lisboa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Datas</b>                    | 1805-2016                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Produtos comercializados</b> | Drogas, tintas e produtos químicos, cadinhos brancos e pretos, esponjas, vernizes e brochas, betumes, medicamentos de Ayer e de Bristol, recebidos diretamente da América, assim como todas as especialidades francesas. Todas as qualidades de vinhos medicinais dr. Duser, dr. Vivien, Defresne, de Chapoteaut.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Historial</b>                | Cerca de 1850, Camillo Manuel Alves Gil, natural de Pontevedra, veio para Lisboa tendo apenas 15 anos de idade. Empregou-se como marçano numa drogaria da rua da Prata, 204 a 206, que pertencia então a um tal Leandro. Tal casa havia sido montada aproximadamente em 1805 e o seu proprietário, pessoa idosa, não tinha descendentes. Antes de morrer entregou a Camillo Gil a propriedade e a gerência da casa. Este veio a falecer em 1920 com 85 anos de idade. Em 1898 e 1903, respetivamente, e vindos também de Pontevedra, entraram ao serviço da drogaria os seus sobrinhos Manuel e Avelino Vasquez Alvarez. Camilo Alves ao retirar-se dos negócios em 1915, escolheu estes seus parentes para continuadores da sua obra que no referido ano constituíram entre si um a Sociedade Alvarez e C. <sup>a</sup> (Irmão). Em 1964 passou a designar-se Drogaria S. Pereira Leão. Fechou em Março de 2016 para dar lugar a um hotel. |
| <b>Clientes</b>                 | Academia de Belas Artes de Lisboa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Referências</b>              | <i>Correspondência Recebida</i> , Vol. II, 1856-1880, Arquivo da ANBA;<br><i>Livro de Folhas de Receitas e Despesas</i> , Vol. V, 1869-1906, Arquivo da ANBA;<br><i>Livro de Despesas</i> , 1870-1876, Arquivo da ANBA;<br>Campos, 1880: 190; Campos, 1881: 156; Campos, 1889: 410; Campos, 1891: 373;<br><i>Diario Illustrado</i> , 1 Fev. 1883, 3498, Lisboa;<br><i>Diario Illustrado</i> , 25 Dez. 1883, 3823, Lisboa.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |



**Figura A21.13** Fatura (5 Mai. 1871) em: *Livro de despesas*, 1870-1876, Arquivo da ANBA.

367

**DEPOSITO DE PRODUCTOS QUIMICOS**

**TINTAS E DROGAS**

204, RUA DA PRATA, 206

Cadinhos  
brancos  
e pretos

Vernizes  
e  
Betumes

A Academia R. de Bellas Artes de L<sup>a</sup> Comprou

a **CAMILLO MANOEL ALVES GIL**

LISBOA, 15 de Fevereiro de 1881

|       |    |      |                            |        |
|-------|----|------|----------------------------|--------|
|       |    | 1/2  | de Verniz de gomm. m. laca | 49w    |
|       |    | 1/2  | de Verniz de gomm. laca    | 4320   |
|       |    | 6/12 | de Gallatina br.           | 742w   |
|       |    | 1/1  | de Po' de fuzpe            | 42w    |
|       |    | 250  | Espirito de vinho          | 4130   |
|       |    | 250  | Cera encaixada             | 4240   |
|       | 19 | 1    | Broxa n. 6 (francesa)      | 4360   |
|       |    | 1    | Dito " 11                  | 4150   |
| Março | 5  | 250  | Espirito de vinho          | 4130   |
|       | 14 | 1/2  | Verniz de gomm. m. laca    | 49w    |
|       |    | 1/2  | Olho fervido               | 4320   |
| Abril | 7  | 1/2  | Po' de fuzpe               | 42w    |
|       |    | 250  | Verniz de gomm. m. laca    | 4225   |
|       |    | 250  | Espirito de vinho          | 4130   |
|       |    | 1/2  | Pedra para unhe po'        | 4120   |
|       |    | 250  | Verniz de gomm. laca       | 4160   |
|       |    | 1/2  | Olho fervido               | 4320   |
| Maió  | 14 | 1/2  | Verniz de gomm. m. laca    | 49w    |
|       |    | 5w   | Dito copal                 | 4320   |
|       |    | 250  | Espirito de vinho          | 4260   |
|       |    | 5w   | Pedra para unhe po'        | 4060   |
|       |    | 1/2  | Po' de fuzpe               | 42w    |
|       |    | 5w   | Agua roz                   | 4090   |
|       |    | 2    | Broxas Orientais           | 4260   |
|       | 18 | 250  | Espirito de vinho          | 4130   |
|       |    |      |                            | 144225 |

Figura A21.14 Fatura (5 Fev. 1881) em: Correspondência recebida, Vol. II, 1856-1880, Arquivo da ANBA.

|                                 |                                                                                                  |
|---------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.13                                                                                             |
| <b>Nome</b>                     | <b>Companhia Lisbon Oil Mills Limited</b><br><b>Eduardo Ollive</b><br><b>Fabrica do Calvario</b> |
| <b>Localização</b>              | Travessa do Corpo Santo, 8, Lisboa                                                               |
| <b>Datas</b>                    | [1864-1865]                                                                                      |
| <b>Produtos comercializados</b> | Óleo de linhaça cru, puro e secativo,<br>Óleo de linhaça fervido muito secativo.                 |
| <b>Notas</b>                    | Fábrica de extracção de óleos                                                                    |
| <b>Referências</b>              | Barbosa, 1864: 181.                                                                              |

**COMPANHIA LISBON OIL MILLS LIMITED**  
**FABRICA DO CALVARIO**  
 Oleo de linhaça cru, puro e seccativo, vende-se mais barato 40 por cento que o oleo  
 inglez; oleo de linhaça fervido muito seccativo  
**AGENTE**  
**EDUARDO OLLIVE**  
 ESCRITORIO  
 8, Travessa do Corpo Santo, 8

**Figura A21.15** Anúncio em: Barbosa, 1864: 181.

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|---------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.14                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Nome</b>                     | <b>Daniel Sugrue &amp; C.<sup>a</sup></b>                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Localização</b>              | Rua do Alecrim, 20A, Lisboa                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <b>Datas</b>                    | [1873-1874]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <b>Produtos comercializados</b> | Estrumes artificiais, adubo químico de ossos de <i>superphosphato</i> de cal tintas líquidas preparadas fabricantes David Storer & Sons Glasgow, enxofre da Sicília em pedra e em flor, conhaque.                                                                                                                                 |
| <b>Notas</b>                    | David Storer & Sons foram fabricantes de óleo e tintas com atividade durante as últimas décadas do séc. XIX, na Escócia. Produziam todos os tipos de tintas, óleos e vernizes. A sua fábrica de tintas incluía edifícios especiais para a produção de vermelho de Veneza e de branco de chumbo. A companhia deu falência em 1891. |
| <b>Referências</b>              | Peixoto, 1873: 518;<br>Cubitt Town..., 1994;<br>Garland, 2015.                                                                                                                                                                                                                                                                    |

— 518 —

**ESTRUMES ARTIFICIAES**  
**ADUBO CHIMICO**  
DE  
**OSSOS E SUPERPHOSPHATO DE CAL**  
FABRICADOS PELOS SRS.  
**W. & H. M. GOULDING DE CORK & DUBLIN**  
Applicados com grande vantagem e protegidos pelos agricultores inglezes. Para prova da sua acceitação em Portugal basta o seu crescente consumo de dia para dia.

**Tintas líquidas preparadas**  
FABRICANTES  
**DAVID STORER & SON GLASGOW**  
Fabrica fundada em 1747  
Offerecendo grande commodidade e economia aos consumidores. Evitam todos os preparativos previos. Vendem-se em latas de 1, 2, 5, 10 e 20 arrateis; todas as côres.

**ENXOFRE DA SICILIA EM PEDRA E EM FLOR**  
Das melhores fabricas de Inglaterra, cujas marcas são muito apreciadas pelos vinhateiros não só portuguezes como de todos os paizes.

**COGNAC**  
Importado directamente. Das marcas mais apreciadas no continente da Europa e no da America.

**DANIEL SUGRUE & C.<sup>a</sup>**  
**20 A—RUA DO ALECRIM—20 A**

Figura A21.16 Anúncio em: Peixoto, 1873: 518.

|                                 |                                                                                     |
|---------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.15                                                                                |
| <b>Nome</b>                     | <b>Domingos José Barreira</b><br><b>Domingos José Barreira &amp; C.<sup>a</sup></b> |
| <b>Localização</b>              | Rua da Magdalena, 72 e 74, Lisboa                                                   |
| <b>Datas</b>                    | [1865-1890]                                                                         |
| <b>Produtos comercializados</b> | Drogas.                                                                             |
| <b>Referências</b>              | Barbosa, 1864: 178;<br>Campos, 1880: 190; Campos, 1881: 156; Campos, 1890: 410.     |

**DOMINGOS JOSÉ BARREIRA**  
COM  
**ARMAZEM DE DROGAS**  
72 e 74, Rua da Magdalena, 72 e 74

**Figura A21.17** Anúncio em: Barbosa, 1864: 178.

|                                 |                                                                                                                           |
|---------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.16                                                                                                                      |
| <b>Nome</b>                     | <b>Drogaria Açoriana<br/>Ferreira &amp; Ferreira</b>                                                                      |
| <b>Localização</b>              | Rua da Prata, 53, Lisboa<br>Depósito: Rua da Alfândega                                                                    |
| <b>Datas</b>                    | [1904-1913]                                                                                                               |
| <b>Produtos comercializados</b> | Cimento, vernizes e alvaiades, tintas em massa e líquidas, cores extra-finas para decoração artística, brochas e pincéis. |
| <b>Referências</b>              | Cohen, 1913: XXII.                                                                                                        |



**Figura A21.18** Fotografia: Machado & Sousa. 1905. *Rua da Alfândega*, PT/AMLSB/FAN/002656, AML-F.



**Figura A21.19** Anúncio em: Cohen, 1913: XXII.

|                                 |                                |
|---------------------------------|--------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.17                           |
| <b>Nome</b>                     | <b>Drogaria Americana</b>      |
| <b>Localização</b>              | Rua dos Anjos, 45 a 47, Lisboa |
| <b>Datas</b>                    | [1911]                         |
| <b>Produtos comercializados</b> | Drogas e tintas.               |



**Figura A21.20** Fotografia: Benoiel, J. 191-. *Associação do Registo Civil*, PT/AMLSB/JBN/001577, AFML.

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|---------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.18                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <b>Nome</b>                     | <b>Drogaria de Vicente Pimentel &amp; Quitans</b><br><b>Antiga drogaria Medicinal e Perfumaria de Vicente Pimentel &amp; Quitans</b>                                                                                                                                       |
| <b>Localização</b>              | Rua da Prata, 194 e 196, Lisboa                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>Datas</b>                    | [1880-1913]                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Produtos comercializados</b> | Depósito das mais conceituadas especialidades farmacêuticas nacionais e estrangeiras, grande variedade de perfumarias, águas minerais, fundas termómetros clínicos e artefactos de caoutchouc, drogas medicinais, tintas e demais artigos próprios deste ramo de comércio. |
| <b>Referências</b>              | Campos, 1880: 191; Campos, 1881: 156; Campos, 1888: 398; Campos, 1889: 373;<br>Cohen, 1913: V.                                                                                                                                                                             |



**Figura A21.21** Fotografia reproduzida em: Dias, 1997: 187.

**Antiga Drogaria Medicinal**  
— E —  
**PERFUMARIA**  
— DE —  
**Vicente Pimentel & Quintans**

Deposito das mais bem conceituadas  
especialidades pharmaceuticas nacionaes e estrangeiras.  
Grande variedade de perfumarias, aguas mineraes,  
fundas, thermometros clinicos e artefactos  
de caoutchouc. Drogas medicinaes, tintas e demais  
artigos proprios d'este ramo de commercio  
**Importação directa**  
Modicidade de preços sem prejuizo das qualidades

**194, Rua da Prata, 196**  
**26, Rua da Assumpção, 32**

**LISBOA** *TELEPHONE 210*

---

---

Figura A21.22 Anúncio em: Cohen, 1913: V.

|                                 |                                                          |
|---------------------------------|----------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.19                                                     |
| <b>Nome</b>                     | <b>Drogaria e Perfumaria Commercial Antonio Pedreira</b> |
| <b>Localização</b>              | Rua do Paraíso, 68, Lisboa                               |
| <b>Datas</b>                    | [1898-1908]                                              |
| <b>Produtos comercializados</b> | Drogas, bijutarias, papelaria.                           |



**Figura A21.23** Fotografia: Machado & Sousa. entre 1898 e 1908. *Rua do Paraíso*, PT/AMLSB/FAN/001664, AML-F.

|                                 |                                     |
|---------------------------------|-------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.20                                |
| <b>Nome</b>                     | <b>Drogaria e Perfumaria Dias</b>   |
| <b>Localização</b>              | Rua dos Fanqueiros, 38 e 40, Lisboa |
| <b>Datas</b>                    | [191-]                              |
| <b>Produtos comercializados</b> | Drogas, perfumes.                   |



**Figura A21.24** Fotografia: Benoiel, J. 191-. *Drogaria e Perfumaria Dias*, PT/AMLSB/JBN/003579, AML-F.

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|---------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.21                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Nome</b>                     | <b>Drogaria e Perfumaria Herculano</b><br><b>Manoel Eres Passos</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Localização</b>              | Rua Alexandre Herculano, 141, Lisboa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Datas</b>                    | [1905-1906]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Produtos comercializados</b> | Depósito de sabão; sabonetes, essências, produtos químicos e farmacêuticos, vernizes, alvaiades, tintas, gesso e betumes, ferragens, vidros, esponjas, camurças, escovas de fato, de calçado, de chapéus, e para limpeza de cabeça, águas minerais e medicinais, artigos de papelaria, tabacos e diversos acessórios para limpeza de carruagens e automóveis. |
| <b>Referências</b>              | Moniz, 1905: 174.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |



DROGARIA E PERFUMARIA HERCULANO

D E

**Manoel Eres Passos**

---

DEPOSITO DE SABÃO

Sabonetes, essencias, productos quimicos e pharmaceuticos, vernizes, alvaiades, tintas, gessos e betumes, ferragens, vidros, esponjas, camurças, escovas de fato, de calçado, de chapéus, e para limpeza de cabeça. Aguas mineraes e medicinaes, artigos de papelaria, tabacos e diversos accessorios para limpeza de carruagens e automoveis.

---

**141 — Rua Alexandre Herculano — 141**  
(Proximo ao Rato)  
**LISBOA**

Figura A21.25 Anúncio em: Moniz, 1905: 174.

|                                 |                                                                   |
|---------------------------------|-------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.22                                                              |
| <b>Nome</b>                     | <b>Drogaria e Perfumaria Teixeira</b><br><b>M. B. B. Teixeira</b> |
| <b>Localização</b>              | Rua de S. Bento, 230-236, Lisboa                                  |
| <b>Datas</b>                    | [1896-191?]                                                       |
| <b>Produtos comercializados</b> | Pigmentos, tintas, óleos, vernizes.                               |
| <b>Clientes</b>                 | Direcção Especial para Edifícios Públicos e Faróis                |
| <b>Notas</b>                    | Ver anexos 10, 14 e 17.                                           |



**Figura A21.26** Fotografia: Benoiel, J. 191-. *Drogaria e Perfumaria Teixeira*, PT/AMLSB/JBN/001009, AML-F.

|                                 |                                            |
|---------------------------------|--------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 23                                      |
| <b>Nome</b>                     | <b>Drogaria Estrella</b>                   |
| <b>Localização</b>              | Beato (freguesia), Lisboa                  |
| <b>Datas</b>                    | [191-]                                     |
| <b>Produtos comercializados</b> | Ferragens, tabacos quinquilharias, loiças. |



**Figura A21.27** Fotografia: Benoliel, J. 191-. *Drogaria Estrella*, PT/AMLSB/JBN/001417, AML-F.

|                                 |                                           |
|---------------------------------|-------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 24                                     |
| <b>Nome</b>                     | <b>Drogaria Imperial<br/>J. D. Tinoco</b> |
| <b>Localização</b>              | Rua dos Remédios, Lisboa                  |
| <b>Datas</b>                    | [1899]                                    |
| <b>Produtos comercializados</b> | Produtos químicos, perfumaria.            |



**Figura A21.28** Fotografia: Machado & Souza. 1899. *Rua dos Remédios, PT/AMLSB/FAN/002650, AML-F.*

|                                 |                                       |
|---------------------------------|---------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 25                                 |
| <b>Nome</b>                     | <b>Drogaria Moderna</b>               |
| <b>Localização</b>              | Largo do Terreirinho, 28 e 29, Lisboa |
| <b>Datas</b>                    | [1898-191-]                           |
| <b>Produtos comercializados</b> | Produtos químicos, tintas, brochas.   |



**Figura A21.29** Fotografia: Machado & Souza. entre 1898-1908. Largo do Terreirinho, PT/AMLSB/FAN/0011488, AML-F.



**Figura A21.30** Fotografia: Benoliel, J. 191-. *Drogaria Moderna*, PT/AMLSB/JBN/001017, AML-F.

|                                 |                                                                                              |
|---------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.26                                                                                         |
| <b>Nome</b>                     | <b>Drogaria Occidental</b><br><b>Alfredo Miguel Pena</b>                                     |
| <b>Localização</b>              | Rua Direita de S. Francisco de Paula, 80 e 82, Lisboa                                        |
| <b>Datas</b>                    | [1872-1873]                                                                                  |
| <b>Produtos comercializados</b> | Drogas, tintas, produtos químicos, óleos, gesso, betumes, essências, vernizes, pincéis, etc. |
| <b>Referências</b>              | Peixoto, 1872: 503.                                                                          |

DROGARIA OCCIDENTAL  
DE  
**ALFREDO MIGUEL PENA**  
EX-CAIXEIRO DO SR. ANTONIO FILIPPE DE BARROS  
**80, RUA DIREITA DE S. FRANCISCO DE PAULA, 82**  
Defronte do quartel de infantaria n.º 2

O proprietario d'este novo estabelecimento faz sciente a todos os seus amigos, pessoas do seu conhecimento, e ao publico em geral, que no mesmo encontrarão um completo sortimento de tudo que pertence á sua classe, tal como drogas, tintas, productos chimicos, oleos, gessos, betumes, essencias, vernizes, pinceis, etc. etc., o que tudo vende pelos preços mais resumidos possivel, e garantindo as boas qualidades.

**Figura A21.31** Anúncio em: Peixoto, 1872: 503.

|                                 |                                                                                            |
|---------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.27                                                                                       |
| <b>Nome</b>                     | <b>Drogaria Oriental</b><br><b>Drogaria Central</b> (sucursal]                             |
| <b>Localização</b>              | Rua dos Fanqueiros, 236 e 238, Lisboa<br>Rua de São Tomé, 46-48, Lisboa (Drogaria Central) |
| <b>Datas</b>                    | 1893-atual.                                                                                |
| <b>Produtos comercializados</b> | Drogas, tintas, vernizes, sabonetes e essências, esponjas e pincéis.                       |



**Figura A21.32** Fotografia: Machado & Souza. 1908. *Rua do Infante Dom Henrique*, PT/AMLSB/FAN/001774, AML-F.

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|---------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 28                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Nome</b>                     | <b>Drogaria Peninsular</b><br><b>J. P. Bastos</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Localização</b>              | Rua Augusta, 39 a 41, Lisboa<br>Rua dos Algihehes, 124 e 130, Lisboa<br>Rua de S. Julião, 124, 126, 128, 130, Lisboa<br>Campo das Cebolas<br>Rua do Instituto Virgílio Machado (1913)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Datas</b>                    | [1888-1970]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Produtos comercializados</b> | Artigos para pinturas, tinturarias, saboarias, farmácias, fotografia, perfumarias, fundas, meias elásticas de seda e de algodão, cintos abdominais, suspensórios, algalias, urinóis de caoutchouc, borrachas francesas, alemãs e inglesas, enemas ou injectores, biberões, bicos para peitos, conta gotas de diferentes sistemas, esponja, essências para licoristas, pasta de cereja, rum, quina e vinagre de toilette de Roger & Gallet, suspensórios, tira-leite, ventosas. Moagem a vapor de alvaiades e tintas. Depósito de Água Mineral de Rheus, do vinho de Bugeand, do chá de Chamberd, do específico americano para a extracção de calos, etc. – Cimento Portland, alvaiade, marca elefante, secante superior marca Bufalo, tintas líquidas ou em massa. |
| <b>Catálogos</b>                | Pharmacia e Drogaria Peninsular. J. P. Bastos & C. <sup>a</sup> 190?. <i>Machinas, accessorios e productos para photographia</i> . Lisboa: Pharmacia e Drogaria Peninsular                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Notas</b>                    | Tinha ajudante de farmácia. Em 1888 anuncia ter máquina a vapor para moer alvaiades e tintas.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Referências</b>              | Campos, 1887: 396; Campos, 1888: 366; Campos, 1890: 374 e 405<br><i>Diario Illustrado</i> , 4 Mar. 1888, 5352, Lisboa;<br><i>Gazeta de Coimbra</i> , 15 Jan. 1913, 161;<br>Cohen, 1913: XI.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |



**Figura A21.33** Fotografia: Guedes, P. 19---. *Campo das Cebolas*, PT/AMLSB/PAG/000668, AML-F.

**DROGARIA PENINSULAR**  
De J. P. Bastos

*TEM AJUDANTE DE PHARMACIA*

Fornecimentos completos de pharmacia.—Sortimento muito variado de **fundas**, de 240 réis para cima **Esponjas** de todos os preços, até 100\$000 réis o kilo. **Meias elasticas** para varizes. **Borrachas. Injectores. Ourinoes de caoutchouc.** Essencias para licoristas.

**Deposito da agua mineral de Rhens**

do Vinho de Bugeaud, do Chá de Hambard, do **Especifico americano** para a extracção dos callos, etc.—Artigos para pinturas, tinturarias, saboarias, photographias e perfumarias.

**CIMENTO PORTLAND**

**39 a 41. Rua Augusta. 39 a 41**

124 A 130, RUA DE S. JULIÃO, 124 A 130

Figura A21.34 Anúncio em: Campos, 1888: 366.

|                                 |                                                                                   |
|---------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 29                                                                             |
| <b>Nome</b>                     | <b>Drogaria Pharmaceutica</b>                                                     |
| <b>Localização</b>              | ?, 103 e 105, Lisboa                                                              |
| <b>Datas</b>                    | [191-]                                                                            |
| <b>Produtos comercializados</b> | Drogas, tintas, vernizes, pincéis, perfumaria, produtos químicos e farmacêuticos. |



**Figura A21.35** Fotografia: Bárcia, J. A. L. 19---. *Drogaria Pharmaceutica*, PT/AMLSB/JBL/001504, AML-F.

|                                 |                                                                                                    |
|---------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 30                                                                                              |
| <b>Nome</b>                     | <b>Drogaria Progresso</b>                                                                          |
| <b>Localização</b>              | Rua da Escola Polytechnica, 109, Lisboa                                                            |
| <b>Datas</b>                    | [191-1919]                                                                                         |
| <b>Produtos comercializados</b> | Produtos químicos, drogas, tintas, minerais, perfumaria.                                           |
| <b>Notas</b>                    | O proprietário, era conhecido por “Sr. António da Drogaria” e foi pai do geógrafo Orlando Ribeiro. |
| <b>Referências</b>              | Bibliografia de Orlando Ribeiro, s. d.                                                             |



**Figura A21.36** Fotografia: Benoliel, J. 191-. *Drogaria Progresso*, PT/AMLSB/JBN/001019, AML-F.

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|---------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 31                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Nome</b>                     | <b>Drogaria Vasco da Gama</b><br><b>José Ferreira Abel</b>                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Localização</b>              | Rua Vasco da Gama, 90 e 92, Lisboa                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Datas</b>                    | [1913]                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Produtos comercializados</b> | Drogas, produtos químicos, especialidades farmacêuticas, nacionais e estrangeiras; perfumarias, sabonetes, esponjas, fundas, meias elásticas, irrigadores, borrachas, etc., tintas, alvaiades, óleos, vernizes, cimento, gesso, especialidade em tintas para construção civil. |
| <b>Referências</b>              | Cohen, 1913: XII.                                                                                                                                                                                                                                                              |

**Drogaria Vasco da Gama**

— DE —

**== JOSÉ FERREIRA ABEL ==**

N'esta casa encontra-se à venda o maior sortido em todos os artigos, tais como: Drogas, Productos quimicos, Especialidades farmaceuticas nacionais e estrangeiras; Perfumarias, Sabonetes, Esponjas, Fundas, Meias elasticas, Irrigadores, Borrachas, etc. Tintas, Alvaidades, Oleos, Vernizes, Cimento, Gesso.

**Especialidade em tintas para construcção civil**

**Venda por atacado e a retalho**

Garante-se a qualidade de todos os artigos vendidos n'esta Casa

**90, Rua Vasco da Gama, 92**

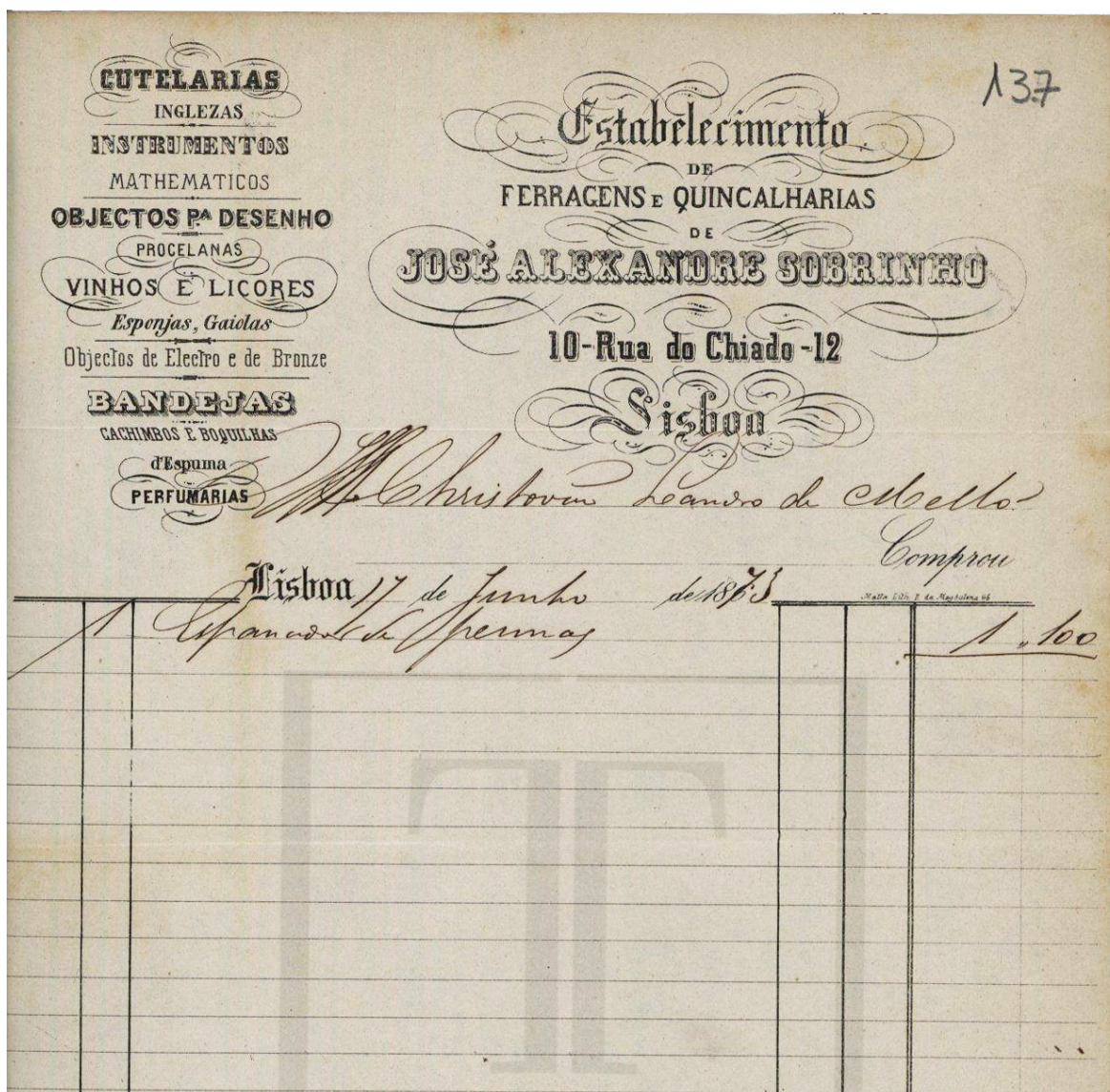
Endereço Teleg. FERREABEL

TELEFONE N.º 3589

**== LISBOA ==**

**Figura A21.37** Anúncio em: Cohen, 1913: XII.

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|---------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 32                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Nome</b>                     | <b>Estabelecimento de Ferragens e Quincalharias de José Alexandre Sobrinho</b>                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Localização</b>              | Rua do Chiado, 10 e 12, Lisboa                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Datas</b>                    | 1833- [2002]                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>Produtos comercializados</b> | Cutelarias inglesas, instrumentos matemáticos, objetos para desenho, porcelanas, vinhos e licores, esponjas, gaiolas, objetos de electro e de bronze, bandejas, cachimbos e boquilhas, espuma, perfumarias.                                                                                                             |
| <b>Historial</b>                | Foi fundada em 1833 por João José Alexandre de Oliveira dedicada ao comércio de ferragens. Em 1840 vendia hortaliça e flores, tendo continuamente ampliado o seu leque de produtos. Foi o filho do fundador, José Vicente de Oliveira, que iniciou a expansão das instalações, tomando de trespasse as lojas contíguas. |
| <b>Clientes</b>                 | Academia de Belas Artes de Lisboa                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <b>Referências</b>              | <i>Correspondência recebida</i> , 1856-1886, Arquivo da ANBA; Costa, 1987: 259-262.                                                                                                                                                                                                                                     |



**Figura A21.38** Fatura (17 Jun. 1873) em: *Correspondência recebida*, 1856-1886, Arquivo da ANBA.

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|---------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 33                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Nome</b>                     | <b>Estevão Nunes &amp; Filhos</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Localização</b>              | Rua Aurea, 60, Lisboa / Rua do Ouro, 56 a 60, Lisboa<br>Rua dos Retrozeiros, 135 a 137, Lisboa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Datas</b>                    | [1874-1909]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Produtos comercializados</b> | Artigos para pintura, tintas, pincéis, bibelôs para pintar, aluguer de estudos para pintar, artigos para desenho, especialidade em estojos de precisão, objetos para escritório e desenho, álbuns, canetas e lapiseiras de fantasia e prata, caixas para dinheiro, calendários com relógios, tintas inglesas e francesas para pintar a óleo, aguarela e pastel, tela para pintar a óleo, até 4 metros de largura, canetas com tinta da marca “Ideal” de Watermann. |
| <b>Historial</b>                | Foi nomeado “Fornecedor da Casa Real” em 1874.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Referências</b>              | Campos, 1880: 215; Campos, 1881: 180;<br><i>Diario Illustrado</i> , 21 Dez. 1982, 3457, Lisboa;<br><i>Diario Illustrado</i> , 15 Dez. 1902, 10700, Lisboa;<br><i>Diario Illustrado</i> , 25 Dez. 1904, 11427, Lisboa;<br>Matos, 2009: 41, 47 e 91.                                                                                                                                                                                                                 |

**PAPELARIA**  
**ESTEVÃO NUNES & FILHOS**  
**NATAL E ANNO NOVO**

Rua do Ouro 56 a 60  
TELEPHONE 309

|                                                                   |                                                        |                                                              |                                                                   |                                                |                                                             |                                                                                                     |                                                                                     |                                                                              |
|-------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Chromos e bilhetes postaes de phantasia</b>                    | <b>Calendarios para 1905</b>                           | <b>Agendas commerciaes e algibeira para 1905</b>             | <b>Agenda domestica para gastos diarios</b>                       | <b>Carteiras Charuteiras e Cigarreiras</b>     | <b>Canetas com deposito de tinta</b>                        | <b>Albuns para bilhetes postaes</b>                                                                 | <b>Artigos para pintura</b>                                                         | <b>Artigos para desenho</b>                                                  |
| Ultimas novidades de Paris, Londres e Berlin, de 20 a 14500 réis. | Grande variedade, alta phantasia, de 100 a 34000 réis. | Em diversos formatos com 1 e 2 dias em pagina. Nossa edição. | De grande utilidade para governo da casa. Nossa edição, 300 réis. | Sertimento colossal de 200 réis a 304000 réis. | Grande variedade com penna ou com estylete, desde 200 réis. | Para 400 bilhetes, com lindas capas de phantasia, nossa fabricação, preço 24000 réis a 106000 réis. | Tintas, pincéis e verdadeiros Bibelots para pintar. Aluguer de estudos para pintar. | Especialidade em estojos de precisão. Preço da fabrica de 900 a 504000 réis. |

**ARTIGOS PARA BRINDES:** Grande sortimento de objectos para escritorio e desenho, albuns para retratos, jarras, passepartouts, caixas com papel phantasia, canetas e lapiseiras de phantasia e prata, caixas para dinheiro, calendarios com relógios e muitos outros artigos de novidade.

Tintas inglezas e francezas para pintar a oleo, aguarela e pastel  
Tela para pintar a oleo, até 4 metros de largura

Unicos depositarios das  
Canetas com tinta da especial marca «IDEAL» de Watermann

Figura A21.39 Anúncio em: *Diario Illustrado*, 25 Dez. 1904, 11427, Lisboa.

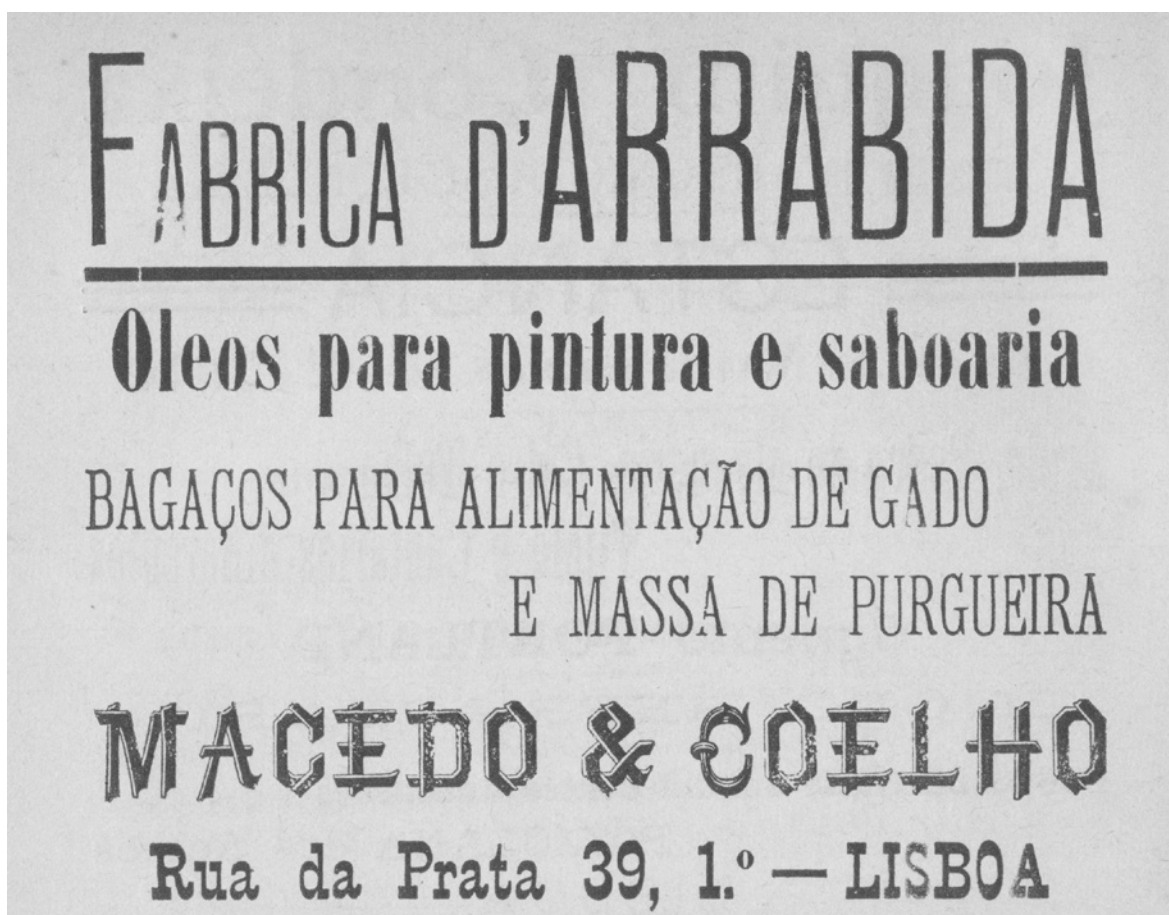
|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|---------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.34                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Nome</b>                     | <b>Fabrica Nacional de Tintas de Imprensa</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>Localização</b>              | Calçada do Duque, 29, Lisboa<br>Rua das Fontainhas, 11, Lisboa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Datas</b>                    | 1881 – [1892]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>Produtos comercializados</b> | Tinta tipográfica.<br>Óleos de resina, negro de fumo.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| <b>Historial</b>                | A fábrica iniciou atividade em Setembro de 1881 com uma pequena máquina movida a braços e ali permaneceu até 15 de Outubro de 1882, data em que começou a funcionar a vapor na rua das Fontainhas, número 11 em Alcântara.<br>Limitada inicialmente ao fabrico exclusivo de tinta tipográfica pela mistura de negro de fumo, importado do estrangeiro, com óleos, resinas e outros produtos, adquiridos noutras fábricas, passou no último trimestre de 1882 a produzir óleos de resina e negro de fumo. |
| <b>Referências</b>              | Rodrigues, 1884;<br>Matos, A.C., 2009.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |

|                                 |                                                                                                          |
|---------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 35                                                                                                    |
| <b>Nome</b>                     | <b>Fabrica Portuguesa de Escovas e Pinceis<br/>Silva &amp; Figueiredo</b>                                |
| <b>Localização</b>              | Rua de S. João da Praça, 71, Lisboa                                                                      |
| <b>Datas</b>                    | [1901-1906]                                                                                              |
| <b>Produtos comercializados</b> | Brochas e pincéis de todas as qualidades, trinchas, espanadores, vassouras e escovas para todos os usos. |
| <b>Referências</b>              | Moniz, 1900: 53; Moniz, 1904: 52; Moniz 1906: 64.                                                        |



Figura A21.40 Anúncio em: Moniz, 1900: 53.

|                                 |                                                                                       |
|---------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 36                                                                                 |
| <b>Nome</b>                     | <b>Fabrica d'Arrabida<br/>Macedo &amp; Coelho</b>                                     |
| <b>Localização</b>              | Rua da Prata, 39, 1.º, Lisboa                                                         |
| <b>Datas</b>                    | [1913]- 2006                                                                          |
| <b>Produtos comercializados</b> | Óleos para pintura e saboaria, bagaços para alimentação de gado e massa de purgueira. |
| <b>Referências</b>              | Cohen, 1913: s. p.                                                                    |



**Figura A21.41** Anúncio em: Cohen, 1913: s. p.

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|---------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 37                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| <b>Nome</b>                     | <b>Favrel Lisbonense</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Localização</b>              | Rua da Rosa, 321-A e 321-B, Lisboa<br>Rua da Cedofeita, 64-68, Porto (depósito)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Datas</b>                    | 1891-2006                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Produtos comercializados</b> | Ouro fino (móvel) para dourar ao ar livre sem auxílio de ferramentas, dito em rolos para dourar filetes, cercaduras, meias canas, etc., máquinas para sua aplicação; ouro fino de 24 quilates para ourives, galvanizadores e dentistas;<br>ouro em pó “ideal” e verniz “ideal” (privilégio desta casa); purpurinas de todas as cores para toda a classe de pinturas; calcomanias; brilhantinas e lantejoulas para diversas aplicações; olhos de cristal para imagens e pessoas;<br>tubos de tinta de óleo e aguarela; tintas de esmalte;<br>vernizes para todas as indústrias; pincéis em todas as qualidades; ouro em pasta para encadernadores e muitos mais artigos para douradores, pintores e artes correlativas.                                                                                                                                                   |
| <b>Catálogos</b>                | Varela, J. N. 1901. <i>Preço Corrente de A Favrel Lisbonense</i> . Lisboa: S. n.<br>Varela, J. N. 1904. <i>Catalogo da Favrel Lisbonense</i> . Lisboa: S. n.<br>Varela, J. N. s. d. [c. 1913-1920]. <i>A Favrel Lisbonense</i> . [catálogo] Lisboa: A Editora Limitada.<br>Varela, A. P. 1927. <i>A Favrel Lisbonense</i> . Lisboa: S. n.<br>Varela. 1939. <i>A Favrel Lisbonense. Casa Varela. Catalogo 2.ª parte</i> . Lisboa.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Historial</b>                | José Netto Varela fundou a Favrel Lisbonense em 1891. Antes disso trabalhara entre 1869 e 1891 na Favrel Portuense, companhia pertencente à sua família, datada de 1752, e que preparava tintas para a indústria naval.<br>Varela foi para Paris onde aprendeu a arte de dourar. Em 1911 anunciava-se como fábrica de ouro, platina, alumínio e outros metais em folhas, pós e limalhas.<br>Foi representante em Portugal de várias companhias internacionais: Reeves & Sons, Lefranc, Winsor & Newton, Paillard, Tallens, Pelikan, Nelis, Shemink, Watman, Nipon, Molin, Colorin e Pearlin.<br>De 1925 a 1949 foi dirigida pela filha do fundador, Arminda Pereira Varela e, após a sua morte pela sua irmã Maria Pereira Varela Gomes. Por volta de 1935 a direcção ficou a cargo de António Varela Gomes que foi responsável pela produção de novas tintas plásticas. |
| <b>Clientes</b>                 | Academia de Belas Artes de Lisboa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Referências</b>              | <i>Livro de despesas</i> , 1902-1931, Arquivo da ANBA.<br>Costa, 1904; Costa, 1911;<br>Ferreira, 2011.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |

# A FAVREL LISBONENSE

Fabrica d'ouro, prata, platina, aluminio e outros metaes em folhas, pó e limalhas para dourar e pratear madeiras, metaes, e para encadernadores e fogueteiros

JOSÉ NETTO VARELLA

321-A — Rua da Rosa, 321-B — LISBOA

Ouro fino (movel) para dourar ao ar livre sem auxilio de ferramentas. — Dito em rolos para dourar filetes, cercaduras, meias cannas, etc., e machinas para sua applicação. — Ouro fino de 24 quilates para ourives, galvanisadores e dentistas. — Todos os ouros podem ser examinados nas contrasterias pelo ensaio real. — Ouro em pó



Marca Registrada

IDEAL e verniz IDEAL (privilegio d'esta casa). — Purpurinas de todas as côres para toda a classe de pinturas. — Calcomanias. — Brillhantinas e lan-tejoilas para diversas applicações. — Olhos de crystal para imagens e pessoas. — Tubos de tinta a oleo e aguarella. — Tintas d'esmalte. — Vernizes para todas as industrias. — Pinceis de todas as qualidades. — Ouro em pasta para encadernadores, e muitos mais artigos para douradores, pintores e artes correlativas.

Enviam-se catalogos gratis

Deposito no PORTO — 64, Rua de Cedofeita, 68

Figura A21.42 Anúncio em: Costa, 1911: s. p.

**Titulo Privilegiado**

**A FAVREL LISBONENSE**

Fabrica de  
**Ouro, Prata, Platina e**  
 Alumínio em folhas e em pó

**JOSÉ NETTO VARELLA**

UNICA NO PAIZ

FUNDADA EM 1891.

**LISBOA**  
 321-A-RUA DA ROSA-321-B.

ARTIGOS E FERRAMENTAS  
 PARAPINTORES, DOURADORES,  
 SANTEIROS, ENCADERNADORES  
 E PIROTECHNICOS

Telephone nº 1150

DEPOSITO NO PORTO  
 R. dos Martires da Liberdade - 199 a 201

Figura A21.43 Capa do Catálogo da Favrel Lisbonense, c. 1913-1920.



### Estojo de pintura a oleo

Caixa de folha envernizada medindo 27,5×18,5 centímetros

Contendo:

- |                                            |                                        |
|--------------------------------------------|----------------------------------------|
| Uma palheta de noqueira                    | Um godet duplo para palheta            |
| Um frasco de seccativo Flaman-<br>mand     | Um pacote de carvões para de-<br>senho |
| Um frasco de essencia de There-<br>bentina | Seis pinceis de sedas brancas          |
| Quinze tubos de tintas finas               | Uma espatula                           |
|                                            | Um folheto explicativo                 |

Preço . . . . . **3\$50**

### Dito medindo 20×14 centímetros

Contendo:

- |                                            |                               |
|--------------------------------------------|-------------------------------|
| Uma palheta de noqueira                    | Doze tubos de tintas finas    |
| Um frasco de seccativo Flaman-<br>mand     | Um godet para palheta         |
| Um frasco de essencia de There-<br>bentina | Seis pinceis de sedas brancas |
|                                            | Uma espatula                  |
|                                            | Um folheto explicativo        |

Preço . . . . . **2\$80**

Figura A21.44 Catálogo da Favrel Lisbonense, c. 1913-1920: 71.

|                                 |                                                                                         |
|---------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 38                                                                                   |
| <b>Nome</b>                     | <b>Francisco José de Carvalho<br/>Drogaria da Calçada do Combro</b>                     |
| <b>Localização</b>              | Calçada do Combro, 46 e 48, Lisboa<br>Calçada do Combro, 38 (dp. 1880)                  |
| <b>Datas</b>                    | [1864-1890]                                                                             |
| <b>Produtos comercializados</b> | Óleos, pigmentos, álcool, goma laca, lixas, esponjas, vernizes, gesso, secativo, colas. |
| <b>Clientes</b>                 | Biblioteca Nacional de Lisboa, ver Anexo 19.                                            |
| <b>Referências</b>              | Campos, 1880: 190; Campos, 1881: 156; Campos, 1890: 374.                                |

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|---------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 39                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| <b>Nome</b>                     | <b>Francisco Mendes Cardoso Leal</b><br><b>Laboratorio chimico, analítico e consultivo</b><br><b>Julio Moreira Feyo</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Localização</b>              | Rua da Trindade, 22, Lisboa<br>Rua da Trindade, 18 a 26, Lisboa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Datas</b>                    | [1845-1882]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Produtos comercializados</b> | Carbonato de potássio; bitartarato de potássio; sulfato de ferro; sulfato de cobre; sulfato de ferro amoniacal; cromato de chumbo (empregado nas pinturas a óleo); iodeto de potássio; bioxido de mercúrio; cloreto de mercúrio (II); essência de alfazema; essência de rosmaninho; essência de zimbro ou junípero; essência de limão; ácido cítrico; ácido tartárico; álcool absoluto.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Historial</b>                | Francisco Mendes Cardoso Leal (1798-1867) fez o curso de Física e Química de Luís da Silva Mouzinho de Albuquerque que funcionou no Laboratório Químico da Casa da Moeda entre 1823 e 1828, tendo-se tornado farmacêutico. Em 1838 era Preparador do Laboratório da Casa da Moeda e, em 1841, Operador da Sociedade Farmacêutica de Lisboa. Em 1845 na qualidade de Preparador de Química da Escola Politécnica foi autorizado a fazer uso dos terrenos das Capelas Velhas do extinto convento do Carmo para abrir um Curso de Química aplicado às Artes. Em 1857 faz um pedido para aumentar um prédio na rua da Trindade, n.º 30. Em 1851 participou na Exposição Universal de Londres. Foi promovido a Primeiro Ensaizador da Casa da Moeda e Papel Selado em 1860. O laboratório químico manteve-se na Rua da Trindade no n. 22 e na década de 1880 funcionando já sob a responsabilidade de Julio Moreira Feyo que o expande entre os n.ºs 18 a 26. |
| <b>Referências</b>              | Catalogo..., 1851-52: 39, 63, 124, 125, 280;<br>Campos, 1880: 191; Campos, 1882: 156;<br>Mira, 2014: 45-49;<br>Cruz, 2016: 330.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|---------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 40                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Nome</b>                     | <b>Ignacio M. Hirsch &amp; Irmãos<br/>Fábrica da Verdelha</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <b>Localização</b>              | Verdelha, Alhandra (fábrica)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Datas</b>                    | 1836-[1855]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Produtos comercializados</b> | Ácido hidrocloreídrico (ácido muriático); ácido sulfúrico (óleo de vitriolo), ácido nítrico (água forte), carbonato de sódio, sódio artificial; sulfato de ferro artificial; chlorureto de cal (empregado nas artes); sulfato de cobre; ácido oxálico; álcool absoluto                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Historial</b>                | A Fábrica da Verdelha foi estabelecida pelo Conde de Farrobo em 1836, com base no privilégio de exclusivo, obtido em 1829.<br>A Sociedade Promotora da Indústria Nacional, numa publicação sobre a Exposição da Indústria em 1849 referia que a Fábrica da Verdelha, dedicada à produção de soda e ácido sulfúrico era a “única destes géneros” existente em Portugal.<br>Em 1849 a Fábrica foi arrendada a Ignacio Miguel Hirsch que tinha uma fábrica de chapéus na Rua de S. Bento. Durante anos o químico D’Oliveira Pimentel foi consultor técnico da fábrica. |
| <b>Referências</b>              | Catalogo..., 1851-52: 39, 11, 16;<br>Alves-Caetano, 2012;<br>Cruz, 2016: 328.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|---------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.41                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Nome</b>                     | <b>J. Figueiredo</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Localização</b>              | Rua Nova do Carmo, 45 e 47, Lisboa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Datas</b>                    | 1825-[1885]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Produtos comercializados</b> | Belas-artes, armazém de música, litografia e estampas, especialidade de artigos para a pintura a óleo, tela, pincéis, óleos, vernizes, etc.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Historial</b>                | José de Figueiredo tinha formação musical e aptidão para o desenho que o levaram a trabalhar na casa Ziegler, fundada em 1825 na rua do Loreto por Valentim Ziegler, editor e comerciante de instrumentos musicais. Mais tarde tornou-se único proprietário deste estabelecimento. Em 1860 a sua atividade era licenciada apenas para armazém de música, na Rua Nova do Carmo, n. 45. Em 1865 a casa designa-se “José de Figueiredo – Antiga casa de Ziegler” e anuncia-se como “armazem de musica e instrumentos, Lithographia, Estamparia, Bijouterias, Perfumarias e Deposito de Vinhos engarrafados”. A partir de 1872 há registos da alteração dos produtos oferecidos passando a comercializar também artigos para belas artes. A casa estaria aberta até pelo menos 1885, continuada possivelmente pelos seus descendentes. |
| <b>Referências</b>              | Barbosa, 1865: 83;<br>Peixoto, 1872: 318; Peixoto, 1873: 506; Peixoto, 1875: 452;<br><i>O Contemporaneo</i> , Mar. de 1875, 6, Lisboa;<br>Tojal, 2000: 91.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |

**BELLAS-ARTES**  
**ARMAZEM DE MUSICA**  
**LITHOGRAPHIA E ESTAMPAS**  
  
**ESPECIALIDADE DE ARTIGOS**  
**PARA**  
**PINTURA A OLEO**  


---

**J. FIGUEIREDO**  
**45, RUA NOVA DO CARMO, 47**

**Figura A21.45** Anúncio em: Peixoto: 1872: 318.

**MUSICA**  
**LYTHOGRAPHIA E ESTAMPARIA**

—  
**ESPECIALIDADE DE ARTIGOS**

<sup>DE</sup>  
**BELLAS ARTES**

**TELLA, PINCEIS, TINTAS, OLEOS, VERNIZES, ETC.**

—  
**J. Figueiredo**

**45 e 47 — Rua Nova do Carmo — Lisboa**

**Figura A21.46** Anúncio em: Peixoto: 1873: 506.

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|---------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 42                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Nome</b>                     | <b>J. Guedes e C.<sup>a</sup><br/>Barros &amp; Mourão<br/>Papellaria Typographia Tejo</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <b>Localização</b>              | Rua de S. Paulo, 113 (á moeda, em frente da calçada de S. João Nepomuceno)<br>Rua de S. Paulo, 113 e 115, Lisboa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Datas</b>                    | [1876-] – [1911]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Produtos comercializados</b> | Papelaria: papéis franceses, ingleses, alemães, italianos, belgas e nacionais, almaço, impressão, peso, para cartas de todos os formatos, livros pautados e riscados.<br>Artigos para escritório: tinteiros de porcelana, vidro, zinco, bronze, madeira e cristal. Canetas de aço, borracha, marfim, e madeira de diversos feitios e tamanhos. Penas de aço dos principais fabricantes ingleses, franceses e alemães. Pisa-papéis em mármore e cristal. Limpa penas de porcelana e zinco, tintas inglesas para marcar a roupa, balanças para cartas, raspadeiras de cabo de osso, marfim e ébano, pasta de oleado para escrita, prensas para copiar cartas, livros de lembranças, carteiras para papéis, copiadores e muitos outros.<br>Objetos para desenho: régua e esquadros simples e graduados, paralelas, estojos matemáticos, caixas com tintas para aguarelas, pincéis, esfuminhos de papel, pelica e camurça; canetas metálicas com cabo de ébano; lápis da Faber, Walter e Conté; tintas para miniatura; pregos metálicos para fixar os desenhos; tira-linhas; godés; paletas de porcelana; naquim; conchas de ouro e prata; papel vegetal e pano transparente em rolos; cartão Bristol; papéis para desenho de arquitetura, pintura a óleo, geometria, figura, paisagem, ornato, plantas e aguarela, em rolos e folhas; papel pelée, Whatman, Torchon e Ingre; estudos para desenho de figura, paisagem, arquitetura; plantas para chalés, casas de campo, fábricas e muitos edifícios. Grande variedade de papéis, especialidade em papéis pintados.<br>Fornecimento geral para flores.<br>Artigos para litografia. |
| <b>Clientes</b>                 | Museu Nacional de Belas Artes                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Referências</b>              | <i>Livro de receitas</i> , 1907-1916, Arquivo da ANBA;<br>Peixoto, 1876: 414-415.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |



**Figura A21.47** Fatura (30 Mai. 1911) em: *Livro de receitas*, 1907-1916, Arquivo da ABAL.

|                                 |                                       |
|---------------------------------|---------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 43                                 |
| <b>Nome</b>                     | <b>J. S. Marques</b>                  |
| <b>Localização</b>              | Rua de São Bento, 90, Lisboa          |
| <b>Datas</b>                    | [1881-1908]                           |
| <b>Produtos comercializados</b> | Drogas, perfumes.                     |
| <b>Referências</b>              | Campos: 1880: 191; Campos, 1881: 156. |



**Figura A21.48** Fotografia: Machado & Souza. 1908. *Rua de São Bento*, PT/AMLSB/FAN/002469, AML-F.

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|---------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Número</b>                   | F. 44                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Nome</b>                     | <b>João da Cruz e Silva</b><br><b>João da Cruz e Silva &amp; C.<sup>a</sup></b>                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Localização</b>              | Rua dos Bacalhoeiros, 96 e 98, Lisboa                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Datas</b>                    | [1881-1892]                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <b>Produtos comercializados</b> | Drogas, tintas, óleos, vernizes, broxas e pincéis de todas as qualidades. Produtos químicos para as artes e medicina, especialidades farmacêuticas, depósito de flores de enxofre das acreditadas marcas de Brandames e Leão, depósito de gesso e cimento, ouro e prata em folha. |
| <b>Referências</b>              | Campos, 1880: 190; Campos, 1881: 156; Campos, 1890: 374 e 408; Campos, 1892: 359.                                                                                                                                                                                                 |

|                                 |                                                                                                                                                                                      |
|---------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 45                                                                                                                                                                                |
| <b>Nome</b>                     | <b>João Ferreira Callado</b>                                                                                                                                                         |
| <b>Localização</b>              | Largo do Intendente, 29 e 30, Lisboa                                                                                                                                                 |
| <b>Datas</b>                    | [1892-1902]                                                                                                                                                                          |
| <b>Produtos comercializados</b> | Drogas, tintas e produtos químicos, depósito de brussas, escovas e luvas de crinas, pincéis, esponjas, sabão, sabonetes e perfumarias, cimento, vernizes, petróleo e muitos artigos. |
| <b>Referências</b>              | Campos, 1892: 950.<br><i>Diario Illustrado</i> , 8 Mai. 1902, 10479, Lisboa                                                                                                          |

|                                 |                                                                                                                                                                     |
|---------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.46                                                                                                                                                                |
| <b>Nome</b>                     | <b>João Nunes de Almeida</b>                                                                                                                                        |
| <b>Localização</b>              | Rua da Mouraria, 42 e 44, Lisboa<br>Rua da Mouraria, 42 a 46 (dp. 1882)                                                                                             |
| <b>Datas</b>                    | [1881-1892]                                                                                                                                                         |
| <b>Produtos comercializados</b> | Diversas drogas.                                                                                                                                                    |
| <b>Clientes</b>                 | Academia de Belas Artes de Lisboa                                                                                                                                   |
| <b>Referências</b>              | Campos, 1880: 191; Campos, 1881: 156; Campos, 1885: 134; Campos, 1889: 374;<br><i>Livro de Folhas de Receitas e Despesas</i> , Vol. IV, 1887-1893, Arquivo da ANBA. |

|                                 |                                                                                                                                                                   |
|---------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 47                                                                                                                                                             |
| <b>Nome</b>                     | <b>Joaquim Machado Pereira Falcão<br/>Drogaria e Perfumaria Africana<br/>Sociedade Falcão, Limitada</b>                                                           |
| <b>Localização</b>              | Rua Nova do Almada, 44, Lisboa                                                                                                                                    |
| <b>Datas</b>                    | [1894-1908]                                                                                                                                                       |
| <b>Produtos comercializados</b> | Drogas e produtos químicos. Fornecimento completo para farmácias e drogarias. Artigos para pintura, fabricas de lanifícios e outras indústrias. Cimento Portland. |
| <b>Clientes</b>                 | Direcção Especial para Edifícios Públicos e Faróis                                                                                                                |
| <b>Notas</b>                    | Ver Anexos 10, 14 e 17.                                                                                                                                           |
| <b>Referências</b>              | <i>Tiro e Sport</i> , 30 Abr. 1908, 381, Lisboa.                                                                                                                  |



**Figura A21.49** Anúncio em: *Tiro e Sport*, 30 Abr. 1908, 381, Lisboa.

|                                 |                                                                                                                                                    |
|---------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 48                                                                                                                                              |
| <b>Nome</b>                     | <b>José Ignácio Novaes &amp; C.<sup>a</sup></b>                                                                                                    |
| <b>Localização</b>              | Rua do Chiado, 64, Lisboa                                                                                                                          |
| <b>Datas</b>                    | [1883-1886]                                                                                                                                        |
| <b>Produtos comercializados</b> | Tela, alfinetes, carda, ferros de engomar.                                                                                                         |
| <b>Clientes</b>                 | Academia Belas Artes de Lisboa.                                                                                                                    |
| <b>Referências</b>              | <i>Livro de folhas de receitas e despesas</i> , Vol. III, 1846-1922, Arquivo da ANBA;<br><i>Diario Illustrado</i> , 25 Dez. de 1883, 3823, Lisboa. |

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|---------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 49                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <b>Nome</b>                     | <b>José Joaquim Ferreira</b><br><b>Drogaria Ferreira</b>                                                                                                                                                                                                                    |
| <b>Localização</b>              | Rua de Santo Antão, 145 a 149, Lisboa<br>Rua dos Condes, 2 a 20                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Datas</b>                    | 1775- [1890]                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Produtos comercializados</b> | Drogas, produtos químicos e perfumarias;<br>depósito de tintas, óleos, vernizes, alvaiades, cimentos, enxofre em pedra e moído, etc., etc.<br>completo sortimento de broxas, pincéis, ouro e prata Fabril e ingleza, e todos os artigos para as artes de dourador e pintor. |
| <b>Referências</b>              | Campos, 1887: 397; Campos, 1889: 367; Campos, 1899: 376 e 406.                                                                                                                                                                                                              |



**Figura A21.50** Anúncio em: Campos: 1888: 397.



**Figura A21.51** Fotografia: Lima, A. C. 191?. *Drogaria Ferreira, casa fundada em 1775, PT/AMLSB/LIM/000917, AML-F.*

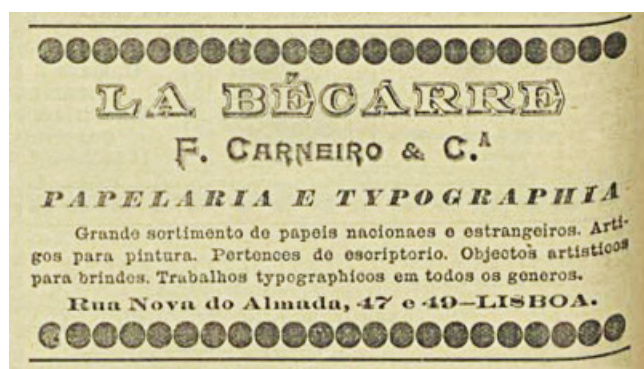
|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|---------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 50                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Nome</b>                     | <b>José Joaquim Ribeiro dos Santos</b>                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Localização</b>              | Travessa de Santo Antão, 8 e 10, Lisboa<br>Rua do Amparo, 22 (dp. de 1872)<br>Rua do Marquez D'Alegrete, 16                                                                                                                                                                            |
| <b>Datas</b>                    | [1870-1890]                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>Produtos comercializados</b> | Armazém de drogas, produtos químicos e medicinais, incumbe-se de qualquer trabalho de pintura, estuque e forrar casas a papel, por preços razoáveis, depósito de gesso e betumes, depósito da pomada Dumont, perfumarias finas, sabão e sabonetes, óleos e vernizes, tintas e pincéis. |
| <b>Referências</b>              | Peixoto: 1869: 308; Peixoto, 1871: 418; Peixoto: 1872: 492; Peixoto, 1873: 525; Peixoto, 1874: 320; Peixoto: 1875: 476; Peixoto: 1876: 484<br>Campos, 1880: 191; Campos, 1881: 156; Campos, 1883: 615; Campos, 1885: 630; Campos, 1890: 410.                                           |



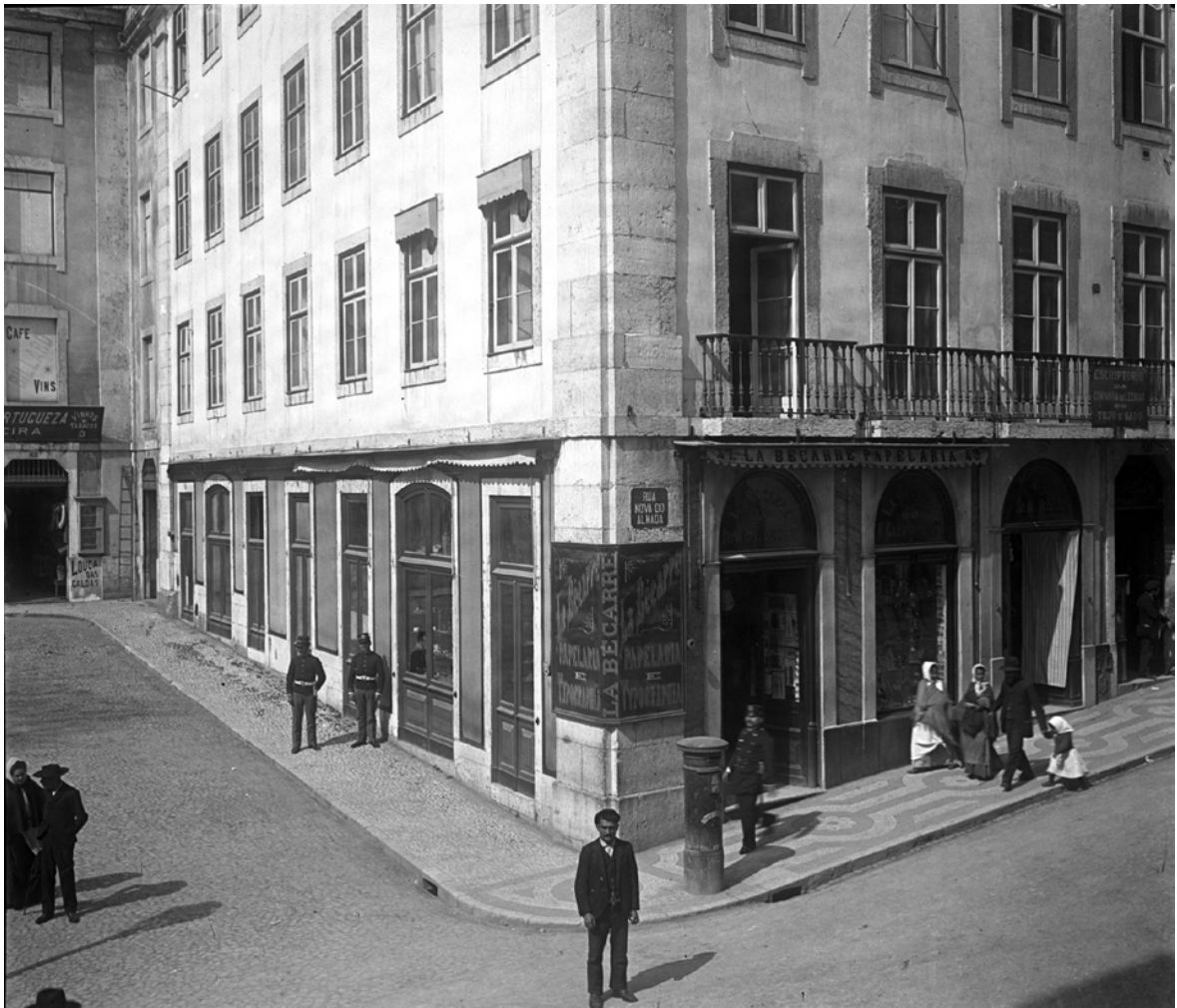
Figura A21.52 Anúncio em: Campos, 1883: 615.

|                                 |                                                                                |
|---------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 51                                                                          |
| <b>Nome</b>                     | <b>José Lucio Monteiro e Companhia</b>                                         |
| <b>Localização</b>              | Rua da Madalena, 108, Lisboa                                                   |
| <b>Datas</b>                    | 1836-[?]                                                                       |
| <b>Produtos comercializados</b> | Armazém de drogas, produtos químicos, bem como objetos pertencentes à pintura. |
| <b>Referências</b>              | <i>Diario do Governo</i> , 19 Fev. 1836, 43: 213                               |

|                                 |                                                                                                                                                                                  |
|---------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 52                                                                                                                                                                            |
| <b>Nome</b>                     | <b>La Bécarre</b><br><b>Constantino Guedes &amp; C.<sup>a</sup></b><br><b>Carneiro &amp; C.<sup>a</sup></b><br><b>Papelaria e Typographia</b>                                    |
| <b>Localização</b>              | Rua Nova do Almada, 47 e 49, Lisboa                                                                                                                                              |
| <b>Datas</b>                    | [1889-1937]                                                                                                                                                                      |
| <b>Produtos comercializados</b> | Papéis nacionais e estrangeiros, artigos para pintura, pertences de escritório, objetos artísticos para brindes, trabalhos tipográficos em todos os géneros, papel Waterclosets. |
| <b>Referências</b>              | <i>Brasil-Portugal</i> , 16 Nov. 1899, 20: 6;<br><i>Brasil-Portugal</i> , 1 Mar. 1900, 27: 5.                                                                                    |

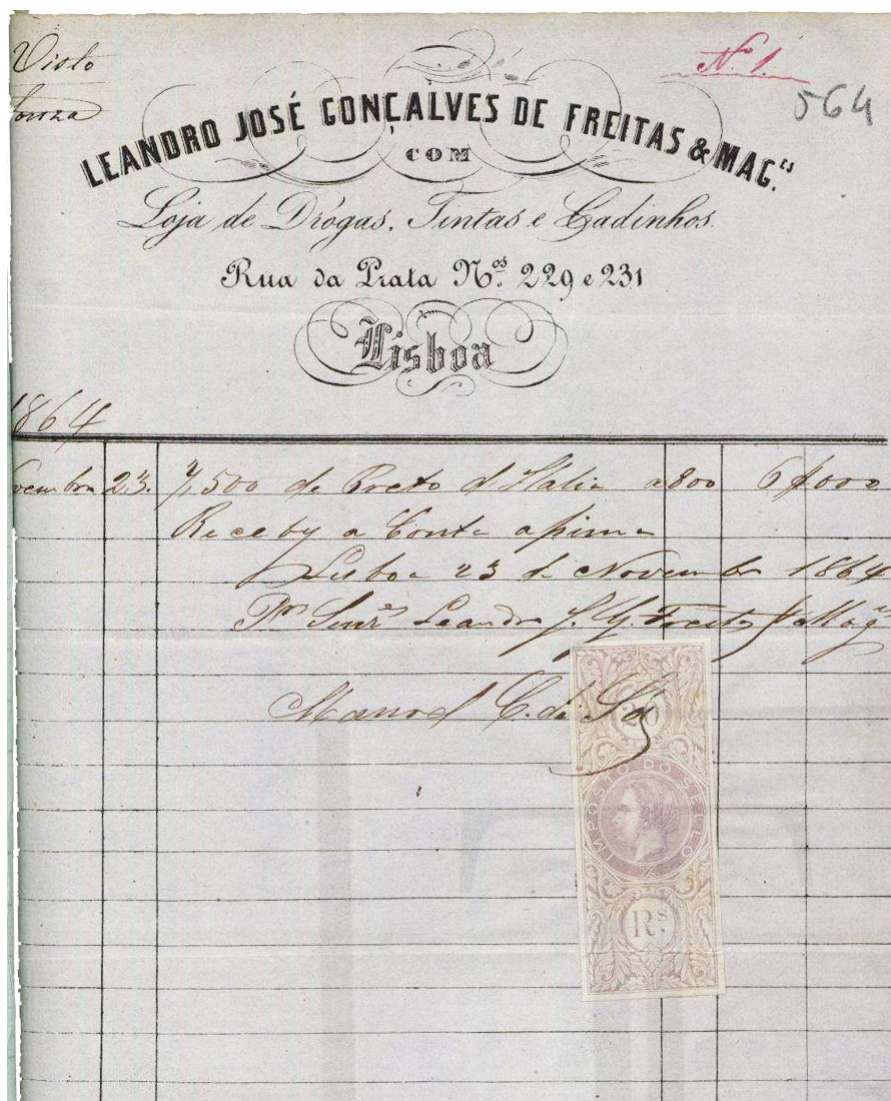


**Figura A21.53** Anúncio em: *Brasil-Portugal*, 16 Nov. 1899, 20: 6.



**Figura A21.54** Fotografia: Guedes, P. 19---. *Rua Nova do Almada*, PT/AMLSB/PAG/000095, AML-F.

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|---------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 53                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Nome</b>                     | <b>Leandro José Gonçalves de Freitas &amp; Mag.es</b><br><b>Leandro J. G. Freitas</b><br><b>Leandro José Gonçalves de Freitas &amp; C.<sup>a</sup></b><br><b>Drogaria de José Martins Mano</b>                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Localização</b>              | Rua da Prata, 229 e 231, Lisboa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Datas</b>                    | [1864-1895]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Produtos comercializados</b> | Drogas, tintas e cadinhos, especialidades em alvaiades e vernizes.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Clientes</b>                 | Academia de Belas Artes de Lisboa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Referências</b>              | <i>Livro de folhas de receitas e despesas</i> , Vol. II, 1853-1903?, Arquivo da ANBA;<br><i>Livro de folhas de receitas e despesas</i> , Vol. III, 1846-1922, Arquivo da ANBA;<br>Campos, 1880: 191; Campos, 1881: 156; Campos, 1889: 410;<br><i>Commercio do Porto Illustrado</i> , ed. especial 7. <sup>o</sup> centenário de Santo António, 1895: 20, reproduzido em: Santos, 2012, Vol. II: 69. |



**Figura A21.55** Fatura em: *Livro de folhas de receitas e despesas*, Vol. II, 1853-1903?, Arquivo da ANBA.

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|---------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 54                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Nome</b>                     | <b>Livraria Ferreira<br/>Ferreira &amp; Oliveira Lim. Livreiros Editores</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Localização</b>              | Rua Aurea, 132 a 138, Lisboa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Datas</b>                    | 1846-[1924]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <b>Produtos comercializados</b> | Mapas, material para escolas e liceus, estojos de desenho e pintura, lápis, tintas e papel, diversos artigos de pintura.                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Catálogos</b>                | <i>Catálogo Geral da Livraria Ferreira</i> . 1912. Lisboa: Ferreira L.da                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Historial</b>                | Manuel José Ferreira, natural de Lisboa, estabeleceu-se em 1869 em sociedade com a firma Lisboa & C. <sup>a</sup> , encadernadores dando origem à casa Ferreira Lisboa & C. <sup>a</sup> , ocupando a antiga casa do livreiro Fernandes Lopes, estabelecido na rua Áurea. A firma manteve-se até 1876, ano em que Ferreira continuou o comércio sob sua única responsabilidade. Foi editor de várias publicações. |
| <b>Clientes</b>                 | Escola das Belas Artes de Lisboa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Referências</b>              | Inocência, XVI: 240<br><i>Serões</i> , Set. 1905, 3: VIII<br><i>Livro de despesas</i> , 1907-1916, Arquivo da ANBA.                                                                                                                                                                                                                                                                                               |



**Figura A21.56** Fotografia: Benoiel, J. 191-. *Livraria Ferreira*, PT/AMLSB/JBN/000215, AML.

# LIVRARIA FERREIRA

Fundada em 1846

**Ferreira & Oliveira Lim.<sup>da</sup> — Livreiros-Editores**

**132, Rua Aurea, 138 — LISBOA**

FORNECEDORES DE S. M. EL-REI

DEPOSITARIOS DAS PUBLICAÇÕES DO ESTADO

SORTIMENTO DE LIVROS DE TODAS AS ESPECIALIDADES

---

**Distribuição Mensal gratuita aos nossos clientes da "BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA" catalogo dos livros publicados no paiz, e nos principaes mercados estrangeiros**

---

**MAPPAS GEOGRAPHICOS Portuguezes, Francezes, Inglezes e Allemães**

MATERIAL PARA ESCOLAS E LYCEUS

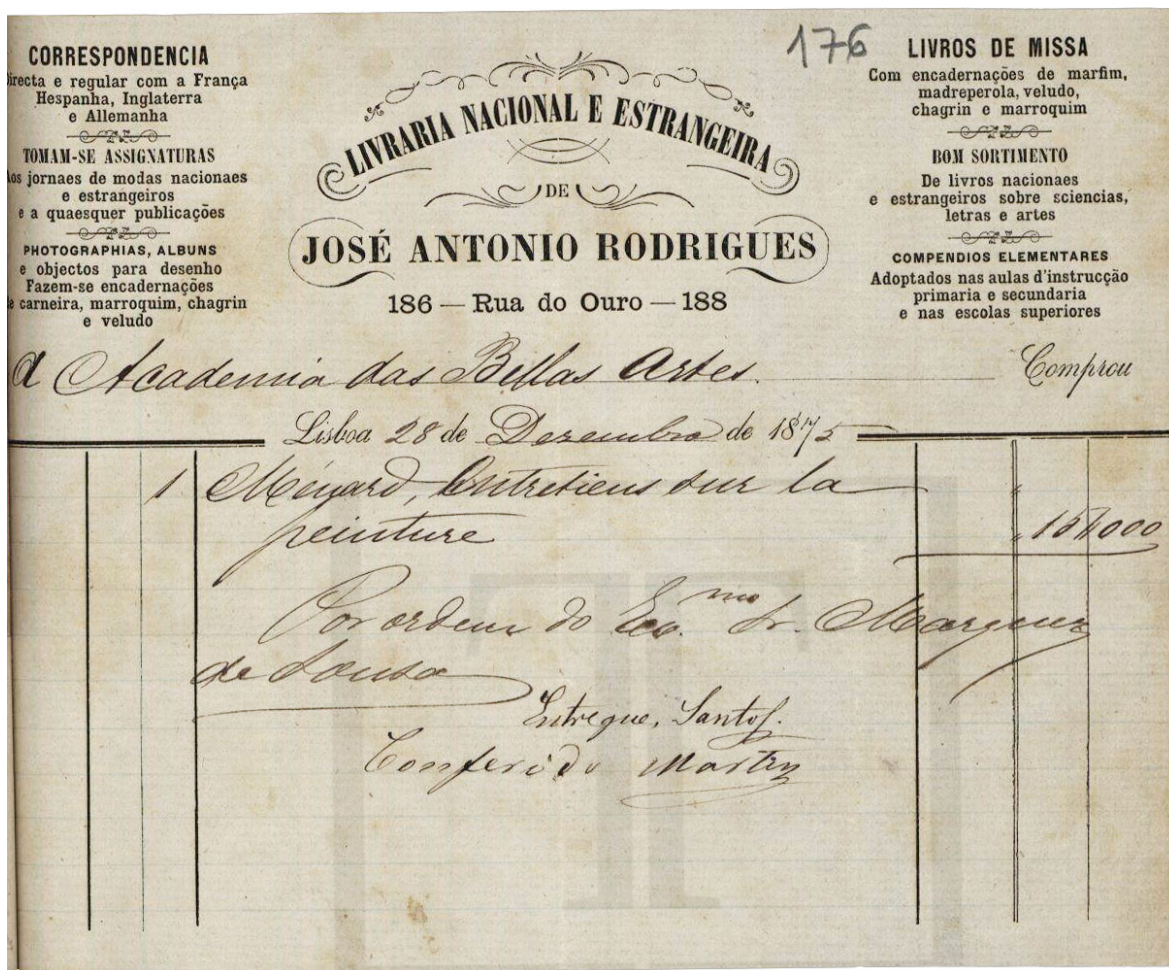
Bancos, Carteiras, Lousas, Contadores, Quadros para o estudo das línguas, das sciências, da geographia e da história. Esferas de diversos preços desde 500 rs. Apparelhos de demonstração. Estojos de desenho e pintura, lapis, tintas e papel.

DIVERSOS ARTIGOS DE PINTURA

Dão-se com solícitude todas as informações bibliographicas que nos sejam pedidas

**Figura A21.57** Anúncio em: *Serões*, Set. 1905, 3: VIII.

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|---------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 55                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Nome</b>                     | <b>Livraria Nacional e Estrangeira de José Antonio Rodrigues</b><br><b>Livraria Nacional e Estrangeira de José Antonio Rodrigues &amp; C.<sup>a</sup></b>                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Localização</b>              | Rua do Ouro, 186 a 188, Lisboa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Datas</b>                    | 1865 – atual                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Produtos comercializados</b> | Fotografias, álbuns, objetos para desenho, fazem-se encadernações de carneira, marroquim, chagria e veludo livros de missa com encadernações de marfim, madreperola, veludo, chagria e marroquim, com sortimento de livros nacionais e estrangeiros sobre ciências, letras e artes, compêndios elementares adaptados às aulas de instrução primária e secundária e nas escolas superiores. |
| <b>Historial</b>                | Fundada em 1865 por José Antonio Rodrigues.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Clientes</b>                 | Academia Belas Artes de Lisboa.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>Referências</b>              | <i>O Correio Medico de Lisboa</i> , 15 Jul. 1873, 2, p. 24;<br><i>Correspondência recebida</i> , 1856-1886, Arquivo da ANBA;<br><i>Livro de despesas</i> , 1907-1916, Arquivo da ANBA.                                                                                                                                                                                                     |

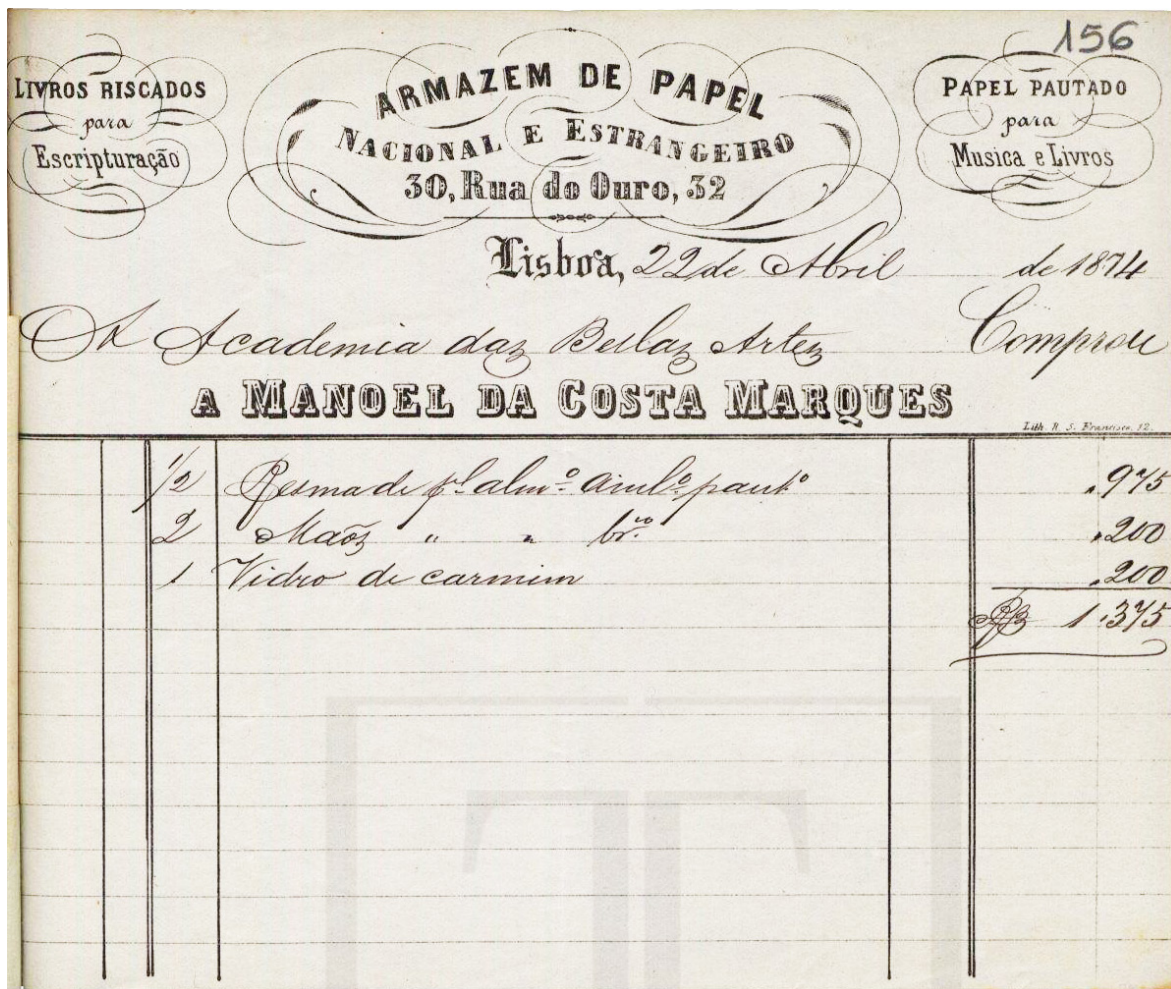


**Figura A21.58** Fatura (28 Dez. 1875) em: *Correspondência recebida*, 1856-1886, Arquivo da ANBA.

|                                 |                                                                                                                                                                                       |
|---------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 56                                                                                                                                                                                 |
| <b>Nome</b>                     | <b>Luiz Neuville</b>                                                                                                                                                                  |
| <b>Localização</b>              | Lisboa                                                                                                                                                                                |
| <b>Datas</b>                    | 1857- [1876]                                                                                                                                                                          |
| <b>Produtos comercializados</b> | Azul ultramarino, caolino, tijolos refractários, tubos de escoamento.                                                                                                                 |
| <b>Historial</b>                | Estabelecida em 1857. Em 1976 empregava 40 homens e 20 crianças. Extraia materiais em bruto de diferentes partes do país e vendia para Portugal, Brasil e para as colónias africanas. |
| <b>Referências</b>              | <i>International...</i> , 1876:10-13.                                                                                                                                                 |

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|---------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 57                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Nome</b>                     | <b>Luiz Tirinnanzi (Luigi Tirinnanzi)</b><br><b>Pintor, restaurador de quadros antigos</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Localização</b>              | Largo de S. Carlos, n. 3, 2.º andar, Lisboa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Datas</b>                    | 1836                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Produtos comercializados</b> | <p>Uma grande parte dos modelos das estátuas de Canova reduzidas a dois terços do natural, são apropriadas para ornamentos de fachadas, jardins, escadas, salas, etc. sendo de uma matéria que se assemelha muito ao mármore polido, cor e aspeto, revestidas de branco ou bonzeado, são inalteráveis à chuva e às variações da atmosfera. Para os snrs. assinantes é 4:880 rs. cada estátua sendo para salas escadas etc. e 7:200 rs. pelas que forem para expor ao tempo; e avulso mais vinte por cento.</p> <p>Muitos quadros antigos de autores clássicos.</p> <p>Papel de desenho de diversos tamanhos, dito de estampar de superior qualidade pela sua brancura e preço cómodo. Cartão marfim de marca grande, papel verniz e recortes do mesmo; tintas para uso de frotté ou pontar em veludo; pincéis para o mesmo uso, ditos para miniatura, pintura a óleo, e imitação do charão; caixas para pintar ao uso da China, e outras para modelos, de galantarias para uso das senhoras. Também se aprontarão de um momento para o outro tintas em bexigas para pintar em cavalete, assim como as há reduzidas a pó impalpável para o uso que quiserem; verniz para uso de quadros. Tomando incumbência de aparelhar panos a óleo e etc. Também recebe em depósito, para vender, quadros e mais objetos de Belas Artes, convencionando com os donos.</p> |
| <b>Historial</b>                | Luigi Tirinnanzi, pintor restaurador, natural de Florença, chegou a Lisboa na primeira década do século XIX e saiu, por razões desconhecidas, na década de 1850. Desenvolveu uma extensa obra sob a protecção do 1º Conde de Farrobo.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Referências</b>              | <i>O Gratis: jornal d'annuncios</i> , 30 Nov. 1836, 7: 1;<br>Cassino, 2015: 216.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |

|                                 |                                                                                                                                                   |
|---------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 58                                                                                                                                             |
| <b>Nome</b>                     | <b>Manoel da Costa Marques</b><br><b>Armazem, de papel nacional e estrangeiro</b><br><b>Viuva de Manuel da Costa Marques &amp; C.<sup>a</sup></b> |
| <b>Localização</b>              | Rua do Ouro, 30 a 32, Lisboa                                                                                                                      |
| <b>Datas</b>                    | [1874-1916]                                                                                                                                       |
| <b>Produtos comercializados</b> | Livros riscados para escrituração,<br>papel pautado para música e livros,<br>tintas.                                                              |
| <b>Clientes</b>                 | Academia Nacional de Belas Artes                                                                                                                  |
| <b>Referências</b>              | <i>Correspondência recebida</i> , Vol. II, 1853 a 1880, Arquivo da ANBA;<br>Campos, 1880: 215; Campos, 1881: 180.                                 |



**Figura A21.59** Fatura (22 Abr. 1874) em: *Correspondência recebida*, Vol. II, 1853 a 1880, Arquivo da ANBA.

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|---------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 59                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Nome</b>                     | <b>Manuel Costenla</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <b>Localização</b>              | Rua do Chiado, 88, Lisboa<br>Rua de Santo António, 198 a 202, Porto                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Datas</b>                    | 1791-[1872]<br>[1873-1886]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Produtos comercializados</b> | Fornecimento geral para fotografia e litografia, espelhos, molduras douradas e de polimento, passe-partouts, álbuns e objetos de desenho, máquinas para tirar retratos de todos os formatos e variado sortimento de vistas e de estereoscópios, pedras litográficas, estampas, cavaletes, telas engradadas, caixas de tintas de impressão.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Historial</b>                | A Casa de Estampas foi fundada em 1791 por Francisco Luís Pinheiro. No estabelecimento tinham lugar exposições de desenho, pintura e fotografia . Sucedeu-lhe A. M. Antunes possivelmente em 1872 ou 1873 (ver F.3), altura em que Manuel Constela fixou residência no Porto. No seu estabelecimento no Porto, foi depositário dos trabalhos do fotógrafo J. Laurent.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Clientes</b>                 | Academia de Belas Artes de Lisboa<br>Academia Portuense de Belas Artes                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <b>Notas</b>                    | Em 1871 fez uma encomenda à companhia inglesa Roberson & Co, ver Anexo 20.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Referências</b>              | <i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. VI, 1863-1870, Arquivo da ANBA;<br><i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. VII, 1870, Arquivo da ANBA;<br><i>Livro de receitas e despesas</i> , vol. VIII, 1870-1876, Arquivo da ANBA;<br><i>Livro de folhas de receitas e despesas</i> , vol. I, 1843-1885, Arquivo da ANBA;<br><i>Livro de folhas de receitas e despesas</i> , vol. II, 1853-1903, Arquivo da ANBA;<br><i>Livro de folhas de receitas e despesas</i> , vol. V, 1869-1906, Arquivo da ANBA;<br><i>Relações de documentos de despesa paga</i> , 1852-1885, Arquivo da FBAUP;<br>Castilho; 1862: 388; Castilho, 1863: 395;<br>Barbosa, 1865: 88;<br>Peixoto, 1870: 308; Peixoto, 1871: 210; Peixoto, 1872: 381;<br><i>Diario Illustrado</i> , 22 Dez. 1872, 175, Lisboa;<br><i>Diario Illustrado</i> , 17 Jul. 1873, 353, Lisboa;<br>Araújo, 2011: 87-108;<br>Costa, 1965: 274. |



Figura A21.60 Anúncio em: Castilho; 1862: 388.

Vista  
Linha

Nº 4 4A

DEPOSITO GERAL DE ESTAMPAS  
CASA DE COMISSÃO  
e fornecimento geral para  
PHOTOGRAPHIA E LITHOGRAPHIA

ESPELHOS.  
Molduras douradas  
e de polimento.  
Passe-partouts,  
Albums,  
e objectos de  
Desenho

MACHINAS  
para tirar retratos  
em todos os formatos  
e variado  
sortimento de vistas  
e  
Estereoscopes

MANUEL COSTENLA

88, Rua do Chiado, 88  
Lisboa

Academia da Bellas Artes  
C. M. (Escola de Gravura) Comprou  
Lisboa 24 de Agosto de 1869

|             |                                                                          |        |
|-------------|--------------------------------------------------------------------------|--------|
|             | Concerto de Douras molduras 2                                            | 600    |
| 15          | Molduras moldado 32 m <sup>tas</sup><br>e 66 c <sup>tas</sup> a 350 Rs   | 11 431 |
|             | Summa do                                                                 | 12 031 |
| tembre<br>2 | 10 Molduras moldado 27 m <sup>tas</sup> e 6 c <sup>tas</sup><br>a 350 Rs | 9 481  |
|             |                                                                          | 22 512 |

Pauli vinte e um mil e  
quinhentos e duas importancia  
da conta acima

Manuel Costenla



Figura A21.61 Fatura (24 Ago. 1869) em: Livro de folhas de receitas e despesas, Vol. V, 1869 a 1906, Arquivo da ANBA.

|                                 |                                                                                                                                                                                                   |
|---------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.60                                                                                                                                                                                              |
| <b>Nome</b>                     | <b>Manuel A. F. Callado &amp; C.<sup>a</sup></b><br><b>Manuel Alves Ferreira Callado</b>                                                                                                          |
| <b>Localização</b>              | Rua da Junqueira, 24 e 25, Lisboa (fábrica)<br>Boqueirão dos Ferreiros, 5 a 9 (depósito da fábrica)<br>Largo do Corpo Santo, 19, 20, 22 e 23 (escritório e drogaria)<br>Rua de S. Roque 105 e 107 |
| <b>Datas</b>                    | [1895-2012]                                                                                                                                                                                       |
| <b>Produtos comercializados</b> | Armazém de drogas,<br>tintas, óleos, vernizes e produtos químicos,<br>alvaiades e pincéis,<br>perfumarias, esponjas, brochas e pincéis,<br>fábrica a vapor de gesso, cimento e pó de pedra, etc.  |
| <b>Historial</b>                | Sucessor de José Luiz & C. <sup>a</sup> .                                                                                                                                                         |
| <b>Clientes</b>                 | Museu das Belas Artes de Lisboa                                                                                                                                                                   |
| <b>Referências</b>              | <i>Livro de despesas</i> , 1902-1931, Arquivo da ANBA;<br><i>Livro de despesas</i> , 1907-1916, Arquivo da ANBA.                                                                                  |

**ARMAZEM DE DROGAS** \* **FABRICA A VAPOR** de Gessos, Cimentos, Gró e Pó de Pedra

TINTAS, VERNIZES, E PRODUCTOS QUIMICOS  
PERFUMARIAS, ESPONJAS, BROCHAS E PINCEIS

**MANOEL A. F. CALLADO & C.<sup>A</sup>**

FABRICA: 24, R. da Praia da Junqueira, 25  
DEPOSITO DA FABRICA: Boqueirão dos Ferreiros, 5 a 9  
ESCRITORIO E DROGARIA: 19, 20, LARGO DO CORPO SANTO, 22, 23

Lisboa, 31 de Dezembro de 1910

Endereço telegraphico: TINTAS — Lisboa

Museu das Bellas Artes

| Mez      | Dia | Kilogr. |                    | Preço | Importancia   |
|----------|-----|---------|--------------------|-------|---------------|
| Outubro  | 28  | 0,500   | Ammoniac liquido   |       | 110           |
|          |     | 0,200   | Acetol a 40°       |       | 175           |
|          |     | 0,400   | Benzina            |       | 200           |
|          |     | 1       | Tubo de Colla tudo |       | 120           |
| Novembro |     |         | Amidiaz e gommada  |       | 100           |
|          | 14  | 1       | Naphthalina pó     |       | 150           |
|          |     | 0,500   | Ammoniac pó        |       | 200           |
|          | 23  | 2       | Latas e Aquaraz    |       | 4680          |
|          |     | 5       | Cera virgem        |       | 3.400         |
|          |     | 0,250   | Cingibre           |       | 80            |
|          |     | 0,125   | Sombra de oliveira |       | 40            |
|          | 28  | 2       | Lozas papel        |       | 20            |
| Dezembro | 2   | 1       | Lata Capularaz     |       | 3.800         |
|          |     | 0,125   | Cingibre           |       | 40            |
|          |     | 00,50   | Sombra de oliveira |       | 20            |
|          | 30  | 4       | Aquaraz            |       | 960           |
|          |     |         |                    |       | <b>19.175</b> |

Ordem de pagamento 21.04258

Figura A21.62 Fatura (31 Dez. 1910) em: *Livro de despesas*, 1907 a 1916, Arquivo da ANBA.



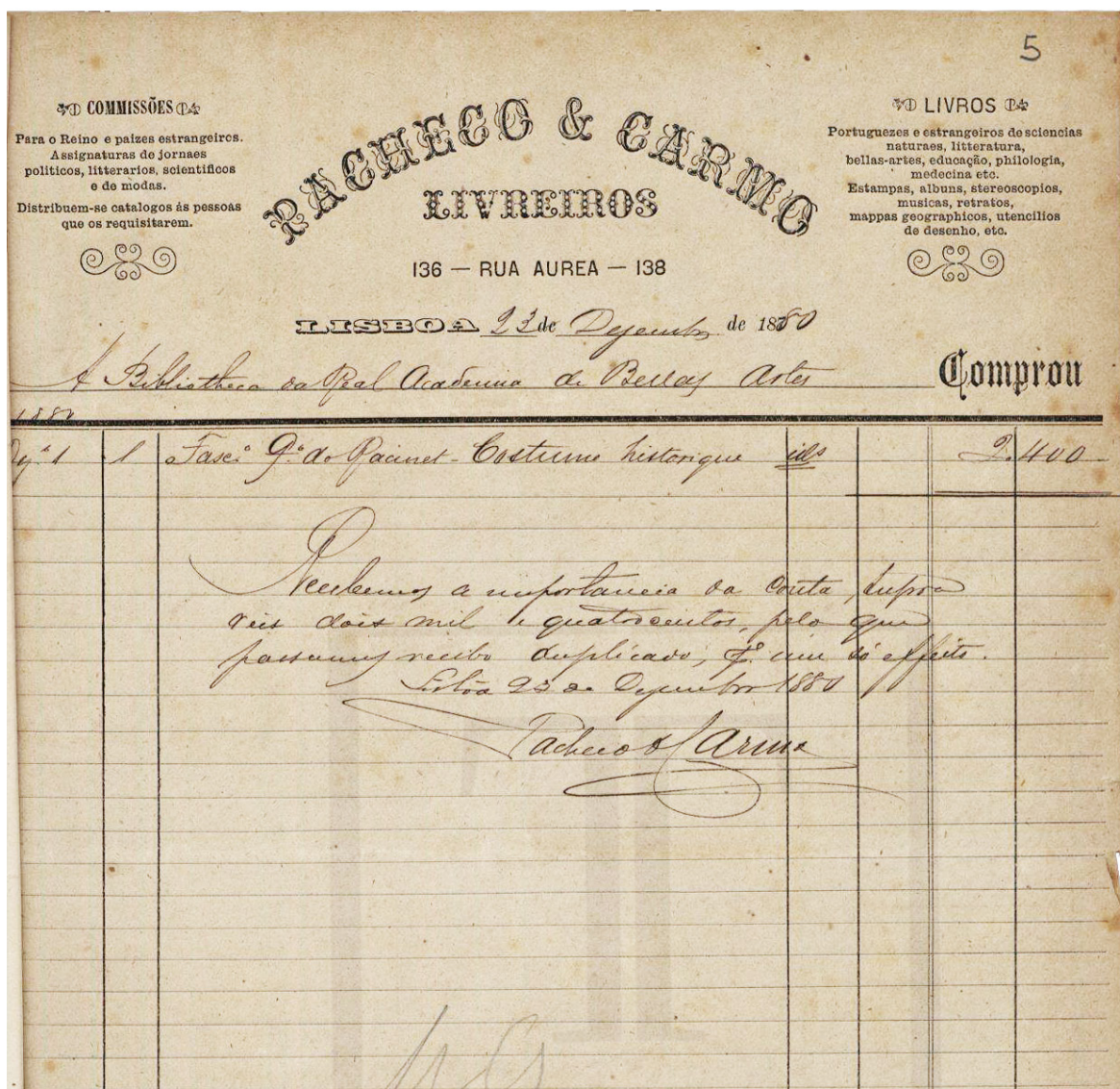
**Figura A21.63** Fotografia: Machado & Souza. entre 1898 e 1908. *Rua de S. Roque*, PT/AMLSB/FAN/001306, AML-F.

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|---------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 61                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>Nome</b>                     | <b>Margotteau</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Localização</b>              | Rua Nova do Carmo, 36 e 38, Lisboa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Datas</b>                    | 1835-[1903]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Produtos comercializados</b> | Fábrica de molduras, móveis e galerias e baguetes douradas, aço em espelhos, espelhos, vidro sem aço, molduras de imitação, passe-partouts, artigos para pintar a óleo.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Historial</b>                | Foi instalada por um comerciante francês onde antes havia o “Bazar artista”. Em 1835 Margotteau anunciava no jornal <i>O Nacional</i> que havia estabelecido em Lisboa uma fábrica na rua da Horta Seca, n. 4 para dourar casas, móveis e ornamento em geral. Avisava que a 19 de Outubro desse ano iria abrir na rua Nova do Almada n. 46, um armazém de depósito dos seus produtos, onde reunia uma grande quantidade de quadros góticos e modernos feito inglês e francês, moldura e vidros finos. Indicava ainda que recebia discípulos de ambos os sexos de 14 e 16 anos. Por alvará de 12 de Abril de 1854 Francisco Luís Margotteau obteve o título de dourador da Casa Real. Em 1858, depois da sua morte, o estabelecimento passou para a sua viúva Caetana Perpétua Margotteau. Em 1864 pediu novo alvará em nome de Manuel Martinho Margotteau Ferreira que tinha ficado à frente do estabelecimento. Pelo menos desde o final da década de 1840 realizavam-se nesta loja exposições de pintura, fotografia e outras. |
| <b>Clientes</b>                 | Professores e alunos da ABAL (António Manuel da Fonseca, Tomás da Anunciação, João Cristino da Silva)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>referências</b>              | <i>O Nacional</i> , 25 Jan. 1835, 61: 1;<br><i>O Nacional</i> , 17 Out. 1835, 276: 1140;<br>Barbosa, 1864: 95;<br>Matos, 2009:72;<br>Sena, 1998: 59.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |

|                                 |                                                  |
|---------------------------------|--------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.62                                             |
| <b>Nome</b>                     | <b>Mario Norziglio</b><br><b>Maria Norziglia</b> |
| <b>Localização</b>              | Poço do Bispo, Lisboa<br>Olivais, Braço de Prata |
| <b>Datas</b>                    | [1851-1856]                                      |
| <b>Produtos comercializados</b> | Alvaiade, zarcão, óxido de zinco.                |
| <b>Referências</b>              | Catalogo..., 1851, 6: 63;<br>Cruz, 2016: 332.    |

|                                     |                                                                        |
|-------------------------------------|------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                       | F. 63                                                                  |
| <b>Nome</b>                         | <b>Nova Fabrica Nacional de Negro de Fumo<br/>Vicente José Pereira</b> |
| <b>Localização</b>                  | Largo do Mastro, 54, Lisboa                                            |
| <b>Datas</b>                        | [1883-1890]                                                            |
| <b>Produtos<br/>comercializados</b> | Negro de fumo.                                                         |
| <b>Referências</b>                  | Campos, 1885: 179; Campos, 1889: 536.                                  |

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|---------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.64                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Nome</b>                     | <b>Pacheco &amp; Carmo, Livreiros</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>Localização</b>              | Rua do Ouro, 136 a 138, Lisboa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Datas</b>                    | [1880-1886]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Produtos comercializados</b> | Comissões para o Reino e países estrangeiros, assinaturas de jornais políticos, literários, científicos e de modas; distribuem-se catálogos às pessoas que os requisitarem.<br>Livros portugueses e estrangeiros de ciências naturais, literatura, belas-<br>artes, educação, filologia, medicina, etc.<br>Estampas, álbuns, estereoscópios, músicas, retratos, mapas geográficos,<br>utensílios de desenho etc. |
| <b>Historial</b>                | Sucedeu-lhe a Livraria Ferreira (F.54).                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Clientes</b>                 | Academia de Belas Artes de Lisboa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Referências</b>              | <i>Correspondência recebida</i> , 1856-1886, Arquivo da ANBA.<br>Costa, 1965: 147.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |



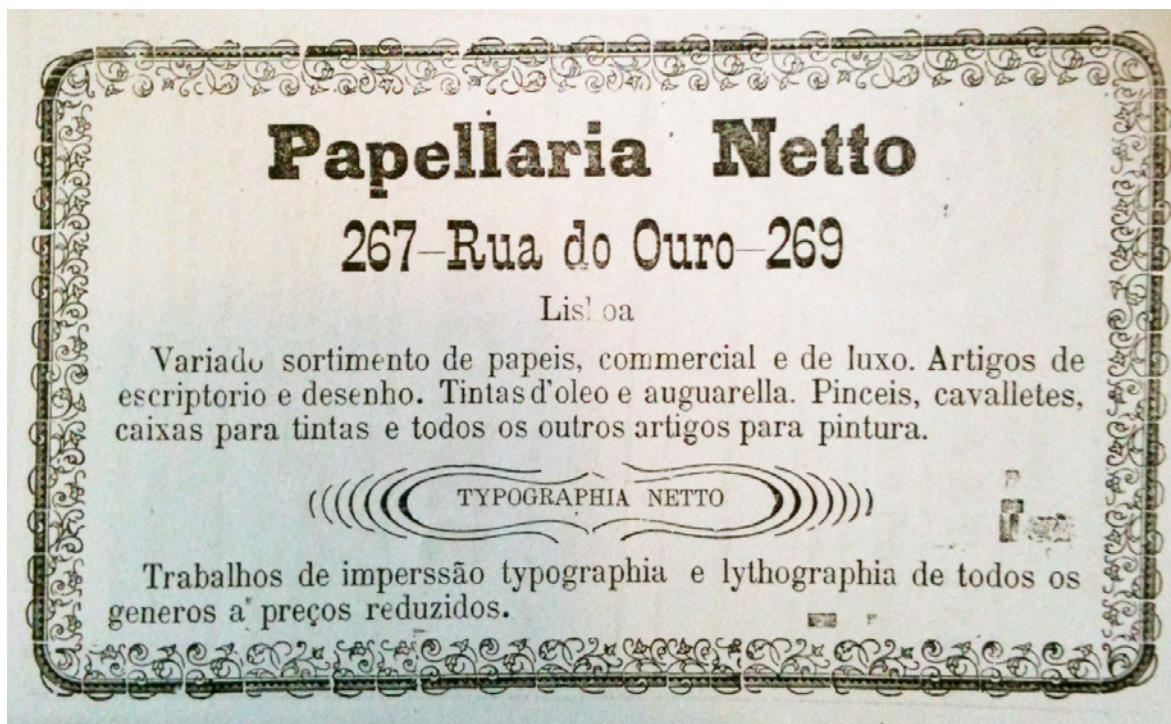
**Figura A21.64** Fatura (23 Dez. 1880) em: *Correspondência recebida*, 1856-1886, Arquivo da ANBA.

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                            |
|---------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.65                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <b>Nome</b>                     | <b>Papelaria Guedes</b><br><b>Papelaria e Tipografia Paulo Guedes &amp; Saraiva</b>                                                                                                                                                                        |
| <b>Localização</b>              | Rua do Ouro, 76 a 80, Lisboa                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Datas</b>                    | [1900-192?]                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Produtos comercializados</b> | Tintas, vernizes, óleos, modelos para pintura.                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Historial</b>                | Paulo Emílio Guedes (1886-1947), proprietário, foi fotógrafo de imagens e posteriormente editava postais ilustrados. Sem nunca ter abandonado a sua atividade como fotógrafo, trabalhou os últimos anos como livreiro. A papelaria encerrou antes de 1922. |
| <b>Referências</b>              | AML: <a href="http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt">http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt</a><br>Campos, 1880: 215; Campos, 1881: 180.                                                                                                                    |



**Figura A21.65** Fotografia: Guedes, P. 19--. *Papelaria e tipografia*, PT/AMLSB/PAG/000331, AML-F.

|                                 |                                                                                                                                                  |
|---------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.66                                                                                                                                             |
| <b>Nome</b>                     | <b>Papelaria Netto</b>                                                                                                                           |
| <b>Localização</b>              | Rua do Ouro, 267 a 269, Lisboa                                                                                                                   |
| <b>Datas</b>                    | [1888-1889]                                                                                                                                      |
| <b>Produtos comercializados</b> | Papéis, artigos de escritório e desenho, tintas de óleo e aguarela, pincéis, cavaletes, caixas de tintas e todos os outros artigos para pintura. |
| <b>Referências</b>              | Campos, 1888: 538;<br><i>Diario Illustrado</i> , 25 Jul. 1889, 5855, Lisboa.                                                                     |



**Figura A21.66** Anúncio em: Campos, 1888: 538.

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|---------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 67                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Nome</b>                     | <b>Papelaria Palhares &amp; Mourica</b><br><b>Papelaria Palhares</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Localização</b>              | Rua do Ouro, 141 a 143, Lisboa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| <b>Datas</b>                    | 1889- [1911]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Produtos comercializados</b> | Artigos para desenho: estojos com caixa de madeira e em forma de carteira para todos os preços, desde 600 réis; régua, esquadros graduados ou não graduados; lápis de carvão e <i>Contés</i> de todos os números; papéis próprios para esfuminhos; tinta da china em líquido e em pedra, desde 50 réis; pincéis para aguarela e tintas de todas as cores, em tubo, pedras e meias pedras; álbuns para desenhos, e todos os artigos indispensáveis aos alunos;<br>álbuns para retratos e muitos mimos para brindes; papéis de fantasia de alta novidade; carteiras; bilheteiras; bolsas para cobre e níquel;<br>Gravura e carimbos de borracha, artigos para máquinas de escrever. |
| <b>Referências</b>              | <i>Diario Illustrado</i> , 3 Jul. 1890, 6198, Lisboa;<br><i>Diario Illustrado</i> , 28 Out. 1900, 9928, Lisboa.<br>Costa, 1911: s. p.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |



**Figura A21.67** Fotografia: Benoiel, J. 191-. *Papelaria Palhares*, PT/AMLSB/JNL/000216, AML-F.

# PAPELARIA PALHARES

Palhares & C.<sup>TA</sup>

141, RUA DO OURO, 143

Acaba de chegar a esta casa um completo sortimento de artigos para desenho, taes como: estojos com caixa de madeira e em fôrma de carteira para todos os preços, desde 600 réis. Reguas e esquadros graduados ou não graduados. Lapis de carvão e Contés de todos os números. Papeis próprios para esfuminho. Tintas da China em liquido e em pedra, desde 50 réis. Pinceis para aquarella e tintas de todas as côres, em tubo pedras e meias pedras. Albuns para desenhos, e todos os artigos indispensaveis aos alumnos para a proxima abertura das aulas.

Tambem acabamos de receber uma linda collecção de albuns para retratos e muitos mimos para brindes que merecem ser vistos: papeis de phantasia de alta novidade, carteiras, bilheteiras, bolsas para cobre e nickel, tudo por preços muito vantajosos.

Papelaria Palhares

141---Rua do Ouro---143

LISBOA

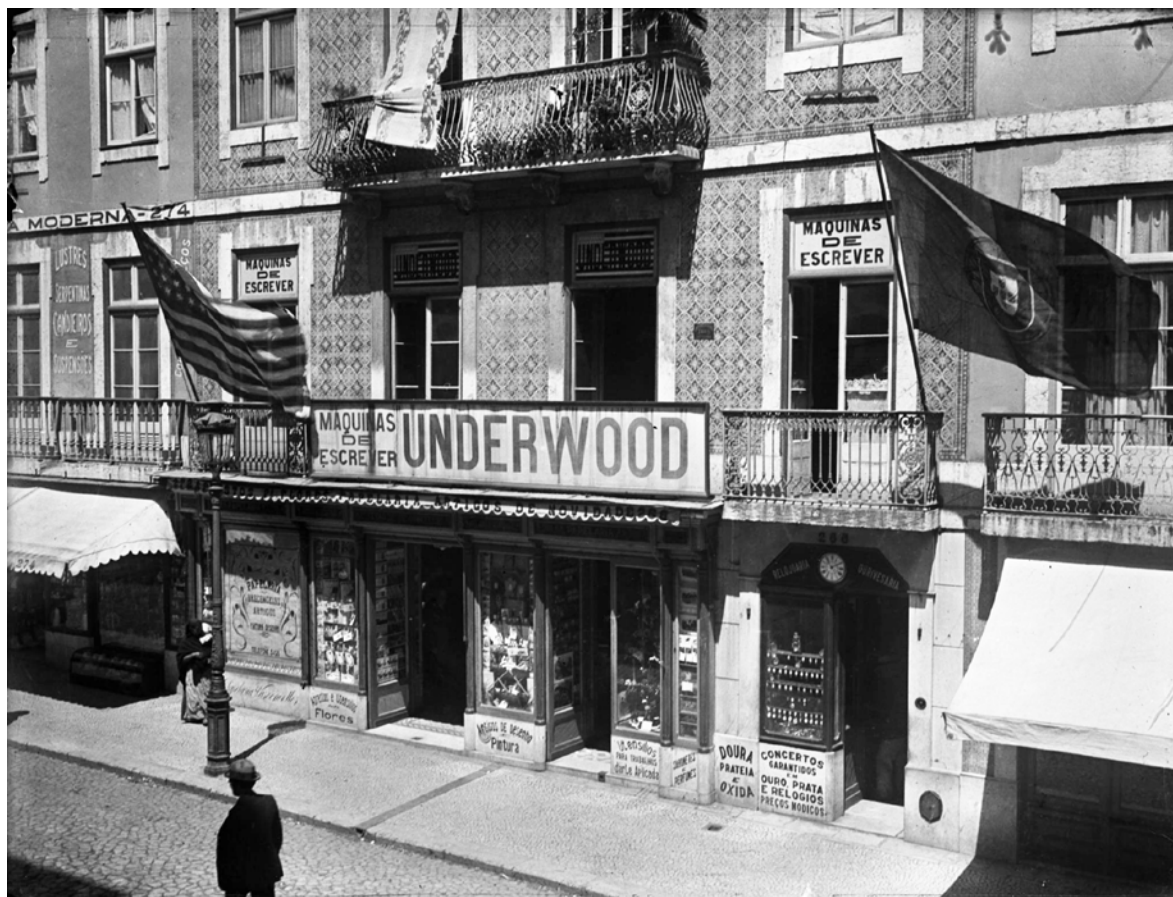
Figura A21.68 Anúncio em: *Diario Illustrado*, 28 Out. 1900, 9928, Lisboa.

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|---------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.68                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <b>Nome</b>                     | <b>Papelaria Progresso</b><br><b>Paes, Villa &amp; C.ta</b>                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Localização</b>              | Rua do Ouro, 151 a 155, Lisboa                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Datas</b>                    | 1908- 2003                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Produtos comercializados</b> | Carimbos de borracha, tipografia, litografia, bilhetes de visita em todos os géneros, faturas, circulares, menus e mais trabalhos de pequeno e grande formato,<br>timbragem de monogramas a cores, bronzes, prata e ouro,<br>tintas para pintura a óleo, aguarela, foto-miniatura, pirografia,<br>artigos de desenho, etc. |
| <b>Historial</b>                | Sucessor de M. A. Branco & C. <sup>a</sup> .<br>Foi fundada por António Vieira, em 1908. Em 1915 fundou a “Papelaria da Moda” também na Rua do Ouro.<br>A papelaria Progresso encerrou em 2003.                                                                                                                            |
| <b>Referências</b>              | Costa, 1911: s. p.<br>Papelarias..., 2012.                                                                                                                                                                                                                                                                                 |



Figura A21.69 Anúncio em: Costa, 1911: s. p.

|                                 |                                                                                                                                      |
|---------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.69                                                                                                                                 |
| <b>Nome</b>                     | <b>Papelaria Vasconcelos</b>                                                                                                         |
| <b>Localização</b>              | Rua da Prata, 268-272, Lisboa                                                                                                        |
| <b>Datas</b>                    | [191?-1941]                                                                                                                          |
| <b>Produtos comercializados</b> | Acessórios e utensílios para flores, artigos de desenho e pintura, utensílios para trabalhos de arte aplicada, sabonetes e perfumes. |



**Figura A21.70** Fotografia: Lima, A. C. 191?. *Papelaria Vasconcelos e escritórios da empresa de máquinas de escrever Underwood.* PT/AMLSB/LIM/001063. AML-F.

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|---------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.70                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Nome</b>                     | <b>Paulino Ferreira</b><br><b>Encadernador Dourador</b><br><b>Papelaria, Typographia, Livraria e Encadernações</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Localização</b>              | Rua Nova da Trindade, 82 Lisboa<br>Rua Augusta, 220, 222 e 220 1.º, Lisboa (sucursal)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Datas</b>                    | 1874 – 2007                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <b>Produtos comercializados</b> | Artigos religiosos.<br>Papelaria: papéis de todas as qualidades nacionais e estrangeiros; estojos para pintura a aguarela; estojos de desenho; pincéis diversos; álbuns de postais; retratos, poesias, etc.; tintas de escrever e copiar alemãs, francesas, nacionais; cola; borrachas; tinteiros de cristal, ferro, ebonite para uma e duas tintas; estojos de canetas para brinde; lapiseiras, lápis e canetas. |
| <b>Historial</b>                | Foi fundada em 1874 e encerrou no final de 2007. Ficava situada no sítio do antigo convento da Trindade.                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Clientes</b>                 | Academia de Belas Artes de Lisboa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Referências</b>              | <i>Livro de despesas</i> , 1907-1916, Arquivo da ANBA.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |

**ENCADERNADOR DOURADOR**

*Paulino Ferreira*

Encadernador das principais repartições do estado, Institutos científicos, Bancos, Companhias, etc.  
Encadernações em livros de escripturação e impressos, calhas pastas commerciaes

GASA FUNDADA EM 1874  
Officinas movidas a vapor

Trabalhos simples e de luxo  
dourados em todos os generos

82, Rua Nova da Trindade, 82

DIPLOMAS DE HONRA  
Na Exposição da Caixa Economica Operaria e na Exposição da Imprensa

TELEPHONE N.º 1495

Lisboa, de \_\_\_\_\_ de 19\_\_\_\_

O Ex.º Sr. Aca. Scimia Real de Belas-Artes

|   |                         |     |        |
|---|-------------------------|-----|--------|
| 7 | Dictimas Autotypites    | 11m | 4,400  |
| 5 | L'aut Decoratif         | 14m | 7,000  |
| 2 | Les Maîtres Anomatistes |     | 2,800  |
|   |                         |     | 14,500 |

*Marco 1916*  
Ord. m de pagamento 97.533/

*Suff*

**Figura A21.71** Fatura em: *Livro de despesas*, 1907-1916, Arquivo da ANBA.

|                                 |                                                                                                                       |
|---------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.71                                                                                                                  |
| <b>Nome</b>                     | <b>Pharmacia de João Francisco Delicioso</b>                                                                          |
| <b>Localização</b>              | Travessa da Victoria, 46 e 48, Lisboa                                                                                 |
| <b>Datas</b>                    | [1863-1866]                                                                                                           |
| <b>Produtos comercializados</b> | Vernizes.                                                                                                             |
| <b>Clientes</b>                 | Academia de Belas Artes de Lisboa                                                                                     |
| <b>Referências</b>              | <i>Livro de Folhas de Receitas e Despesas</i> , Vol. I, 1843-1885, Arquivo da ANBA.<br>Recibo, 1866, Arquivo do MNAA. |



**Figura A21.72** Fatura (10 Mar. 1866), Arquivo do MNAA.

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|---------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.72                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Nome</b>                     | <b>Pedrosa, Violante &amp; Santos</b>                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Localização</b>              | Praça do Município (Largo do Pelourinho), 21, 23, 24, Lisboa                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Datas</b>                    | [1905]                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Produtos comercializados</b> | Drogas, produtos químicos e farmacêuticos.<br>Plantas e raízes medicinais, águas minero-medicinais, fundas, meias elásticas, artigos de tinturaria, tintas, óleos, vernizes de todas as qualidades alvaiades moídos, cimento, gesso, tintas preparadas, líquidas e em massa, esponjas, pincéis, etc. |
| <b>Historial</b>                | Sucessores de Viúva Serzedello (ver F.74).                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Referências</b>              | <i>Serões</i> , 1 Jul. 1905, 1.                                                                                                                                                                                                                                                                      |

*Pedrosa, Violante & Santos*  
**SUCCESSORES DE VIUVA SERZEDELLO**

---

**Deposito de Drogas, Productos Chimicos e Pharmaceuticos**

*Especialidades pharmaceuticas nacionaes e estrangeiras  
Plantas e raizes medicinaes, Aguas minero-medicinaes, Fundas, Meias elasticas  
Artigos de tinturaria, Tintas, Oleos, Vernizes de todas as qualidades  
Alvaiades moidos, Cimentos, Gessos  
Tintas preparadas, liquidas e em massa, Esponjas, Pinceis, etc., etc.*

FORNECIMENTO COMPLETO PARA PHARMACIAS

Exportação para o Brazil e Africa  
EMBALAGENS ESPECIAES

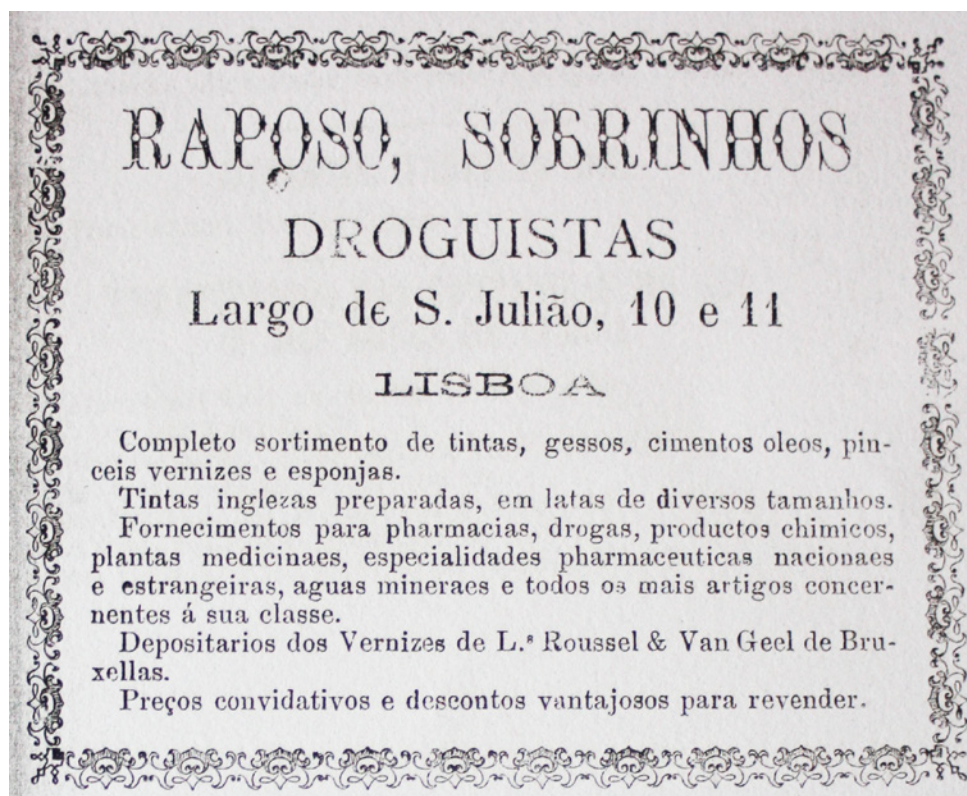
21, Praça do Município, 23 e 24 (Vulgo L. do Pelourinho)

TELEPHONE N.º 1181 \* \* \* \* \* ENDEREÇO TELEGRAPHICO FLUOR

☼ LISBOA ☼

**Figura A21.73** Anúncio em: *Serões*, 1 Jul. 1905, 1.

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|---------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.73                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Nome</b>                     | <b>Raposo Sobrinho &amp; C.<sup>a</sup></b><br><b>Raposo &amp; Sobrinhos</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Localização</b>              | Largo de S. Julião, 10 e 11, Lisboa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Datas</b>                    | 1840 – [1908]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Produtos comercializados</b> | Completo sortimento de tintas, gesso, cimento, óleos, pincéis, vernizes e esponjas, tintas preparadas, em latas de diversos tamanhos, fornecimento para farmácias, drogas, produtos químicos, plantas medicinais, especialidades farmacêuticas nacionais e estrangeiras, águas minerais e todos os mais artigos concernentes à sua classe.                                                                                                                        |
| <b>Historial</b>                | Fundada em 1840 por João Evangelista de Sousa Raposo que ocupou uma das mais sólidas posições do ramo. Sabe-se que o fundador faleceu em 8 de Fevereiro de 1858 tendo antes da sua morte constituído a firma com os seus sobrinhos José Martins de Souza Raposo e Manuel Martins, a qual começou oficialmente a funcionar em 31 de Dezembro de 1859. Durante largos anos manteve-se na posse da família Raposo passando depois para as mãos de alguns empregados. |
| <b>Clientes</b>                 | Academia de Belas Artes de Lisboa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Referências</b>              | <i>Livro de folhas de receitas e despesas</i> , vol. I, 1843-1885, Arquivo da ANBA.<br>Barbosa, 1864: 181;<br>Campos, 1880: 191; Campos, 1881: 156; Campos, 1888: 399; Campos, 1889: 369; Campos, 1890: 410; Campos, 1891: 372;<br><i>Diario Illustrado</i> , 25 de Dez. 1883, 3823, Lisboa;<br>Bastos, 1945: 232.                                                                                                                                                |



**Figura A21.74** Anúncio em: Campos, 1889: 369.

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|---------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.74                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>Nome</b>                     | <b>Ribeiro da Costa &amp; C.<sup>a</sup></b><br><b>Ribeiro da Costa, Viuva Serzedello &amp; C.<sup>a</sup></b>                                                                                                                                                  |
| <b>Localização</b>              | Rua do Arsenal, 150 e 152, Lisboa<br>Rua do Sacramento à Cruz do Taboado, 171 a 177 (Laboratório de química)<br>Largo do Pelourinho, 23 e 24, Lisboa                                                                                                            |
| <b>Datas</b>                    | [1872 – 1892]                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Produtos comercializados</b> | Drogas e produtos químicos e farmacêuticos, essências, utensílios para douradores, óleos, vernizes, tintas, pincéis, artigos para tinturaria, ervas, flores e raízes medicinais, especialidade exportação de mercúrio doce.                                     |
| <b>Historial</b>                | Premiados na Exposição Universal de Paris de 1889 com medalha de prata.                                                                                                                                                                                         |
| <b>Notas</b>                    | Em 1897 tinha depósito em Coimbra na farmácia Camillo & Costa.                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Referências</b>              | Peixoto, 1872: 384; Peixoto, 1873: 361; Peixoto, 1874: 393; Peixoto, 1875: 427; Peixoto, 1876: 375; Peixoto, 1877: 474;<br>Campos, 1880: 191; Campos, 1881: 156; Campos, 1887: 400; Campos, 1888: 368; Campos, 1889: 407; Campos, 1890: 410; Campos, 1891: 372. |

**Deposito**  
DE  
**DROGAS**  
Productos chimicos e pharmaceuticos  
DE  
RIBEIRO DA COSTA, VIUVA SERZEDELLO & C.<sup>a</sup>  
23, Praça do Municipio, 24  
(Vulgo largo do Pelourinho)  
**LISBOA**

TEEM sempre em deposito variado sortimento de aguas mineraes, artigos de caoutchouc, vidro e metal; tintas preparadas, broxas, esponjas, vernizes, oleos; artigos para tinturaria, pharmacia, pintura e douradura; especialidades estrangeiras, hervas, flores, raizes e sementes medicinaes; mercurio doce com marca registrada.

**E em geral todos os artigos que constituem um deposito d'este genero, que vendem por preços sem competencia e qualidades garantidas.**

Fornecem pharmacias do estado, hospitaes, misericordias e particulares. Sobre preços, prazos, fórmulas de pagamento, etc., respondem na volta do correio a qualquer informação que lhes seja pedida.

Endereço telegraphico: **FLUOR—Lisboa.**

Figura A21.75 Anúncio em: Campos, 1888: 400.

|                                 |                                                                                                         |
|---------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.75                                                                                                    |
| <b>Nome</b>                     | <b>Ribeiro &amp; C.<sup>a</sup></b>                                                                     |
| <b>Localização</b>              | Largo do Corpo Santo, 22, Lisboa                                                                        |
| <b>Datas</b>                    | [1873 – 1876]                                                                                           |
| <b>Produtos comercializados</b> | Drogas e produtos químicos, tintas, óleos, pincéis, vernizes, utensílios para farmacêuticos e pintores. |
| <b>Referências</b>              | Peixoto, 1873: 374; Peixoto, 1874: 343; Peixoto, 1875: 347; Peixoto, 1876: 360.                         |

**RIBEIRO & C.<sup>a</sup>**  
**ESTABELECIMENTO DE DROGAS**  
**LISBOA — LARGO DO CORPO SANTO, 22**

N'este estabelecimento se encontra toda a qualidade de drogas, productos químicos, tintas, oleos, pinceis, vernizes, utensilios para pharmaceuticos e pintores, tudo de boa qualidade.

**PREÇOS COMMODOS**

**Figura A21.76** Anúncio em: Peixoto, 1873: 374.

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|---------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.76                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <b>Nome</b>                     | <b>Rodrigues &amp; Rodrigues</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Localização</b>              | Praça Luiz de Camões, 6, Lisboa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>Datas</b>                    | [1880-1885]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Produtos comercializados</b> | Depósito da Fábrica Nacional de Tintas de Imprensa (F.34). Máquinas e aparelhos industriais, tintas de imprensa, vernizes e cores finas em pó, produtos fotográficos, máquinas a vapor, motores a gás Bènier, prelos Liberty, utensílios topográficos, papéis de luxo e de cor para impressão, ouro facticio para impressos e pintura, chapas de gelatina bromada de Comte, papel Marion, azul ultramarino e vermelhão facticio, papel albuminado e sensibilizado, artigos para encadernador, cartão Bristol, fitas e frisas para prelos, massa de gelatina e glicerina, especial para o fabrico de rolos tipográficos, produtos químicos especiais, essências e perfumes. |
| <b>Historial</b>                | Sucessores de Carlos Elias. A casa pertencia à família de José Júlio Rodrigues (1843-1893) que foi seu diretor.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>Clientes</b>                 | Academia Portuense de Belas Artes                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Referências</b>              | Costa, 1965: 103;<br><i>Almanach do Diário de Noticias Illustrado para 1886, 1885: 239, em: Santos, 2012, Vol. II: 61;</i><br><i>Documentos de despesa, 1845-1911, Arquivo da FBAUP.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |

|                                 |                                                                                                                                                                                                                            |
|---------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.77                                                                                                                                                                                                                       |
| <b>Nome</b>                     | <b>Santos &amp; Filhos</b>                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Localização</b>              | Rua da Madalena, 68 e 70, Lisboa                                                                                                                                                                                           |
| <b>Datas</b>                    | [1865]                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Produtos comercializados</b> | Ouro e prata em folha, armazém de drogas por grosso e retalho, depósito de ocre, gesso, betumes e cal hidráulica, especialidade de produtos para fotografias e para as artes, oiro em prata e em folha, petróleo refinado. |
| <b>Referências</b>              | Barbosa, 1865: 181.                                                                                                                                                                                                        |



**Figura A21.77** Anúncio em: Barbosa, 1865: 181.

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|---------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.78                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Nome</b>                     | <b>Serzedello &amp; C.<sup>a</sup></b><br><b>Francisco A. P. Serzedello</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Localização</b>              | Largo do Corpo Santo, 2 e 4, 14 a 18, Lisboa<br>6, 7, 8 e 9 (armazéns)<br>Margueira (Laboratório-fábrica de química)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Datas</b>                    | 1822 – [19--]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Produtos comercializados</b> | Drogas e produtos químicos, tintas, pincéis, vernizes, essências, utensílios para douradores e farmácias, fabricantes e exportadores em grande escala de mercúrio doce, cremor de tártaro cristalizado e em pó e todos os mais artigos de química para as artes, indústria e medicina, produtor de nitrato de potássio; sulfato de sódio, carbonato de sódio, nitrato de barites, nitrato de estrôncio; sulfato de zinco usado nas artes; muriato de estanho (sal de estanho) usado nas tinturarias; nitrato de chumbo (empregado na estamperia); acetato de potássio (terra folhada) usado na medicina; tartarato de potássio e sódio (sal da Rochella) usado na medicina; bisulfureto de mercúrio (vermelhão) usado nas artes; tartarato de potássio e antimónio (emético) usado na medicina, ervas, flores, raízes.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Catálogo</b>                 | Serzedello. 1853. <i>Lista de Drogas, Tintas e Productos Chimicos que se vendem no Largo do Corpo Santo nos Armazens n.ºs 6,7,8,9 pertencentes a Serzedello &amp; C.<sup>a</sup></i> . Lisboa: Typ. de Castro & Irmão.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Historial</b>                | <p>João António Pereira Serzedello &amp; Companhia, “Droguista e comércio de produtos químicos” instalou-se no início do século XIX na Rua Direita de São Paulo, n.º 53, em Lisboa. Mais tarde, João A. P. Serzedello fundava com os sobrinhos José António, António José e António Joaquim a Serzedello &amp; Companhia sediada no Largo do Corpo Santo, n.º 7. Em 1824, o tio João António deixa a sociedade, ficando este com a firma que já tinha constituído em 1822.</p> <p>O Laboratório- fábrica situado na Margueira existiria pelo menos desde 1825, ano em que foi elevado à categoria de fábrica de produtos químicos, com a atribuição do privilégio exclusivo de produção de ácido sulfúrico durante 14 anos.</p> <p>Foi vendido à família Serzedello, em 1844, e a sua exploração ganhou um considerável desenvolvimento a partir de 1848, altura em que se deverá ter procedido a reformas tecnológicas, tendo-se tornado um estabelecimento de referência no âmbito da química e da farmácia, com participação em exposições universais onde recebeu distinções e nomeações pelos seus produtos.</p> <p>Em 1855 o laboratório da Margueira produzia ácido clorídrico e nítrico, diversos sais de chumbo e mercúrio, dissoluções de sais (de nitrato de cobre e de cloreto de antimónio) e nitratos (de potássio, de bismuto, de prata, entre outros), os “tártaros”, a potassa cáustica (hidróxido de potássio), etc. Em 1852 a fábrica tinha seis operários.</p> <p>Laborou praticamente até ao século XX. Nela operaram 4 a 5 gerações da família Serzedello.</p> |
| <b>Clientes</b>                 | Academia de Belas Artes de Lisboa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |

## Referências

Petição de José António Pereira Serzedelo, ANTT;  
Sá, 1849: 74-75;  
Barbosa, 1864: 180;  
*International...*, 1876: 4-5;  
Peixoto, 1870: 302; Peixoto, 1871: 355; Peixoto, 1872: 436; Peixoto, 1873:  
367; Peixoto, 1874: 335; Peixoto, 1875: 482; Peixoto, 1876: 473; Peixoto,  
1877: 498;  
Campos, 1880: 191; Campos, 1881: 156; Campos, 1888: 401; Campos, 1889:  
369; Campos, 1890: 410;  
*Gazeta de Lisboa*, 15 de Set. 1824, 218: 1046;  
“Janêllos” da História: Os Serzedello: <http://janellos.blogspot.pt/>;  
Alves-Caetano, 2012;  
Cruz, s. d.;  
Cruz, 2016.

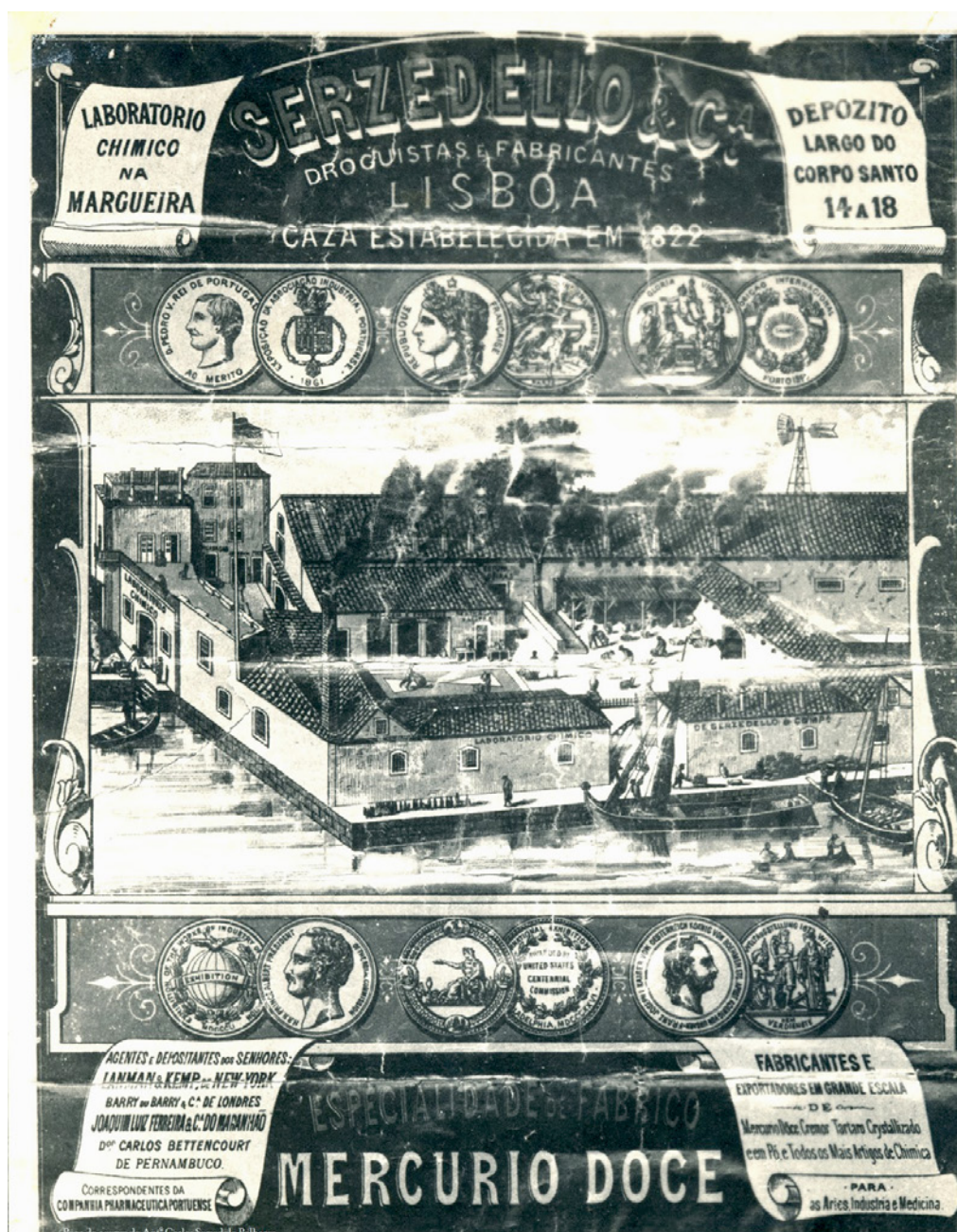


Figura A21.78 Anúncio em: <http://janellos.blogspot.pt/> .

**SERZEDELLO & C.<sup>a</sup>**  
**CASA FUNDADA EM 1822**  
**LISBOA**  
**14 — LARGO DO CORPO SANTO — 18**  
**LABORATORIO QUIMICO NA MARGUEIRA**

Premiados nas Exposições de Londres em 1851, Porto em 1861 e 1865, Vienna d'Austria em 1873, Philadelphia em 1867 e Paris em 1867 1878

FABRICANTES E EXPORTADORES EM GRANDE ESCALA de mercurio doce, cremor tartaro crystalizado e em pó, e todos os mais artigos de chimica para as artes, industria e medicina. Depositos de drogas, productos quimicos e pharmaceuticos, tintas, pinceis, vernizes, hervas, flores, raizes e utensilios para douradores e pharmacias, etc.

Agentes e depositantes dos srs.: Lanman & Kemp, de New-York; Barry du Barry & C.<sup>a</sup>, de Londres; João Luiz Ferreira & C.<sup>a</sup>, do Maranhão.

Correspondentes da COMPANHIA PHARMACEUTICA PORTUENSE.

Unicos concessionarios em Portugal e Ilhas, do Mineral de Enxofre Triturado d'Apt, Saignon, Caseneuve, (Voncluse, França).

GARANTIDO—Para enxofrar as vinhas contra o oidium, cura radicalmente a nova doenca da cepa Rubin (Entracimose) afugenta as formigas e lagartas, mata completamente o pulgão das arvores de fructo e das hortaliças.

Medalha de bronze, exposição d'Argel, 1880, medalha de prata, exposição d'Apt, 1881, diploma de honra

Exposição regional Haro, (Logroño) 1884, medalha de ouro, exposição de Avignon, 1882

O maior premio concedido aos mineraes de enxofre

O seu preço é summamente modico. Para informações, explicações e encomendas dirija-se a

**Serzedello & C.<sup>a</sup>**

**UNICOS REPRESENTANTES EM PORTUGAL**  
 14 annos de exito completo em França e Argelia e 3 em Hespanha

Figura A21.79 Anúncio em: Campos, 1888: 401.

351

Lisboa 10 de dezembro de 1854.

C. S. Comp.ª

**A SERZEDELLO & COMPANHIA.**

|    |                        |     |      |
|----|------------------------|-----|------|
|    | 4 lb Olio              | 110 | 4400 |
|    | 2 lb Sarcos F. Alto    | 110 | 2200 |
|    | 3 lb Almagre           | 110 | 3300 |
|    | 1 lb Sarcos pi         | 110 | 1100 |
|    | 2 lb Sarcos            | 110 | 2200 |
|    | 1 lb Sarcos F.         | 110 | 1100 |
| 10 | 16 lb Sarcos de moido  | 85  | 1360 |
|    | 4 lb Sarcos            | 110 | 4400 |
|    | 2 lb Olio              | 110 | 2200 |
|    | 1/2 lb Sarcos pi       | 110 | 550  |
|    | 1/2 lb Sarcos S. S. S. | 110 | 550  |
|    | 1/2 lb Sarcos          | 110 | 550  |
|    | 1/2 lb Sarcos          | 110 | 550  |
| 10 | 8 lb Sarcos de moido   | 85  | 680  |
| 12 | 8 lb Sarcos de moido   | 85  | 680  |
|    | 3 lb Sarcos            | 110 | 330  |
|    | 2 lb Sarcos            | 110 | 220  |
| 14 | 8 lb Sarcos de moido   | 85  | 680  |
| 19 | 4 lb Sarcos de         | 85  | 340  |
|    | Sarcos                 | 85  | 340  |

Figura A21.80 Fatura (11 Nov. 1854) em: Correspondência recebida, 1856-1886, Arquivo da ANBA.

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|---------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.79                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Nome</b>                     | <b>Verissimo José Baptista</b><br><b>Verissimos Amigos</b><br><b>Amigos Verissimos</b><br><b>Papelaria Verissimos</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Localização</b>              | Rua do Loreto n. 78<br>Praça Luis de Camões, 30, Lisboa<br>Portaes de S. Bento, ao Poço Novo, 48 e 50                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Datas</b>                    | 1840-[1987]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| <b>Produtos comercializados</b> | Papelaria e muitos outros objetos por grosso e miúdo, sortimento de objetos para escrita, desenho, miniatura, cartonagem, papéis recortados etc.<br>livros em branco, rótulos, estampas, estanho em folhas, latas de cores e quinquelharias, azulejos pintados.                                                                                                                                                                                |
| <b>Historial</b>                | Uma das mais antigas papelarias de Lisboa. Foi fundada em 1840 por Verissimo José Baptista. Foi seu herdeiro um antigo empregado, António Fernandes Jasmim. Este por sua vez passou o estabelecimento ao seu sobrinho, Joaquim Fernandes Neto e, posteriormente para a sua filha.                                                                                                                                                              |
| <b>Clientes</b>                 | Academia Portuense de Belas Artes<br>Academia Nacional de Belas Artes<br>José Malhoa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Referências</b>              | <i>Os cinco reis</i> , 8 abr. 1843, 7: 4;<br><i>Correspondência recebida</i> , vol. II, 1856 a 1880, Arquivo da ANBA;<br><i>Documentos de despesa</i> , 1845-1911, Arquivo da FBAUP;<br>Campos, 1880: 215; Campos, 1881: 181;<br>Costa, 1965: 102;<br><i>Almanach da Agencia Primitiva de Annuncios</i> , 1875: 506, em: Santos, 2012, Vol. II: 62.<br>Malhoa, J. [Carta] 1913 Abr. 14, Figueiró dos Vinhos [a] Augusto Gama, 19 Doc 127, MJM. |

**PAPELARIA**  
e  
muitos outros  
OBJECTOS  
POR GROSSO  
E MIUDO

**VERISSIMOS AMIGOS**

Lisboa, 13 de Dezembro de 1874

PRAÇA DE Luis de Camões 30

A Academia Real de Bellas Artes Comprova  
**A VERISSIMO JOSÉ BAPTISTA**

|                |                                                       |     |       |
|----------------|-------------------------------------------------------|-----|-------|
| Desemb-13-1874 | 3 Metros de papel de desenho                          | 240 | 720   |
|                | 3 " " vegetal                                         | 160 | 480   |
|                | 6 Sapas finas de Faber                                |     | 320   |
|                | 1 Tinta da China                                      |     | 400   |
|                | 3 tintas azul de Prussia amarello dechromo, coravelha | 120 | 360   |
|                | 6 Folhas de papel cartao azul                         |     | 60    |
|                |                                                       |     | 24340 |

**Figura A21.81** Fatura em: *Correspondência recebida*, vol. II, 1856 a 1880, ANBA.

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|---------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.80                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Nome</b>                     | <b>Viuva Burnay &amp; Filhos</b><br><b>Viuva &amp; João Baptista Burnay</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>Localização</b>              | Rua do arco, à Praça das armas, Alcântara, Lisboa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Datas</b>                    | 1842-[?]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Produtos comercializados</b> | Fábrica para extracção de azeite de semente de purgueira, óleo de linhaça.                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Historial</b>                | A fábrica abriu em 1842 com a produção de óleo da purgueira vinda de Cabo Verde. Em 1851 pediu para que fossem diminuídos os direitos de importação da semente de linhaça para para produção de óleo. Nesse mesmo ano apresentou os seus produtos, entre os quais o óleo de linhaça, na Exposição Universal de Londres.<br>Em 1852 a Fábrica contava com 32 operários. |
| <b>Clientes</b>                 | Academia Nacional de Belas Artes                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <b>Referências</b>              | <i>Correspondência recebida</i> , vol. II, 1856 a 1880, Arquivo da ANBA;<br>Catalogo..., 1851: 124;<br>Reducção..., 1851: 350;<br>Cruz, 2016: 113-114.                                                                                                                                                                                                                 |

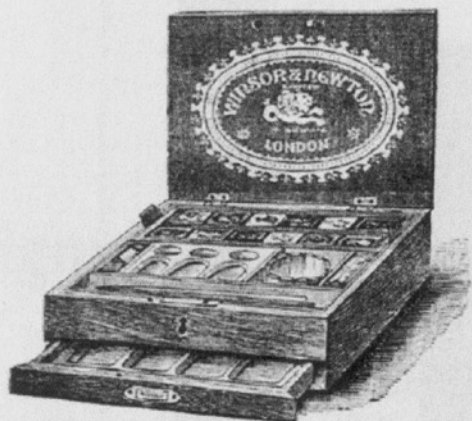
## 1.2 Porto

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|---------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.81                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>Nome</b>                     | <b>Armazém de papel e objectos para escriptorio<br/>Xavier L. da Costa</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Localização</b>              | Rua das Flores, 59 a 63, Porto                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Datas</b>                    | [1883-1901]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Produtos comercializados</b> | Papéis de diversas qualidades para correspondência, copiadores, máquinas de copiar livros em branco, bilhetes de visita, papéis de cor para impressão, capsulas e rótulos para engarrafamento de vinhos, licores, genebra, etc. copiógrafos para reprodução de manuscritos, cartões e estojos para desenho, tinta e tela para pintura a óleo e aguarela, estampas recortadas de diversas aplicações, aprestos para encadernadores, cartonagem e flores artificiais, etc. máquinas para impressões tipográficas. |
| <b>Clientes</b>                 | Francisco José Resende                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Referências</b>              | Resende, F. J. 16 Fev. 1883 [Passagem de diário], transcrito em: Mourato, 2000, vol. III: 96;<br>Figueiredo, 2010.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|---------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.82                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Nome</b>                     | <b>Antonio da Fonseca Moura &amp; Ferreira<br/>Drogaria Moura</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Localização</b>              | Largo de S. Domingos, 97 a 99, Porto                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Datas</b>                    | 1858 – [atual]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Produtos comercializados</b> | Únicos importadores do melhor cimento Portland, marca “Ancora 2 Leões” e da melhor cola para colar madeiras e usos de diferentes fábricas. Fabricação a vapor de alvaiades e todas as tintas em massa. Completo sortimento de todas as drogas medicinais. Tintas, óleos, vernizes para pintura. Fundas, meias elásticas, e muitos outros artigos de borracha. Pensos cirúrgicos, etc. Depósito de adubos químicos, sulfato de cobre, enxofre em pedra, moído e em flor. Campeche e outros artigos para tinturaria. Espécies de todas as qualidades. Artigos para douradores e fogueteiros, etc.                                                                                                                                                                                        |
| <b>Historial</b>                | Foi considerada a drogaria mais antiga da cidade do Porto. Foi fundada por António da Fonseca Moura (1819-1900), na Rua de S. Crispim, atual Travessa da Bainharia. Nos finais do século XIX transferiu-se para o Largo de São Domingos. Em 1888, António da Fonseca Moura convidou Francisco Ferreira (1870-1937) que então trabalhava como caixeiro na “Drogaria Pereira Barbosa”, situada na Praça de D. Pedro, para vir trabalhar na Drogaria Moura. Em 1893 tinha já conquistado a posição de “interessado” nos negócios da empresa, da qual passou, passados quatro anos a ser sócio. Em 1901, após o falecimento de António da Fonseca Moura passou a ser o único proprietário adotando a razão social de “António da Fonseca Moura & Ferreira, sucessor” que manteve até 1920. |
| <b>Referências</b>              | <i>Commercio do Porto Illustrado</i> , ed. de Natal de 1894: 27, em: Santos, 2012, vol. II: 53; Cordeiro, 2001.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |

|                                 |                                                             |
|---------------------------------|-------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.83                                                        |
| <b>Nome</b>                     | <b>Antonio Lopes das Neves<br/>Estabelecimento de Papel</b> |
| <b>Localização</b>              | Largo de S. Domingos, 13 e 14, Porto                        |
| <b>Datas</b>                    | [1854 – 1864]                                               |
| <b>Produtos comercializados</b> | Papel, tintas.                                              |
| <b>Clientes</b>                 | Academia Portuense de Belas Artes                           |
| <b>Referências</b>              | <i>Documentos de despesa, 1845-1911, Arquivo da FBAUP.</i>  |

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|---------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.84                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Nome</b>                     | <b>Araujo &amp; Sobrinho</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Localização</b>              | Largo de S. Domingos, 50 Porto                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Datas</b>                    | 1829-atual.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| <b>Produtos comercializados</b> | <p>Completo sortido de artigos para pintura a óleo e aguarela, caixas de tintas para aguarela, pincéis, papel Whatman em folhas e blocos, fixativos, tinta da china, godés, paletas de porcelana, estudos coloridos, pratos de terra cota e esmaltados, placas de porcelana, etc., tubos de tinta a óleo, tela em todas as larguras para pintura, óleos, vernizes, grades com telas em todas as dimensões, cavaletes e bancos para o campo.</p> <p>Chapas de vidro para a foto-miniatura, crayons e papel para desenho a pastel, etc., papéis correntes e de luxo, impressões em todos os géneros, bilhetes de visita, participações de casamento etc., objetos da Índia e Japão.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Historial</b>                | <p>Fundada por António Ribeiro de Faria em 1829 que nesse ano fundou o primeiro armazém deste género na casa da esquina do Largo de S. Domingos com a designação de “Armazém de Papel ao Murinho de S. Domingos”. Foi seu primeiro gerente o primo do fundador, Manuel Francisco de Araujo, que tinha então apenas 18 anos. Após um ano ficou sendo proprietário, passando a casa à sua responsabilidade até 1866. Nesse ano organizou uma sociedade com o seu sobrinho Domingos Gonçalves de Araújo, sob a razão social de “Manuel Francisco de Araujo &amp; Sobrinho”. O primeiro sócio foi então substituído, na sequência de doença grave, por seu filho Manuel Francisco de Araujo, constituindo-se a sociedade entre o filho do antigo proprietário e Domingos Gonçalves de Araujo sob a firma “Araujo e Sobrinho”. Em 1902 com a saída de Domingos Gonçalves de Araújo, que faleceu em 1918, ficou a propriedade exclusivamente para Araújo Junior, sob o nome de “Araujo &amp; Sobrinho, Sucrs.”. É hoje uma das papelarias mais antigas do mundo.</p> |
| <b>Clientes</b>                 | <p>Academia Portuense de Belas Artes<br/> Marques de Oliveira<br/> Tomás Costa<br/> Aurélia de Sousa<br/> Amadeo de Souza Cardoso</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Referências</b>              | <p><i>Documentos de despesa</i>, 1845-1911, Arquivo da FBAUP;<br/> Oliveira, M. 1873-1874(?). <i>Desenhos e apontamentos</i>, BPMP;<br/> Costa, T. [Carta] 1884 Set. (?) 16, Porto [a] Marques de Oliveira, BPMP;<br/> Bastos, 1938: n.p;<br/> Ferreira, 1972: 71-72;<br/> Aguiar, 2011: 171;<br/> Araujo &amp; Sobrinho: <a href="http://emailtesteaes.wixsite.com/araujoesobrinho/about">http://emailtesteaes.wixsite.com/araujoesobrinho/about</a>;<br/> Santos, 2012, Vol. II: 51, 64, 65.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |



PAPELARIA  
**Araujo & Sobrinho**

Telephone n.º 235—Casa fundada em 1829

50—LARGO DE S. DOMINGOS—50

—PORTO—

COMPLETO SORTIDO DE ARTIGOS PARA PINTURA A OLEO  
 E AQUABELLA

Caixas de tintas para aquarella, pinceis, papel  
 Whatman em folhas e blocos, fixativos,  
 tinta da China, godets,  
 paletas de porcellana, estudos coloridos, pratos  
 de terra-cotta e esmaltados,  
 placas de porcellana, etc., etc.

Chapas de vidro para a photo-miniatura,  
 crayons e papel para desenho a pastel, etc., etc.

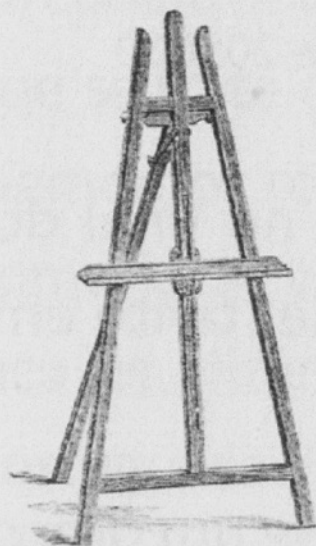
Tubos de tintas de oleo,  
 tella em todas as larguras para pintura, oleos,  
 vernizes, grades  
 com tella em todas as dimensões,  
 cavaletes  
 e bancos para campo.

N'esta casa encontram-se sempre as ultimas  
 novidades em papeis correntes  
 e de luxo

Impressões em todos os generos;  
 bilhetes de visita,  
 participações de casamento, etc., etc.

**OBJECTOS DA INDIA E JAPÃO**

E  
 ARTIGOS DE NOVIDADE



NOVA COLLECÇÃO  
 DE  
 CARTÕES  
 DE  
**FELICITAÇÃO**  
 PARA O  
 NATAL  
 E  
 ANNO NOVO

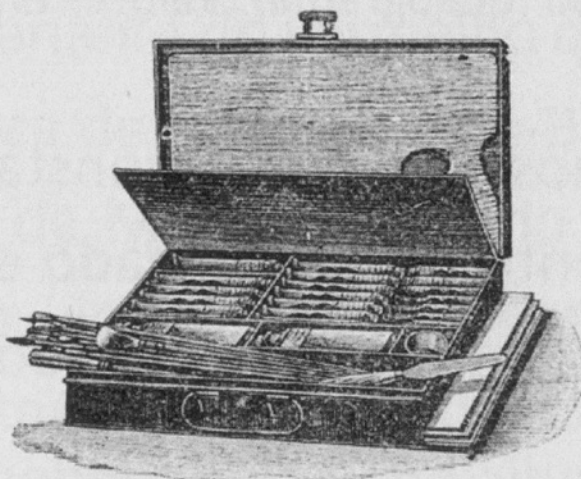


Figura A21.82 Anúncio em: Santos, 2011: 134.

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|---------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.85                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Nome</b>                     | <b>Armazem de papeis pintados, avelludados e dourados para forrar casas de Antonio Joaquim Rebello</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <b>Localização</b>              | Rua de S. Antonio, 45, Porto                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Datas</b>                    | [1838-1878]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Produtos comercializados</b> | Grande sortimento de cristais, porcelanas, lustres para salas e igrejas, serpentinas e candeeiros, artigos para fotografia dos mais acreditados fabricantes ingleses e alemães. Perfumarias dos principais perfumistas ingleses e franceses. Objetos para viagens, caça, escritório, desenho etc., caixilhos dourados espelhos e galerias. Imprime bilhetes de visita e casamento e vende gravuras e litografias. Cavaletes. |
| <b>Historial</b>                | Sucessor da Viuva Buisson. Em 1838 a casa pertencia a Mauricio Buisson e ficava na Rua Nova de S.to António, números 20 e 21.                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Clientes</b>                 | Academia Portuense de Belas Artes                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>Referências</b>              | <i>Periodico dos pobres no Porto</i> , 20 Nov. 1838, 274: 1110.<br><i>Documentos de despesa</i> , 1845-1911, Arquivo da FBAUP.                                                                                                                                                                                                                                                                                               |

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|---------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.86                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Nome</b>                     | <b>Custodio José de Passos<br/>Frederico Augusto Ribeiro Cardoso</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Localização</b>              | Praça de D. Pedro, 88, Porto<br>Praça de D. Pedro, 49, Porto (1844)<br>Praça de D. Pedro, 111 e 113, Porto (a partir de 1861)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Datas</b>                    | [1840-1888]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Produtos comercializados</b> | Drogas, produtos químicos e especialidades farmacêuticas, etc., tintas para pintura e vernizes de todas as qualidades, fundas, meias elásticas, algálias, águas minerais tanto nacionais como estrangeiras.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Historial</b>                | Custodio José de Passos foi pai do poeta Antonio Augusto Soares de Passos, que entre 1840 e 1845 esteve ao balcão da drogaria e encarregado da escrituração da casa.<br>Possivelmente na década de 1880 o estabelecimento passou para Frederico Augusto Ribeiro Cardoso.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Clientes</b>                 | Academia Portuense de Belas Artes                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Referências</b>              | <i>Documentos de despesa</i> , 1845-1911, Arquivo da FBAUP;<br><i>Almanak da antiga...</i> , 1842: 87;<br><i>Almanak da cidade do Porto...</i> , 1844: 164; <i>Almanak da cidade do Porto...</i> , 1845: 113; <i>Almanak da cidade do Porto...</i> , 1846: 162; <i>Almanak da cidade do Porto...</i> , 1848: 132; <i>Almanak da cidade do Porto...</i> , 1849: 91; <i>Almanak da cidade do Porto...</i> , 1850: 110; <i>Almanak da cidade do Porto...</i> , 1851: 120; Sousa, 1854: 382; Sousa, 1855: 399; Sousa, 1856: 266; Sousa, 1859: 396; Sousa, 1860: 162; Sousa, 1864: 204; Sousa, 1871: 295; Sousa, 1874: 233; Silva, 1897: 316; Andrade, 2013; Santos, 2012, Vol. II: 45, 65, 66 |

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|---------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.87                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| <b>Nome</b>                     | <b>Drogaria Baptista &amp; Barbot</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Localização</b>              | Largo de S. Domingos, 77 e 79, Porto                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| <b>Datas</b>                    | [1889-1904]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Produtos comercializados</b> | Drogas, produtos químicos e farmacêuticos, com aplicação nas indústrias, artes e medicina.<br>Extractos secos e líquidos de todas as qualidades, madeiras tinturiais, sândalos, anilinas, alizarinas, sodas, bi-cromato de potássio, sulfato de cobre, etc., tudo importado das principais fábricas de França, Alemanha, Suíça, Bélgica, Inglaterra e de outros países. Anilina, “rouge turc”. Depositários de anil Guatemala, Bengala e Java, sulfato de ferro, ácido sulfúrico, nítrico e muriático das principais fábricas nacionais e estrangeiras. |
| <b>Notas</b>                    | [...] tintas de pintura e vernizes, havendo nesta casa o maior escrupulo no fornecimentos destes artigos destinados a toda a qualidade de pintura, servindo sempre óleo de linhaça genuino inglez e nacional, alvaiade de chumbo e zinco genuinamente puros que denominamos de “extra” da célebre marca sol registada de que somos os únicos possuidores. É esta casa onde se encontra o sortido completo de todas as drogas e produtos químicos destinados à tinturaria, desde os processos mais antigos aos mais modernos. [1895]                     |
| <b>Referências</b>              | Silva, 1897: 316;<br>Veiga, 1904;<br><i>Diario Illustrado</i> , 25 Jul. 1889, 5855, Lisboa.<br><i>Commercio do Porto Illustrado</i> , ed. especial de Natal, 1895: 19, em: Santos, 2012, Vol. II: 70.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |

|                                 |                                                                                                                                                                                                                  |
|---------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.88                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Nome</b>                     | <b>Drogaria de Ferreira Guimarães &amp; Lima</b><br><b>Viuva de Manoel Joaquim de Lima Junior</b>                                                                                                                |
| <b>Localização</b>              | Praça da Batalha, 15 e 16, Porto<br>Rua de S. Roque da Lameira, 1172 e 1170                                                                                                                                      |
| <b>Datas</b>                    | [1884-1898]                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Produtos comercializados</b> | Drogas, produtos químicos, farmacêuticos e muitos outros artigos com aplicação na medicina, farmácia e fotografia, tintas para pintura, em massa e em pó, vernizes das principais fábricas de Londres, etc, etc. |
| <b>Referências</b>              | Castanheira, 1884: s. p.<br>Silva, 1897: 316                                                                                                                                                                     |

DROGARIA  
DE  
FERREIRA GUIMARÃES & LIMA

15 — PRAÇA DA BATALHA — 16  
1170 — RUA DE S. ROQUE DA LAMEIRA — 1172  
**PORTO**

---

Drogas, productos chimicos, pharmaceuticos e muitos outros artigos, com applicação na medicina, pharmacia e photographia. Tintas para pintura, em massa e em pó. Vernizes das principaes fabricas de Londres, etc., etc.

UNICO DEPOSITO NO PORTO  
DAS  
**Aguas Alcalino-Gazozas de Vidago**  
DA  
**NASCENTE PANPILHO**

---

PORTO — TYP. OCCIDENTAL, RUA DA FABRICA, 66

**Figura A21.83** Anúncio em: Castanheira, 1884: s. p.

|                                 |                                                                     |
|---------------------------------|---------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.89                                                                |
| <b>Nome</b>                     | <b>Drogaria de Joaquim Antonio Cardoso de Almeida</b>               |
| <b>Localização</b>              | Praça Carlos Alberto, 9 e 10, Porto                                 |
| <b>Datas</b>                    | [1896]-[1898]                                                       |
| <b>Produtos comercializados</b> | Drogas, tintas e óleos, produtos químicos nacionais e estrangeiros. |
| <b>Referências</b>              | Silva, 1895: 316;<br>Santos, 2012, vol. II: 52.                     |

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|---------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.90                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Nome</b>                     | <b>Drogaria Medicinal e Armazem de Tintas de Santos &amp; Santos</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Localização</b>              | Rua das Flores, 32 a 36, Porto                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Datas</b>                    | 1886-[1904]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Produtos comercializados</b> | Drogas, produtos químicos, águas minerais, preparados e especialidades farmacêuticas, instrumentos e pensos cirúrgicos. tintas para fábricas de loiça e pintura, óleos e vernizes nacionais e estrangeiros, produtos para tinturaria, politécnico e especiarias.<br>Depósito de cimento Portland, salitre, rastilho, estanho em barrinhas e junco para palhas de cadeiras.<br>Sulfato de cobre, enxofre, pulverizadores, torpilhas e ráfia. |
| <b>Referências</b>              | Castanheira, 1884: s. p.<br><i>Commercio do Porto Illustrado</i> , ed. especial de Natal, 1898, em Santos, 2012, vol. II: 71.                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |



**Figura A21.84** Anúncio em: Castanheira, 1884: s. p.

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|---------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.91                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Nome</b>                     | <b>Drogaria Medicinal de Domingos Correia de Abreu</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Localização</b>              | Rua de Bellomonte, 8 e 10, Porto                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Datas</b>                    | [1881]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Produtos comercializados</b> | Drogas, especialidades químicas e farmacêuticas, como borrachas, coxins, urinóis, cintos abdominais, meias elásticas, suspensórios, fundas, algálias, e todas as preparações em uso na medicina e na fotografia.<br>Grande depósito do verniz flating inglês e outros.<br>Grande sortido de brochas, pincéis, trinchas inglesas e nacionais, etc.<br>Tintas em massa e em pó de todas as qualidades. |
| <b>Referências</b>              | <i>O Commercio Portuguez</i> , 18 Fev. 1881, 3, em: Santos, 2012, Vol. II: 68.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|---------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.92                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Nome</b>                     | <b>Fábrica Nacional de Vernizes e Tintas de Impressão de Augusto Gama &amp; C.<sup>a</sup></b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Localização</b>              | Rua de Santa Catarina, 48, Porto<br>rua de Santa Catarina, 178, Porto (dp. 1895)<br>Rua do Alecrim, 82, Lisboa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Datas</b>                    | [1865-1894]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Produtos comercializados</b> | <p>Alvaiades em massa, em latas de ferro zincado, de chumbo: genuíno garantido, n.º 1, n.º 2, n.º 3, marca *; de zinco: genuíno puro, n.º 1, n.º 2; ocres amarelos: claro ou escuro; tintas em massa: qualquer cor do catálogo; tintas preparadas para uso imediato em latas de meio quilo, cada lata; negro de fumo (pós de sapatos) encartuchado, vernizes para pintura, para carruagens: superfino; flatting; para exteriores, de azeite claro; para interiores: flatting superior, copal fino, cristal superfino; flatting, crystal, copal, verniz preto do Japão. Tintas em bisnagas para a pintura de quadros a óleo: todas as cores em tubos de diversos tamanhos.</p> <p>Produtos químicos e farmacêuticos; artigos para fotografia, tintas para tipografia e litografia.</p> <p>Produtos de drogaria: alvaiades, vernizes, latas em tintas preparadas de todas as cores, tintas em massa, cores em pó, brochas, pincéis, trinchas, trinchetes, esfumadores, utensílios para tingidores e douradores, etc.</p> <p>Produtos para a pintura a óleo: grande sortido de bisnagas de todas as cores, pincéis de todas as qualidades, telas em diferentes grossuras e larguras para a venda a metro e em grades, cartão, frascos com óleo especial, essência de terebintina, e verniz para pintura de quadros, especialidades para pintura, paletas em madeira e porcelana de tamanhos variados.</p> <p>Produtos para pintura a aguarela: sortido completo de bisnagas em todas as cores, papel em todas as dimensões, papel watman em diferentes dimensões e grossuras, caixas com tintas, cetins para pintura, pincéis de todas as variedades e formatos, tintas em pastilhas de várias cores, godés, espátulas, etc., estojos e vários artigos para desenho. Porte-crayons de diversos preços, esfuminhos em papel e pelica, gizes redondos e quadrados, crayons Conté n.ºs 1, 2 e 3, carvões de diversas grossuras e muitos outros artigos congéneres.</p> |
| <b>Historial</b>                | Para além das lojas no Porto e em Lisboa, os produtos desta fábrica encontravam-se à venda em Coimbra na casa Rodrigues da Silva & c. <sup>a</sup> ; em Braga na casa de Domingos R. da Silva; e em Aveiro na casa de Antonio Ferreira Felix Junior.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |

|                           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|---------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>Notas</b></p>       | <p><i>Todos os nossos productos vendidos na fabrica e no deposito – Rua de Santa Catharina, 48 – são por nós garantidos, desafiando toda a concorrência em qualidades e preços. Todo o producto em que porventura se encontre qualquer defeito será <b>imediatamente</b> trocado por outro ou restituída a sua importancia logo que se veja que o defeito é da fabricação.</i></p> <p><i>Para facilitar a todas as pessoas a aquisição dos nossos productos, resolvemos vender os alvaiades, ocre e tintas em massa, em latas de 3 kilos e meio, e os vernizes em latas de 1, 050, <b>o que é da maxima importancia para quem só precisa de gastar pequenas quantidades.</b> Estas latas não têm augmento de preço em relação ás grandes. (anúncio em <i>Commercio do Porto Illustrado</i>, ed. de Natal 1894, p. 27, reproduzido em Santos, 2012: 53)</i></p> <p><i>Chamamos a atenção dos snrs. proprietarios e pintores para o nosso <b>verniz de ambar, extra duro</b>, fabricado por uma formula especial <b>comprada em Inglaterra.</b> Tendo terminado o contrato que tinhamos com uma casa do paiz, <b>á qual sómente podiamos vender este verniz</b>, e que o revendia com rotulos estrangeiros por um preço muito mais elevado, podemos hoje vendel-o a qualquer cliente que o peça, responsabilizando-nos pela sua excellente qualidades, extrema dureza e magnifico brilho, qualidades estas que teem feito aceitar sem reclamação alguma como estrangeiro (anúncio em <i>Commercio do Porto Illustrado</i>, ed. de Natal 1896,, reproduzido em Santos, 2012: 54)</i></p> |
| <p><b>Referências</b></p> | <p><i>Jornal do Porto</i>, 2 Jan. 1891, 2; <i>Jornal do Porto</i>, 8 Jan. 1891, 7; <i>Commercio do Porto Illustrado</i>, ed. de Natal de 1894: 27, em: Santos, 2012, vol. II: 53;</p> <p><i>Charivari</i>, 7 Dez. 1895: 4, em: Santos, 2012, vol. II: 54;</p> <p><i>Commercio do Porto Illustrado</i>, ed. de Natal de 1896, em: Santos, 2012, vol. II: 54;</p> <p><i>Commercio do Porto Illustrado</i>, ed. de Natal de 1897: 22, em: Santos, 2012, vol. II: 55.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|---------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.93                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Nome</b>                     | <b>Fábrica Nacional de Vernizes e Tintas de Impressão de Silvestre Colombo</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Localização</b>              | Rua do Duque da Terceira, 396, Porto                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Datas</b>                    | [1865-1903]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>Produtos comercializados</b> | Alvaiades de chumbo em latas de ferro zincado: genuíno S, genuíno, n.º 1., Alvaiade de chumbo em latas de ferro pintadas: genuíno. Alvaiade de zinco, em latas de ferro zincado: genuíno puro, n.º 1. Ocre amarelos em massa, em latas de ferro zincado. Tintas de cor em massa, em latas de ferro zincado, todas as cores.<br>Vernizes para interior: flatting, crystal, copal. Vernizes para carruagens: superfino e flatting. Para exterior de azeite claro. Verniz preto do Japão. |
| <b>Referências</b>              | <i>Commercio do Porto Illustrado</i> , ed. de Natal de 1901, em: Santos, 2012, vol. II: 56.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|---------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.94                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Nome</b>                     | <b>Guichard</b><br><b>Agente comercial</b>                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Localização</b>              | Typ. Occidental, Rua da Fábrica, 66, Porto                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Datas</b>                    | [1865-1884]                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Produtos comercializados</b> | Aceita encomendas para os seguintes artigos: zinco da Bélgica, panos alemães, sabões e óleos nacionais, papel de todas as qualidades nacional e estrangeiro, vernizes e tintas inglesas, fios de linhas da Bélgica, pelos para chapelaria, máquinas de costura, agulhas da Alemanha. |
| <b>Historial</b>                | Heitor Guichard era representante, no Porto, da casa comercial belga de Eugène Larrouy. Em Lisboa esta casa era representada por Henry Burnay. Com este, em 1865, arrendou o recém-construído Palácio de Cristal onde montaram o armazém da empresa Burnay & Guichard.               |
| <b>Referências</b>              | Castanheira, 1884: s. p.;<br>Henry Burnay...2015.                                                                                                                                                                                                                                    |

**H. GUICHARD**

**AGENTE COMMERCIAL**

Aceita encomendas para os seguintes artigos:

Zinco da Belgica, pannos allemães, sabões e oleos nacionaes, papel de todas as qualidades nacional e estrangeiro, vernizes e tintas inglezas, fio de linhas da Belgica, espelhos da Belgica, pellos para chapperia, machinas de costura, agulhas da Allema-nha.

PORTO — TYP. OCCIDENTAL, RUA DA FABRICA, 66

**Figura A21.85** Anúncio em: Castanheira, 1884: s. p.

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|---------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.95                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>Nome</b>                     | <b>José Rodrigues de Sequeira<br/>João Rodrigues de Sequeira<br/>O Sequeira, Casa Vermelha<br/>Drogaria Medicinal de João Rodrigues Sequeira &amp; Filho</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| <b>Localização</b>              | Rua da Bainharia, 113, Porto<br>Rua da Bainharia, 62 e 64, Porto (dp. 1861)<br>Rua da Bainharia, 63, Porto (dp. 1865)<br>Rua da Bainharia, 65, Porto                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>Datas</b>                    | [1859 – 1895]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Produtos comercializados</b> | Drogas, alvaiades, tintas, óleos, vernizes e outras substâncias medicinais.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Referências</b>              | Sousa, 1859: 396; Sousa, 1860: 162; Sousa, 1864: 204; Sousa, 1871: 295;<br>Sousa, 1873: 234; Silva, 1897: 316;<br><i>Jornal do Porto</i> , 17 Mai. 1889, 116, Porto.<br><i>Comercio Portuguez</i> , 7 Dez. 1876: 4, em Santos, 2012, vol. II: 68;<br><i>Commercio do Porto Illustrado</i> , ed. especial de Natal, 1895: 12, em Santos, 2012, vol. II: 70;<br><i>Commercio do Porto Illustrado</i> , ed. especial de Natal, 1898, em Santos, 2012, vol. II: 71. |

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|---------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 96                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>Nome</b>                     | <b>Livraria de L. J. D'Oliveira &amp; C.<sup>a</sup></b>                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Localização</b>              | Rua de Santo António, 24, Porto                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Datas</b>                    | [1860]                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Produtos comercializados</b> | Livros em branco, papel, tinta, prensas de copiar cartas, tinteiros, régua e todos os objetos de escritório; carteiras, porta-moedas, charuteiras, pastas, álbuns, porcelanas, cristais, espelhos; Estojos de matemática e de desenho, tira-linhas, compassos... |
| <b>Referências</b>              | <i>Boletim – Jornal noticioso e d'annuncios</i> , 28 Jan. 1860, 12, p. 2, Reproduzido em: Santos, 2012, vol. II: 60.                                                                                                                                             |

|                                 |                                                                                                                                                                                   |
|---------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.97                                                                                                                                                                              |
| <b>Nome</b>                     | <b>Livraria Francesa e Nacional e Armazem de Musica</b>                                                                                                                           |
| <b>Localização</b>              | Rua do Laranjal n. 2 a 16 e Rua de D. Pedro n 5 a 9, Porto                                                                                                                        |
| <b>Datas</b>                    | [1862-1869]                                                                                                                                                                       |
| <b>Produtos comercializados</b> | Fornecimento de escritórios, quinquilharias, perfumarias e ingredientes para fotografia, gravuras, litografias e objetos de desenho, pintura e cordas de tripa para instrumentos. |
| <b>Clientes</b>                 | Academia Portuense de Belas Artes                                                                                                                                                 |
| <b>Referências</b>              | <i>Documentos de despesa</i> , 1845-1911, Arquivo da FBAUP; Santos, 2012, vol. II: 58.                                                                                            |

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|---------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 98                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Nome</b>                     | <b>Livraria Internacional de Ernesto Chardron</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Localização</b>              | Rua dos Clérigos, 96 e 98, Porto<br>Eugenio chardron, Largo de S. Francisco 4 e 4a, Braga                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Datas</b>                    | 1869-1885                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Produtos comercializados</b> | Fornecimento de escritório, de desenho etc, papel de impressão etc. etc. perfumarias de todas as qualidades, vinho de champangne, cognac e licores.                                                                                                                                                                                                |
| <b>Historial</b>                | Ernesto Chardron nasceu em França em 1840. Foi empregado da Livraria Moré. Fundou a Livraria Internacional em 1869. Após a sua morte, em 1885, instalou-se no mesmo local livraria Lugan & Genelioux e em 1894 a firma José Pinto de Sousa Lello & Irmão que posteriormente passou para a Rua dos Carmelitas, n. 144, designando-se Lello & Irmão. |
| <b>Referências</b>              | Livraria Lello: <a href="http://www.livrarialello.pt/home/historia">http://www.livrarialello.pt/home/historia</a><br>Santos, 2012, vol. II: 58.                                                                                                                                                                                                    |

|                                 |                                                               |
|---------------------------------|---------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.99                                                          |
| <b>Nome</b>                     | <b>Livraria Nacional de B. H. Moraes &amp; C.<sup>a</sup></b> |
| <b>Localização</b>              | Rua do Laranjal n. 22 a 30, Porto                             |
| <b>Datas</b>                    | [1867-1871]                                                   |
| <b>Produtos comercializados</b> | Tela.                                                         |
| <b>Clientes</b>                 | Academia Portuense de Belas Artes                             |
| <b>Referências</b>              | <i>Documentos de despesa</i> , 1845-1911, Arquivo da FBAUP.   |

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|---------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.100                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Nome</b>                     | <b>Livraria Portuguesa E Estrangeira Moré &amp; C.<sup>a</sup></b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Localização</b>              | esquina da Praça de D. Pedro e dos Loyos, Porto<br>Rua da Calçada, 141, Coimbra<br>2 bis, rue d'Arcole, Paris (agente)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Datas</b>                    | [1854 – 1877]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Produtos comercializados</b> | Fornecimento de escritórios.<br>Desenho, tintas, papel, livros em branco, prensas de copiar etc., artigos de gostos modernos para diversos ornatos, presentes, óculos para teatro etc.,<br>caixas de costura para senhoras, armas de um ou dois canos para caça, pistolas de algibeira e de coldres, correões de 720, caixas de fulminantes de 80, 120, polvarinhos, barómetros e termómetros, relógios de sala e de algibeira, malas de couro, sacos de noite e de tiracolo, jarras de porcelana, canecas de vidro para água, garrafas de cristal, castiçais de vidro, espanadores de penas de cores, cintos elásticos, níveis de água, relógios de areia, candeeiros de corda e outros, globos e chaminés para os ditos, escovas de facto para unhas e para dentes, pentes de búfalo, marfim e guta percha, seringas de bomba e de caixa, cartas finas de jogar, jogos de loto e dominós, tinteiros de porcelana, tintas de escrever, tintas para marcar a roupa, caixilhos de madeira para retratos, passe-partous, caixas de lâminas para dagerreotipos, caixas de rapé de búfalo e tartaruga, fuisis para charutos e cigarros, tesouras finas e canivetes, serviços de porcelana para chá, esponjas finas, goleiras para cães, copos de vidro e de cristal, estearina francesa, bengalas e chicotes, guarda-chuvas, navalhas de barba, estojos para barba, sabonetes, água de colónia, vinagre de toilette da Sociedade Hygienica, pomada para cabelos, cosmetique, gold cream, rose & Lyys, opiat para os dentes, água de cheiro, poudre de Riz, bolas de borracha para crianças, riscos de bordar, porta moedas, charuteiras e cigarreiras, carteiras, cachimbos de barro e de escuma de mar, estojos de matemática, caixas de tintas de 80, 160, 240, puchadeiras elásticas, livros de missa, vinhos, mostarda, sardinhas. |
| <b>Clientes</b>                 | Academia Portuense de Belas Artes                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Referências</b>              | <i>Documentos de despesa</i> , 1845-1911, Arquivo da FBAUP;<br>Santos, 2012, vol. II: 58, 59.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                       |
|---------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.101                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Nome</b>                     | <b>Manoel Cazimiro Gomes da Costa</b><br><b>Drogaria de Antonio Rodrigues da Costa</b>                                                                                                                                                                |
| <b>Localização</b>              | Largo de S. Domingos, 102 e 103, Porto                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Datas</b>                    | [1871-1929]                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Produtos comercializados</b> | Drogas, produtos químicos e especialidades farmacêuticas, águas minerais nacionais e estrangeiras, fundas, algálias, meias elásticas e pensos anti-sépticos. Arsenal completo de ferros cirúrgicos. Artigos para pintura e tinturaria, vernizes, etc. |
| <b>Referências</b>              | Sousa, 1871: 295; Sousa, 1873: 234;, 1897: 316;<br><i>Almanach Commercial e Industrial para o ano de 1906</i> : 1048, em Santos, 2012, Vol. II: 72.                                                                                                   |

|                                 |                                                                                                           |
|---------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.102                                                                                                     |
| <b>Nome</b>                     | <b>Manuel Pinto da Silva</b><br><b>Drogaria Medicinal de Domingos J. Alves Pereira</b>                    |
| <b>Localização</b>              | Rua de S. João, 54, Porto                                                                                 |
| <b>Datas</b>                    | [1898-1906]                                                                                               |
| <b>Produtos comercializados</b> | Drogas, produtos químicos e farmacêuticos, tintas e vernizes.                                             |
| <b>Referências</b>              | Silva, 1897: 316;<br><i>Almanach Commercial para o ano de 1906</i> : 1032, em: Santos, 2012, Vol. II: 72. |

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|---------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 103                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Nome</b>                     | <b>Papelaria e Typografia Morgado</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Localização</b>              | Praça dos Voluntarios da Rainha 5 e 7, Porto<br>Praça da Batalha, 35 e 37, Porto (filial)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Datas</b>                    | [1890]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Produtos comercializados</b> | Papelaria: papéis de todas as qualidades, recebidos diretamente das principais fábricas da França, Bélgica, Itália e Alemanha.<br>Desenho: estojos, tintas, cartões, telas, lápis, borrachas, pincéis, régua, etc.<br>Objetos de escritório: prensas de copiar, pastas, calendários, carteiras, tinteiros, penas, livros em branco para escrituração, etc.<br>Tintas: grande diversidade de diversas cores para escrever e marcar roupa; timbra-se papel em diversas cores e a ouro e prata.<br>Bilhetes de visita.<br>Tipografia. |
| <b>Referências</b>              | <i>A revolta</i> , 17 Mai. 1890: 3, em: Santos, 2012, Vol. II: 66.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|---------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.104                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Nome</b>                     | <b>Papelaria Luiz Gonçalves d'Araújo &amp; C.<sup>a</sup></b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Localização</b>              | Rua de S. Domingos, 64, 65, Porto                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Datas</b>                    | 1865- [1884]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| <b>Produtos comercializados</b> | Artigos de papelaria, tintas.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Historial</b>                | Sobrinho de Manuel Francisco de Araújo que iniciou o negócio de papelaria, Luís Gonçalves de Araújo, sob seu nome individual, fundou em 1865 um estabelecimento dessa especialidade no Largo de S. Domingos. Devido ao desenvolvimento obtido, o fundador, em Setembro de 1895, transformou a firma em sociedade colectiva para a qual entraram o seu filho Luís Gonçalves de Araújo J.or e seu empregado Joaquim Teixeira. A nova razão social "Luís Gonçalves d'Araujo & C. <sup>a</sup> " continuou largamente a obra iniciada e em Maio de 1934 deu ingresso a um novo sócio, Dr. Luis Cardoso de Araujo, neto do fundador. |
| <b>Referências</b>              | Castanheira, 1884: s. p.<br>Bastos, 1938: s. p.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |



**Figura A21.86** Fotografia: Chusseau-Flaviens. c.1910, em:  
[http://doportoenaoso.blogspot.pt/2010/05/o-porto-ha-cem-anos-1\\_3135.html](http://doportoenaoso.blogspot.pt/2010/05/o-porto-ha-cem-anos-1_3135.html) .

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                       |
|---------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.105                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Nome</b>                     | <b>Papelaria Progresso de Victor &amp; Santos</b>                                                                                                                                                                                     |
| <b>Localização</b>              | Praça de D. Pedro, 17 e 18, Porto                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Datas</b>                    | [1892]                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Produtos comercializados</b> | Papéis correntes e de luxo, cartonagens e fantasias.<br>Completo sortimento de objetos para escritório, desenho e todos os aprestos para a pintura a óleo ou a aguarela.<br>Trabalhos concernentes á tipografia, litografia e gravura |
| <b>Referências</b>              | <i>Galeria Portuguesa</i> , 25 Dez. 1892, 1, em: Santos, 2012, Vol. II: 67                                                                                                                                                            |

## 2. ESTRANGEIROS

### 2.1 Com anúncios em Portugal

|                                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|----------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                    | F. 106                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Nome</b>                      | <b>Soehnée</b><br><b>Fabrica de Vernizes</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Localização</b>               | Rue des Filles-du-Calvaire, 19, Paris                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Datas</b>                     | 1829- [?]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Produtos comercializados</b>  | Vernizes para encadernações, para marroquim, escultura sobre madeira, etc.,<br>vernizes para pintura a óleo e aguarela,<br>vernizes brancos, inalteráveis, para madeira osso, marfim, pau do ar, etc.,<br>vernizes superiores de todas as cores, muito macios e muito sólidos para metais,<br>vernizes para imitar ouro, sobre cobre, prata, etc.,<br>vernizes preservativos dos metais para a óptica, bronzes, etc.,<br>vernizes para bronzes e zínco de arte,<br>vernizes para fotografias. |
| <b>Representante em Portugal</b> | Em 1927 a Favrel Lisbonense anuncia possuir depósito dos vernizes desta marca.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Referências</b>               | Campos 1888: 1024;<br>Varela, 1927.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |



Figura A21.87 Anúncio em: Campos, 1888: 1024.

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|---------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.107                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Nome</b>                     | <b>L. Dida</b><br><b>Fabrica de Vernizes, tintas &amp; Productos Chimicos</b>                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Localização</b>              | Boulevard Richard-Lenoir, 108, Paris                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Datas</b>                    | 1847-1973                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Produtos comercializados</b> | Vernizes ao álcool para as artes e indústrias, vernizes para ferro, aço e zinco polidos, vernizes, imitação de douradura para bronzes de arte e móveis, vernizes de cor para folha, cobre, vernizes para madeira e couro, vernizes superfinos para decorações sobre vidro e porcelana. |
| <b>Referências</b>              | Campos 1889: XVI.                                                                                                                                                                                                                                                                      |

**Fabrica de Vernizes, Tintas & Productos Chimicos**

VIENNA D'AUSTRIA 1873      CASA FONDADA EM 1847      PARIS 1867

POR  
A. DIDA, Engenheiro-Chimico

**L. DIDA**  
**PARIS**  
BOULEVARD RICHARD-LENOIR  
**108**  
**FABRICA EM DRAVEIL**  
Seine-et-Oise (França)

MÉRITO      BRONZE

LYAO 1872      MARSELHA 1874  
Medalha d'ouro      Diploma d'honra

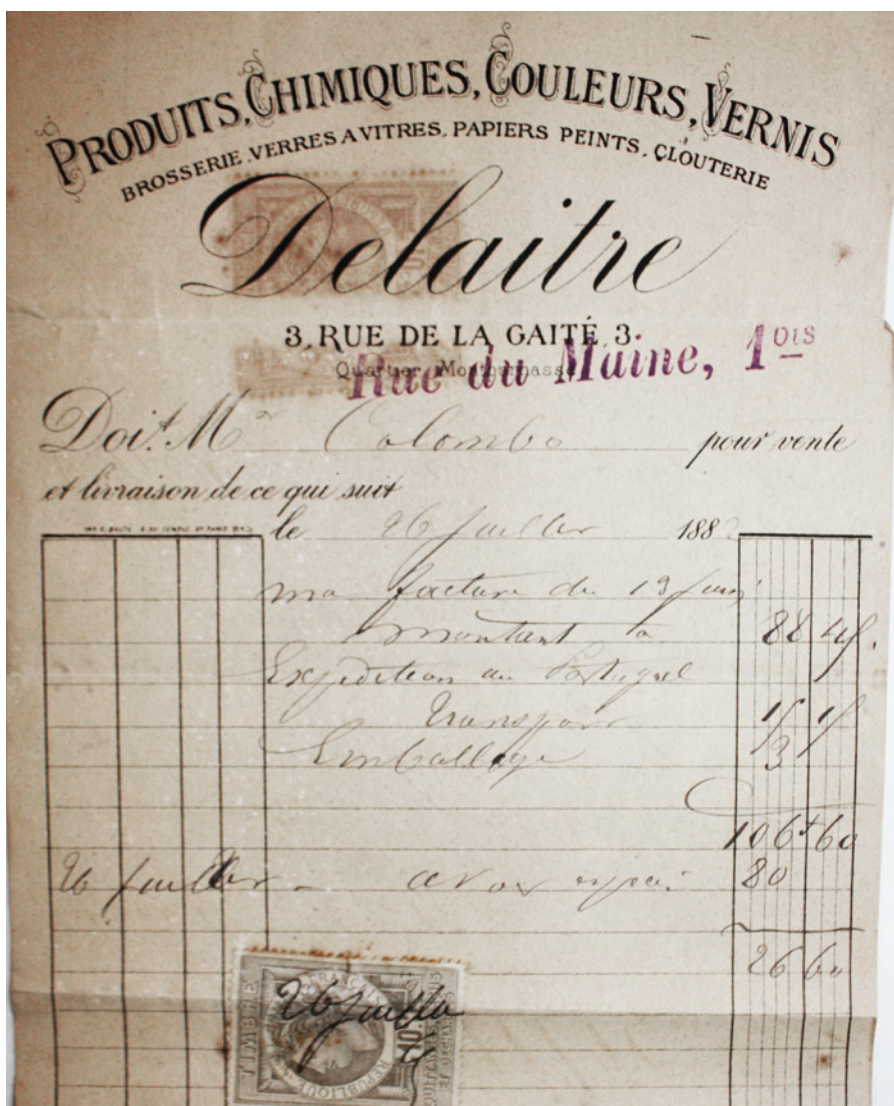
**ESPECIALIDADES**

**Vernizes ao álcool** para as artes e a industria; **vernizes** para ferro, aço e zinco polidos; **vernizes**, imitação de douradura para bronzes d'arte e moveis; **vernizes** de cor para folha, cobre; **vernizes** para madeira e couro; **vernizes** superfinos para decorações sobre vidro e porcelana.

**Figura A21.88** Anúncio em: Campos, 1889: XVI.

## 2.2 Franceses

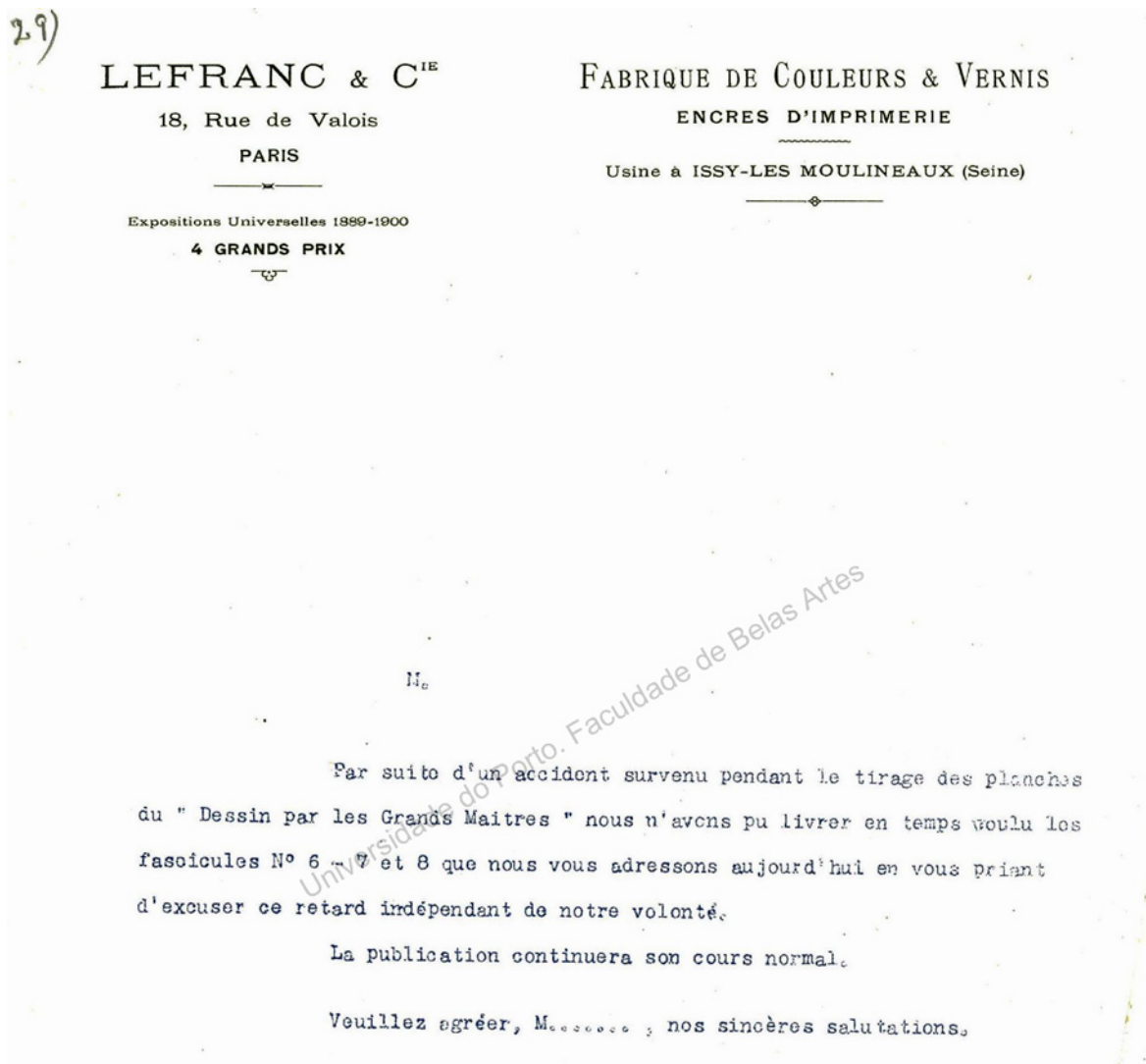
|                                 |                                                                                                                                                                                 |
|---------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.108                                                                                                                                                                           |
| <b>Nome</b>                     | <b>Delaitre</b><br><b>H. Delaitre</b>                                                                                                                                           |
| <b>Localização</b>              | Rue de la Gaité, 3, Paris (até c. 1882)<br>Rue du Maine, 1 bis, Paris<br>Bd Edgar Quinet, 11, Paris (a partir de 1898)<br>Rue de Montrouge à Malakoff, 153 (fábrica e depósito) |
| <b>Datas</b>                    | [1882 -?]                                                                                                                                                                       |
| <b>Produtos comercializados</b> | Cores finas para óleo e aguarela, produtos químicos para indústria, cores vitrificáveis, vernizes, pincéis, vernizes, vasos de vidro, papéis pintados, ferragens.               |
| <b>Clientes</b>                 | Columbano Bordalo Pinheiro                                                                                                                                                      |
| <b>Referências</b>              | Roth-Meyer, 2004;<br>Delaitre [Fatura] 1882 Jul. 26, Paris [a] Columbano Bordalo Pinheiro.<br>Arquivo do MNAC-MC.                                                               |



**Figura A21.89** Delaitre [Fatura] 1882 Jul. 26, Paris [a] Columbano Bordalo Pinheiro. Acessível no Arquivo do MNAC-MC.

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|---------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.109                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Nome</b>                     | <b>Lefranc</b><br><b>Lefranc fils &amp; Ducolombier</b><br><b>Lefranc fils</b><br><b>Lefranc frères &amp; Ducolombier</b><br><b>Lefranc frères</b><br><b>Lefranc &amp; C.ie</b><br><b>Lefranc (A.)</b><br><b>Lefranc &amp; Bourgeois</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Localização</b>              | rue Princesse, 1, Paris<br>rue de Four Saint-Germain, 23, Paris<br>rue de la Vieille-Monnaie, 18<br>rue de Turenne, 64, Paris<br>rue de la Tour-Passy, 6 (1880-1891)<br>rue Notre-Dame de Lorette, 46, Paris<br>rue de Valois, 18 (a partir de 1897)<br>rue de la Ville-l'Evêque                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Datas</b>                    | 1720 – atual                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Produtos comercializados</b> | Fabrico de cores e verniz para pintura, decoração, viaturas, construção, carmins, amarelo de crómio, cores superfinas em tabletes e em pastilhas, em conchas para aguarela e miniatura, telas para pintar, tintas tipográficas e litográficas, papéis pintados, lacas da China, etc., carmim, laca, azul da Prússia, verdes de Spooner, lacas de garança, negros de marfim, negro de fumo, verdes, etc.; cores moídas a óleo, essência e em verniz; cores em pó; cores finas para a pintura a óleo, aguarela, guache, pastel; cores fixas e inalteráveis; cores de J. G. Vibert; material para artistas; telas, caixas de campo; cavaletes, etc.; cores para fotominiatura, pintura a verniz Martin; iluminuras; tinta da China líquida . |

|                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|-----------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Historial</b>                  | <p>Em 1720 Charles Laclef tem uma pequena loja na rue du Four Saint Germain dedicada ao comércio de pigmentos. A companhia foi fundada em 1773 quando Jean de La Clef, seu neto, abriu uma pequena loja de cores e vernizes chamada “La clef d’argent” no número 1 da rue Princesse. Em 1792, o seu filho, Louis-Robert, pintor decorador, sucedeu-lhe no negócio. Em 1810, entra em sociedade com o seu enteado, o fabricante de vernizes Alexandre Marolle e, mais tarde, em 1836, com Alphonse e Jules Lefranc que tomaram a direção com o nome “Lefranc Frères”. A partir de 1838, quando a Lefranc sucedeu à Marolle-Laclef, o negócio entrou em considerável expansão. Estabelecem uma fábrica em Grenelle para produção de materiais para artistas em grande escala e para fornecer o comércio de retalho com os seus produtos.</p> <p>Em 1844, instalam uma fábrica de vernizes e o filho de um dos irmãos Lefranc abre uma loja no número 18 da Rue dela Vieille-Monnaie, enquanto a “Lefranc Frères” continua a sua atividade no número 23 do Four Saint-Germain e no número 1 da rue Princesse. A companhia foi registrada com o nome “Lefranc &amp; Cie” em 1853. Os irmãos Lefranc (Alphonse e Jules) passam, em 1858, a companhia a Alexandre Lefranc que instala os seus escritórios num imóvel na rue Saint-Loius-au-Marais e, em 1865, nos números 64 e 65 da rue de Turenne. A companhia designa-se então “Lefranc A.”. Em 1867 a fábrica passa de Grenelle para Issy-sur-Seine.</p> <p>Em 1885 Alexandre Lefranc confia a direção da casa aos seus sobrinhos, Lucien Lefranc e Louis Perier, há muito seus colaboradores que se associam com o nome “Lefranc &amp; C.ie”. A exportação passa a ser um grande objetivo com a abertura de sucursais em Bruxelas, Berlim, Florença e Milão.</p> <p>Com a morte de Lucien Lefranc, em 1888, Perier associa-se ao seu sobrinho Emile Lefranc. Em 1889 a Lefranc passa a indicar a composição das tintas nos seus tubos.</p> <p>Por volta de 1902, os investigadores da Lefranc trabalham particularmente sobre os vernizes com o apoio do pintor e químico J. L. Vibert.</p> <p>Em 1965 deu-se a fusão entre a Lefranc e a companhia Bourgeois, instalando-se em Mans no ano seguinte.</p> |
| <b>Representantes em Portugal</b> | <p>Au Petit Peintre (F.9)<br/>Favrel Lisbonense (F.37)</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Clientes</b>                   | <p>Academia Portuense de Belas Artes<br/>Família Real Portuguesa (D. Luís e D. Maria Pia)<br/>Columbano Bordalo Pinheiro<br/>Aurélia de Sousa</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Referências</b>                | <p>Constantin, 2001;<br/>Roth-Meyer, 2004;<br/>Lefranc &amp; Bougeois: <a href="http://www.lefranc-bourgeois.com">www.lefranc-bourgeois.com</a><br/>Aguiar, 2012: 201.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |



**Figura A21.90** Lefranc & C.ie [Carta] s. d., Paris [a] Academia Portuense de Belas Artes. Acessível no Arquivo da FBAUP.



**Figura A21.91** Fotografia: Lefranc & Cie, 1913, Union Photographique Française, Archives de Paris, 11Fi3438, em: <http://www.labreuche-fournisseurs-artistes-paris.fr>.

|                                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|----------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                    | F.110                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Nome</b>                      | <b>Maison Merlin / Paul Denis<br/>Bourgés<br/>Dubois</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <b>Localização</b>               | Rue de Médicis, 2, Paris (até 1866)<br>Rue de Médicis, 19, Paris (pelo menos até 1911)<br>Rue Souffot, 20, Paris<br>ateliers: Boulevard St. Michel, 50, Paris<br>fábrica: Vernon                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Datas</b>                     | 1861-atual                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Produtos comercializados</b>  | Fábrica de cores finas para a pintura a óleo; telas, painéis em carvalho e mogno e cartões; cores para aguarela, guache e pastel francesas e inglesas; cavaletes para o campo e para atelier; caixas de tintas em madeira e metal; maquetes; manequins; godés e paletas; brochas e pincéis; douramentos; especialista em utensílios e vernizes para gravadores em água-forte; artigos de desenho, limpeza, envernizamento; reentelagens e restauro de pintura; encadernações; fábrica de cores líquidas P. D. para imitação de tapeçarias; telas <i>Gobelins</i> e outras; vaporizador P. D. de posição fixa; cores especiais para cerâmica sem cozedura; cor de esmalte P. D., a mais brilhante e mais sólida que seca instantaneamente; cores especiais inalteráveis para vitrais sem cozedura; depósito da <i>pâte Rubens</i> utilizada evitar o “embaciamento” da pintura; <i>Júmeline Denis</i> para limpeza de pincéis.                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Historial</b>                 | A Maison Merlin foi fundada em 1861 por Denis Merlin que fabricava as suas próprias cores a óleo “extra-finas”. Situava-se no coração do <i>quartier latin</i> entre o <i>Panthéon</i> e o <i>jardin du Luxembourg</i> . A fábrica situava-se em Vernonnnet les – Vernon. A partir de 1883 Paul Denis é anunciado como sucessor de casa Merlin, passando a empresa a chamar-se “Maison Merlin Denis”. Paul Denis nasceu a 18 de Novembro de 1852 em Vernon e em 1876 trabalhava na Maison Merlin, possivelmente como aprendiz. Em 1900 Paul Denis anuncia-se fornecedor das “escolas” e da <i>Manufacture de Gobelins</i> . Em data anterior a 1910 Paul Denis vendeu a companhia a G. Bourgés que passou a ter esta designação. Contudo, o negócio acabou por não se concretizar e, em 1910, Paul Denis já era de novo responsável pela empresa. Pelo menos até 1911 a loja situava-se na Rue de Médicis, número 19, depois passa para o número 20 da Rue Souffot. Em 1919 a empresa foi comprada por Robert Dubois passando a chamar-se Dubois. Atualmente a loja permanece aberta na mesma morada. Paul Denis faleceu a 6 de Março de 1921. |
| <b>Representante em Portugal</b> | Leonel Vellez de Abreu                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Clientes</b>                  | Marques de Oliveira; Artur Loureiro; Columbano Bordalo Pinheiro; António Ramalho; José Malhoa; Veloso Salgado; Carlos Reis; João Vaz; Alves Cardoso; Constantino Fernandes; Domingos Costa; Emília Santos Braga; Enrique Casanova; Albertina Paraíso; Ernestina Pinto Basto; Ernesto Condeixa; António do Valle; António Conceição Silva; António Félix da Costa; António Parede; Clotilde Feio Soares de Azevedo; Adelaide Lima Cruz; Jorge Colaço; Tomás Costa.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Referências</b>               | Roth-Meyer, 2004;<br><i>Autour de Paul Denis...</i> , 2007;<br>Dubois Paris: <a href="http://dubois-paris.com/">http://dubois-paris.com/</a><br>[Folhetos Publicitários às Tintas Merlin], 1909;<br>Denis, P. [Carta] 1910 Mar. 4, Paris [a] Columbano Bordalo Pinheiro.<br>Acessível no Arquivo do MNAC-MC.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |



**Figura A21.92** *O Sena em Paris*, 1906, Marques de Oliveira, óleo sobre madeira, 33 x 46,5 cm, MNGV, inv. 2347; P225, Fotografia de Carlos Monteiro. Disponível em: [www.matrizpix.dgpc.pt](http://www.matrizpix.dgpc.pt).



**Figura A21.93** *O Sena em Paris*, 1906, Marques de Oliveira. Reverso com carimbo de Paul Denis Socc. Paris Rue de Médicis, 19. Fotografia de Arterestauro.



**Figura A21.94** *Paisagem - Bruges*, 1917, Columbano Bordalo Pinheiro, óleo sobre madeira, 19 x 22,5 cm, MNGV, inv. 2439, Fotografia de Luísa Oliveira. Disponível em: [www.matrizpix.dgpc.pt](http://www.matrizpix.dgpc.pt).



**Figura A21.95** *Paisagem - Bruges*, 1917, Columbano Bordalo Pinheiro. Reverso com carimbo de G. Bourges. Paris Rue de Médicis, 19. Fotografia de Arterestauro.

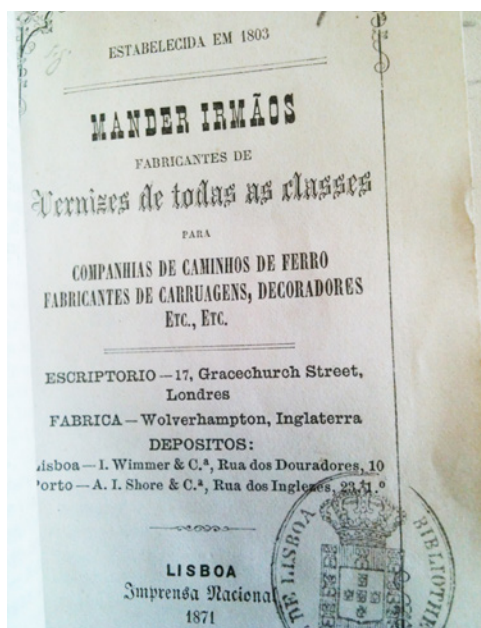
## 2.2 Ingleses

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|---------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F.111                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Nome</b>                     | <b>Guest &amp; Rowney</b> (1801-1802)<br><b>T. &amp; R. Rowney</b> (c. 1802-1806)<br><b>George Rowney and Co</b> (1832-1844; 1848-1923)<br><b>Rowney, Dillon &amp; Rowney</b> (1844-1848)<br><b>George Rowney &amp; Co Ltd</b> (1923-1985)<br><b>Daler-Rowney Ltd</b> (dp. 1985)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Localização</b>              | 82 Pall Mall, Londres<br>106 Hatton Garden<br>30 Bartlett's Building, Holborn<br>14 Oxford St (1814-1818)<br>51 Rathbone Place (1817-1862)<br>52 Rathbone Place (1854-1884)<br>29 Oxford St (1862-1881)<br>64, Oxford St (1881-1907)<br>61 Brompton Road (1905-1925)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Datas</b>                    | 1783- atual.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Produtos comercializados</b> | Pigmentos, tintas, vernizes, materiais para artistas.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Historial</b>                | Os irmãos Thomas e Richard Rowney iniciaram a sua atividade com uma perfumaria em 1789. A sociedade como perfumistas foi dissolvida em 1801 continuando Richard Rowney com o negócio. Thomas Rowney em parceria com o artista Thomas Robert Guest, por volta de 1801, dedicou-se à preparação de cores para pintura. Esta parceria terminou logo no ano seguinte. Por volta de 1806 Thomas Rowney retoma sociedade com o irmão Richard. O filho de Thomas, George Rowney (1792-1870) foi aprendiz do seu pai durante sete anos, desde agosto de 1806. A companhia passou a designar-se George Rowney & Co em 1832. Em 1844 Charles White Dillon juntou-se ao negócio passando a chamar-se Rowney, Dillon & Rowney. Em 1848 a companhia retoma o nome de George Rowney & Co. O negócio foi aumentando de escala empregando, em 1861, 76 homens e 32 rapazes e raparigas. Dedicava-se também à edição de publicações, em particular manuais de instruções para artistas que incluíam catálogos dos seus produtos, desde a década de 1840.<br>Esta companhia é uma das poucas que dedicada à produção e comércio de materiais para artistas teve origens no século XVIII e que ainda mantém atividade. É considerada a maior rival da Winsor & Newton e a única companhia inglesa para além da Winsor & Newton e da Reeves com um significativo comércio internacional. |
| <b>Clientes</b>                 | Família Real Portuguesa (D. Luís e D. Maria Pia)<br>Aurélia de Sousa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Referências</b>              | Simon, 2015.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |



**Figura A21.96** Caixa de tintas para aguarela, c. 1862-1881, G. Rowney & C.o, 10 x 24,3 x 31,8 cm, PNA, inv. PNA 55438, Fotografia de Luísa Oliveira. Disponível em: [www.matrizpix.dgpc.pt](http://www.matrizpix.dgpc.pt).

|                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|-----------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                     | F.112                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>Nome</b>                       | <b>Mander Brothers, Ltd.</b><br><b>Mander Irmãos</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Localização</b>                | 17, Gracechurch Street, Londres<br>Wolverhampton, Inglaterra                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Datas</b>                      | 1803- atual.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Produtos comercializados</b>   | vernizes e tintas (ver Anexo 10).                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Catálogos</b>                  | <i>Mander Irmãos Fabricantes de Vernizes de todas as classes para Companhias de Caminhos de Ferro Fabricantes de carruagens, decoradores, etc., etc.</i> 1871. Lisboa: Imprensa Nacional.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Historial</b>                  | Jonh Mander (1754-1827) começou a sua carreira como aprendiz numa companhia de produtos químicos. Depois disso conseguiu reunir dinheiro suficiente para começar o seu próprio negócio como droguista. Entre 1790 e 1803 adquiriu vários edifícios em Cock Street e em St, Johns Street em Wolverhampton e expandiu o seu negócio, começando a produzir vernizes e tintas. Em 1817 a Manders empregava cerca de 30 pessoas. Em 1824 um grande incêndio destruiu grande parte dos edifícios da companhia. O sobrinho de John Mander, Charles, colabora com a companhia que mais tarde assume. Com a sua morte, em 1853, a empresa passa para os seus filhos Charles B. e Samuel Mander e passa a chamar-se Mander Brothers. Esta nova companhia teve grande sucesso e foram introduzidos novos produtos. Foram instalados escritórios em Londres, depósitos em várias localidades e agências em França, Itália, Canadá e Austrália. A companhia começou também a produzir tinta de impressão. Em 1894 as fábricas expandiu-se para Wednesfield perto de Wolverhampton, tendo sido reconstruídas em 1908. Durante o século XX a companhia consolidou-se como fabricante de tintas. |
| <b>Representantes em Portugal</b> | Wimmer & C. <sup>a</sup> , Rua dos Douradores, 10, Lisboa<br>A. I. Shore & C. <sup>a</sup> , Rua dos Ingleses, 23, 1.º, Porto                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| <b>Referências</b>                | <i>Mander Irmãos...</i> , 1871.<br>Manders, Varnishes, Paints and Inks, 2016                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |



**Figura A21.97** Capa de catálogo da Mander Irmãos, 1871.

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|---------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                   | F. 113                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Nome</b>                     | <b>Thomas Reeves and Son</b> (1784-1799)<br><b>J. Reeves</b> (1799-1800)<br><b>Reeves and Woodyer</b> (1800-1816)<br><b>Reeves, woodyer and Reeves</b> (1817-1818)<br><b>W.J. Reeves and Son</b> (1819-1829)<br><b>Reeves and Sons</b> (1830-1890)<br><b>Reeves and Sons Ltd</b> (1891-1976)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Localização</b>              | Blue Coat Boy, 2 Well Yard, Little Britain, West Smithfield (1780-1782)<br>The Blue Coat Boy & Kings Arms, 80 Holborn Bridge (1782-1783)<br>The Kings Arms & Blue Coat Boy, 80 Holborn Bridge (1784-1829)<br>150 Cheapside (1829-1845)<br>20 Throgmorton St (1831-1857)<br>113, Cheapside (1845-1940)<br>18 Ashwin St, Dalston (1868-1954)<br>Lincoln Road, Enfield, Middlesex (1921-1982)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <b>Datas</b>                    | 1766 – atual                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Produtos comercializados</b> | Aguarelas, pigmentos, tintas, pincéis, vernizes, paletas, utensílios de desenho, papel, telas, etc.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Historial</b>                | <p>Em 1766 William Reeves abriu a sua primeira loja em Well Lane, Little Britain onde produzia e vendia as suas tintas. Como o negócio corria bem chamou o seu irmão Thomas para uma parceria. Na loja três aprendizes moíam os pigmentos e usavam um processo nove e secreto para desenvolver as inovadoras pastilhas de aguarela (<i>moist water colour paint-cakes</i>), inventadas por William Reeves em 1781 que contribuíram para o grande sucesso da marca. Em 1873 a parceria terminou e Thomas Reeves continuou o negócio de forma independente. A partir de 1786 a Reeves passou a exportar os seus produtos para a Índia, para a América e para Itália.</p> <p>Após a morte de Thomas Reeves, em 1799, o seu filho William John Reeves assegurou a continuidade da companhia, tendo formado sociedade com Woodyer em 1800. Esta sociedade dissolveu-se em 1818. Em 1819 passou a designar-se por W. J. Reeves &amp; Son, quando o seu filho, James Reeves se juntou ao negócio. Com a morte de William John em 1827 passou a chamar-se Reeves &amp; Sons. James Reeves retirou-se em 1847 e nos anos seguintes dois dos seus sobrinhos, os irmãos Henry Bowles Wild e Charles Kemp Wild tomaram o negócio. Estes decidiram retirar a fábrica de Cheapside e instalar-se numa área maior em Dalston onde construíram uma fábrica de grandes dimensões.</p> <p>A Reeves publicou vários manuais para artistas desde cerca de 1852. Após a morte de Henry Bowles Wild, em 1882, o seu irmão Charles K. Wild ficou à frente do negócio, seguido pelo seu filho, Charles J. Wild, em 1896, sendo seu diretor até 1923.</p> |
| <b>Clientes</b>                 | Francisco José Resende                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Referências</b>              | Simon, 2015.<br><a href="http://www.reeves-art.com">http://www.reeves-art.com</a>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |

|                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|-----------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                     | F.114                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Nome</b>                       | <b>Charles Roberson</b> (1819-1828)<br><b>Roberson &amp; Miller</b> (1828-1839)<br><b>Charles Roberson</b> (1840)<br><b>Charles Roberson &amp; Co</b> (1840-1907)<br><b>Roberson &amp; Co Ltd</b> (1907-1987)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Localização</b>                | 54 Long Acre, Londres (1819-1827)<br>51 Long Acre (1828-1855)<br>99 Long Acre (1853-1937)<br>101-104 Park St, Camden Town (1937-1939)<br>71 Parkway (1939-1987)<br>154 Piccadilly (1889-1906)<br>155-6 Piccadilly (1907-1940)<br>1a Hercules St, N7 6AT (1993)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Datas</b>                      | 1819-1985                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Produtos comercializados</b>   | Aquarelas, lápis de carvão, papel para desenho, tintas e para pintura a óleo, painéis de madeira, cartões e telas para pintura, vernizes, óleos, pincéis, manequins, etc.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Historial</b>                  | <p>Em 1819 Charles Roberson instalou-se no negócio de materiais para artistas, sucedendo a Mr Matley que vendia pincéis e tintas desde 1803. a partir de 1828 Charles Roberson tomou sociedade com Thomas Miller, designando-se Roberson &amp; Miller. A companhia vendia aquarelas, lápis de carvão, papel para desenho, tintas em bexigas para pintura a óleo, painéis de madeira, cartões e telas para pintura, vernizes, óleos e pincéis entre outros materiais.</p> <p>Em 1840 depois de terminar sociedade com Miller passou a chamar-se Charles Roberson &amp; Co. Nos anos seguintes Roberson estabeleceu-se como uma das maiores companhias fornecedoras de materiais para artistas. Com a sua morte, em 1876, sucedeu-lhe o seu sobrinho Charles Park. A companhia publicou alguns manuais para pintores. A Roberson ficou conhecida por algumas especialidades, nomeadamente por fornecer manequins, desde a década de 1840 até à de 1920 e pela venda do <i>Roberson's medium</i> um dos seus produtos mais vendidos. Igualmente, dedicava-se ao restauro de pinturas.</p> <p>A companhia tinha vários representantes em Paris e nos Estados Unidos da América.</p> <p>Com a primeira guerra mundial a companhia entrou em declínio. O negócio manteve-se na família até 1970, sendo vendida então a uma firma alemã e entrado em liquidação em 1987.</p> |
| <b>Representantes em Portugal</b> | Manuel Costenla (F. 59; ver Anexo 20)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Clientes</b>                   | Marciano Henriques da Silva (ver Anexo 20)<br>Tomás da Anunciação                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Referências</b>                | Simon, 2015;<br>Woodcock, 1997;<br>Woodcock, 1998;<br>Woodcock, 2007.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |

|                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|-----------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Código</b>                     | F.115                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Nome</b>                       | <b>Winsor &amp; Newton</b> (1832-1882)<br><b>Winsor &amp; Newton Ltd</b> (desde 1882)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Localização</b>                | 38 Rathbone Place, London (1833-1939), também no n.º 39 desde 1865 e no n.º 40 desde 1884.<br>Belle Isle, York Road, King's Cross (Vernizes-1837-1857)<br>Spring Place, Kentish Town (Cores- 1844-1934)<br>Wealdstone, Harrow, Middlesex (fábrica – desde 1898)<br>51-2 Tathbone Place (1939-1987)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Datas</b>                      | 1832 – atual                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Produtos comercializados</b>   | Aguarelas, pincéis, papéis para desenho, tintas a óleo, caixas de tintas para pintura a óleo e a aguarela, óleos, vernizes, telas, painéis de madeira, cartões, paletas, facas de tintas, lápis, esfuminhos, cavaletes, bancos e chapéus para a pintura ao ar livre, etc.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Catálogos</b>                  | 1835; 1840; 1845; 1846; 1851-7; 1863; 1867; 1896                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Historial</b>                  | <p>O negócio foi fundado em 1832 por dois amigos, William Winsor (1804-1865), químico e artista, e Henry Charles Newton (1805-1882), artista. Em 1835 a Winsor &amp; Newton introduziu no mercado as pastilhas húmidas para aguarela (<i>moist water colours</i>) adicionando-lhes glicerina, um marco importante para a pintura ao ar livre. Em 1837 a companhia adquiriu uma fábrica de vernizes e passou a moer pigmentos para tintas a óleo. Em 1840 introduziu as seringas de vidro para substituir as bexigas de porco no acondicionamento das tintas. Em 1842 a Winsor &amp; Newton entrou em acordo com John Rand, inventor dos tubos metálicos em 1841, e passou a anunciar a venda de tintas a óleo em tubos metálicos colapsáveis.</p> <p>Tal como a Geroge Rowney &amp; Co (F. 111) a Winsor &amp; Newton publicou numerosos manuais para artistas, que igualmente incluíam catálogos dos seus produtos, desde a década de 1840.</p> <p>A Winsor &amp; Newton tornou-se numa companhia limitada em 1882, pouco tempo antes da morte de Henry Charles Newton.</p> <p>Perto do final do século XIX a Winsor &amp; Newton parece ter sido a maior companhia produtora de materiais para artistas. A companhia tinha a reputação de produzir cores de excepcional qualidade. Em 1892 a Winsor &amp; Newton publica uma declaração sobre a estabilidade e composição dos seus pigmentos tanto das tintas de óleo como de aguarela, sendo a primeira companhia a fazê-lo. Esta declaração continuou a ser publicada nos catálogos da companhia nos anos seguintes.</p> <p>A Winsor &amp; Newton foi a companhia inglesa produtora de materiais para artistas que mais exportou os seus produtos para uma grande variedade de países.</p> |
| <b>Representantes em Portugal</b> | Araujo & Sobrinho (F. 84)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Clientes</b>                   | Silva Porto<br>Columbano Bordalo Pinheiro<br>Amadeo de Souza-Cardoso                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Referências</b>                | Simon, 2016<br><a href="http://www.winsornewton.com">http://www.winsornewton.com</a>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |



**Figura A21.98** *Lavadeira- Tapada da Ajuda*, 1879-1880, Silva Porto, óleo sobre cartão, 20,2 x 30,2 cm, CMAG, inv. CMAG 880, Fotografia de Marta Félix Campos.



**Figura A21.99** *Lavadeira- Tapada da Ajuda*, 1879-1880, Silva Porto. Reverso com carimbo da Winsor & Newton. Fotografia de Marta Félix Campos.



**Figura A21.100** Tubo de tintas da marca Winsor & Newton presente numa caixa de tintas de Columbano Bordalo Pinheiro, séc. XX, Inv. 1201, MNAC-MC.

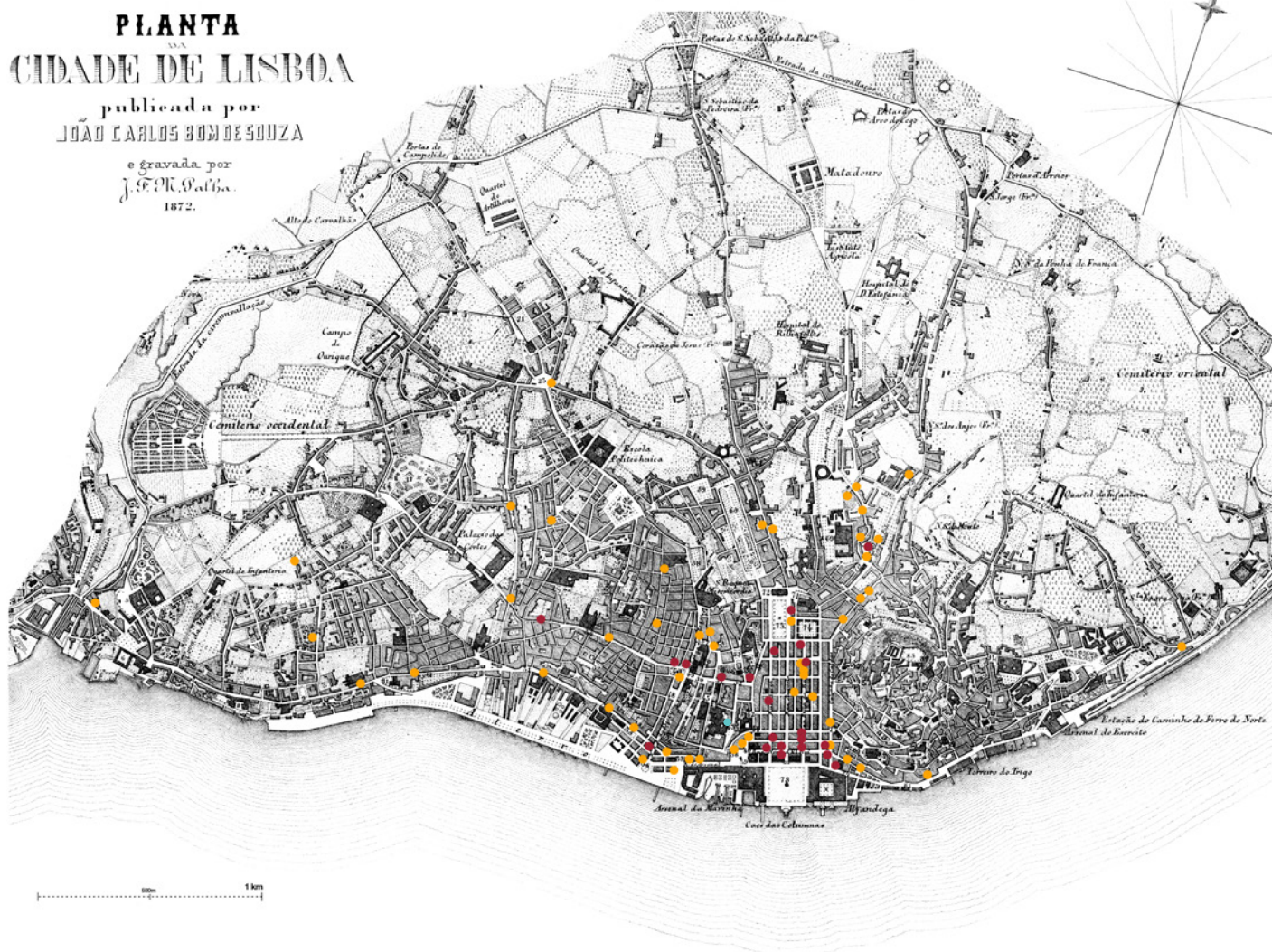


## Anexo 22

### Localização dos fornecedores de materiais de pintura em Lisboa e no Porto (1881-1882)

#### 1. LISBOA

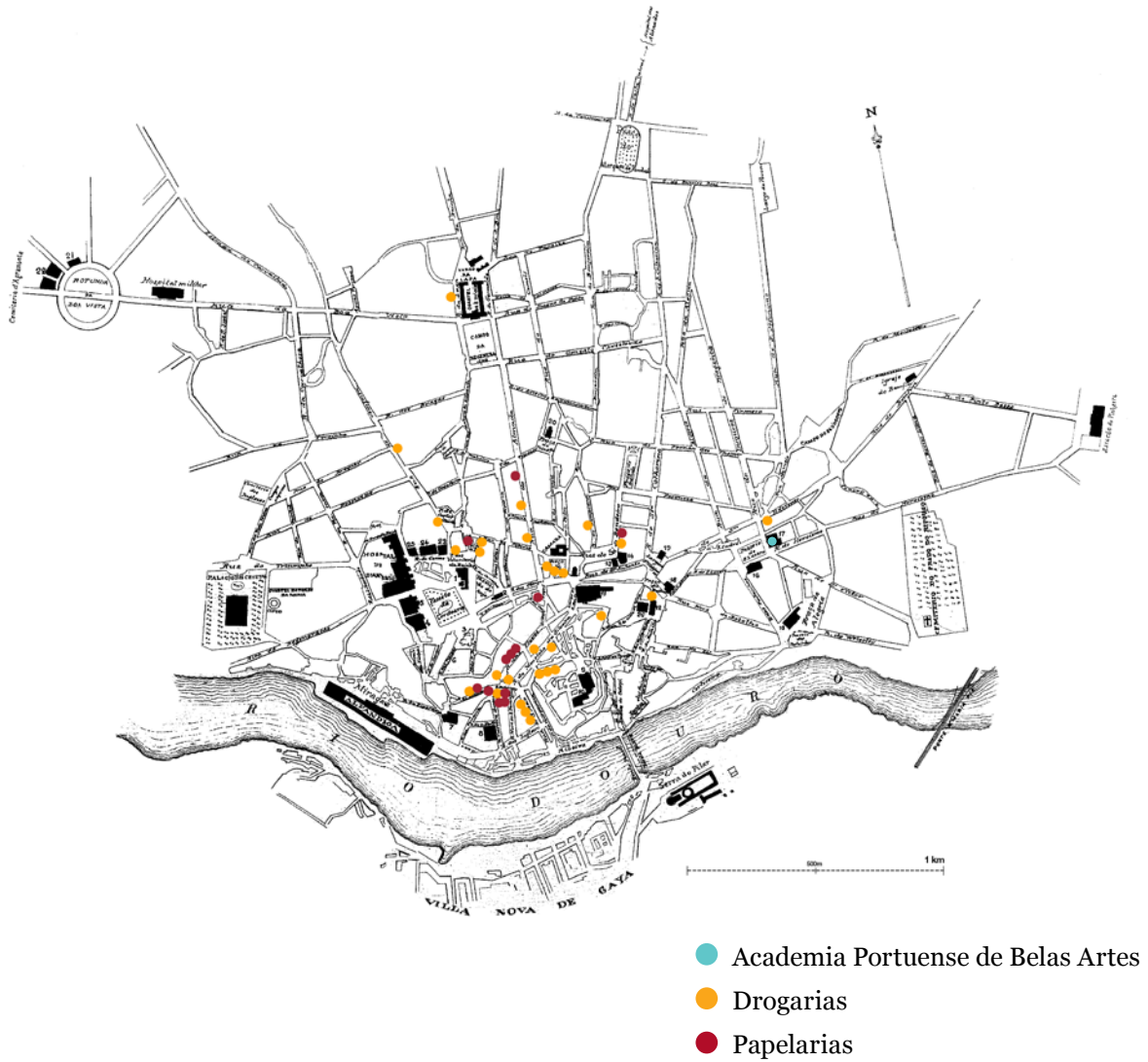
**Fontes:** Campos, C. A da S. 1881. *Almanach Commercial de Lisboa para 1882*. Lisboa: Lallemand Frères, Typ. Lisboa, pp. 156-157, 180;  
Palha, J. F. M. 1872. *Planta da Cidade de Lisboa*. Inv. MC.GRA.477. Coleção do Museu da Cidade / Câmara Municipal de Lisboa.



- Academia de Belas Artes de Lisboa
- Drogarias
- Papelarias

## 2. PORTO

**Fontes:** Castanheira, J. A. 1882. *Almanach Historico, Administrativo e Industrial da cidade do Porto para 1883*. Porto: José Antonio Castanheira 340-341, 475;



## Anexo 23

### Casa Merlin – Paul Denis: testemunhos de 20 artistas

[Folhetos publicitários às tintas Merlin]

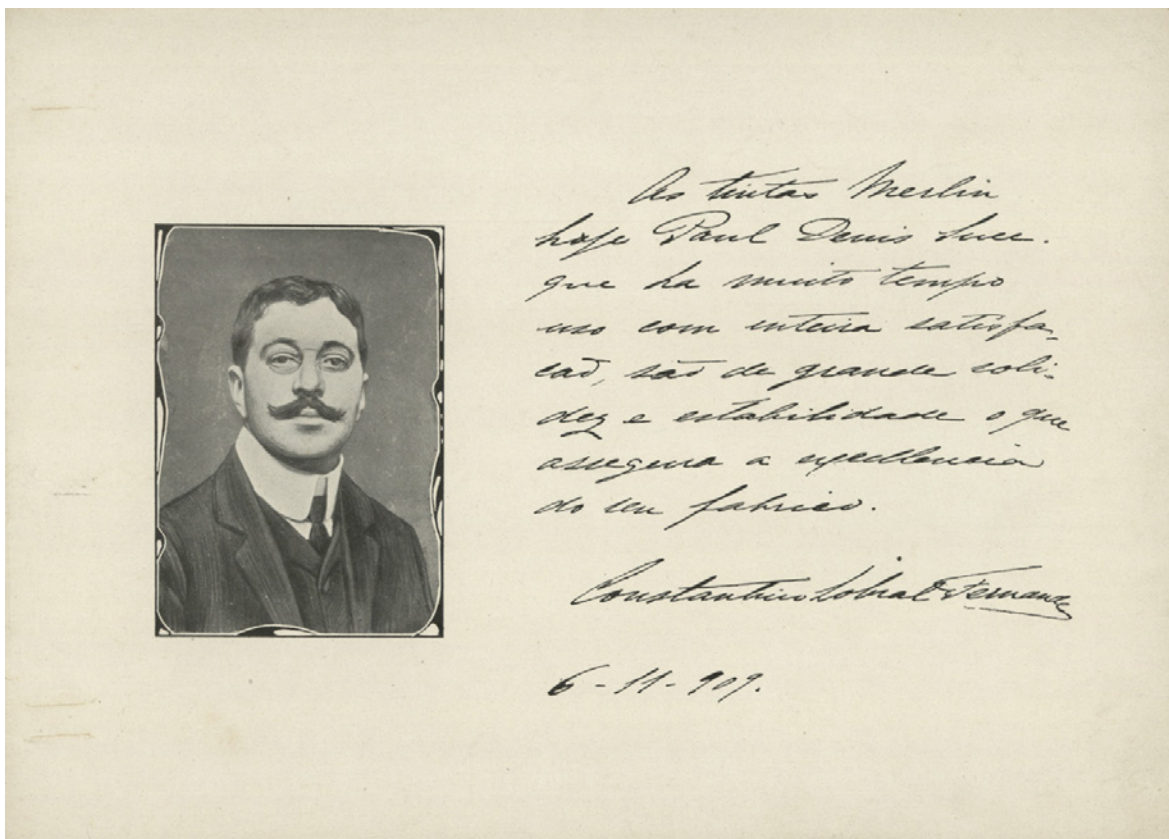
1909

cota: A.M./E.5//6, BNP

#### CONSTANTINO FERNANDES (1878-1920)

1909/11/06

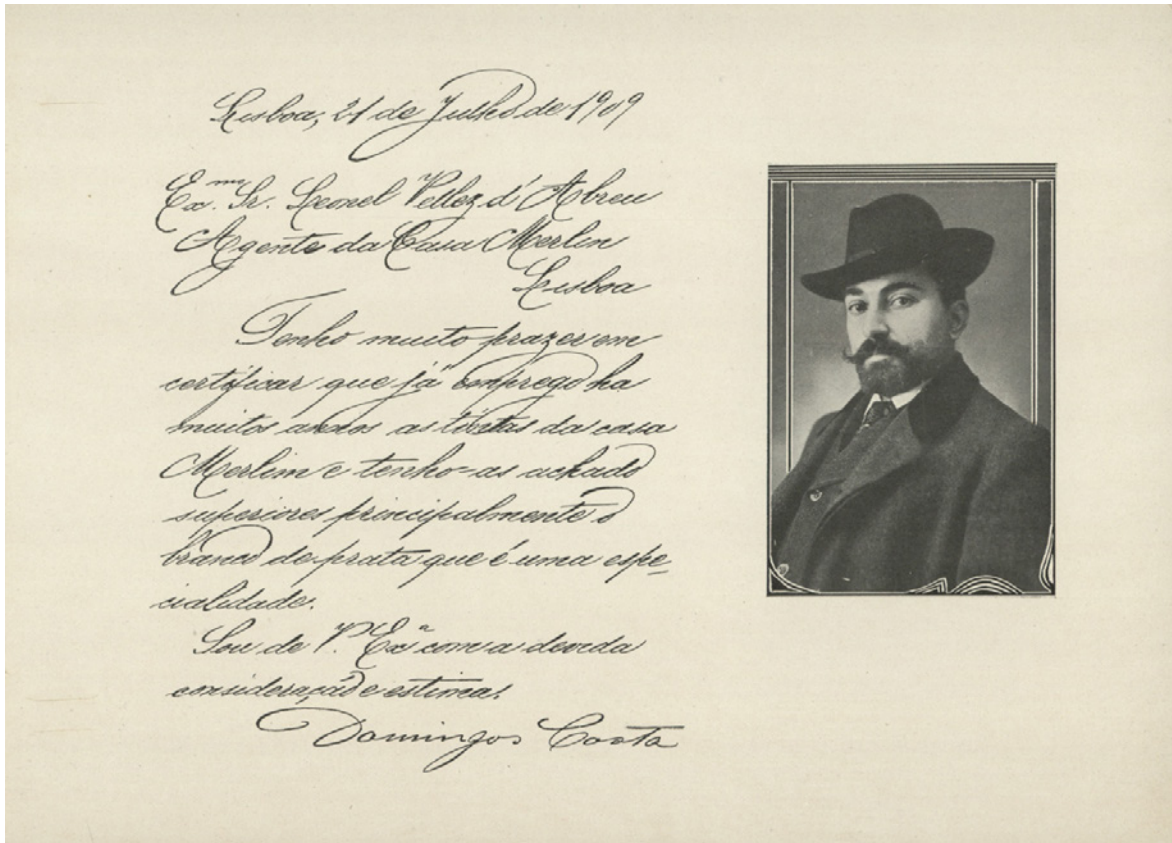
*As tintas Merlin hoje Paul Denis Succ. que ha muito tempo uso com inteira satisfação, são de grande solidez e estabilidade o que assegura a excellencia do seu fabrico.*



**DOMINGOS COSTA (1867-1954)**

1909/07/21

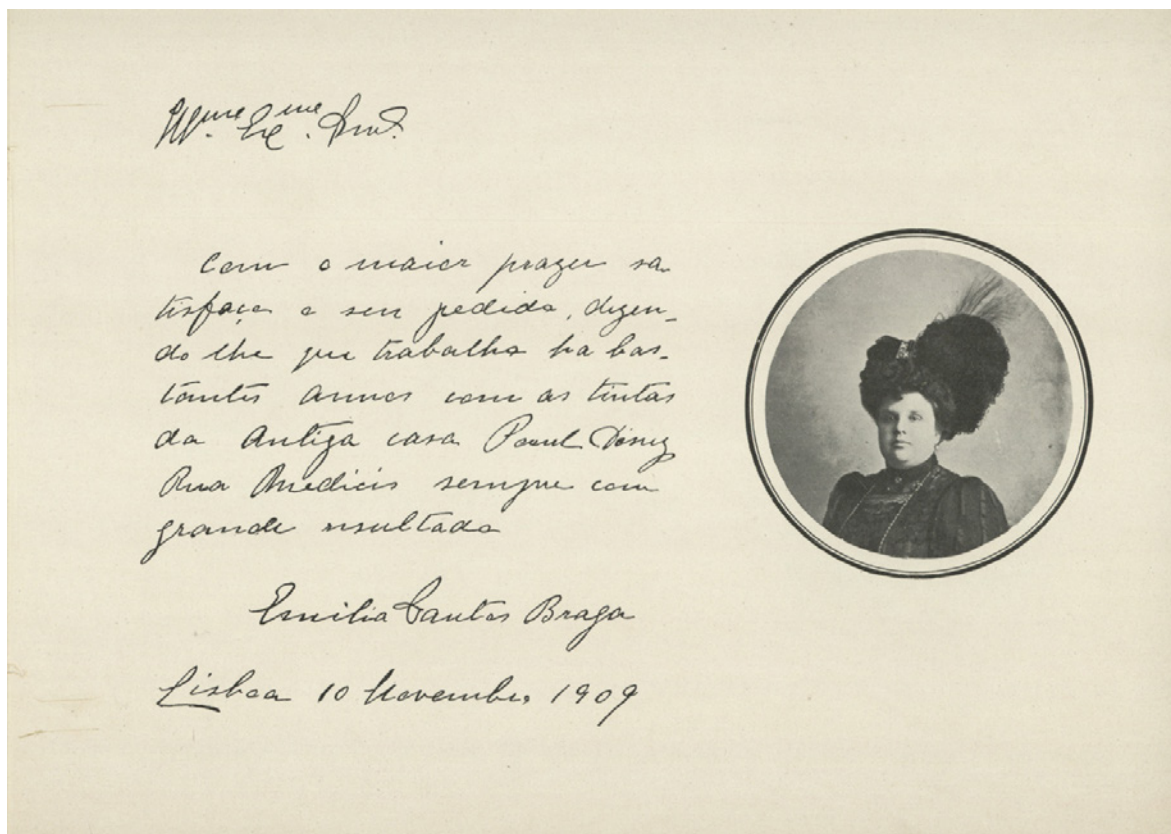
Tenho muito prazer em certificar que já emprego ha muitos anos as tintas da casa Merlin e tenho-as achado superiores principalmente o branco de prata que é uma especialidade.



**EMÍLIA SANTOS BRAGA (1867-1950)**

1909/11/10

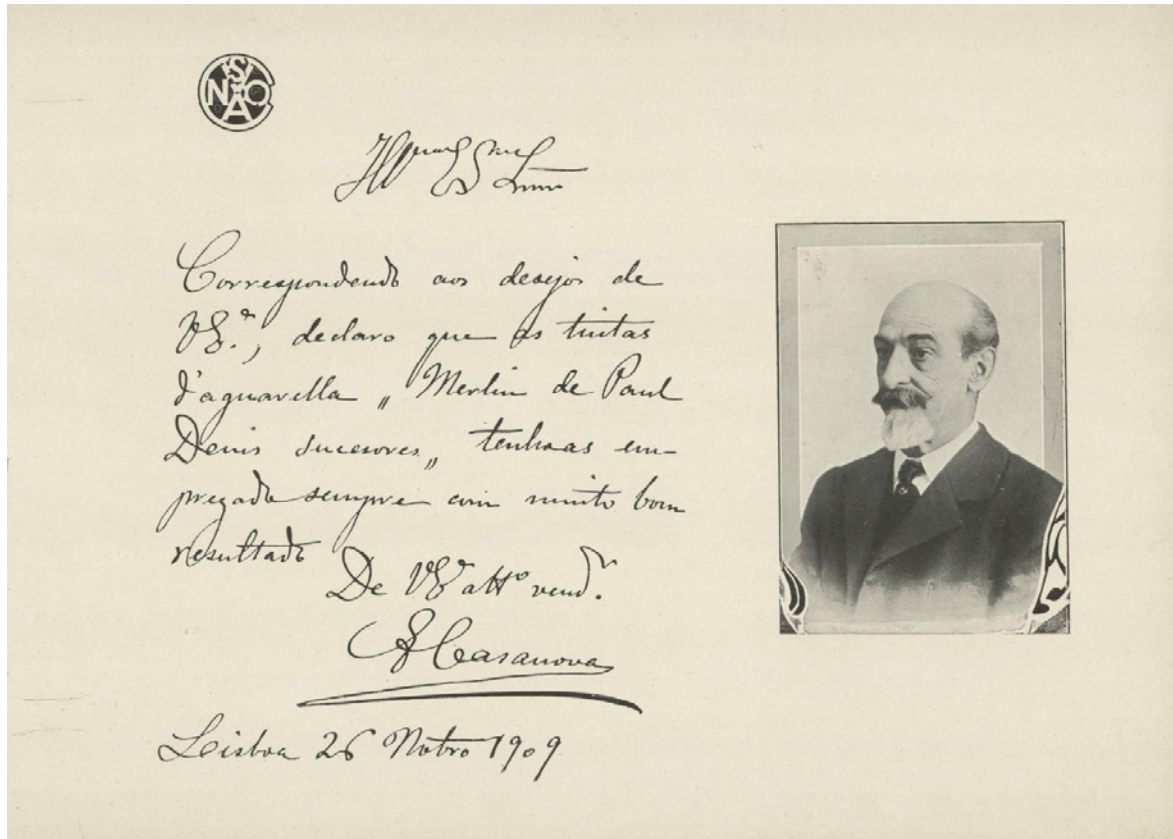
Com o maior prazer satisfaço o seu pedido, dizendo-lhe que trabalho ha bastantes annos com as tintas da antiga casa Paul Deniz Rua Medicis sempre com grande resultado.



**ENRIQUE CASANOVA (1850-1913)**

1909/11/26

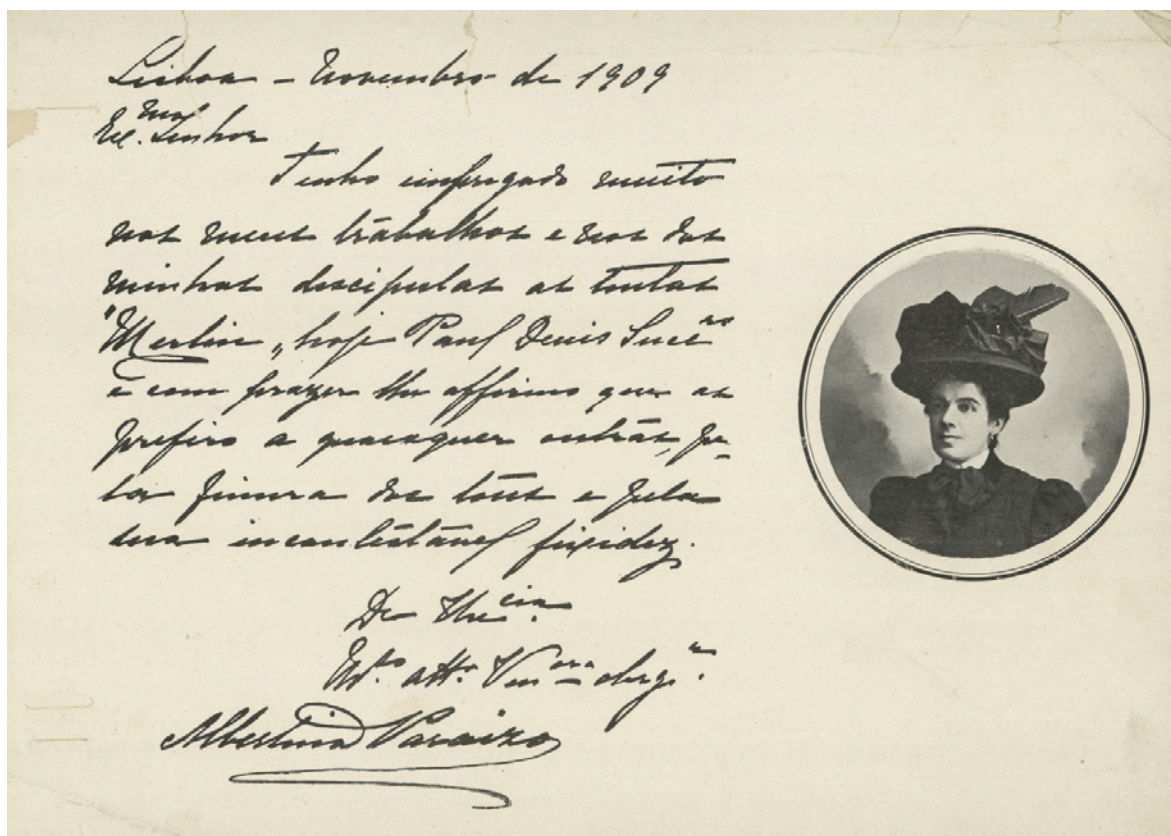
*Correspondendo aos desejos de V. E.<sup>a</sup>, declaro que as tintas d'aguarella "Merlin de Paul Denis sucessores" tenho-as empregado sempre com muito bom resultado.*



**ALBERTINA PARAÍSO (1864-1954)**

1909/11/1

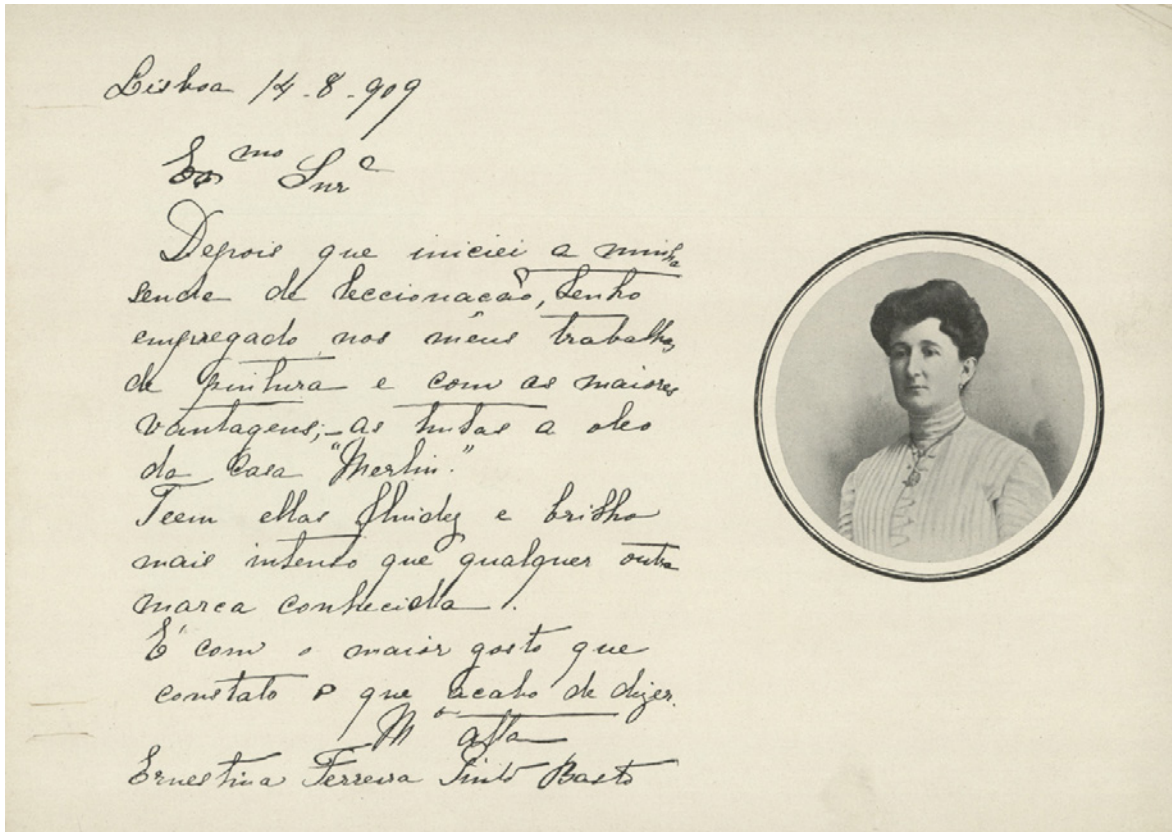
Tenho empregado muito nos meus trabalhos e nos das minhas discipulas as tintas  
"Merlin, hoje Paul Denis Succ.es e com grande prazer lhe affirmo que as prefiro a  
quaesquer outras, pela finura dos tons e pela sua incontestável fixidez.



**ERNESTINA PINTO BASTO (?-?)**

1909/8/14

Depois que iniciei a minha senda de leccionação, tenho empregado nos meus trabalhos de pintura e com as maiores vantagens; as tintas a oleo da casa "Merlin". Teem ellas fluidez e brilho mais intenso que qualquer outra marca conhecida. É com o maior gosto que constato o que acabo de dizer.

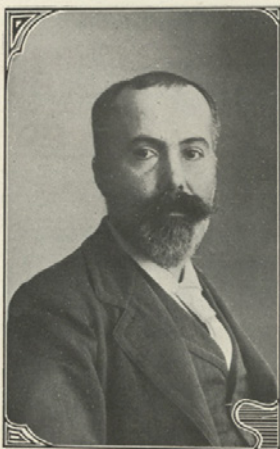


**ERNESTO CONDEIXA (1857-1933)**

1909/11/12

*Tendo-me sido pedida a minha opinião sobre as tintas da Casa Merlin de Paris, hoje Paul Denis, direi que são de boa qualidade devendo especialisar entre todas, o branco de prata, que é excellente.*

*Autorizo portanto, a publicidade d'esta declaração.*



*Tendo-me sido pedida a  
minha opinião sobre as  
tintas da Casa Merlin de  
Paris, hoje Paul Denis, direi  
que são de boa qualidade  
devendo especialisar entre  
todas, o branco de prata, que  
é excelente.*

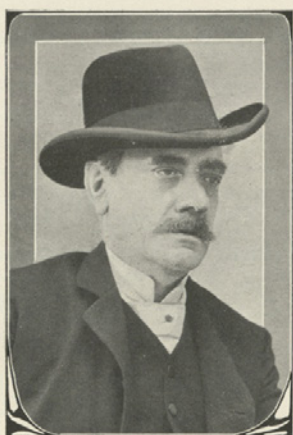
*Autorizo, portanto,  
a publicidade d'esta declaração  
assignando  
Ernesto Ferreira Condeixa*

*12/11/1909.*

**ANTÓNIO DO VALLE (?-?)**

1909/08/26

*Com muita satisfação declaro que tendo empregado as Tintas Merlin, hoje P. Denis succ.r, achei-as magníficas.*

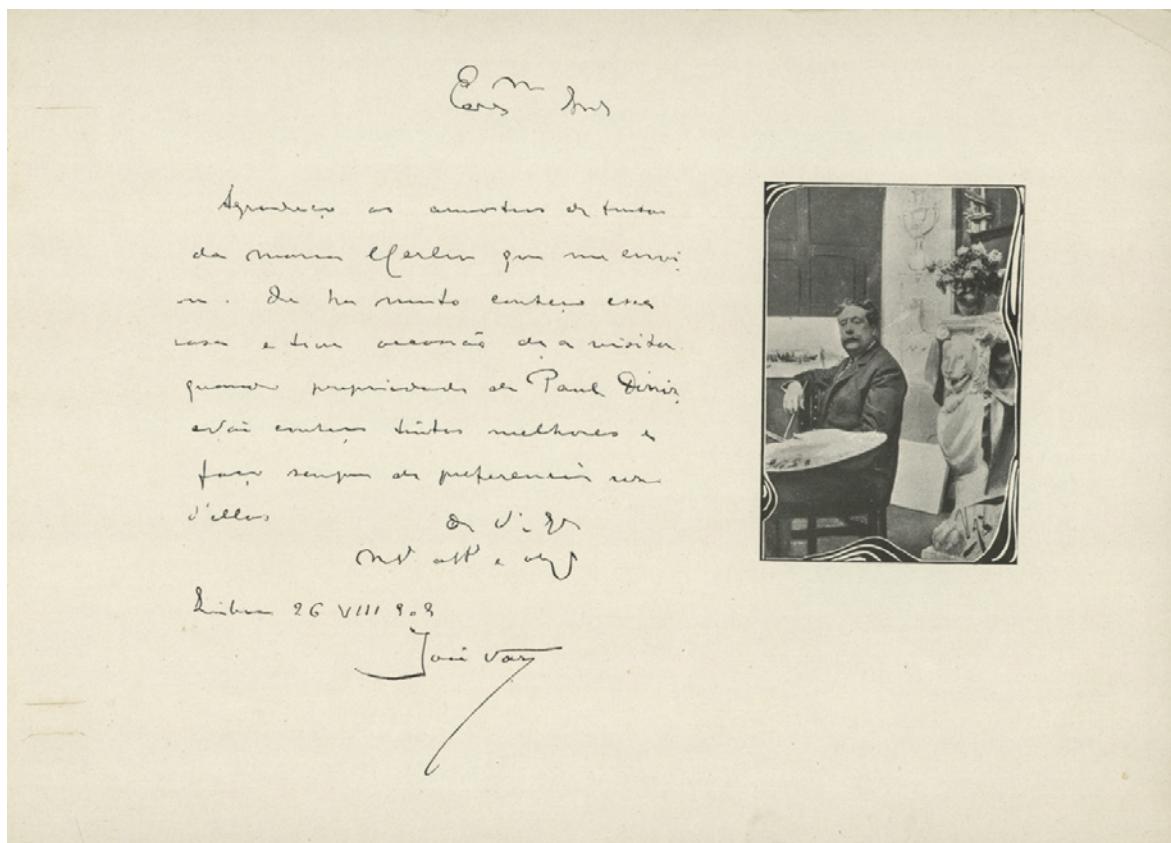


*Com muita satisfação de-  
claro que tendo empregado  
as Tintas Merlin, hoje  
P. Denis succ.<sup>o</sup>, achei-as  
magníficas  
Leisboa 26 de agosto de 1909  
António do Valle  
F.º António do Valle*

**JOÃO VAZ (1859-1931)**

1909/08/26

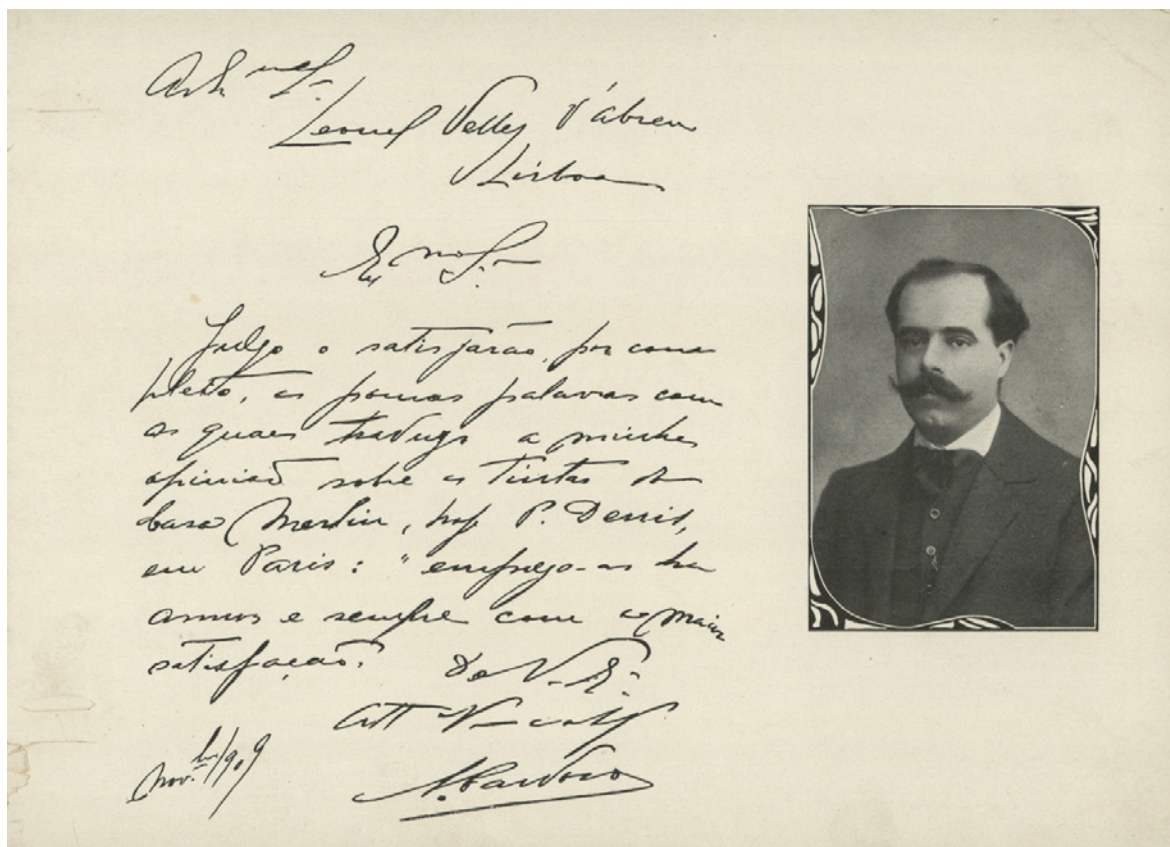
*Agradeço as amostras de tintas da marca Merlin que me enviou. De ha muito conheço essa casa e tive ocasião de a visitar quando propriedade de Paul Denis. Não conheço tintas melhores e faço sempre preferencia uso d'ellas.*



**ALVES CARDOSO (1882-1930)**

1909/11/1

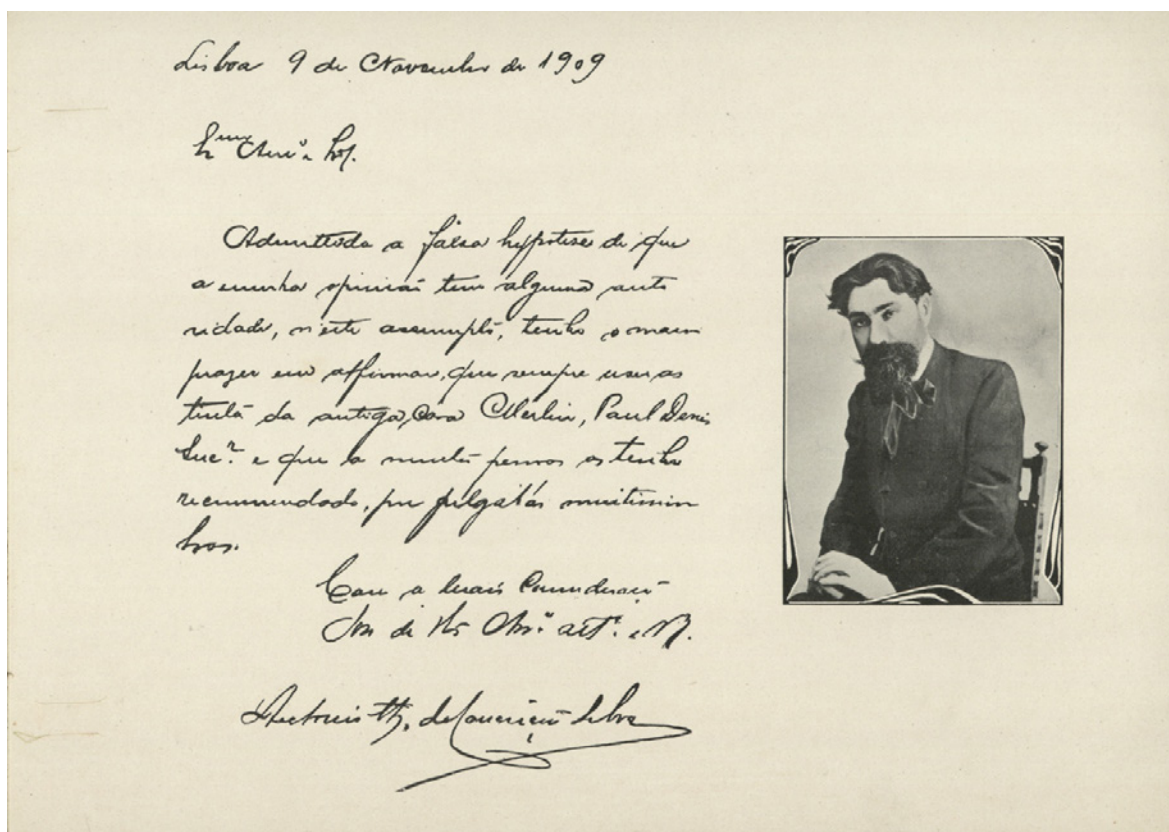
*Julgo o satisfarão por completo, as poucas palavras com as quaes traduzo a minha opinião sobre as tintas da Casa Merlin, hoje P. Denis em Paris: "emprego-as ha anos e sempre com a maior satisfação.*



## ANTÓNIO CONCEIÇÃO SILVA (1869-1958)

1909/11/9

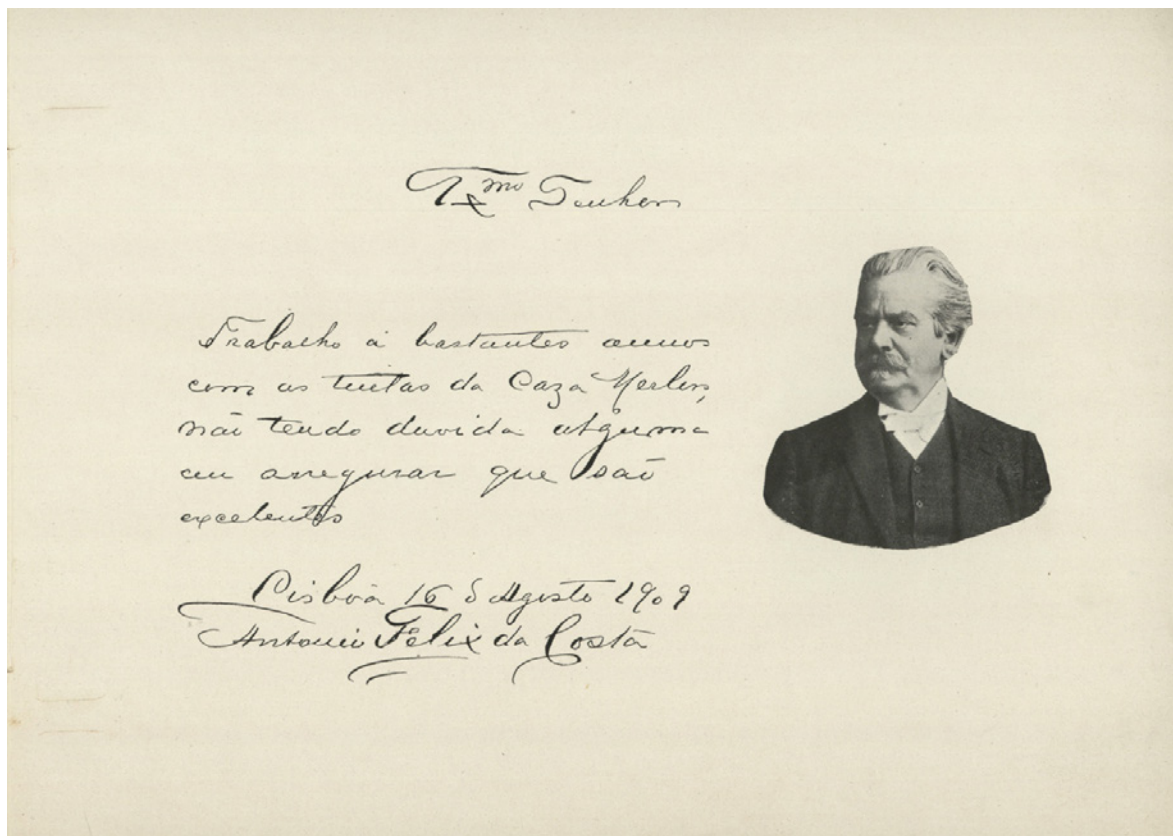
Admittida a falsa hypotese de que a minha opinião tem alguma autoridade, neste assumpto, tenho o maior prazer em afirmar que sempre usei as tinta da antiga, Casa Merlin, Paul Denis Suc.r e que a muitas pessoas as tenho recomendado, por julgal'as muitissimo boas.



**ANTÓNIO FÉLIX DA COSTA (1845-?)**

1909/8/16

*Trabacho á bastantes annos com as tintas da Caza Merlin não tendo duvida alguma em assegurar que são excelentes.*



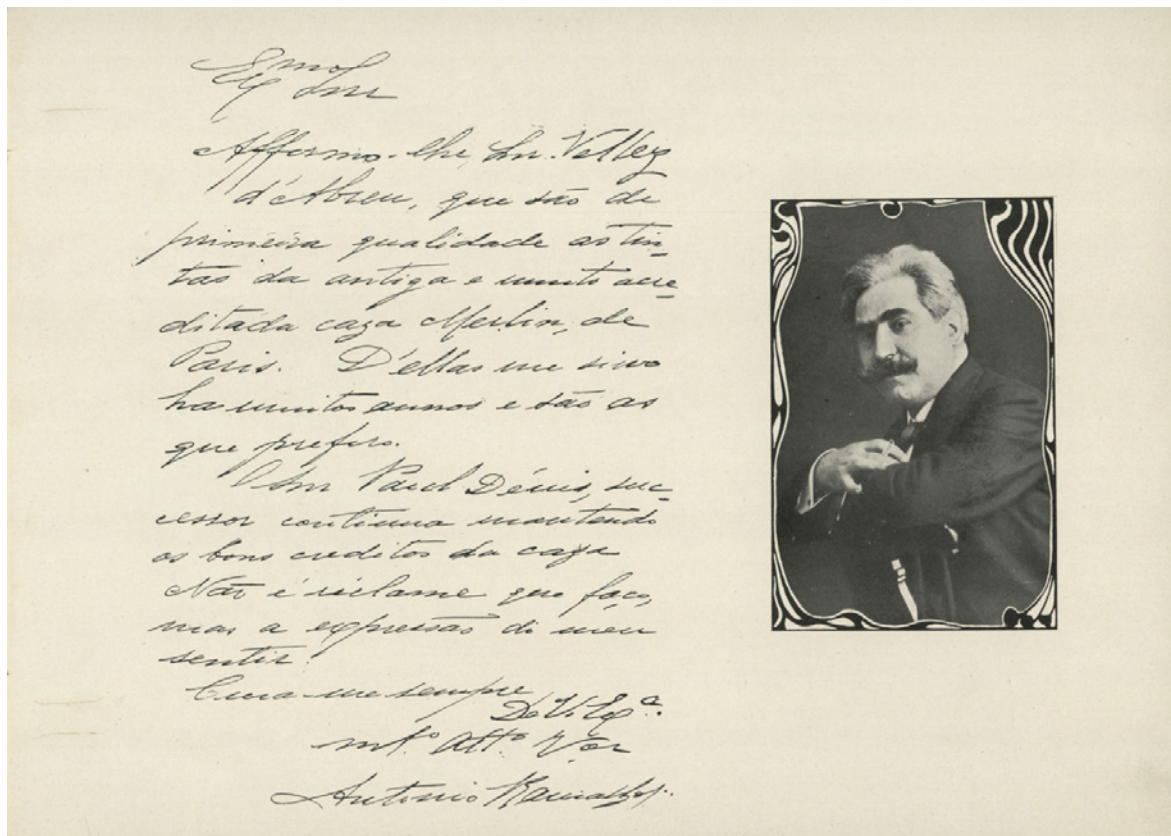
## ANTÔNIO RAMALHO (1858-1916)

s. d.

*Affirmo-lhe Sr. Vellez d'Abreu, que são de primeira qualidade as tintas da antiga e muito acreditada caza Merlin, de Paris. D'ellas me sirvo ha muitos annos e são as que prefiro.*

*Com Paul Denis, successor continua mantendo os bons credits da caza.*

*Não é réclame que faço, mas a expressão do meu sentir.*

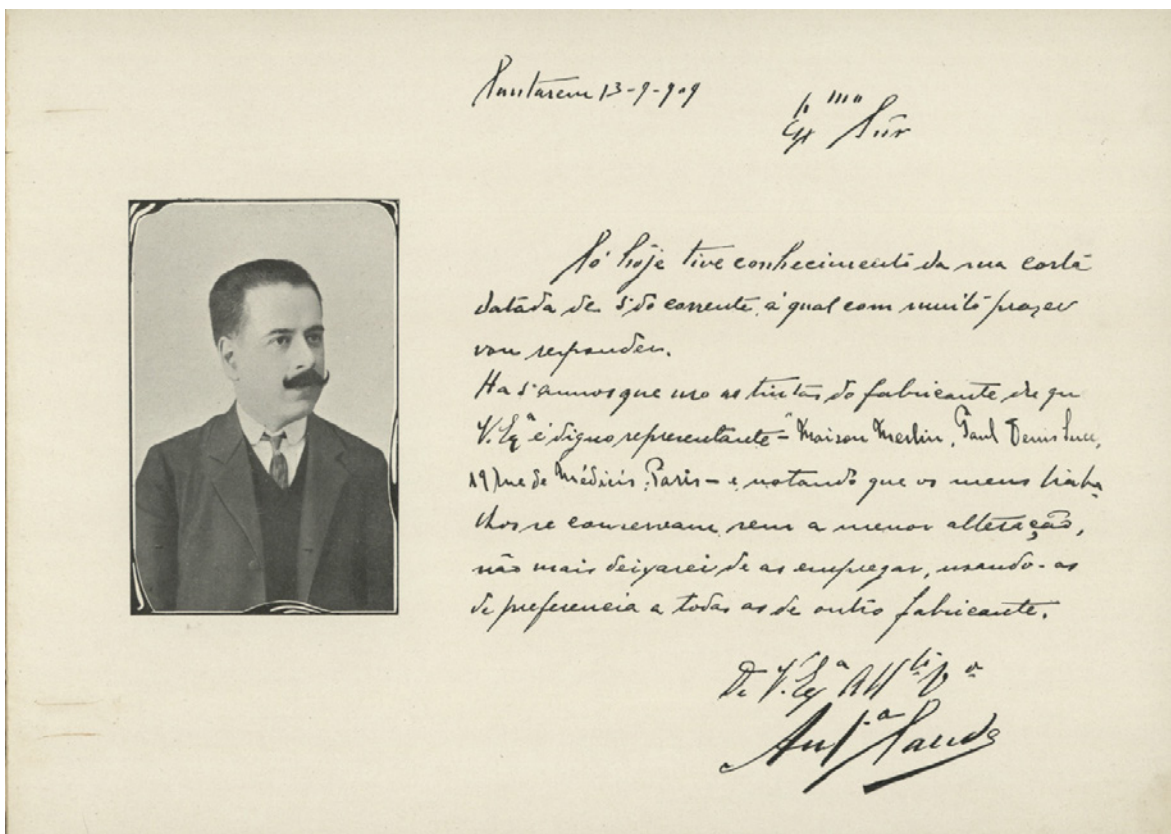


**ANTÓNIO PAREDE (??)**

1909/9/13

*Só hoje tive conhecimento da sua carta datada de 5 corrente à qual com muito prazer vou responder.*

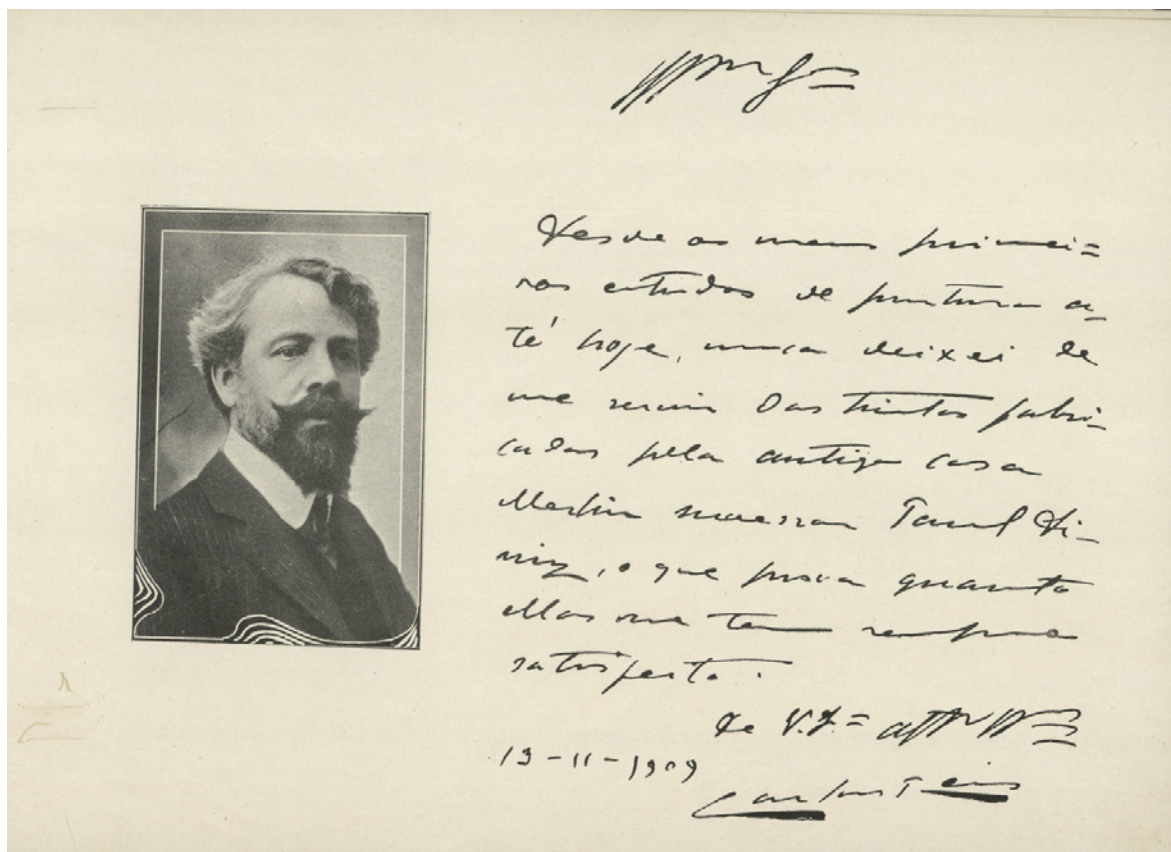
*Ha 5 annos que uso as tintas do fabricante de que V. Ex.<sup>a</sup> é digno representante – “Maison Merlin, Paul Denis Succ. 19 rue de médicis: Paris – e notando que os meus trabalhos se conservam sem a menor alteração, não mais deixarei de as empregar, usando-as de preferencia a todas as de outro fabricante.*



**CARLOS REIS (1863-1940)**

1909/11/13

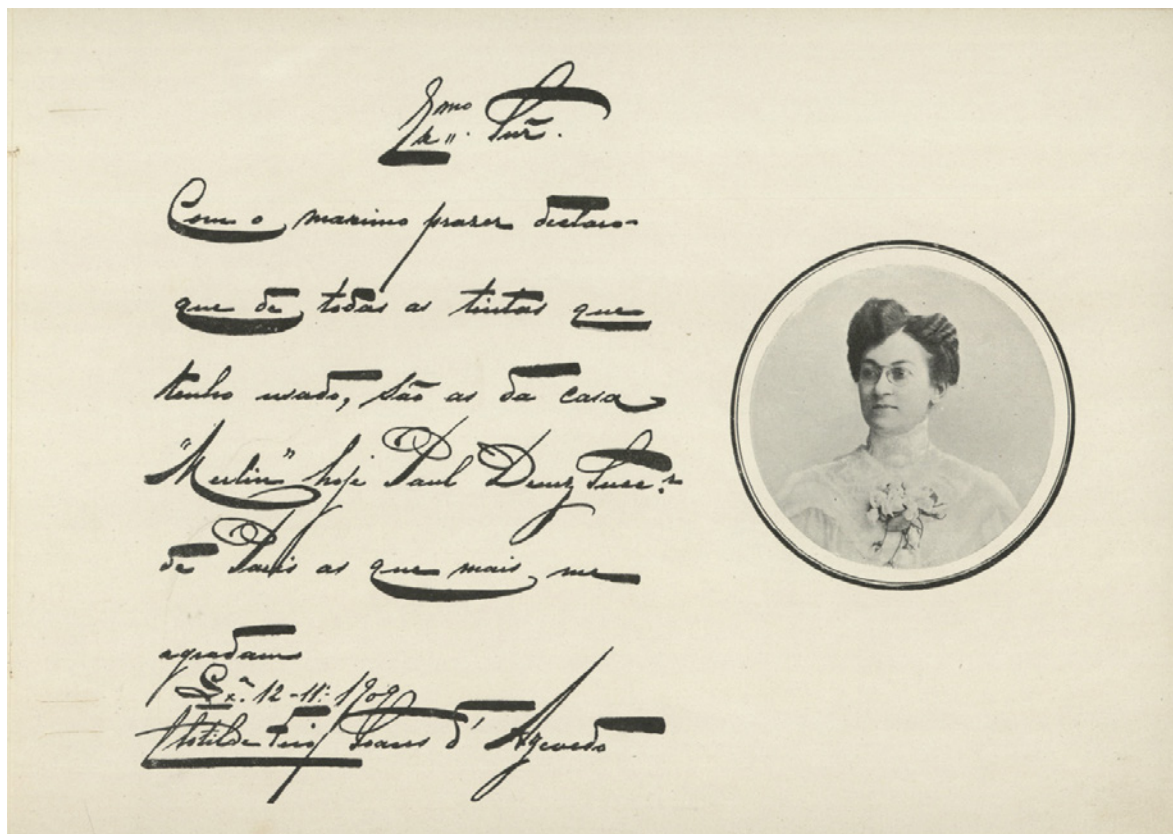
*Desde os meus primeiros estudos de pintura até hoje, nunca deixei de me servir das tintas fabricadas pela antiga casa Merlin sucessor Paul Denis, o que prova quanto ellas me tem sempre satisfeito.*



**CLOTILDE FEIO SOARES DE AZEVEDO (1871-?)**

1909/11/12

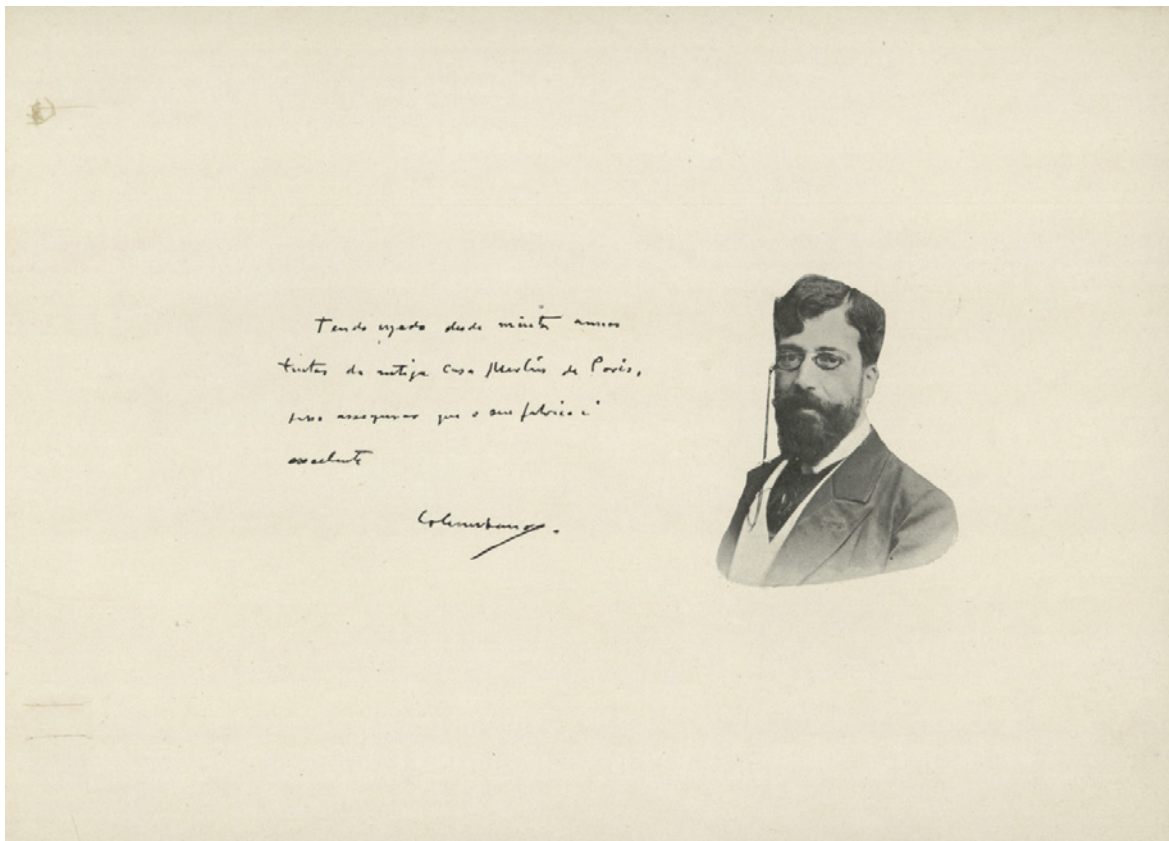
Com o maximo prazer declaro que de todas as tintas que tenho usado, são as da casa "Merlin" hoje Paul Deniz Succ.r de Paris as que mais me agradam.



**COLUMBANO BORDALO PINHEIRO (1857-1929)**

s. d.

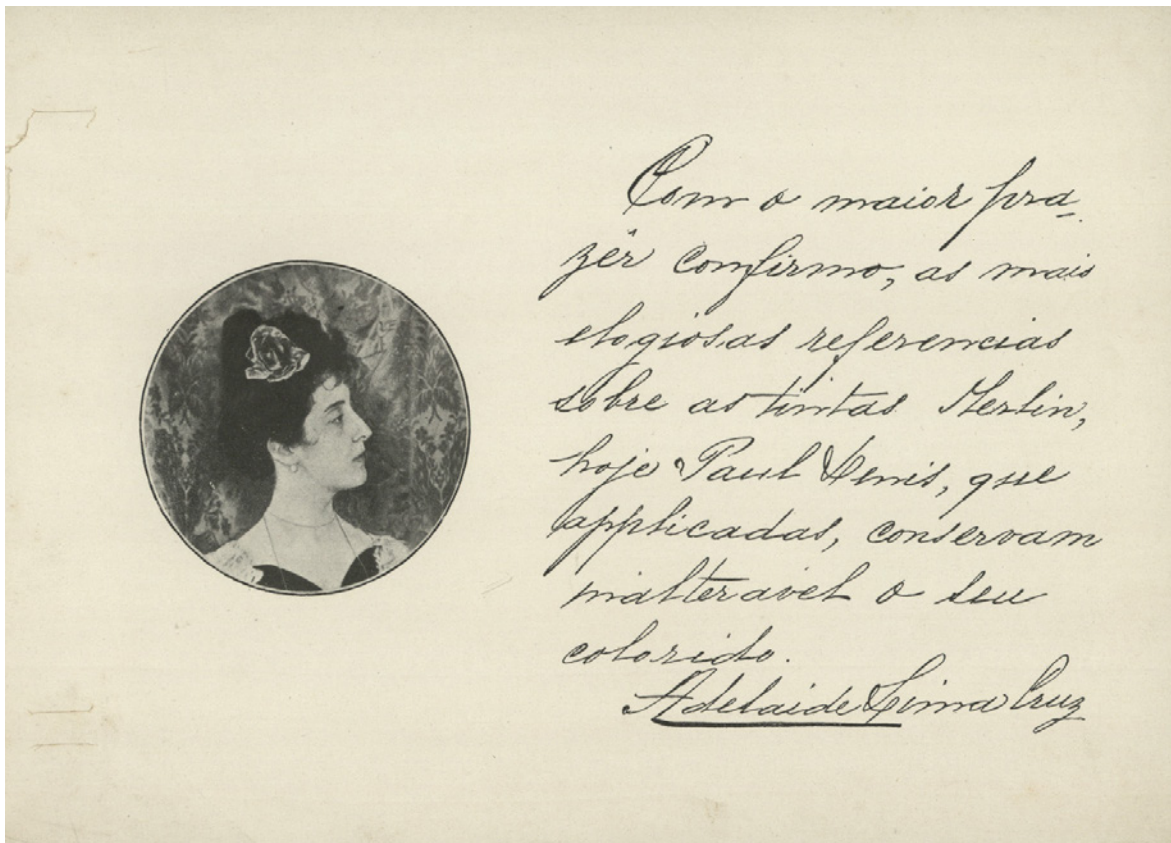
*Tendo uzado desde muitos anos tintas da antiga casa Merlin de Paris, posso assegurar que o seu fabrico é excelente.*



**ADELAIDE LIMA CRUZ (1878-1963)**

s. d.

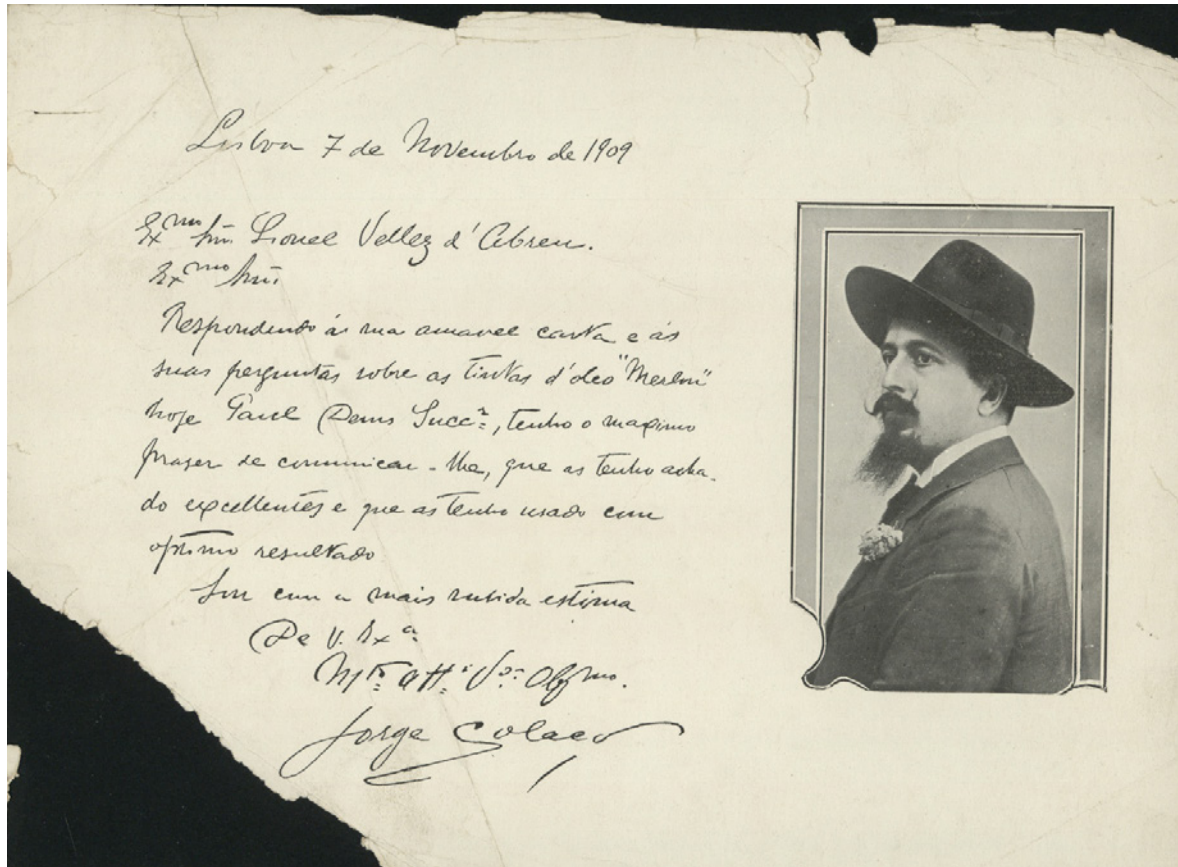
*Com o maior prazer confirmo, as mais elogiosas referencias sobre as tintas Merlin, hoje Paul Denis, que applicadas, conservam inalteravel o seu colorido.*



**JORGE COLAÇO (1868-1942)**

1909/11/7

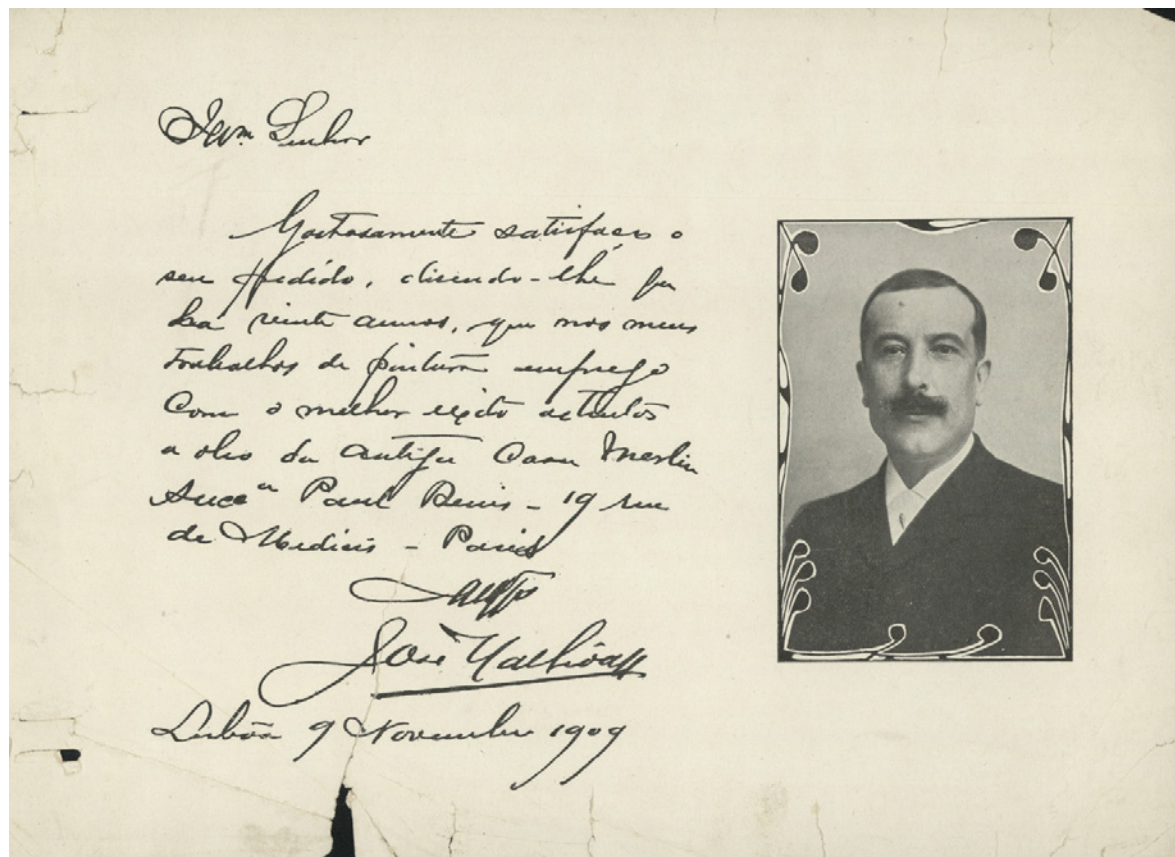
Respondendo á sua amavel carta e ás suas perguntas sobre as tintas d'oleo "Merlin" hoje Paul Denis Succ.r, tenho o maximo prazer de comunicar-lhe, que as tenho achado excelentes e que as tenho usado com optimo resultado.



**JOSÉ MALHOA (1855-1933)**

1909/11/9

*Gostosamente satisfaço o seu pedido, dizendo-lhe que ha vinte annos, que nos meus trabalhos de pintura emprego com o melhor exito as tintas a oleo da antiga Casa Merlin Succ.r Paul Denis – 19 rue de Medicis – Paris.*



FERNAND CORMON

MEMBRE DE L'INSTITUT



Un de mes amis, chimiste distingué, m'avait  
dit un jour : " Les couleurs de Lefranc sont les  
meilleures. Depuis je m'en suis servi souvent et  
j'ai reconnu que c'était vrai

F. Cormon

Cliché Braun, Clément et C<sup>ie</sup>

4

**Figura A23.1** Testemunho do pintor Fernand Cormon (1845-1924) sobre as tintas da Lefranc. In Lefranc & C.ie, *Les peintres et la couleur*, 1902: 4.



## **Anexo 24**

### **Pesos e medidas**

#### **NOTAS SOBRE A INTRODUÇÃO DO SISTEMA MÉTRICO DECIMAL EM PORTUGAL<sup>1010</sup>.**

No século XVII a comunidade científica procurava um sistema internacional para a unidade de comprimento. A Academia de Ciências de Paris encarregou então uma comissão para estabelecer a unidade do novo sistema. Esta comissão era constituída por Borda (1733-1799), Lagrange (1736-1813), Monge (1746-1818) e Condorcet (1743-1794). Foi na sequência dos trabalhos desta comissão que se deu origem ao metro e a todo o sistema métrico dele derivado. O Sistema Métrico Decimal foi tornado legal em França através do decreto de 2 de Novembro 1801. Em Portugal continuava a existir uma grande diversidade nos sistemas de pesos e medidas da qual advinha prejuízo para o comércio externo e interno. Por isso, D. João VI, enquanto príncipe regente, mandou que a Comissão de Exame dos Forais e Melhoramentos da Agricultura propusesse um plano de pesos e medidas, em colaboração com alguns sócios da Academia Real das Ciências de Lisboa. Em 1812, esta comissão recomendou uma reforma dos pesos e medidas e propôs o Sistema Métrico Decimal como sendo o mais fácil e bem calculado, admitindo, no entanto, que se continuasse a usar a terminologia portuguesa.

Embora a Academia Real das Ciências desde há muito aconselhasse introdução do novo sistema métrico, mais simples e universal, foi apenas em 13 de Dezembro de 1852, durante o reinado de D. Maria II, que se adoptou o Sistema Métrico Decimal, com a respetiva nomenclatura original, sendo estabelecido um prazo de dez anos para a sua entrada em vigor. Simultaneamente foi criada, no Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria, a Comissão Central de Pesos e Medidas que propôs a criação de uma Inspeção-Geral de Pesos e das Medidas do Reino e uma Estação Central de Aferições, dependentes dessa Inspeção. Em Dezembro de 1855 foi criada a Inspeção, sendo seu primeiro Inspetor Geral Joaquim Henriques Fradesso da Silveira, Oficial de Artilharia e Professor da Escola Politécnica. O Decreto de 20 de Junho de 1859 tornava obrigatório o uso das medidas lineares decimais a partir da data de 1 de Janeiro de 1860, ficando abolidas e ilegais as varas, os côvados e outras medidas lineares. O decreto de 23 de Março de 1869 decretou e regulamentou a inspeção e fiscalização do serviço metrológico.

---

<sup>1010</sup> Gyrão, 1833; Lopes, 1849; Tirapicos, 2004-2005.

De forma a internacionalizar o novo sistema, o governo francês, em 1870, convocou uma Conferência Internacional que em 1875 terminou na “Convenção do Metro” assinada por vários países, entre os quais Portugal.

**Tabela A24.1** Medidas de comprimento e equivalência métrica

| Designação     | Subdivide-se em      | Valor em varas | Equivalência métrica |
|----------------|----------------------|----------------|----------------------|
| Braça          | 2 varas              | 2              | 2,20 m               |
| Vara           | 5 palmos craveiros   | 1              | 1,10 m               |
| Côvado         | 3 terças ou 3 palmos | 34/55          | 0,66 m               |
| Pé             | 12 polegadas         | 3/10           | 0,33 m               |
| Palmo craveiro | 8 polegadas          | 1/5            | 0,22 m               |
| Polegada       | 12 linhas            | 1/40           | 0,0275 m             |
| Linha          | 12 pontos            | 1/480          | 0,0023 m             |
| Ponto          |                      | 1/5760         | 0,19 mm              |

**Tabela A24.2** Medidas para líquidos e equivalência métrica

| Designação          | Subdivide-se em       | Valor em canadas | Equivalência métrica |
|---------------------|-----------------------|------------------|----------------------|
| Tonel               | 2 pipas               | 600              | 840 l                |
| Pipa                | 25 almudes            | 300              | 55,2 l               |
| Almude              | 2 potes ou 2 cântaros | 12               | 16,8 l               |
| Pote ou cântaro     | 6 canadas             | 6                | 8,4 l                |
| Canada              | 4 quartilhos          | 1                | 1,4 l                |
| Quartilho           |                       | 1/4              | 0,35 l               |
| Meio quartilho      |                       | 1/8              | 0,175 l              |
| Quarto de quartilho |                       | 1/16             | 0,0875 l             |

**Tabela A24.3** Medidas de peso e equivalência métrica

| Designação        | Subdivide-se em | Valor em onças | Equivalência métrica |
|-------------------|-----------------|----------------|----------------------|
| Tonelada          | 54 arrobas      | 27,648         | 793,0774 Kg          |
| Quintal           | 4 arrobas       | 2,048          | 58,714 Kg            |
| Arroba            | 32 arráteis     | 512            | 14,678 Kg            |
| Arrátel           | 2 marcos        | 16             | 458,7 g              |
| Libra de farmácia | 12 onças        | 12             | 344,025 g            |
| Marco             | 8 onças         | 8              | 229,35 g             |
| Onça              | 8 oitavas       | 1              | 28,6687 g            |
| Oitava            | 3 escrúpulos    | 1/8            | 3,3836 g             |
| Escrúpulo         | 24 grãos        | 1/24           | 1,1945 g             |
| Grão              |                 | 1/576          | 19,8 mg              |

**Tabela A24.4** Medidas de comprimento: designações em português, francês e em inglês<sup>1011</sup>

| Português | Francês             | Inglês             |
|-----------|---------------------|--------------------|
| Pé        | Pied, pi.           | Foot, ou feet, ft. |
| Polegada  | Pouce, Pouc, ou Po. | Inch, in.          |
| Linha     | Ligne, Lig., ou Li. |                    |
| Ponto     | Point               |                    |

**Tabela A24.5** Medidas de comprimento portuguesas, francesas e inglesas<sup>1012</sup>

| Portuguesas          | Francesas          | Inglesas          |
|----------------------|--------------------|-------------------|
| Pé = 12 polegadas    | 3,33 metros        | 0,3608 jardas     |
|                      | 1,0159 pés         | 1,0823 pés        |
|                      | 12,1906 polegadas  | 12,9870 polegadas |
| Palmo = 8 polegadas  | 0,22 metros        | 0,2405 jardas     |
|                      | 0,6776 pés         | 0,7215 pés        |
|                      | 8,1271 polegadas   | 8,6580 polegadas  |
|                      | 97,5251 linhas     |                   |
| Polegada = 12 linhas | 1170,3018 pontos   |                   |
|                      | 0,0275 metros      | 0,0301 jardas     |
|                      | 0,0847 pés         | 0,0902 pés        |
|                      | 1,0159 polegadas   | 1,0823 polegadas  |
|                      | 12,1906 linhas     |                   |
| Linha = 12 pontos    | 146,2877 pontos    |                   |
|                      | 0,00229166 metros  | 0,09019 polegadas |
|                      | 0,08466 polegadas  |                   |
|                      | 1,01588 linhas     |                   |
| Ponto                | 12,19061 pontos    |                   |
|                      | 0,000190972 metros | 0,00751 polegadas |
|                      | 0,00705 polegadas  |                   |
|                      | 0,08466 linhas     |                   |
|                      | 1,01588 pontos     |                   |

**Tabela A24.6** Medidas de peso: designações em português, francês e em inglês<sup>1013</sup>

| Português | Francês     | Inglês            |
|-----------|-------------|-------------------|
| Quintal   |             | Hundred, cwt.     |
| Arroba    |             | Quarter, qtr.     |
| Arrátel   | Livre, Liv. | Pound, pr. ou lb. |
| Onça      | Once, Onc.  | Ounce, oz.        |
| Oitava    | Gros, Gr.   |                   |
| Escrúpulo | Denier      |                   |
| Grão      | Grin, Gra.  |                   |

1011 Barreiros, 1838: 19

1012 Barreiros, 1838: 21-23

1013 Barreiros, 1838: 19

**Tabela A24.7** Medidas de peso portuguesas, francesas e inglesas<sup>1014</sup>

| <b>Portuguesas</b>    | <b>Francesas</b>                                                                                   | <b>Inglesas</b>                                                                              |
|-----------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------|
| Quintal = 4 arrobas   | 58,752 quilogramas<br>120,02304 libras                                                             | 1.15673 quintais<br>4,62693 arrobas<br>129,55405 libras                                      |
| Arroba = 32 arráteis  | 14,688 quilogramas<br>30,00576 libras                                                              | 0,28918 quintais<br>1,15673 arrobas<br>32,38851 libras                                       |
| Arrátel = 16 onças    | 0,456 quilogramas<br>0,93768 libras<br>15,00288 onças<br>120,02304 oitavas<br>8641,65888 grãos     | 0,00904 quintais<br>0,03615 arrobas<br>1,01214 libras<br>16,19425 onças<br>256,10809 dracmas |
| Onça = 8 oitavas      | 0,02868 quilogramas<br>0,05860 libras<br>0,93768 onças<br>7,501444 oitavas<br>540,10368 grãos      | 0,06325 libras<br>1,01214 onças<br>16,19425 dracmas                                          |
| Oitava = 3 escrúpulos | 0,00358 quilogramas<br>0,00732 libras<br>0,11721onças<br>0,93768 oitavas<br>67,51296 grãos         | 0,00790 libras<br>0,12651 onças<br>2,02428 dracmas                                           |
| Escrúpulo = 24 grãos  | 0,00119 quilogramas<br>0,00244 libras<br>0,03907onças<br>0,312556 oitavas<br>22,50432 grãos        | 0,04217 onças<br>0,67476 dracmas                                                             |
| Grão                  | 0,0000498 quilogramas<br>0,0001017 libras<br>0,0016279 onças<br>0,0130233 oitavas<br>0,93768 grãos | 0,0017571 onças<br>0,028115 dracmas                                                          |

1014 Barreiros, 1838: 33-36.

